VIDA NOVA

Manual de Exegese Bíblica

ANTIGO E NOVO TESTAMENTOS

Douglas Stuart & Gordon D. Fee

TODOS OS SEMINARISTAS, PASTORES E DEMAIS ESTUDANTES DA BÍBLIA que acreditam já saber o que significa fazer a exegese de um texto bíblico devem ler esta obra. O trabalho aqui desenvolvido por Stuart e Fee faz dela uma ferramenta indispensável para quem deseja fazer uma exegese séria e responsável do texto sagrado.

O ponto forte desta obra está no método que os autores adotam para a exegese bíblica, demonstrando passo a passo o que deve ser feito. Esses passos incluem a análise lexical, histórica, teológica, bem como a análise crítica do texto e de seu gênero literário. Tudo isso leva o exegeta a fazer um estudo mais amplo e profundo do texto, deixando de lado aquilo que se convencionou chamar de "exegese", ou seja, uma análise costumeira e muitas vezes superficial do texto bíblico.

Além de ensinar ao leitor a fazer uma exegese passo a passo, os autores também fornecem uma lista relevante com outras obras de referência e materiais que o ajudarão a colocar em prática os passos ensinados.

Ao adotar os passos aqui descritos para fazer a exegese do texto sagrado, é possível aprender, em poucos meses, muito mais sobre as passagens selecionadas do que se aprenderia em anos de exegese superficial. Portanto, este livro não só ajudará o leitor a fazer uma exegese bíblica mais responsável e profunda, como também o capacitará a fazer uma crítica de qualquer exegese superficial, que falhe em tratar o texto bíblico com a atenção e o cuidado devidos.

Numa época em que a pregação e o ensino da Palavra têm sido tão empobrecidos, reduzindo-se a textos-chave, lugares comuns e análises superficiais do texto bíblico, os autores vêm demonstrar e insistir em um desafio: a possibilidade de se resgatar a verdadeira exegese, uma exegese que leva em conta a necessidade de se fazer uma análise séria e profunda da Palavra de Deus.

E então, vamos aprender passo a passo como fazer uma verdadeira exegese?

VIDA NOVA

ISBN 978-85-275-0386-0

Manual de Exegese Bíblica



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Stuart, Douglas
Manual de Exegese bíblica / Douglas Stuart e Gordon D. Fee ; tradução Estevan Kirschner e Daniel de Oliveira.
— São Paulo : Vida Nova, 2008.

Título original: *Old Testament Exegesis: a Primer for Students and Pastors — New Testament Exegesis: a Handbook for Students and Pastors*
Bibliografia.
ISBN 978-85-275-0386-0

1. Bíblia - Hermenêutica 2. Bíblia. A.T - Hermenêutica
3. Bíblia. N.T. - Hermenêutica I. Fee, Gordon D.. II. Título.

05-8414 CDD-220.601

Índices para catálogo sistemático:
1. Hermenêutica bíblica 220.601

Manual de Exegese Bíblica

ANTIGO E NOVO TESTAMENTO

Douglas Stuart & Gordon D. Fee

TRADUÇÃO
ESTEVAN KIRSCHNER
DANIEL DE OLIVEIRA

VIDA NOVA

Antigo Testamento:
Copyright © 1980, 1984, 2001 Douglas Stuart
Título do original: *Old Testament Exegesis: a Handbook for Students and Pastors* (0-664-22315-X)
Traduzido da edição publicada pela Westminster/John Knox Press (Lousville, Kentucky, EUA)

Novo Testamento:
Copyright © 1983, 1993 Gordon D. Fee
Título do original: *New Testament Exegesis: a Handbook for Students and Pastors* (0-664-22316-8)
Traduzido da edição publicada pela Westminster/John Knox Press (Lousville, Kentucky, EUA)

1.ª edição: 2008

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados por Sociedade Religiosa Edições Vida Nova,
Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970
www.vidanova.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados, etc.), a não ser em citações breves com indicação de fonte.

ISBN 978-85-275-0386-0

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Coordenação Editorial
Marisa Lopes

Consultoria
Luiz Alberto Teixeira Sayão

Revisão
Daniel de Oliveira
Rogério Augusto Portella
Valdemar Kroker

Coordenação de Produção
Sérgio Siqueira Moura

Diagramação
Sérgio Siqueira Moura
Jonatas Ayumi Suzuki

Capa
Julio Carvalho

Sumário

Abreviaturas 7

Prefácio à Edição em Português 9

Prefácio: Antigo Testamento 11

Prefácio da Primeira Edição: Novo Testamento 15

Prefácio da Segunda Edição: Novo Testamento 19

Prefácio da Terceira Edição: Novo Testamento 21

Introdução Geral 23

PRIMEIRA PARTE: ANTIGO TESTAMENTO

1. Guia da Exegese Completa 31
2. A Exegese e o Texto Original 57
3. Breve Guia da Exegese Homilética 87
4. Auxílios e Recursos Exegéticos 105

Lista de Termos Comuns de Exegese do AT 193

Lista de Erros Hermenêuticos Freqüentes 199

SEGUNDA PARTE: NOVO TESTAMENTO

5. Guia da Exegese Completa 205
6. A Exegese e o Texto Original 237
7. Breve Guia da Exegese Homilética 319
8. Auxílios e Recursos Exegéticos 339

Apêndice: A tarefa da Exegese Teológica e a Análise *Reader Response* (resposta do leitor) 367

Índice de Textos Bíblicos 373

Abreviaturas

Almeida 21	*Almeida Século 21* (São Paulo: Vida Nova, 2005)
AT	Antigo Testamento
BDAG	Walter Bauer, A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature, 3d ed., ed. F. W. Danker, 2000
BH3	*Biblia Hebraica,* 3. ed. (Stuttgart: Württembergische Bibelanstalt, 1937)
BHS	*Biblia Hebraica Stuttgartensia* (Stuttgart: Deutsche Bibelstiftung, 1977)
BJ	*Biblia de Jerusalém: Nova Edição Revista e Ampliada* (São Paulo: Paulus, 2002)
BV	*A Bíblia Viva*, 8. ed. (São Paulo: Mundo Cristão, 1995)
JAF	Joseph A. Fitzmyer. *An Introductory Bibliography for the Study of Scripture*. Subsidia Biblica 3. Roma: Biblical Institute Press, 1981
LXX	*Septuaginta*
MS (MSS)	Manuscrito(s)
NA^{27}	Nestle-Aland. *Novum Testamentum Graece*. 27. ed. (Stuttgart: Deutsche Bibelstiftung, 1993)
NT	Novo Testamento
NTLH	*Nova Tradução na Linguagem de Hoje* (Barueri: SBB, 2000)
NVI	*Nova Versão Internacional* (São Paulo: Vida, 2001)
RA	*Edição Revista e Atualizada*, 2. ed. (São Paulo: SBB, 1993)
RC	*Edição Revista e Corrigida*, 2. ed. (Barueri: SBB, 1998)
REB	The Revised English Bible, 1989
RSV	Revised Standard Version, 1973
SNTSMS	Society for New Testament Studies Monograph Series (Cambridge University Press)
TEB	Bíblia: Tradução Ecumênica. Loyola, 1994.
TNIV	Today's New International Version, 2002
UBS^{4}	*The Greek New Testament*. 4. ed. (United Bible Societies, 1993)

Prefácio à edição em português



É com muita alegria que apresentamos ao leitor, estudioso, seminarista e pastor de fala portuguesa duas obras de dois grandes estudiosos, Gordon Fee e Douglas Stuart, sobre o importante tema da exegese bíblica do Antigo e do Novo Testamento.

Alguns esclarecimentos precisam ser feitos sobre o formato que essas obras adquiriram nesta edição em português.

Em primeiro lugar, as duas obras foram agora reunidas em uma só. Para conveniência do estudante, redução de preço, enfim para facilitar o manuseio e o acesso à obra, decidimos reunir os dois volumes e um só. Assim, o leitor tem aqui duas excelentes obras em um único tomo dividido em duas partes: a *Primeira Parte,* Antigo Testamento, e a *Segunda Parte*, Novo Testamento. No entanto, isso criou uma série de dificuldades, favorecidas por algumas confusões já presentes nos originais, relativas às referências cruzadas espalhadas por todo o livro. Por isso, o leitor deve sempre ter o cuidado de verificar bem as referências cruzadas para não confundir Passo (que também aparece no texto como "passo", mas não no mesmo sentido) com capítulo e Seção das obras originais. Acreditamos ter adotado nesta nossa edição uma boa solução para a estrutura e as referências da obra.

É necessária mais uma explicação em decorrência dessa reunião das duas obras em um único tomo. O leitor notará a existência de vários prefácios no início da obra e há uma boa razão para isso. Mantivemos os prefácios originais de ambas as obras por conterem explicações relevantes e pertinentes para o leitor.

Outra característica importante desta edição brasileira é a bibliografia em português. A obra original está repleta de sugestões, informações e orientações bibliográficas, quase tudo em inglês, com uma pequena parte em alemão. Não é segredo para ninguém que a literatura teológica e bíblica em inglês, para ficar só nessas categorias, é bem vasta. O número de comentários bíblicos, por exemplo, é muito grande, representando linhas e tendências as mais diversas. Em português, por outro lado, estamos nos primeiros estágios da construção de uma biblioteca bíblico-teológica minimamente erudita. Com isso em mente, fizemos, então, o esforço de indicar em cada seção, junto com os títulos em inglês, o que temos à disposição em português e em alguns casos também em espanhol. Por

isso, sempre busque, ao final das seções, a parte introduzida pela expressão "**Em português:**" para ter uma orientação sobre a bibliografia pertinente em nossa língua. Em alguns casos, você vai se surpreender positivamente com títulos e autores que desconhecia até agora.

Enfim, esperamos que o público possa fazer bom uso deste excelente material para o estudo desta seara tão importante, a exegese bíblica.



Prefácio

Antigo Testamento

Aqueles poucos estudantes e pastores que dominam diversas línguas antigas e modernas, que lêem regularmente a literatura acadêmica e que já ganharam confiança em sua habilidade de fazer exegese, não terão necessidade alguma deste manual. Este livro foi escrito para aqueles que não conseguem ler de imediato um salmo em hebraico e que não têm certeza do significado ou conteúdo da expressão *Vetus Testamentum* (que significa "Velho Testamento" em latim, e é, também, o título de uma importante publicação acadêmica sobre o AT).

Este livro destina-se àqueles que não têm idéia do sentido do termo *homoioteleuton* (que significa "o mesmo tipo de final", e é um fator determinante em certos problemas textuais). O livro foi escrito para a vasta maioria dos estudantes de teologia e para pastores. Está baseado na convicção de que mesmo as pessoas mais inteligentes não podem compreender métodos e conceitos que não são, de algum modo, explicados para elas, e que não há vergonha alguma em buscar tais explicações, mesmo que a maioria dos professores de teologia não as ofereçam. A exegese do Antigo Testamento tem métodos e conceitos regulares, que podem ser ensinados a quase qualquer pessoa que queira aprendê-los. É trágico constatar que pouquíssimos alunos de teologia se sentem seguros ao fazerem exegese do AT, e que a maioria dos pastores, aparentemente, abandonam a prática por completo.

Proponho apresentar, portanto, um guia passo a passo da exegese do AT nada técnico e simples, sem ser simplista, que explique não apenas os métodos, mas também os objetivos da exegese, e que sirva como um manual de referência à medida que o estudante ou o pastor faz o trabalho exegético propriamente dito. Minha abordagem exegética tem certas tendências das quais estou consciente e pelas quais não peço desculpas. Talvez a mais discutível seja minha insistência em que a exegese deva incluir orientações para a aplicação da passagem estudada. A exegese é, claramente, um empreendimento teológico; e a teologia não aplicada à vida do povo de Deus é estéril. Por essa razão, propositadamente também

dei menos ênfase a algumas técnicas críticas (como, por exemplo, o estruturalismo e a análise e crítica da redação) que, apesar de fascinantes para o acadêmico, produzem resultados escassos teologicamente, e são, em última análise, de pequeno valor homilético, ainda que esse juízo de valor possa desagradar alguns eruditos. Tentei manter o equilíbrio entre as técnicas sincrônica e diacrônica, i.e., entre a que lida com o texto no estado atual, e a que trata da história dos desenvolvimentos que culminaram no estado atual do texto. Mas isso foi feito somente no caso de haver a possibilidade de benefício teológico prático. O propósito da exegese é a pregação e o ensino na igreja. Os alunos de teologia e os pastores sabem disso instintivamente e exigem relevância da exegese e de outros estudos bíblicos, o que de fato devem fazer.

Este manual reconhece que somente uma pequena parcela de estudantes e pastores [brasileiros] lêem alemão ou outras línguas eruditas. Assim, que vantagem haveria em fingir que possam fazê-lo? O guia bibliográfico no capítulo 4 se restringe, portanto, o quanto for possível, a obras em língua inglesa e portuguesa.

No capítulo 3 há uma contribuição exclusiva deste livro: um esboço resumido, num formato exegético que demanda menos tempo, para pastores. Os alunos de teologia normalmente aprendem, pelo menos de modo geral, a confeccionar trabalhos exegéticos formais, com base em muitas horas de pesquisa e de produção acadêmica. No entanto, ninguém lhes ensina a transferir essa habilidade para a tarefa semanal da pregação, quando talvez haja somente quatro a cinco horas disponíveis para a parte exegética da preparação para o sermão. Pode-se fazer exegese de forma responsável, ainda que não exaustiva, num período de algumas horas. O pastor deve, primeiramente, tentar entender a forma mais abrangente do guia no capítulo 1. O capítulo 3 representa a forma condensada e mais econômica desse mesmo material, com atenção especial aos interesses homiléticos.

Os aspirantes a exegetas do Antigo Testamento que não conhecem o hebraico também poderão fazer bom uso da orientação aqui apresentada. Contudo, não há como negar que pelo menos um conhecimento elementar do hebraico é uma vantagem preciosa tanto para estudantes como para pastores. Fiz o possível para encorajar os que têm pouco conhecimento de hebraico a usá-lo assim mesmo. Os auxílios discutidos no capítulo 4 podem se ser importantes no sentido de vencer as dificuldades, em especial no caso de concordâncias eletrônicas que oferecem de imediato um nível de recursos lingüísticos encontráveis anteriormente apenas a grande custo. De fato, o pastor que trabalha fielmente a partir das línguas bíblicas na preparação de sermões, não importando o quão elementar seja o seu conhecimento no início, com o passar do tempo ganhará um bom domínio delas. Espero que este manual incentive muitos a fazê-lo.

Para esta terceira edição, acrescentei novas explicações, adicionei, excluí ou alterei centenas de frases, aumentei o número de obras de referências, atualizei a lista de obras revisadas, e tentei implementar outros tipos de melhorias. Sou muito grato a meus alunos Wendy Wilcox Glidden e Filip Vukosavovic pelas muitas sugestões incorporadas a esta edição. É uma alegria interagir com alunos que amam livros e o aprendizado, e desejam que outras pessoas partilhem desse prazer.

O amplo uso da primeira e da segunda edições, incluindo traduções em línguas estrangeiras, é muito gratificante e constitui evidência da fome contínua da pregação e do ensino baseados acurada e solidamente nas Escrituras.

Prefácio da primeira edição



Novo Testamento

Certa vez, um aluno perguntou a um velho colega meu, professor de Novo Testamento, sobre como ele poderia aprender a fazer exegese, imaginando que seu professor lhe fosse sugerir um livro. Meu colega respondeu: "Você terá de fazer um curso". Essa resposta é o reconhecimento velado daquilo que todos nós que ensinamos o NT sabemos ser a verdade: Simplesmente, não existe nenhum livro que sirva como um manual ou um guia para os estudantes aprenderem o processo exegético, desde o abrir da Bíblia até a redação da monografia. Este livro espera preencher essa lacuna.

Existem, é claro, alguns bons livros à disposição daqueles que fazem exegese. O que mais se aproxima do tipo que tenho tentado escrever é o de Otto Kaiser e Werner G. Kümmel, *Exegetical Method: A Student's Handbook* (Ed. rev. Seabury Press, 1981). Mas essa é uma coletânea de artigos e não uma orientação sistemática para estudantes. O livro é útil até certo ponto, mas quem já tentou utilizá-lo como livro de texto sabe que é escrito de forma muito geral para os propósitos de um curso. Um manual útil, escrito por John H. Hayes e Carl R. Holladay, foi publicado recentemente: *Biblical Exegesis: A Beginner's Handbook* (John Calvin Press, 1982). Este livro cobre ambos os Testamentos nos mesmos capítulos, abordando a tarefa da perspectiva dos diversos procedimentos críticos.

Duas outras obras são especialmente úteis para o aluno ou pastor entender os vários aspectos e metodologias que compõem o processo exegético do NT: Howard I. Marshall (ed.), *New Testament Interpretation: Essays on Principles and Methods* (Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1977), 406 págs., e Daniel J. Harrington, *Interpreting the New Testament: A Practical Guide* (Michael Glazier, Inc., 1979), 149 págs. Qualquer dos dois livros servirá como um bom companheiro da presente obra, uma vez que elaboram, em detalhe considerável, alguns dos aspectos metodológicos tratados de modo mais pragmático ("como fazer") nesta obra.

As motivações para escrever este livro são muitas. Em primeiro lugar, em todos os meus anos de estudo, nunca fui ensinado a fazer exegese. A razão disso, em parte, é que eu nunca estudei num seminário. Mas, também, como bacharel com ênfase em Bíblia e como aluno de pós-graduação (Ph.D.) em estudos do NT, nunca fiz um curso específico de exegese. Um curso de hermenêutica, em nível de bacharel, era comum no currículo — muitas informações, muitas vezes úteis, mas que não eram voltadas a ensinar o estudante a fazer exegese de um texto específico. Por outro lado, vi o que era apresentado como exegese em muitos seminários e faculdades, basicamente grego avançado, no qual "exegese" significava conhecer o sentido das palavras e determinar "o tipo de genitivo" usado em determinada passagem. O instinto mostrou-me que tal trabalho, por mais necessário e útil que fosse, não era exegese, mas apenas uma parte do todo.

Assim, fiz o que muitos dos meus contemporâneos, que como eu, estudaram exegese como parte de um curso de hermenêutica ou como "grego avançado", tiveram de fazer: aprendi a fazer exegese por conta própria. É claro que tive muitos professores: os melhores comentários, tais como o de Barrett em 1 Coríntios; meus colegas, especialmente David M. Scholer, que é agora deão acadêmico do Northern Baptist Seminary, com quem ensinei em parceria o curso de interpretação do NT, e a quem devo muito do que há neste livro. Mas aprendi muito sentando-me diante de um texto e esforçando-me para levantar sozinho as questões pertinentes.

O impulso para escrever este livro veio, inicialmente, de meu colega Douglas Stuart, cuja experiência semelhante com a exegese do AT o levou a escrever a obra complementar deste livro (Old Testament Exegesis. Westminster Press, 1980). Pouco tempo depois que o livro do professor Stuart foi publicado, manifestei a James Heaney, da Westminster Press, o meu tímido desejo de escrever, algum dia, a obra complementar do NT. O dr. Heaney exerceu a pressão adequada que, finalmente, resultou no "algum dia" tornar-se um prazo final a ser cumprido com a produção de um manuscrito.

Visto que este livro complementa a obra do professor Stuart, eu a mantive ao meu lado todo o tempo e fiz questão de seguir o seu esboço tanto quanto possível. Alguns alunos que já utilizaram com proveito o livro *Old Testament Exegesis* perceberão, às vezes, repetição direta. Não peço desculpas por isso; em muitos pontos as duas disciplinas se cruzam e as duas obras têm como propósito serem complementares. Entretanto, já que exegese do AT e do NT são, de fato, duas disciplinas distintas, existem também diferenças óbvias no formato dos dois livros. As mais notáveis são: (a) Eu inclui um segundo capítulo, no qual diversos detalhes do esboço dado no capítulo 5 são elaborados. Esse segundo capítulo tem como intenção ensinar os alunos a usar certas ferramentas-chave e a lidar com os componentes

básicos da exegese. (b) O capítulo 8 (comparável ao capítulo 4 no livro de Stuart), sobre auxílios e recursos, foi combinado com duas bibliografias já existentes. Não pareceu necessário duplicar esse material quando vários auxílios semelhantes já estão disponíveis.

Os alunos logo perceberão que nem todos fazem (ou ensinam) exegese precisamente do mesmo modo. Este livro procura levar isso em consideração. Os passos sugeridos aqui não são normas inflexíveis; são orientações. Se uma outra ordem de procedimentos lhe servir melhor, ou é seguida por seus próprios professores, então, por favor, faça uma adaptação que sirva às suas necessidades. O que procuro oferecer é um guia com todos os passos necessários a fim de se fazer uma boa exegese. Penso que o livro será útil nesse sentido.

Como no livro de Stuart, presumimos aqui que a exegese requer um conhecimento mínimo de grego. Contudo, este livro também foi escrito para encorajar ao uso do grego aqueles cujo conhecimento da língua esteja "enferrujado". Os alunos que não conhecem o grego poderão, mesmo assim, utilizar muito deste guia, em especial o capítulo 5. Mas como você verá no capítulo 6, muitas das coisas cruciais exigirão algum conhecimento instrumental da língua original. Nesse capítulo, oferecemos algumas traduções do grego, de modo que você possa se beneficiar, tanto quanto possível, do material nele contido. Na realidade, se você investir algum tempo no aprendizado do alfabeto grego, será capaz de utilizar a maior parte das ferramentas discutidas no capítulo 6. Uma das finalidades do livro é incentivá-lo a, mais cedo ou mais tarde, adquirir conhecimento da própria língua grega.

Gostaria, neste ponto, de reiterar a necessidade de ter em mãos dois dos livros que o professor Stuart menciona em sua introdução:

DANKER, Frederick W. *Multipurpose Tools for Bible Study*. 3. ed. Concordia Publishing House, 1970.

SOULEN, Richard N. *Handbook of Biblical Criticism*. 2. ed. John Knox Press, 1981.

Esses livros serão excelentes complementos à presente obra. O livro de Danker é um exame meticuloso das ferramentas mencionadas nos capítulos 6 e 8. A obra de Soulen é uma mina de definições e explanações para quase todos os termos e técnicas exegéticas que você encontrará em toda sua vida de estudante da Palavra.

Finalmente, devo registrar o reconhecimento devido a outros além dos professores Scholer e Stuart, que contribuíram para a publicação deste livro. Devo reconhecimento ao professor Robert A. Guelich, do Northern Baptist Seminary, pelo encorajamento inicial e, especialmente, por alguns conselhos úteis acerca do uso da sinopse grega. Também devo reconhecimento ao dr. Rod Whitacre por sua

generosa interação com o todo do livro e, especialmente, pelo material incluído na divisão que trata da análise gramatical. Ao meu ex-aluno e colega, já há algum tempo, Gerry Camery-Hoggart por sugestões úteis em cada estágio do projeto e, especialmente, pelo material relativo à documentação das fontes secundárias. Meus outros colegas professores de NT, Royce G. Gruenler e J. Ramsey Michaels, também se reuniram comigo por muitas horas de intenso debate sobre muitas partes do livro. Agradecimentos especiais ficam registrados pelas habilidades datilográficas especializadas de Holly Greening, Corinne Languedoc e Anne Swetland.

Prefácio da segunda edição



Novo Testamento

A calorosa acolhida com que a primeira edição deste livro foi recebida foi gratificante e ao mesmo tempo a evidência certa de que tal livro era necessário. Agora — uma década mais tarde — uma edição revisada é necessária, mas porque muito mais tem acontecido em dez anos. Quatro questões em particular exigiram essa nova edição.

Primeiro, eu passei os últimos seis anos ensinando exegese no contexto do Regent College (Vancouver, B.C.), onde a composição de nosso corpo discente me forçou a repensar como esse material pode ser mais bem adaptado a aqueles que trabalham apenas com o texto já traduzido. Embora muitos de nossos alunos queiram seguir a carreira de ministros eclesiásticos, não é o caso da maioria, e nosso curso básico de exegese pretende cobrir AT e NT igualmente, para alunos de cursos que na maioria dos casos não têm grego. Eu ainda exijo de todos os estudantes que aprendam o alfabeto grego (como sugerido no prefácio da primeira edição), para que possam usar as melhores ferramentas, e também exijo que façam tarefas que forcem o uso de várias fontes primárias (em tradução) listadas no Passo 8; mas também fiz alguns ajustes para o caso de estudantes sem conhecimento de grego, tanto na ordenação dos passos quanto para aproximá-los mais rapidamente da literatura secundária, em especial os comentários. Esses ajustes agora aparecem nessa edição revisada.

Em segundo lugar, uma assombrosa quantidade de nova literatura secundária foi produzida durante a década passada. Essa nova edição, portanto, dá a oportunidade de atualizar os recursos no capítulo 8, não só isso, mas até os itens mencionados no primeiro prefácio precisam ser atualizados. Assim, em adição aos volumes de Marshall e Harrington, os seguintes livros muito importantes devem ser destacados (e provavelmente adquiridos):

BLACK, David Alan e DOCKERY, David S. (eds.), *New Testament Criticism and Interpretation.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1991.

CONZELMANN, Hans e LINDEMANN, Andreas, *Interpreting the New Testament: An Introduction to the Principles and Methods of N.T. Exegesis;* trad. S. S. Schatzmann de *Arbeitsbuch zum Neuen Testament*, 8 ed. alemã. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1988.

O último, apesar do subtítulo em inglês, não trata só de "princípios e métodos" mas também apresenta seções maiores sobre pano de fundo, esboços de conteúdo, e questões relativas à interpretação de Jesus e do cristianismo primitivo.

Em um nível muito mais prático, e portanto especialmente por causa dos usuários deste livro que trabalham só com o texto bíblico traduzido, discussões proveitosas de muitas das questões tratadas aqui podem ser achadas em:

FURMAN Kearley F., MYERS, Edward P. e HADLEY, Timothy D. (eds.), *Biblical Interpretation, Principles and Practice: Studies in Honor of Jack Pearl Lewis.* Grand Rapids: Baker Book House, 1986.

Em terceiro lugar, materiais de pesquisa para o computador se multiplicaram na década passada. É difícil saber quanto desse material se encaixa em um "manual do estudante", mas pelo menos alguns dos mais prontamente disponíveis, ou especialmente úteis, são registrados no capítulo 8.

E por último, quando esse livro apareceu pela primeira vez, a crítica retórica estava só começando a marcar presença em materiais exegéticos. Mesmo que o grau em que os autores do Novo Testamento fazem uso dessas formas helenísticas tenha provavelmente sido exagerado por seus praticantes, essa área de estudo abre novas formas de se ouvir as cartas do Novo Testamento e assim, potencialmente, oferecem muitas idéias proveitosas para sua interpretação. Então, alguma discussão sobre a questão retórica teve de ser acrescentada (5.9.3 [Ep]), bem como a literatura adicional para aprofundamento.

Como no caso da primeira edição, estou em dívida para com várias pessoas por sua ajuda em tornar possível essa nova edição. Aqui registro meus agradecimentos especiais a meu assistente em 1991-92, James M. Leonard, cuja ajuda com meus alunos foi muito além do esperado, e quem também releu a primeira edição com olhar especialmente crítico com vistas a sua utilidade para os estudantes. Também sou grato ao dr. James M. Scott da Trinity Western University, que bondosamente colocou à minha disposição sua completíssima, e não publicada, bibliografia sobre "Recursos Lexicais para as Literaturas Grega, Latina e Cristã", e que também supriu a necessária bibliografia das ferramentas de pesquisa em computador.

Prefácio da terceira edição



Novo Testamento

Recebi com muita alegria o convite do editor para preparar esta terceira edição de *Exegese do Novo Testamento*, que aparece em conjunto com a terceira edição de *Exegese do Antigo Testamento* de Douglas Stuart (v. prefácio à primeira edição). As revisões mais importantes para esta edição estão na bibliografia — uma enorme quantidade de nova literatura e recursos da internet apareceu nos últimos dez anos. Ao mesmo tempo, o texto grego utilizado da UBS/Nestle-Aland apareceu em uma nova revisão (UBS^4 e NA^{27} respectivamente), como também aconteceu com uma recente e consideravelmente revisada edição por Frederick W. Danker do léxico grego utilizado aqui — conhecido de todos como "Bauer", mas que agora deve ser conhecido como BDAG. Isso significa que as seções 6.2 ("Estabelecendo o texto") e 6.4 ("Análise Lexical") foram profundamente revisadas para refletir essas novas edições, cujos fac-símiles também foram incluídos.

Livros do tipo editado por I. H. Marshall (v. prefácio à primeira edição) e Black e Dockery (prefácio à segunda edição), que trazem ensaios muito úteis sobre todo tipo de questões relacionadas à interpretação do Novo Testamento, continuam aparecendo. Chamo atenção para os seguintes:

GREEN, Joel B. (ed.) *Hearing the New Testament: Strategies for Interpretation.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1995.

PORTER, Stanley E. (ed.) *Handbook to Exegesis of the New Testament.* Leiden: E. J. Brill, 1997.

Eu também elaborei, ou revisei, as edições anteriores em dois pontos importantes. Primeiro, no Passo 8 (e seção 6.5 do cap. 6), reescrevi grande parte da seção para incluir o florescimento de duas dimensões dessa tarefa: crítica a

partir das ciências sociais (entendendo a cultura através dos olhos do estudo sociológico) e intertextualidade (ouvindo os ecos do AT nos autores do NT, bem como suas citações diretas). Segundo, eu rescrevi o Passo 11 (G) para enfatizar mais onde é o seu lugar apropriado: na narrativa do próprio evangelista.

Já que este livro assume que os livros bíblicos têm "autores", e que a visão do autor deve ser levada em conta no processo exegético, eu adicionei um Apêndice a esta edição com uma breve análise dessa pressuposição à luz de algumas teorias pós-modernas de "interpretação", que começam com o leitor e tendem a negar completamente o conceito de "autor".

Como sempre, estou em débito com outros pela ajuda de vários tipos: a Carey Newman, editor na Westminster John Knox Press, que iniciou esse processo e que encorajou-me com generoso apoio quando o prazo teve de ser adiado por causa de uma cirurgia; a meu ex-assistente no ensino, Rick Beaton, agora professor assistente de Novo Testamento no Fuller Theological Seminary, que me ajudou a aumentar a velocidade na pesquisa no computador; e a meu colega no Regent, Loren Wilkinson, professor de estudos interdisciplinares, que separou um tempo para ler e criticar o Apêndice.

Whitsuntide 2001

Introdução



Antigo Testamento

Uma exegese é um estudo analítico completo de uma passagem bíblica, feito de tal forma que se chega à sua interpretação útil. A exegese é uma tarefa teológica, mas não mística. Existem certas regras básicas e padrões sobre como fazê-la, embora os resultados possam variar em aparência, uma vez que as próprias passagens bíblicas variam bastante entre si.

Para fazer exegese do AT de modo adequado você precisa se tornar uma espécie de "generalista". Você logo se envolverá com as funções e os sentidos das palavras (lingüística); com a análise da literatura e do discurso (filologia); com a teologia; com a história; com a transmissão dos escritos bíblicos (crítica textual); com a estilística, com a gramática e a análise de vocábulos; e com a, vagamente definida, mas inescapavelmente importante, área da sociologia. Habilidades naturais intuitivas são úteis, mas não substituem o trabalho árduo e cuidadoso de pesquisa em primeira mão. Como processo, a exegese pode ser algo bastante monótono. Felizmente, porém, seus resultados geralmente são encorajadores. Todavia, sejam encorajadores ou não, os resultados devem ser, pelo menos, de valor prático genuíno para o crente, ou, então, alguma coisa está errada com a exegese. Embora este livro seja um manual básico, e não exatamente uma análise exaustiva de pressuposições exegéticas e técnicas, ele deve servir bem ao leitor, se sua motivação para aprender a exegese é aplicar, mais cedo ou mais tarde, seus benefícios na pregação ou no ensino cristão.

O exegeta precisa pesquisar muitos livros e fontes. Há quatro tipos que são particularmente importantes pela orientação metodológica e bibliográfica que contêm em relação à exegese. Você deveria adquirir os quatro tipos, dos quais os seguintes títulos são representativos:

DILLARD, Raymond e T. Longman, *Introdução ao Antigo Testamento*, Vida Nova, 2006.

ou

SOGGIN, Alberto J. *Introduction to the Old Testament,* rev. ed. (Westminster John Knox Press, 1999).

Essas duas obras trazem explicações lúcidas e concretas dos tipos literários e divisões do AT, abordagens eruditas, o conteúdo e a avaliação de cada livro, o cânon e o texto. Além disso, a orientação bibliográfica que dão é muito útil.

DANKER, Frederick W. *Multipurpose Tools for Bible Study.* rev. ed. Fortress Press, 1993.

Danker apresenta os contextos, as definições e as explicações de todos os tipos de livros, métodos, fontes e estilos na exegese bíblica. Sua obra é padrão para informações dessa natureza.

SOULEN, Richard N. *Handbook for Biblical Criticism.* Ed. rev. e aum. John Knox Press, 1985.

Este manual é uma coletânea de definições. Praticamente, todos os termos exegéticos e todas as técnicas que você encontrará algum dia são detalhadamente explicados por Soulen.

FITZMYER, Joseph A. *An Introductory Bibliography for the Study of Scripture.* 3. ed., Loyola Press, 1990.

A obra de Fitzmyer é uma das melhores listas anotadas (até sua data de publicação) de léxicos, textos, gramáticas, concordâncias e outros auxílios técnicos usados pelos exegetas.

Com esses quatro tipos de texto à mão, você saberá quais são as questões na exegese, que tipo de recursos estão à disposição, e onde encontrá-los.

Além desses quatro tipos de livros, você deve possuir em sua biblioteca uma cópia do AT em hebraico, uma concordância hebraica do AT, um léxico de hebraico, uma gramática hebraica, uma história de Israel completa, um dicionário bíblico e, se possível, uma série de comentários "críticos" do AT. As obras específicas são discutidas no capítulo 4. A concordância, a história, o dicionário e a série de comentários são essenciais, mesmo que você não saiba hebraico. Sem as ferramentas apropriadas a exegese não irá muito longe. É claro que quanto mais desses recursos você tiver em formato eletrônico, mais rápido seu trabalho exegético vai andar.

Ao usar este guia, lembre-se de que nem todos os passos se aplicam igualmente a todas as passagens do AT. Por exemplo, algumas passagens exigirão maior atenção a aspectos históricos e muito pouca atenção à forma ou ao vocabulário. Com outras será exatamente o contrário. Não há como ter precisão automática sobre isso antecipadamente. À medida que você se familiarizar com um texto, a tendência é que se tornará óbvio que peso relativo você dará a cada passo e aos subpontos decorrentes.

Este manual está organizado em quatro divisões. O capítulo 1 traz um formato não-técnico para monografias e outros projetos exegéticos formais. O capítulo 2 apresenta ilustrações para os passos de uma exegese completa. O capítulo 3 contém uma versão simples e condensada do formato extenso, tendo como foco a preparação de sermões. O capítulo 4 discute os vários auxílios e recursos exegéticos, especialmente os bibliográficos, e como utilizá-los.

Novo Testamento

O termo "exegese" é usado neste livro num sentido conscientemente limitado para referir-nos à investigação histórica do significado de um texto bíblico. A pressuposição subjacente a essa tarefa é que os livros bíblicos tiveram "autores" e "leitores", e que os autores pretendiam que seus leitores entendessem o que eles escreviam (veja, p. ex., 1 Co 5.9-11; 1 Jo 2.1; veja o Apêndice). Exegese, portanto, responde à seguinte questão: Qual era o significado que o autor bíblico queria comunicar? Exegese refere-se tanto ao *que* ele disse (o contexto propriamente dito) quanto a *por que* ele o disse num determinado lugar (o contexto literário) — na medida em que isso pode ser descoberto, dada nossa distância em tempo, liguagem e cultura. Além disso, a exegese ocupa-se, fundamentalmente, com a intencionalidade: O que o autor bíblico *tencionava* que seus leitores originais compreendessem?

Historicamente, o termo mais geral para a ciência da interpretação, que incluía a exegese, era *hermenêutica*. Entretanto, uma vez que a hermenêutica veio a focalizar o significado como uma entidade existencial, i.e., o que esses antigos textos sagrados significam para nós em um ponto posterior na história, decidi limitar qualquer uso do termo ao seu sentido mais restrito de "significado contemporâneo" ou "aplicação".

Este livro trata, fundamentalmente, do processo exegético propriamente dito. Assim, o alvo *imediato* de quem estuda a Bíblia é entender o texto bíblico. Contudo, a exegese não deve ser um fim em si mesma. Ensaios exegéticos apresentados como sermões são, normalmente, tão secos como o pó; talvez informativos, mas raramente proféticos ou inspiradores. Portanto, o objetivo *último* de quem estuda a Bíblia é aplicar o seu entendimento exegético do texto à igreja e ao mundo contemporâneos. Por isso, este manual também inclui algumas sugestões sobre como "ir do texto ao sermão".

O processo de se fazer exegese e escrever um trabalho exegético é determinado em parte pela(s) razão(ões) pela(s) qual(is) se aborda determinado texto. Existem, basicamente, três razões:

1. O trabalho sistemático com um livro bíblico inteiro.
2. A tentativa de solucionar as dificuldades num enigma bem conhecido, ou numa passagem problemática (1 Co 7.14; 15.29 etc.)
3. A preparação do sermão ou estudo para o domingo seguinte, ou para alguma outra atividade pastoral relacionada.

Os professores e os comentaristas normalmente abordam o texto pela primeira razão. Na sala de aula, os alunos são, também, envolvidos nesse processo e, freqüentemente, escrevem seus trabalhos exegéticos à medida em que "as coisas acontecem". É desejável que um número crescente de pastores aprendam a estudar exegeticamente livros inteiros, não apenas para uso imediato no ensino ou na pregação, mas também para a criação de uma "bagagem" de material bíblico que o auxilie em todo o seu ministério.

Muitos ensaios exegéticos elaborados por alunos também são feitos pela segunda razão. Espera-se que as lições aprendidas ao se tentar solucionar "passagens problemáticas" conduzam o estudante até a razão 3 (a pregação ou as atividades pastorais), que é o motivo mais comum — e urgente — pelo qual ministros abordam o texto bíblico. Por essa causa, um capítulo inteiro é dedicado ao ensino da exegese "na forma breve", voltada à preparação de sermões. Contudo, ninguém é capaz de aprender corretamente a forma "breve" sem antes aprender bem todo o processo.

As orientações do capítulo 5 foram escritas da perspectiva da razão 2 (lidando com passagens problemáticas). Também foram incluídos (no Passo 1) auxílios adicionais para aqueles cuja abordagem é a razão 1 (trabalhando com um livro inteiro).

O primeiro fator que se deve observar em qualquer texto bíblico é elementar, mas é também crucial, pois determina muito do restante. *Em que tipo de literatura você está fazendo exegese?* O NT é composto, basicamente, de quatro tipos (gêneros):

1. As *epístolas,*em sua maior parte, são compostas de *parágrafos* de argumentos ou exortações. Aqui o exegeta precisa aprender, acima de tudo, a mapear o fluxo do argumento do autor, a fim de entender determinada frase ou parágrafo.
2. Os *evangelhos* são compostos de *perícopes*, unidades individuais de narrativa ou de ensino, que são de tipos diferentes, com características formais distintas, e que foram inseridas em seus contextos pelos evangelistas.
3. *Atos* é basicamente uma série de *narrativas* curtas que relacionadas formam uma narrativa maior entremeada de *discursos*.

4. O livro de *Apocalipse* é basicamente uma série de *visões* cuidadosamente elaboradas e entretecidas de modo a formar uma narrativa apocalíptica completa.

Embora tenham muitas coisas em comum, cada um desses gêneros também tem seus problemas exegéticos peculiares e suas "normas". Dessa forma, o manual está dividido em quatro partes no capítulo 5: (A) alguns passos iniciais comuns a todos os gêneros; (B) alguns passos especiais peculiares a cada gênero; (C) mais alguns passos comuns a todos; e (D) algumas observações a respeito da aplicação.

Não se presume aqui que este manual seja lido todo de uma só vez, mas que seja usado de modo a acompanhar o próprio trabalho de exegese. Portanto, se estiver fazendo a exegese de uma passagem das epístolas, você deve seguir os oito primeiros passos comuns a todos (cap. 5, 1-8); depois seguir os três passos peculiares às epístolas, na parte B (cap. 5, 9 [Ep] até 11 [Ep]), e, então, pular para a parte C, para os Passos 12-15 (cap. 5, 12-15). Repita o processo num trabalho exegético nos evangelhos, em Atos ou em Apocalipse. Observe que no Passo 15 (Escreva o texto final) existem, de novo, orientações diferentes para uma passagem das epístolas ou dos evangelhos. Visto que o capítulo 5 não deve ser lido por inteiro, do início ao fim, com nenhum dos gêneros, o aluno provavelmente fará bem em consultar regularmente o diagrama esquemático que se encontra no início daquele capítulo (p. 210-11).

Lembre-se, ao utilizar este manual, que *os passos não se aplicam todos uniformemente* a todas as passagens do NT. Por exemplo, algumas passagens não terão nenhum problema textual, enquanto que para a compreensão de outras a solução de uma questão textual será fundamental. Em outros textos, o ponto crucial será de natureza contextual ou lexical, ou ainda uma compreensão viinda do contexto histórico ou sociocultural. Não há como saber de antemão quais questões uma dada passagem levantará. O que você precisa fazer é aplicar *todos* os passos. À medida que você se familiarizar com uma passagem, a tendência é que o peso relativo de cada passo e de seus subpontos fique mais claro.

Uma palavra final para aqueles que usam somente a Bíblia em português. Primeiro, convença-se de que você pode aprender a fazer exegese tão bem como qualquer outro. Saber grego obviamente é uma vantagem em diversas questões de detalhes. Porém, a pessoa que não conhece grego mas está disposta a fazer um pouco de trabalho extra pode desfrutar das grandes alegrias dessa disciplina. Leve a sério a necessidade de aprender o alfabeto grego; ele dará a você acesso direto à maioria das melhores ferramentas, especialmente no que diz respeito ao estudo de palavras.

Em segundo lugar, a parte do Passo 3 relativa à Bíblia em português é uma questão absolutamente essencial. Nesse ponto, você aprenderá não só como tornar-se totalmente familiarizado com sua passagem mas também como descobrir o que precisa ser investigado. Essa é a porta de entrada para as questões de conteúdo. O objetivo desse exercício *não* é fazer escolhas entre as várias traduções para ver qual você prefere. Ao contrário, é guiá-lo às fontes secundárias onde essas questões são discutidas. Mas o objetivo é aprender o método bem o bastante de forma que mesmo aqui você possa ter confiança em decidir sozinho.

Em terceiro lugar, você se ajudará muito se ler amplamente na literatura secundária para cada passo listado no capítulo 4. Os títulos mais úteis para iniciantes nessas várias disciplinas são cuidadosamente marcados.

Com o tempo, você pode achar possível aprender a própria língua grega, pelo menos em um nível básico. Se fizer isso, vai descobrir para seu deleite que não é tão difícil como você havia imaginado nem como alguns sugeriram.

Primeira parte



Antigo Testamento

DOUGLAS STUART

Para
Gayle, Joanna, Eliza, Eden, Missy,
Hannah, Maria, Delia e Jon



1

Guia da exegese completa

O esboço abaixo é complementado por um grande número de comentários e questões, cujo propósito é ajudá-lo a explorar todas as possibilidades ao fazer uma exegese completa. Esses comentários e questões são apenas sugestões e não devem ser seguidos irrefletidamente. Na verdade, algumas questões se sobrepõem; já outras podem parecer-lhe redundantes. Algumas podem não ser relevantes para seus propósitos ou o escopo das necessidades de sua exegese particular de uma certa passagem. Portanto, seja seletivo. Ignore o que não se aplica à sua passagem; destaque o que se aplica.

Os pastores e aqueles que farão seu trabalho principalmente a partir do guia da exegese homilética, no capítulo 3, devem se familiarizar, primeiramente, com o conteúdo deste capítulo, uma vez que ele é a base do resumo do capítulo 3.

1. TEXTO

1.1. Confirme os limites da passagem

Procure certificar-se de que a passagem que escolheu para fazer exegese é, de fato, uma unidade completa, independente (às vezes, chamada de perícope). Evite interromper um poema no meio de uma estrofe, ou uma narrativa no meio de um parágrafo — a menos que essa seja uma tarefa do seu trabalho, ou a menos que você explique claramente ao leitor a razão pela qual escolheu fazer a exegese de uma *seção* da passagem. Seu principal aliado é o bom senso prático. A passagem possui começo e fim reconhecíveis? Há algum conteúdo aglutinador e significativo que você pode observar? Avalie sua decisão, comparando-a com o texto hebraico e com as traduções modernas. Não confie nas divisões tradicionais de capítulos e versículos. Elas não fazem parte do texto original e, em muitos casos, estão completamente equivocadas.

Atenção: Você poderá achar confuso iniciar com a análise textual da passagem, se o seu conhecimento do hebraico é insuficiente. Nesse caso, faça primeiramente uma tradução provisória do texto hebraico. Não invista muito tempo neste ponto. Utilize uma tradução moderna confiável como guia, ou, se preferir, use uma Bíblia "interlinear" (v. 4.2.2). Depois de ter uma idéia básica do sentido das palavras no hebraico, poderá retomar a análise textual com proveito.

1.2. Compare as versões

Leia a passagem em quantas versões puder: em grego, siríaco, aramaico, latim e nos textos de Cunrã, e separe todas palavras ou frases que não pareçam corresponder ao texto hebraico com o qual está trabalhando. Uma vez que todas essas versões em línguas antigas têm traduções em inglês (e algumas, em português; v. 4.2.2), você poderá trabalhar a partir delas preliminarmente, mesmo que não conheça todas essas línguas.

Procure basear-se no aparato crítico da *BHS* (ou da versão mais antiga *BH3*, se for a que você estiver usando), apesar de não ser sempre completo e ser de difícil decifração por ter sido escrito com palavras latinas abreviadas (para entendê-las, os guias em 4.1.5 são bastante úteis). Examine as diferenças (chamadas variantes). Tente decidir, da melhor forma possível, se alguma das variantes textuais pode ser mais apropriada à passagem (i.e., pode ser mais original) do que as palavras correspondentes no texto hebraico. Para fazer isso, você precisa traduzir a variante de volta ao hebraico (normalmente, via português) e aí julgar se ela se encaixa melhor no contexto. Em muitos casos, você poderá ver exatamente como a variante surgiu de uma corrupção textual (um erro de cópia antigo preservado nas cópias posteriores) do texto hebraico. Tome as decisões cabíveis aqui da melhor forma possível, com base em comentários críticos e em outros auxílios (v. 4.1). Em muitos casos, especialmente nos trechos poéticos do AT, o texto corrompido não terá solução. As palavras não fazem muito sentido do jeito em que estão no hebraico, mas você não é capaz de pensar numa alternativa convincente. Nesses casos, deixe o texto como está. Sua tarefa é reconstruir, *até onde for possível,* o texto como foi originalmente inspirado por Deus — nunca reescrevê-lo.

1.3. Reconstrua o texto, fazendo observações

Ponha no papel, para o seu leitor, a sua melhor tentativa de definir o texto hebraico original. Imprima todo o seu texto original reconstruído. Se a sua reconstrução do texto omitir quaisquer palavras ou letras do texto recebido, assinale as omissões com colchetes: [ ]. Se inserir ou substituir quaisquer palavras ou letras, coloque a

nova parte entre parênteses: ( ). Inclua uma nota de rodapé para cada modificação, valendo-se de letras ou números (letras são melhores pelo fato de não serem confundidas com a numeração dos versículos) explicando, de maneira clara e simples, suas razões para as mudanças. Inclua, também, notas de rodapé para quaisquer palavras que você não tenha modificado, mas que outros esperariam que fossem mudadas. Seu leitor deve receber explicações para todas as suas decisões importantes, pró ou contra mudanças no texto — não somente para as que resultarem em modificações.

Normalmente, esse texto reconstruído deveria vir no início de sua exegese, imediatamente depois do prefácio (se houver), do índice (se houver), e da introdução. Problemas textuais não são freqüentes, e raramente importantes a ponto de afetar o sentido de uma passagem. As raras revisões textuais propostas (a partir do TM) que concretamente afetam o sentido da passagem exigirão, provavelmente, uma explicação maior nesse ponto do seu trabalho.

1.4. Coloque a poesia em forma versificada

Na maioria dos casos, você pode confiar na *BHS* (ou *BH3*) para identificar adequadamente a poesia e pode arranjar suas linhas de acordo com o senso de paralelismo e de ritmo (métrica) do editor da *BHS*. O processo de arranjo, e o arranjo propriamente dito, é chamado de *esticometria.*

O paralelismo entre palavras e frases é o critério principal da esticometria. Um critério secundário é a métrica (v. 4.6.4). Se decidir por uma esticometria diferente daquela indicada pela *BH3* ou *BHS* (elas não estão sempre corretas) para a sua passagem, não deixe de apresentar seu arrazoado numa nota de rodapé. As traduções modernas normalmente dispõem a poesia de forma esticométrica. Consulte-as também, pois sua percepção sobre como o paralelismo funciona pode ser instrutivo, além de poupar-lhe algumas etapas.

2. TRADUÇÃO

2.1. Prepare uma tradução provisória do texto reconstruído

Comece de novo, desde o início. Pesquise num léxico, como o de Holladay (v. 4.8.1), todas as palavras cujo conjunto de significados você não conhece bem. Leia sobre as palavras relevantes os artigos mais longos em léxicos mais importantes, tais como o de Koehler-Baumgartner ou de Brown-Driver-Briggs (v. 4.8.1). Com relação a qualquer palavra que pareça ser central ou essencial para o significado da passagem, recomenda-se que neste ponto, ou em conexão com sua análise do conteúdo lexical (Passo 8.3), sejam consultados estudos vocabulares

detalhados (estudos de conceito) nos auxílios referidos em 4.8.3. Lembre-se de que as palavras não possuem um significado único, mas um conjunto de significados, e que há diferença entre uma palavra e um conceito (em 4.8.3 explicaremos mais detalhadamente). Uma palavra hebraica raramente corresponde de forma precisa a uma palavra em português, mas pode variar em significado quando se leva em consideração o campo semântico, total ou parcial, de palavras afins em português. Tradução, portanto, sempre implica seleção.

2.2. Verifique a correspondência entre o texto e a tradução

Leia o texto hebraico diversas vezes. Conheça-o como um amigo. Se possível, memorize algumas partes dele. Leia (em voz alta) sua tradução várias vezes. O texto hebraico e o texto português parecem a mesma coisa em sua mente? Será que você usou um termo raro ou complicado para traduzir uma palavra simples ou comum no hebraico? Se for esse o caso, será que a precisão de significado tem maior peso do que o efeito causado no leitor ou ouvinte? Considerou a possibilidade de empregar mais de uma palavra em português para comunicar o sentido de uma palavra no hebraico? Ou vice-versa? Será que sua passagem contém palavras ou frases que originalmente eram ambíguas? Sendo assim, tente reproduzir, em vez de mascarar, a ambigüidade na sua tradução para o português. A boa tradução é a que cria a mesma impressão geral no ouvinte que o original faria, sem distorcer o conteúdo específico comunicado.

2.3. Revise a tradução à medida que continuar o trabalho

À medida que continuar a trabalhar na exegese da passagem escolhida, especialmente ao examinar com cuidado os aspectos gramaticais e léxicos, você poderá ampliar seu conhecimento do texto a ponto de melhorar sua tradução provisória. Isso porque as palavras que escolher para determinado ponto da passagem devem se encaixar bem no contexto maior. Quanto mais conhecer acerca da passagem como um todo, maior sensibilidade terá para escolher a palavra, frase ou expressão certa para cada parte. As partes devem se encaixar no todo. Além disso, à medida que decidir sobre os contextos literários e teológicos do texto, seu julgamento a respeito da tradução será melhor. Procure avaliar o uso de uma palavra, frase ou expressão tanto no contexto mais amplo (o livro, o AT, a Bíblia como um todo) como em seu contexto imediato (sua passagem, o capítulo, os capítulos que a cercam). A diferença aqui pode ser significativa. Por exemplo, embora possa presumir que a palavra hebraica בַּיִת signifique "casa" em sua passagem, uma investigação mais ampla do seu uso no AT mostra que numa expressão como

בֵּית דָּוִיד pode significar "família", "dinastia" ou "linhagem". Qual desses sentidos combina mais com a passagem? Qual deles torna a passagem mais clara para o leitor? Ao fazer essas perguntas, você garantirá que não negligenciou opções de tradução potencialmente úteis.

2.4. Faça uma tradução final

Quando a pesquisa estiver concluída, e você estiver pronto para escrever a redação final, inclua a tradução definitiva imediatamente depois do texto bíblico. Use notas (de rodapé) para explicar a escolha de palavras que poderiam surpreender ou que simplesmente não são óbvias para o leitor. Entretanto, você não é obrigado a explicar todas as palavras que também foram escolhidas pelas versões modernas, a menos que lhe pareça que a escolha delas, apesar de unânime, seja de algum modo questionável. Utilize notas de rodapé a fim de deixar claro para o leitor que há outras possibilidades de tradução de uma palavra, ou frase, que você considera merecer atenção. Faça isso, especialmente, quando achar difícil decidir entre duas ou mais opções.

3. CONTEXTO HISTÓRICO

3.1. Pesquise o pano de fundo histórico

Procure responder às seguintes questões em sua pesquisa: Qual é o contexto da passagem? Que acontecimentos, exatamente, levaram o texto a este ponto? Será que tendências importantes ou desdobramentos em Israel, e no restante do mundo antigo, tiveram alguma influência na passagem ou em parte de seu conteúdo? Existem passagens paralelas ou semelhantes na Bíblia que parecem estar relacionadas às mesmas condições históricas e que contribuem para o entendimento da passagem estudada? Sob quais condições históricas a passagem parece ter sido escrita? Poderia a passagem ter sido escrita, também, sob condições históricas bem diferentes? Se não, por quê? A passagem é uma conclusão, ou representa algum estágio particular no progresso, de algum fato ou conceito? Deste ponto em diante, observe com cuidado como as informações recolhidas sobre a passagem têm efeito sobre a sua interpretação. Explique como essa informação histórica ajuda, de alguma forma, a compreender ou a avaliar a passagem. Não se esqueça de explorar todas as informações arqueológicas que possam existir em relação ao texto em estudo. Às vezes poderá ser impossível determinar o contexto histórico da passagem. Por exemplo, isso acontece às vezes com passagens poéticas, como os salmos ou provérbios escritos com o objetivo de serem significativos em todos os tempos e lugares. Se assim for,

explique isso ao leitor. Descreva as implicações da falta de um contexto histórico claro para a passagem.

3.2. Pesquise o ambiente social

Procure responder às seguintes questões: Em que área da vida de Israel está localizado o conteúdo ou os acontecimentos descritos na passagem? Que instituições sociais ou civis têm algum impacto sobre a passagem? Como isso esclarece o texto? A passagem é diretamente relevante só para o israelita antigo (i.e., culturalmente condicionada) ou tem alguma utilidade e significado para hoje? Se sim, em que medida? Em que época ou dimensão da cultura israelita (ou outra) teriam sido possíveis, ou prováveis, os acontecimentos da passagem (ou seus conceitos)? Teriam sido esses acontecimentos ou conceitos exclusivamente israelitas, ou poderiam ter ocorrido em algum outro lugar?

3.3. Pesquise o cenário histórico

O que acontece a seguir? Em que direção a passagem conduz? O que de significativo ocorre afinal com as pessoas, os lugares, os objetos e os conceitos da passagem? Terá a passagem informação essencial ao entendimento de algum acontecimento ou informação posterior? A passagem está localizada no início de algum novo desdobramento? Como a passagem se encaixa no panorama geral da história do AT? Existem implicações decorrentes dessa localização histórica?

3.4. Pesquise os aspectos geográficos

De onde procede a passagem (o contexto geográfico ou "origem")? A que nação, região, território tribal e povoado os acontecimentos ou conceitos da passagem se aplicam? É uma passagem proveniente do norte ou do sul (i.e., reflete sua origem nesses pontos, ou se concentra nas questões relativas especificamente a esses reinos), ou é intra-Israel ou extra-Israel? Ou será que é impossível decidir sobre isso? Tem uma perspectiva nacional ou regional? É possível localizá-la de alguma maneira? Aspectos como clima, topografia, distribuição étnica, cultura regional ou economia cumprem algum papel aqui? Há algum outro aspecto acerca da natureza geográfica que ilumina a passagem de algum modo?

3.5. Determine a época da passagem

Se a passagem é uma narrativa histórica, investigue a data dos fatos como descrito a seguir. Se é um oráculo profético (uma mensagem revelada), procure a data em

que pode ter sido proferido pelo profeta. Se é algum tipo de poesia, procure determinar quando o texto pode ter sido composto.

Nem sempre é possível chegar a uma data precisa. Seja cauteloso ao usar a literatura secundária. A metodologia crítica do estudioso determinará de modo preponderante se ele tende a considerar ou não partes da Bíblia "autênticas" — genuinamente representativas do tempo e dos acontecimentos que elas contam, ou "não autênticas" — produtos de um período histórico posterior —, e a datá-las em função disso.

Se não puder determinar uma data, pelo menos sugira a data antes da qual a passagem não poderia ter ocorrido ou ter sido composta (chamada *terminus a quo*), e a data em que certamente já teria ocorrido ou sido composta (chamada *terminus ad quem*). O contexto e o conteúdo da passagem, incluindo seu vocabulário, são seus principais guias com relação à data.

Datar passagens proféticas com precisão é em geral muito difícil, senão impossível. Na maioria dos casos, o único meio de prosseguir é tentar relacionar a mensagem da passagem com circunstâncias históricas conhecidas, a partir de porções históricas do AT e de outras fontes do Oriente Próximo. Isto é exatamente o que fazem os comentários bíblicos. Às vezes é possível identificar as circunstâncias históricas que formam o pano de fundo de um oráculo ou de seu tema. Muita vezes, porém, isso não é possível e o oráculo não pode ser datado com mais precisão que os limites do livro como um todo.

4. CONTEXTO LITERÁRIO

Não há como evitar alguma sobreposição entre o contexto histórico e o literário. O AT é revelação historicamente orientada e, portanto, seu desenvolvimento e organização literários tenderão a corresponder, de modo geral, à história de Javé e de sua interação com seu povo.

4.1. Examine a função literária

A passagem é parte de uma história, ou de um complexo literário, que tem começo, meio e fim? Ela se encaixa, acrescenta, introduz, conclui ou contrabalança a porção ou o livro da qual faz parte? É auto-suficiente? Poderia ser colocada em algum outro lugar ou é essencial ao contexto atual? O que ela acrescenta ao quadro total? O que o quadro total adiciona a ela?

4.2. Examine a localização

Como a passagem se encaixa na seção, no livro, na divisão, no Testamento, na Bíblia — nessa ordem? O que você é capaz de descobrir sobre seu estilo, tipo, propósito, nível de integração literária (nível em que a passagem é ligada ou "entrelaçada" com o restante do livro), função literária etc.? O texto é um dos muitos textos semelhantes no mesmo livro, ou talvez no AT como um todo? Em que sentido sua natureza é única em relação ao material circundante, e/ou sua posição no material é singular?

4.3. Analise os detalhes

Quão abrangente é a passagem? Se for histórica, até que ponto é seletiva? Em que ela concentra a atenção e o que ela não menciona? Registra os acontecimentos a partir de uma perspectiva especial? Se for assim, o que ela lhe diz sobre o propósito especial da passagem? De que forma essa perspectiva se relaciona com o contexto mais amplo? Se ela for poética, qual é a amplitude de seu alcance? Algum detalhe o ajuda a determinar sua composição com base numa situação cultural ou histórica específica? Os detalhes fornecem alguma idéia sobre as intenções do autor?

4.4. Analise a autoria

O autor da passagem é identificado, ou identificável? Se o autor for identificado, quão segura é sua identificação? Se a passagem for anônima, é possível sugerir, de modo geral, a provável fonte humana ou o ambiente a partir do qual Deus comunicou sua palavra? É possível saber a data da escrita, independentemente de a identidade do autor ser conhecida com certeza absoluta? O material originalmente escrito por outro autor pode ter sido reutilizado, adaptado, ou incorporado mais tarde numa estrutura maior por um "autor" ou "editor" inspirado? Isso lhe diz alguma coisa em termos da teologia? Será que isso o ajuda a melhor acompanhar a lógica da passagem? Se o autor é conhecido, seja explícita ou implicitamente, isso o ajuda a relacionar a passagem, inclusive seus temas, estilo, vocabulário etc., com outras porções das Escrituras produzidas pelo mesmo autor? É isso, de alguma forma, instrutivo para a interpretação da passagem? O autor revela aqui alguma característica peculiar (estilisticamente, por exemplo), ou essa passagem é típica de seu modo de escrever em outros lugares?

5. FORMA

5.1. Identifique o tipo literário geral (gênero)

Primeiramente, enquadre a passagem nas categorias amplas e gerais dos tipos literários existentes no AT. Determine se a passagem é prosa, ditado, cântico, ou uma combinação (essas categorias básicas são definidas nos guias gerais de análise da forma listados em 4.1.2).

5.2. Identifique o tipo literário específico (forma)

Descreva mais precisamente que tipo de prosa, ditado, ou cântico a passagem é de fato. Por exemplo, se determinar que ela é uma narrativa histórica, então deverá avaliar se é um relato, uma história popular, uma autobiografia geral, o relato de uma visão ou sonho, uma autobiografia profética , ou algum outro tipo específico de narrativa histórica. A identificação do tipo específico permitirá sua comparação com outros tipos, mostrando quais elementos da passagem são típicos de sua forma literária e quais elementos são únicos e, portanto, de valor especial para a interpretação dessa passagem quando comparada a outras.

Você precisa conhecer tanto o tipo literário geral quanto o específico da passagem antes de poder analisar sua forma, ou formas. São apenas os tipos específicos, não os gerais, que têm "formas". Isto quer dizer que cada tipo literário específico é identificável por possuir certas características reconhecíveis (incluindo tanto seu conteúdo, ou "ingredientes", quanto a ordem em que os ingredientes ocorrem) que fazem dele uma forma. Por exemplo, cada "relato de sonho" no AT tende a possuir certos traços em comum com todos os outros relatos de sonho. Os conteúdos específicos de vários relatos de sonhos podem ser diferentes, mas os traços característicos não — cada relato de sonho contém, *grosso modo*, o mesmo tipo de coisas. Pode-se dizer então que eles têm a mesma forma, à qual denominamos "forma do relato de sonho".

5.3. Procure subcategorias

O principal propósito da análise da forma na exegese é propiciar a comparação da passagem com outras de forma semelhante e, com isso, a apreciação do conhecimento resultante dessa comparação. Portanto, é melhor descrever a forma o mais especificamente possível sem fazer dela algo único. Por exemplo, se a passagem contém um relato de sonho que inclui um diálogo entre um anjo e um profeta, provavelmente resultados exegéticos mais proveitosos resultarão da comparação do seu relato de sonho com os que também contêm diálogos entre anjos e profetas, em vez de compará-lo com todos os relatos de sonho em geral. Você poderá até

mesmo decidir chamar a sua forma "relato de sonho com diálogo entre anjo e profeta". Se você ainda não percebeu, logo perceberá que a terminologia na análise da forma não é tão padronizada a ponto de não permitir certa liberdade cautelosa da sua parte. Contudo, não tente subcategorizar a sua forma de maneira que ela se torne algo singular. Se chegar a esse ponto, torna-se sem sentido até mesmo falar em forma, e se perdem os benefícios da comparação. Aqueles elementos que não podem ser comparados são os elementos especiais que exigem cuidadosa atenção em outras partes de sua exegese e distinguem sua passagem de todas as outras. Sua exclusividade, no entanto, não define a forma. Ao contrário, a forma é definida por aquilo que é típico ou compartilhado com outras passagens.

5.4. Sugira um contexto vivencial

Tente ligar a passagem (no que se refere à forma ou formas) com a situação real do seu uso. Às vezes o próprio texto faz isso. De outro modo, você terá de trabalhar dedutivamente e com cautela. Pode até ser óbvio que um profeta emprestou a forma de um cântico fúnebre da situação real dos funerais, e a reutilizou num sentido profético ao, por exemplo, entoar um lamento fúnebre preditivo por Israel, que será destruído por Javé. Entretanto, não é tão óbvio assim localizar o contexto vivencial de um salmo de "lamento comunitário". Conhecer o contexto vivencial original (freqüentemente denominado *Sitz im Leben*) geralmente ajuda a entender a passagem de modo concreto. Mas a ênfase exagerada no contexto vivencial pode ser contraproducente. O fato de um salmo, por exemplo, ter a forma de cântico de entronização não deve levar à conclusão de que ele não tem outra função ou significado no AT (ou entre os cristãos hoje) a não ser como parte de um antigo cerimonial de coroação em Jerusalém. Seu contexto original como forma é uma coisa; seu potencial para adaptação e reutilização para toda uma gama de situações secundárias (literária, cultural, teológica etc.) é outra. Assim, procure manter o equilíbrio entre a sensibilidade à origem teórica da forma e seu uso efetivo no contexto da passagem.

5.5. Analise a integridade da forma

Compare a sua passagem com outras que possuem a mesma forma. Até que ponto a forma identificada é representada na passagem que você estuda? Estão presentes todos os elementos característicos? Se assim for, existe também algo alheio à forma apresentada? Se não, que elementos faltam? Esses elementos estão ausentes por que a passagem é logicamente elíptica (deixa de expressar certos elementos óbvios), ou por que ela foi propositadamente modificada? Essa elipse, ou modificação, dá algum indício sobre o tema no qual a passagem se concentra ou sobre qual é sua

ênfase especial? As diferenças entre sua passagem e as demais com a mesma forma essencial são o que tornam sua passagem única e lhe dão função especial na Bíblia. Tente entender, tanto quanto puder, seu caráter e função únicos.

A passagem, como é normal, contém mais de uma forma? Se assim for, de que maneira as formas se diferenciam? A passagem possui uma mistura de formas ou uma forma dentro de outra (e.g., uma parábola dentro de um relato de sonho, ou o discurso de um mensageiro dentro de um oráculo de desgraça)? Ou a passagem é parte de uma forma maior, cuja extensão ultrapassa os limites de seu texto? Se assim for, que papel a passagem, e a forma (ou formas) que ela contém, cumpre no interior da forma maior?

5.6. Esteja atento a formas parciais e fragmentadas

Na maioria das vezes, nem todos os elementos de uma determinada forma estarão presentes em todas as ocasiões em que for usada. Quanto mais comum a forma, tanto mais provável que ela seja parcial, isto é, contenha apenas alguns de todos os elementos possíveis que possam ser encontrados no exemplo mais abrangente e completo dessa forma. Por exemplo, quando os profetas repetem a palavra de Javé na forma de litígio (*rîb* no hebraico), eles freqüentemente apresentam apenas um aspecto, tal como a fala de denúncia ou a sentença de juízo. Ao que tudo indica, os ouvintes dos profetas eram capazes de identificar imediatamente, a partir da forma parcial, que um processo litigioso divino estava sendo descrito, do mesmo modo em que reconhecemos hoje em dia nas simples palavras: "Interrompemos nossa programação para informar que...", a forma usada quando é dada uma importante notícia de última hora. Uma forma parcial funciona no sentido de sugerir o propósito, o tom, o estilo e a audiência da forma completa, sem detalhes desnecessários e todo o volume exigidos pela forma completa. Uma forma pode também vir segmentada pela inclusão de outro material, fazendo com que suas partes constituintes estejam bem separadas umas das outras. Às vezes, o início e o fim de uma forma são usados para inserir entre eles material tecnicamente alheio à forma propriamente dita. Esse tipo de "sanduíche" é conhecido como *inclusio*. O material contido na *inclusio* é normalmente relacionado à, mas não tecnicamente parte da, forma. Tente analisar o efeito de uma estrutura como essa na interpretação da passagem.

Há uma advertência importante nesse ponto: cuidado com questionamentos históricos e atomização. Críticas consideráveis têm sido levantadas contra duas práticas passadas dos críticos da forma. Uma delas era a prática de questionar a precisão do conteúdo histórico numa forma qualquer. A teoria básica aqui era que certos tipos de forma preservavam informações históricas

mais genuínas do que outros. A segunda era a prática de presumir que as formas mais básicas eram encontradas nas unidades literárias menores — por exemplo, aquelas cujo comprimento era de um versículo ou dois —, e que as unidades maiores eram secundárias. Ambas as práticas fundamentavam-se em premissas agora consideradas muito questionáveis. Você deve evitá-las em sua exegese.

6. ESTRUTURA

6.1. Faça um esboço da passagem

Procure fazer um esboço que genuinamente represente as maiores unidades de informação. Em outras palavras, o esboço deve ser o resultado natural, não artificial, da passagem. Observe que componentes são incluídos em cada tópico (quantitativo) e também a intensidade ou significado global dos componentes (qualitativo). Deixe a passagem falar por si mesma. Quando vir um novo tópico, assunto, conceito ou algo semelhante, você deve acrescentar um novo tópico ao seu esboço.Não existem critérios automáticos para a elaboração do esboço. Não seja enganado por sugestões de que com a contagem de palavras repetidas ou a identificação de palavras de "transição" (como לָכֵן "portanto") você pode derivar mecanicamente o esboço da passagem. Em vez disso, seu esboço deve conter o melhor juízo que você puder fazer a respeito de como as maiores unidades de informação do grupo de passagens unem-se de modo lógico. Alguns teóricos sugerem que os melhores esboços conterão de três a cinco unidades maiores, pelo fato de que a maior parte das pessoas tem dificuldade para compreender ou lembrar de seis ou mais elementos abstratos de uma única vez, e menos que três elementos dificilmente constituirão um esboço descritivo apropriado. No entanto, seu esboço deve conter uma reflexão do seu melhor juízo a respeito da estrutura lógica da passagem, e o número de elementos do esboço deve refletir as unidades maiores de informação, independentemente de quantas sejam.

Depois de esboçar as divisões principais, trabalhe nas menores, tais como as orações e as frases. Essas devem, é claro, estar visivelmente subordinadas às divisões maiores. O esboço deve ser tão detalhado quanto possível, sem parecer forçado ou artificial. A partir dele, você poderá seguir adiante, fazendo suas observações a respeito da estrutura mais ampla.

6.2. Procure padrões de pensamento

Qualquer passagem bíblica cujos limites foram adequadamente identificados conterá uma lógica interna coerente, constituída de padrões de pensamento significativos. Tente identificar os padrões, procurando especialmente características-chave:

desdobramentos, recomeços, formas de frase peculiares, palavras centrais e dominantes, paralelismos, quiasmos, *inclusios*, e outros padrões repetitivos ou progressivos. As chaves para se reconhecer padrões são, quase sempre, *repetição* e *progressão.* Procure toda evidência de repetição de um conceito, palavra, frase, expressão, raiz, som ou alguma outra característica identificável, e analise a ordem da repetição. Faça o mesmo tipo de exame com as progressões. Nessa análise podem surgir algumas percepções muito úteis. A poesia, pela sua própria natureza, não raro conterá mais (e mais surpreendentes) padrões estruturais do que a prosa. Entretanto, qualquer passagem, adequadamente definida, tem padrões estruturais que devem ser analisados, e ter seus resultados apresentados ao leitor. Tudo o que for inesperado e singular deve ser especialmente destacado, por ser parte do que torna sua passagem diferente das demais e, dessa forma, contribui para seu caráter e significado especial.

6.3. Organize sua discussão da estrutura considerando as unidades em ordem decrescente de tamanho

Primeiramente, discuta o padrão geral do esboço, i.e., de três a cinco (ou mais) unidades maiores. Depois, discuta o que você considera mais importante entre os padrões secundários nas unidades maiores — um de cada vez. Vá do maior para o menor, i.e., da passagem para os parágrafos, para os versículos, para as orações, para as palavras e para os sons em ordem. Onde for possível, escreva se você acha que um padrão é primário, secundário ou simplesmente menor, e qual a sua importância para a interpretação da passagem.

6.4. Avalie a intencionalidade dos padrões menores

Dado o devido tempo, a maioria das pessoas poderá encontrar todo tipo de padrões menores não muito óbvios numa passagem: ora a preponderância de certos sons vocálicos; ora a repetição de uma raiz verbal; a ocorrência de uma certa palavra exatamente tantas palavras depois de uma outra em dois versículos diferentes etc. A pergunta é: Esses padrões menores aparecem aleatoriamente (segundo o que alguns chamam de a lei das probabilidades), ou foram construídos intencionalmente pelo antigo falante ou pelo autor inspirado? Presumimos que os padrões maiores são intencionais, uma vez que eles são tão evidentes. Também presumimos que padrões menores são intencionais, especialmente quando podemos percebê-los ocorrendo repetidas vezes num livro do AT ou em determinada passagem ou em textos paralelos de outros livros. Mas, como ter certeza? Existe apenas um critério: Pergunte se parece razoável que o antigo falante/autor

compôs esse padrão por algum motivo, e/ou se os primeiros leitores/ouvintes (ou ambos) poderiam ter consciência desse padrão enquanto ouviam ou liam a passagem. Se, de acordo com o seu julgamento, a resposta for sim, então avalie o padrão como intencional. Se for não, identifique o padrão como provavelmente não-intencional ou algo parecido. Ao mesmo tempo, tenha muita cautela ao fazer inferências exegéticas deste último.

6.5. Se a passagem for poética, analise-a como tal

Arrange as linhas do poema paralelas umas às outras, usando paralelismo semântico (de significado). Depois, tente identificar a métrica de cada linha. Se puder, revocalize o texto de modo que este reflita a pronúncia original, tanto quanto possível, e descreva a métrica conforme o número de sílabas por linha (o método mais preciso). Se isso não for possível, descreva a métrica segundo os acentos (menos preciso, ainda assim útil). Observe características métricas ou padrões especiais. Observe quaisquer conjuntos sugeridos pelo padrão métrico. Embora os conceitos de versificação poética e de estrofe não sejam próprios da poesia hebraica, você poderá dividir um poema em trechos ou partes, se de fato lhe parecer inerente. Isso pode ser feito com base numa mudança de cena, tópico ou estilo. A rima ou padrões acrósticos são raros, mas se estiverem presentes merecem atenção especial. Esteja atento a fórmulas (palavras ou frases usadas em mais de um lugar no AT, em contextos métricos semelhantes ou padrões, a fim de expressar determinada idéia). Fórmulas são "frases prontas" da poesia, especialmente da poesia musical. Compare o uso de alguma fórmula na passagem com o seu uso em algum outro lugar. (Veja também o Passo 8.) Dê atenção, também, à epífora (a repetição de sons ou de palavras finais) e outros padrões que freqüentemente aparecem na poesia. Identifique qualquer caso intencional de assonância (a repetição ou justaposição de sons semelhantes), paronomásia (jogo de palavras, incluindo trocadilhos), *figura etymologica* (variação na raiz das palavras, freqüentemente incluindo nomes) e outros artifícios poéticos como esses. Entretanto, não procure por rimas. Pelo fato de muitas palavras hebraicas possuírem terminações semelhantes (a maior parte das palavras femininas singulares terminam em *–ah*, as femininas plurais em *–oth*, a maior parte dos vocábulos masculinos plurais terminam em *–im*), encontra-se rima com extrema facilidade. Outros recursos poéticos eram testes muito mais abalizados da habilidade do poeta e indicados para um público de qualidade em expressão poética de uma forma que a simples rima não conseguiria.

7. DADOS GRAMATICAIS

7.1. Analise os dados gramaticais relevantes

A correta compreensão da gramática é essencial à interpretação adequada da passagem. Existem dúvidas sobre questões gramaticais? Períodos, orações ou frases poderiam ser lidos diferentemente se a gramática da passagem fosse interpretada de modo distinto? Você está certo de ter dado o peso correto às nuanças inerentes às conjugações verbais específicas e não apenas às raízes verbais? Pequenas variações na sintaxe podem ocultar alterações significativas no sentido. Todas as estruturas sintáticas da passagem foram claramente entendidas? À luz disso, sua tradução necessita de revisão ou correção? Existem ambigüidades genuínas que impedem a interpretação definitiva de alguma parte da passagem? Se é esse o caso, quais são as opções? A gramática é anômala (não é aquilo que se esperaria encontrar) em algum ponto? Sendo assim, você é capaz de apresentar alguma explicação para essa anomalia? Esteja atento, também, a casos de elipse, assíndeto, prostaxe, parataxe, anacoluto e de outras características gramaticais relacionadas à interpretação (Veja o manual de Soulen — mencionado na Introdução — ou uma boa gramática da língua portuguesa para as definições desses termos).

7.2. Analise a ortografia e a morfologia no que se refere à data e outras afinidades

Todos os textos mais importantes da Bíblia Hebraica apresentam a ortografia (regras da escrita) característica do período persa (pós-exílico), uma vez que os textos selecionados como oficiais pelos rabinos do primeiro século d.C. eram, aparentemente, cópias do período persa. Em muitos lugares, no entanto, traços de ortografias mais antigas são discerníveis (v. Cross e Freedman, *Early Hebrew Orthography* [4.7.2]). A passagem apresenta alguma coisa assim, ou traços de características morfológicas antigas especiais? A morfologia refere-se a partes de palavras que afetam seu significado, como sufixos e prefixos. (Para exemplos, v. David A. Robertson, *Linguistic Evidence in Dating Early Hebrew Poetry.* Scholars Press, 1973). Se é esse o caso, eles poderão auxiliá-lo a descobrir a data ou mesmo a origem geográfica da passagem. Sua presença em outros pontos poderá ajudá-lo a classificar a passagem comparando-a com outras. *N.B.*: O conhecimento do hebraico em nível intermediário é necessário para essa tarefa.

8. DADOS LEXICAIS

8.1. Explique todas as palavras e conceitos que não forem óbvios

Não se esqueça da diferença que existe entre palavra e conceito. Qualquer conceito pode ser expresso por meio de palavras ou fraseados diferentes. Um excelente

lembrete deste ponto é a parábola do Bom Samaritano em Lucas 10. Jesus conta a parábola a fim de demonstrar o significado de amar o próximo como a si mesmo; contudo, a parábola não usa a palavra *amor*, *próximo*, ou *si mesmo* — ainda que sustente com toda a força o *conceito* de amar o próximo como a si mesmo. Da mesma forma, é importante perceber que o propósito da análise dos dados lexicais é compreender individualmente os conceitos da passagem, quer sua expressão se dê pelo uso de uma única palavra, por um grupo de palavras, ou pela forma em que todas as palavras são interligadas numa perícope consistente.

Trabalhe a partir de uma ordem descendente em relação ao tamanho: de períodos inteiros (se for aplicável), passando por orações (se for aplicável) e frases (tais como expressões idiomáticas), até palavras e partes de palavras. Utilizando os diversos recursos disponíveis (v. 4.8), tente definir para o leitor quaisquer conceitos, expressões ou palavras que possam não ser claras, ou cuja importância não é evidente sem que se chame a atenção para elas. Algumas dessas explicações poderão ser breves, enquanto outras poderão ser detalhadas. Nomes próprios quase sempre merecem atenção. O mesmo acontece com expressões idiomáticas, porque, por definição, a expressão idiomática *não pode* ser traduzida literalmente, i.e., palavra por palavra. Quando estiver citando palavras da passagem, use as letras hebraicas ou uma transliteração em itálico das mesmas.

8.2. Concentre a atenção em conceitos, palavras e expressões-chave

Trabalhando a partir de uma ordem descendente em relação ao tamanho, isole o que considerar especialmente significativo ou central para a interpretação da passagem. Faça uma lista de, talvez, seis a doze conceitos, palavras ou expressões. Tente classificá-los em ordem, desde o mais crucial até o menos importante. Focalize a atenção nessa lista, explicando ao leitor a razão de sua importância para a interpretação. O significado de uma passagem é estabelecido a partir do significado de seus conceitos, e quanto mais precisa for a explicação deles, mais compreensível e clara se tornará a passagem.

8.3. Faça "estudos de vocábulos" (na verdade estudos de conceitos) das palavras e fraseados mais importantes

Usando o procedimento descrito em 4.8.3, tente analisar as palavras ou fraseados-chave da passagem (que, dessa forma, não devem ser muitos). Faça um resumo de seus procedimentos e descobertas para o leitor. (A maior parte das informações estatísticas ou metodológicas poderá ser incluída em notas de rodapé.) Não negligencie o(s) significado(s) teológico(s) específico(s) de palavras ou fraseados na ava-

liação dos diversos níveis de significado. Além disso, certifique-se de não estar analisando meramente palavras soltas, mas também combinadas — incluindo combinações separadas às vezes por vocábulos interpostos — porque combinações de palavras também transmitem conceitos. Seja tão indutivo quanto possível, comparando suas conclusões com, e não derivando-as de, dicionários teológicos.

8.4. Identifique características semânticas especiais

A semântica (a relação entre conteúdo e significado) de uma passagem é afetado de forma geral por suas características, tais como: ironia, anáfora, epífora, paronomásia, metonímia, hendíadis, fórmulas, empréstimos, arcaísmos propositais e singularidades etimológicas. Procure por elas, e leve-as à atenção do leitor. Quando possível, demonstre como elas afetam a interpretação.

9. CONTEXTO BÍBLICO

Neste ponto, você deve começar a encadear em sua mente, ainda que de maneira provisória, as descobertas essenciais das seções anteriores com o propósito de focalizar na "mensagem" específica da passagem. Isso deverá ser feito tendo em vista sua relação mais ampla com a mensagem de seu contexto imediato e o contexto mais amplo. Em outras palavras, você não poderá mais dar atenção exclusiva às características individuais de sua passagem. O que importa agora é como a passagem, vista como um todo, insere-se no corpo de verdades mais amplo.

Poderá ser útil resumir o que você considera ser a mensagem do texto: sua(s) lição (lições) principal (principais); características essenciais, implicações indubitáveis etc. Esse tipo de resumo é necessariamente provisório, mas ajuda a focalizar a atenção no significado bíblico e teológico da passagem. Os três procedimentos a seguir têm como objetivo auxiliá-lo a progredir no que diz respeito às conexões da passagem com o restante das Escrituras. Os três outros, no Passo 10, deverão ajudá-lo a relacionar a passagem à disciplina mais geral da teologia dogmática.

9.1. Analise o uso da passagem em outras partes da Bíblia

A passagem, ou parte dela, é citada, ou aludida, em outro lugar na Bíblia? Como? Por quê? Se aparece mais de uma vez, como e por que isso ocorre, e quais são as diferenças? O que a referência da passagem em outro lugar indica sobre o modo como ela era intepretada? Se ela é aludida, como essa alusão lança luz sobre como ela era entendida no contexto onde a alusão é encontrada? Se a passagem é citada, como as circunstâncias nas quais ela é citada ajudam na interpretação da

mesma? O simples fato de que uma porção de uma passagem é citada em outro lugar nas Escrituras pode dizer muito sobre seu pretendido impacto, sua singularidade, sua natureza teologicamente fundamental ou coisa parecida.

9.2. Analise a relação entre esta passagem e o restante da Bíblia

Qual é o papel da passagem no que diz respeito à dogmática (i.e., ao ensinar ou transmitir uma mensagem) na seção, livro, divisão, Testamento, Bíblia — nessa ordem? A passagem tem alguma relação especial com algum escrito apócrifo ou pseudepigráfico? Como a passagem, ou seus elementos, compara-se com outros textos que versam sobre os mesmos tipos de assunto? Em que ela se assemelha ou de que forma se distingue? Pode ser necessário lidar com essas questões em vários pontos da passagem se, em sua avaliação, as diversas partes fizerem afirmações individuais. Entretanto, o objetivo primário é considerar a mensagem do texto como um todo à medida em que ela se encaixa na revelação bíblica geral.

9.3. Analise a relevância da passagem para a compreensão da Bíblia

O que depende dessa passagem em outra parte? Que outros elementos nas Escrituras ajudam a torná-la compreensível? Por quê? Como? A passagem afeta o significado ou o valor de outros textos das Escrituras de modo a ir além de aspectos literários ou históricos? A passagem se refere a questões tratadas da mesma maneira — ou de modo distinto — em outros lugares na Bíblia? A passagem existe primariamente para reforçar o que já se sabe de outras partes da Escritura, ou ela faz uma contribuição especial? Suponha que a passagem não estivesse na Bíblia. O que estaria perdido ou em que proporção a mensagem da Bíblia estaria menos completa se a passagem não existisse?

10. TEOLOGIA

10.1. Localize a passagem teologicamente

Qual é o lugar da passagem no contexto de todo o *corpus* da revelação que compreende a teologia (a dogmática) cristã? Em que aliança ela se enquadra? Há aspectos da passagem limitados em parte, ou no todo, à antiga aliança como, por exemplo, certas práticas sacrificiais cúlticas ou regras a respeito das responsabilidades tribais? Se assim for, a passagem permanece relevante como exemplo histórico do relacionamento de Deus com seres humanos, ou como indicativo de padrões, santidade, justiça, imanência, transcendência, compaixão etc. divinos? (A razão pela qual a teologia se chama teologia reflete o fato de que à medida que se conhece a Deus,

mais bem conhecida se torna a vida, conhece-se quais verdades e práticas são essenciais ou importantes, e quais valores nos protegem mais contra a desobediência a Deus. É possível o conhecimento a respeito de Deus a partir do pacto estabelecido por Deus com Israel, mesmo que diversos aspectos desse pacto tenham sido suplantados pela nova aliança.) A passagem se relaciona a preocupações teológicas muito mais amplas, que abrangem ambas as alianças e não estão restritas a nenhuma delas? Com que doutrina(s) a passagem se relaciona? Tem ela relevância em potencial para as concepções doutrinárias clássicas sobre Deus, a humanidade, anjos, pecado, salvação, a Igreja, escatologia etc.? A passagem se relaciona a essas áreas de doutrina por causa de seu vocabulário ou tema, ou, talvez, por causa de algo menos explícito? (Uma passagem que mostra a natureza do amor de Deus para conosco pode não mencionar amor, Deus ou nós diretamente.)

10.2. Identifique os tópicos específicos levantados e resolvidos pela passagem

Vá além das áreas gerais de doutrina tocadas pela passagem e identifique os assuntos específicos. Quais são, de fato, os problemas, as bênçãos, preocupações, confidências etc., a respeito dos quais a passagem tem algo a dizer? De que forma a passagem aborda tudo isso? Com que clareza eles são tratados na passagem? A passagem levanta dificuldades aparentes para algumas doutrinas, enquanto resolve outras? Se é esse o caso, tente lidar com essa situação de maneira sistemática e também de forma a auxiliar os seus leitores.

10.3. Analise a contribuição teológica da passagem.

O que a passagem contém que contribui para a solução de questões doutrinárias ou apóia soluções oferecidas em outras partes das Escrituras? Qual é o grau de contribuição da passagem? Até que ponto você pode ter certeza de que a passagem, adequadamente entendida, tem o significado teológico que propõe atribuir a ela? Sua abordagem concorda com a de outros estudiosos ou teólogos que ocuparam-se da mesma passagem? Como a passagem se conforma teologicamente com todo o sistema de verdade contido na teologia cristã? (É uma pressuposição básica e de fato necessária que uma teologia adequada deve ser totalmente coerente e não ambígua.) Como essa passagem se encaixa no quadro teológico mais amplo? De que forma ela pode ser importante exatamente para esse quadro? Ela serve para contrabalançar ou corrigir alguma posição teológica questionável ou extremada? Há alguma coisa sobre a passagem que não parece se relacionar facilmente a alguma expressão particular da teologia cristã? (Lembre-se: as Escrituras são

mais importantes e os sistemas teológicos são secundários.) Que soluções pode oferecer, mesmo que de maneira provisória, para qualquer problema? Se não existir uma solução facilmente aplicável, qual seria a razão? Seria porque a passagem é obscura, ou porque você não tem suficiente conhecimento sobre o assunto, ou porque as suposições e especulações necessárias talvez fossem muitas para serem convincentes? A Bíblia contém algumas coisas que, de uma perspectiva humana, parecem difíceis de compreender, ou até mesmo paradoxais. A passagem lida com uma área em que há muitas coisas desconhecidas que dificultam a decisão sobre a sua contribuição teológica? Se é esse o caso, o leitor merece ser avisado sobre isso, mas de maneira construtiva. Faça todo o possível para extrair da passagem o seu valor teológico, mas não force o texto para introduzir nele ou extrair dele algo que lhe seja estranho.

11. A LITERATURA SECUNDÁRIA

11.1. Investigue o que outras pessoas disseram sobre a passagem

Embora tenha consultado comentários, gramáticas e muitos outros livros e artigos no processo de completar os dez passos anteriores, você deverá agora empreender uma pesquisa mais sistemática da literatura secundária aplicável à sua exegese. Para que a exegese seja o *seu* trabalho, e não meramente um compêndio daquilo que os outros pensam, é sábio fazer suas próprias reflexões e chegar a conclusões próprias, o tanto quanto for possível, antes deste passo. Caso contrário, não estará fazendo exegese da passagem, mas avaliando as exegeses dos outros, garantindo, assim, que não irá além do que os outros alcançaram.

Agora, porém, é apropriado perguntar o que vários eruditos pensam sobre a passagem. Que observações eles fizeram que você não notou? O que eles disseram a mais do que você? O que eles privilegiaram? Você é capaz de apontar que colocações feitas por eles são questionáveis ou erradas? Se na sua opinião outros comentaristas estão incorretos, chame atenção para isso usando notas de rodapé para diferenças menores e o corpo do trabalho para as mais significativas. Note bem: Como regra, considera-se mais convincente discordar de um estudioso se você lhe tiver anteriormente recomendado pelas idéias dele sobre a passagem com as quais você concorda, e prefira usar de modéstia ao escrever sobre suas próprias conclusões.

11.2. Compare e faça ajustes

As conclusões de outros estudiosos contribuíram para que mudasse a sua análise de alguma forma? Eles abordam a passagem ou algum de seus aspectos de forma

mais incisiva, ou que conduza a um conjunto de conclusões mais satisfatório? Eles organizam a exegese de modo melhor? Eles dão atenção a implicações que você nem mesmo considerou? Eles complementam algo que você mesmo descobriu? Se é esse o caso, não hesite em revisar as suas conclusões ou procedimentos nos passos de 1 até 10, não esquecendo de dar o crédito onde necessário. Contudo, não se sinta na obrigação de cobrir em sua exegese tudo o que os outros cobriram. Rejeite aquilo que não parece relevante e limite o que parece desproporcional. É você quem decide, não eles.

11.3. Aplique as descobertas ao seu trabalho

Não inclua em seu trabalho uma divisão com seus achados da literatura secundária. Não imagine esse passo resultando num bloco independente de material da exegese. O Passo 11 é, em outras palavras, um passo no processo de pesquisa, mas não no produto escrito final. Seus achados devem produzir acréscimos ou correções, ou ambos, em diversos pontos ao longo de sua exegese. Verifique se uma mudança ou acréscimo em algum ponto não contradiz afirmações feitas em outros lugares do seu trabalho. Leve em conta as implicações de todas as mudanças. Por exemplo, se ajustar sua análise textual (Passo 1) com base em sua avaliação de alguma coisa na literatura secundária, como isso influenciará a tradução, as informações lexicais e outras partes da exegese? Tenha como alvo a coerência e a uniformidade globais. Isso afetará consideravelmente a habilidade do leitor de avaliar suas conclusões. Dê o crédito devido às fontes secundárias em notas de rodapé e na bibliografia.

12. APLICAÇÃO

Todos concordam que a exegese procura determinar o significado de uma passagem das Escrituras. Muitos exegetas acreditam, porém, que sua responsabilidade termina com o passado: a exegese é a tentativa de descobrir o que o texto *significou*, não o que ele significa *hoje*. Estabelecer limites tão arbitrários à exegese é insatisfatório por três razões. Primeiro, ignora o motivo principal pelo qual a maioria das pessoas se envolve com exegese ou está interessada nos resultados da mesma: Elas desejam ouvir e obedecer à palavra de Deus que se encontra no texto. Em outras palavras, quando divorciada da aplicação, a exegese é um exercício intelectual vazio. Segundo, tem em vista apenas um aspecto do significado — o histórico —, como se as palavras de Deus fossem dirigidas apenas para gerações específicas, e não para todos nós e, também, para aqueles que virão depois de nós. As Escrituras são *nossas* Escrituras, não somente as Escrituras dos

antigos. Por último, deixa no âmbito da subjetividade a interpretação existencial pessoal ou coletiva, bem como o uso da passagem em geral. O exegeta que chegou a uma compreensão boa da passagem recusa-se a auxiliar o leitor ou ouvinte naquele ponto em que o seu interesse é mais agudo. O exegeta deixa a função-chave — a reação à exegese — completamente a cargo do leitor ou ouvinte, o qual sabe menos da passagem. É evidente que o exegeta não pode controlar o que o leitor fará em resposta à passagem. Mas o exegeta pode, e deve, fazer o melhor possível a fim de definir as áreas nas quais uma resposta fiel será encontrada. Além disso, ele deverá sugerir, se necessário, áreas de resposta que a passagem pode parecer apontar superficialmente, mas que não são justificadas pelos resultados da exegese.

Tomar decisões sobre a aplicação é mais uma arte do que ciência; é algo qualitativo, não quantitativo. Apesar disso, os passos a seguir o ajudarão a isolar as questões aplicáveis da passagem de modo sistemático. Também ampliarão as possibilidades de relacionar essas questões de modo adequado com as pessoas ou grupos a quem a exegese deveria beneficiar. A aplicação deve ser tão rigorosa, completa, justa e analiticamente correta quanto qualquer outro passo no processo da exegese. Ela não pode ser anexada ao restante da exegese como um tipo de reflexão posterior de caráter espiritual. Além disso, se ela quiser ser convincente, deve refletir com cuidado os dados da passagem. Seu leitor precisa perceber como você derivou a aplicação como o estágio natural e final de todo o cuidadoso processo de estudo analítico (exegese) da passagem.

A subjetividade é o inimigo primário da boa aplicação. Quando alguém pensa que pode extrair para si mesmo uma aplicação relevante, mas não para os outros, ou que se trata de algo exclusivo da passagem, sem aplicação para textos semelhantes, a probabilidade dessa interpretação possuir coerência lógica é reduzida e sua exatidão fica ameaçada.

A objetividade na aplicação é mais bem assegurada por obedecer ao tipo de processo sistemático esboçado a seguir. Veja também (na p. 201) a lista dos erros hermenêuticos mais comuns que ameaçam a exatidão da aplicação apropriada.

12.1. Aliste os assuntos que dizem respeito à vida

Uma das chaves para a aplicação apropriada de uma passagem é a comparação de assuntos que dizem respeito à vida. Para aplicar uma passagem, você precisa decidir quais são os seus assuntos centrais e quais deles são apenas secundários. Em outras palavras, que aspectos da vida são a real preocupação da passagem? Você deve tentar estabelecer quais questões são ou não ainda relevantes na vida das pessoas hoje. O que "eu" ou "nós" encontramos hoje que é semelhante, ou pelo menos muito próximo, àquilo de que a passagem trata? Os assuntos relacio-

nados à vida vão surgir tanto das informações exegéticas como a partir de seu próprio conhecimento do mundo.

Identifique, primeiro, todos os assuntos relacionados à vida que potencialmente estão incluídos na passagem. Depois, identifique os assuntos que são transferíveis, da passagem para a situação atual, utilizando os passos a seguir a fim de fazer a transferência de modo preciso. Naturalmente, o público a quem se destina a exegese poderá ter influência na forma como você isola os assuntos, mas ele não deve ter o poder de alterar os assuntos.

12.2. Esclareça a natureza da aplicação (ela informa ou orienta?)

As aplicações poderão ser de dois tipos: as que *informam* o leitor e aquelas que *orientam* o leitor. Uma passagem que descreve alguns aspectos do amor de Deus pode ser considerada, basicamente, informativa. Uma passagem que exorta o leitor a amar a Deus de todo o coração possui o objetivo de orientar. Obviamente há considerável sobreposição entre informar e orientar, e uma passagem pode conter elementos que são, ao mesmo tempo, informativos e orientadores. Apesar disso, a força de sua aplicação será tanto mais clara e mais específica se dividir sua aplicabilidade dessa forma, pelo menos provisoriamente. Primeiro, inclua todas as possibilidades, sabendo que descartará algumas ou a maioria delas depois de mais análise. Cuidado: passagens narrativas geralmente não ensinam nada diretamente; ao contrário, elas ilustram o que é ensinado diretamente em outros lugares.

12.3. Esclareça as possíveis áreas de aplicação (fé ou ação)

As aplicações podem se inserir em duas áreas gerais: *fé* e *ação*. Na prática, fé e ação deveriam ser inseparáveis — um cristão genuíno não deveria exibir uma sem a outra. Entretanto, embora devam permanecer juntas na vida do cristão, fé e ação são, ainda assim, distintas. Portanto, uma determinada passagem, parcial ou totalmente, poderá se concentrar mais em uma área do que na outra. Assim, tente determinar as áreas de aplicação em potencial para o material contido na passagem, procurando dividi-las nas categorias da fé e da ação. Inclua o que puder inicialmente; rejeite e descarte posteriormente.

12.4. Identifique os ouvintes da aplicação

Há dois públicos-alvo para quem a aplicação poder ser direcionada: o pessoal e o coletivo. O que na passagem dá informação ou direção a respeito da fé ou da ação a indivíduos? O que é direcionado a grupos ou estruturas corporativas? Se uma diferenciação dessas não pode ser feita, qual seria a razão?

Se uma passagem informa ou orienta indivíduos, que tipo de indivíduos são eles? Cristãos ou não-cristãos? Leigos ou clérigos? Pais ou filhos? Poderosos ou pessoas comuns? Arrogantes ou humildes? Desesperados ou confiantes? O que na passagem esclarece esse ponto? Como a passagem aborda os destinatários de sua informação ou orientação? Se a passagem informa ou orienta grupos ou entidades corporativas, de que tipo são elas? Igreja? Nação? Clero? Uma profissão? Uma estrutura social? Uma família? Pessoas intimamente ligadas? Inimigos declarados? Algum outro grupo ou uma combinação de grupos?

12.5. Determine as categorias da aplicação

A aplicação é direcionada a questões de natureza prioritariamente pessoal ou interpessoal? Temas relacionados ao pecado, ou talvez à dúvida, ou à piedade? Ao relacionamento entre Deus e o povo? A preocupação é social, econômica, religiosa, espiritual, familiar, financeira etc.?

12.6. Determine a época a ser focalizada na aplicação

A passagem convida, primordialmente, ao reconhecimento de um fato do passado? Ela prevê fé ou ação no tempo presente? A passagem focaliza, principalmente, o futuro? A aplicação envolve uma combinação de "épocas"? Existe uma preocupação pela ação imediata? Ou o que é exigido é mais questão de resposta firme durante um longo período? O tempo da aplicação depende da natureza do público ou de algum outro fator?

12.7. Estabeleça os limites da aplicação

É muitas vezes tão útil explicar como uma passagem não pode ser aplicada quanto explicar como pode. A passagem propicia uma reação que possa ser mal-compreendida ou levada para além dos limites? Se é esse o caso, como é capaz de determinar o que é ir além dos limites? A passagem sugere uma aplicação secundária em vez de fundamental? Ou seja, a passagem serve mais como pano de fundo ou apoio, ou como parte de uma outra passagem, talvez mais ampla, que convida à aplicação de forma mais incisiva do que esta passagem? A passagem é uma de várias que juntas servem para sugerir uma determinada aplicação que nenhuma delas iria sugerir individualmente? Existem aplicações que, à primeira vista, parecem apropriadas à passagem, mas que, depois de um estudo mais cuidadoso, não são? Se é esse o caso, identifique brevemente para o leitor essas aplicações e apresente o seu raciocínio. A passagem tem uma aplicação dupla como, por exemplo, certas passagens messiânicas, que têm uma aplicação com referência imediata e outra com referência de longo

prazo? Se é esse o caso, são ambas aplicações de igual peso hoje? Eram de igual peso quando a passagem foi primeiramente falada ou escrita?

Como regra geral, é provavelmente mais aconselhável limitar as aplicações em potencial tanto quanto possível. Raras são as passagens que sugerem diversas aplicações, todas com igual relevância e viabilidade. Procure decidir qual é *a* aplicação mais central de sua passagem, e que procede mais naturalmente da mesma. Se estiver absolutamente convencido de que a passagem exige mais do que uma aplicação, pelo menos tente classificá-las em ordem de universalidade de aplicação ou urgência de aplicação. Lembre-se: não é sua responsabilidade discutir todos os modos possíveis como a passagem poderá atingir a imaginação do leitor ou ser usada por ele. Ao contrário, sua responsabilidade é informar o leitor sobre o que a passagem sugere ou indica *por si mesma* em termos de aplicação. Se a passagem é muito breve ou específica de modo que não consiga sugerir uma aplicação para ela (mesmo como parte de um todo maior), seria mais sábio não indicar aplicação alguma do que sugerir uma que não seja razoável. Sem dúvida, uma aplicação deve derivar demonstravelmente dos dados da passagem e não das noções preconcebidas às quais a passagem é então forçada a se conformar.

PASSANDO DO ESBOÇO PARA O TRABALHO ESCRITO

Depois de concluir a pesquisa passo a passo, você naturalmente se preocupará em organizar os resultados num formato que os apresente de modo eficaz ao leitor.

Existem diversos formatos aceitáveis. Se algum deles for especificado pelo seu professor ou editor, você obviamente vai usá-lo. De outra maneira, pode considerar o uso de uma das três opções mais comuns. A primeira é o formato de tópico, que procede de modo muito semelhante aos doze passos vistos acima. Nesse formato, porém, você rearranjará as seções e cabeçalhos, fazendo-os combinar, expandir ou se ajustar àquilo que sente ser a melhor maneira de chamar a atenção do leitor ao material da passagem. A segunda é o formato de comentário, que trata da passagem mais ou menos versículo a versículo, dispondo as informações e conclusões relevantes à medida em que estas se aplicam a partes específicas da passagem, não excluindo seções adicionais apropriadas, tais como introduções, excursos e resumos. A terceira é o formato unitário, no qual a passagem é discutida numa maneira relativamente livre, sem um esboço estritamente sistemático e metódico, com ou sem o emprego de divisões, subdivisões, cabeçalhos etc., que sejam formalmente identificados.

Qualquer um desses formatos — e muitos outros — podem servir bem para você. Não tenha receio de ser inovador, desde que o formato que escolher ajude o leitor a perceber, o mais intensamente possível, o impacto de suas descobertas.

2



A exegese e o texto original

O propósito deste capítulo é ajudá-lo a ter uma idéia mais clara do processo da exegese, apresentando ilustrações de como certas partes desse processo poderão funcionar em várias passagens do AT. Um bom número de passagens é usado de modo seletivo — algumas vezes, mais do que uma para determinado passo exegético —, a fim de proporcionar-lhe uma exposição à rica diversidade de material no AT. Portanto, você não verá a cobertura exegética sistemática de nenhuma passagem em particular. Para obter exemplos disso, os comentários exegéticos recentes e técnicos, como a série *Word Biblical Commentary*, ou a série *Hermeneia* (v. 4.11.4), serão úteis, como também, ocasionalmente, artigos exegéticos em periódicos tais como *Interpretation* (4.11.2).

Mesmo quem não lê hebraico perceberá que o conteúdo deste capítulo é útil e, e em geral, inteligível. Para os que conhecem hebraico, a consulta regular à *BHS* é essencial para a apreciação dos contextos mais amplos dos quais os trechos escolhidos deste capítulo são tirados.

Por conveniência, as divisões deste capítulo correspondem àquelas do capítulo 1. Nem todos os passos exigem uma ilustração; mas, quando isso for útil, pelo menos uma ilustração será oferecida. Ilustrações mais longas ou múltiplas serão apresentadas quando esclarecerem o processo exegético.

1. O TEXTO

1.1. Confirmando os limites da passagem

Existem dois recursos aos quais poderá recorrer a fim de conseguir ajuda imediata para confirmar os limites de uma passagem: (1) o próprio texto hebraico na *BHS* ou *BH3*, e (2) praticamente qualquer tradução moderna. O que deve ser examinado aqui é a paragrafação delas. No caso do texto hebraico, o material bíblico é arranjado em forma de parágrafos por meio de variação na endentação na margem direita. Quando muda o local da margem, seja por avançar para o meio da

página seja por recuar mais para a margem direita, isso sinaliza a opinião do editor de que uma nova seção lógica começou. No caso das versões modernas, a endentação simples da primeira palavra em uma oração indica um novo parágrafo. Ao examinar o arranjo da passagem, de preferência tanto em hebraico como em português, logo poderá perceber se sua própria tentativa de identificar uma passagem condiz ou não com a avaliação desses eruditos quanto ao agrupamento natural do conteúdo.

As decisões sobre paragrafação são, às vezes, subjetivas. Assim, notará que os diversos agrupamentos de conteúdo feitos pelos editores nem sempre concordam entre si. Entretanto, se decidir iniciar a passagem onde nenhum editor começou um parágrafo, ou encerrar sua passagem onde ninguém terminou um parágrafo, será sua a responsabilidade de justificar integralmente a decisão de selecionar ou configurar a passagem desse modo.

1.2. Comparando as versões

Para analisar as muitas versões do AT, você precisa verter cada uma delas de volta para o hebraico, pelo menos até o ponto de ser capaz de dizer se refletem ou não o TM. Como esse processo pode ser complicado, será útil fazer uma tabela com todas as versões alistadas, linha por linha, facilitando a comparação das leituras. Lembre-se de comparar as palavras das versões da passagem inteira. Se você consultar as versões somente quando o TM for problemático, você deixará de observar todas as variantes resultantes da corrupção do TM, as quais eram óbvias, mas que, depois, foram abrandadas e reescritas num hebraico mais legível (mas não necessariamente original) por escribas bem intencionados do passado.

A comparação palavra por palavra no caso de 1Samuel 20.32 (para o qual existe uma versão dos escritos de Cunrã) ficará parecida com a tabela na página seguinte.

Você poderá ver facilmente como as versões se comparam, ao escrever o hebraico do TM, da direita para a esquerda (de acordo com a estrutura semítica), alistando diretamente abaixo deste as versões selecionadas (incluindo a *LXX*). Na tabela, os parênteses são um modo conveniente de indicar que tanto o texto de Cunrã como a *LXX* omitem qualquer equivalência a אליו, do TM, sugerindo que essa palavra seja uma expansão (nesse caso, um acréscimo explicativo) no TM. A *LXX*, no entanto, também omite qualquer correspondência aos termos אביו ויאמר do TM e de Cunrã. Talvez isso reflita uma haplografia (a perda de algo que estava presente) no texto hebraico usado pelo tradutor da *LXX*. A *Peshita* e o *Targum*, como geralmente fazem, seguem o TM. A *Vulgata*, como é típico, segue

o TM. (A *Peshita*, o *Targum* e a *Vulgata* são muito menos freqüentemente reais testemunhas "independentes" de um original que difere do TM do que é a *LXX*. Mesmo os manuscritos de Cunrã, escritos em hebraico, demonstrarão com mais freqüência seu caráter independente do TM hebraico que a *Peshita*, o *Targum* e a *Vulgata*.)

Incluímos, na tabela da próxima página, a tradução em português de acordo com a ordem das palavras no hebraico. Você poderá achar útil fazer isso, pelo menos pelo menos enquanto você está começando a aprender o método. Poderá também incluir a tradução em português sob qualquer palavra diferente do TM que as versões trouxerem, especialmente se tiver dificuldade em traduzir instantaneamente as várias versões! Consulte o livro de Brotzman, *Old Testament Textual Criticism: A Pratical Introduction*, ou de Tov, *Textual Criticism of the Hebrew Bible*, ou ainda, *Textual Criticism: Recovering the Text of the Hebrew Bible*, de McCarter (v. 4.1.2) para consultar exemplos e explicações dos princípios envolvidos na decisão sobre qual versão reflete melhor o original.

1.3. Reconstruindo o texto, fazendo anotações

Damos aqui dois exemplos para ilustrar o processo de reconstrução e anotação do texto. Muitas vezes uma passagem não exigirá nenhuma reconstrução. Depois de comparar as versões, você poderá concluir que a passagem preserva adequadamente o original da maneira impressa na *BHS* ou *BH3* (ambas contêm o texto do *Códice de Leningrado*, de 1008 d.C.). Mas, quando as versões antigas discordam muito entre si, você deve tentar determinar como essa discordância surgiu. Isto é, tente estabelecer que palavras originais dariam melhor base para as leituras divergentes atuais. Isso significa trabalhar no sentido inverso, a partir do que está presente nas várias versões antigas até o que, teoricamente, deveria constar do texto original.

Centenas de diferenças de tradução entre as versões modernas do AT em português e em outras línguas provêm, simplesmente, de reconstruções do texto hebraico feitas pelos tradutores. Nenhuma versão moderna segue servilmente o texto hebraico da *BHS* ou da *BH3*. Todos os tradutores modificam o texto quando concluem que a evidência das versões antigas aponta para um texto hebraico original diferente do preservado no *Códice de Leningrado*. Desse modo, eles freqüentemente traduzem em português a partir de um texto hebraico *reconstruído*. Assim, você deveria saber alguma coisa a respeito de como se reconstrói um texto, mesmo que seja só para entender por que as versões modernas fizeram o que fizeram. Os exemplos a seguir devem ajudar.

1Samuel 20.32

TM	וַיַּעַן	יְהוֹנָתָן	אֶת שָׁאוּל	אָבִיו
	E respondeu	Jônatas	a Saul	seu pai
Cunrã	[Faltam as 2 primeiras linhas]		"	"
LXX	καὶ ἀπεκρίθη	Ιωναθαν	τῷ Σαουλ	( )
(TM) *Peshita*	" "	"	" "	"
(TM) *Targum*	" "	"	" "	"
(TM) *Vulgata*	" "	"	" "	"

וַיֹּאמֶר	אֵלָיו	לָמָּה	יוּמַת	מֶה	עָשָׂה:
e disse	a ele	Por que	deve ele morrer?	O que	ele fez?
"	( )	"	"	"	"
( )	( )	ἵνα τί	ἀποθνῄσκει;	τί	πεποίηκεν;
"	"	" "	"	"	"
"	"	" "	"	"	"
"	"	" "	"	"	"

Reconstruindo dois nomes hebraicos: Josué 7.1

A comparação cuidadosa das versões antigas confirma o alerta, de forma abreviada, das notas textuais 1[a] e 1[b] da *BHS* . Ou seja, o hebraico (TM)

עָכָן בֶּן־כַּרְמִי בֶן־זַבְדִי

é, possivelmente, o resultado de um erro de cópia em algum ponto da longa história da transmissão do texto de Josué. Para o nome עָכָן (Acã), você verá que certo número de textos importantes da LXX (grego), bem como da *Peshita* (siríaco), têm o equivalente עָכָר (Acar), que é a forma do nome em 1Crônicas 2.7. Além disso, o nome do avô dessa pessoa, זַבְדִי (Zabdi), em hebraico, é traduzido por um número importante de textos da LXX como o equivalente de זִמְרִי (Zimri), a forma do nome também em 1Crônicas 2.6.

Qual dos dois é o correto: Acã, neto de Zabdi, ou Acar, neto de Zimri? Três considerações o ajudarão a decidir. Primeiro, lembre que a evidência do texto grego (LXX) deve ser levada muito a sério (v. 4.1.3 para comentários adicionais sobre o valor da LXX em relação ao TM). Isso faz com que a escolha seja, pelo menos, entre duas possibilidades. O apoio evidencial da *Peshita* para o primeiro nome confere-lhe ainda maior peso. Segundo, observe que as leituras comparativas em Crônicas são evidência bastante forte para os nomes Acar e Zimri, respectivamente. Por quê? Porque o cronista, escrevendo muito depois do livro de Josué estar completo, refletiria uma leitura independente dos nomes. Não temos evidência de que o cronista teria alterado um nome. Ao contrário, temos muitas evidências de que sua preocupação com genealogias precisas poderia preservar um nome mais acuradamente do que até o livro de Josué o faria. Terceiro, veja que a passagem destaca um artifício mnemônico, um jogo de palavras pelo qual os israelitas lembrariam o vale onde Acã/Acar foi apedrejado. Eles o chamaram (Js 7.26) עֵמֶק עָכוֹר, Vale da Desgraça, sendo que a palavra para desgraça (עָכוֹר, Acor) tem as mesmas consoantes de Acar, mas não as de Acã.

Você precisará apresentar essa evidência e o seu arrazoado (breve ou longo, dependendo da extensão do trabalho) a favor da originalidade de Acar e Zimri, em anotações ao texto que deverá ser impresso em seu trabalho. Se usar colchetes, forma recomendada no capítulo 1, terá o seu texto reconstruido da seguinte forma:

וַיִּקַּח עָכ<ר>[a] בֶּן־כַּרְמִי בֶן־זִ<מְר>י[b]

As letras sobrescritas [a] e [b] alertarão o leitor para olhar as explicações de reconstruções textuais nas anotações que você fez.

Reconstruindo um termo comum: 1Samuel 8.16

Perto da metade do versículo, o hebraico (TM) lê:

וְאֶת־בַּחוּרֵיכֶם הַטּוֹבִים

e vossos melhores/seletos jovens

O exame cuidadoso das versões antigas revelará, porém, que o grego (*LXX*) traz nesse mesmo lugar

τὰ βουκόλια ὑμῶν τὰ ἀγαθὰ
vosso melhor/seleto gado

Qual era o original: "gado" ou "jovens", ou nenhum dos dois? Como decidir? Primeiro, seguindo o mais básico princípio de crítica textual (explicado em qualquer obra de crítica textual citada em 4.1.2), você tentará determinar que palavras no original teriam produzido, ao longo da história de cópia e transmissão da passagem, tanto "jovens," no hebraico, como "gado", no grego. Para fazer isso, traduza o grego de volta para o hebraico, pois a leitura original era hebraica, não grega. Aqui, ao consultar Hatch e Redpath, *A Concordance to the Septuagint* (v. 4.8.2), você verificará de imediato que βουκόλια é como a LXX freqüentemente traduz o hebraico בָּקָר, gado.

Agora, restam apenas dois passos. Primeiro, compare בָּחוּר com בָּקָר. As palavras são iguais, exceto pela consoante do meio, ח ou ק. A vogal *shureq* (וּ), embora escrita com *waw*, é somente uma vogal e representa uma decisão sobre a vocalização que os copistas fizeram muito tempo depois de 1Samuel ter sido escrito (cf. Cross e Freedman. *Early Hebrew Orthography* [4.7.2]). Que palavra original teria sugerido as leituras בקר e בחר? Sua resposta é בָּקָר, "gado". O ח de בחר é, provavelmente, um erro de cópia. Segundo, você confirmará sua decisão pela análise do contexto. Depois de "escravos" e "escravas" (um par lógico), "jovens" e "jumentos" dificilmente combinam. Mas, "gado" e "jumentos" (outro par lógico) certamente combinam.

Por último, faça um apanhado final da evidência e de sua argumentação para o leitor, seja qual for a extensão apropriada para o seu trabalho. O texto reconstruído será assim:

וְאֶת־בְּ<קָ>רֵיכֶם[a] הַטּוֹבִים

O [a] direcionará o leitor para a anotação, i.e., o resumo da evidência textual e a explicação nas notas de rodapé.

1.4. Colocando a passagem em forma versificada

A fim de economizar espaço, tanto a *BHS* como a *BH3* dispõem a poesia de forma que parelhas de versos paralelas (*bicolon*) ou tercetos paralelos (*tricolon*) apareçam na mesma linha impressa. No entanto, na exegese é melhor alistar cada parte da linha dupla ou tripla separadamente. Assim, a correspondência entre as linhas poéticas paralelas torna-se mais evidente.

A seguir, temos Números 23.8-9 versificado desta maneira:

Como posso amaldiçoar	8מָה אֶקֹּב לֹא קַבֹּה אֵל
a quem Deus não amaldiçoou?	
E como posso denunciar	וּמָה אֶזְעֹם לֹא זָעַם יהוה
a quem Javé não denunciou?	
Pois do topo das montanhas	9כִּי־מֵרֹאשׁ צֻרִים אֶרְאֶנּוּ
eu o vejo,	
E das colinas eu o contemplo.	וּמִגְבָעוֹת אֲשׁוּרֶנּוּ
Veja, o povo habita sozinho	הֶן־עָם לְבָדָד יִשְׁכֹּן
E entre as nações	וּבַגּוֹיִם לֹא יִתְחַשָּׁב
ele não se conta	

A partir desse arranjo é muito mais fácil perceber que a parelha de versos no v. 8 é um paralelismo sinonímico simples, palavra por palavra, enquanto as parelhas no v. 9 representam paralelismos sinonímicos mais complicados.

A propósito, a não ser que pretenda analisar o sistema melódico medieval dos massoretas, ou contar seus acentos (poéticos) como uma maneira simples de analisar a métrica de um poema (v. as introduções à *Massorá* de Kelley ou Ginsburg em 4.1.2 para encontrar auxílio, se achar necessário), não há por que incluir os acentos no seu texto escrito.

2. A TRADUÇÃO

O propósito das ilustrações a seguir é incentivá-lo a fazer a sua própria tradução de uma passagem, em vez de simplesmente utilizar as traduções das principais versões modernas. Todos estes breves exemplos são de frases hebraicas relativamente simples que, ainda assim, não são sempre traduzidas de forma clara e adequada.

Que direito você tem de discordar das traduções produzidas por "especialistas"? Você tem todo o direito! Considere os seguintes fatos: Todas as traduções modernas (e todas as antigas também) foram feitas ou por comissões que trabalham

contra o tempo, ou por indivíduos que não podiam conhecer tão bem a Bíblia toda, no original, de modo a produzirem traduções impecáveis em cada parte. Além disso, no mercado atual de publicação de bíblias, quanto mais "diferente" for a tradução, tanto maior é o risco de ser rejeitada e não vender. Assim, há uma pressão sobre os tradutores, as comissões, os editores etc., para que suas traduções sejam conservadoras no significado, embora normal, e felizmente, sejam apresentadas em linguagem atualizada. Por fim, a maioria das pessoas detesta ficar isolada com uma tradução diferente da Bíblia. Muitos problemas de tradução são questões de ambigüidade: há mais de uma maneira de interpretar o original. Contudo, as limitações de espaço não permitem que os tradutores ofereçam uma explicação cada vez que desejarem traduzir algo do original de um modo completamente novo. Conseqüentemente, eles quase sempre erram, pendendo para o lado da cautela. Como resultado, todas as traduções modernas são, apesar de bem intencionadas, exageradamente "seguras" e tradicionais. No trabalho de uma comissão de tradução, o gênio solitário é, normalmente, derrotado pela maioria cautelosa.

Portanto, não raras vezes, você poderá fazer uma tradução melhor do que outros fizeram, pois pode investir muito mais tempo trabalhando exegeticamente numa passagem do que tradutores ou comissões de tradução puderam fazer por causa da velocidade em que foram levados a trabalhar. Além do mais, estará escolhendo uma tradução mais adequada para o seu leitor em particular, em vez de para todo mundo que fala o português. Lembre-se: Uma palavra não possui um significado individual, mas um *conjunto de significados*. Escolher a partir de um conjunto de significados é, freqüentemente, subjetivo; deve ser algo que *você* faz para o benefício de seu público, em vez deixar isso inteiramente para outras que não conhcem o seu público e precisam traduzir estritamente para as massas. Felizmente, num trabalho exegético você poderá explicar de modo breve para o seu leitor, nas anotações relativas à sua tradução, suas opções e as razões de escolher determinada palavra em português. Aqueles que trabalharam nas várias versões, antigas ou modernas, não tiveram essa oportunidade.

2.1. Uma tradução que esclarece o comportamento de um profeta: Jonas 1.2

וּקְרָא עָלֶיהָ כִּי־עָלְתָה רָעָתָם לְפָנָי

A tradução comum para a parte final do versículo é mais ou menos a seguinte: "clame contra ela, pois a sua maldade subiu até diante de mim". Essa tradução, porém, tem sido sempre problemática. Ela representa apenas uma maneira de traduzir algumas palavras hebraicas que possuem extensos conjuntos de sentidos

e também não se encaixa facilmente na lição da história como um todo. Afinal de contas, essa é uma ordem que Jonas tenta desobedecer, ao recusar ir para Nínive. Contudo, da maneira típica como é traduzida, soa como uma ordem que Jonas teria gostado de obedecer. Por que não estaria ele feliz em pregar *contra* uma cidade que Deus tinha declarado ser *má*?

Em 1.2.1, você foi aconselhado a "traduzir de novo, desde o início". Ao seguir essa orientação, e determinado a não aceitar a tradução comum como a única opção razoável — somente por ser a mais comum —, você considerará o sentido das palavras hebraicas de novo, procurando sua definição num léxico bom e atualizado, tal como o de Holladay ou o de Koehler-Baumgartner (4.8.1). Eis o que encontrará: עַל pode ter o sentido de "contra", mas também de "a respeito de". כִּי pode ter o sentido de "porque", como também de "que". רָעָה pode significar "mal", mas mais geralmente significa "aflição". E עָלְתָה...לְפָנַי é mais bem traduzido idiomaticamente, não como "chegou...diante de mim", mas como "chegou à minha atenção". Por último, concluirá que a frase toda pode muito bem ter o sentido de "proclame a respeito dela, que a aflição deles chegou à minha atenção".

As implicações exegéticas dessa leitura são significativas. Em contraste com a tradução usual, sua tradução esclarece por que o hipernacionalista Jonas fugiu de sua responsabilidade: Deus o estava enviando numa missão de compaixão, não de denúncia. A leitura cuidadosa do restante do livro confirma isso várias vezes (cf., especialmente, Jn 4).

2.2. Uma modesta tradução não-interpretativa: Provérbios 22.6

חֲנֹךְ לַנַּעַר עַל־פִּי דַרְכּוֹ
גַּם כִּי־יַזְקִין לֹא־יָסוּר מִמֶּנָּה

Este versículo é, normalmente, assim traduzido: "Ensina a criança no caminho que deve seguir, e quando for velha não se desviará dele". No entanto, quando analisar mais cuidadosamente o conjunto de sentidos das palavras, notará que não existe nenhum equivalente hebraico para o português "deve". Isso motivará seu interesse, pois a tradução comum parece prometer muita coisa. De fato, esse versículo, muito popular, tem sido freqüentemente citado como apoio à idéia de que os pais podem praticamente garantir que seus filhos crescerão como adultos piedosos, se criados de forma adequada. A maioria dos provérbios, é claro, se compõe de generalizações, e as generalizações têm exceções. Mas você pode fazer uma nova tradução desse provérbio, não importando o quanto ele seja conhecido. (Lembre-se de que quanto mais conhecida é a leitura de um versículo da Bíblia, tanto mais

hesitarão as traduções modernas em diferir, mesmo quando não gostam dela, por medo de que as pessoas não comprarão uma Bíblia que mudou a redação de um de seus "versículos favoritos".)

O processo de fazer uma nova tradução de um versículo não é muito complicado. Requer, principalmente, a disposição de considerar, lenta e cuidadosamente, as combinações possíveis de significado. Assim, quanto a Provérbios 22.6, o que você poderá determinar facilmente ao consultar um léxico é que עַל־פִּי significa "de acordo com"; e que דֶּרֶךְ significa "caminho". Dessa forma, דַּרְכּוֹ significa "o seu caminho" ou "o seu próprio caminho". A primeira metade desse dístico poético diz, então, o seguinte: "Ensine a criança de acordo com o seu (próprio) caminho". Você não encontrará nenhuma referência a "deve" aqui. A lição do versículo, você concluirá corretamente, é que a criança, abandonada à sua própria vontade egoísta quando jovem, terá as mesmas tendências egoístas como adulto.

Nota: Excelentes fontes de tradução alternativa são as traduções dos autores de comentários técnicos. Um erudito que tenha estudado um livro intensivamente é mais capaz de apresentar uma tradução alternativa. E para informação atualizada sobre os sentidos mais precisos de palavras hebraicas, consulte a lista anual de palavras discutidas nos artigos resumidos em *Old Testament Abstracts* (4.11.1), via livro ou em formato eletrônico.

3. O CONTEXTO HISTÓRICO

A situação histórica na qual, ou para a qual, uma parte específica das Escrituras foi escrita precisa ser entendida para que o seu significado seja plenamente compreendido. É claro que há passagens menos rigorosamente "históricas" do que outras. O salmo 23, por exemplo, trata de preocupações que quase todas as pessoas, em qualquer época e lugar, são capazes de avaliar. O salmo 117, com a ordem simples de louvar a Deus e a afirmação da lealdade divina ("Louvem ao SENHOR todas as nações ... a fidelidade do SENHOR subsiste para sempre") é tão pan-histórica e pancultural quanto a literatura bíblica pode ser.

Mas conhecer o contexto, o ambiente social, o cenário histórico e geográfico, e a data, é normalmente essencial para a avaliação do significado da passagem. A maior parte dos textos do AT contém material bastante relacionado com esse tipo de consideração. A Bíblia é uma revelação tão historicamente orientada que ignorar o contexto histórico tende a garantir uma interpretação equivocada. Um princípio básico da hermenêutica (a ciência da interpretação) é que uma passagem não pode significar o que ela nunca quis significar. Em outras palavras, você deve saber a que fatos, situações, épocas, pessoas e lugares a passagem se refere, se não quiser removê-la do contexto específico que lhe confere o seu

verdadeiro sentido. A ilustração a seguir foi escolhida como exemplo de uma passagem cujo significado não pode ser adequadamente captado, a não ser que se dê atenção ao seu contexto histórico, ambiente social, cenário histórico e geográfico, e data.

3.1. O contexto histórico esclarece uma profecia: Oséias 5.8-10

À primeira vista este breve oráculo profético é enigmático. Por que tanta ênfase em trombetas (חֲצֹצְרָה, שׁוֹפָר) e alarme (הָרִיעוּ)? Por que a profunda preocupação com um marco de fronteira (גְּבוּל)? E por que tudo isso faz Javé proclamar a sua ira (עֶבְרָתִי)?

Quando você segue a sugestão de 1.3, "O contexto histórico", descobre o seguinte. Primeiro, consultando o índice de referências bíblicas em quase todos os livros sobre a história de Israel (v. 4.3.2), verá que Oséias 5.8-10 tem um claro referente histórico: o contra-ataque de Judá a Israel (o Reino do Norte) na guerra siro-efraimita de 734-733 a.C. À medida em que você lê, além dessas fontes, em comentários historicamente orientados, e segue os detalhes geográficos em um bom atlas bíblico (4.3.6), notará o seguinte (aqui apenas de forma resumida).

Contexto. O rei Rezim, de Aram-Damasco, e o rei Peca, de Israel, propuseram ao rei de Judá, Acaz, que se unisse a eles numa coligação militar para desbancar o domínio assírio da Palestina, iniciado por Tiglate-Pileser III (745-728 a.C.). Acaz, porém, recusou a aliança, seguindo a palavra de Deus dada por intermédio de Isaías. Rezim e Peca, temendo que houvesse um traidor entre eles, atacaram Judá (734) a fim de depor o rei Acaz. Mas Acaz, prontamente (e contra a ordem de Deus, dessa vez), buscou a ajuda de Tiglate-Pileser, o qual imediatamente atacou Aram-Damasco e Israel. Judá, tirando vantagem da situação, fez planos para contra-atacar Israel. Foi, mais ou menos, nessa época que a palavra de Oséias 5.8-10 foi proclamada (733).

Cenário. No ataque ao norte, os homens do reino de Judá avançariam, naturalmente, pela estrada da cordilheira central, de Jerusalém (ao sul do limite do território de Benjamim) para Gibeá, Ramá e Betel (chamada, de maneira pejorativa, por Oséias, בֵּית אָוֶן, Bete-Áven, "Casa da Nulidade"). O contra-ataque foi bem-sucedido. Judá capturou não só a maior parte do território de Benjamim como também Betel, na fronteira sul de Efraim. Judá, então, controlou Betel até a época de Josias (640-609; cf. 2Rs 23.4, 15-19).

Agora você percebe a razão pela qual Deus derramou a sua ira (אֶשְׁפּוֹךְ, v.10). Judá está no processo de capturar uma parte do território do norte, como alguém que sub-repticiamente "move um marco" a fim de apropriar-se de terra que pertence ao vizinho (cf. Dt 27.17). As trombetas e o alarme são os avisos de guerra.

Benjamim e Efraim são os alvos. O ataque original de Israel e Aram-Damaco contra Judá, em 734, foi errado. Mas o contra-ataque vingativo de Judá, em 733, também foi errado. Isaías condenou o primeiro (Is 7.1-9), enquanto (aqui) Oséias condena o segundo.

4. O CONTEXTO LITERÁRIO

A análise do contexto literário tem interesses diferentes dos da análise histórica. A preocupação aqui não é com todo o contexto histórico, que se aprende de quaisquer fontes, mas com a maneira peculiar pela qual um autor inspirado, ou editor, colocou uma passagem nos limites de todo um bloco de literatura. Na maioria das vezes, o contexto literário mais importante de uma passagem será o livro no qual a própria passagem se encontra. Como a passagem se encaixa no livro — qual é a sua contribuição para o desenvolvimento estrutural do livro, e qual a contribuição da estrutura do livro para a passagem — estão entre as principais perguntas no estudo do contexto literário na exegese.

4.1. Examinando funções literárias: Como um capítulo se encaixa num livro: Lamentações 5

Quando você lê o livro de Lamentações rapidamente, começa a perceber a forma em que é organizado. Ao consultar uma introdução ao AT sobre Lamentações (4.11.3), ou um artigo num dicionário bíblico (4.11.5), você confirmará sua impressão inicial: cada um dos quatro capítulos iniciais é um poema de lamentação, organizado em maior ou menor grau em forma de um acróstico.

No capítulo 1, você verá que cada versículo contém três dísticos poéticos, sendo que o primeiro dístico poético de cada versículo começa como uma letra do alfabeto hebraico, em seqüência: אֵיכָה (1.1); בָּכוֹ (1.2); גָּלְתָה (1.3); etc. Existem 22 versículos no capítulo 1, correspondendo às 22 letras do alfabeto hebraico. O capítulo 2 tem uma organização similar. No capítulo 3, porém, você encontrará um formato triplo de acróstico. Os 66 versículos estão dispostos em grupos de três, tendo no início de seus dísticos a mesma seqüência de letras hebraicas: אָנִי, אוֹתִי, אַךְ em 3.1, 2 e 3; בִּלָּה, בָּנָה, בְּמַחֲשַׁכִּים em 3.4, 5 e 6; גָּדַר, גַּם, גָּדַר em 3.7, 8 e 9 etc. Esse terceiro poema não lhe parecerá mais longo do que os dois anteriores; e assim concluirá que a versificação diferente não é problema. É a "intensidade" desse poema que intriga: poderá o poeta desenvolver ainda mais a sua estrutura acróstica do que nesse capítulo?

Uma olhadela no capítulo 4 responderá a essa pergunta. Há novamente 22 versículos, e esses versículos formam um acróstico simples (אֵיכָה, 4.1;

בְּנֵי, 4.2; גַּם, 4.3; etc.) Existem somente dois dísticos por versículo. A julgar pelo padrão dos acrósticos e dos dísticos, você perceberá que o livro não continua se intensificando, mas vai perdendo a ênfase do seu ponto mais intenso no capítulo 3.

4.2. Examinando a localização de uma passagem

Quando a atenção se volta para o quinto e último poema (cap. 5), percebe-se uma situação muito interessante. Cada versículo é constituído de um dístico simples. Além disso, esses dísticos não estão mais dispostos num acróstico. Somente o número total de dísticos, como indicado pelos versículos (22), reflete uma estrutura acróstica — e isso de forma suave. O relacionamento do capítulo 5 com o restante do livro está, agora, bem mais claro. Ele está posicionado no final de uma progressão que inicia vigorosamente (caps. 1 e 2), atinge o ápice (cap. 3), diminui de intensidade (cap. 4) até se tornar apenas uma pequena lamúria (cap. 5). Esse tipo de progressão é um dos formatos clássicos da literatura tecnicamente chamada "tragédia".

4.3. Analisando os detalhes

Até mesmo o versículo final (v. 22) reflete o estado trágico de Jerusalém depois da conquista babilônica: Teria Deus rejeitado seu povo, enfurecendo-se contra eles עַד־מְאֹד, "completamente"? Esta declaração tocante sobre as pessoas que agonizavam pela incerteza dá destaque ao pedido dos sobreviventes.

4.4. Analisando a autoria

A respeito da autoria, você concluirá provisoriamente que, visto que o cap. 5 se relaciona de forma integral com o restante do livro, talvez escrito pelo mesmo autor dos capítulos 1-4. Ao consultar as introduções ao AT, os dicionários bíblicos e especialmente as partes introdutórias de comentários sobre Lamentações, você descobrirá um grande número de teorias conflitantes sobre a autoria do livro e/ou de suas diversas partes. Outras etapas do processo exegético (especialmente contexto histórico, forma, estrutura e conteúdo léxico) são relevantes para a questão da autoria. Assim, ela ainda não pode ser respondida de modo definitivo. Entretanto, diante das opiniões conflitantes dos especialistas, você precisará tomar a sua decisão. Quando a sua exegese indicar unidade de autoria, você não deverá deixar de expor a própria opinião.

5. A FORMA

Conhecer a forma de uma passagem certamente traz dividendos exegéticos. Se você pode categorizar de forma precisa uma peça de literatura, poderá também compará-la com precisão com passagens semelhantes e, desse modo, apreciar tanto os aspectos em que ela é típica quanto os aspectos em que é singular. Além do mais, a forma de uma peça literária está sempre relacionada, de algum modo, com sua função.

O exemplo abaixo se concentra especialmente nesse relacionamento entre forma e função. Nesse processo, ele trata dos aspectos da análise do tipo literário geral (1.5.1), tipo literário específico (1.5.2), subcategorias (1.5.3), contexto vivencial (1.5.4) e integridade relativa da forma (1.5.5; 1.5.6).

5.1. A forma como chave para a função: Jonas 2.3-10 [2.2-9]

Ao analisar o contexto literário deste "salmo de Jonas", você toma conhecimento de que existe um questionamento sobre o seu lugar no livro. Alguns estudiosos o consideram uma interpolação inadequada ao seu contexto atual. Na verdade, alguns chegaram a sugerir que seu estilo difere do restante do livro, ignorando o fato de que o estilo é quase sempre uma função do gênero e da forma, de modo que um salmo poético dificilmente deixaria de refletir um estilo diferente do resto do livro, que é uma narrativa. A fim de avaliar os argumentos desses estudiosos, você precisará determinar que tipo de salmo ele é, i.e., qual é a sua forma.

Para isso, você consultará um livro ou comentário que classifique os salmos de acordo com as suas formas. Ao consultar, por exemplo, Bernhard W. Anderson, *Out of the Depths: The Psalms Speak for Us Today* (3. ed., Westminster John Knox Press, 2000) concluirá que o salmo de Jonas é, aparentemente, um "salmo de ação de graças", pois ele tem as cinco características que, segundo Anderson, compõem a maioria dos salmos de ação de graças. As cinco características são: (*a*) uma introdução que resume o testemunho do salmista (v.3[2]); (*b*) o trecho principal que descreve as aflições passadas (v.4-7a[3-6a]); (*c*) a súplica por auxílio (v.8[7]); (*d*) uma descrição do livramento (v.7b[6b]); (*e*) uma conclusão, na qual a graça de Deus é louvada e o salmista promete demonstrar sua apreciação por Deus (v. 9-10[8-9]). Você já deve ter notado que os salmos de ação de graças são orações de gratidão por livramento da aflição já passada.

Isso o fará refletir. Você sempre presumiu, talvez até foi ensinado assim, que o fato de Jonas ter sido engolido pelo peixe fora uma *punição*. Mas Jonas ora um salmo de gratidão a Deus pelo livramento! Relendo a história, perceberá que a punição de Jonas foi ter sofrido a tempestade e sido lançado ao mar (Jn 1.12-15).

O peixe, portanto, representa o *resgate* do afogamento. Agora as peças começam a encaixar-se. O salmo contribui para o propósito da história ao demonstrar nitidamente a incoerência de Jonas. Ele, eloqüentemente, expressa gratidão a Javé pelo próprio resgate, embora merecesse a morte; porém, mais tarde se ressente do livramento de Javé para os ninivitas, e continua desejando a morte deles (cap. 4). Saber a forma do salmo permite, de fato, uma avaliação mais abrangente do caráter de Jonas.

Uma nota explicativa acerca do contexto vivencial de Jonas 2.3-10 [2-9]. Alguns eruditos têm proposto a teoria de que os salmos de ação de graças têm seu contexto vivencial na adoração no templo. O israelita traria sua oferta ao templo, recitaria (ou ouviria) um salmo de ação de graças enquanto fazia sua oferta e sairia, depois de prometer voltar para oferecer outros sacrifícios. A evidência, no entanto, sugere que os salmos eram recitados em muitas ocasiões na vida dos crentes (cf. os títulos dos salmos, apesar de muitos sem dúvida serem secundários; o uso dos salmos pelos profetas; e o cantar dos salmos em contextos outros que não o do templo no NT, como em Mc 14.26 ou At 16.25; cf. Ef 5.19; Cl 3.16). Dessa forma, o uso que Jonas faz de um salmo de ação de graças era, de fato, típico. O contexto vivencial para esse tipo de salmo era qualquer ocasião em que coubesse gratidão pelo livramento de uma aflição.

6. A ESTRUTURA

Entender a estrutura de uma passagem é captar o fluxo de conteúdo projetado nela pela mente do autor, consciente ou inconscientemente. Contudo, além disso, é importante considerar que o significado não é comunicado apenas por palavras e frases. *Como* as palavras e frases se relacionam entre si, e *onde* ocorrem na passagem, pode ter um impacto profundo na compreensão da mesma. De fato, com frequência, a estrutura é o principal critério de decisão para determinar se um bloco de material é uma única passagem ou um grupo independente de passagens independentes. Uma palavra-chave na análise estrutural é "padrões". Padrões indicam ênfases e relacionamentos; e ênfases e relacionamentos, por sua vez, priorizam significado. A pergunta básica que você deve fazer ao analisar a estrutura de uma passagem é: o que posso aprender do modo como isso foi montado? Surpreendentemente o bastante, depois de um estudo cuidadoso, pode-se aprender bem mais do que vemos num primeiro vislumbre.

6.1. Analisando a estrutura e a unidade: Amós 5.1-17

Ao trabalhar com Amós 5, você percebe que não é óbvio de imediato que o trecho de 1-17 forma ou não uma unidade. Notará que os estudiosos, normalmente, atribuem quase todo esse material a Amós. Entretanto, alguns têm sugerido que esses versículos são um compêndio de pequenas unidades de discurso pregadas por Amós em vários lugares e momentos. Ao seguir as orientações dadas em 1.6, esboçará a passagem com cuidado, procurando por padrões, analisando o paralelismo poético. Você observará algumas correspondências interessantes.

Os v. 1-3 falam de lamentação (קִינָה) e predizem a ruína de Israel. Os v. 16-17 são semelhantes, com sua ênfase no pranto (מִסְפֵּד), lamentos (אֵבֶל) etc. Na verdade, os v. 16-17 parecem quase descrever a dor resultante da destruição apresentada nos v. 1-3. Prosseguindo para os v. 4-6, perceberá que eles têm como tema a busca (דרש) de Javé e da vida (חָיָה) livre da prática de coisas más e proibidas. É interessante que os v. 14-15 empregam o mesmo vocabulário e, da mesma forma, contrastam o fazer a vontade de Javé com a prática do mal. Poderia haver ainda outras correspondências? No v. 7, o assunto é a injustiça: as coisas são o oposto do que deveriam ser. Olhando mais adiante, notará que os v. 10-13 compartilham desse tema. Ali Javé denuncia, com algum detalhe, as injustiças que os israelitas praticavam nos dias de Amós. No v. 13, עֵת רָעָה ("tempo de desgraça") certamente resume o que os v. 7 e 10-13 descrevem em comum. Restam apenas os v. 8 e 9. Como eles se enquadram? Você verá que o v. 8 apresenta o fato de que o poder de Javé para criar implica também no poder de destruir. E o v. 9 também fala que ele é capaz de destruir, até mesmo a fortaleza (עָז). Por último, você observará que, na *BHS*, as palavras יהוה שְׁמוֹ, no final do v. 8, estão isoladas, aparecendo sozinhas numa linha. Aparentemente, o editor de Amós na *BHS* (Elliger) alerta para o fato de que essas duas palavras se destacam por não terem paralelo no texto. Uma vez que essas palavras ("Javé é o seu nome") estão mais ou menos no centro da passagem, você poderá verificar se é possível estruturar simetricamente a passagem a partir delas. Aqui está o resultado:

1-3
  4-6
    7
      8a-c
        8d (יהוה שְׁמוֹ)
      9
    10-13
  14-15
16-17

Você reconhece um quiasmo de grandes proporções aqui. Um formato literário propositadamente concêntrico. Supondo que Amós estruturou, intencionalmente, sua revelação dessa maneira, você concluirá, com razão, que a passagem é uma unidade.

Ao utilizar os procedimentos descritos no Passo 11 (a seguir) você verificará que J. DeWaard confirma amplamente sua análise e provê uma descrição cuidadosamente detalhada dessa passagem, no artigo em *Vetus Testamentum* 27 (1977), p. 170-177, cujo título é "The Chiastic Structure of Amos v 1-17" ("A Estrutura Quiástica de Amós 5.1-17"). Você poderá, então, usar o artigo de DeWaard para aperfeiçoar e ajustar suas conclusões onde necessário. Mas você não precisará começar pela análise de DeWaard a fim de descobrir as características estruturais básicas. Isso você pode, com cuidado, fazer sozinho. Além disso, tendo concluído a análise estrutural básica, você se encontrará numa posição bem mais confortável para avaliar e pesar a contribuição feita pelo artigo de DeWaard para a sua exegese. Em outras palavras, o exegeta cuidadoso é invariavelmente um "consumidor" da melhor qualidade do que encontra na literatura secundária a respeito de uma passagem do que a pessoa que dá atenção primeiramente à literatura secundária, sem fazer a análise crítica necessária pela qual essa fonte pode ser utilizada e aproveitada de forma mais eficaz.

7. OS DADOS GRAMATICAIS

É aqui que todas aquelas horas investidas em aprender a gramática hebraica vão, por fim, trazer dividendos. O alvo da gramática é a exatidão. Em qualquer língua, gramática ruim pode ofender o nosso bom gosto, mas seu maior perigo é que ela pode bloquear a nossa compreensão. De igual forma, uma falha em avaliar a gramática numa passagem do AT é, não somente, deixar de observar sutilezas da linguagem, mas é, também, deixar de entender *exatamente* o que foi e o que não foi dito.

7.1. Identificando ambigüidades gramaticais: Juízes 19.25

וַיַּחֲזֵק הָאִישׁ בְּפִילַגְשׁוֹ וַיֹּצֵא אֲלֵיהֶם

assim, o homem tomou a sua concunbina e a trouxe para eles

Ao fazer a exegese de Juízes 19, você encontra uma aparente incoerência que causa surpresa. O levita parece agir sem consideração alguma (v. 28) para com a sua concubina ao entregá-la a um grupo de estupradores (v. 22-25). Todavia, mais tarde, ele parece ter ficado tão furioso com o que eles fizeram (previsivelmente)

com ela a ponto de convocar todo o Israel para a guerra por causa disso (v. 29-30; cap. 20). Com sua atenção voltada para a precisão gramatical, você relê cuidadosamente as partes relevantes do texto a fim de determinar se a sua impressão inicial foi correta. Seu interesse principal será o de compreender exatamente quem eram as partes envolvidas no v. 25.

Você observará que cada uma das personagens da história é nomeada de mais de uma forma. Especificamente, o levita é identificado como אִישׁ לֵוִי ("levita", v. 1); אִישָׁהּ ("seu marido", v. 3); חֲתַנּוֹ ("seu genro", v. 5, 9); e הָאִישׁ ("o homem", v. 7, 9, 17, 22, 28 etc.). O homem de Efraim, em cuja casa ele se hospedou em Gibeá, é chamado de אִישׁ זָקֵן ("um homem idoso", v. 16); הָאִישׁ ("o homem", v. 16, 22, 23, 26); e הָאִישׁ הַזָּקֵן ("o homem idoso", v. 17, 20 etc.) Você percebe numa comparação rápida que tanto o levita como o homem idoso podem ser identificados como, simplesmente, הָאִישׁ. Qual deles, então, é o referente gramatical para a expressão הָאִישׁ no v. 25? A identidade da concubina é bastante clara, mas הָאִישׁ ("o homem") é aparentemente ambíguo. A decisão aqui requer a avaliação das evidências em duas frentes.

Primeiro, você notará que fora do v. 25, tanto o levita como o homem idoso podem ser identificados estritamente como הָאִישׁ, ou podem ser chamados הָאִישׁ com um modificador, tal como em הָאִישׁ הָאֹרֵחַ ("o homem que estava viajando", v. 17), ou הָאִישׁ בַּעַל הַבַּיִת ("o dono da casa", v. 22). Portanto, הָאִישׁ no v. 25 é realmente ambíguo. A ausência de um modificador o deixa assim.

Segundo, você observará que os v. 22-25 deixam claro que o dono da casa é quem estava conversando com os estupradores, mas não há nenhum indício de que o levita também estivesse. Você, então, decide (corretamente) que הָאִישׁ tem o homem idoso como o seu referente gramatical, não o levita.

A análise gramatical tem os seus limites, é claro. No caso de Juízes 19, permanece uma questão: Teria o levita conhecimento do que o homem idoso fez? A gramática pode levantar essa pergunta, mas não pode respondê-la. A solução encontra-se tanto na análise da estrutura da passagem como na análise do contexto histórico. Essa é uma típica narrativa bíblica lacônica: a passagem omite qualquer detalhe não-essencial e espera que o leitor conclua que o levita não estava ciente das ações do homem idoso. Sobre o contexto histórico: arqueologicamente, muitas casas de israelitas tinham seus aposentos e dormitórios — onde o levita, presume-se, estava alojado —, tão distante quanto possível da porta de entrada da casa.

7.2. Identificando uma especificidade gramatical: Oséias 1.2

קַח־לְךָ אֵשֶׁת זְנוּנִים וְיַלְדֵי זְנוּנִים כִּי־זָנֹה תִּזְנֶה הָאָרֶץ מֵאַחֲרֵי יְהוָה

Vai, toma uma mulher de prostituições e terás filhos de prostituição, porque a terra se prostituiu, desviando-se de Javé.

Ao fazer a exegese de Oséias 1, você é imediatamente confrontado com uma questão de interpretação: Deus realmente ordenou que Oséias se casasse com uma prostituta? Muitos comentaristas respondem de forma afirmativa, sugerindo, não raro, que a mulher de Oséias voltou-se para a prostituição algum tempo após o casamento, e Oséias, observando seu passado num período posterior, enquanto procurava por uma analogia para descrever a infidelidade de Israel para com Javé, conta a história do próprio matrimônio como se lhe tivesse sido ordenado casar-se com uma prostituta. Entretanto, esses intérpretes não têm necessariamente a gramática hebraica a seu favor.

Há apenas três palavras hebraicas que designam a prostituta(o): קְדֵשָׁה ("prostituta cultual"), זוֹנָה ("prostituta comum") e כֶּלֶב ("prostituto"). Observe o óbvio: nenhuma das três formas é usada aqui. Em lugar disso, surge um composto especial: a palavra אִשָּׁה (mulher ou esposa) é usada no modo designado pelos gramáticos do hebraico de "forma presa", ou mais comumente "forma construta" em combinação com o substantivo regente no masculino plural, זְנוּנִים. Procurando em qualquer gramática hebraica de referência (4.7.1), você será lembrado de que o masculino plural é o modo padrão em hebraico para referir-se à abstração — neste caso, não "prostituta(o)", mas o conceito de "prostituição", i.e., no contexto teológico, o oposto de "fidelidade". Além disso, você descobrirá que os substantivos no "construto" relacionam-se logicamente com o substantivo regente no sentido de "algo caracterizado por", portanto אֵשֶׁת זְנוּנִים tende a significar "uma mulher caracterizada por [pelo conceito abstrato de] prostituição" em vez de "uma prostituta". Observe também que os filhos de Oséias são designados יַלְדֵי זְנוּנִים, "filhos de prostituição" numa construção hebraica paralela e precisa, i.e., "filhos caracterizados por [pelo conceito abstrato de] prostituição" em vez de, "filhos de uma prostituta". Repare também que o versículo prossegue afirmando que a terra (de Israel), זָנֹה תִזְנֶה, "se prostituiu". E por fim, os gramáticos lhe dirão que a preposição empregada no fim do versículo, מֵאַחֲרֵי, "para longe", é um composto que significa literalmente "para longe de após", i.e., "em outra direção que não após [seguindo]" Javé.

O mesmo então está sendo dito a respeito da mulher de Oséias, a respeito dos filhos que lhe nasceram posteriormente, e acerca da terra de Israel em geral — e em nenhum caso o significado literal está aparentemente relacionado com a venda de sexo. O que, então, está sendo dito? Se nem a mulher nem os filhos, e tampouco a população de Israel, estão sendo literalmente chamados de "prostitutos", qual *é* a acusação contra eles? Esta pergunta deve ser respondida parcialmente

pela referência ao contexto literário e bíblico, embora ainda com o olhar perspicaz voltado para a gramática envolvida. Observando a forma em que a raiz hebraica em questão, *znh*, é usada predominantemente em Oséias (e em outros contextos proféticos, especialmente Ezequiel), você encontrará que o uso dessa expressão é majoritariamente metafórico, para designar o sentido de "infidelidade [religiosa] máxima" a Javé. Retornando a Oséias 1.2, você concluirá que o versículo é conceitualmente paralelo a Isaías 64.6 ou a Salmos 14.2-3 (cf. Rm 3.10-12). O ponto é, de um modo hiperbólico, que todo o Israel abandonara a aliança de Javé, de modo que até mesmo a mulher e os filhos de Oséias — não importa com quem ele se case — serão maculados pela mesma infidelidade demonstrada de forma geral pela "terra".

7.3. Analisando a ortografia e a morfologia

Como foi afirmado em 1.7.2, a análise da ortografia ou da morfologia hebraica não é uma tarefa fácil para iniciantes no hebraico. Mas o seu valor é, muitas vezes, inestimável em conexão com passagens problemáticas, especialmente quando pode haver suspeita quanto a decisões dos massoretas medievais sobre como as palavras deveriam ser entendidas.

Utilizando a análise ortográfica para remover uma leitura estranha: Gênesis 49.10

לֹא־יָסוּר שֵׁבֶט מִיהוּדָה
וּמְחֹקֵק מִבֵּין רַגְלָיו
עַד כִּי־יָבֹא שִׁילֹה
וְלוֹ יִקְּהַת עַמִּים

Na terceira linha, o hebraico parece dizer: "até que venha Siló" ou "até que ele venha a Siló". Ambos os sentidos, você concluirá, são estranhos, e sua leitura revela o descontentamento generalizado da parte dos tradutores com a vocalização massorética atual. Nesse caso, uma solução convincente exigirá alguma habilidade em avaliar a ortografia hebraica antiga (o estilo da escrita), o que implicará num conhecimento do hebraico para além do nível inicial (v. 1.7.2).

O problema poderá envolver vocalização, ortografia e, até mesmo, divisão de palavras. A combinação עַד כִּי ("até") parece suficientemente clara. Todavia, existe algum outro modo de se interpretar יָבֹא שִׁילֹה? Visto que שִׁילֹה ("Siló") é o real elemento estranho aqui, você deverá analisá-lo outra vez. Retirando-se as

vogais se remove a possível opinião incorreta dos massoretas medievais sobre a vocalização. Agora você tem שילה. Pode-se dividir essa palavra? Será que um problema de espaçamento resultou na grafia שילה? Você separa שי de לה. Ao investigar שי, verá que suas consoantes são as mesmas da palavra hebraica normal (שַׁי), que significa "oferta(s)", "presente(s)", "tributo(s)". Mas, e quanto a לה? Consultando Cross e Freedman, *Early Hebrew Orthography* (4.7.2), você descobre que לה era como se escrevia לוֹ ("para ele") antigamente. Assim, שילה poderia ter sido o mesmo que שַׁי לֹה, "tributo para ele". Agora você observará cuidadosamente יָבֹא. Mais uma vez, retirando-se os sinais massoréticos, a fim de reavaliar a vocalização, fica יבא. Cross e Freedman o informarão que em poemas primitivos, como Gênesis 49, a ortografia original não tinha vogais e era, portanto, muito ambígua. Assim, as consoantes יבא poderiam representar o que mais tarde foi vocalizado como יָבֹא ("ele vem"), ou יָבִיא ("ele traz", no *hifil*), ou, ainda, יוּבָא ("é trazido", no *hofal*) etc. A última opção acabará chamando sua atenção, pois se encaixa muito bem no contexto.

A opinião dos massoretas sobre a vocalização do texto surgiu de sua interpretação muito tempo depois da redação original da passagem. Por essa razão, sua reavaliação da vocalização é uma sugestão válida e justificada. Você concluirá que a linha que, tradicionalmente, fala de "Siló" deveria ser:

עַד כִּי יָבֹא שַׁי לֹה

"até que lhe seja trazido tributo"

O fato de que esse sentido se enquadra perfeitamente na próxima linha paralela ("e a obediência das nações é dele") confirma a sua conclusão.

A verificação da literatura relevante (Passo 11) será um apoio importante: O prof. W. L. Moran propôs precisamente essa interpretação, a mais convincente na literatura, num artigo em *Biblica* 39 (1958), p. 405-425, cujo título é "Genesis 49:10 and Its Use in Ezekiel 21:32" ("Gênesis 49.10 e seu uso em Ezequiel 21.32").

Nota: Parte do mesmo tipo de habilidade para se *chegar* a uma conclusão poderá ser necessária para se *avaliar* uma conclusão com segurança. Ainda que nunca lhe tenha ocorrido reconstruir Gênesis 49.10 como acima, decidir entre as opções que ocorreram a outros também exige trabalho cuidadoso. Dessa forma, seu labor exegético vai recompensá-lo como avaliador de erudição, não somente como autor dela. Em outras palavras, à medida que suas habilidades exegéticas forem desenvolvidas, você se tornará um leitor melhor — e não apenas um melhor autor— de estudos exegéticos.

8. DADOS LEXICAIS

Existe um considerável grau de subjetividade no processo de decidir que palavras e frases são as mais importantes numa passagem. Esta é uma das razões para incluirmos esse passo neste ponto do processo, e não antes: Você precisa familiarizar-se com a passagem o máximo possível antes de escolher e classificar os termos para um estudo mais profundo. Deixe-se guiar pela própria curiosidade e pelo perfil intelectual de seu público. Onde necessário, veja quais palavras os estudiosos selecionam para comentar. Mas seja cuidadoso aqui. Um comentarista que investiga uma palavra no capítulo 5 de seu comentário pode não estar inclinado a comentá-la no capítulo 10. Confie em seu julgamento quanto ao que é mais importante. Quanto à freqüência de ocorrências de uma palavra no AT, pode-se consultar quase qualquer concordância em computador ou a concordância de Even-Shoshan (4.8.2). Para ter uma idéia do quanto *se pode* dizer sobre um termo, se se quiser ser relativamente exaustivo na análise, veja *TDOT* [*Theological Dictionary of the Old Testament*], *TWOT* ou *DITAT* [*Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*] (4.8.2).

8.1. A importância do exame de palavras-chave: 2Crônicas 13

Ao seguir as instruções de 1.8, você passa por todo o capítulo escolhendo termos que possam exigir uma explicação. No início, escolherá livremente, sem se importar com o número de termos apontados. São estes os termos que você selecionará:

v. 3, 17	אֶלֶף	"mil"
v. 3, 17	אִישׁ גִּבּוֹר	"soldado em plena forma"
v. 4	הַר צְמָרַיִם	"Monte Zemaraim"
v. 4	כָּל־יִשְׂרָאֵל	"todo Israel"
v. 5	מַמְלָכָה	"reinado"
v. 5	לְעוֹלָם	"para sempre"
v. 5	בְּרִית מֶלַח	"aliança de sal"
v. 6	עֶבֶד שְׁלֹמֹה	"servo de Salomão"
v. 7	רֵקִים	"imprestáveis"
v. 7; S. R.	בְּלִיַּעַל	"vadio"
v. 7	רַךְ־לֵבָב	"indeciso"
v. 8	לֵאלֹהִים	"como deuses"
v. 9	לְמַלֵּא יָדוֹ	"consagrar-se"

v. 9	לֹא אֱלֹהִים	"não são deuses"
v. 10	בַּמְלָאכֶת	"no serviço"
v. 11	הַשֻּׁלְחָן הַטָּהוֹר	"a mesa pura"
v. 15	וַיָּרִיעוּ	"e eles gritaram"
v. 15, 20	נָגַף	"derrotou/feriu"
v. 18	אֱלֹהֵי אֲבוֹתֵיהֶם	"Deus de seus antepassados"
v. 19	(בֵּית־אֵל) וְאֶת־בְּנוֹתֶיהָ	"(Betel) e seus povoados"
v. 22	מִדְרַשׁ הַנָּבִיא עִדּוֹ	"comentário do profeta Ido"

Quantos desses termos você será capaz de discutir e quais desses selecionará, depende do alcance do seu trabalho. Procure escolher relativamente poucas palavras, levando em conta que os termos que não necessitam de discussão mais extensa podem ser comentados nas notas a respeito da tradução ou em outro lugar na exegese. Você escolhe cinco termos que demandam maior discussão. Eles são:

אֶלֶף "mil" (v. 3, 17)

Sua leitura informou-lhe que אֶלֶף significa uma "unidade militar", em vez de mil, literalmente. Você terá de explicar o significado disso na sua exegese.

בְּרִית מֶלַח "aliança de sal" (v. 5)

Esse termo incomum, atestado já em Números 18.19 e atestado conceitualmente, embora não com essa mesma linguagem, em Levítico 2.13 e Esdras 4.14, certamente lançará luz sobre o que Abias pensa da linhagem real davídica.

לֹא אֱלֹהִים "não são deuses" (v. 9)

Esse termo deve ser importante para a compreensão do politeísmo/idolatria da perspectiva ortodoxa de Judá.

נָגַף "destruir, derrotar, ferir" etc. (v. 15, 20)

A maioria das traduções traduzem a palavra de forma diferente no v. 15 e no v. 20. Entender seu uso pode auxiliar na identificação da função divina nos fatos descritos.

מִדְרַשׁ הַנָּבִיא עִדּוֹ "comentário do profeta Ido" (v. 22)

A compreensão desse documento seria, sem dúvida, uma grande contribuição para a avaliação de como o cronista compilou a sua história e como era o público para quem ele estava escrevendo.

Desse grupo de cinco, escolha בְּרִית מֶלַח para a análise lexical completa. Você deverá seguir, agora, os procedimentos descritos em 4.8.3, tanto para בְּרִית

("aliança") como para מֶלַח ("sal"). Por meio de consultas aos dicionários teológicos (4.8.4), bem como aos dicionários bíblicos maiores (*IDB, ISBE* etc.; cf. 4.11.5), você descobrirá que בְּרִית מֶלַח é uma maneira de dizer, na verdade, "aliança perpétua"; quem sabe até, talvez, "aliança régia perpétua", por causa do papel que o sal desempenhava como preservador/perpetuador (cf. Lv 2.13), e por causa de sua associação com as refeições régias de aliança (cf. Ed 4.14). De fato, a riqueza desse termo originou o livro de H.C. Trumbull, cujo título é *The Covenant of Salt* [A Aliança de Sal] (Charles Scribner's Sons, 1899), que, se estiver à sua disposição, seria de grande valor nesse ponto do estudo lexical.

9. CONTEXTO BÍBLICO

Normalmente os passos 9.1, 9.2 e 9.3 têm essa mesma seqüência. A observação de como a passagem é usada em outros lugares na Bíblia (se for usada — nem todas as passagens são) ajuda a determinar sua relação com o restante das Escrituras. Isso, por sua vez, leva a uma estimativa de sua importância para o entendimento das Escrituras.

9.1. Observando o contexto mais amplo: Jeremias 31.31-34

A sua primeira preocupação nesta parte é verificar se a passagem é citada ou se há alusão a ela em outra parte na Bíblia. Uma vez que a citação de uma obra literária em outra obra é fato muito raro no antigo Oriente Próximo antes da época dos romanos, você não deverá esperar encontrar um trecho do AT citado no próprio AT. Entretanto, alusões podem existir, e o NT, certamente, tanto cita quanto alude a passagens do AT. Há dois auxílios que em muito adiantarão sua pesquisa, antes mesmo de precisar consultar os comentários: o "Index of Quotations" (i.e., "Índice de Citações"; às vezes chamado "Index of Citations and Allusions", i.e., "Índice de Citações e Alusões"), encontrado na maior parte dos Novos Testamentos gregos; além das listas de referências das bíblias de estudo ou das chaves bíblicas.

Ao consultar o índice do NT, você encontrará o seguinte sobre a sua passagem:

Jeremias	31.31	Mt 26.28; Lc 22.20; 1Co 11.25
	31-34	2Co 3.6; Hb 8.8-12
	33	2Co 3.3; Hb 10.16
	33-34	Rm 11.27; 1Ts 4.9
	34	At 10.43; Hb 10.17; 1Jo 2.27

Ao examinar cada um desses textos num NT grego (ou em português), você verá que os três primeiros (Mt 26.28; Lc 22.20; 1Co 11.25) estão relacionados com

a instituição da Ceia do Senhor, e parecem representar alusões genuínas, e não necessariamente citações, a Jeremias 31.31. A partir disso, concluirá que, além de outras coisas, a Ceia do Senhor constitui um lembrete do cumprimento do tipo de profecia feito em Jeremias 31.31. A quarta referência, 2Coríntios 3.6, parece aludir tanto a Jeremias 31.31 como a 31.34. Esse texto confere à predição original certo grau de profundidade de interpretação, ao destacar a enorme vantagem de um relacionamento espiritual com Deus sobre um puramente técnico, no qual a observação de regras escritas constitui a essência da justiça.

A referência de Hebreus 8 é uma citação completa de toda a passagem de Jeremias, o que monstra seu grande significado (é uma das mais longas citações do AT no NT). Mas, além disso, o seu uso em Hebreus, um livro parcialmente dedicado a demonstrar a superioridade da Nova Aliança sobre a Antiga, destaca de modo especial como a passagem de Jeremias implicitamente chama a atenção para a natureza temporária da aliança do Sinai.

O uso de Jeremias 31.33 em 2Coríntios 3.3 é outra alusão (não citação) na qual Paulo destaca a participação humana numa aliança de vida, permitindo, assim, que você note que ele considera a profecia como algo que diz respeito a um modo diferente de se relacionar com Deus — mais responsivo e vital. Hebreus 10.16 apresenta uma outra citação da passagem, dessa vez com o propósito de destacar como a profecia de Jeremias prevê uma era em que os atos redentores de Deus vão tornar desnecessário o sistema sacrificial do AT. Essa é uma perspectiva que, com certeza, você desejará registrar.

Partes dos versículos 33 e 34 da profecia aparecem em Romanos 11.27, com referência à restauração da nação de Israel. Esse aspecto das palavras de Jeremias não pode ser ignorado (cf. Dt 4.31). Paulo encontra na Nova Aliança o verdadeiro cumprimento das promessas a Israel.

Ao examinar a próxima referência, 1Tessalonicenses 4.9, você não reconhecerá nenhuma alusão óbvia a nada de Jeremias 31.31-34. "Amar uns aos outros" parecerá mais uma alusão a Levítico 19.18, ou a Deuteronômio 10.18,19, ou a Provérbios 17.17, ou a alguma outra passagem similar, do que a Jeremias 31. O "Índice de Citações" está errado neste ponto? É muito provável que sim. Trata-se claramente de uma lista que você deverá utilizar com cautela.

De igual modo, Atos 10.43 somente pode ser considerado como referindo-se a Jeremias 31 de forma muito geral. O perdão é uma promessa profética muito mais ampla do que apenas um texto. Hebreus 10.17, porém, é na verdade uma citação de parte de Jeremias 31.34, com a ênfase na possibilidade de os pecados serem perdoados sem a oferta contínua dos sacrifícios da Antiga Aliança (cf. Hb 10.16, acima). Mas 1João 2.27, a última referência, com a afirmação, "e não precisam que alguém os ensine", também parecerá não ter relação alguma com

Jeremias 31.34. Mais uma vez, o "Índice de citações" é um tanto desorientador e você deverá considerar essa citação como irrelevante.

Consultar uma bíblia de estudo ou uma chave bíblica pode produzir resultados semelhantes. Muitas referências serão extremamente úteis, outras estarão erradas, baseando-se em similaridades de palavras ou tópicos, demonstrando não serem alusões nem citações, quando melhor examinadas. A pesquisa nos resultados gerados por uma concordância no computador também exige seletividade da sua parte. O trabalho exegético sensato o ajudará a distinguir entre o relevante e o irrelevante. Também o ajudará a preparar-se com antecedência para avaliar o desempenho dos comentaristas no seu tratamento das questões relacionadas ao uso bíblico do texto.

Mas como achar passagens semelhantes ou relevantes àquela que está estudando quando o "Índice de citações" e as listas de referências nada indicam, ou quando você quiser ir além daquilo que encontrou nessas fontes? Para fazer isso, você precisará contar com o seu próprio conhecimento do contexto bíblico e com quaisquer outras indicações que puder colher em livros, artigos e comentários que abordem sua passagem e/ou seus temas. Lembre-se, porém, de que é o seu próprio julgamento que deve prevalecer aqui. O que alguém considera "relacionado" pode ou não ter relação com o texto. É você quem decidirá.

Nosso exemplo foi de uma passagem do AT usada no NT. Para a maioria das passagens, os "usos" serão limitados a outros contextos do AT. Em muitos casos, passagens paralelas ou relevantes devem ser localizadas com base exclusivamente em conexões temáticas ou lexicais, as quais você deverá pesquisar e avaliar com muita atenção. Concordâncias de tópicos podem ser úteis em muitos casos — se houver vocabulário em comum. Se não houver, você descobrirá como a passagem deve ser entendida num contexto mais amplo somente ao ler os comentários ou artigos sobre a passagem em estudo.

Nota: Livros do nível de *Elwell's Topical Analysis of the Bible* ou *Handbook of Basic Bible Texts*, de Davis (4.9.2) podem ser muito úteis tanto aqui como no passo 10.

10. TEOLOGIA

Se você é cristão, o Antigo Testamento também é sua herança teológica (Gl 3.29). O que você crê é informado pelo seu conteúdo, corrigido por suas fortes advertências, e incentivado por seus ensinos. A teologia é uma grande, e por vezes complexa, empreitada que não pode ser ignorada. Como uma passagem se enquadra no quadro geral do sistema de fé cristão merece atenção cuidadosa. A partir das muitas passagens da Bíblia vemos um quadro daquilo que Deus revelou especificamente. E a partir de todo o conjunto da teologia podemos ter uma perspectiva adequada para apreciar as verdades de textos individuais.

10.1. Uma perspectiva especial sobre a doutrina de Deus: Oséias 6.1-3

Este breve oráculo é uma das diversas promessas de restauração encontradas em Oséias. Entre os anúncios da destruição e do exílio vindouros, aqui e ali se encontram lembretes de que Javé não irá destruir completa e definitivamente o seu povo, mas restaurará e abençoará, algum dia, um remanescente resgatado do exílio.

Assim, ao examinar Oséias 6.1-3 quanto à sua relação com a teologia cristã em si, você notará, primeiramente, que a sua mensagem não é limitada à Antiga Aliança. (De modo geral, promessas de restauração abrangem a Nova Aliança.) A essência da passagem parece ser um convite à (re)aceitação de um povo por Deus, uma vez que a linguagem é plural e coletiva, e não singular e individual. Portanto, a passagem é escatológica, da perspectiva do AT, e também representa uma escatologia parcialmente realizada, da perspectiva do NT. Pela consulta de uma ou mais teologias sistemáticas, para obter uma noção das categorias apropriadas (4.10.2), você determinará que ela trata da doutrina do pecado, pelo fato de que o perdão é parte da promessa; e trata, também, da doutrina da igreja, no que se refere à promessa da fidelidade de Deus ao seu povo como uma entidade coletiva (cf. Gl 3.26-29; Ef 2.11-22) etc. Mas, é provável que o seu impacto teológico mais direto seja na área da doutrina de Deus (teologia própria). Você observará que toda a passagem focaliza no relacionamento do povo de Deus com *ele mesmo*. Ele trouxe a punição; ele trará a cura (v.1). Ele dará vida nova e restauração (v. 2). Se reconhecido, ele mostrará a sua fidelidade (v. 3). Assim, a coerência de Deus, a sua misericórdia em contraste com o seu julgamento, sua acessibilidade etc. são aspectos incluídos no oráculo.

Você tentará avaliar a contribuição da passagem para a nossa compreensão da teologia da forma mais específica possível. Neste caso, a passagem não diz nada inteiramente exclusivo no que diz respeito a seus temas (conceitos) gerais. Entretanto, utiliza uma linguagem até certo ponto exclusiva (palavras, fraseologia) no que afirma. Por exemplo, você observou no v. 1 que a descrição da punição divina, usando os verbos טָרַף ("despedaçar"), e נָכָה ("atacar"), combinada com as promessas imediatas de cura (רָפָא), e de por bandagens nas feridas (חָבַשׁ), é uma descrição metafórica sem paralelo preciso na Bíblia. A linguagem dos "dois" e "três" dias é, também, bastante dramática, mas *não* é usada com a intenção de dar alguma pista sobre o espaço de tempo entre a crucificação e a ressurreição, você concluirá acertadamente. A idéia de que Javé mostra sua fidelidade por meio da natureza, e é também tão confiável quanto as partes mais estáveis da criação (v. 3), tem analogia nas Escrituras. No entanto, as combinações de palavras, tais como נִרְדְּפָה לָדַעַת ("esforcemo-nos por conhecê-lo"), e שַׁחַר ("o nascer do sol"); גֶּשֶׁם ("chuva") e מַלְקוֹשׁ ("chuva de

primavera") oferecem uma descrição analógica da confiança em Deus que não se encontra dessa forma em outros contextos. Você concluirá, portanto, que a contribuição mais importante da passagem para a teologia cristã é a sua forte reafirmação da doutrina da fidelidade de Deus, usando uma linguagem dramática, até mesmo surpreendente, incluindo metáforas e símiles cativantes.

11. LITERATURA SECUNDÁRIA

Você desperdiçará tempo e energia na sua exegese se deixar de pesquisar artigos, livros ou comentários relevantes à sua passagem. Utilizando os procedimentos esboçados aqui, poderá sempre localizar, de forma rápida, a maior parte da literatura relevante. Esse processo não é completo, mas é uma boa maneira de cobrir muita coisa rapidamente.

a. Procure a passagem na qual está trabalhando em todos os três volumes de Langevin, *Biblical Bibliography* (4.11.1). Você terá uma lista da maioria dos livros e artigos escritos sobre a sua passagem entre 1930-1985.
b. Procure a passagem nos volumes anuais (outubro) de *Old Testament Abstracts* (4.11.1), a partir do ano de 1978.
c. Se você tiver tempo, pode também procurar a passagem no *Elenchus Bibliographicus Biblicus* (4.11.1), para os anos que ele abarca. Isso pode algumas vezes acrescentar um item ou dois a sua lista, principalmente de antes de 1930.
d. Da *Introdução* de Dillard e Longman (4.11.3) ou da *Introduction* de Soggin, e/ou da *Introduction* mais antiga de Eissfeldt (4.1.2), e, em menor medida, Langevin, *Biblical Bibliography* (4.11.1), você poderá obter uma boa lista de comentários sobre o livro que inclui sua passagem. Para atualizar essa lista, indo além do fim da década de 1970, você terá de consultar as listas anuais em *Old Testament Abstracts* (4.11.1), tarefa bem mais fácil se você possuir a versão eletrônica.
e. Passe rapidamente por toda a lista de artigos, livros e comentários que estão à sua disposição, procurando os livros e artigos mencionados como relevantes para a sua passagem; acrescente-os à sua lista. (Lembre-se: muito do que é relevante *para* a passagem não terá sido escrito diretamente *sobre* ela.) Especialmente úteis aqui são os volumes em séries tais como *Hermeneia* e *Word Biblical Commentary*, porque essas séries instruem seus autores a compilar bibliografias relativamente completas tanto sobre os livros bíblicos como sobre passagens individuais, até a data da publicação do volume em questão.
f. Mesmo que você não seja capaz de ler os livros, artigos e comentários em língua estrangeira alistados nos passos anteriores, ainda assim poderá

averiguar aqueles que estão à sua disposição para ver se mencionam artigos e livros relevantes escritos em alguma língua que você entende. Se esse for o caso, acrescente-os à sua lista.

O processo aqui descrito, mesmo que não exaustivo, fará você progredir rapidamente. Você terá à disposição um bom número de obras úteis, com as quais poderá verificar o trabalho exegético que tiver feito até este ponto.

12. APLICAÇÃO

Sem a aplicação, a exegese é apenas um exercício intelectual. Todos os passos do processo da exegese deveriam ter como alvo fé e ação corretas. As Escrituras cumprem o seu propósito inspirado não só ao entreterem nosso cérebro, mas ao influenciarem toda a nossa vida. A Bíblia é tão diversificada que as aplicações de suas várias partes serão diversas. Isso, porém, não significa que uma aplicação qualquer não deveria ser o resultado de um trabalho rigoroso e disciplinado. As orientações do passo 12 têm como propósito manter as implicações de uma passagem tão fiéis quanto for possível à sua legítima aplicabilidade.

12.1. Amostra de uma vida correta: Jó 31

Jó conclui aqui sua "alegação de inocência", uma forma de discurso também encontrada em 1Samuel 12.3-5 e Atos 20.25-35. Ele admite que se de fato tivesse cometido vários tipos de atos imorais, ele mereceria o castigo divino. Mas ele persistentemente nega ter violado a lei de Deus e, ao fazê-lo, descreve como uma pessoa decente e moralmente correta deveria ou não se comportar. É essa a perspectiva que interessa a você. Com base em Jó 1.8; 2.3 e 42.7-8, você tomou conhecimento de que a vida de Jó é algo como um modelo de comportamento. Agora, você quer saber o que se pode aprender de suas afirmações sobre seu estilo de vida.

Quando analisar as questões relacionadas à vida (1.12.1) mencionadas nesta passagem, você alistará seis que parecem claramente comparáveis a questões de vida atuais: comportamento sexual apropriado (v. 1-4, 9-12); honestidade (v. 5-8); tratamento justo dos empregados (v. 13-15,31); generosidade para com o necessitado (v. 16-23, 29-34); materialismo e idolatria (esses dois itens são comumente inter-relacionados no pensamento bíblico; v. 24-28); e administração financeira (v. 38-40). Alguns desses seis itens sem dúvida se sobrepõem parcialmente. Mas tratá-los separadamente a princípio ajudará a manter as questões bem focalizadas.

Uma vez que Jó 31 não contém um mandamento direto, determinando que o leitor faça alguma coisa, a natureza (1.12.2) da aplicação aqui é de que ela *informa.* Contudo, isso não implica que a aplicação seja menos urgente ou menos importante.

A passagem fala principalmente de fé ou de ação (1.12.3)? Embora existam alguns elementos relacionados à fé (v. 35-37, por exemplo), o interesse principal está centralizado no comportamento de Jó, i.e., *ação*.

E a respeito dos ouvintes (1.12.4)? Aqui a resposta pode variar, dependendo da questão específica. Todos se relacionam pessoalmente com a questão do comportamento sexual apropriado; portanto, ninguém está excluído desse tópico de vida. De igual modo, honestidade, generosidade para com o necessitado e administração financeira dizem respeito a todos. No entanto, nem todos têm empregados. A maioria das pessoas é composta de empregadores e de empregados, mas os aposentados e as crianças, normalmente, não pertencem a nenhuma dessas categorias. Além disso, no mundo moderno, muitos empregadores não são indivíduos, mas pessoas jurídicas. O reconhecimento dessas nuanças o ajudará a tornar suas aplicações mais precisas.

Jó 31 trata de diversas categorias de aplicação (1.12.5). Ela é tanto pessoal como interpessoal; trata dos aspectos sociais, econômicos, religiosos e financeiros. De particular interesse é a menção do culto idólatra nesse contexto, nos v. 24-28 (i.e., a adoração de corpos celestes como símbolos das divindades, cf. 2Rs 21.3; 23.5, 11; Sf 1.5 etc.). Essa menção o ajudará a lembrar que um dos aspectos importantes da idolatria, como sistema religioso, era a sua transigência com o egoísmo e o materialismo, enquanto a religião da aliança não era assim.

Quanto à época focalizada (1.12.6), você perceberá que é relativamente ilimitada. O potencial para o pecado nas áreas mencionadas por Jó certamente continua no presente e vai persistir até a consumação dos tempos — múltiplas passagens do NT confirmariam essa conclusão.

Finalizando, você precisa tentar estabelecer os limites da aplicação (1.12.7). A sua preocupação principal aqui é a de impedir que haja mal-entendidos da parte de seu público-alvo. A aplicação central de Jó 31 é que uma vida íntegra deve ser decente, honesta, generosa, imparcial, leal, não egoísta e não exploradora. Contudo, a passagem não sugere que a opressão legal de órfãos deve ser punida pela amputação do braço do transgressor (v. 21-22), nem que a porta da frente fechada é evidência da pecaminosidade do proprietário da casa (v. 32). Assim, também, as maldições que Jó, potencialmente, pronuncia sobre si mesmo como prova de sua decência não são indicadas como apropriadas ou punições normais para os dias de hoje. Da mesma forma, afirmações metafóricas, tais como "a minha porta sempre esteve aberta", não são afirmações literais de fatos. No entanto, se o público-alvo para o qual está fazendo sua exegese não tem conhecimento de algumas dessas coisas, tudo o que puder fazer no sentido de evitar mal-entendidos quanto à passagem será uma contribuição positiva para a sua aplicabilidade.

3



Breve guia da exegese homilética

Este breve guia tem a intenção de dar ao pastor um modelo de exegese mais acessível que possa ser seguido num estudo de uma passagem das Escrituras, com o propósito de pregá-la de forma competente. Cada parte deste guia traz uma sugestão do tempo aproximado que pode ser usado para trabalhar com as questões levantadas. O tempo total previsto foi arbitrariamente calculado em cinco horas, que é o mínimo que um pastor deveria normalmente dedicar aos aspectos da pesquisa na preparação de um sermão. Dependendo da passagem escolhida, do tempo à disposição na semana e da familiariedade com os recursos exegéticos, você verá que pode fazer consideráveis ajustes no que diz respeito à questão do tempo. Se a pregação exegética for uma novidade para você, será necessário dedicar muito mais tempo à pesquisa.

À medida que for se familiarizando com os passos e métodos, poderá chegar ao ponto de dispensar completamente este guia. Essa é, de fato, a intenção deste manual — ajudá-lo a começar, não a depender dele o tempo todo.

Comentário

A maioria dos pastores que estudou teologia teve de escrever pelo menos uma monografia exegética durante seu tempo de seminário. Muitos escreveram exegeses do AT, baseando-se no texto hebraico. No entanto, poucos aprenderam como fazer a transição do trabalho exegético e das técnicas necessárias na elaboração de uma monografia semestral para as técnicas exigidas para um sermão. Um trabalho semestral exige pesquisa substanciosa e a produção escrita da mesma. É, em muitos sentidos, específico e técnico, envolvendo o autor na produção de um manuscrito formal que será avaliado por um professor, com atenção especial à competência metodológica e abrangência, incluindo notas de rodapé e bibliografia. Por outro lado, o sermão é normalmente feito em dez

horas ou menos (total), devendo-se evitar que seja excessivamente específico e técnico; tampouco se necessita de um manuscrito formal. A avaliação do sermão é feita por um grupo de pessoas grande e diversificado, que é composto de não-eruditos em sua maioria e cujo interesse não é tanto em competência metodológica quanto nos resultados práticos alcançados.

Sendo o formato e o público tão radicalmente diferentes, não é de admirar que os pastores achem difícil perceber a relação entre aquilo que aprenderam no seminário e aquilo que se espera que façam nos seus gabinetes e nos púlpitos. Também não é de admirar que o sermão dominical padrão seja tão freqüentemente destituído de percepção exegética ou, então, salpicado de absurdos exegéticos, que inúmeras congregações em todo o país aspirem em vão por uma "simples pregação bíblica". O pastor, tendo abandonado já há muito tempo qualquer esperança de que sua agenda semanal lhe permita o mesmo tipo de exegese de alta qualidade envolvida em escrever uma monografia semestral, não tem nada a oferecer no lugar. O resultado: nenhuma exegese é feita. O sermão torna-se um longo encadeamento de iluminações pessoais, estórias pitorescas, truísmos, lugares-comuns e todo tipo de idéias genéricas que os comentários oferecem.

Essas idéias geralmente estão longe do nível de compreensão específica e das preocupações práticas da congregação que ouve o sermão. Isso é uma grande pena, porque o pastor encontra-se na posição ideal para fazer a conexão entre a pesquisa acadêmica e a vida prática, mas não pode deixar qualquer uma das duas sobressair. Afinal, como o pastor poderá encontrar tempo semana a semana para dedicar-se à pesquisa aprofundada na qual um sermão, genuinamente exegético, deveria basear-se? Tanto o pastor como a congregação padecem de uma metodologia que "faça a ponte", algo, por incrível que pareça, quase nunca ensinado nos seminários.

Este guia breve da exegese homilética é uma versão modificada e resumida do guia completo usado para monografias exegéticas do capítulo 1. Embora o processo da exegese em si não possa ser redefinido, a maneira em que ele é executado pode ser consideravelmente ajustada. A exegese feita visando à pregação não pode e, felizmente, não precisa ser tão exaustiva quanto a que se destina à monografia exegética. O fato de não ser exaustiva não significa que não possa ser adequada. O objetivo deste breve guia é auxiliar o pastor a extrair da passagem os aspectos essenciais de uma boa hermenêutica (interpretação) e exposição (explicação e aplicação). O produto final, o sermão, pode e deve ser baseado em pesquisa reverente e correta. O sermão, como ato de obediência e adoração, não deveria envolver erudição deficiente numa capa de eloqüência fervorosa. É bom que o seu sermão seja empolgante, mas que seja também fiel à revelação de Deus em todos os sentidos.

Nota: Quanto mais familiarizado você estiver com o processo completo descrito no capítulo 1, mais bem sucedido será seu uso do processo mais curto descrito aqui. Portanto, não é aconselhável pular um com o objetivo de se aproveitar imediatamente do outro.

1. TEXTO E TRADUÇÃO
(Use aproximadamente uma hora)

1.1. Leia a passagem muitas vezes

Leia a passagem em voz alta, em hebraico se possível. (Pesquisas demonstraram que a memória oral e auricular é agrupada no cérebro humano de forma diversa da memória visual; portanto, ler em voz alta acelerará o processo de familiarização com o conteúdo da passagem.) Tente perceber a passagem como uma unidade que transmite a palavra de Deus a você e à sua igreja. Leia a passagem em voz alta em português também. (Use uma tradução moderna, a não ser que você e a sua igreja insistam em usar uma versão mais antiga. Se esse for o caso, você deverá prestar dobrada atenção ao Passo 1.4.). Procure familiarizar-se com a passagem até ser capaz de ter em mente os seus aspectos essenciais enquanto avança pelos próximos cinco passos. Esteja alerta para a possibilidade de que você tenha de ajustar de alguma forma os limites de sua passagem, uma vez que as divisões em capítulos e versículos que temos hoje são secundárias em relação à composição do original, não sendo, portanto, guias sempre confiáveis para os limites das verdadeiras unidades lógicas. Verifique isso, começando a ler uns poucos versículos antes do início da passagem e vá além do fim da mesma. Ajuste os limites, se necessário (diminua ou expanda a passagem a fim de coincidir com os limites mais naturais, se a sua percepção da passagem assim o exigir). Depois de delimitar adequadamente a passagem e de adquirir conhecimento preliminar de seu conteúdo e de como as palavras e pensamentos fluem, siga para o Passo 1.2.

1.2. Tente identificar questões textuais significativas

Confira as notas textuais na *Biblia Hebraica Stuttgartensia* (*BHS*), ou na versão mais antiga, de Kittel, *Biblia Hebraica* (*BH3*), na margem inferior do texto em hebraico. Verifique especificamente variantes textuais que poderiam, de fato, afetar o significado do texto para a sua igreja na tradução para o português. Essas são as variantes textuais mais importantes. Não vale a pena se concentrar nas variantes menores — aquelas que não fariam muita diferença na tradução. Ao consultar um ou dois dos comentários técnicos mais importantes, que se ocupam de questões relativas ao texto e à tradução (v. 4.11.4), você poderá conferir rapidamente

se identificou corretamente as variantes mais significativas. Por último, avalie as variantes mais importantes a fim de decidir se deverão ser adotadas, alterando assim o texto "recebido" (o TM que vem impresso na Bíblia Hebraica). Se não consegue chegar a uma decisão — muitas vezes os comentários também não são capazes —, talvez seja bom mencionar isso à igreja. Sobre essa questão, veja também os Passos 1.4 e 1.5.

1.3. Faça a sua própria tradução

Tente fazer sua tradução, mesmo que o seu hebraico esteja fraco, "enferrujado" ou deficiente. Você pode verificar sua tradução, quando necessário, consultando uma ou duas versões modernas respeitáveis. Evite consultar paráfrases não-literais (mesmo que algumas sejam chamadas de "versões" ou "traduções"), pois elas tenderão a confundi-lo sem ajudar muito. As paráfrases confundem porque geralmente não representam uma tradução exata do original hebraico, sendo assim difíceis de seguir. Elas não ajudarão muito porque são úteis, principalmente, para ver por alto blocos grandes de material a fim de captar a sua essência, e não para um estudo mais aprofundado e cuidadoso no qual, até certo ponto, cada palavra (e apenas a palavra certa) é importante. Também pode-se encontrar auxílio num texto "interlinear" (v. 4.2.2) ou em qualquer concordância eletrônica (4.8.2).

Fazer uma tradução própria tem diversos benefícios. No mínimo, vai ajudá-lo a observar coisas sobre a passagem que você não percebe na leitura, mesmo no original. É mais ou menos como a diferença entre quanto você nota quando caminha por uma rua em contraste com o que vê quando passa dirigindo. Muito do que começará a observar ao preparar sua tradução se relacionará com os Passos 2-6. Por exemplo, provavelmente estará mais alerta à estrutura da passagem, ao vocabulário, às características gramaticais, e a alguns aspectos teológicos, uma vez que tudo isso chamará naturalmente sua atenção enquanto você traduz as palavras da passagem. Além do mais, você é o especialista quando se trata de sua igreja. Você conhece o vocabulário dos membros, o nível de instrução, e até onde vai o conhecimento bíblico e teológico deles etc. De fato, você é a pessoa singularmente capacitada para fazer uma tradução significativa, que poderá dar-lhe recursos, no todo ou em parte, durante o sermão. Isso possibilitará à igreja a compreensão genuína do verdadeiro sentido da palavra de Deus, apresentada na passagem.

1.4. Faça uma lista de alternativas à tradução

Se a passagem contém dificuldades textuais ou de tradução, sua igreja deve ser informada a respeito disso. A igreja poderá beneficiar-se em saber não somente

que opção você fez em algum ponto na passagem, mas quais são as várias alternativas e por que escolheu uma em detrimento de outras. Assim, seus ouvintes poderão seguir um pouco do seu raciocínio em vez de aceitar as suas conclusões "pela fé". A melhor maneira de preparar isso para o sermão é por meio de uma lista de alternativas, tanto para as possibilidades textuais como para as de tradução. Apenas as alternativas significativas devem ser incluídas em cada lista. Você deveria esperar ter em sua lista no máximo uma ou duas questões textuais e umas poucas questões de tradução. No sermão propriamente dito, você poderá incorporar facilmente essas alternativas na discussão sobre o que o texto diz com introduções tais como: "Outra maneira de ler esse versículo seria...", ou: "Também poderíamos aceitar uma possível redação original do texto como...". Um pequeno resumo da razão pela qual você acha que a evidência apóia sua escolha (ou a razão pela qual a evidência não é decisiva) poderá ser apresentada ou não, dependendo da disponibilidade de tempo.

1.5. Comece uma lista homilética

Do mesmo modo como você compilou a lista de opções mencionadas em 1.4 (talvez incluindo aquela lista), tenha por perto uma folha de papel, ou uma janela aberta no computador, na qual anotará suas observações do trabalho exegético na passagem, que você julga serem dignas de menção em seu sermão. Essa lista deveria incluir observações feitas em todos os Passos de 1 a 6, e servirá de referência rápida quando escrever o sermão.

O que deve ser incluído? Inclua as coisas sem as quais *você* se sentiria ludibriado se não soubesse. Não precisam ser observações revolucionárias, mas não deveriam ser insignificantes nem misteriosas. Se algumas coisas realmente o ajudam a apreciar e a entender o texto de um modo que não seria óbvio de outra maneira, então coloque isso em sua lista.

Exagere de início. Inclua tudo o que julgar digno de menção porque sua igreja poderia tirar proveito em saber disso. Mais tarde, quando escrever ou fizer um esboço de seu sermão, poderá excluir algumas coisas ou mesmo a maioria dos itens na lista por causa do tempo. Isso será particularmente importante se decidir fazer um sermão dramático, artístico, estilizado ou qualquer coisa parecida, abandonando assim, até certo ponto, o formato rígido da exposição. Além disso, numa perspectiva posterior você perceberá, sem dúvida, que certos itens originalmente incluídos para serem mencionados não são tão cruciais como você pensava num primeiro momento. Ou, ao contrário, poderá achar que há tanta coisa significativa para ser mencionada à sua igreja que precisará fazê-lo em dois sermões sobre a passagem para expô-la apropriadamente.

Lembre-se de que sua lista não é um esboço de sermão, assim como uma pilha de tábuas não é uma casa. Sua lista é simplesmente o registro provisório das observações resultantes da exegese que você acha, no início, que a sua igreja deveria ouvir e cujo conhecimento poderia beneficiá-la.

2. O CONTEXTO HISTÓRICO-LITERÁRIO (*Use aproximadamente uma hora*)

2.1. Examine o pano de fundo da passagem

Há normalmente uma considerável sobreposição entre o contexto literário e o contexto histórico numa passagem do AT. No entanto, é útil tentar identificar se alguma característica é *fundamentalmente* literária ou *fundamentalmente* histórica. Assim, você deveria tentar, em primeiro lugar, identificar o pano de fundo literário geral da passagem. Consulte, quando necessário, as introduções ao AT (veja 4.11.3) e os comentários (4.11.4). Se ela for narrativa, o que a precede? Se fizer parte de um grupo de histórias, que histórias vêm antes, e como essas conduzem à passagem? Se for um oráculo profético, que oráculos introduzem ou orientam a passagem de alguma forma? Tente determinar tanto o contexto *imediato* (os parágrafos precedentes ou as seções do livro em que a passagem ocorre) como o contexto *geral* (o material relevante de qualquer período anterior na história do AT).

Proceda da mesma maneira com o contexto histórico, consultando, quando necessário, as histórias do AT (v. 4.3.2). Observe, primeiro, o contexto imediato, depois o geral. Não se esqueça de dar à sua igreja uma noção do que aconteceu anteriormente, que eventos narrados e forças Deus coordenou de modo a montar o cenário para a passagem. Algumas passagens, é claro, não possuem um contexto histórico muito discernível. O salmo 23, por exemplo, não é facilmente encaixado em eventos específicos no passado do salmista (ou de Israel). Esse salmo, porém, tem características importantes em relação ao cenário (v. 2.2).

Você não pode ter a pretensão de ser exaustivo em sua análise do contexto histórico-literário da passagem com o escasso tempo que tem à disposição para preparar o sermão. Assim, você deverá ser seletivo de duas maneiras. Primeiro, concentre sua atenção nos pontos salientes. Selecione as características literárias e os acontecimentos históricos que lhe parecem mais clara e obviamente importantes para a igreja conhecer. Desconsidere aspectos do contexto literário e histórico que, se omitidos, não afetarão a capacidade dos ouvintes de entender ou interpretar a passagem. Em outras palavras, você está procurando as coisas essenciais — o que precisa ser destacado a fim de representar corretamente o contexto da passagem. Essas coisas devem ser *representativas* em

vez de abrangentes. Em segundo lugar, resuma. Em alguns casos, você não terá mais do que um minuto ou dois de seu sermão para discutir o contexto de uma passagem. Tente, portanto, construir, de maneira geral, um breve resumo das informações contextuais que estabelecem o cenário para a passagem nos seus contextos imediato e global.

2.2. Descreva o ambiente histórico-literário

Descrever o pano de fundo (2.1) e o primeiro plano (2.3) de sua passagem é um grande passo na descrição do contexto, mas ainda há mais. Você precisa estar certo de que seus ouvintes têm alguma compreensão do ambiente literário em termos de localização e função, tanto quanto de autoria da passagem. Da mesma forma, eles devem ter idéia do ambiente histórico em termos das coordenadas sociais, geográficas e arqueológicas, além das cronológicas (i.e., a data em que os eventos da passagem ocorreram).

Localização e função da passagem. Qual é o seu lugar na seção, livro, divisão, Testamento e na Bíblia? Ela introdutória? Conclui alguma coisa? Faz parte de um grupo de passagens similares? É central de alguma forma? Que tipo de vazio sua ausência criaria? Não é preciso muito tempo para discernir isso, e não é preciso muito tempo em um sermão para transmitir resumidamente para sua congregação o que você descobriu.

Autoria. Quem escreveu a passagem? Ela é claramente atribuída a alguém ou é anônima? Há alguma disputa sobre a autoria? Conhecer a autoria faria alguma diferença? Se o autor for conhecido, o que mais ele escreveu? A passagem é típica ou atípica na obra do autor? Existem características conhecidas do autor que ajudam a tornar a passagem mais compreensível? Para o ouvinte, a passagem bíblica sempre parecerá mais "real" se o autor for identificado e as características gerais de sua obra forem descritas.

Ambiente social (incluindo economia e política). O que na vida de Israel nesta época ajudaria sua igreja a entender a passagem? Ela aborda ou reflete questões sociais, econômicas ou políticas, costumes ou acontecimentos que deveriam ser mencionados? Sob quais condições e circunstâncias, sejam pessoais, familiares, tribais, nacionais ou internacionais, os acontecimentos e as idéias da passagem ocorreram?

Ambiente geográfico. Onde a passagem foi escrita? Onde os acontecimentos tiveram lugar? Isso faz alguma diferença para a compreensão da passagem? Haveria alguma diferença na passagem se ela tivesse sido escrita em algum outro lugar, ou se seus acontecimentos tivessem ocorrido em outro lugar? Qual é o grau de importância do ambiente geográfico — periférico ou central? Se nenhum ambiente

é oferecido, esse fato seria significativo ou incidental? Vários pregadores relatam que os resultados dessa parte do processo produzem especialmente o tipo de comentários em um sermão que levam os membros da igreja a dizer que tiveram a impressão de terem estado "lá". Isto é, puderam se imaginar um pouco no mesmo relacionamento com o material bíblico que os ouvintes originais presumivelmente estiveram.

Ambiente arqueológico. Consulte o índice de citações bíblicas de um ou mais livros de arqueologia (4.3.5), história ou comentário do AT. Existe algo disponível a partir da pesquisa arqueológica que esteja relacionado especificamente à passagem ou ao seu contexto relativamente imediato? Se há, isso fornece uma perspectiva útil de algum modo?

Data. Sempre que possível, dê as datas absolutas e relativas para quaisquer acontecimentos ou pessoas na passagem, ou para a produção literária ("publicação original") da passagem. A maioria dos membros de igrejas sabem poucas datas. Eles não têm certeza se Rute vem antes ou depois de Davi, ou se Ester vem antes ou depois de Abraão, ou em que século viveram. Quanto mais freqüentemente você pára para explicar as datas relacionadas à passagem (e isso não precisa tomar muito tempo) tanto mais claras se tornarão, para a sua igreja, as interrelações de povos, livros e acontecimentos. A revelação de Deus para nós é histórica. Portanto, não negligencie a cronologia.

2.3 Examine o cenário histórico e literário da passagem

O que segue imediatamente, tanto literária como historicamente? O que vem na seqüência do(s) capítulo(s)? É algo que se relaciona de perto com a passagem ou não? Como se relaciona e que auxílio, se algum, oferece ao entendimento da passagem? Há acontecimentos conhecidos que ocorreram logo depois e que poderiam lançar alguma luz sobre a passagem? Consultando as histórias do AT, verifique se há aspectos da história israelita ou do antigo Oriente Próximo que não são abordados (ou não são abordados em detalhe) na Bíblia e que, ainda assim, podem ajudar na interpretação da passagem. Há alguma coisa que aconteceu logo a seguir e que seria bom que sua igreja soubesse? Embora um acontecimento possa não ser o resultado de, ou ser afetado por, algo mencionado na passagem, existem eventos que sejam semelhantes ou logicamente (mesmo que não numa relação de causa e efeito) relacionados? Siga o mesmo procedimento com o cenário literário e histórico mais amplo. Tente descrever o que segue no livro, divisão, Testamento e na Bíblia e que poderia ser muito importante para a passagem. Faça o mesmo quanto ao aspecto histórico. Não hesite em mostrar os desdobramentos do assunto para os dias de hoje, ou mesmo para além, se for

legítimo. (Por exemplo, uma profecia do AT sobre o reino de Deus poderia muito bem incluir o antigo Israel, a igreja atual e o futuro reino celestial.)

Como princípio geral, você não deveria falar sobre a passagem de forma isolada, como se não houvesse outros textos das Escrituras ou uma história ao redor da mesma. Fazer isso seria desonestidade com o desdobramento da revelação histórica. Seria sugerir à igreja que a Bíblia é uma coleção de minúsculos fragmentos, sem conexão uns com os outros e sem muita relação com a passagem do tempo. Essa, certamente, não é a *sua* concepção da Bíblia, e não deveria ser também a impressão que você vai passar para os membros de sua igreja. Tente prestar atenção àquelas coisas que (mesmo que num resumo) vão ajudá-los a compreender que Deus nos deu uma Bíblia que pode ser apreciada como um todo tanto quanto em suas partes; e que é Deus quem controla a história *agora*, dirigindo assim a *nossa* história com a mesma fidelidade que mostrou a seu povo nos tempos do AT.

3. FORMA E ESTRUTURA
(Use aproximadamente meia hora)

3.1. Identifique o gênero e a forma

Sua igreja tem o direito de saber se a passagem é prosa ou poesia (ou ambos), e se é narrativa, um discurso, um lamento, um hino, um oráculo de luto, uma visão apocalíptica, ou um dito de sabedoria etc. Esses vários tipos (gêneros) de literatura têm diferentes características identificadoras e, o que é mais importante, precisam ser analisados levando em conta essas características individuais, para que seu significado não seja perdido ou obscurecido. Por exemplo, considere a pregação de Jonas: "Ainda quarenta dias e Nínive será subvertida!" (Jn 3.4). Sua igreja, provavelmente, ficará intrigada quanto a por que Jonas, que odiava Nínive, desejaria não pregar uma mensagem tão negativa de desastre, a não ser que explique que a possibilidade de arrependimento e, portanto, de perdão, está *implícita* na advertência da demora de punição ("Ainda quarenta dias"). O conhecimento da forma e suas características leva à constatação de que Jonas está, na verdade, ainda que relutantemente, pregando uma mensagem de esperança para Nínive. Não há necessidade de identificar cada forma por seu nome técnico. Mas você não pode esquecer de identificar o tipo de literatura mais amplo (o gênero, e.g., profético) e a forma específica usada na passagem (e.g., oráculo de advertência), uma vez que, na maioria dos casos, tal identificação servirá para destacar a avaliação e a interpretação da passagem.

3.2. Estude o contexto vivencial das formas onde apropriado

Se houver quaisquer ligações discerníveis entre a(s) forma(s) usada(s) na passagem e situações reais da vida, mostre-as para a igreja. O "cântico da sentinela", usado para descrever a destruição de Babilônia do ponto de vista de um vigia (Is 21.1-10), tem impacto maior quando os ouvintes são lembrados de que, nos tempos antigos, a sentinela ou o vigia na muralha da cidade era, freqüentemente, a primeira pessoa a ver alguma coisa vindo e, assim, a anunciar acontecimentos importantes. Uma vez que o profeta é, também, o porta-voz de Javé para anunciar acontecimentos importantes, a imagem do oráculo de Isaías no cap. 21 é especialmente apropriada. O conhecimento do contexto vivencial original, do qual a forma é emprestada, é muitas vezes crucial para entender seu significado. Explique esses fatores à sua igreja e a mensagem profética poderá ser passada para ela com a mesma força com que foi ao público original de Isaías. Você não precisa apresentar uma análise crítico-formal detalhada do texto. Contudo, deverá pelo menos se orientar pelo princípio de que ela precisa saber alguma coisa sobre a(s) forma(s), o que poderá contribuir para sua compreensão da mensagem. Fazer menos do que isso seria deixar os ouvintes parcialmente "no escuro". Onde for possível, esclareça-os a respeito de qualquer coisa que te ajude a expor o significado do texto.

3.3. Esteja atento a padrões estruturais

Faça um esboço da passagem, procurando descobrir seu fluxo ou progressão natural. Como ela começa? Como ela progride? Como ela termina? De que modo a estrutura se relaciona com o significado? A mensagem da passagem (ou o seu impacto) está relacionada, pelo menos em parte, com a estrutura? Qual é a "lógica" da passagem, e que pistas de interpretação você é capaz de ver nessa lógica? Não são poucas as vezes nas quais o esboço da passagem serve praticamente de esboço do próprio sermão. Nas demais, os dois esboços estarão interligados de alguma forma.

Depois procure padrões específicos. Existem repetições de palavras ou de idéias, sons, paralelismos, palavras centrais ou secundárias, associação de termos ou outros padrões que possam ajudá-lo a definir a estrutura? Busque, especialmente, evidências de repetições e progressões que poderão auxiliá-lo a entender o que a passagem está enfatizando. Como exatamente o autor inspirado organizou suas palavras ou frases, e por quê? O que é destacado? O que é trabalhado no texto de forma a completar o pensamento? Existe algo marcantemente belo ou notável na estrutura (especialmente se a passagem for um poema)? Lembre-se de que a estrutura não somente apresenta o conteúdo, mas é também, até certo ponto, *parte* do conteúdo. As estruturas textuais podem ser bastante proeminentes

(como em Gênesis 1), ou pouco evidentes (como em algumas histórias dos reis israelitas), mas são normalmente significativas.

3.4. Destaque características peculiares e avalie seu significado

A crítica (análise) da forma e a crítica do gênero enfatizam as características típicas e universais, comuns a todas as ocorrências de qualquer forma ou categoria ampla de literatura. A crítica estrutural e a crítica retórica, por outro lado, se atêm mais diretamente àquilo que é singular e específico numa passagem particular. Ambas são necessárias. Você deve avaliar uma passagem por aquilo que ela compartilha com passagens similares, mas também por aquilo que ela tem de particular, que a caracteriza de forma especial, que a faz diferente. Em termos da estrutura geral, e também das repetições e padrões progressivos, o que encontra na passagem que lhe confere seu "sabor" distintivo, que descreve a passagem em seus próprios termos e de acordo com seus temas e questões? Que conteúdo de revelação particular é comunicado nos limites e para além da forma e do gênero gerais que a passagem contém ou dos quais ela faz parte?

4. INFORMAÇÕES GRAMATICAIS E LEXICAIS *(Aproximadamente 50 minutos)*

4.1. Observe qualquer padrão gramatical que seja incomum, ambíguo ou importante de alguma forma

Seu interesse principal aqui é destacar os elementos gramaticais que possam ter algum efeito sobre a interpretação da passagem. Qualquer coisa que possa ser explicada — pelo menos de modo geral —, é justo que a igreja saiba. No entanto, não se preocupe em explicar minúcias. Encontre as anomalias mais importantes e significativas, as ambigüidades e dilemas (questões cruciais à interpretação), se houver. Poucas passagens têm muitas dessas coisas; portanto, isso não deve tomar muito tempo.

As ambigüidades merecem atenção especial. Se um profeta traz uma palavra de Javé עַל־יְרוּשָׁלִַם, por exemplo, será útil para a igreja saber que isso pode significar "sobre Jerusalém", "em favor de Jerusalém" ou "contra Jerusalém". As traduções tem de escolher uma dessas opções — não podem incluir as três e, portanto, não são capazes de mostrar a real ambigüidade na passagem, muitas vezes proposital e com vistas ao suspense. O público do antigo profeta não tinha sempre como saber se a palavra de Javé era boa ou ruim, até que o profeta terminasse o suspense na seqüência do oráculo. Dilemas certamente

merecem atenção especial: se a interpretação da passagem (ou uma doutrina mencionada por ela) depender de uma decisão gramatical que vai em uma certa direção (e.g., "Não terás outros deuses *diante de mim*"), isso deve ser claramente explicado. Por exemplo, resultará apenas em confusão se o ouvinte não souber interpretar apropriadamente este mandamento quanto aos termos "diante de mim" fazerem ou não referência ao espaço ("na minha presença"), ou ao tempo ("antes de mim"), ou à devoção ("mais do que a mim em importância"), ou se o uso da palavra "deuses" — forma plural — pode de fato implicar politeísmo. As pessoas precisam saber que אֱלֹהִים, "deuses", possui ampla gama de significados que inclui "falsos deuses", "ídolos", "seres sobrenaturais" (como os anjos) etc.

4.2. Faça uma lista de expressões-chave

À medida que avança pela passagem, escreva uma lista de todas as palavras (ou frases) em português que você julga importantes. Essa lista poderá incluir verbos, adjetivos, substantivos, nomes próprios etc. Inclua qualquer coisa que talvez a maioria de seus ouvintes não pode definir, como também algum termo que possam querer conhecer melhor. Uma passagem típica, com dez ou quinze versículos, poderá conter uma dúzia de palavras ou mais. No exemplo apresentado em 2.8.1, a história do discurso de Abias e a batalha contra Jeroboão, em 2Crônicas 13, sugere mais de vinte palavras-chave e frases que uma igreja geralmente não conhece ou se beneficiaria em tê-las definidas (Abias, mil, monte Zemaraim, todo o Israel, aliança de sal, servo de Salomão, consagrar, não são deuses, holocaustos, pães da proposição, Deus de seus pais etc.).

4.3. Reduza a lista a um tamanho manejável

Por falta de tempo, seja seletivo. Decida se vai incluir cinco, dez ou talvez mais termos-chave na sua lista. Fique com os termos que acredita que sua igreja deve aprender. (Da lista exemplificada acima, isso poderia incluir: "aliança de sal", "consagrar", "não são deuses", "Deus de seus pais" etc.) Elimine o que não é central para as necessidades de seu sermão. Você poderá perceber que alguns pontos importantes de seu sermão vão contribuir para o processo de decidir o que comentar, o que não comentar ou comentar rapidamente. Da passagem mencionada acima, por exemplo, poderia escolher a expressão "A aliança de sal" como título para o sermão. Isso despertaria um mínimo de curiosidade antecipada sobre o sermão.

4.4. Faça um breve estudo lexical de pelo menos uma palavra ou termo

Qualquer passagem escolhida com cuidado conterá pelo menos uma palavra ou termo que merece pesquisa para além dos limites da mesma. Acostume-se a escolher toda semana uma palavra ou termo e conferir seu uso e, assim, seus vários sentidos, primeiro na seção, depois no livro, na divisão, no Testamento e na Bíblia como um todo. Utilize o método de estudo de vocábulo (ou conceito) descrito em 4.8.3, mas empregue seu tempo sabiamente: Verifique os vários contextos em português, se desejar; saiba o que pesquisar buscando a orientação de léxicos e estudos de vocábulos. Entretanto, independentemente do que fizer, vá além do contexto imediato da passagem. Mostre à sua igreja um pouco do uso daquela palavra ou termo *por toda* a Bíblia. Faça isso resumindo a evidência da melhor forma possível no pouco tempo que tiver disponível. Lembre-se novamente da diferença entre a palavra e o conceito, e que os conceitos reais da passagem são os comunicadores da mensagem, não tanto suas palavras individuais como unidades isoladas de fala.

5. CONTEXTO BÍBLICO E TEOLÓGICO *(Aproximadamente 50 minutos)*

5.1. Analise o uso da passagem em outros lugares na Bíblia

Estude os casos em que alguma parte da passagem é citada em algum outro lugar na Bíblia. Como e por que é citada? Como ela é interpretada pelo autor que a cita? O que isso ensina sobre a interpretação adequada da passagem? O significado de uma passagem é sempre esclarecido pela análise de seu uso em outros contextos.

5.2. Analise a relação entre esta passagem e o restante da Bíblia

Que papel a passagem cumpre? Que lacunas ela preenche? Com o que ela tem semelhança ou diferença? Ela é apenas uma de um grupo de passagens semelhantes ou é razoavelmente singular? Alguma coisa depende dela em outro lugar? Outros textos ajudam a tornar a passagem mais compreensível? Como? Qual é o seu lugar na estrutura geral da revelação bíblica? Que valor ela tem para o estudante da Bíblia? De que modo ela é importante para a sua igreja?

5.3. Analise o uso da passagem pela teologia e em relação a ela

A passagem lança luz sobre que doutrinas teológicas? Quais são as preocupações teológicas dela? A passagem levanta questões ou dificuldades acerca de algum tema ou opção teológica que precisam ser explicadas? Qual é a importância das

questões teológicas que a passagem levanta? Qual é o lugar que a passagem parece ter em relação a todo o sistema de verdades contido na teologia cristã? Como a passagem deve ser harmonizada com o todo da teologia? As questões teológicas que ela levanta são mais ou menos explícitas (ou implícitas)? Como você poderia usar a passagem para ajudar a tornar sua igreja mais coerente em termos de teologia, ou, pelo menos, mais alerta teologicamente falando?

6. APLICAÇÃO (*Aproximadamente uma hora*)

6.1. Aliste os temas que dizem respeito à vida

Faça uma lista dos possíveis temas que dizem respeito à vida, mencionados explicitamente, referidos implicitamente ou que devem ser inferidos logicamente da passagem. Talvez haja apenas um ou dois desses temas, ou vários. Para começar, procure incluir todos. Mais tarde poderá eliminar aqueles que, com mais reflexão, julgar menos significativos ou irrelevantes.

6.2. Esclareça a possível natureza e área de aplicação

Organize sua lista provisória (mental ou escrita) de acordo com a natureza da passagem, ou de suas partes, se é informativa ou orientadora; depois, se visa à fé ou à ação. Embora essas distinções sejam, até certo ponto, tanto arbitrárias como artificiais, elas são úteis na maioria das vezes. Elas poderão orientá-lo a fazer aplicações mais precisas e específicas do ensino das Escrituras para a sua igreja. Também o ajudarão a evitar aplicações gerais e vagas, que muitas vezes não são realmente aplicações.

6.3. Identifique o público-alvo e as categorias de aplicação

Os temas que dizem respeito à vida são instruções mais para indivíduos ou para a comunidade, ou não há nenhuma diferença aqui? Se for para indivíduos, quem são eles? Cristãos ou não-cristãos? Ministros ou leigos? Pais ou filhos? Fortes ou fracos? Soberbos ou humildes? Se se dirige a grupos, quais são? A Igreja? A nação? Os pastores? Os leigos? Uma profissão específica? Uma estrutura social?

Esses temas se relacionam, ou são restritos, a certas categorias tais como relações interpessoais, piedade, finanças, espiritualidade, comportamento social, vida familiar?

6.4. Determine os limites e a época para focalizar na aplicação

Determine se a passagem desperta mais o reconhecimento de algo do passado, uma convicção ou uma ação presente, ou uma esperança para o futuro. Ou ainda,

talvez uma combinação de épocas esteja em vista. Depois disso, estabeleça limites. A sua igreja estará bem servida com sugestões daquilo que seriam aplicações extremas, para que seus ouvintes não sejam levados a aplicar a passagem de maneiras ou em áreas opostas à intenção original das Escrituras. Há alguma aplicação que seja primária enquanto outras são mais ou menos secundárias? A passagem tem uma aplicação dupla como, por exemplo, certos textos messiânicos? Se esse é o caso, explique isso para a sua igreja e indique onde reside a responsabilidade *dela* de responder às informações e orientação da passagem.

Ao sugerir aplicações, é geralmente aconselhável ser cauteloso. Evite, principalmente a falácia da imitação (a idéia de que se alguém na Bíblia faz alguma coisa, nós podemos ou devemos fazer o mesmo também). Essa abordagem de aplicação é do tipo mais perigoso e irreverente, uma vez que quase toda sorte de comportamento, seja ele tolo ou sábio, maldoso ou santo, é relatado na Bíblia. Apesar disso, essa abordagem do tipo imitação na aplicação das Escrituras é amplamente seguida, em virtude da escassez de bom ensino contra ela nos púlpitos. Ser cauteloso envolve aderir àquilo que é seguro, evitando aplicações questionáveis (possíveis, mas incertas). Sua responsabilidade não é sugerir à sua igreja todos os modos possíveis de se aplicar uma passagem. *Sua* responsabilidade em relação à sua igreja é explicar a aplicação clara e intencional da passagem. A não ser que esteja convencido de que a *intenção* da Bíblia é que uma passagem seja aplicada de uma certa maneira, nenhuma sugestão no que concerne à aplicação pode ser feita com confiança. Seria preferível que você admitisse diante de todos que não tem idéia de como a passagem deveria ser aplicada à vida de seus ouvintes a convidá-los a buscar uma aplicação destituída de legítima autoridade bíblica. É muito mais provável, entretanto, que — se sua passagem foi escolhida com sensatez e o trabalho exegético foi realizado adequadamente — você estará em posição de sugerir, confiantemente e de modo prático, não somente o que a passagem significa como também o que ela orienta você e sua igreja a crer e a fazer.

7. PASSANDO DA EXEGESE PARA O SERMÃO

Existem muitas maneiras de se preparar sermões e de pregá-los, bem como diferentes tipos de sermões e de livros sobre eles. Ainda assim, alguns conselhos podem ser dados quanto à preparação de um sermão que seja exegeticamente sadio.

7.1. Trabalhe a partir de sua lista homilética

Organize as várias anotações de sua lista em categorias. Observe quantas delas se agrupam entre si. Alguns dos grupos parecem ter mais peso do que outros? Por exemplo, muito da sua lista parece centrar-se em temas e termos teológicos? Se

esse é o caso, talvez seu sermão devesse ser mais teológico. Sua lista contém muitos elementos que fazem parte de uma narrativa? Então, será que o sermão não deveria ter, no todo ou em parte, o formato de uma narrativa? Você precisará explicar muitos itens lexicais? Então, talvez um certo número de ilustrações seja necessário. E assim por diante. Em geral, o material na lista homilética deveria, pelo menos, sugerir como serão alguns dos blocos maiores na construção do sermão, independentemente de sugerir ou não um formato particular para o mesmo. Lembre-se, também, de que talvez você não será capaz de incluir (ou de cobrir de forma adequada) no sermão tudo o que colocou provisoriamente na lista homilética. Descarte o que precisa ser descartado. Um sermão apenas não pode conter tudo.

7.2. Não utilize o esboço exegético como esboço homilético

Você certamente não durará muito no pastorado se a sua igreja ouvir cada sermão começar com: "Vamos examinar os problemas textuais da passagem...". Um esboço exegético de seis pontos é um formato organizado e gradual que cobre os temas exegéticos de uma passagem. Mas isso não é um esboço homilético. Você deve organizar e incorporar os resultados de sua exegese ao sermão de acordo com uma ordem que tem como interesse principal a instrução e a motivação da igreja. É sua tarefa escolher o tipo de sermão, contendo os elementos e a ordem que melhor comunicarão isso a seus ouvintes. Ninguém está em melhor posição para isso do que você.

7.3. Separe o que é especulativo do que é fato

Informe claramente quais "descobertas" exegéticas são possíveis, quais são prováveis e quais são seguras. Você pode se entusiasmar com a possibilidade de que um certo dístico poético em Oséias possa ter sido adaptado de Amós. Contudo, você seria irresponsável se apresentasse isso como definitivo, uma vez que é igualmente plausível conjecturar que foi Amós quem emprestou o dístico, que ambos os profetas o tiraram de um repertório comum de poesia profética, ou que foram independentemente inspirados com mensagens similares etc. Não há nenhum problema em alertar sua igreja sobre qualquer dessas opções ou todas elas, desde que as identifique como especulativas.

7.4. Separe o que é central do que é periférico

O sermão não deve dar o mesmo valor a todas as questões exegéticas. O fato de ter passado meia hora tentando entender um complicado problema histórico sobre

a cronologia israelo-assíria não significa que você deve dedicar dez por cento do sermão para explicar isso. Você pode até não mencioná-lo. Tente estabelecer o que a igreja *precisa* saber do texto do sermão em oposição ao que você precisou saber para prepará-lo. Há muita coisa que a igreja não precisa saber. Os dois principais critérios para tomar essa decisão são a passagem propriamente dita e a sua reação a ela. Aquilo que a passagem trata como significativo é, provavelmente, o que o sermão deveria tratar como significativo. O que você considera mais útil e importante para você do ponto de vista pessoal é, provavelmente, o que a igreja achará mais útil e importante para si. Toda passagem adequadamente identificada versa sobre algo, i.e., possui um tema. Se sua pregação for fiel à passagem, os membros de sua igreja serão capazes de sair do culto sabendo qual é a idéia central da passagem. Essa "idéia central" deve ser algo que os ajude a entender a Deus e seu relacionamento com ele, ou você não refletiu sobre a exegese e seu clímax na aplicação de maneira tão cuidadosa quanto deveria.

7.5. Utilize comentários homiléticos só até certo ponto

Muitos pastores dependem demais dos chamados comentários homiléticos (aqueles que dão sugestões para a pregação) e muito pouco de sua própria exegese técnica. Isso pode ser contraproducente, uma vez que os comentários homiléticos são, na maior parte, superficiais exegeticamente falando. Além disso, considerando que o comentarista não conhece pessoalmente você nem sua igreja, ele não será capaz de oferecer nada além de observações e idéias gerais. O comentarista dificilmente discutirá questões controvertidas, os seus pontos fortes e fracos, os tópicos candentes, os assuntos étnicos, familiares, sociais, econômicos, políticos, educacionais, interpessoais, e outras preocupações que constituem desafios espirituais particulares para você e sua igreja. O comentarista não tem idéia de quanto sua igreja conhece um determinado tópico ou passagem, quanto você pretende avançar em seu sermão, ou mesmo o tamanho das unidades do texto que você escolheu para pregar. Na realidade, você pode recorrer aos comentários homiléticos buscando idéias complementares que eles possam oferecer a você, mas não antes de você mesmo ter feito o trabalho básico.

7.6. Lembre-se que a aplicação é o principal objetivo de um sermão

O sermão é uma apresentação cujo propósito é aplicar a palavra de Deus à vida das pessoas. Sem a aplicação, um discurso não é um sermão; pode ser uma palestra, uma aula ou coisa semelhante, mas não é um sermão. Assegure-se de fazer um sermão que não negligencia a aplicação clara, praticável, e exegeticamente fundamentada. Isso não significa que a maior parte do sermão deverá ser dedicada

à aplicação. Proporcionalmente, a maior parte do sermão, de fato, pode ser usada em questões que não são, a rigor, de aplicação, desde que ajudem a fundamentar a aplicação. É verdade que dificilmente sua igreja iria aceitar a aplicação sugerida de uma passagem com base apenas na autoridade do pregador. Os ouvintes precisam ter certeza de que a aplicação é baseada na compreensão correta do significado da passagem e, provavelmente, não aceitarão a aplicação a não ser que isso esteja claro para eles. Da mesma forma, você não deve explicar só o que a passagem *diz*, enquanto evita explicar só o que ela *exige*. A Bíblia não é um fim em si mesma — ela é um meio para o alvo de amar a Deus de todo o coração e amar ao próximo como a si mesmo. É para isso que a lei e os profetas apontam.

Consultar a literatura secundária é sempre necessário. Existem questões técnicas demais — e fontes para a interpretação dessas questões — para que o estudante (ou mesmo o erudito profissional) dependa somente de sua própria metodologia. Para interpretar adequadamente uma passagem do livro de Jó, por exemplo, é preciso algum conhecimento da forma especial em que os mitos cananeus são usados, reutilizados (embora "higienizados") e, assim, empregados a serviço da mensagem da soberania de Javé sobre toda a criação. Do mesmo modo, o dialeto especial (edomita antigo) usado em Jó está, simplesmente, além do conhecimento do aluno de seminário, cuja única língua semítica é o hebraico. É necessário buscar o auxílio dos especialistas e, muitas vezes, até mesmo para se perceber quais são as questões exegéticas. Nada, porém, deve ser aceito de forma acrítica. Os especialistas demonstram pouca capacidade de avaliação e desejo de aceitar conclusões não satisfatórias tão freqüentemente como qualquer outra pessoa. Eles podem dar plausibilidade ao seu pobre juízo e conclusões não satisfatórias cercando-os com grande quantidade de informações relacionadas e discurso erudito. No entanto, o seu próprio bom senso e o seu direito de não ser enganado o ajudarão, até que fatos e argumentos mais convincentes sejam apresentados. Sua preocupação principal ao enfrentar questões difíceis e técnicas, que requerem especialização para além de sua capacidade, não deve ser *criar*, mas *avaliar* soluções. Analise criticamente o que os especialistas estão dizendo, compare sua lógica e informações, e escolha o que parece mais convincente. Ninguém pode exigir mais do que isso de você.

4



Recursos e auxílios exegéticos

Os auxílios e a bibliografia indicados neste capítulo estão arranjados conforme o esboço da exegese completa, no capítulo 1. Com poucas exceções, os livros recomendados são limitados aos que estão disponíveis em inglês e português. As melhores obras, em termos de relevância, bem como de perícia técnica, são alistadas sem levar em conta o ponto de vista teológico dos autores. Entretanto, no caso das teologias cristãs e do AT (seção 10), alguma atenção é dada às diferentes perspectivas teológicas.

1. CRÍTICA TEXTUAL

1.1. A necessidade da crítica textual

Muitos pastores e estudantes de teologia acham que crítica textual é algo monótono, e imaginam que seja pouco importante para os estudos bíblicos. Monótona, pode até ser às vezes, como são também muitas tarefas acadêmicas importantes e necessárias. Todavia, a seleção apropriada das variantes textuais pode ser muito importante para a interpretação de uma passagem, e não deve, portanto, ser evitada. Até mesmo os livros do AT relativamente isentos de problemas textuais — o Pentateuco, Juízes, Ester, Jonas, Amós etc. — têm alternativas textuais quase que em cada capítulo. E os livros conhecidos por suas muitas corrupções textuais — Oséias, Ezequiel, Samuel-Reis, Salmos, Jó, Zacarias etc. — podem freqüentemente demandar do exegeta a tomada de decisões textuais que afetarão a interpretação de grande parte dos versículos de uma passagem! A tarefa da crítica textual pode não parecer atraente, e ser até mesmo cansativa, mas é inevitável.

Não existe hoje nenhuma versão oficial do texto do AT. O texto hebraico impresso na *BH3* e *BHS* (v. 4.1.5) é meramente uma cópia do *Códice de Leningrado*, um manuscrito do século XI, um entre muitos manuscritos da Antigüidade e Idade Média. Devido aos formatos que a *BH3* e a *BHS* têm para o texto

impresso desse manuscrito, com uma seleção de leituras alternativas (redações diferentes) nas notas de rodapé, é possível ter-se a impressão de que essas leituras nas notas são uma espécie de irregularidade, i.e., pequenos desvios da norma ou padrão dado no texto impresso completo. Mas isso não é verdade. As leituras alternativas (chamadas de variantes) são, elas próprias, somente uma seleção das diferentes leituras possíveis de uma grande variedade de manuscritos antigos do AT em várias línguas, cada um deles considerado tanto autoridade como "padrão" por alguma comunidade de fé, em alguma época do passado. A decisão de publicar esse manuscrito do século XI em particular, em razão de seu bom estado de conservação e de sua data relativamente remota, não é errada. Isso, porém, pode ser enganoso. Se algum outro manuscrito medieval um pouco mais antigo tivesse o mesmo bom estado de preservação, teria sido escolhido para ser publicado, mesmo que suas leituras fossem diferentes em centenas de lugares por todo o AT. Em outras palavras, as variantes apresentadas nas notas da *BH3* e da *BHS*, junto com as muitas outras variantes não mencionadas pelos, flagrantemente, seletivos editores dessas publicações, deveriam receber uma justa apreciação junto com o *Códice de Leningrado*. Muitas vezes, talvez até na maioria dos casos, essas variantes tendem a preservar as palavras hebraicas originais muito mais do que o *Códice de Leningrado*. As variantes representam as muitas outras cópias antigas do AT que também podem refletir o texto original. Em qualquer instância (em qualquer ponto do texto hebraico do AT), qualquer uma delas poderia ser correta e todas as outras que diferem poderiam ser erradas. Cada caso deve ser considerado em seus próprios méritos, mesmo se, como é bem sabido, certas cópias e versões são consideradas *geralmente* menos confiáveis do que outras.

Existem muitas diferenças entre as diversas versões, e muita corrupção óbvia do texto (redações agramaticais, ilógicas ou ininteligíveis) nas tradições de manuscritos e "recensões". Além disso, mais numerosas do que as corrupções óbvias são as corrupções "ocultas" — aquelas que copistas posteriores retificaram com uma redação aparentemente correta, mas que, numa análise de toda a informação de muitas versões, se mostram não-originais.

Considerando que a crítica textual pode ser bastante complicada, e que as decisões quanto às leituras originais são freqüentemente subjetivas, você poderá ser tentado a dizer: "Eu não tomarei nenhuma decisão a respeito do texto. Trabalharei exclusivamente a partir do Texto Massorético da BHS." Ao fazê-lo, no entanto, terá tomado milhares de decisões automaticamente. Terá escolhido, em todos os casos do AT, as leituras do TM do *Códice de Leningrado*, algumas das quais são as melhores, outras são as piores. Terá decidido interpretar frases confusas e incoerentes, que poderiam ser esclarecidas pela comparação crítica com outras versões. Ao mesmo tempo, estará, pelo menos tacitamente, insultando a

inteligência do autor humano original, como também a inspiração do texto pelo Espírito Santo, ao aceitar acriticamente o TM que, às vezes, é sem sentido, outras vezes muito curto, ainda outras vezes muito longo, quando leituras alternativas, mais frutíferas e úteis, estão à disposição, se você quiser fazer o esforço necessário para analisá-las e avaliá-las. Aliás, o trabalho com a crítica textual não somente aperfeiçoa o seu conhecimento do hebraico, do grego, ou de qualquer outra língua relevante que você lê, como também ajuda a envolver você nas decisões exegéticas básicas do texto. Uma decisão favorável a uma dada leitura é parcialmente feita com base na consulta da natureza geral, da estrutura, do vocabulário e da mensagem teológica do texto, i.e., com base nos outros passos do processo exegético. Portanto, trabalhar bem com a crítica textual significa fazer bem a própria exegese. Decidir não fazer a crítica textual é estabelecer de antemão que alguns tópicos exegéticos estão além de suas possibilidades. É o mesmo que desistir da luta antes mesmo de ela começar.

1.2. Explicações

Se o conceito de crítica textual lhe for algo totalmente novo, um bom lugar para começar a se inteirar é:

Tov, Emmanuel. "Textual Criticism (OT)" in *Anchor Bible Dictionary,* vol. 4, p. 393-412. Doubleday, 1992.

ou

Waltke, Bruce K. "The Textual Criticism of the Old Testament" in *Expositor's Bible Commentary*, vol.1, p. 211-28. Zondervan Publishing House, 1979.

Uma introdução um pouco mais pesada, porém igualmente abrangente encontra-se em:

Soderlund, S. K. "Text and MSS of the OT" in *International Standard Bible Encyclopedia,* vol. 4, p. 798-814. Wm. B. Eerdmans, 1988.

Para começar o aprendizado do método, no entanto, a introdução mais clara, passo-a-passo à crítica textual do AT é encontrada neste livro-texto:

Brotzman, Ellis R. *Old Testament Textual Criticism: A Practical Introduction*. Baker Book House, 1994.

Outro livro acadêmico, tecnicamente excelente, compreensível para o principiante e de valor para quem já conhece o assunto num nível mais adiantado é:

Tov, Emmanuel. *Textual Criticism of the Hebrew Bible*. Fortress Press, 1992.

Também muito útil é:

McCarter Jr., P. Kyle. *Textual Criticism: Recovering the Text of the Hebrew Bible* in Guides to Biblical Scholarship. Fortress Press, 1986.

Uma introdução clássica ao assunto é encontrada em:

Würthwein, Ernst. *The Text of the Old Testament*, rev. ed. Wm. B. Eerdmans, 1995.

Este livro destaca os textos e as versões, mas não é muito útil como material didático para o aprendizado da crítica textual.

A massorá é o repositório judaico medieval das notas do texto da Bíblia Hebraica. A maior parte das notas da massorá é estatística (uma nota típica, por exemplo, informará quantas vezes uma dada palavra ocorre no plural masculino em Ezequiel) e, portanto, perdeu a utilidade por existirem concordâncias eletrônicas que podem gerar o mesmo tipo de informação, e muitas outras, num tempo mais curto. No entanto, o estudante pode em algum momento desejar entender o significado de uma nota específica da massorá na BHS (que tem grande quantidade de notas massoréticas). A melhor introdução à massorá é:

Kelley, Page H., Mynat, Daniel S., Crawford, Timothy G., *The Masorah of Biblia Hebraica Stuttgartensia.* Wm. B. Eerdmans, 1998.

A obra de referência completa e clássica sobre a massorá é:

Ginsburg, Christian D. *The Massorah.*, 4 vols. repr. Ktav, 1975.

Também muito útil por sua clareza, definições detalhadas e explicações de textos e versões, e sua relevância para a crítica textual do AT (nem tanto no que diz respeito ao método) é o livro de:

Danker, Frederick W. *Multipurpose Tools for Bible Study.* rev. ed. Fortress Press, 1993.

Uma fonte de informação acessível e bastante completa sobre os textos e as versões, estudando cada livro do AT, se encontra na parte cinco da obra de Eissfeldt *The Old Testament: An Introduction.* Sua qualidade principal está nas inúmeras referências a livros e artigos sobre diversos tópicos até 1965:

Eissfeldt, Otto. *The Old Testament: An Introduction.* Harper & Row, 1965.

Também acessível, embora consideravelmente mais geral, é:

Harrison, Roland Kenneth. *Introduction to the Old Testament.* repr. Prince Press, 1999.

Alegro-me que este livro tenha sido reimpresso porque ele contém na parte quatro ("The Old Testament Text and Canon", [O texto e o Cânon do AT]), não apenas um valioso panorama da história da escrita hebraica, como também avaliações equilibradas dos limites e dos frutos da crítica textual. Harrison oferece, juntamente com a introdução a cada livro, uma breve descrição de suas características textuais e principais problemas.

Para um acesso fácil a definições claras e práticas de termos, alistados alfabeticamente, veja:

SOULEN, Richard N. *Handbook of Biblical Criticism.* rev. aug. ed. John Knox Press, 1985.

ou

HARM, Harry J. "Glossary of Some Terms Used in Old Testament Studies" *Notes on Translation* 11.4, 1997, p. 46-51.

Ver como um especialista faz crítica textual é um dos melhores modos de entender os métodos envolvidos. Um dos melhores exemplos de cuidadosa crítica textual aplicada a uma grande seção do AT é:

DRIVER, S. R. *Notes on the Hebrew Text and the Topography of the Books of Samuel.* 3. ed. Clarendon Press. 1913.

Em português:

BIRDSAL, J. N. Artigo "Texto e Versões". In *O Novo Dicionário da Bíblia.* Vida Nova, 2006.

DOCKERY, David S. (ed.) art. "As diferenças nos manuscritos da Bíblia" in *Manual Bíblico Vida Nova.* Vida Nova. p. 138-.

FRANCISCO, Edson de Faria. *Manual da Bíblia Hebraica.* 2. ed. Vida Nova, 2004. p. 3-.

HILL, A. E., Walton, J. H. "Texto e transmissão" in *Panorama do Antigo Testamento.* Vida, 2006. p. 424-430.

ARTOLA, A. M. et alii. "Metodologia bíblica exegética" in *Bíblia e Palavra de Deus.* AM Edições, 1996. p. 337-380.

BENTZEN, A. "O Texto" in *Introdução ao Antigo Testamento.* Vol. 1, p. 53-116. ASTE, 1968.

ECHEGARAY, Gonzáles J. et alii. "O texto da Bíblia" in *A Bíblia e seu Contexto.* AM Edições, 1994. p. 409-548.

COMFORT, F. W. (ed.) "Textos e manuscritos do Antigo Testamento" in *A Origem da Bíblia.* CPAD, 1998. p. 251.

FRAINE, J. de. Artigos "Bíblia: manuscritos" e "Bíblia: Texto". In *Dicionário enciclopédico da Bíblia.* Vozes, 1977. col. 190-191 e 194-195.

CHAMPLIN, R. N. Artigo "Manuscritos do Antigo Testamento" in *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Editora Hagnos, 2002.

MANNUCCI, Valério. "O texto da Bíblia" in *Bíblia Palavra de Deus*. Paulinas, 1986. p. 108-115 e 121-.

ROBERT, A., Feuillet, A. art. "A crítica textual" e "A crítica textual do Antigo Testamento" in *Introdução à Bíblia.* Vol 1, p. 107-; 120-. Herder, 1966.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. "Crítica Textual" in *Metodologia de Exegese Bíblica.* Paulinas, 2003. p. 45-52.

HARRINGTON, Wilfrid J. "Crítica Textual" in *Chave para a Bíblia.* Paulinas 1985. p. 63-.

BARRERA, J.T. "Crítica textual do Antigo Testamento" in *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã.* Vozes, 1996. p. 439-484.

PISANO, Stephen. "O Texto do Antigo Testamento" in Simian-Yofre, Horácio (coord.) et alii. *Metodologia do Antigo Testamento.* Loyola, 2000. p. 39-69.

MAINVILLE, Odette. *A Bíblia à Luz da História.* Paulinas, 1999. p. 39-59.

CROSS. F. M. "O Texto por trás da Bíblia Hebraica" in Shanks, Hershel (org.). *Para Compreender os Manuscritos do mar Morto.* 4. ed. Imago, 1993. p. 149-165.

WILSON, E. *Os manuscritos do mar Morto 1947-1969.* Companhia das Letras, 1993.

1.3. As versões

Além do Texto Massorético (TM), que tem uma cópia impressa como base para a *BHS* e a *BH3*, existem outras cinco versões antigas principais do AT em quatro línguas. Essas versões são alistadas, aqui, em ordem de importância decrescente:

O AT grego. Chamada geralmente de *Septuaginta* (LXX), mas representada na BHS por uma letra G em tipo antigo [Fractur]; essa versão é uma tradução do hebraico iniciada no final do terceiro século a.C. Sua importância não pode ser minimizada. Em geral, ela é uma testemunha tão fidedigna e exata das palavras originais do AT (os "autógrafos") quanto o TM. Em muitas partes do AT a LXX é mais confiável do que o TM, em outras, menos. Pelo fato de empregar vogais, enquanto que o texto hebraico não tem vogais, o texto da LXX era menos ambíguo. Assim, a LXX estava, inerentemente, menos suscetível de corrupções textuais do que o hebraico — que foi acumulando corrupções (além de expansões editoriais etc.) por muitos séculos, depois que a LXX havia sido produzida. Quando trabalhar com crítica textual, você

deve, via de regra, colocar a LXX lado a lado com o TM e tratá-los como iguais (exceto em certas partes do AT que livros como os listados em 1.2 ajudam identificar). Quando diferem, qualquer um deles pode representar a leitura original; nenhuma decisão automática deve ser tomada, é necessária a análise dos dados para saber qual deles preserva o original de modo mais fiel.

Os manuscritos de Cunrã. Trata-se dos rolos do mar Morto com textos do AT, embora sejam representados por um Q no aparato da BHS. Em alguns casos, por exemplo, Isaías e Habacuque, grandes porções são preservadas num texto hebraico que é pré-cristão e, assim, muitos séculos mais antigo (e mais fidedigno) do que qualquer outro previamente conhecido. Entretanto, para a maioria dos livros, apenas pequenos fragmentos foram achados. Portanto, dificilmente sua passagem terá um texto de Cunrã correspondente. Se, porém, tiver, você poderá, de modo geral, tratar as leituras de Cunrã como tendo o mesmo grau de confiabilidade que as do TM. Durante a era de Cunrã (100 a.C.-100 d.C.), várias palavras hebraicas eram escritas de forma diferente da usada no início do período persa (cujas convenções ortográficas foram adotadas pelos rabinos no texto hebraico conhecido hoje). Todavia, essas variações não são um grande problema quando se compara Cunrã com o TM.

O AT em siríaco. Chamada *Peshita*, a versão siríaca do AT é, muitas vezes (mas com muito menos freqüência que a LXX), uma testemunha útil do texto hebraico do qual ela foi traduzida (e revisada) muitos séculos depois de Cristo. Freqüentemente, quando difere do TM hebraico, ela o faz em concordância com a LXX. Ela é representada na BHS e BH3 por um P.

O AT em aramaico. Chamado *Targum* e representado na BHS e BH3 por um T, o AT em aramaico é às vezes importante como uma indicação do hebraico original. No entanto, o texto é, muitas vezes, prejudicado por ampliações e uma tendência excessiva para a paráfrase. Assim como a *Peshita*, ele é uma testemunha relativamente tardia.

O AT em latim. A tradução do AT hebraico para o latim feita por Jerônimo (389 a 405 d.C.), chamada *Vulgata* (V na BHS/BH3), é a única tradução latina antiga completa que sobreviveu. Apenas raramente ela é testemunha independente de algo além do TM, uma vez que foi produzida a partir de uma versão que poderia ser identificada, essencialmente, como um primitivo TM ou protomassorético.

Felizmente, você não estará inteiramente limitado ao uso daquelas versões que estejam numa língua que conhece. Todas as versões antigas foram traduzidas para o inglês (e algumas para o português), veja 2.2, e se cuidadosamente usadas, as traduções podem dar uma idéia bem precisa de se a versão antiga apóia ou difere do TM. Além disso, muitas informações sobre questões textuais são dadas nos principais comentários "críticos" (detalhados, eruditos) que levam muito em conta a crítica textual (tais como o *Anchor Bible*, *Hermeneia*, *Word Biblical Commentary* e os volumes já muito antigos, mas úteis, do *International Critical Commentary*; v. 4.11.4). E também, porque quase toda a informação crucial necessária para se tomar decisões textuais sábias está em hebraico e grego, as línguas que, provavelmente, você estudou durante a sua formação teológica no seminário são também as mais valiosas para a crítica textual.

Em português:

FRANCISCO, Edson de Faria. *Manual da Bíblia Hebraica.* 2. ed. Vida Nova, 2004. p. 209-.

BIRDSAL, J. N. Artigo "Texto e Versões". In *O Novo Dicionário da Bíblia.* Vida Nova, 2006.

COMFORT, F. W. (ed.) "Versões da Bíblia" in *A Origem da Bíblia.* CPAD, 1998. p. 409-.

GOTTWALD, Normal K. "Traduções da Bíblia Hebraica" in *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica.* Paulinas, 1988. p. 127-134.

BORN, A. van Den. Art. "Traduções da Bíblia", in *Dicionário enciclopédico da Bíblia.* Vozes, 1977. col. 198-209.

BENTZEN, A. "Outros testemunhos do texto" in *Introdução ao Antigo Testamento.* Vol. 1, p. 80-. ASTE, 1968.

BARRERA, J.T. "História do texto e das versões..." in *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã.* Vozes, 1996. p. 303-396.

BARRERA, J. T. ; MARTINEZ, F. G. *Os Homens de Qumran: literatura, estrutura e concepções religiosas.* Vozes, 1996.

BALLARINI, Teodorico. "História do Texto e das Versões" in *Introdução à Bíblia.* Vol. II/1, p. 145-205. Vozes, 1974 a 1983.

SOARES, Pe. Matos. *Bíblia Sagrada* (traduzida da Vulgata). Edições Paulinas.

VERMES, Géza. *Os Manuscritos do Mar Morto.* Mercuryo, 1994.

MARTÍNEZ, Florentino García. *Textos de Qumran.* Vozes, 1995.

GOLB, N. *Quem escreveu os manuscritos do mar Morto?* Imago, 1996.

FITZMYER, J. A. *101 Perguntas sobre os manuscritos do mar Morto.* Loyola, 1992.

1.4. Edições com textos críticos

A LXX

Depois de concluída, a LXX foi copiada e recopiada muitas centenas de vezes, assim como o texto hebraico do AT. Toda essa atividade de cópia, ao longo de muitos séculos, resultou no desenvolvimento de leituras diferentes, resultantes tanto de erros acidentais de cópia (corrupções), como de ampliações e outras atividades "editoriais" da parte dos escribas. Conseqüentemente, textos gregos críticos são necessários. Eles contêm um texto completo impresso com inúmeras notas de rodapé indicando variantes textuais internas do grego — as variantes que resultaram dos textos gregos sendo transmitidos, sem consideração alguma pelo hebraico — e outras notas de rodapé que indicam as variantes que resultaram das revisões — as variantes que foram introduzidas pela harmonização consciente de uma determinada cópia da LXX com uma cópia disponível do hebraico de confiança do revisor. Além disso, outras notas dão informações de versões em outras línguas.

Existem, hoje, duas grandes edições críticas, de vários volumes, da LXX. Cada uma das séries é incompleta, mas as duas juntas se complementam bem, de modo que quase todo o AT é contemplado:

> Brooke, Alan E.; McLean, Norman; Thackery, Henry St. J. *The Old Testament in Greek*. Cambridge University Press: 1906-1940.

Os seguintes livros estão disponíveis nessa série: de Gênesis até 2Crônicas (cf. ordem em português), *1Esdras*, Esdras-Neemias, Ester, *Judite*, *Tobias*. A outra série é:

> *Septuaginta: Vetus Testamentum Graecum Auctoritate Societatis Litterarum Gottingensis Editum*. Vandenhoeck & Ruprecht, 1931-.

Os seguintes livros estão incluídos nessa série:

> Ester, *1*, *2*, *3Macabeus*, Salmos (*Psalmi cum Odis*), *Sabedoria de Salomão* (*Sapientia Salomonis*), *Eclesiástico* (*Sapientia Iesu Filii Sirach*), os Profetas Menores (*Duodecim Prophetae*), Isaías (*Isaias*), Jeremias (*Jeremias*), *Baruque*, Lamentações (*Threni*), *A carta de Jeremias* (*Epistula Jeremiae*), Ezequiel, *Suzana*, Daniel, *Bel e o Dragão* (*Bel et Draco*).

Essas duas coleções usam o latim como meio de comunicação, assim como a *BHS* e a *BH3*. Diferentemente dos textos do NT, nenhuma das edições críticas do AT, tanto em hebraico como em grego, traz um texto eclético (construído com as melhores escolhas possíveis dentre todas as variantes). Uma exceção parcial é a *Septuaginta* de Gõttingen, levemente eclética. Portanto, a produção de um texto

eclético é tarefa sua. Com os recursos a seu dispor, é provavél que você pelo menos não fará algo inferior ao TM (algumas vezes chamado de "texto recebido"); e poderá até melhorá-lo.

Existe uma introdução à LXX muito agradável e bastante abrangente:

JOBES, Karen H. e SILVA, Moisés. *Invitation to the Septuagint*. Baker Academic, 2000.

Jobes e Silva tocam nos assuntos-chave, oferecendo muitos exemplos e explicando o relacionamento da LXX com outras versões antigas.

Também de grande ajuda é:

TOV, Emmanuel. *The Text-Critical Use of the Septuagint in Biblical Research*. Eisenbrauns, 1981.

Caso necessite de uma pesquisa mais detalhada sobre a LXX, um ou mais dos títulos a seguir, alistados em ordem cronológica, indicam a maior parte das obras publicadas sobre a LXX até o ano de 1993:

BROCK, Sebastian P.; FRITSCH, Charles T.; JELLICOE, Sidney (eds.). *A Classified Bibliography of the Septuagint*. E.J. Brill, 1973.

TOV, Emmanuel. *A Classified Bibliography of Lexical and Grammatical Studies on the Language of the Septuagint*. Academon, 1980.

DOGNIEZ, Cécile (ed.). *A Bibliography of the Septuagint: 1970-1993*. Vetus Testamentum Supplement 69. E. J. Brill, 1995.

Os manuscritos do mar Morto

Diversos textos foram publicados numa variedade de fontes. A maior parte, porém, está muito fragmentada, inviabilizando sua utilização na exegese. Para a obtensão de uma boa lista de publicações até o ano de 1990, consulte *The Dead See Scrolls*, de Fitzmyer (4.11.6). Uma magnífica reprodução fotográfica dos textos quase completos de Isaías e Habacuque (este último incluído em um antigo comentário), encontrados em Cunrã, aparece em:

TREVER, John C. *Scrolls from Qumran Cave I from Photographs*. The Albright Institute of Archaeological Research and The Shrine of the Book, 1974.

Continuam sendo publicados pela Clarendon Press, da Universidade de Oxford, materiais oficiais sobre os achados em Cunrã, com o título *Discoveries in the Judean Desert*. Até o momento, cerca de trinta volumes já foram impressos. Qualquer ferramenta de busca da internet pode ser usada para encontrar a série pelo título. Um exemplo de uma publicação recente é:

ULRICH, Eugene (ed.). *Qumran Cave 4: Psalms to Chronicles*, Discoveries in the Judean Desert XVI. Clarendon Press, 2000.

A Peshita

Uma edição crítica do texto está sendo gradualmente preparada. Até o momento, ela cobre umas poucas porções do AT:

The Old Testament in Syriac, ed. por The Peshitta Institute of Leiden. Brill Academic, 1972.

A edição crítica mais consultada e ainda disponível nas Sociedades Bíblicas é:

Vetus Testamentum Syriace et Neosyriace. Urmia, 1852. repr. Trinitarian Bible Society, 1954.

Para consultar outras edições, veja *The Old Testament: An Introduction*, section 120, de Eissfeldt (v. 4.1.2).

O Targum

A obra padrão é:

SPERBER, Alexander (ed.). *The Bible in Aramaic*, 4 vols. E. J. Brill, 1959-1973.

Um novo projeto, de muito volumes, cobrindo a maior parte dos Targuns do AT está sendo publicado, junto com uma nova tradução e notas. Pode-se encontrá-lo também mediante qualquer ferramenta de busca da internet:

The Aramaic Bible, 17 vols. Liturgical Press, 1988-.

***A* Vulgata *e a* Vetus Latina**

Existem edições tanto da *Vulgata* quanto de sua predecessora, a *Vetus Latina* (Latina Antiga), baseadas, no último caso, nos poucos manuscritos ainda existentes:

GRYSON, Roger. *Manuscrits vieux latins*. Herder, 1999.

Existem também versões mais simples da *Vulgata*. As duas mais conhecidas são:

COLUNGA, Alberto e TURRADO, Laurentio (eds.). *Biblia Vulgata*. Biblioteca de Autores Cristianos, 1953; repr. 1965.

Biblia Sacra iuxta Vulgatam versionem. 4. ed. Deutsche Bibelgesellschaft, 1969, 1994.

1.5. O aparato crítico da BHS e da BH3

Na *BH3* (edição de Kittel) há dois parágrafos de notas de rodapé separados. O parágrafo de cima contém informações a respeito de variantes consideradas pelos

editores como de importância relativamente menor. Essas variantes são indicadas no texto por letras gregas minúsculas. O parágrafo de baixo, indicado por letras latinas minúsculas, contém o que os editores julgaram ser mais significativo, incluindo sugestões para a correção do TM para se chegar a um texto original mais provável. Às vezes, o editor não faz nada além de apresentar a evidência das várias versões e manuscritos, deixando a decisão de mudança do texto inteiramente com o leitor. Em outros lugares, o editor sugere como o TM deveria ser corrigido ou, pelo menos, diz o que um comentarista sugeriu como mudança (emenda) do texto. As explicações são dadas em abreviaturas latinas. Uma conveniente chave para a leitura dessas abreviaturas, e para os sinais e principais versões, é encontrada num valioso livrete:

WILLIAMS JR., Prescott. *An English Key to the Symbols and Latin Words and Abbreviations of Biblia Hebraica*. Stuttgart: Würtembergische Bibelanstalt, 1969.

Na *BHS* (edição de Stuttgart), usada por mais pessoas, também existem dois parágrafos separados. O parágrafo de cima, escrito com letras bem pequenas, contém anotações relacionadas ao aparato massorético impresso nas margens (v. 4.1.6). O de baixo combina e atualiza os tipos de anotações que foram agrupadas em dois parágrafos separados pelos editores da *BH3*. De modo geral, as notas textuais da *BHS* são superiores às da *BH3*, mas não são exaustivas e nem sempre são definitivas. Elas tendem a ser parciais, seletivas e às vezes enganosas; portanto, devem ser usadas com cautela. Em outras palavras, elas são um bom ponto de partida, porém, podem não oferecer toda a informação necessária para a análise completa do estado do texto.

Para a *BHS* também há à disposição uma chave para o latim usado nas notas:

RÜGER, H. P. *An English Key to the Latin Words and Abbreviations and the Symbols of Biblia Hebraica Stuttgartensia*. Biblia-Druck Stuttgart, 1981.[1] Essa mesma chave, com pequenas modificações, é impressa em sua inteireza como apêndice ao livro de Brotzman, *Old Testament Textual Criticism* (1.2, acima)

Também útil, e mais recente, é:

SCOTT, William R. *A Simplified Guide to BHS*. Bibal Press, 1987.

O recurso mais recente sobre a *BHS* é:

WONNEBERGER, Reinhard. *Understanding BHS: A Manual for the Users of Biblia Hebraica Stuttgartensia*. 2. ed. Pontifical Biblical Institute Press, 1990.

O aparato crítico, tanto na *BH3* como na *BHS*, o ajudará a ver rapidamente *um pouco* da evidência para certas questões textuais óbvias. Ele não é, porém, substituto para a sua própria verificação abrangente palavra por palavra numa análise exegética completa de uma passagem.

Em português:

FRANCISCO, Edson de Faria. "Aparato crítico" in *Manual da Bíblia Hebraica.* 2. ed. Vida Nova, 2004. p. 61-89.

MAINVILLE, Odette. "Principais abreviações e termos latinos utilizados no aparato crítico da BHS" in *A Bíblia à Luz da História.* Paulinas, 1999. p. 147-.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. "Trabalhando com uma edição crítica" in *Metodologia de Exegese Bíblica.* Paulinas, 2003. p. 40.

1.6. O projeto da Universidade Hebraica de Jerusalém e a Biblia Hebraica Quinta

O projeto da Universidade Hebraica de Jerusalém

Iniciado em 1965, este projeto produzirá uma vasta edição crítica, em vários volumes, do AT hebraico. Até o momento foram publicados os textos de Isaías e Jeremias. O livro de Ezequiel deverá ser lançado em breve. Percebe-se, dessa forma, que o progresso é lento. Esta edição baseia-se no Códice de Alepo (900-925 d.C., i.e, talvez cem anos mais antigo que o Códice de Leningrado). Infelizmente, o Códice de Alepo está incompleto. Faltam-lhe quase todo o Pentateuco, parte ou a totalidade de Cântico dos Cânticos, Eclesiastes, Lamentações, Ester, Daniel e Esdras. O projeto cobrirá essas lacunas usando o Códice de Leningrado e outros MSS antigos quando necessário.

O objetivo do projeto é oferecer todas as informações textuais relevantes, e seus quatro(!) aparatos com notas e comentários textuais de fato cobrem tudo o que é textual em detalhe. No entanto, o projeto possui uma tendência um pouco problemática: ele dá a entender que quase todas as variantes textuais resultaram de várias *técnicas* de tradução, transmissão e interpretação (teoricamente) empregadas pelos escribas em lugar de considerá-las *erros*, i.e., verdadeiras variantes produzidas por erros de cópia com o passar dos anos. Ainda que a maior parte dos acadêmicos rejeite essa tendência, ela não impede que se obtenha toda a informação desejada dos aparatos técnicos, porque eles oferecem dados completos e debates acerca das evidências.

GOSHEN-GOTTSTEIN, Moshe H. (ed.) *The Book of Isaiah.* Magnes, 1995.

TALMON, Shemaryahu e TOV, Emmanuel (eds.) *The Book of Jeremiah*. Magnes, 1998.

Quinta

Da mesma forma que a *BHS* substituiu quase completamente o uso da *BH3*, mais antiga, uma nova edição da Bíblia Hebraica está sendo preparada com a expectativa de substituição da *BHS*. Essa nova edição será chamada *Biblia Hebraica Quinta* (*BH5* — a *BHS* é, na verdade, a "BH4"), e ela tem por base o mesmo manuscrito excelente de suas predecessoras, o Códice de Leningrado, de 1008 d.C. A grande alteração da *Quinta* será seu aparato (notas e comentário). Ele fará distinção entre as questões textuais baseadas em "evidência externa" (outras versões) das questões baseadas em "evidência interna" (da própria tradição do TM), e lidará com questões acerca do desenvolvimento literário do TM com o passar do tempo. O comentário textual explicará como foram feitas as escolhas textuais, o que será uma grande vantagem sobre a *BH3* e a *BHS*. A primeira parte já publicada contém apenas o livro de Rute, mas é especialmente valioso por incluir a introdução geral do projeto todo.

À medida que o projeto da Universidade Hebraica de Jerusalém e a *Quinta* progridem, eles fornecerão um lento mas firme gotejar de edições e dados textuais, e provavelmente tornarão obsoleta mesmo a atualmente essencial *BHS*.

1.7. A massorá

Nas margens, tanto da *BH3* como da *BHS*, há grupos de notas dos massoretas em aramaico — a maior parte abreviadas. Algumas dessas notas podem sugerir possíveis melhorias ao texto, mas a maioria indica apenas observações úteis para a preservação e cópia fiéis do texto. Nos manuscritos massoréticos antigos, muitas dessas notas eram colocadas nas margens. Eram chamadas de *masora parva*, "a pequena massorá". As anotações mais longas eram colocadas no começo e no fim dos manuscritos. Eram chamadas de *masora magna*, "a grande massorá". No que diz respeito aos propósitos da exegese, os estudiosos dão pouca atenção às massorás porque as observações realmente significativas já estão incorporadas nas notas da *BH3* e da *BHS*, ou podem ser substituídas por uma rápida consulta a uma concordância. Além disso, essas notas têm sido consideradas desnecessárias pelo desenvolvimento da impressão de textos. Em outras palavras, é bem comum ignorar as massorás ao fazer exegese. Não será um problema se você o fizer também.

Em português:

Francisco, Edson de Faria. *Manual da Bíblia Hebraica.* 2. ed. Vida Nova, 2004. p. 94-164.

Barrera, J.T. "A massorá" in *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã.* Vozes, 1996. p. 318-323.

1.8. Outras anotações massoréticas

Os massoretas produziram um sistema de pontuação vocálica, composto de pontos e traços, para que seus alunos, para os quais o hebraico era uma língua morta, pudessem pronunciar as palavras corretamente (i.e., de acordo com a pronúncia pós-bíblica, vigente por volta do sexto ao nono séculos d.C.) principalmente com o propósito de cantar o texto na sinagoga. Além disso, desenvolveram sinais de acentuação, outros para indicar divisões de versículos e seções de versículos, de novo visando o cântico em grupo na adoração. Eles também incluiram anotações para, por exemplo, trechos das Escrituras usados no ciclo de leitura anual da sinagoga. Nenhum desses sinais ou anotações, inclusive o sistema de pontuação vocálica, representam mais do que a opinião dos massoretas segundo suas próprias tradições, freqüentemente conflitantes, do início da Idade Média. Em outras palavras, você deve estar pronto para desconsiderar a pontuação vocálica, as divisões de versículos e outros sinais sempre que o seu julgamento exegético sugerir que estes não sejam confiáveis. Muitas outras informações a respeito das anotações massoréticas se encontram em 4.1.2.

2. TRADUÇÃO

2.1. Teoria da tradução

Uma boa tradução não apenas verte as palavras do original para os melhores equivalentes em português como também reflete o estilo, o espírito e até mesmo o impacto do original sempre que possível. Você é o melhor árbitro daquilo que constitui uma tradução fiel. Sua familiaridade com a passagem no original, junto com o seu conhecimento do público-alvo para o qual escreve ou prega, lhe permite escolher as palavras a fim de elevar ao máximo a precisão de sua tradução. Lembre-se de que precisão não requer literalismo inflexível. Palavras em línguas diferentes não correspondem umas às outras na base do "isso é traduzido por aquilo". A correspondência deve ser conceitual. Sua tradução deve causar em você a mesma impressão que o original causa. A tradução que satisfaz esse critério pode ser considerada fiel ao original.

Dois livros sobre tradução da Bíblia continuam muito importantes. Ambos deveriam ser lidos por inteiro, em vez de consultados para questões específicas.

NIDA, Eugene A. e TABER, Charles R. *The Theory and Practice of Translation.* E. J. Brill, 1974.

BEEKMAN, John e CALLOW, John. *A arte de interpretar e comunicar a Palavra escrita.* São Paulo: Vida Nova, 1992.

Esses livros contêm discussões sérias e profundas sobre os problemas especiais que a tradução da Bíblia de uma língua para outra oferece. Existem neles boas recomendações acerca do tratamento de metáforas, símiles, palavras com significados múltiplos, expressões idiomáticas etc. Também útil é:

KUBO, Sakae; SPECHT, Walter. *So Many Versions?* Zondervan Publishing House, 1975.

Os autores resenham, em detalhe, as principais traduções da Bíblia do século 20, oferecendo muitos exemplos para cada uma e comentando as técnicas e pressuposições envolvidas.

Em português:

BEEKMAN, J., Callow, J. *A Arte de Interpretar e Comunicar a Palavra Escrita.* Vida Nova, 1992.

EKDAHL, E. M. *Versões da Bíblia: por que tantas diferenças?* Vida Nova, 1993.

SAYÃO, Luiz. *NVI, A Bíblia do Século XXI.* Vida e Vida Nova, 2001.

GABEL, J. B., Wheeler, C. B. "Traduzir a Bíblia" in *A Bíblia como Literatura.* Loyola. p. 205-222.

BARNWELL, K. *Tradução Bíblica.* Summer Institute of Linguistics, 1979.

BARRERA, J.T. "Tradução na antiguidade e tradução da Bíblia" in *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã.* Vozes, 1996. p. 146-154.

ARTOLA, A. M. et alii. "Tradução e uso de traduções" in *Bíblia e Palavra de Deus.* AM Edições, 1996. p. 345-347.

COMFORT, F. W. (ed.) "Tradução da Bíblia" in *A Origem da Bíblia.* CPAD, 1998. p. 321.

BRUGGEN, J. V. "A Tradução" in *Para ler a Bíblia.* Ed. Cultura Cristã, 1998. p. 67-86.

2.2. Auxílios à tradução

Mesmo que o seu conhecimento de hebraico, grego e outras línguas tenha diminuído (ou nunca tenha sido adequado), mesmo assim poderá trabalhar produtivamente

com as línguas originais, usando vários textos orientados para o português. Não hesite em usá-los. Não há vergonha em economizar tempo e frustração, e não faz sentido tentar adivinhar o rumo no meio de material que você, simplesmente, não consegue ler.

As ajudas mais rápidas e versáteis para a tradução são softwares para computadores, dos quais destacam-se *AcCordance* e *BibleWorks* (v. 8.2). Esses programas oferecem dados gramaticais e lexicais instantâneos para qualquer palavra na qual você coloque o cursor. Por meio desses recursos também é possível chegar a todos os vários contextos das ocorrências dessas palavras e ver como elas são usadas. Além disso, eles podem prover instantaneamente uma lista completa de contextos traduzidos, em qualquer das versões atuais cujos módulos você tenha comprado, para que você possa examinar prontamente como vários tradutores lidaram com a palavra ou frase em várias partes de suas traduções. Tudo isso é extremamente útil, mas não torna automaticamente inútil os títulos listados a seguir. Um livro pode ser seletivo e focado em vários pontos segundo o julgamento do autor de uma forma que o processo mecânico de uma concordância no computador não permite, e um livro pode também seguir um formato particular ou uma variedade de formatos para a apresentação de seus dados (incluindo a forma exclusiva que um autor pode ter escolhido para mostrar a intersecção de seu conselho específico para você dentro do contexto de um texto proveitosamente formatado). Além disso, um livro pode mostrar combinações de contextos judiciosamente selecionadas que podem ser mais úteis para você em algumas instâncias do que os automáticos e completos formatos de tela gerados pelas concordâncias no computador.

Não existe em língua portuguesa nenhuma edição interlinear completa do AT em hebraico à disposição. Os títulos a seguir estão disponíveis apenas em inglês.

Para o AT hebraico há algumas edições interlineares disponíveis. Cada uma contém uma tradução aceitável, impressa de forma interlinear, como também separadamente em parágrafos ao longo do texto principal. Um interlinear pode ser extremamente útil quando se faz uma leitura rápida em passagens maiores.

GREEN, Jay P., (ed.) *Interlinear Bible: Hebrew, Greek, English*. Sovereign Grace Publishers, 1997.

GREEN, Jay P., (ed.) *Interlinear Bible: Hebrew, Greek, English*, large edition. Sovereign Grace Publishers, 2000.

KOHLENBERGER III, John R., (ed.) *NIV Interlinear Hebrew-English Old Testament*. Zondervan Publishing House, 1987.

Também está à disposição para parte do AT uma edição interlinear semelhante, embora menos útil por causa de seu estilo mais rígido:

MAGIL, Joseph. *The Englishman's Linear Hebrew-English Old Testament.* Zondervan Publishing House, 1974.

Não existe em português nem em inglês uma versão interlinear da LXX. Entretanto, há uma obra que coloca o grego e o inglês lado a lado de forma muito útil:

The Septuagint Version of the Old Testament with an English Translation. Samuel Bagster & Sons, s.d. repr. Zondervan Publishing House, 1972.

Foi feita uma tradução para o inglês da *Peshita* siríaca. Em geral, é confiável e serve para indicar quando a *Peshita* é diferente do TM e outras versões, mesmo que você não conheça bem o siríaco:

LAMSA, George M. *The Holy Bible from Ancient Eastern Manuscripts.* A. J. Holman Co., 1957.

Várias partes dos Targuns aramaicos estão disponíveis em inglês. Entre elas se destacam:

ETHERIDGE, J.W. *The Targums of Onkelos and Jonathan ben Uzziel on the Pentateuch.* 2 vols. Londres: Longman, Green, Longman and Roberts, 1862-1865. Reimpressão: KTAV, 1969.

GROSSFELD, Bernard, ed. *The Targum to the Five Megilloth.* Hermon Press, 1973.

A *Vulgata* latina também foi traduzida para o inglês e português:

KNOX, Ronald. *The Old Testament: Newly Translated from the Vulgate Latin.* 2 vols. Sheed & Ward, 1948-1950.

Os léxicos analíticos alistam as palavras diretamente do modo em que ocorrem no texto bíblico e, em seguida, apresentam a análise morfológica. Eles podem ser muito úteis como "atalhos" que economizam tempo ou se você não tem acesso a um programa de computador que faça a mesma coisa, mas não são confiáveis quanto aos significados das palavras ou outras informações técnicas. Para esse último propósito, utilize os léxicos normais. Para o hebraico e o aramaico:

DAVIDSON, Benjamin. *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon.* Samuel Bagster & Sons, 1848. 2. ed. 1850. repr. Zondervan Publishing House, 1970.

Para as palavras gregas da *LXX*, o léxico analítico do NT de Bagster é, muitas vezes, adequado, embora o seu vocabulário seja limitado às palavras encontradas no NT:

MOULTON, Harold, K. (ed.) *The Analytical Greek Lexicon Revised.* (originalmente publicado como *The Analytical Greek Lexicon,* Samuel Bagster & Sons, 1852; rev ed. 1908; Zondervan Publishing House, 1978)

A fim de facilitar o uso do ainda popular léxico de Brown, Driver & Briggs (v. 4.8.1), um índice foi elaborado. Esse índice alista as palavras hebraicas geralmente na ordem em que ocorrem nos capítulos e versículos de cada livro, com a referência para as entradas no BDB. É claro que esse tipo de ajuda só é necessário se o seu hebraico é fraco demais para fazer a análise morfológica:

EINSPAHR, Bruce. *Index to the Brown, Driver and Briggs Hebrew Lexicon.* Moody Press, 1976.

Você deve usar um léxico de confiança para uma exegese cuidadosa. Mas se você estiver lendo uma passagem no hebraico pela primeira vez, ou tentando ler rapidamente um trecho mais longo — e o seu vocabulário é limitado —, você economizará tempo ao usar estes livros:

OWENS, John Joseph. *Analytical Key to the Old Testament.* Baker Book House, 1989.

ARMSTRONG, Terry A. *A Reader's Hebrew-English Lexicon of the Old Testament.* Grand Rapids: Zondervan, 1980.

Em português:

SAYÃO, Luiz. ed. *Antigo Testamento Poliglota.* Vida Nova, 2003.

GUSSO, Antônio R. "Léxico Analítico" em *Gramática Instrumental do Hebraico.* Vida Nova, 2005. p. 245-308.

Em espanhol:

CERNI, Ricardo. *Antiguo Testamento Interlineal Hebreo-Español.* Editorial Clie, s/d.

3. HISTÓRIA

3.1. Cronologia geral

Um resumo muito breve e conveniente da cronologia do Antigo Oriente Próximo, incluindo Israel, pode ser encontrado em qualquer um destes livros:

HALLO, William W. e SIMPSON, William K. *The Ancient Near East: A History.* Harcourt Brace, 1997.

KUHRT, Amelie. *The Ancient Near East: 3000-330 BC.* Routledge, 1997.
SASSON, Jack. *Civilization of the Ancient Near East.* 2 vols. Hendrickson, 2000.
REDFORD, Donald B. *Egypt, Canaan and Israel in Ancient Times.* Princeton University Press, 1992.

Para um tratamento mais breve das questões cronológicas ligadas especificamente a Israel, veja:

FINEGAN, Jack. *Handbook of Biblical Chronology.* Hendrickson, 1998.

O difícil problema de sincronização das cronologias bíblicas dos reis de Israel e de Judá é mais bem abordado por Thiele, cujas soluções engenhosas têm recebido cada vez mais aceitação:

THIELE, Edwin, R. *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings.* Rev. ed. Zondervan Publishing House, 1983.

Duas abordagens alternativas com análises diferentes de alguns dos mais complicados problemas de cronologia também estão disponíveis:

GALIL, Gershon. *The Chronology of the Kings of Israel and Judah.* E. J. Brill, 1996.
HAYES, J. H. e HOOKER, P. K. *A New Chronology for the Kings of Israel and Judah.* John Knox Press, 1988.

Em português:

KITCHEN, K. A. "Cronologia do Antigo Testamento". In *O Novo Dicionário da Bíblia.* Vida Nova, 2006.
LASOR, W., Hubbard, David, Bush, W. "O Quebra Cabeça Cronológico". In *Introdução ao Antigo Testamento.* Vida Nova, 1999. p. 688-697.
DOCKERY, David S. (ed.) art. "A cronologia bíblica" in *Manual Bíblico Vida Nova.* Vida Nova. p. 78-.
DOCKERY, David S. (ed.) art. "A Cronologia dos reis de Israel" in *Manual Bíblico Vida Nova.* Vida Nova. p. 291-.
CHAMPLIN, R. N. Artigo "Cronologia do Antigo Testamento" in *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Editora Hagnos, 2002.
BORN, A. van Den. Artigo "Cronologia", in *Dicionário enciclopédico da Bíblia.* Vozes, 1977. col. 331-336.
KEYES, N. B. "Cronologia da história bíblica" in *História Ilustrada do Mundo Bíblico.* Seleções do Reader's Digest, 1962. p. 187-191.

KLASSEN, Frank r., REESE, Edward. *A Bíblia em Ordem Cronológica*. Editora VIDA.

3.2. História israelita

A maior parte dos livros de história é escrita para ser estudada por inteiro, não como fonte de consulta, aqui e ali, para informação sobre épocas e acontecimentos específicos. No entanto, existem muitas "Histórias de Israel" que combinam bem as duas coisas. O primeiro livro da lista, de Kaiser Jr., é especialmente indicado por seus índices de assuntos, autores e referências bíblicas, bem como por seu extenso glossário e bibliografia.

KAISER JR., Walter C. *A History of Israel: From the Bronze Age to the Jewish Wars*. Broadman and Holman, 1998.

MERRILL, Eugene. *História de Israel no Antigo Testamento*. CPAD, 2001.

WOOD, Leon J. *A Survey of Israel's History*. Zondervan Publishing House, 1986.

MILLER, J. Maxwell e HAYES, John H. *A History of Ancient Israel and Judah*. Westminster Press, 1986.

Uma obra que combina a história com um panorama dos livros do AT é o clássico:

SCHULTZ, Samuel J. e LOUDON, John (ed.). *The Old Testament Speaks: A Complete Survey of Old Testament History and Literature*. 5. ed. HarperCollins, 2000.

A mais amplamente utilizada e respeitada por sua erudição cuidadosa, sensata e exaustiva é:

BRIGHT, John. *História de Israel*. 7. ed. Paulus, 2003.

Especialmente bem-vinda, por seguir de perto a ordem do AT e seus tópicos, em lugar de ser, em geral, mais uma história "secular" de Israel é:

PFEIFFER, Charles F. *Old Testament History*. Baker Book House, 1973.

Um pouco mais especializados em foco são:

MILLER, Patrick D. *The Religion of Ancient Israel*. Westminster John Knox Press, 2000.

ALBERTZ, Rainer. *A History of Israelite Religion in the Old Testament Period*. 2 vols. Westminster John Knox Press, 1994.

De agradável leitura e erudita, mesmo tendo sido escrita por um não-acadêmico, é:

SHANKS, Herschel (ed.) *Ancient Israel: From Abraham to the Roman Destruction of the Temple*. Biblical Archeological Society, 1999.

Os vários volumes da prestigiosa coleção *Cambridge Ancient History* incluem alguns diretamente relevantes para a história do AT. Por exemplo:

BOARDMAN, John (ed.) *The Assyrian and Babylonian Empires and Other States of the Near East, from the Eighth to the Sixth Centuries*. Cambridge University Press, 1992.

BOARDMAN, John (ed.) *Persia, Greece, and the Western Mediterranean, 525-479 B.C.* Cambridge University Press, 1988.

Em português:

SCHULTZ, Samuel J. *A História de Israel no Antigo Testamento*. Vida Nova, 1977 (reimp. 1992).

MERRIL, Eugene H. *História de Israel no Antigo Testamento*. CPAD, 2001.

BRIGHT, John. *História de Israel*. 7. ed. Paulus, 2003.

DONNER, Herbert, *História de Israel e de seus povos vizinhos*. 2 vols. Editora Sinodal, 1997.

HILL, A. E., Walton, J. H. "Resumo histórico do período do Antigo Testamento" in *Panorama do Antigo Testamento*. Vida, 2006. p. 161-182.

HARRINGTON, Wilfrid J. "Resumo da história de Israel" in *Chave para a Bíblia*. Paulinas 1985. p. 72-161.

JOHNSON, Paul. *História dos Judeus*. Imago, 1989. p. 15-170.

HERRMANN, Siegfried. "História de Israel" in FABRIS, Rinaldo. *Problemas e Perspectivas das Ciências Bíblicas*. Loyola, 1990. p. 357-372.

ROTH, C. *Pequena História do Povo Judeu*. Fundação F. Pinkuss, 1964. Volume 1.

MEDEIROS, J. M. *Panorama da História da Bíblia*. Paulus.

SCHWANTES, Milton, *História de Israel*: dos inícios até o exílio. CEDI, 1992.

BEEK, M. A . *História de Israel*. Zahar, 1967.

CEPPI, Américo. *História do povo de Israel*. Vozes, 1946.

METZGER, Martin. *História de Israel*. 2. ed. Sinodal, 1978.

GUNNEWEG, Antonius H. J. *História de Israel*. Teológica, 2005.

ALT, Albrecht, *Terra Prometida - Ensaios sobre a História do Povo de Israel*. Editora Sinodal, 1987.

Cazelles, Henri. *História política de Israel desde as origens até Alexandre Magno.* Edições Paulinas, 1983.
Fohrer, Georg. *História da religião de Israel.* Academia Cristã, 2006.
Sachar, Howard M. *História de Israel.* A. Koogan, 1989.
Faria, J. de F. *História de Israel e as Pesquisas mais Recentes.* Vozes, 2003.
Josefo, Flávio, *História dos Hebreus.* Editora CPAD.
Borger, Hans. *Uma História do Povo Judeu* – volume 1. Editora Sêfer.
Balancin, Euclides M. *História do Povo de Deus.* Paulus, 1989.
Lamadrid, A. G. *As tradições Históricas de Israel:* introdução à história do Antigo Testamento. Vozes, 1999.

3.3. A cultura de Israel e do Antigo Oriente Próximo

Nenhum outro livro ultrapassa o clássico sobre a Bíblia em seu contexto sociológico imediato:

De Vaux, Roland. *Instituições de Israel no Antigo Testamento.* Vida Nova, 2004.

Duas outras obras com propostas semelhantes são:

Snell, Daniel C. *Life in The Ancient Near East, 3100-332 B.C.E.* Yale University Press, 1998.
Coogan, Michael D. (ed.) *The Oxford History of the Biblical World.* Oxford University Press, 1998.

Esses livros podem ser lidos junto com, e até mesmo paralelamente a:

Pleins, J. David. *The Social Visions of the Hebrew Bible.* Westminster John Knox Press, 2000.
Matthews, Victor H. e Benjamin, Don C. *The Social World of Ancient Israel.* Hendrickson, 1995.
Walton, John H; Matthews, Victor H; Chavalas, Mark W. *The IVP Bible Background Commentary: Old Testament.* Intervarsity Press, 2000.
Walton, John W. *Ancient Israelite Literature in Its Cultural Context.* Zondervan Publishing House, 1989.
Von Soden, Wolfram. *The Ancient Orient: An Introduction to the Study of the Ancient Near East.* Wm. B. Eerdmans, 1994.

Os próximos quatro livros são mais temáticos, porém, são comparáveis em utilidade relativamente às subcategorias culturais com as quais lidam:

Weinfeld, Moshe. *Social Justice in Ancient Israel and in the Ancient Near East.* Augsburg/Fortress Press, 1995.

BOECKER, Hans Jochen. *Orientação para a vida: Direito e lei no Antigo Testamento*. Sinodal, 2004.

LIVINGSTONE, Herbert G. *The Pentateuch in Its Cultural Environment*. 2. ed. Baker Book House, 1987.

GOTTWALD, Norman K. *The Politics of Ancient Israel*. Westminster John Knox Press, 2000.

Em português:

VAUX, Roland de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. Vida Nova, 2005.

DOCKERY, David S. (ed.) art. "A Profecia no Oriente Próximo" in *Manual Bíblico Vida Nova*. Vida Nova. p. 420-.

DOCKERY, David S. (ed.) art. "O casamento e a família em Israel" in *Manual Bíblico Vida Nova*. Vida Nova. p. 398-.

DOCKERY, David S. (ed.) art. "As Nações vizinhas de Israel" in *Manual Bíblico Vida Nova*. Vida Nova. p. 250-.

DOCKERY, David S. (ed.) art. "Civilizações do Antigo Oriente Próximo" in *Manual Bíblico Vida Nova*. Vida Nova. p. 63-.

ECHEGARAY, Gonzáles J. et alii. "História e instituições do povo bíblico" in *A Bíblia e seu Contexto*. AM Edições, 1994. p. 111-138.

A BÍBLIA: Terra, História e Cultura dos Textos Sagrados. 2 vols. Edições delPrado, 1996.

GOWER, Ralph. *Usos e Costumes dos Tempos Bíblicos*. CPAD, 2004.

SCHMIDT, Werner H. *A Fé do Antigo Testamento*. Sinodal, 2004.

KAUFMANN, Y. *A Religião de Israel*. Editora Perspectiva, 1977.

RENCKENS, H. *A Religião de Israel*. Vozes, 1969.

PINHEIRO, Jorge. *História e Religião de Israel*. Vida, 2007.

CRÜSEMANN, F. *A Torá: Teologia e história social da lei no Antigo Testamento*. Vozes, 2002.

COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Betânia, 1991.

ROWLEY. H. H. *A fé em Israel: aspectos do pensamento do Antigo Testamento*. Teológica, 2003.

CLEMENTS, Ronald E. *O mundo do antigo Israel – Perspectivas sociológicas, antropológicas e políticas*. Paulus, 1995.

HEATON, E.W. *O Mundo do Antigo Testamento*. Zahar, 1965.

WOLF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. Loyola, 1983.

WILSON, Robert R. *Profecia e Sociedade no Antigo Israel*. Targumim, 2006.

THIEL, Winfried. *A sociedade de Israel na época pré-estatal*. Editora Sinodal, 1993.

SCHMIDT, F. *O Pensamento do Templo de Jerusalém a Qumran:* identidade e laço social no judaísmo antigo. Loyola, 1998.

KIPPENBERG, H. *Religião e Formação de Classes na Antiga Judéia.* Paulinas, 1988.

PACKER, James, Tenney, Merril, e White, William (eds.) *O Mundo do Antigo Testamento.* Editora Vida, 1988.

GOTTWALD, Normal K. *As tribos de Iahweh* - Uma sociologia da religião de Israel liberto 1250-1050 a.C. Ediçoes Paulinas, 1986.

MESQUITA, A. N. de. *Povos e Nações do Mundo Antigo.* Hagnos, 2002.

SHAFER, B. E. (org) *As religiões no Egito Antigo.* Nova Alexandria, 2002.

GARELLI, P., Nikiprowetzky, V. *O Oriente Próximo Asiático.* 2 vols. Pioneira, 1982.

CARDOSO, C. F. *Sociedades do Antigo Oriente Próximo.* Ática, 1986.

3.4. Outras partes do Antigo Oriente Próximo

Dentre as muitas boas obras históricas acerca de vários povos e culturas do mundo bíblico, diversas podem ser recomendadas por sua amplitude e confiabilidade.

Para uma apresentação geral da informação sobre os grupos étnicos e nacionais mencionados no AT como vizinhos ou conquistadores de Israel, veja:

HOERTH, Alfred J., MATTINGLY, Gerald L., YAMAUCHI, Edwin. (eds.), *Peoples of the Old Testament World.* Baker Book House, 1998.

WISEMAN, Donald J., (ed.) *Peoples of Old Testament Times.* Oxford University Press, 1973.

Sobre a história egípcia, mais que uma excelente obra está disponível:

ALDRED, Cyril. *The Egyptians.* Thames e Hudson, 1998.

GARDINER, Alan. *Egypt of the Pharaohs.* 1964. Reimpressão, com correções. Oxford University Press, 1966.

REDFORD, Donald. (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt,* 3. ed., 3 vols. Oxford University Press, 2000.

Alguns volumes ótimos têm sido escritos que tratam dos paralelos e conexões entre o AT e a história e cultura egípcias:

CURRID, John D. *Ancient Egypt and the Old Testament.* Baker Book House, 1997.

REDFORD, Donald. Egypt, *Canaan and Israel in Ancient Times.* Princeton University Press, 1993.

Especificamente a respeito da cultura e religião do Egito, incluindo uma análise profunda da mentalidade religiosa "mitopoética" (criadora de mitos) egípcia, use:

FRANKFORT, Henri. *Ancient Egyptian Religion.* Harper & Row, Harper Torchbooks, 1961.

Relações importantes entre os israelitas e os assírios e babilônios foram mais ou menos constantes durante os anos de 745 a.C. até 540 a.C., época da produção da vasta maioria dos livros proféticos do AT bem como o tema de muito conteúdo de Reis e Crônicas. Sobre a história assíria e babilônica, veja:

SAGGS, H. W. F. *The Greatness That Was Babylon: A Survey of the Ancient Civilization of the tigris-Euphrates Valley*, reimp. St. Martin's Press, 1988.

SAGGS, H. W. F. *The Might That Was Assyria*, reimp. St. Martin's Press, 1990.

ROUX, George, *Ancient Iraq.* Viking Penguin, 1993.

Muito útil especificamente por suas informações sobre o tempo de Nabucodonosor, o Grande, é:

WISEMAN, Donald J. *Nebuchadnezzar and Babylon.* Oxford University Press, 1991.

Um excelente estudo da literatura, vida, religião e instituições civis dos antigos sumérios, babilônios e assírios se acha em:

OPPENHEIM, A. Leo. *Ancient Mesopatamia.* Ed. rev. University of Chicago Press, 1976.

O crescente interesse pela história e cultura da Suméria é resultado dos extraordinários novos achados em Ebla, na Síria. Duas boas introduções à literatura suméria, com descrições de alguns documentos com paralelos bíblicos, são:

KRAMER, Samuel N. *The Sumerians.* University of Chicago Press, 1990.

WOOLEY, Leonard C. *The Sumerians.* W. W. Norton and Co., 1978.

Os hititas exerceram considerável influência em épocas remotas nas terras bíblicas, embora não sejam mencionados especificamente na Bíblia. (Os "hititas" da Bíblia são os filhos de Hete, um subgrupo cananeu). A introdução padrão à sua história e civilização é:

GURNEY, O.R. *The Hittites.* 2. ed. Penguin Books, 1954.

Quanto à Pérsia, três ótimas histórias estão disponíveis. A primeira merece destaque por causa de seu foco consciente em conexões com o AT:

YAMAUCHI, Edwin. *Persia and the Bible*. Baker Book House, 1997.
WIESEHOFER, Josef. *Ancient Persia: From 550 BC to 650 AD*. St. Martin's Press, 1998.
BRIANT, Pierre. *From Cyrus to Alexander: A History of the Persian Empire*. 2 vols. Eisenbrauns, 2000.

A clássica história da Pérsia de Olmstead (com ótimos índices) ainda é extremamente valiosa:

OLMSTEAD, A.T. *History of the Persian Empire*. University of Chicago Press, 1948.

Sobre questões relacionadas à civilização ugarítica, os fenícios, os cananitas e os filisteus, veja os seguintes volumes relevantes:

YON, Marguerite. *The City of Ugarit at Ras Shamra*. Eisenbraus, 2000.
KAZENSTEIN, Jacob H. *The History of Tyre*, rev. ed. Ben Gurion University, 1997.
TUBB, Jonathan N. *Canaanites: Peoples of the Past*. University of Oklahoma Press, 1998.
DOTHAN, Trude e DOTHAN, M. *People of the Sea: Search for the Philistines*. Macmillan Publishing Co., 1992.
MARGALITH, Othniel. *Sea Peoples in the Bible*. Harrassowitz, 1994.

Em português:

ROBERT, A., Feuillet, A. "O Quadro Histórico da Bíblia" in *Introdução à Bíblia*. Vol. 1, p. 218-274. Herder, 1966.
LEVEQUE, P. *As Primeiras Civilizações:* a Mesopotâmia e os hititas. Edições 70, 1990.
ADAMS, Mackee J. *A Bíblia e as civilizações antigas*. Editora Dois Irmãos, 1962.

3.5. Arqueologia

Muitas introduções à arqueologia palestina são usadas amplamente e há, também, uma variedade de fontes valiosas disponíveis para conhecimento específico sobre áreas e sítios arqueológicos individuais. Infelizmente, muitos arqueólogos nunca chegam a publicar os resultados de suas escavações; ou os publicam de um modo tão específico e técnico, que o estudante médio do AT não consegue fazer uso destes na exegese, exceto quando os próprios relatórios de escavações chamam atenção para o texto bíblico. Entre as mais úteis das obras recentes sobre arqueologia

bíblica estão as seguintes. Qualquer uma delas pode ser útil, dependendo da natureza da passagem na qual se faz a exegese.

CURRID, John D. *Doing Archaeology in the Holy Land: A Basic Guide.* Baker Book House, 1999.

BEN-TOR, Amnon. *The Archaeology of Ancient Israel.* Yale University Press, 1992.

FAGAN, Brian (ed.) *The Oxford Companion to Archaeology.* Oxford University Press, 1996.

HOERTH, Alfred J. *Archaeology of the Old Testament.* Baker Book House, 1998.

MAZAR, Amihai. *Archaeology of the Land of the Bible: 10,000-586 B.C.E.* Doubleday, 1992.

Os seguinte dois excelentes dicionários de arqueologia em vários volumes são bastante abrangentes. Eles estão entre as obras que darão um bom direcionamento sempre que você as consultar.

MEYERS, Eric M. (ed.) *The Oxford Encyclopedia of Archaeology in the Near East,* 5 vols. Oxford University Press, 1996.

STERN, Ephraim (ed.) *New Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land,* 4 vols. Israel Exploration Society e Carta; e Simon and Schuster, 1993.

Concentrando-se na arqueologia urbana há:

FRITZ, Volkmar. *The City in Ancient Israel.* Sheffield Academic Press, 1995.

DEVRIES, Lamoine. *Cities of the Biblical World.* Hendrickson, 1997.

Os próximos dois livros podem ser úteis em termos de seus interesses especializados:

LEVY, Thomas E. *The Archaeology of the Society in the Holy Land.* Cassell Academics, 1998.

FINKELSTEIN, Israel. *The Archaeology of the Israelite Settlement.* IES, 1988.

Ainda valiosas são as seguintes obras escritas por grandes arqueólogos trabalhando na Palestina:

ALBRIGHT, William F. *The Archaeology of Palestine.* Ed. rev. Penguin Books, 1954; Reimpressão: Peter Smith Publisher, 1960.

ALBRIGHT, William F. *The Archaeology and the Religion of Israel,* 4th ed. Johns Hopkins Press, 1968.

AHARONI, Yohanan. *The Archaeology of the Land of Israel.* Westminster Press, 1982.

WRIGHT, G. Ernest. *Biblical Archaeology*. Ed. rev. Westminster Press, 1963.
KENYON, Kathleen. *Archaeology in the Holy Land*. 4. ed. W. W. Norton & Co., 1979.
KENYON, Kathleen. *The Bible and Recent Archaeology*. John Knox Press, 1978.
AVI-YONAH, Michael, ed. *Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land*. 4 vols. Prentice-Hall, 1975.

Um livro que destaca as evidências epigráficas é o recente:

MCCARTER, Kyle P. Jr. *Ancient Inscriptions: Voices from the Biblical World*. Biblical Archaeology Society, 1996.

Um bom exemplo de arqueologia aplicada à interpretação dos livros proféticos é:

KING, Philip J. Amos, Hosea, Micah — *An Archaeological Commentary*. Westminster Press, 1988.

Para uma coleção de mapas, ilustrações e comentários, de modo geral fidedignos quanto ao relacionamento das descobertas arqueológicas com a história do AT, particularmente em relação a livros específicos e até mesmo passagens, consulte:

CORNFELD, Gaalyahu. *Archaeology of the Bible: Book by Book*. David Noel Freedman, (ed. cons.). Harper & Row, 1976.

Muito útil, também, por suas informações sobre o contexto histórico-arqueológico, organizado por capítulo e versículo é:

BAEZ-CARMAGO, Gonzalo. *Archaeological Commentary on the Bible*. Doubleday, 1984.

Para uma revisão extensa das fontes concretas literárias e históricas do mundo antigo, das quais vem a informação arqueológica, ainda é útil:

THOMAS, D. Winton, ed. *Archaeology and Old Testament Study*. Oxford University Press, 1967.

Essa obra contém um longo índice de passagens da Bíblia, que permite a localização rápida de qualquer informação das fontes antigas que possa se relacionar a uma passagem ou livro.

Muito útil por seus mais de 800 artigos a respeito de tópicos arqueológicos é:

BLAIKLOCK, E. M. e HARRISON, R. K., eds. *The New International Dictionary of Biblical Archaeology*. Zondervan, 1983.

Veja ainda:

HEIZER, Robert F., et al. *Archaeology: A Bibliographical Guide to the Basic Literature*. Garland Publishing, 1980.

Por último, um grande número de artigos específicos sobre assuntos-chave e descobertas relacionadas ao AT foi agrupado em:

CAMPBELL, JR., Edward F., FREEDMAN, David Noel, e WRIGHT, G. Ernest, (eds.) *The Biblical Archaeologist Reader*. 3 vols. Doubleday, 1961-1970.

Em português:

WISEMAN, D. J. artigo "Arqueologia" in *O Novo Dicionário da Bíblia*. Vida Nova, 2006.

DOCKERY, David S. (ed.) art. "Arqueologia Bíblica" in *Manual Bíblico Vida Nova*. Vida Nova. p. 94-.

LASOR, W., Hubbard, David, Bush, W. "Arqueologia". In *Introdução ao Antigo Testamento*. Vida Nova, 1999. p. 698-745.

ECHEGARAY, Gonzáles J. et alii. "Arqueologia Bíblica" in *A Bíblia e seu Contexto*. AM Edições, 1994. p. 65-110.

CURRID, John. *Arqueologia nas terras bíblicas*. Cultura Cristã, 2007.

OWEN, Frederick. "Suplemento arqueológico" in *Bíblia de referência Thompson*. Ed. Vida, 1990.

HILL, A. E., Walton, J. H. "Arqueologia e o Antigo Testamento" in *Panorama do Antigo Testamento*. Vida, 2006. p. 315-329.

GOTTWALD, Normal K. "Arqueologia: restos materiais e escritos" in *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. Paulinas, 1988. p. 59-73.

MAZAR, Amihai. *Arqueologia na Terra da Bíblia, 10.000-586 a.C.* Paulinas, 2003.

LAPPLE, Alfred. *A Bíblia Hoje: Documentação de História, Geografia e Arqueologia*. Paulinas, 1979.

CRABTREE, A. R. *Arqueologia Bíblica*. Casa Publicadora Batista, 1958.

ROLLA, Armando. *A Bíblia e as Últimas descobertas*. Paulinas, 1961.

FINKELSTEIN, Israel e Silberman. *A Bíblia não Tinha Razão*. A Girafa Editora, 2003.

KELLER, Werner. *E a Bíblia Tinha Razão*. Melhoramentos.

BROWN, Raymond E. *As Recentes Descobertas E O Mundo Bíblico*. Loyola, 1986.

MILLARD, Alan. *Descobertas dos Tempos Bíblicos*. Vida, 1999.

PRICE, Randall. *Pedras que Clamam*. CPAD, 2005.

SOTELO, Daniel. *Arqueologia Bíblica*. Novo Século, 2003.

UNGER, Merril F. *Arqueologia do Velho Testamento.* Imprensa Batista Regular, 1980.

3.6. Geografia e os atlas

A mais recente geografia da Bíblia é uma das melhores:

HOPPE, Leslie J. *A Guide to the Lands of the Bible.* Michael Glazier, 1999.

Dois bons estudos, antigos porém ainda muito valiosos, da geografia da terra santa (clima, agricultura, topografia etc.) que podem ser usados com muito proveito são:

BALY, Denis. *The Geography of the Bible.* ed. rev. Harper & Row, 1974.
AHARONI, Yohanan. *The Land of the Bible: A Historical Geography.* Ed. rev. Westminster Press, 1980.

O melhor atlas para o estudo do AT é também o mais fácil de usar e mais útil para tarefas exegéticas. Ele está repleto de mapas, gráficos e outras ilustrações, acompanhadas de notas explicativas claras. As muitas passagens para as quais o atlas é relevante estão contidas num índice em separado, bem como em cada ilustração:

AHARONI, Yohanan e AVI-YONAH, Michael, eds. *The Macmillan Bible Atlas.* Macmillan Co., 1968. Ed. Rev., 1977; 3. ed.,1993.

Há outros atlas bons e precisos, com destaque para:

BIMSON, J. J. et al. (eds.) *The New Atlas of the Bible.* reimp. Intervarsity Press, 1996.
BRISCO, Thomas C. e BRISCO, Thomas V. (eds.) *The Holman Bible Atlas: A Complete Guide to the Expansive Geography of Biblical History.* Broadman and Holman, 1998.
RASMUSSEN, Carl G. (ed.) *The Zondervan NIV Atlas of the Bible.* Zondervan Publishing House, 1989.
MAY, Herbert G., et al., (eds.) *Oxford Bible Atlas.* 2. ed. Oxford University Press, 1974.
BEITZEL, Barry (ed.) *The Moody Atlas of the Bible.* Moody Press, 1985.

Em português:

HOUSTON, J. M. artigo "Palestina", in *O Novo Dicionário da Bíblia.* Vida Nova, 2006.
BORN, A. van Den. Artigo "fauna", in *Dicionário enciclopédico da Bíblia.* Vozes, 1977. col. 597-600.

Born, A. van Den. Artigo "flora", in *Dicionário enciclopédico da Bíblia.* Vozes, 1977.

Dockery David S. (ed.) art. "As plantas da Bíblia" in *Manual Bíblico Vida Nova.* Vida Nova. p. 114-.

Lasor, W., Hubbard, David, Bush, W. "Geografia". In *Introdução ao Antigo Testamento.* Vida Nova, 1999. p. 674-687.

Echegaray, Gonzáles J. et alii. "Geografia bíblica" in *A Bíblia e seu Contexto.* AM Edições, 1994. p. 19-64.

Gottwald, Normal K. "Geografia física e econômica" in *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica.* Paulinas, 1988. p. 46-59.

César, Éber M. L. *História e Geografia Bíblica.* Candeia, 2002.

Echegaray, J. G. *O Crescente Fértil e a Bíblia.* Vozes, 1995.

Galbiati, E e Aletti, A. *Atlas Histórico da Bíblia e do Antigo Oriente.* Vozes, 1991.

Gower, Ralph. *Usos e Costumes dos Tempos Bíblicos.* CPAD, 2004.

Dowley, Tim. *Pequeno Atlas Bíblico.* CPAD.

Dowley, Tim. *Atlas Vida Nova da Bíblia e da História do Cristianismo.* Vida Nova, 1998.

Aharoni, Yohanan et alii. *Atlas Bíblico.* CPAD, 1999.

Andrade, Claudionor de. *Geografia Bíblica.* CPAD, 2000.

Ronis, Osvaldo. *Geografia Bíblica.* Juerp, 1988.

Camargo, S. A. *A Eternidade da Palestina:* impressões do Oriente Próximo. Imprensa Metodista, s/d.

Perego, Giacomo. *Atlas Bíblico Interdisciplinar.* Paulus, 2001.

Money, Netta Kemp De. *Geografia Histórica do Mundo Bíblico.* Editora Vida, 1977.

Tognini, Eneas. *Geografia da Terra Santa.* Ed. Louvores do Coração, 1987.

Tognini, Eneas. *Geografia das Terras Bíblicas.* Ed. Louvores do Coração, 1987.

Reinke, André Daniel. *Atlas Bíblico.* Hagnos, 2005.

Jenkins, Simon. *Atlas da Bíblia.* Abba Press, 1998.

Rowley, H.H. *Pequeno atlas bíblico.* ASTE, 1966.

Rhymer, Joseph. *Atlas Ilustrado do Mundo Bíblico.* Círculo do Livro.

Vários autores. *Atlas da Bíblia.* Paulus.

3.7. Análise histórica

Em sua definição mais estrita, a análise histórica se ocupa com os contextos históricos dos textos bíblicos, incluindo a determinação de nomes, datas e épocas para

os acontecimentos mencionados ou tratados em uma passagem qualquer. O objetivo desse tipo de análise histórica é chegar a um entendimento proveitoso dos fatores históricos relevantes, numa forma que os esclareça totalmente. Assim, o historiador vai muito além dos limites da passagem em si ao estabelecer os fatores e as tendências históricas mais ou menos independentemente da maneira em que são apresentados na Bíblia.

Contudo, análise histórica é um termo também usado para significar o que tem sido chamado de "método histórico-crítico". Esse método tem como sua premissa básica a idéia de que o estudo bíblico-histórico "objetivo" deve tratar a Bíblia como qualquer outro livro, deixando de lado idéias "subjetivas", tais como inspiração, autoridade, iniciativa divina etc. Por razões óbvias, o método histórico-crítico tem sido tema de grande debate quanto à sua própria "objetividade".

Uma introdução lúcida às questões envolvidas e às pressuposições metodológicas é:

KRENTZ, Edgar. *The Historical-Critical Method;* Guides to Biblical Scholarship. Fortress Press, 1975.

Um ataque adequadamente motivado, mas inadequadamente documentado, ao método histórico-crítico pode ser achado em:

MAIER, Gerhard. *The End of the Historical-Critical Method.* Concordia, 1977.

Muito útil como corretivo ao tipo de ceticismo sem evidência que tem caracterizado parte dos estudos históricos do AT, em nome da objetividade, é:

KITCHEN, Kenneth A. *Ancient Orient and Old Testament.* Londres: Inter-Varsity Fellowship, Tyndale Press, 1966.

Para um resumo de algumas das dificuldades e desafios encontrados no estudo histórico do AT, algumas vezes com conclusões controversas sobre a evidência e o que pode ser inferido dela, veja:

LONG, Phillips V. *Israel's Past in Present Research: Essays on Ancient Israelite Historiography.* Eisenbrauns, 1999.

MILLER, J. Maxwell. *The Old Testament and the Historian.* Guides to Biblical Scholarship. Fortress Press, 1976.

LEVENSON, John D. *The Hebrew Bible, the Old Testament and Historical Criticism.* Westminster Press, 1993.

LEMCHE, Niels Peter. *Prelude to Israel's Past: Background and Beginnings of Israelite History and Identity.* Hendrickson, 1998.

VAN SETERS, John. *In Search of History: Historiography in the Ancient World and the Origins of Biblical History.* Eisenbrauns, 1997.

Em português:

DOCKERY, David S. (ed.) art. "Os métodos da crítica e o Antigo Testamento" in *Manual Bíblico Vida Nova.* Vida Nova. p. 149-.

MUELLER, Ênio R. "O método histórico-crítico – uma avaliação" in Fee, G. D., Stuart, D. *Entendes o que lês?* Vida Nova, 1984.

ROBERT, A., Feuillet, A. art. "A Crítica Histórica" in *Introdução à Bíblia.* Vol. 1, p. 154-166. Herder, 1966.

HARRINGTON, Wilfrid J. "Crítica histórica" in *Chave para a Bíblia.* Paulinas 1985. p. 69-.

RATZINGER, J. "Interpretação bíblica em crise" in Potterie, I de la. *Exegese Cristã Hoje.* Vozes, 1996. p. 111-140.

BRUGGEN, J. V. "O Contexto Histórico" in *Para ler a Bíblia.* Ed. Cultura Cristã, 1998. p. 92-.

VOLKMAN, M. et alii. *Método Histórico Crítico.* CEDI, 1992.

LOPES, Augustus N. "A Utilização do Método Histórico Crítico" in *A Bíblia e seus Intérpretes.* Editora Cultura Cristã, 2004. p. 241-244.

MÜLLER, Karlheinz. "Exegese e Método Histórico Crítico" in *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia.* Paulus, p. 289-296.

SIMIAN-YOFRE, Horácio (coord.) et alii. "Diacronia: os métodos histórico-críticos" in *Metodologia do Antigo Testamento.* Loyola, 2000. p. 73-108.

TROELTSCH, E. *Sobre o método histórico e dogmático da teologia.* EST, 1984.

3.8. Análise da tradição

O estudo da história das tradições orais que possibilitaram a preservação da literatura e, especialmente, a história do Israel antigo antes de sua formalização por escrito, é chamado de análise da tradição.

Um bom panorama pode ser encontrado em um dos seguintes títulos:

KNIGHT, Douglas A. "Tradition History" in *The Anchor Bible Dictionary,* vol. 6, p. 633-38. Doubleday, 1992.

HAYES, J. H. e HOLLADAY, C. R. "Tradition Criticism", cap. 7 in *Biblical Exegesis: A Beginner's Handbook.* Westminster John Knox Press, 1997.

Algumas introduções amplamente usadas a esse campo um tanto quanto teórico são:

VANSINA, Jan. *Oral Tradition as History.* University of Wisconsin Press, 1990.

KNIGHT, Douglas A. *Rediscovering the Traditions of Israel.* Scholars Press and the Society of Biblical Literature, 1973.

RAST, Walter. *Tradition History and the Old Testament;* Guides to Biblical Scholarship. Fortress Press, 1972.

Em português:

ARTOLA, A. M. et alii. "Análise de tradições" in *Bíblia e Palavra de Deus.* AM Edições, 1996. p. 359-362.

MAINVILLE, Odette. "A história da tradição" in *A Bíblia à Luz da História.* Paulinas, 1999. p. 111-127.

SIMIAN-YOFRE, Horácio (coord.) et alii. "A crítica das tradições" in *Metodologia do Antigo Testamento.* Loyola, 2000. p. 104-107.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. "Crítica da Tradição" in *Metodologia de Exegese Bíblica.* Paulinas, 2003. p. 241-252.

4. ANÁLISE LITERÁRIA

4.1. Literatura paralela

A Bíblia é um livro singular; não há nada como ela. Existem, entretanto, muitas obras literárias, preservadas do mundo antigo, que têm semelhança marcante com *partes* da Bíblia. Ignorar esses paralelos valiosos onde existirem é empobrecer a exegese. Felizmente, a maioria dos paralelos conhecidos foi reunida para facilitar a consulta.

A tradução padrão de textos paralelos ao AT (normalmente completos) é encontrada na edição a seguir, que é recomendada ainda que seja muito cara:

PRITCHARD, James B., ed. *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament.* 3. ed. com suplemento. Princeton University Press, 1969.

Duas edições resumidas estão em:

PRITCHARD, James B., ed. *Ancient Near East: An Anthology of Texts and Pictures.* Princeton University Press, 1958. Vol. 2: *The Ancient Near East: A New Anthology of Texts and Pictures.* Princeton University Press, 1976.

Tanto a edição completa como as resumidas contêm índices de referências das Escrituras para facilitar a correlação com as passagens bíblicas. (Os volumes que contêm as reproduções fotográficas estão alistados em 4.11.6.)

Na maioria das vezes, seu interesse vai provavelmente se concentrar na literatura paralela do Oriente Próximo especificamente de natureza religiosa. Qualquer uma das seguintes obras contém introduções mais amplas e geralmente notas mais úteis do que a obra de Pritchard, e todas são praticamente tão completas

quanto ela no que diz respeito a documentos religiosos importantes que têm paralelos em textos do AT:

HALLO, William W., e YOUNGER, K. L. (eds.) *The Context of Scripture*. Brill Academic Publishers, 1997.

MATTHEWS, Victor H. e BENJAMIM, Don C. *Old Testament Parallels: Laws and Stories from the Ancient Near East*. Paulist Press, 1997.

WALTON, John H. *Ancient Israelite Literature in Its Cultural Context: A Survey of Parallels between Biblical and Near Eastern Texts*. Zondervan Publishing House, 1994.

BEYERLIN, Walter, ed. *Near Eastern Religious Texts Relating to the Old Testament*. The Old Testament Library. Westminster Press, 1978.

Para os paralelos semânticos individuais das muitas tabuinhas da Idade do Bronze Tardia encontradas em Ugarit, existe uma coleção muito boa, abarcando palavras, termos e conceitos que ocorrem tanto em ugarítico como em hebraico. Os paralelos incluem animais, plantas, numerais, nomes, profissões, instituições sociais, frases literárias, gêneros literários etc.:

FISHER, Loren, ed. *Ras Shamra Parallels: The Texts from Ugarit and the Hebrew Bible*. 2 vols. Analecta Orientalia 49, 50. Roma: Pontifício Instituto Bíblico, 1972, 1976.

Cada entrada tem uma tradução da passagem em ugarítico, notas textuais, uma bibliografia e uma avaliação das conexões entre o ugarítico e o hebraico.

Você poderá aprender muito a respeito das crenças dos cananeus, tão importantes nos tempos do AT, ao ler os seus maiores mitos. Uma tradução excelente é a de Coogan:

COOGAN, Michael. *Stories from Ancient Canaan*. Westminster Press, 1978.

De valor comparável é:

WYATT, Nicolas. *Religious Texts from Ugarit*. Sheffield Academic Press, 1998.

Em português:

DOCKERY, David S. (ed.) art. "Os tratados do Oriente Próximo" in *Manual Bíblico Vida Nova*. Vida Nova. p. 181-.

DOCKERY, David S. (ed.) art. "Histórias de criação e dilúvio" in *Manual Bíblico Vida Nova*. Vida Nova. p. 156-.

GREENFIELD, Jonas. "A Bíblia Hebraica e a literatura cananéia" in Alter, R. e Kermode, Frank. *Guia literário da Bíblia*. UNESP, 1997.

Bouzon, Emanuel. *As Leis de Eshnunna (1825-1787 a.C.).* Vozes, 1981.
Bouzon, Emanuel. *O Código de Hammurabi.* 8. ed. Vozes, 2000.
Vários autores. *Criação e Dilúvio segundo os textos do Oriente Médio Antigo.* Paulus.
Vários autores. *Israel e Judá:* textos do Antigo Oriente Médio. Paulinas, 1985.
Vários autores. *Escritos do Oriente Antigo e Fontes Bíblicas.* Paulinas, 1992.
Comfort, F. W. (ed.) "A literatura nos tempos bíblicos" in *A Origem da Bíblia.* CPAD, 1998. p. 139-.
Amsler, S. et alii. "Os textos de Mari e o profetismo" in *Os Profetas e os Livros Proféticos.* Paulinas, 1992.
Sicre, J. L. "Antecedentes da profecia bíblica" in *Profetismo em Israel.* Vozes, 1996. p. 203-230.

4.2. Análise do gênero

A crítica ou análise dos gêneros (tipos literários) é normalmente limitada às grandes unidades literárias e estilos tais como lei, história e sabedoria. Freqüentemente, no entanto, eruditos podem usar "gênero" como sinônimo de "forma", de modo que não haja diferença entre análise da forma (v. 4.5.1) e análise do gênero. Assim, não é feita uma distinção entre tipos literários maiores (gêneros) e tipos específicos individuais menores (formas). A decisão se um tipo literário qualquer é geral e grande o bastante para ser um gênero, ou pequeno e específico o suficiente para ser uma forma, é subjetiva. Mas, mesmo que a distinção entre esses dois tipos possa ser considerada um tanto arbitrária, ela ainda é útil, e é recomendável que você a utilize. Assim, por exemplo, considera-se que "narrativa" é um gênero completo, mas "narrativa de censo" seria uma forma individual. "Sabedoria" é um gênero completo, mas "enumeração de sabedoria" seria uma forma específica. A poesia elegíaca pode ser freqüente o bastante no AT para ser chamada de gênero, enquanto um "lamento depois de batalha", tal como 2Samuel 1.19-27, seria específico o suficiente para ser considerado uma "forma". Como regra, você deve restringir o uso do termo "gênero" a tipos literários que são amplamente representados por vários subtipos; os subtipos, por sua vez, seriam as formas.

A melhor introdução de todas aos gêneros (e formas também) se encontra na primeira parte do livro de Eissfeldt, *The Old Testament: An Introduction* (4.1.2).

Uma análise mais detalhada, com exemplos, do método da análise do gênero, é encontrada em:

SANDY, D. Brent e GIESE Ronald L. (eds.) *Cracking Old Testament Codes: A Guide to Interpreting Literary Genres of the Old Testament.* Broadman and Holman, 1995.

Em português:

DOCKERY, David S. (ed.) art. "Tipos de literatura do Antigo Testamento" in *Manual Bíblico Vida Nova.* Vida Nova. p. 365-.

ARTOLA, A. M. et alii. "Análise de gêneros" in *Bíblia e Palavra de Deus.* AM Edições, 1996. p. 356-359.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. "Crítica dos gêneros literários" in *Metodologia de Exegese Bíblica.* Paulinas, 2003. p. 185-205.

BORN, A. van Den. Artigo "Gênero literário", in *Dicionário enciclopédico da Bíblia.* Vozes, 1977. col. 625-627.

ROBERT, A., Feuillet, A. "Gêneros literários dos Salmos" in *Introdução à Bíblia.* Vol. 2, p. 131-147. Herder, 1966.

BALLARINI, Teodorico. (ed.) "Formas ou gêneros literários dos livros proféticos" in *Introdução à Bíblia.* Vol. III, p. 60-. Vozes, 1974 a 1983.

BENTZEN, A. "Formas literárias" in *Introdução ao Antigo Testamento.* Vol. 1, p. 117-. ASTE, 1968.

VÁRIOS AUTORES. "Os gêneros literários" in *Os Salmos e outros Escritos.* Paulus, 1996. p. 44-67.

AMSLER, S. et alii. "Os gêneros literários usados pelos profetas" in *Os Profetas e os Livros Proféticos.* Paulinas, 1992.

SICRE, J. L. "Os gêneros literários" in *Profetismo em Israel.* Vozes, 1996. p. 142-155.

MAINVILLE, Odette. "A crítica do gênero literário" in *A Bíblia à Luz da História.* Paulinas, 1999. p. 89-102.

4.3. Análise da redação

A análise da redação se ocupa com a maneira em que as diversas unidades que compõem uma seção ou livro do AT foram reunidas em sua forma intermediária ou final. Esse tipo de análise requer, portanto, um estudo do trabalho dos editores (anônimos) da seção ou livro. É, pois, um tipo bem especulativo de análise, uma vez que nada é sabido diretamente sobre a atividade editorial ou sobre os próprios editores.

Uma introdução ao assunto foi escrita por Perrin, que trata muito mais do NT do que do AT:

PERRIN, Norman. *What is Redaction Criticism?* Guides to Biblical Scholarship. Fortress Press, 1969.

Para o texto do AT, uma breve introdução encontra-se em:

HAYES, J. H. e HOLLADAY, C. R. "Redaction Criticism", cap. 8 in *Biblical Exegesis: A Beginner's Handbook*. Westminster John Knox Press, 1997.

Um exemplo de análise da redação empreendida com vistas à aplicação de seus resultados na teologia bíblica é:

DE VRIES, Simon J. *From Old Revelation to New: A Tradition-Historical and Redaction-Critical Study of Temporal Transitions in Prophetic Prediction*. Wm. B. Eerdmans, 1994.

Em português:

ARTOLA, A. M. et alii. "Análise de Composição" in *Bíblia e Palavra de Deus*. AM Edições, 1996. p. 362-365.

LOPES, Augustus N. "Crítica da redação" in *A Bíblia e seus Intérpretes*. Editora Cultura Cristã, 2004. p. 193-194.

MAINVILLE, Odette. "A crítica da redação" in *A Bíblia à Luz da História*. Paulinas, 1999. p. 39-59.

SIMIAN-YOFRE, Horácio (coord.) et alii. "A crítica da redação (e da composição)" in *Metodologia do Antigo Testamento*. Loyola, 2000. p. 84-87.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. "Crítica (ou história) da redação" in *Metodologia de Exegese Bíblica*. Paulinas, 2003. p. 256-272.

4.4. Análise literária

Existem muitas maneiras nas quais a expressão "análise literária" é usada. Por muitos anos, ela significou nada muito além de análise das fontes (4.4.5). Ocasionalmente, significou mais ou menos o que a expressão "análise histórica" descreve hoje (v. 4.3.7). Gradativamente, porém, a expressão tem sido usada em seu sentido mais básico para referir-se ao processo de análise e compreensão de partes da Bíblia como literatura. O estudo de técnicas, estilos e outras características é feito com o propósito de se obter uma avaliação da intenção e efeitos de uma passagem qualquer como uma composição literária.

Uma panorama breve desse tipo de análise você pode ler em:

HAYES, J. H. e HOLLADAY, C. R. "Literary Criticism", cap. 5 in *Biblical Exegesis: A Beginner's Handbook*. Westminster John Knox Press, 1997.

Veja uma introdução mais longa, com alguns exemplos controvertidos da aplicação do método, em:

ROBERTSON, David. *The Old Testament and the Literary Critic;* Guides to Biblical Scholarship. Fortress Press, 1977.

Para exemplos mais extensos, e argumentos em favor, do método, com ênfase na análise de fonte dentro da definição de análise literária, veja:

HABEL, Norman C. e RYLAARSDAM (eds.) *Literary Criticism of the Old Testament*. Augsburgo Fortress Press, 1994.

EXUM, Chryl J. e CLINES, David J. A. *The New Literary Criticism and the Hebrew Bible*. Trinity Press International, 1994.

Dois dos melhores livros sobre o assunto, com especial atenção para os tipos de resultado úteis para pastores e professores ao fazerem exegese, são:

HOUSE, Paul R. (ed.) *Beyond Form Criticism: Essays in Old Testament Literary Criticism.* Eisenbrauns, 1992.

RYKEN, Leland (ed.) *The Complete Literary Guide to the Bible*. Zondervan Publishing House, 1993.

Em português:

ALTER, R. e Kermode, Frank. *Guia literário da Bíblia.* UNESP, 1997.

BRUGGEN, J. V. "O Contexto literário" in *Para ler a Bíblia.* Ed. Cultura Cristã, 1998. p. 94-.

SCHÖKEL, L. A. "Análise Literária" in *A Palavra Inspirada.* Loyola, 1992. p. 63-68.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. "A Crítica Literária" in *Metodologia de Exegese Bíblica.* Paulinas, 2003. p. 174-184.

ROBERT, A., Feuillet, A. "A Crítica Literária" in *Introdução à Bíblia.* Vol. 1, p. 124-. Herder, 1966.

ROBERT, A., Feuillet, A. "Os profetas: dados literários" in *Introdução à Bíblia.* Vol. 2, p. 14-. Herder, 1966.

ECHEGARAY, Gonzáles J. et alii. "Bíblia e literatura" in *A Bíblia e seu Contexto.* AM Edições, 1994. p. 349-408.

ARTOLA, A. M. et alii. "Crítica literária" in *Bíblia e Palavra de Deus.* AM Edições, 1996. p. 354-356.

COMFORT, F. W. (ed.) "A Bíblia como literatura" in *A Origem da Bíblia.* CPAD, 1998. p. 157-.

GOTTALD, Normal K. "A história literária da Bíblia Hebraica" in *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica.* Paulinas, 1988. p. 88-127.

HARRINGTON, Wilfrid J. "Crítica literária" in *Chave para a Bíblia.* Paulinas 1985. p. 66-.

HARRINGTON, Wilfrid J. "A classificação dos Salmos" in *Chave para a Bíblia*. Paulinas 1985. p. 348-.

MANNUCCI, Valério. "As formas literárias" in *Bíblia Palavra de Deus*. Paulinas, 1986. p. 100-.

LONGMAN III, Tremper. "A riqueza literária" in *Lendo a Bíblia com o Coração e a Mente*. Ed. Cultura Cristã, 2003. p. 101-188.

4.5. Análise das fontes

Aplicável principalmente no caso do Pentateuco, ou em menor medida aos livros históricos, a análise das fontes procurava determinar os vários documentos escritos dos quais o editor final (do Pentateuco, por exemplo) tirou suas informações ao produzir a obra acabada. Esse tipo de análise é considerada, atualmente, ultrapassada, uma vez que as "fontes" humanas do AT são muito mais complexas e difíceis de recuperar ou identificar do que uns poucos documentos escritos. Ainda assim, as características gerais da hipótese documentária de Graf e Wellhausen, que propõe quatro fontes principais para o Pentateuco (J, E, D, P) e sugere datas aproximadas para cada uma, ainda são aceitas por muitos eruditos do AT. Uma introdução à análise das fontes (com seu nome alternativo: análise literária) é encontrada em:

HABEL, Norman C. *Literary Criticism of the Old Testament;* Guides to Biblical Scholarship. Fortress Press, 1971.

Em português:

LOPES, Augustus N. "Crítica das fontes" in *A Bíblia e seus Intérpretes*. Editora Cultura Cristã, 2004. p. 189-192.

MAINVILLE, Odette. "A crítica das fontes" in *A Bíblia à Luz da História*. Paulinas, 1999. p. 65-88.

4.6. Datação

Por muitos anos, a tendência entre os estudiosos do AT foi datar partes da Bíblia com base em teorias sobre a evolução da religião israelita, em vez de basear-se em critérios internos, objetivos. A Lei era, portanto, datada tardiamente porque, supostamente, tinha características "desenvolvidas", enquanto as histórias mais "primitivas" a respeito da liderança de Javé no êxodo, por exemplo, podiam ser datadas remotamente. Reconstruções hipotéticas desse tipo, hoje, não são apoiadas, mas ainda existe uma grande diversidade com relação a vários livros e seções do AT. A datação de livros com base em características lingüísticas tem sido sempre, inerentemente, mais

objetiva em intenção, contudo sofre com a falta de conhecimento específico. Para a poesia, existem algumas abordagens provisórias que poderiam dar a impressão de oferecer esperança. Se sua passagem for poética, você pode ser capaz de sugerir uma data — mesmo que o contexto não dê pistas —, consultando:

ROBERTSON, David A. *Linguistic Evidence in Dating Early Hebrew Poetry*. Scholars Press, 1973.

Robertson fornece uma tipologia preliminar para a datação de poesia principalmente de acordo com traços morfológicos.

Também útil é o primeiro capítulo de:

ALBRIGHT, W. F. *Yahweh and the Gods of Canaan*. Doubleday, 1968.

No caso de parte da poesia, e quase toda a prosa, há pouca evidência consensual que permita datação específica com base em características lingüísticas. Você deve basear-se nas reivindicações do próprio texto e traços não-lingüísticos. Em alguns casos, características ortográficas podem informar sobre data. Entretanto, na maioria dos casos a ortografia do hebraico do AT não ajuda. Isso porque tanto textos antigos como mais tardios foram escritos com a mesma ortografia do período persa (540-333 a.C.), já que os textos mais antigos foram reunidos e bastante copiados durante a Restauração. Assim, uma mesma ortografia foi usada em todo o AT, tanto no hebraico como no aramaico. Somente os pequenos trechos que escaparam parcialmente desse processo de padronização (tais como alguns dos poemas mais antigos) podem ser datados por meio da evidência ortográfica.

Para ver como isso é feito, leia:

FREEDMAN, David Noel, ANDERSEN, Francis e FORBES, A. Dean. (eds.) *Studies in Hebrew and Aramaic Orthography*. Eisenbrauns, 1992.

ou o mais antigo, mas ainda válido:

CROSS, JR., Frank Moore; FREEDMAN, David Noel. *Early Hebrew Orthography*. American Oriental Society, 1952.

5. FORMA

5.1. Análise da forma

O propósito da análise da forma é separar e analisar os tipos literários específicos contidos numa passagem. Partindo dessa análise o exegeta poderá descobrir, muitas vezes, alguma coisa sobre a maneira pela qual a passagem foi composta, sobre

seus temas, seus interesses principais e até mesmo sobre o tipo de situação na qual ela pode ter sido aplicada (dependendo da forma) no Israel antigo. Todas essas informações teoricamente podem ser deduzidas mesmo que o contexto da própria passagem não as contenha, porque o estudo do uso de uma forma específica por toda a Bíblia (e outra literatura antiga na qual ela exista) permite que certas generalizações sejam feitas para cada uso.

Freqüentemente, a análise da forma tem sido acusada de ser um método que tira muito pouco "significado" das passagens, e que negligencia outras técnicas críticas válidas. A análise da forma tem tido uma má reputação também por ser aplicada indiscriminadamente por alguns eruditos, os quais demonstram exagerado entusiasmo quanto aos resultados que ela pode produzir. Por exemplo, alguns eruditos entusiastas da análise da forma a têm utilizado para chegar a o que eles pensam ser sólidas conclusões acerca da data, autoria, autenticidade, originalidade, contexto apropriado, validade histórica etc. de passagens bíblicas que o método, na realidade, não pode confirmar. Existe hoje uma compreensão mais ampla de que os escritores antigos (incluindo os profetas, em cujos livros a análise da forma é especialmente empregada) emprestaram formas do mundo antigo, provisoriamente, e as retrabalharam. Sua própria criatividade inspirada era evidente em todo lugar, e dificilmente poderiam ter sido escravos de um conjunto de regras, às quais as formas (e parte das formas) que utilizavam pudessem sempre ser conformadas. Os antigos autores e oradores bíblicos, portanto, tomaram o que quiseram das formas existentes (típicas) e produziram novas combinações e construções (únicas).

Existem à disposição duas excelentes obras para a compreensão da análise da forma. A melhor introdução ao método é a de Tucker, que o trata sistematicamente de acordo com quatro elementos: estrutura, gênero, contexto e intenção.

TUCKER, Gene M. *Form Criticism of the Old Testament;* Guides to Biblical Scholarship. Fortress Press, 1971.

Essa coletânea de seis monografias explica a história bem como as tendências da análise da forma. Para se entender os objetivos e pressuposições da análise da forma, bem como o modo como se aplica a várias passagens do AT, veja:

HAYES, John H., ed. *Old Testament Form Criticism*. Trinity University Press, 1974.

Sobre a relação específica entre forma literária e história, com exemplos, veja:

BUSS, Martin J., *Biblical Form Criticism in Its Context.* JSOT 274 (Sheffield Academic Press, 1999.

Uma introdução clássica à análise da forma do AT, originalmente escrita em alemão, com exemplos do método aplicado, é:

Koch, Klaus. *The Growth of the Biblical Tradition: The Form-Critical Method.* Charles Scribner's Sons, 1969.

O melhor de tudo, uma série abrangente inclui entre seus múltiplos volumes uma discussão de todas as formas literárias individuais no AT, parte por parte. O volume nessa série que cobre a passagem que você estuda pode com proveito ser consultado para orientação específica — para uma avaliação da crítica da forma sobre a perícope da sua exegese.

Knierim, Rolf e Tucker, Gene, eds. *Forms of the Old Testament Literature.* Wm. B. Eerdmans, 1984—.

Até agora, cobertos pela *FOTL* são os seguintes: Gênesis; Êxodo 1-18; 1-2Reis; 1-2Crônicas; Salmos 1-60; Jó; Provérbios; Rute; Cântico dos Cânticos; Eclesiastes; Ester; Isaías 1-39; Ezequiel; Daniel; Profetas Menores parte 1; e Miquéias.

Em português:

Lopes, Augustus N. "Crítica da forma" in *A Bíblia e seus Intérpretes.* Editora Cultura Cristã, 2004. p. 192-193.

Harrington, Wilfrid J. "As formas literárias" in *Chave para a Bíblia.* Paulinas 1985. P. 43-.

Robert, A., Feuillet, A. "A escola da história das formas" in *Introdução à Bíblia.* Vol. 1, p. 322-328. Herder, 1966.

Mannucci, Valério. "As formas literárias" in *Bíblia Palavra de Deus.* Paulinas, 1986. p. 100-.

Ballarini, Teodorico. (ed.) "Formas ou gêneros literários dos livros proféticos" in *Introdução à Bíblia.* Vol. III, p. 60-. Vozes, 1974 a 1983.

_____. (ed.) "Gênese e forma da literatura profética em Israel" in *Introdução à Bíblia.* Vol. II/3. Vozes, 1974 a 1983.

Bentzen, A. "As formas da poesia hebraica" in *Introdução ao Antigo Testamento.* Vol. 1 p. 135-139. ASTE, 1968.

Simian-Yofre, Horácio (coord.) et alii. "A crítica da forma" in *Metodologia do Antigo Testamento.* Loyola, 2000. p. 93-99.

5.2. A relação entre forma e estrutura

Não há como descobrir uma forma literária, ou identificá-la adequadamente, sem primeiro identificar os vários itens que a compõem (seu conteúdo) e o modo no qual esses itens estão arranjados internamente e em relação ao contexto

maior (a estrutura). Em outras palavras, o exegeta corre o risco de "pôr o carro na frente dos bois" se ele conclui, muito depressa, que uma passagem contém a, ou é composta na maneira da, forma X, meramente com base em algumas palavras-chave que a forma X geralmente contém, ou com base em outros traços estilísticos normalmente associados à forma X. Pode-se, inclusive, chegar ao ponto de ignorar a maior parte da evidência de um tipo específico de forma e classificá-la equivocadamente. Por outro lado, pode-se colocar muita ênfase numa metodologia estritamente de análise da forma de modo que muitos aspectos exegéticos significativos, que não constam dos resultados da análise da forma, sejam simplesmente esquecidos.

Primeiro, esteja certo de que entende os elementos ou "ingredientes" de conteúdo da passagem e, pelo menos provisoriamente, como esses elementos estão estruturados, antes de identificar a forma. A identificação apropriada da(s) forma(s) poderá, subseqüentemente, auxiliá-lo a aprimorar sua identificação dos elementos e da estrutura. Mas não deixe que os traços *típicos* da forma dominem o modo pelo qual analisa as características específicas da passagem. Em vez disso, é exatamente o contrário: Os aspectos específicos da passagem o informarão até que ponto quaisquer formas que estiverem presentes influenciam a passagem, se é que influenciam — e até que ponto a forma é pura, adaptada, "fragmentada" ou incompleta.

6. ESTRUTURA

6.1. Definições

Na atualidade, cinco termos similares são usados no campo do estudo do AT com freqüência variável e com pelo menos dois sentidos bem diferentes. Três desses termos — *estruturalismo*, *exegese estrutural* e *análise estrutural* — são normalmente usados com referência a um tipo de análise lingüística aplicada ao estudo da Bíblia. O estruturalismo (o mais comum desses termos) se ocupa principalmente com certos relacionamentos especiais, definidos de modo bastante técnico, entre, ou nas, palavras de uma frase. O estruturalista procura compreender os padrões a partir dos quais a linguagem funciona, presumindo que esses padrões poderão conduzi-lo a um entendimento mais profundo da estrutura (e do significado) das partes que compõem as frases e as frases propriamente ditas. Os livros abaixo explicam o estrutruralismo e oferecem alguns exemplos de seu uso nas frases bíblicas:

BARTHES, Roland et al. *Structural Analysis and Biblical Exegesis: Interpretational Essays*. Pickwick Press, 1974.

CALLOUD, Jean. *Structural Analysis of Narrative*. Fortress Press e Scholars Press, 1976.

PATTE, Daniel. *The Religious Dimensions of Biblical Texts: Greimas's Structural Semiotics and Biblical Exegesis*. Society of Biblical Literature, 1990.

PATTE, Daniel. *Structural Exegesis for New Testament Critics*. Trinity Press International

Contudo, o melhor para o iniciante é:

PATTE, Daniel. *What Is Structural Exegesis?* Guides to Biblical Scholarship. Fortress Press, 1976.

Dois outros termos, *crítica estrutural* e *estudos estruturais*, são normalmente utilizados para descrever o modo pelo qual grandes unidades de texto (passagens) são compostas de seus diversos elementos de conteúdo. Os dois últimos termos, em outras palavras, referem-se, de forma geral, ao conteúdo estrutural de uma passagem, enquanto os três primeiros se referem à busca pelos padrões lingüísticos nas frases individuais.

O estruturalismo (a análise lingüística especializada) é técnico e de aplicação restrita, e não se interessa pelo aspecto histórico, cultural, ou teológico, exceto de forma indireta. Portanto, é improvável que venha a utilizá-lo amplamente numa exegese. Assim como ocorre com a análise lingüística na filosofia, os resultados são às vezes surpreendentes, mas com maior freqüência são bastante pobres. Mesmo assim, o aluno aplicado pode achar a tarefa digna do esforço em algumas passagens.

Para um entendimento do método mais abrangente dos estudos estruturais — como as passagens são contruídas a partir de seus elementos constituintes, como sua estrutura pode ser deduzida e esboçada, e o significado para a exegese —, há um livro muito bom, curto e repleto de exemplos úteis:

CULLEY, Robert C. *Studies in the Structure of Hebrew Narrative*. Fortress Press e Scholars Press, 1976.

É muito mais provável que o método mais abrangente dos estudos estruturais seja de constante valor para os exegetas, como é a disciplina mais abrangente da análise retórica, cujos métodos poderão ser considerados, em certo sentido, como também englobando o estudo estrutural.

Em português:

ARTOLA, A. M. et alii. "Análise semântica e semiótica" in *Bíblia e Palavra de Deus*. AM Edições, 1996. p. 349-354.

Lopes, Augustus N. "Estruturalismo bíblico" in *A Bíblia e seus Intérpretes.* Editora Cultura Cristã, 2004. p. 226-228.

Simian-Yofre, Horácio (coord.) et alii. "Acronia: Os métodos estruturalistas" in *Metodologia do Antigo Testamento.* Loyola, 2000. p. 109-122.

Silva, Cássio Murilo Dias da. "Duas categorias básicas da semiótica" in *Metodologia de Exegese Bíblica.* Paulinas, 2003. p. 80-.

Silva, Cássio Murilo Dias da. "Estruturação do texto e análise da estrutura literária" in *Metodologia de Exegese Bíblica.* Paulinas, 2003. p. 94-126.

6.2. Análise retórica

A análise retórica trata da maneira pela qual uma unidade literária (normalmente, uma passagem) é construída. Ao passo que a análise da forma tende a destacar o que é típico e geral, a análise retórica concentra-se no que é peculiar a uma passagem — aquilo que é pessoal, específico, único ou original. Quem faz análise retórica procura compreender a lógica, o estilo e o propósito do autor inspirado. Para fazer isso, a ênfase tem de ser dada (*a*) aos padrões achados na unidade literária; (*b*) aos mecanismos estilísticos individuais que contribuem para o impacto geral de toda a unidade; e (*c*) ao relacionamento das partes com o todo. A análise retórica é, na maioria das vezes, sincrônica (preocupada com a passagem do jeito em que ela se encontra hoje) em vez de diacrônica (que se preocupa com a história teórica de como a passagem pode ter sido transmitida, modificada, remodelada ou editada, antes de alcançar a forma atual).

Na forma como é praticada hoje, a análise retórica destaca a estrutura do texto canônico, ainda que empregue as técnicas mais modernas e confiáveis a fim de implementar essa ênfase. Quanto à afirmação original da necessidade de ir além dos limites da análise da forma para a análise retórica, veja:

Muilenburg, James. "Form Criticism and Beyond". *Journal of Biblical Literature* 88 [1969]: 1-18.

Para uma análise mais abrangente, com exemplos e orientação bibliográfica, veja alguma das obras seguintes, ou todas elas:

Meynet, Roland. *Rhetorical Analysis: An Introduction to Biblical Rhetoric.* Sheffield Academic Press, 1999.

De Regt, L. J., Fokkelman, J. P. e De Waard, J. (eds.) *Literary Structure and Rhetorical Strategies in the Hebrew Bible.* Eisenbrauns, 1996.

Watson, Duane F. e Hauser, Alan J. *Rhetorical Criticism of the Bible: A Comprehensive Bibliography with Notes on History and Method.* E. J. Brill, 1994.

PATRICK, Dale e SCULT, Allen. *Rhetoric and Biblical Interpretation.* JSOT 82. Almond Press, 1990.

Exemplos da análise retórica aplicada a várias passagens bíblicas se encontram em:

WATTS, James W. *Reading Law: The Rhetorical Shaping of the Pentateuch.* Sheffield Academic Press, 1999.

TRIBLE, Phyllis. *Rhetorical Criticism: Context, Method, and the Book of Jonah.* Augsburg Fortress Press, 1999.

VAN DER LUGT, Pieter. *Rhetorical Criticism and the Poetry of the Book of Job.* E. J. Brill, 1995.

JACKSON, Jared J. e KESSLER, Martin, eds. *Rhetorical Criticism: Essays in Honor of James Muilenburg.* Pickwick Press, 1974.

Uma parte da análise retórica de uma passagem envolve a identificação de suas figuras de linguagem. Para isso, consulte o clássico:

BULLINGER, E. W. *Figures of Speech Used in the Bible.* Reimpresso por Baker Book House, 1968.

Em português:

ZUCK, Roy B. "Que vem a ser interpretação retórica?" in *A Interpretação Bíblica.* Vida Nova, 2006. p. 144-.

BRUGGEN, J. V. "O estilo" in *Para ler a Bíblia.* Ed. Cultura Cristã, 1998. p. 98-.

ARTOLA, A. M. et alii. "Análise estilística" in *Bíblia e Palavra de Deus.* AM Edições, 1996. p. 348-.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. "Análise estilística" in *Metodologia de Exegese Bíblica.* Paulinas, 2003. p. 155-165.

6.3. Análise das fórmulas

Certos grupos de palavras (às vezes, palavras isoladas) tendem a aparecer de maneira similar em passagens diferentes. Quando um grupo de palavras funciona coerentemente para expressar uma certa idéia essencial, embora numa variedade de contextos, ele é chamado de fórmula. A poesia parece ter muito mais fórmulas do que a prosa. Alguns exemplos (traduzidos) de fórmulas comuns e bem conhecidas são: "Assim diz o Senhor"; "Naquele dia"; "Diz o SENHOR dos Exércitos"; "Grande é o SENHOR e mui digno de ser louvado" etc. Fórmulas como essas aparecem numa variedade de passagens. O propósito da análise das fórmulas é compreender como elas funcionam, como elas representam "blocos

de montar" no interior das unidades literárias, como se relacionam com a métrica de uma passagem etc. Visto que a análise das fórmulas ressalta a comparação dos contextos da fórmula, ela torna-se especialmente relevante para o contexto bíblico (Passo 9) e para a estrutura (Passo 6). Dois livros muito bons explicam o processo e suas implicações para a exegese:

CULLEY, Robert C. *Oral Formulaic Language in the Biblical Psalms.* University of Toronto Press, 1967.

WATTERS, William R. *Formula Criticism and the Poetry of the Old Testament.* Walter de Gruyter, 1976.6.4. Análise poética

A poética é um vasto campo de estudo. Todavia, não é tão difícil obter uma compreensão adequada da poesia do AT ao ponto de que não se deva tentar. Na realidade, com um pequeno investimento de tempo, o estudante do AT poderá mover-se com desenvoltura da relativa ignorância à relativa competência na análise poética. É particularmente importante que se tenha a capacidade de reconhecer os tipos de paralelismo e a estrutura métrica que caracterizam uma passagem poética qualquer. Existem boas fontes de pesquisa para isso.

Para uma introdução breve, mas esclarecedora, veja:

GOTTWALD, Norman K. "Poetry, Hebrew" in *The Interpreter's Dictionary of the Bible.* Abingdon Press, 1972. Vol. 3: 829-838.

Para informação mais abrangente, veja:

CROSS, Frank More e FREEDMAN, David Noel. *Studies in Ancient Yahwistic Poetry.* Eerdmans, 1997.

PETERSON, David L. e RICHARDS, Kent H. *Interpreting Hebrew Poetry.* Augsburg Fortress Press, 1994.

KUGEL, James L. *The Idea of Biblical Poetry: Parallelism and Its History.* reimp. Johns Hopkins University Press, 1998.

e o antigo mas ainda válido clássico:

GRAY, George Buchanan. *The Forms of Hebrew Poetry.* Com uma introdução por David Noel Freedman. KTAV Publishing House, 1970.

Para que seja capaz de analisar certos tipos de paralelismo poético de forma efetiva, você precisará aprender como "pares fixos" de palavras funcionam nos poemas do AT. A melhor (e mais clara) introdução para essa análise, com centenas de exemplos fáceis de seguir, é:

GEVIRTZ, Stanley. *Patterns in the Early Poetry of Israel.* University of Chicago Press, 1964.

A respeito da métrica, veja:

STUART, Douglas K. *Studies in the Early Hebrew Meter.* Scholars Press e Harvard Semitic Museum, 1976.

A situação relativa à métrica é mais difícil para o aluno, uma vez que ainda existem teorias conflitantes sobre composição métrica. Ainda assim, qualquer que seja a abordagem utilizada das quatro mais comuns (a métrica do "acento"; a métrica do paralelismo semântico; a métrica da alternância; e a métrica silábica), se ela for usada de forma coerente dará ao aluno meios objetivos para descobrir e avaliar o comprimento relativo das linhas da poesia. Também ajudará a perceber o modo pelo qual as linhas são agrupadas em dísticos e tercetos (também chamados *bicola* e *tricola*), ou unidades maiores (algumas vezes chamadas de estrofes).

Dois importantes livros recentes acerca da métrica hebraica são tão técnicos e complexos em suas análises que apenas o estudante de hebraico mais avançado poderá fazer uso corriqueiro deles. O melhor é:

GELLER, Stephen. *Parallelism in Early Biblical Poetry.* Harvard Semitic Monographs 20. Scholars Press, 1979.

Intrigantes e até certo ponto controvertidos são:

O'CONNOR, Michael. *Hebrew Verse Structure.* Eisenbrauns, 1980.

VANCE, Donald R. *The Question of Meter in Biblical Hebrew Poetry.* Edwin Mellen Press, 2001.

Em português:

ALTER, R. "As características da antiga poesia hebraica" in Alter, R. e Kermode, Frank. *Guia literário da Bíblia.* UNESP, 1997. p. 653-.

BENTZEN, A. "Poesia" in *Introdução ao Antigo Testamento.* Vol. 1, p. 135-219. ASTE, 1968.

_____. "As formas da poesia hebraica" in *Introdução ao Antigo Testamento.* Vol. 1 p. 135-139. ASTE, 1968.

HILL, A. E., Walton, J. H. "Literatura hebraica poética e de sabedoria" in *Panorama do Antigo Testamento.* Vida, 2006. p. 333-356.

BALLARINI, Teodorico; REALI, Venanzio. *A Poética Hebraica e os Salmos.* VOZES, 1985.

BALLARINI, Teodorico. (ed.) "Poética Hebraica" in *Introdução à Bíblia.* Vol. III/2. Vozes, 1974 a 1983.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. "Noções de poética hebraica bíblica" in *Metodologia de Exegese Bíblica.* Paulinas, 2003. p. 299-316.

VÁRIOS AUTORES. "Salmos e poesia" in *Os Salmos e outros Escritos.* Paulus, 1996. p. 28-43.

7. GRAMÁTICA

7.1. Gramáticas de referência

Quando utilizadas de modo apropriado, as gramáticas de referência são uma fonte imediata de informação exegética relevante. As gramáticas, muitas vezes, reúnem muitos ou todos os exemplos de um certo tipo de fenômeno gramatical. Quando consulta uma gramática à procura de informação a respeito de um fenômeno gramatical, você tem à disposição uma lista de paralelos e uma explicação de como ele funciona no AT. Esse poderá ser exatamente o tipo de informação que precisa para tomar certas decisões exegéticas.

Se você necessita refrescar seu conhecimento de hebraico usando uma gramática básica, as quatro seguintes são excelentes:

PRATICO, Gary D. e VAN PELT, Miles. *Basics of Biblical Hebrew.* Zondervan Publishing House, 2001.

GARRET, Duane. *Reading Biblical Hebrew.* Broadman and Holman, 2001.

SEOW, Choon L. *A Grammar for Biblical Hebrew.* Abingdon Press, 1995.

LAMBDIN, Thomas O. *Introduction to Biblical Hebrew.* Charles Scribner's Sons, 1971.

Para o hebraico, a gramática clássica padrão é:

GESENIUS, F.W. *Hebrew Grammar.* Revisada por E. Kautzsch. 2. ed. inglesa, ed. e trad. por A.E. Cowley. Clarendon Press, 1910.

Três gramáticas mais recentes trazem uma boa série de percepções das estruturas e nuanças gramaticais do hebraico. Não se deixe enganar pelo título da primeira (*An Outline* [Um Resumo]); ela é um panorama erudito de todas as características sintáticas importantes, e, por isso, de uso mais rápido que as outras duas, que são, elas também, notavelmente eruditas.

WILLIAMS, Ronald J. *Hebrew Sintax: An Outline.* University of Toronto Press, 1976.

JOÜON, Paul, *A Grammar of Biblical Hebrew*, 2 vols. Pontifical Biblical Institute, 1996.

WALTKE, Bruce K., e O'CONNOR. *An Introduction to Biblical Hebrew Syntax.* Eisenbrauns, 1990

Importante por sua coletânea de ilustrações de aspectos gramaticais tiradas de toda a Bíblia Hebraica, e por suas brilhantes soluções para muitos tópicos gramaticais problemáticos, é:

SPERBER, Alexander. *A Historical Grammar of Biblical Hebrew*. Leiden: E.J. Brill, 1966.

Sobre aspectos da gramática do aramaico, provavelmente você vai encontrar tudo que precisa em uma das obras seguintes:

GREENSPAHN, Frederick E. *An Introduction to Aramaic*. SBL Scholars Press, 1999.

ALGER, Johns F. *A Short Grammar of Biblical Aramaic*. Andrews University Press, 1982.

ROSENTHAL, Franz. *A Grammar of Biblical Aramaic*. Harrassowitz, 1961.

STEVENSON, William B. *Grammar of Palestinian Jewish Aramaic*. Wipf and Stock Publishers, 2000.

Se você deseja obter informação relevante à gramática aramaica de todo o período do aramaico antigo (dos textos mais antigos até o fim do império persa em 333 a.C.), uma fonte sólida, técnica e muito exaustiva é:

SEGERT, Stanislav. *Altaramäische Grammatik*. Leipzig: Verlag Enzyklopädie, VEB, 1975.

Um panorama do aramaico targúmico é encontrado em:

DAVID, Marcus. *A Manual of Babylonian Jewish Aramaic*. University Press of America, 1981.

FRANCK, Vitzchok. *Grammar for Gemara: An Introduction to Babylonian Aramaic*, 2. ed. rev. Philipp Feldheim, 1994.

Duas excelentes gramáticas para a Septuaginta estão disponíveis, apesar de a primeira limitar-se quase que exclusivamente à morfologia:

THACKERAY, Henry St. J. *A Grammar of the Old Testament in Greek According to the Septuagint*. Cambridge University Press, 1909.

CONYBEARE, F. C. e STOCK, St. George. *Grammar of Septuagint Greek: With Selected Readings, Vocabularies, and Updated Indexes*. Hendrickson, 1995.

Se você faz exegese de passagens poéticas, especialmente nos Salmos e em Jó, poderá achar, na literatura secundária, referência freqüente a duas línguas muito próximas ao hebraico, que são o ugarítico e o fenício. Mesmo que não tenha estuda-

do essas línguas formalmente, você pode entender alguma coisa de sua relevância e utilidade para questões específicas ao consultar as seguintes gramáticas:

SEGERT, Stanislav. *Basic Grammar of the Ugaritic Language: With Selected Texts and Glossar.* University of California Press, 1985.

SIVAN, Daniel. *A Grammar of the Ugaritic Language*. Brill Academic Publishers, 1997.

GORDON, Cyrus H. *Ugaritic Textbook.* Roma: Pontificial Biblical Institute, 1965.

HARRIS, Zellig S. *A Grammar of the Phoenician Language*. American Oriental Society, 1936.

SEGERT, Stanislav. *A Grammar of Phoenician and Punic*. Munique: C. H. Beck, 1976.

Do siríaco, uma língua necessária para competência em crítica textual do AT, três gramáticas recentes podem ser recomendadas:

THACKSTON, Wheeler M. *Introduction to Syriac: An Elementary Grammar with Readings from Syriac Literature.* IBEX Publishers, 2000.

MURAOKA, Takamitsu. *Classical Syriac: A Basic Grammar.* Harrassowitz, 1997.

WEITZMAN, Michael P. *The Syriac Version of the Old Testament: An Introduction.* Cambridge University Press, 1999.

Sobre o acádico, a língua de centenas de milhares de documentos vindos da Babilônia e Assíria, muitos dos quais se relacionam diretamente com o conhecimento bíblico, considere:

HUEHNERGARD, John e HACKET, Jo Ann. eds. *A Grammar of Akkadian.* Scholars Press, 1997.

Em português:

DOCKERY David S. (ed.) art. "O hebraico e o aramaico como línguas" in *Manual Bíblico Vida Nova.* Vida Nova. p. 496-.

MANNUCCI, Valério. "As línguas da Bíblia" in *Bíblia Palavra de Deus.* Paulinas, 1986. p. 92-.

COMFORT, F. W. (ed.) "As línguas originais da Bíblia" in *A Origem da Bíblia.* CPAD, 1998. p. 291-.

GUSSO, Antônio R. *Gramática Instrumental do Hebraico.* Vida Nova, 2005.

BACON, Betty. *Estudos na Bíblia Hebraica:* exercícios de exegese. Vida Nova, 2005.

PINTO, Carlos O. C. *Fundamentos para Exegese do Antigo Testamento:* manual de sintaxe hebraica. Vida Nova, 1998.

MENDES, Paulo. *Noções de Hebraico Bíblico.* Vida Nova, 1981.

Ross, Alen P. *Gramática do hebraico bíblico para iniciantes.* Vida, 2005.
Waltke, Bruce K., O'Connor, M. *Introdução à Sintaxe do Hebraico Bíblico.* Cultura Cristã, 2006.
Kelley, Page H. *Hebraico Bíblico:* uma gramática introdutória. Sinodal, 2000.
Kerr, Guilherme. *Gramática Elementar da Língua Hebraica.* Juerp, 1980.
Lambdin, Thomas O. *Gramática do hebraico bíblico.* Paulus, 2003.
Auvray, Paul. *Iniciação ao hebraico bíblico.* 2. ed. Vozes, 1999.
Chown, Gordon. *Gramática Hebraica.* CPAD, 2002.
Crabtree, A. R. *Sintaxe do hebraico do Velho Testamento.* Casa Publicadora Batista, 1951.
Hollenberg; Budde. *Gramática Elementar da Língua Hebraica.* Sinodal, 1991.
Vita, Rosemary, Akil, Teresa. *Noções Básicas de Hebraico Bíblico.* Hagnos, 2004.
Araújo, Reginaldo G. *Gramática do aramaico bíblico.* Targumim, 2005.

7.2. Outras fontes de informação técnica

Às vezes, é bom poder consultar uma gramática comparativa que agrupa as formas e características do hebraico no contexto das outras línguas semíticas.

As seguintes são todas úteis nesse sentido:

Bennett, Patrick R. *Comparative Semitic Linguistics: A Manual.* Esenbrauns, 1998.
Lapinski, E. Semitic Languages: *Outline of a Comparative Grammar.* OLA 80. Peeters, 1997.
Goldenberg, Gideon. *Studies in Semitic Linguistics: Selected Writings.* Magnes Press, 1998.

Para compreender o hebraico em seu contexto mais imediato na família de línguas cananéias, veja as seguintes obras:

Harris, Zellig S. *Development of the Canaanite Dialects.* American Oriental Society, 1939.
Moran, William L. "The Hebrew Language in Its Northwest Semitic Background", *in* WRIGHT, G. Ernest, ed. *The Bible and the Ancient Near East.* Doubleday, 1961.

A ortografia (análise de grafia), um estudo técnico que pertence ao campo da gramática, às vezes auxilia o exegeta a esclarecer aspectos de um texto

difícil. A obra padrão compara o hebraico com as línguas fenícia, aramaica e moabita do período do AT, baseando-se em evidência de inscrições datadas nos tempos do AT:

CROSS, Jr., Frank Moore e FREEDMAN, David Noel. *Early Hebrew Orthography*. American Oriental Society, 1952.

Essa obra foi proveitosamente atualizada em vários aspectos por:

FREEDMAN, David Noel, ANDERSEN, Francis, FORBES, A. Dean. eds. *Studies in Hebrew and Aramaic Orthography*. Eisenbrauns, 1992.

8. ANÁLISE LEXICAL

8.1. Léxicos

Léxicos são dicionários. O fato de os estudiosos bíblicos e clássicos usarem o termo "léxico" em vez de "dicionário" é simplesmente um capricho da história lingüística, que mereceria um estudo de vocábulo só seu.

Os léxicos são valiosas fontes de informação sobre as palavras que alistam. Freqüentemente, eles têm artigos longos (mini-estudos de vocábulo, ou melhor, de conceitos) para aquelas palavras que são especialmente interessantes ou teologicamente significativas, como também para as palavras que possuem características incomuns ou cruciais. É um erro começar um estudo de vocábulo, ou mesmo comentar longamente sobre o uso de uma palavra nas Escrituras, sem primeiro consultar o léxico apropriado.

O léxico hebraico que deve ser usado (se possível) é:

KOEHLER, Ludwig e BAUMGARTNER, Walter [Rev. por Walther Baumgartner e Johann J. Stamm]. *Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, 5 vols. Brill Academic Publishers, 1994-2000.

Este léxico é padrão mundial. É uma obra imponente e cara, e portanto é também sábio considerar um bom resumo, um que preserva praticamente toda a informação essencial de seu "pai" mais abrangente:

HOLLADAY, William L. *A Concise Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Wm. B. Eerdmans, 1972.

Atualmente está em fase de acabamento o projeto de um grande e muito bem-vindo léxico:

CLINES, David J. A. ed. *The Dictionary of Classical Hebrew*, 5 vols. Sheffield Academic Press, vols. 1-4, 1994-2001.

Muito menos confiável, embora ainda amplamente usado (principalmente porque está em domínio público e é barato, e em algumas edições está ligado a várias concordâncias em computador), é:

BROWN, Francis; DRIVER, S. R.; BRIGGS, Charles A. *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1907. Reimpressão de 1962 e 1966.

O BDB continua sendo muito útil por causa do grande volume de informação de seus excelentes artigos, apesar de ter se tornado ultrapassado por faltar a informação dos cognatos do ugarítico e outros achados mais recentes. As etimologias sugeridas (as histórias das origens de palavras e de suas relações com raízes de palavras semíticas) em muitos casos são inaceitáveis.

Quanto ao aramaico bíblico, todos os léxicos hebraicos padrão têm uma seção para o aramaico.

Sobre o aramaico extrabíblico, especialmente nos Targuns, a fonte padrão em inglês é:

JASTROW, Marcus. *A Dictionary of the Targumim, the Talmud Babli and Yerushalmi, and the Midrashic Literature*. 2 vols. 2. ed. 1962, reimpressão. Nova York: Pardes, 1950.

Se você sabe latim, um excelente léxico aramaico está ao seu dispor:

VOGT, Ernesto. *Lexicon Linguae Aramaicae Veteris Testamenti Documentis Antiquis Illustratum*. Roma: Pontificial Biblical Institute, 1971.

Para a Septuaginta, nada supera o:

EYNIKEL, J., HAUSPIE, E., LUST, J. e RAHLFS, A. eds. *Greek-English Lexicon of the Septuagint*, 2 vols. American Bible Society, 1993, 1998.

Também útil é:

BAUER, W.; GINGRICH, F. W.; DANKER, F. W. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. 2. ed. University of Chicago Press, 1979.

Útil em muitos casos, mas às vezes prejudicado por definições enganosas da Septuaginta, é:

LIDDELL, Henry G.; SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon*. Revisado por Henry Stuart Jones e Roderick McKenzie. 9. ed. Oxford: Clarendon Press, 1940.

Veja também:

BARBER, E.A. et al., eds. *Supplement to A Greek-English Lexicon*. Oxford University Press, 1968.

Para o trabalho com a *Peshita* siríaca, utilize:

SMITH, R. Payne. *A Compendious Syriac Dictionary*. Ed. por J. Payne Smith. Oxford: Clarendon Press, 1903. Reimpressão em 1957.

O grande *Latin Dictionary* de Lewis e Short é excelente para a *Vulgata* e outros textos latinos:

LEWIS, Charlton T. e SHORT, Charles. *A Latin Dictionary* [Também com o título, *A New Latin Dictionary;* publicado inicialmente como *Harper's Latin Dictionary*]. Nova York: 1879. Reimpressão pela Oxford University Press, 1979.

Visto que muita informação lexical sobre o AT veio de fontes assírias/babilônicas e ugaríticas, de vez em quando pode ser necessário consultar os léxicos dessas línguas.

Para o assírio/babilônico, utilize sempre que possível a obra em muitos volumes com a sigla CAD:

GELB, Ignace; LANDSBERGER, Benno; OPPENHEIM, A. Leo; REINER, Erika, et al., eds. *The Chicago Assyrian Dictionary*. Oriental Institute of the University of Chicago, 1956-.

Para quem lê alemão, o dicionário de von Soden ainda é útil:

VON SODEN, Wolfram. *Akkadisches Handwörterbuch*. Harrassowitz, 1965.

Mais barato é:

BLAK, Jeremy, et al. eds. *A concise Dictionary of Akkadian*. Harrassowitz Verlag, 2000.

Para palavras ugaríticas, a única obra abrangente está em alemão:

AISLEITNER, Joseph. *Wörterbuch der ugaritischen Sprache*. 4. ed. Berlim: Akademie-Verlag, 1974.

Entretanto, a terceira parte da obra de Gordon, *Ugaritic Textbook* (7.1), é um glossário bastante extenso com definições em inglês.

Já há um dicionário fenício-púnico à disposição:

TOMBACK, Richard. *A Comparative Semitic Lexicon of the Phoenician and Punic Languages*. Scholars Press, 1978.

Em português:

KIRST, N. Kilp, N, et alii. *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português.* Sinodal/Vozes, 1989.

SCHÖKEL, L. *Dicionário bíblico hebraico-português.* São Paulo: Paulus, 1997.

MUELLER, Ênio (org.) *Dicionário Semântico do Hebraico Bíblico (DSHB).* SBB (no prelo)

PLAMPIN, Richard T. *Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento.* Seminário Teológico Batista do Paraná, 1997.

MITCHEL, Larry A. et alli. *Pequeno dicionário de línguas bíblicas – hebraico e grego.* Vida Nova, 2002.

SCHWANTES, Siegfried, *Pequeno dicionário hebraico-português.* Seminário Adventista Latino-Americano, 1983.

BEREZIN, Rifka. *Dicionário hebraico-português.* Edusp, 1995.

ZITMAN, Idel. *Dicionário hebraico-português.* Edições Biblos, 1965.

Para a Septuaginta:

GINGRICH, F. W., Danker, F. W. *Léxico do Novo Testamento Grego/Português.* Vida Nova, 1984.

RUSCONI, Carlo. *Dicionário do grego do Novo Testamento.* Paulus, 2003.

VECCHI, P. de, SACCHI, F. *Dicionário de Verbos Gregos.* Targumim (no prelo).

MOULTON, Harould. *Léxico Grego Analítico.* Cultura Cristã (no prelo).

PEREIRA, Isidro. *Dicionário grego-português e português-grego.* 8. ed, Livraria Apostolado da Imprensa.

MALHADAS, Daisi, Dezotti, M. C. *et alli.* (orgs.) *Dicionário Grego-Português.* 5 vols. Ateliê, 2006.

8.2. Concordâncias

Uma concordância alista as passagens onde uma determinada palavra ocorre em toda a Bíblia (ou em qualquer outra obra literária). As concordâncias podem ajudá-lo a determinar o uso, distribuição e contextualizações de uma determinada palavra (v. 4.8.3) e, assim, estão entre as ferramentas mais valiosas para a análise lexical. É quase impossível realizar um estudo de palavras (conceitos) sem as concordâncias, e é quase impossível fazer uma exegese completa sem um estudo de palavras.

Concordâncias eletrônicas (no computador) são muito mais rápidas e muito mais poderosas que as concordâncias em livros. Qualquer uma das concordâncias de computador podem dar informação rapidamente, muitas permitem buscas nas línguas originais, e algumas estão disponíveis gratuitamente em vários sites na

internet. Duas se destacam por sua grande sofisticação exegética (um grande número de formas em que a informação lexical e gramatical do hebraico, grego e aramaico pode ser verificada, e/ou combinada e/ou reunida para uso exegético).

A melhor de todas é:

AcCordance (Macintosh), também chamada de Gramcord (PC), disponibilizada pelo Gramcord Institute [www.gramcord.org] (360-576-3000; 2218 NE Brookview Dr., Vancouver, WZ 98686, U.S.A. E-mail: scholars@ GRAMCORD.org.

Comparável, embora um pouco menos sofisticada em sua capacidade de busca gramatical, é:

BibleWorks (Windows), disponibilizada por Hermeneutika [bibleworks.com] (406-837-2244; (800) 74-BIBLE; Hermeneutika, P.O. Box 2200, Bigfork, MT 59911-2200, U.S.A. E-mail: sales@bibleworks.com).

As concordâncias em forma de livro continuam populares. Sua força pode consistir no fato de que são o resultado de escolhas judiciosas feitas por eruditos que escolheram o que incluir e o que excluir, de forma que mesmo sendo muito menos abrangentes, e muito menos versáteis, que as concordâncias de computador, elas possibilitam de imediato alguns dos tipos-chave de informação que a maioria dos exegetas estão procurando. Qualquer umas das seguintes pode ser muito útil:

KOHLENBERGER, John R. III, SWANSON, James A. *The Hebrew-English Concordance to the Old Testament.* Zondervan Publishing House, 1998.

EVANS, Abraham S. ed. *A New Concordance of the Old Testament Using the Hebrew and Aramaic Text.* Baker Book House, 1989.

THOMAS, Robert L. ed. *New American Standard Exhaustive Concordance of the Bible with Hebrew-Aramaic and Greek Dictionaries.* Broadman and Holman, 1990.

KATZ, Eliezer. *Topical Concordance of the Old Testament Using the Hebrew and Aramaic Text.* Baker Book House, 1989.

A concordância padrão e mais exaustiva é a de Mandelkern. Ela é escrita somente em latim e hebraico, e alista as palavras numa ordem um tanto complicada (parcialmente pelo contexto num determinado livro em vez de por referências sucessivas). Mas esses incovenientes são de pouca importância:

MANDELKERN, Solomon. *Veteris Testamenti Concordantiae Hebraicae atque Chaldaicae.* 8. ed. Shalom Publications, 1988.

É cada vez mais difícil encontrar a concordância de Mandelkern. Felizmente, apareceu uma nova concordância hebraica igualmente imponente. É um pouco difícil trabalhar com ela no começo, já que é escrita inteiramente em Hebraico (incluindo os números dos capítulos de vários livros), mas ela tem um formato inovador e diversas características valiosas, tais como o registro do número de ocorrências das palavras, citações contextuais vocalizadas, e a inclusão de frases comuns em vez de só palavras isoladas. Também contém uma introdução muito útil, explicando como usar a concordância:

EVEN-SHOSHAN, Abraham, ed. *A New Concordance of the Old Testament.* Introdução por John H. Sailhamer. Kiryat-Sefer Publishing House e Baker Book House; Ridgefield Publishing Co., 1997.

Uma concordância mais fácil de usar, ainda que menos abrangente, é:

LISOWSKY, Gerhard. *Konkordanz zum hebräischen Alten Testament.* Württembergische Bibelanstalt, 1958.

Uma concordância padrão que parte do inglês para o hebraico é:

WIGRAM, George V. *The Englishman's Hebrew and Chaldee Concordance of the Old Testament.* Londres: Samuel Bagster & Sons. 3. ed. 1874. Reimpressa por Zondervan, 1978.

Existe uma concordância completa para a LXX. Ao analisar o texto de uma passagem, você precisa analisar as palavras da LXX. A única maneira de saber se as palavras da LXX são raras, incomuns ou comuns é consultando a concordância, que fornece a palavra hebraica equivalente para a palavra grega selecionada pelos tradutores da LXX.

HATCH, Edwin; REDPATH, Henry A. *A Concordance to the Septuagint and the Other Greek Versions of the Old Testament.* 3. ed. 2 vols. Incluindo o "Ensaio Introdutório" de R. A. Kraft e E. Tov, e o *Hebrew/Aramaic Index to the Septuagint: Keyed to the Hatch-Redpath Concordance,* de Takamitsu Muraoka. Baker Book House, 1983.

Existe também uma concordância breve em um volume, mas bastante útil (e barata), para a LXX:

MORRISH, George. *A Concordance of the Septuagint.* Londres: Samuel Bagster & Sons. Reimpressão por Zondervan, 1976.

Veja também:

TAYLOR, Bernard Alwyn. *The Analytical Lexicon to the Septuagint: A Complete Parsing Guide*. Zondervan, 1994.

Também existem concordâncias especiais para os textos de Cunrã, para partes do *Targum*, para alguns livros específicos do AT, para certos escritores antigos etc. A *Bibliography* de Fitzmyer (veja a Introdução, acima) contém ampla informação bibliográfica acerca dessas concordâncias especiais para aquelas ocasiões, não tão raras, em que você precisará pesquisar em detalhe o uso de uma palavra em muitos textos não-bíblicos. Para os livros apócrifos, existe agora uma concordância completa, organizada pelas palavras em inglês, mas com a lista de suas equivalentes gregas:

WHITELOCKE, Lester T., ed. *An Analytical Concordance of the Books of the Apocrypha*. University Press of America, 1978.

Uma concordância com os equivalentes em inglês, feita com o uso do computador, é encontrada em:

A Concordance to the Apocrypha/Deuterocanonical Books of the Revised Standard Version. Wm. B. Eerdmans. Londres: William Collins Sons & Co., 1983.

Em português:

Concordância Bíblica. SBB (baseada em ARA).

Chave Bíblica. SBB (baseada em ARA), 1970.

Concordância Bíblica Abreviada. Editora Vida.

Concordância Fiel do Novo Testamento. (2 vols: vol 1, grego-português; vol 2, português-grego). Editora Fiel, 1995 e 1998.

Concordância Bíblica Exaustiva. (Gilmer, Jacobs, Vilela, eds., baseada na ACF) Hagnos.

8.3. Estudo de vocábulos (conceitos)

Um estudo de vocábulo (conceito) é uma análise completa do(s) significado(s) de uma palavra ou expressão, cujo propósito é chegar ao seu sentido *específico* numa determinada passagem: que conceito a palavra ou expressão conota e, quando apropriado, que outras palavras ou expressões podem conotar o mesmo conceito essencial. Existem várias maneiras de se fazer um estudo de vocábulo, mas o esboço a seguir servirá como um guia básico. Em todo caso, um estudo de vocábulo procura estabelecer como a palavra estudada é usada (1) em geral, (2) em vários contextos, e (3) na própria passagem. Os passos para se fazer isso geralmente são:

1. Com uma concordância em livro ou no computador, encontre todas as ocorrências da palavra ou expressão no AT. Se a palavra é comum, pense em termos de grupos de ocorrências; se for rara, você pode examinar todos os usos em detalhe. Em virtude da magnitude da tarefa, pode ser aconselhável estabelecer limites mais estreitos (e.g., "O Significado de זנה [prostituição/prostituta] em Oséias").
2. Com o auxílo de outras ferramentas, tais como léxicos, procure saber mais sobre os usos extra-AT da palavra (nas inscrições, literatura rabínica etc.)
3. Com o uso de léxicos, observe palavras cognatas em outras línguas com as quais é capaz de trabalhar. Tente identificar também quaisquer sinônimos da palavra, porque determinado conceito pode ser expresso por vocábulos diferentes, e em última análise, o que você deseja compreender é o conceito subjacente à palavra ou expressão da passagem.
4. Examine o uso bíblico, tentando determinar os vários sentidos possíveis que uma palavra e seus cognatos parecem possuir. Tenha em mente também aqui que o conceito pode ser formulado por meio de palavras ou expressões diferentes, e que pode existir um grande número de termos sinônimos ou aproximados que chamarão sua atenção e lhe darão condições de conectar a palavra procurada ao significado concreto (conceito) na passagem. Parte da razão para isso é o estabelecimento da "definição" não só pela tentativa de informar o que a palavra significa, mas também pela certeza do que ela não significa. (E.g.: A palavra "homem" deve ser entendida em determinado contexto como o oposto de *mulher*, *criança*, *animal* ou de um *ser sobrenatural*, ou o oposto de *covarde* etc.?)
5. Examine a distribuição da palavra. Muito pode ser aprendido sobre o seu significado dessa forma. Por exemplo, determinada palavra é usada principalmente ou somente pelos profetas? Isso pode informar muita coisa a respeito de seu significado. Determinada palavra é utilizada apenas, ou especialmente, em fórmulas jurídicas? Em certos tipos de expressão? Onde for possível, procure padrões.
6. Estabeleça os usos-chave — aqueles que não são ambíguos e que, de fato, determinam o significado (conceito) da palavra de uma forma clara.
7. Preste atenção na função da palavra ou expressão na passagem estudada. Procure estabelecer as implicações de tudo o que tiver aprendido até aqui, no estudo de vocábulo, para a passagem estudada, relacionando o uso e o significado específicos na passagem à extensão de usos e sentidos verificados em outros lugares.
8. Apresente ao seu leitor, ou à sua igreja, uma paráfrase, sinônimos, resumo ou tudo isso de uma vez, como um meio de definir a palavra. Ou seja, dê a

sua própria definição "de dicionário" da palavra, não apenas em seu uso, ou usos gerais, mas segundo o seu uso na própria passagem. Lembre-se novamente de que o conceito é o objetivo final e que a palavra não funciona sozinha, mas sempre desempenha o papel de apontar para um conceito.

Sobre a teoria por detrás dos estudos de vocábulos, veja:

SILVA, Moisés. *Biblical Words and Their Meanings: An Introduction to Lexical Semantics*. Zondervan, 1983.

8.4. Dicionários teológicos

Os dicionários teológicos oferecem ao leitor os resultados de cuidadosos estudos de vocábulos/conceitos. Obviamente, esses estudos têm de limitar-se ao uso amplo e geral das palavras, não podendo, normalmente, concentrar-se em passagens específicas. No entanto, são de grande valor como recursos exegéticos informativos que economizam tempo. É importante, porém, não aceitar cegamente as conclusões de nenhum artigo num dicionário teológico. A perspectiva de um autor pode ser apresentada de forma distorcida. É melhor ler os argumentos e a evidência contida no artigo com um olho crítico.

O dicionário teológico do Antigo Testamento TDOT é meticuloso, erudito e valioso como uma ferramenta de referência:

BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer. *Theological Dictionary of the Old Testament*. Vols. 1-14. Wm. B. Eerdmans, 1974—. Em fase de publicação.

Extensa gama de palavras e temas é encontrada também em:

VANGEMEREN, Willem (ed. geral) *New International Dictionary of Old Testament Theology and Exegesis*. Zondervan, 1998. 5vols., também em CD-ROM (2001).

e em:

JENNI, Ernst e WESTERMAN, Claus. eds. *Theological Lexicon of the Old Testament*, 3 vols, reimp. Hendrickson, 1997.

Um excelente dicionário teológico em dois volumes (em inglês) já está completo e vai permanecer, pelos próximos anos, sendo a melhor fonte para uma análise criteriosa das palavras hebraicas. Seus artigos são mais breves do que os artigos correspondentes no *TDOT* São, por isso mesmo, de leitura mais fácil:

HARRIS, R. Laird, ARCHER, Gleason Jr., WALTKE, Bruce (eds.) *Theological Wordbook of the Old Testament*. 2 vols. Moody Press, 1980.

Há ainda muito a ser aprendido no:

BAUER, Johannes B., ed. *Encyclopedia of Biblical Theology*. 3 vols. Londres: Sheed & Ward, 1970.

O volumoso, e mais antigo, *TDNT* tem muita informação contextual acerca de termos do AT com equivalentes no NT:

KITTEL, Gerhard e FRIEDRICH, G., eds., *Theological Dictionary of the New Testament*. 10 vols., incluindo o índice. Wm. B. Eerdmans, 1964-1976.

Pode-se também utilizar, com muito proveito, os principais dicionários bíblicos, que contêm artigos detalhados sobre centenas de palavras-chave e termos. Ou seja, o melhor artigo sobre "fé" pode facilmente ser achado em, digamos, a *International Standard Bible Encyclopedia* ou no *Anchor Bible Dictionary*, antes que em *qualquer* dos dicionários teológicos!

Em português:

HARRIS, R. L.; Archer, Jr., G. L.; Waltke, B. K. (eds.) *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Vida Nova, 1998.

BAUER, J. B. *Dicionário de Teologia Bíblica*. 2 vols. Loyola, 1978.

LÉON-DUFOUR, X. (dir.) *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Vozes, 1972.

CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. 6 vols. Editora Hagnos, 2002.

ALLMEN, J. J. *Vocabulário bíblico*. 3. ed. Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, 2001.

VINE, W. E., Unger, M. F., White, W. *Dicionário Vine:* o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. CPAD, 2002.

ALEXANDER, T. D., Rosner, Brian S. *Novo Dicionário de Teologia Bíblica*. Editora Vida (no prelo).

LURKER, Manfred. *Dicionário de Figuras e Símbolos Bíblicos*. Paulus, 1993.

Dicionário Teológico Enciclopédico. Loyola, 1993.

8.5. Inscrições

A capacidade de ler e analisar inscrições é uma especialidade que requer conhecimento lingüístico e filológico que está além dos interesses da maioria dos seminaristas e pastores. No entanto, um estudo detalhado de palavras poderá exigir o estudo de inscrições. Existem muitas excelentes coleções analíticas de

inscrições, em diversas línguas, com conteúdo variável. Ainda que muitas das inscrições importantes estejam traduzidas no livro de Pritchard (*ANET,* veja 4.4.1), seu vocabulário não foi analisado. As obras seguintes contêm em seus títulos descrições claras de seu respectivo conteúdo:

HOFTIJZER, Jacob, et al. *Dictionary of the North-West Semitic Inscriptions*, 2 vols. E. J. Brill, 1995.

BOCKMUEHL, Markus, et. al. *Ancient Hebrew Inscriptions*: Corpus and *and Concordance*. Cambridge University Press, 1991

GIBSON, John C.L. *Textbook of Syrian Semitic Inscriptions*. Vol. 1: *Hebrew and Moabite Inscriptions*. Vol. 2: *Aramaic Inscriptions*. Oxford University Press, 1971, 1975.

AUFRECHT, Walter; HURD, John C. *A Synoptic Concordance of Aramaic Inscriptions*. Biblical Research Associates. Scholars Press, 1975.

Uma obra muito útil em língua alemã é:

DONNER, M.; RÖLLIG, W. *Kanaanäische und aramäische Inschriften*. 2. ed. Harrassowitz, 1966.

9. CONTEXTO BÍBLICO

9.1. Listas de referências em série

Algumas edições da Bíblia em português trazem o que é informalmente chamado de "chave" de referências. Numa coluna em separado, ou ao fim de cada versículo, é feita referência a passagens em outras partes da Bíblia que, de algum modo, são semelhantes ou são relacionadas àquele versículo. Nenhuma dessas listas é inteiramente confiável ou coerente, e muitas sugerem referências forçadas ou absurdas. Apesar de tudo isso, essas listas podem, muitas vezes, orientá-lo rapidamente a passagens paralelas ou relacionadas, que não contêm necessariamente as mesmas palavras da passagem que está estudando e, assim, são passagens não encontradas com o auxílio de uma concordância.

Algumas edições da Bíblia contêm listas de referências especialmente amplas:

The Thompson Chain Reference Bible. Kirkbride Bible Co., 1998 —KJV.

Harper Study Bible. Harper & Row, 1991—RSV.

New American Standard Bible. Reference Edition. Broadman and Holman, 1999—NASB.

Em português:
Dicionário de referências bíblicas CPAD.

9.2. Concordâncias por assunto

Muitos estudantes estão familiarizados com as concordâncias de palavras (v. 4.8.2). Uma concordância de palavras pode servir tanto para facilitar o estudo de vocábulos como para guiar o estudante à informação sobre o contexto bíblico. Para o segundo propósito, a concordância é usada como um rápido meio de pesquisa do AT (e do NT) em busca de: (1) passagens paralelas contendo a palavra; e (2) passagens paralelas contendo tópicos ou conceitos relacionados, que são encontrados por referência a seu vocabulário característico.

Além de concordâncias de palavras, há também concordâncias temáticas, que reúnem passagens bíblicas relacionadas umas com as outras por meio de um tópico ou tema comum. Esse tipo de concordância pode ser imensamente valioso por sugerir outras passagens relacionadas à passagem na qual você está trabalhando. Em certo sentido, as concordâncias temáticas fazem o que as listas de referência também fazem, porém com muito mais detalhe e, geralmente, dão o texto todo das passagens relacionadas para análise imediata.

Para uma classificação conveniente de todo o texto de passagens das Escrituras relacionadas a doutrinas específicas (arranjadas por categorias, i.e., Deus, Cristo, Salvação etc.), veja:

ELWELL, Walter A. *Topical Analysis of the Bible*. Baker Book House, 1991.
DAVIS, John J. *Handbook of Basic Bible Texts*. Zondervan, 1984.

As obras seguintes também são úteis:
NAVE, Orville J. *Nave's Topical Bible*. Moody Press, 1974.
JOY, Charles R. *Harper's Topical Concordance*. Ed. rev. e amp. Harper & Row, 1976.
VIENING, Edward, ed. *The Zondervan Topical Bible*. Zondervan, 1969.
BOND, Steve. ed. *Holman Concise Topical Concordance*. Holman Bible Publishers, 1999.

9.3. Comentários e o contexto bíblico

Uma das tarefas de um comentarista é chamar a atenção do leitor para a maneira em que uma passagem se relaciona com o livro em que se encontra, e também com o contexto bíblico mais amplo. A compreensão de um comentarista geralmente vai além daquilo que você poderá concluir ao utilizar referências e concordâncias.

Assim, vale a pena consultar diversos comentários de orientação exegética, tanto os clássicos como os modernos, procurando especificamente por indicações de relações intrabíblicas. Para informação bibliográfica específica a respeito de séries de comentários exegéticos, veja 4.11.6.

9.4. Livros apócrifos e pseudepígrafos

O judaísmo antigo produziu alguns livros que se apresentavam como produto de revelação e eram modelados segundo os escritos bíblicos. Um bom número dessas obras sobreviveu, parcialmente porque lhes foi conferido um *status,* no mínimo, semi-escriturístico por um grupo ou outro nos primeiros séculos da Era cristã. Esses escritos são chamados, respectivamente, de apócrifos ("escritos obscuros") e pseudepígrafos (escritos falsamente atribuídos a um determinado autor). Embora sejam datados quase que exclusivamente como pós-AT e tenham sido rejeitados como canônicos pelos concílios judeus e cristãos (com a notável exceção da formalização dos apócrifos como canônicos, feita pelo catolicismo do século 16), esses livros têm um relacionamento próximo com partes do AT e são muito úteis à exegese deste. Apesar de não terem sido inspirados, nem serem doutrinariamente confiáveis, eles são úteis para as comparações filológicas, temáticas, históricas e estilísticas. No que diz respeito a gênero, são "bíblicos" em seu tipo, sendo, assim, adequados para propósitos de comparação. Portanto, sempre que possível, você deveria dar atenção a esses escritos não-canônicos por causa da informação que contêm.

A coletânea padrão dos apócrifos e pseudepígrafos é a de Charles:

CHARLES, R. H., ed. *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament.* Vol. 1, *Apocrypha*; Vol. 2, *Pseudepigrapha* . Clarendon Press, 1913.

A melhor tradução dos pseudepígrafos em inglês é hoje encontrada em:

CHARLESWORTH, J. H., ed. *The Old Testament Pseudepigrapha.* 2 vols, Doubleday, 1986.

Para cada um dos 53 textos traduzidos é apresentada uma introdução e algumas notas críticas úteis. Para informação sobre a literatura apócrifa e pseudepígrafa referente ao NT, veja:

CHARLESWORTH, J. H., e Mueller, James R. eds. *New Testament Apocrypha and Pseudepigrapha: A Guide to Publications, with Excurses on Apocalypses.* Scarecrow Press, 1987.

Uma boa cobertura de obras sobre apócrifa e pseudepígrafa está disponível via bibliografia (p. 113-122) em:

FITZMYER, Joseph A. *An Introductory Bibliography for the Study of Scripture*. Ed. rev. Roma: Biblical Institute Press, 1981.

Uma boa e recente introdução aos apócrifos e pseudepígrafos, junto com outras obras, está em:

ROST, Leonhard. *Judaism Outside the Hebrew Canon*. Abingdon Press, 1976.

Sobre a Apócrifa, veja também:

METZGER, Bruce M. *An Introduction to the Apocrypha*. Oxford University Press, 1977.

Sobre a análise de como os pseudepígrafos do AT se relacionam com o NT, há:

CHARLESWORTH, James H. *The Old Testament Pseudepigrapha and the New Testament: Prolegomena for the Study of Christian Origins*. Trinity Press, 1998.

Também muito úteis são:

CHARLESWORTH, James H., Dykers, P., e Charlesworth, M. J. H. The *Pseudepigrapha and Modern Research. Scholars Press, 1981.*

REDDISH, Mitchell G. ed. *Apocalyptic Literature: A Reader.* Hendrickson, 1996.

Em português:

ROST, L. *Introdução aos livros apócrifos e pseudepígrafos do Antigo Testamento e aos manuscritos de Qumrã*. Paulinas, 1991.

Apócrifos e Pseudepígrafos da Bíblia. Fonte Editorial.

9.5. O Antigo Testamento no Novo

Uma tarefa exigente é a análise de temas, doutrinas etc. do AT refletidas no NT. Muito freqüentemente, exegetas do AT negligenciam as informações do NT com base na premissa de que elas representam interpretações posteriores que turvam as "águas" exegéticas. A não ser que você chegue a ponto de rejeitar a autoridade e inspiração do NT, terá de relacionar a passagem do AT com o uso ou classificações que o NT faz dela. Como uma introdução geral aos princípios envolvidos, veja:

Bruce, F. F. *The New Testament Development of Old Testament Themes.* Wm. B. Eerdmans, 1969.

Beale, Gregory K. ed. *The Right Doctrine from the Wrong Texts? Essays on the Use of the Old Testament in the New.* Baker Book House, 1994.

A obra seminal nesse campo é:

Dodd, C. H. *Segundo as Escrituras: Estrutura Fundamental do N. T.* São Paulo: Paulinas, 1979.

Para uma lista abrangente das citações e alusões que o NT faz de passagens do AT, consulte o "Índice de Citações" (chamado de "Índice de Citações e Alusões" em algumas edições) no final do NT Grego de Nestle ou o da American Bible Society.

Em português:

Dockery, David S. (ed.) art. "O uso do Antigo Testamento no Novo" in *Manual Bíblico Vida Nova.* Vida Nova. p. 799-.

Zuck, Roy B. "O emprego do Antigo Testamento no Novo" in: *A Interpretação Bíblica.* Vida Nova, 2006. p. 289-322.

Barrera, J.T. "Interpretação do Antigo no Novo Testamento" in: *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã.* Vozes, 1996. p. 593-610.

Ballarini, Teodorico. "A unidade dos dois testamentos" in: *Introdução à Bíblia.* Vol. II/1, p. Vozes, 1974 a 1983.

10. TEOLOGIA

10.1. Teologias do Antigo Testamento

Já que as principais teologias do AT tentam uma cobertura ampla dos livros e das passagens, freqüentemente é possível usá-las de forma proveitosa para orientação exegética ao relacionar uma passagem com a teologia do AT como um todo. Todavia, há uma ampla diversidade de perspectivas representadas pelas várias teologias, de modo que elas devem ser usadas com grande cautela. Algumas teologias refletem uma perspectiva que rebaixa o significado ou a fidedignidade de determinadas partes ou passagens do AT em favor de outras. Outras respeitam cuidadosamente a univocidade das Escrituras. Assim mesmo, o reconhecimento desse tipo de preconceito não significa que as teologias não sejam úteis. Na verdade, se uma passagem em estudo é sistematicamente desconsiderada pelas teologias do AT, ou se as questões relativas a ela são ignoradas pelas teologias, então é de

fato sua responsabilidade demonstrar se as teologias são ou não negligentes ao fazê-lo. Se for possível demonstrar que as teologias são negligentes, a força de suas observações se torna exegeticamente mais significativa e informativa.

As teologias listadas aqui são de datas variadas. Não é muito comum que conceitos teológicos fiquem desatualizados, assim, não se deve presumir que as obras mais recentes sejam automaticamente mais valiosas que as mais antigas. Em geral, seria sábio consultar tantas dessas quanto possível na preparação de uma exegese completa, porque as teologias diferem uma da outra relativamente mais que os outros tipos de auxílios exegéticos.

BIRCH, Bruce C., BRUEGGEMAN, Walter, e PETERSON, David L. *A Theological Introduction to the Old Testament*. Abingdon Press, 1999.

BRUEGGEMAN, Walter. *Theology of the Old Testament*. Fortress Press, 1997.

EICHRODT, Walther. *Theology of the Old Testament*. 2 vols. The Old Testament Library. Westminster Press, 1961, 1967.

HASEL, Gerhard. *Old Testament Theology*. Ed. rev. Wm. B. Eerdmans, 1975.

HOUSE, Paul R. *Old Testament Theology*. Intervarsity Press, 1998.

JACOB, Edmond. *Theology of the Old Testament*. Harper & Brothers, 1958.

KAISER, JR., Walter. *Toward an Old Testament Theology*. Zondervan, 1978.[4]

MUILENBURG, James. *The Way of Israel: Biblical Faith and Ethics*. Harper & Row, 1961.

PREUSS, Horst Dietrich. *Old Testament Theology*. 2 vols. Westminster John Knox Press, 1999.

VON RAD, Gerhard. *Old Testament Theology*. 2 vols. Harper & Row, 1962, 1965.

SAILHAMER, John H. *Introduction to Old Testament Theology: A Canonical Approach*. Zondervan Publishing House, 1995.

SMITH, Ralph L., *Old Testament Theology: Its History, Method and Message*. Broadman and Holman, 1994.

ZIMMERLI, Walther. *Old Testament Theology in Outline* John Knox Press, 1978.

Em português:

KAISER JR., Walter C. *Teologia do Antigo Testamento*. Vida Nova, 1996.

SMITH, Raph. *Teologia do Antigo Testamento*. Vida Nova. 2002.

HOUSE, Paul. *Teologia do Antigo Testamento*. Vida, 2005.

EICHRODT, W. *Teologia do Antigo Testamento*. Hagnos, 2005.

WESTERMANN, Claus. *Teologia do Antigo Testamento*. Paulinas, 1987.

Rad, G. von. *Teologia do Antigo Testamento*. 2. ed. Targumim, 2006.

GUNNEWEG, A. H. J. *Teologia Bíblica do Antigo Testamento*. Teológica, 2005.

FOHRER, G. *Estruturas Teológicas do Antigo Testamento*. Academia Cristã, 2006.

HASEL, Gerhard. *Teologia do Antigo e Novo Testamento*. Academia Cristã, 2006.

LANGSTON, A. B. *Theologia Bíblica do Velho Testamento*. CPB, 1938.

DEISSLER, A. *O anúncio do Antigo Testamento*. Paulinas, 1984.

GALBIATI, E. *A história da salvação no Antigo Testamento*. Vozes, 1988.

GRONINGEN, G. van. *Revelação messiânica no Antigo Testamento*. Cultura Cristã, 2003.

10.2. Teologias cristãs

Evidentemente, uma obra de teologia cristã dará mais atenção a assuntos que vão além do AT, e tratará a informação relativa ao AT menos diretamente do que faria uma teologia do AT. Essa perspectiva mais ampla é válida e necessária para que uma exegese seja inteiramente equilibrada em suas conclusões. Um critério importante no que diz respeito à qualidade exegética numa teologia cristã é que seja baseada na Bíblia, em diálogo constante com o texto. Além das famosas teologias de conhecidos teólogos, tais como Barth e Brunner, diversas obras se destacam por sua orientação fortemente bíblica. Cada uma das seguintes tem várias características que as recomendam ao exegeta, e, de novo, deve ser dito que teologias cristãs não se desatualizam facilmente.

BAVINCK, Herman. *Our Reasonable Faith*. Wm. B. Eerdmans, 1956. Reimpressão por Baker Book House, 1977.

BERKOUWER, G.C. *Studies in Dogmatics*. 14 vols. Wm. B. Eerdmans, 1952-76.

BLOESCH, Donald. *Christian Foundations*. 4 vols. Intervarsity Press, 1992-2000.

CARTER, Charles W., ed. geral. *A Contemporary Wesleyan Theology*. 2 vols. Zondervan, 1984.

ERICKSON, Millard J. *Christian Theology*. 2d. ed. Baker Book House, 1998.

GRUDEM, Wayne. *Systematic Theology: An Introduction on Biblical Doctrine*. Zondervan Publishing House, 2000.

HENRY, Carl F. H. *God, Revelation and Authority*. 6 vols. Word Books, 1976-83.

PANNENBERG, Wolfhart. *Systematic Theology*. 3 vols. Eerdmans, 1991.

THIELICKE, Helmut. *The Evangelical Faith*. 3 vols. Wm. B. Eerdmans, 1974-79.

VOS, Geerhardus. *Biblical Theology*. Wm. B. Eerdmans, 1948.

WEBER, Otto. *Foundations of Dogmatics*. 2 vols. Wm. B. Eerdmans, 1983.

WILEY, H. Orton. *Christian Theology*. 3 vols. Beacon Hill Press, 1940.

Em português:

GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática.* Vida Nova, 1999.

ERICKSON, Millard. *Introdução à Teologia Sistemática.* Vida Nova, 1997.

FERREIRA, F. ; MYATT, Alan. *Teologia Sistemática:* uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. Vida Nova, 2007.

GRUDEM, Wayne. *Manual de Doutrinas Cristãs.* Editora Vida.

BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática.* Luz para o Caminho, 1990.

CALVINO, João. *Institutas ou Tratado da religião Cristã.* 4 vols. CEP, 1985.

CHAFER, L. S. *Teologia Sistemática.* 4 tomos. Editora Hagnos.

HODGE, C. *Teologia Sistemática.* Editora Hagnos, 2001.

MILNE, B. *Conheça a Verdade.* ABU, 1987.

AULÉN, G. *A Fé Cristã.* ASTE, 1965.

MUELLER, J. T. *Dogmática Cristã.* Concórdia, 1957.

PACKER, J. I. *Teologia Concisa: síntese dos fundamentos históricos da fé cristã.* Luz para o Caminho, 1998.

BAVINCK, Herman. *Teologia Sistemática.* Santa Bárbara d'Oeste, 2001.

RYRIE, Charles. *Teologia Básica.* Mundo Cristão, 2004.

BRAATEN, C., Jenson, R. W. *Dogmática Cristã.* 2 vols. Sinodal, 1990, 1995.

TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática.* Sinodal e Paulinas, 1987.

THIESSEN, H. C. *Palestras em Teologia Sistemática.* IBR, 1987.

FINNEY, Charles. *Teologia Sistemática.* CPAD.

HORTON, S. M. *Teologia Sistemática.* CPAD.

STRONG, A. H. *Teologia Sistemática.* 2 vols. Editora Hagnos, 2003.

MULLINS, E. Y. *A Religião Cristã em sua Expressão Doutrinária.* Editora Hagnos.

TORREY, R. A. et. alii. *Os Fundamentos.* Editora Hagnos.

MCGRATH, Alister E. *Teologia*: sistemática, histórica e filosófica. Shedd Publicações, 2005.

ZABATIERO, Julio Paulo Tavares, org. *Curso vida nova de teologia básica,vol. 7 — Teologia Sistemática.*

RAHNER, K. *Curso Fundamental da Fé.* Paulus, 1984.

SCHNEIDER, Theodor. *Manual de Teologia Dogmática.* Vol I e II. Vozes, 2001.

FEINER, J., Vischer, L. *O Novo Lvro da Fé:* a fé cristã comum. Vozes, 1976.

FEINER, J., Löhrer, M. (eds.) *Mysterium Salutis:* compêndio de dogmática histórico-salvífica. 28 vols. Vozes, 1973-197-85.

DAGG, John L. *Manual de Teologia.* Editora Fiel, 1989.

BRUNNER, Emil. *Dogmática.* Fonte Editorial.

FERREIRA, Júlio Andrade. *Antologia Teológica.* Fonte Editorial.

Teixeira, A. B. *Dogmática Evangélica.* Pendão Real, 1986.

11. LITERATURA SECUNDÁRIA

11.1. Fontes especiais de referência

Um grande número de valiosos artigos e livros sobre o AT são publicados todos os anos. Será que em algum lugar alguém escreveu um artigo, ou uma parte de um livro, tratando exegeticamente da passagem com a qual você está trabalhando? Caso estivesse disponível, seria péssimo não saber desse texto. Principalmente, se sua exegese for uma monografia semestral, ou algum outro tipo de trabalho relevante, você não pode deixar de consultar uma obra erudita dedicada especificamente ao seu tema.

Para um acesso rápido aos livros e artigos mais significativos, escritos sobre a passagem do seu interesse entre 1930 e 1983, você poderá pesquisar uma fonte que os agrupa convenientemente, de modo que não tenha de procurá-los ano a ano:

LANGEVIN, Paul-Emile. *Bibliographie biblique, Biblical Bibliography, Biblische Bibliographie, Bibliografia biblica, Bibliografía bíblica* I (1930-70); II (1930-75); III (1975-1983). Quebec: L'Université Laval, 1972, 1978.

O volume I contém referências somente de periódicos e livros católico-romanos. O volume II adiciona referências não-católicas, e atualiza as referências católicas em cinco anos (1971-75). O volume III avança ambos até 1983.

Uma lista e um *abstract* (um sumário breve) de praticamente cada livro ou artigo recentemente publicado sobre um tema do AT pode ser encontrado em *OTA* (Old Testament Abstracts).

Desde 1978, o periódico *Old Testament Abstracts* tem fornecido breves resumos de conteúdo de quase todos os artigos e livros importantes escritos a cada ano, sobre o AT. A partir desses resumos, você pode saber se um artigo ou um livro é relevante para seu estudo, antes de se esforçar na busca de determinada publicação. Os artigos são alistados por categorias, e há índices de referências bíblicas, de autores e, além disso, um índice de palavras-chave (hebraico/aramaico).
O *OTA* é tão abrangente que ele tem quase tudo que você pode precisar depois de 1978. Pense em se tornar assinante. O endereço é:

Old Testament Abstracts. Catholic Biblical Association of America, c/o The Catholic University of America, Washington, DC 20064. Estados Unidos da América.

OTA agora também está disponível como software de computador, permitindo buscas por referência bíblica, palavras-chave em qualquer língua, autor etc. É possível até limitar a busca a obras em inglês se você não lê outras línguas. Esse é de longe o melhor formato para exegetas que usam computador.

A partir de 1920, todas as publicações importantes sobre o AT foram tabeladas ano a ano e listadas por tópico e por referência bíblica em cada edição anual de:

Elenchus Bibliographicus Biblicus. Vols. 1-48 (1920-67) no periódico *Biblica*. Publicado separadamente, 1968- (Vol. 49-).

Para obras publicadas após 1930, Langevin e *Old Testament Abstracts* trazem a mesma informação, em formatos de uso mais fácil.

A *Book List of the British Society for Old Testament Study* [Lista de livros da sociedade britânica para o estudo do Antigo Testamento] é uma publicação anual que alista os livros sobre AT publicados a cada ano desde 1946. Seu ponto forte é que ele tem uma mini-resenha de cada livro, por meio da qual é possível avaliar a sua importância para uma pesquisa. A *Book List* também foi publicada em coletâneas, tais como:

ROWLEY, H. H., ed. *Eleven Years of Bible Bibliography* (1946-56). Falcon's Wing Press, 1957.

ANDERSON, G. W., ed. *A Decade of Bible Bibliography* (1957-66). Oxford: Basil Blackwell, Publisher, 1967.

ACKROYD, P. R., ed. *Bible Bibliography 1967-1973: Old Testament*. Oxford: Basil Blackwell, Publisher, 1974.

GRABBE, Lester L. ed. *Society for Old Testament Study Book List 1998*. Sheffield Academic Press, 1998.

O Institute for Biblical Research (IBR) [*Instituto de Pesquisa Bíblica*] publica bibliografias especiais sobre vários tópicos do AT, e elas são valiosas para prover listas judiciosas de obras em uma dada área. Exemplos notáveis incluem:

HOSTETTER, Erwin C. *Old Testament Introduction*, IBR Bibliografies 11. Baker Book House, 1995.

MARTENS, Elmer A. *Old Testament Theology*, IBR Bibliografies 13. Baker Book House, 1997.

ENNS, Peter. *Poetry and Wisdom*, IBR Bibliografies 3. Baker Book House, 1997.

Uma lista muito boa de artigos sobre o AT (agrupados em 1.157 seções!) escritos em inglês desde 1769 foi reunida em oito volumes dentro da excelente série *ATLA Bibliography*. O último volume na série cobre artigos escritos de 1987 a 1999:

HUPPER, William G. ed. *An Index to English Periodical Literature of the Old Testament and Ancient Near East*, vol 8. Scarecrow Press, 1999.

11.2. Periódicos

Dezenas de periódicos trazem regularmente artigos relativos ao AT em geral, e especificamente sobre a exegese do AT. Correndo o risco de deixar de fora alguns dos melhores, uma seleção de dez revistas teológicas é recomendada aqui por causa da atenção especial que dão à exegese e a assuntos exegeticamente importantes. Essas dez revistas devem, com toda probabilidade, estar nas bibliotecas da maioria dos seminários, bem como nas bibliotecas de faculdades e universidades. Se criar o hábito de pesquisar esses periódicos, será recompensado com o conhecimento de um fluxo permanente de conteúdo exegético do mais alto nível. Todos eles contêm artigos em inglês; e a maioria é escrita exclusivamente em inglês. As revistas, em ordem alfabética, são:

Biblica
Catholic Biblical Quarterly
Expository Times
Interpretation
Journal for the Study of the Old Testament
Journal of Biblical Literature
Revue Biblique
Vetus Testamentum
Westminster Theological Journal
Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft

11.3. Introdução ao Antigo Testamento

As várias introduções ao AT em um volume são o meio mais rápido de acesso à discussão de importantes questões críticas (exegeticamente orientadas) relacionadas com um livro do AT. Além da clássica obra de Eissfeldt, *The Old Testament: An Introduction* (4.1.2), diversos outros livros são excelentes e, provavelmente, serão de muito valor se consultados dessa maneira. Essas são algumas das melhores obras disponíveis em inglês:

ANDERSON, Bernhard W. *Understanding the Old Testament*. 3. ed. Prentice-Hall, 1975.

ARCHER, JR., Gleason. *A Survey of Old Testament Introduction*. Ed. rev. Moody Press, 1973.

CHILDS, Brevard S. *Introduction to the Old Testament as Scripture*. Fortress Press, 1979.

DILLARD, Raymond B. e LONGMAN III, Tremper. *An Introduction to the Old Testament*. Zondervan Publishing House, 1994.

FOHRER, Georg. *Introduction to the Old Testament.* Abingdon Press, 1968.

GOTTWALD, Norman K. *A Light to the Nations: An Introduction to the Old Testament.* Harper & Brothers, 1959.

HARRISON, R. K. *Introduction to the Old Testament.* Wm. B. Eerdmans, 1969.

HILL, Andrew E. e WALTON, John H. *A Survey of the Old Testament.* Zondervan Publishing House, 2000.

HOUSE, Paul R. *Old Testament Survey.* Broadman and Holman, 1994.

KAISER, Otto. *Introduction to the Old Testament.* Augsburg, 1975.

LASOR, William S., HUBBARD, David A., BUSH, Frederic W. *Old Testament Survey: The Message, Form and Background of the Old Testament.* Wm. B. Eerdmans, 1996.

SOGGIN, J. Alberto. *Introduction to the Old Testament.* Ed. rev. The Old Testament Library. Westminster Press,1982.

YOUNG, Edward J. *An Introduction to the Old Testament.* Ed. rev. Wm. B. Eerdmans, 1958.

Em português:

LASOR, W., Hubbard, David, Bush, W. *Introdução ao Antigo Testamento.* Vida Nova, 1999.

DILLARD, R. B., Longman III, Tremper. *Introdução ao Antigo Testamento.* Vida Nova, 2006.

ARCHER JR., Gleason L. *Merece Confiança o Antigo Testamento?* 4. ed. Vida Nova, 2003.

SCHULTZ, J. Samuel; SMITH, V. Gary. *Curso Vida Nova de Teologia Básica - Vol. 2: Panorama do Antigo Testamento.* Edições Vida Nova, 2005.

HARRIS, R. Laird. *Curso Vida Nova de Teologia Básica - Vol. 1: Introdução à Bíblia.* Edições Vida Nova.

BROWN, R. *Entendendo o Antigo Testamento.* Shedd Publicações.

HALLEY, H. H. *Manual Bíblico de Halley.* Editora Vida.

HILL, A. E., Walton, J. H. *Panorama do Antigo Testamento.* Vida, 2006.

SHREINER, J. *Palavra e Mensagem do Antigo Testamento.* Teológica, 2004.

FRAINER, C. *Conhecendo o Antigo Testamento.* EST Edições, 2004.

ARNOLD, Bill T., Beyer, Bryan E. *Descobrindo o Antigo Testamento.* Cultura Cristã.

BETTENCOURT, E. *Para entender o Antigo Testamento.* Santuário, 1990.

RENDTORFF, R. *A formação do Antigo Testamento.* 6. ed. Sinodal, 2002.

PINTO, Carlos O. *Foco e Desenvolvimento no Antigo Testamento.* Hagnos, 2006.

SCHMIDT, W. H. *Introdução ao Antigo Testamento.* 3. ed. Sinodal; EST, 2004.
WOLF, H. W. *Bíblia Antigo Testamento:* introdução aos escritos e aos métodos de estudo. Paulinas, 1982.
CARO, J. M. S. *Introdução ao Estudo da Bíblia.* 10 volumes. AM Edições, 1993-.
GAGLIARDI, Ângelo. *Panorama do Velho Testamento.* Vinde, 1995.
ELLIS, Peter. *Os Homens e a Mensagem do Antigo Testamento.* Santuário, 1985.
GRUEN, Wolfgang. *O tempo que se chama hoje:* introdução ao Antigo Testamento. Paulinas, 1980.
BENTZEN, A. *Introdução ao Antigo Testamento.* 2 vols. ASTE, 1968.
BALLARINI, Teodorico. (ed.) *Introdução à Bíblia.* (Antigo Testamento, 5 vols). Vozes, 1974 a 1983.
ROBERT, A., Feuillet, A. *Introdução à Bíblia.* (Antigo Testamento, 2 vols). Herder, 1966.
SELLIN, E. Fohrer, G. *Introdução ao Antigo Testamento.* Academia Cristã, 2007.
HARRINGTON, Wilfrid J. *Chave para a Bíblia.* Paulinas 1985.
NADAL, Milagno. *Curso de iniciação ao Antigo e ao Novo Testamento.* Loyola, 1998.
VÁRIOS AUTORES. *O Mundo da Bíblia.* Paulinas 1986.
GIBERT, PIERRE. *Como a Bíblia Foi Escrita- Introdução ao Antigo e ao Novo Testamento.* Paulinas 1999.
ELLISEN, Stanley A. *Conheça Melhor o Antigo Testamento.* Vida, 1991.
SICRE, J. L. *Introdução ao Antigo Testamento.* Vozes, 1999.
GRELOT, P. *Introdução à Bíblia.* Paulinas, 1971.
RODRIGUES, J. C. *Estudo Histórico e Crítico sobre o Velho Testamento.* 2 vols. Rio de Janeiro, 1921.
FRANCISCO, C. T. *Introdução ao Velho Testamento.* Juerp, 1985.
TURNER, D. D. *Introdução ao Antigo Testamento.* 2 vols. IBB, 1986.
GEISLER, N., Nix, W. *Introdução bíblica.* Vida.
HOFF, Paul. *O Pentateuco.* Vida, 1983.

11.4. Comentários

Entre as dezenas de coleções de comentários, algumas sobressaem por serem principalmente exegéticas em formato e interesse. A qualidade dos comentários não é uniforme; deve-se avaliar cada volume por seus próprios méritos. Obras recentes que apresentam uma lista de comentários livro por livro são:

STUART, Douglas. *A Guide to Selecting and Using Bible Commentaries.* Word Books, 1987.

CHILDS, Brevard S. *Old Testament Books for Pastor and Teacher.* Westminster Press, 1977.

LONGMAN, Tremper III *Old Testament Commentary Survey.* Baker Book House, 1995.

Uma obra completa e recente em vários volumes é:

GAEBELEIN, Frank E. ed. *The Expositor's Bible Commentary* [AT, 7 vols]. Zondervan Publishing House; agora também em CD-ROM.

Alguns grandes comentários mais antigos ainda são de tremendo valor:

KEIL, Carl Friedrich; DELITZSCH, Franz. *A Commentary on the Old Testament.* 10 vols. Reimpressão por Wm. B. Eerdmans, 1975.

International Critical Commentary on the Holy Scriptures. Charles Scribner's Sons, 1896-1951.

The Interpreter's Bible. 12 vols. Abingdon Press, 1951-57.

Dos diversos bons comentários da Bíblia em um volume, dois podem ser mencionados como sendo particularmente úteis:

CARSON, D. A. et al., eds. *The New Bible Commentary: Twenty-first Century Edition.* Intervarsity Press, 1994.

BROWN, Raymond E. et al., eds. *The New Jerome Biblical Commentary.* Prentice-Hall, 1989.

A seguir, as melhores e mais recentes coleções de comentários orientados exegeticamente, algumas delas ainda incompletas. Dignas de nota são:

The Anchor Bible. Doubleday & Co., 1946-. [Também em CD-ROM]

Hermeneia. Fortress Press, 1971—.

The New International Commentary on the Old Testament. Wm. B. Eerdmans, 1955—.

The Old Testament Library. Westminster Press, 1961-.

The Word Biblical Commentary. Word Books, 1982-. [Também em CD-ROM]

Dessas todas, *Hermeneia* e *Word* são as mais técnicas sob o aspecto exegético. A habilidade de fazer buscas na versão em CD-ROM do *WBC* e do *AB* certamente é uma vantagem.

Em português:

Série Cultura Bíblica — Antigo Testamento – 24 vols. Vida Nova.

DAVIDSON, F., Shedd, Russell P. (orgs.) *O Novo Comentário da Bíblia.* 3. ed. Vida Nova, 1995.

ALLEN, Clifton J. *Comentário Bíblico Broadman.* 12 vols. JUERP, 1983-1985.

LOPES, Hernandes D. *Comentários Expositivos Hagnos* (publicados AT: Amós, Malaquias, Neemias, Daniel). Editora Hagnos.

CHAMPLIN, R. N. *Antigo Testamento Interpretado.* 7 vols. Editora Hagnos.

SCHÖKEL, L. A.; SICRE DIAZ, J. L. *Profetas 1 e 2.* 2. ed. Paulus, 2004 e 2002

SCHÖKEL, L. A.; Cecília CARNITI, Salmos I e Salmos II. Paulus, 1996 e 1998.

WEISER, Artur. *Os Salmos.* Paulus, 1994.

TERRIEN, Samuel. *Jó.* Paulus.

REED, O. et alii. *Comentário Bíblico Beacon,* CPAD.

SANTO AGOSTINHO. *Comentário aos Salmos.* 3 vols. Paulus, 1997.

CAVALCANTI, G. H. *O Cântico dos Cânticos.* Edusp, 2005.

MESQUITA, A. N. *Estudo no Livro de Êxodo.* 5. ed. juerp, 1987.

RAVASI, G. F. *Êxodo.* Paulinas, s/d.

RAVASI, G. F. *Cântico dos Cânticos.* Paulinas, 1988.

CHOURAQUI, A. *A Bíblia* (tradução e comentário, vários vols.). Imago, 1996-.

BERGANT, D., Karris, Robert. *Comentário Bíblico.* (Antigo Testamento, 2 vols.) Loyola, 1999.

PFEIFFER, C., Harrison, E. *Comentário bíblico Moody.* (Antigo Testamento, 3 vols.) IBR, 1990.

CHUMASH – Bíblia com Comentários de RASHI. Hebraico/português. 5 vols. I. U. Trejger, 1993.

11.5. Dicionários bíblicos e enciclopédias bíblicas

Uma Nota sobre nomenclatura: O termo "Enciclopédia Bíblica" é quase sempre aplicado a uma obra de referência em muitos volumes com milhares de verbetes (artigos individuais sobre tópicos). Entretanto, o termo "dicionário bíblico" pode ser usado para indicar qualquer coisa desde um dicionário relativamente pequeno em um único volume, com algumas centenas de verbetes, ao mais volumoso de todos os dicionários ou enciclopédias bíblicas, i. e., o *Anchor Bible Dictionary.*

Uma fonte extraordinária tanto de artigos panorâmicos abrangentes relacionados à teologia e exegese, como de artigos específicos sobre tópicos individuais do AT, é o *NIDOTTE*:

VanGemeren, Willem (ed. geral) *New International Dictionary of Old Testament Theology and Exegesis*. Zondervan, 1998. 5vols., também em CD-ROM (2001).

O dicionário bíblico mais completo é o *ABD*.

Freedman, David Noel. ed. *Anchor Bible Dictionary,* 6 vols. Doubleday, 1992.

Ainda o melhor para muitos tópicos e notável por sua coerência de qualidade é a totalmente revisada:

Bromiley, G. W. (ed. geral) *The International Standard Bible Encyclopedia*, 4 vols. Wm. B. Eerdmans, 1979-1988.

Ainda muito útil, embora envelhecido, é:

Buttrick, George A., ed. *The Interpreter's Dictionary of the Bible*. 4 vols. Abingdon Press, 1962.

Um suplemento em um volume foi adicionado a essa grande obra:

Crim, Keith, ed. *The Interpreter's Dictionary of the Bible*. Supplementary Volume. Abingdon Press, 1976.

Também excelente, e de valor singular por seu ponto de vista conservador em muitas questões exegéticas, é:

Tenney, Merrill C., ed. geral. *The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*. 5 vols. Zondervan, 1975.

Existem vários dicionários bíblicos em um volume. Pode-se pensar que esses teriam pouca utilidade à luz de gigantes como o Anchor Bible Dictionary. Mas, na realidade, o tamanho dos gigantes torna os dicionários de um volume ainda mais valiosos – por darem um panorama ou resumo da informação saliente sobre um dado tópico. Os artigo nos grandes dicionários em vários volumes, enquanto louvados por sua abrangência, podem ser tão longos que deixam o leitor se perguntando quais são de fato os fatos mais importantes. Os artigos nos dicionários menores freqüentemente têm a vantagem do foco e de uma verdadeira avaliação sumária dos dados feita por eruditos experientes.

Um excelente exemplo de um dicionário em um volume é:

Marshall, I. Howard, et al. eds. *The New Bible Dictionary*. 3. ed. Intervarsity Press, 1996.

O texto do *NBD* foi publicado com uma grande variedade de ótimos mapas, gráficos, tabelas e figuras, como:

The Illustrated Bible Dictionary. 3 vols. Tyndale House, 1980.

Também de elevada qualidade é:

DOUGLAS, J. D., ed. org. *The New International Bible Dictionary*. 2. ed. Zondervan Publishing House, 1999.

Em português:

DOUGLAS, J. D. *O Novo Dicionário da Bíblia*. 3. ed. revisada. Vida Nova, 2006.

YOUNGBLOOD, Ronald F. (ed. geral) *Dicionário ilustrado da Bíblia*. Vida Nova, 2004.

DEREK, Williams. *Dicionário Bíblico Vida Nova*. Vida Nova.

CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. 6 vols. Editora Hagnos, 2002.

BORN, A. van Den. *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. Vozes, 1977.

MC. KENZIE, John. *Dicionário Bíblico*. Paulus, 2000.

MONLOUBOU, L, Du Buit, F. M. *Dicionário Bíblico Universal*. Santuário, 1997.

ISBE: *Enciclopédia Bíblica Internacional* (título provisório; no prelo). Shedd Publicações.

PFEIFFER, Charles F., VOS, H., REA, John (eds.) *Dicionário Bíblico Wycliffe*. CPAD, 2007.

GRUEN,W. *Pequeno Vocabulário da Bíblia*. Paulinas, 1984.

SANCHEZ, Tomás Parra. *Dicionário da Bíblia*. Santuário, 1997.

BUCKLAND, A. R. *Dicionário Bíblico Universal*. Vida, 1991.

ALEXANDER, Pat. *Enciclopédia Ilustrada da Bíblia*. Paulinas, 1987.

11.6. Outros recursos

Uma coleção de recursos acadêmicos muito bem-vinda foi publicada pela Fortress Press. Ela inclui muitos dos títulos mencionados em outras partes deste manual. Essas obras explicam, de forma fácil de ler e em formato compacto, técnicas como crítica textual, análise da forma, análise literária (incluindo análise das fontes) e análise estrutural. A coleção é:

Guides to Biblical Scholarship: Old Testament Series. Fortress Press, 1971—.

Duas grandes coletâneas de ilustrações relacionadas com os estudos do AT, cada uma contendo índices completos, são freqüentemente valiosas para o exegeta. Se estiver analisando uma passagem que menciona um sítio arqueológico, uma moeda, um peso, um animal, um móvel, um utensílio, uma arma, ou qualquer lugar ou objeto que poderia se tornar relevante se ilustrado, verifique estas obras para ver se tal ilustração existe.

PRITCHARD, James B., ed. *The Ancient Near East Pictures Relating to the Old Testament*. Princeton University Press, 1954.

Algumas dessas mesmas ilustrações aparecem numa seleção e combinação de fotos da obra acima com textos do livro de Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament* (veja 4.4.1):

PRITCHARD, James B., ed. *The Ancient Near East: An Anthology of Texts and Pictures*. Princeton University Press, 1958.

A essa se junta:

PRITCHARD, James B., ed. *The Ancient Near East: Supplementary Texts and Pictures Relating to the Old Testament*. Princeton University Press, 1958.

A segunda grande coletânea é:

JONES, Clifford M. *Old Testament Illustrations*. Cambridge University Press, 1971.

Sobre os manuscritos do mar Morto, uma publicação muito útil continua sendo:

FITZMYER, Joseph A. *The Dead Sea Scrolls: Major Publications and Tools for Study*. Society of Biblical Literature and Scholars Press, 1990.

Fitzmyer escreve uma introdução para os textos, informa onde eles e suas traduções são publicados, e esboça o conteúdo de alguns dos principais manuscritos. Ele também oferece uma excelente bibliografia e um índice de passagens bíblicas nos manuscritos.

Uma boa tradução dos principais manuscritos do mar Morto é encontrada em:

MARTÍNEZ, Florentino García e TIGCHELAAR, Eibert J. C. *The Dead Sea Scrolls Translated; The Qumran Texts in English*, 2 vols. Eerdmans, 1996.

GASTER, Theodor H. *The Dead Sea Scriptures: In English Translation with Introduction and Notes*. 3. ed. revisada e ampliada. Doubleday & Co., 1976.

vez que uma aplicação adequada depende muito do uso sensato e honesto de bons princípios. Em outras palavras, as regras que norteiam a interpretação da passagem irão determinar a correção com a qual você aplica a passagem.

Tradicional e simplisticamente, quatro tipos de significados foram descobertos nas passagens bíblicas: (1) o sentido literal (histórico); (2) o sentido alegórico (místico ou "espiritual"); (3) o sentido anagógico (tipológico, especialmente no que concerne ao fim dos tempos e à eternidade); e (4) o sentido tropológico (moral). Precisamente porque o sentido literal era entendido de modo muito restrito (meramente como o sentido que a passagem teve algum dia, em vez de o que ela também pode significar agora), os intérpretes tendiam a buscar algo pessoal, contemporâneo e prático a partir dos três últimos sentidos. Afinal, lemos a Bíblia como auxílio para a vida, não apenas como um exercício histórico. Esses últimos tipos de sentido (o alegórico, o anagógico e o tropológico), porém, não são normalmente derivados diretamente da passagem em si, mas tendem a ser mais ou menos inventados pela imaginação, de acordo com normas nem sempre coerentemente aplicadas. Esses tipos de interpretações são freqüentemente atraentes ao ponto de seduzir o leitor, e podem fazer com que passagens que, de outro modo, seriam "sem graça", pareçam falar pessoal e praticamente. Infelizmente, porém, essas interpretaçõs normalmente ignoram a intenção do próprio texto, de modo que aquilo que o antigo autor inspirado desejava que fosse entendido de seu escrito é grosseiramente excedido. De fato, muitas vezes a intenção do autor é eclipsada por interpretações exageradas, quase que incontrolavelmente místicas, tipológicas e moralizantes.

A tarefa delicada do intérprete, então, é assegurar que tudo o que a passagem significa seja exposto, mas nada é adicionalmente lido "para dentro" dela. Nós não queremos perder coisa alguma, mas também não desejamos "encontrar" alguma coisa que já não esteja realmente nela. A hermenêutica aplicada de forma correta está, portanto, interessada nas fronteiras da interpretação — tanto as superiores como as inferiores —, as quais foram estabelecidas pelo Espírito de Deus para o leitor.

A mais popular introdução à hermenêutica é a obra relativamente breve e de fácil leitura:

FEE, Gordon D. e STUART, Douglas. *Entendes o que lês*, 2. ed. Vida Nova, 1997.

Centenas de livros foram escritos sobre a hermenêutica, a maioria apresenta, pelo menos, alguma metodologia útil. Uma excelente introdução às questões teóricas é:

VANHOOZER, Kevin J. *Is There a Meaning in This Text?: The Bible, the Reader, and the Morality of Literary Knowledge.* Zondervan Publishing House, 1998.

As seguintes certamente estão entre as mais substanciais obras sobre hermenêutica, em parte porque elas levam a sério a autoridade e inspiração da Bíblia inteira:

HUBBARD, Robert L. Jr., BLOMBERG, Craig L., KLEIN, William, ECKELBARGER, Kermit L. *Introduction to Biblical Interpretation.* Word Publishing, 1993.

THISELTON, Anthony C. *New Horizons in Hermeneutics.* Zondervan Publishing House, 1992.

MICKELSEN, A. Berkeley. *Interpreting the Bible.* Wm. B. Eerdmans, 1963.

OSBORNE, Grant R. *The Hermeneutical Spiral: A Comprehensive Introduction to Biblical Interpretation.* Intervarsity Press, 1997.

KAISER, Walter C. Jr. e SILVA, Moisés. *An Introduction to Biblical Hermeneutics: The Search for Meaning.* Zondervan Publishing House, 1994.

LUNDIN, Roger, THISELTON, Anthony C., WALHOUT, Clarence. *The Promise of Hermeneutics.* Eerdmans, 1999.

ZUCK, Roy B. ed. *Rightly Divided: Readings in Biblical Hermeneutics.* Kregel Publications, 1996.

SANDY, D. Brent e GIESE, Ronald L. *Cracking the Old Testament Codes.* Broadman and Holman, 1995.

Veja também as seguintes obras de referência sobre hermenêutica:

DOCKERY, David S., SLOAN, Robert B., e MATTHEWS, Kenneth. *Foudations for Biblical Interpretation: A Complete Library of Tools and Resources.* Broadman and Holman, 1999.

HAYES, John H. ed. *Dictionary of Biblical Interpretation,* 2 vols. Abingdon Press, 1998.

Além disso, um bom número de obras recentes sobre a tarefa hermenêutica e sua aplicação à homilética pode ser citado como particularmente útil em suas respectivas categorias.

Um encorajamento prático para que, de forma responsável, se aproveitem de um texto aqueles aspectos que farão com que a igreja tenha uma sensação real de envolvimento com os ouvintes "originais" dos acontecimentos bíblicos pode ser encontrado em:

WARD, Wayne E. *The Word Comes Alive.* Broadman Press, 1969.

ROBINSON, Haddon W. *Biblical Preaching: The Development and Delivery of Expository Messages.* Baker Book House, 1980.

KLEIN, George L. ed. *Reclaiming the Prophetic Mantle: Preaching the Old Testament Faithfully.* Broadman Press, 1992.

Dois livros sugestivos acerca de muitos aspectos da pregação do AT são:

ACHTEMEIER, Elizabeth. *Preaching from the Old Testament.* Westminster John Knox Press, 1989.

ACHTEMEIER, Elizabeth. *Preaching Hard Texts of the Old Testament.* Hendrickson, 1998.

Qualquer das duas obras seguintes pode ser proveitosa para você. As duas têm sido padrão nessa área:

COX, James W. *A Guide to Biblical Preaching.* Abingdon Press, 1976.

COX, James W. *Preaching.* Harper and Row, 1985.

Em português:

DOCKERY David S. (ed.) art. "Como entender a Bíblia" in *Manual Bíblico Vida Nova.* Vida Nova. p. 118-.

FEE, G. D., Stuart, D. *Entendes o que lês?: um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica.* Vida Nova, 1984.

ZUCK, Roy B. "A Aplicação da Palavra de Deus em nossos dias" in *A Interpretação Bíblica.* Vida Nova, 2006. p. 323-340.

VANHOOZER, Kevin. *Há um significado neste texto?* Ed. Vida, 2005.

SILVA, M. A função do Espírito Santo na interpretação bíblica. *Fides Reformata,* 2/2, p. 89-96, 1997.

CARSON, D. A. *Os Perigos da Interpretação Bíblica.* Vida Nova.

KAISER Jr, W., Silva, Moisés. *Introdução à Hermenêutica Bíblica.* Ed. Cultura Cristã, 2002.

BARRERA, J.T. "O Antigo Testamento intérprete de si mesmo" in *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã.* Vozes, 1996. p. 513-520.

ARTOLA, A. M. et alii. "Leitura hermenêutica" in *Bíblia e Palavra de Deus.* AM Edições, 1996. p. 368-374.

KELLEY, Page H. *Mensagens do Antigo Testamento para os nossos dias.* Juerp, 1987.

LOHFINK, G. *Agora Entendo a Bíblia.* Paulinas, 1977.

VIERTEL, W. E. *A Interpretação da Bíblia.* Juerp, 1975.

GILHUIS, P. *Como Interpretar a Bíblia:* introdução à hermenêutica. Livraria Cristã Unida, 1978.

BARROWS, E. P. *Princípios de Interpretação da Bíblia.* Centro Cristão de Literatura, 1962.
VIRKLER, H. *Hermenêutica Avançada.* Editora Vida.
BERKHOF, L. *Princípios de Interpretação Bíblica.* Juerp, 1981.

12.2. O que fazer e o que não fazer na aplicação

1. *Leve em consideração* as necessidades e a composição de seu público-alvo no modo em que você constrói a aplicação.
2. *Tenha o cuidado* de derivar a aplicação direta e logicamente da passagem (em outras palavras, respeite a intencionalidade da passagem).
3. *Tente* limitar-se, se possível, à aplicação central ou prioritária.
4. *Tenha o cuidado* de demonstrar uma genuína relação entre sua passagem e a Bíblia, se sua passagem tiver, primariamente, a função de ilustrar um princípio definido em outra parte das Escrituras.

1. *Não* multiplique desnecessariamente as aplicações (mais não é, necessariamente, melhor).
2. *Não* presuma que seus ouvintes vão automaticamente fazer uma aplicação adequada da passagem só porque o restante de sua exegese é boa.
3. *Não* invente uma aplicação se nenhuma outra surgir. É melhor não dizer nada do que dizer algo que pode estar errado.
4. *Não* confunda iluminação com inspiração. O primeiro termo refere-se ao que você, sozinho, pode tirar emocional, existencial e individualmente da passagem. O segundo refere-se àquilo que Deus quis que a passagem dissesse a qualquer um de nós em geral. Para a iluminação, você deveria apropriar-se diligentemente do mais precioso e vital recurso para o estudante e o pastor — que a exegese jamais pode esperar substituir —, a oração.



Lista de termos comuns de exegese do AT

Antitético: Paralelismo poético caracterizado pelo emparelhamento de uma afirmação e seu oposto.

Acróstico: Composto alfabeticamente, versos (versículos) começando com sucessivas letras hebraicas (alguns salmos, seções de Provérbios, Lamentações etc.).

Anacoluto: *non sequitur* gramatical em que a primeira parte de um pensamento não se completa como esperado.

Áquila: Traduziu a Bíblia Hebraica para o grego literalmente em cerca de 140 d.C.; sua tradução foi incluída na Héxapla; substituiu partes da LXX.

Aramaísmo: Palavra ou expressão usada em hebraico, supostamente de origem aramaica, portanto, tardia em data. (Quase todos se mostraram ser semitismos, não tardios, e portanto não adequados para datação de livros do AT como tardios.)

Assimilação: Substituição de uma leitura textual original por uma leitura de outro documento.

Assíndeto: Ausência de conjunções ou outras palavras de coordenação/ligação. (O Senhor é meu pastor; Não terei falta.) O leitor deve descobrir o relacionamento dos conceitos expressos.

Autógrafo: A primeira e original cópia de um livro bíblico ou porção.

Bífido: Organizado em duas partes separadas. (Muitos livros do AT são bífidos; suas duas partes não são respectivamente antiga e tardia, ou produtos de autores diferentes. Elas são apenas formas convenientes de organizar o material tematicamente.)

Códice: Um antigo manuscrito em forma de livro (páginas encadernadas) e não em forma de rolo.

Colação: Ato de comparar manuscritos de um dado texto para reconstruir o original.

Cólon: Unidade poética constituída de um verso apenas. (Geralmente, se define cólon como "uma linha de um dístico ou terceto", mas nem sempre.)

Colofão: Título ou outro sumário no fim ou início de uma unidade de texto. (Dez vezes em Gênesis; Lv 26.46; etc.)

Conflação: Combinação de duas leituras variantes, produzindo uma leitura não exatamente igual a nenhuma das anteriores.

Deuterógrafo: Escrita/reescrita secundária. (1 e 2Crônicas contêm deuterógrafos de 1Samuel e 2Reis; cf. Sl 14 e 53; etc.)

Ditografia: Erro de cópia que repete algo acidentalmente.

Duplicata: Uma narrativa supostamente paralela, alegadamente resultado de se recontar uma história na tradição oral (e.g., Gn 12; 20; 26).

Forma Rîb: Uma forma literária pela qual uma nação é imaginada como sendo levada ao tribunal, geralmente para ser julgada e condenada.

Fórmula: Um conjunto de palavras geralmente usado em um tipo particular de contexto. ("Assim diz o Senhor" é uma fórmula do mensageiro.)

Hapaxlegomenon: Uma palavra ou termo que ocorre só uma vez no AT (muitas vezes dificultando muito sua definição).

Haplografia: A perda de algo durante o processo de cópia (letras, palavras, orações etc. que o copista pula acidentalmente).

Hendíadis: Expressão de um único conceito por meio de duas ou mais palavras ou expressões ligadas por "e" (senhor e mestre; levanta e vai). (Para traduzir corretamente é necessário eliminar ou subordinar uma das palavras, e.g., senhor; ir andando; etc.)

Héxapla: O AT em seis colunas de Orígenes contendo (1) o hebraico, (2) o hebraico transliterado em grego, (3) Áquila, (4) Símaco, (5) a LXX, e (6) Teodócio. (A LXX que ele produziu era altamente conflacionada/fundida, com asteriscos usados para indicar o que ele tinha adicionado à LXX original e óbelos para indicar o que ele tinha subtraído dela.)

Homoiarcton: Começos semelhantes em duas palavras (levando assim o escriba a acidentalmente pular de uma para a outra).

Homoioteleuton: Finais semelhantes em duas palavras (levando assim o escriba a acidentalmente pular de uma para a outra).

Inclusio: Mecanismo literário em que o fim e o começo de uma passagem são semelhantes, contendo no meio o restante.

Ketiv e Qerê: Ketiv = Leitura inferior que os massoretas incluíram no texto escrevendo somente suas consoantes. *Qerê*: Leitura superior que os massoretas sobrepuseram às consoantes do *Ketiv* usando somente suas vogais.

Lacuna: Uma brecha física em um manuscrito.

Métrica: O padrão de acentos e/ou sílabas totais em uma passagem de poesia. Toda poesia musical tem métrica.

Métrica qinah: Supostamente um padrão de três acentos + dois acentos usado em cânticos fúnebres (um equívoco de métrica em Lamentações).

Metonímia: Uma substituição de palavras (e.g., "céus" em lugar de Deus, em Mt)

Paleografia: Estudo da escrita/caligrafia antiga. Por exemplo, o estilo das letras podem revelar a idade de um documento.

Paralelismo: O equilíbrio lógico e correspondência entre linhas de um poema (e.g., sinônimo, antitético, sintético).

Paronomásia: Um trocadilho ou jogo de palavras ou de raízes de palavras (sendo agradável ao ouvido, facilita a memorização).

Peshita: A versão siríaca mais comum do AT.

Prostaxe: A tendência de começar todas as orações em uma língua da mesma forma. O hebraico usa o *we* ("e") prostático.

Quiasmo: (também chamado de paralelismo invertido etc.): Um padrão de palavras ou conceitos em que o primeiro e o último são similares, o segundo e o penúltimo são similares etc., facilitando a memorização (e.g., Is 6.10; Zc 14; Mt 9.14). o centro de um quiasmo não é necessariamente mais importante que qualquer outra parte. A maioria dos quiasmos curtos são só variações estilísticas dentro de paralelismos sinônimos.

Septuaginta: Tradução grega do AT hebraico originalmente feita entre cerca de 200 e 100 a.C., modificada muitas vezes.

Símaco: Uma tradução independente e de estilo livre do AT para o grego por volta de 175 d.C.; influenciou a Vulgata.

Sinédoque: Uma parte usada pelo todo, ou vice-versa ("pagar tanto por cabeça" isto é "por pessoa").

Sinônimo: Tipo de paralelismo poético em que o mesmo conceito essencial é transmitido por dois fraseados diferentes que são paralelos.

Sintético: Tipo de paralelismo poético em que a primeira metade de uma asserção está em paralelo e é completada pela segunda metade.

Talmude: Grande coleção de ensino rabínico: Mishná [tradições] e Guemará [comentário sobre a Mishná], séculos III a V d.C.

Targum: Tradução aramaica do AT. Há várias seções, produzidas em várias épocas, provavelmente nos séculos II a V d.C.

Teodócio: Revisão grega da LXX com base no hebraico, c. 175 d.C.; substituiu a antiga LXX na maioria dos MSS de Daniel.

terminus a quo: A data mais antiga possível para um evento.

terminus ad quem: A data mais tardia possível para um evento.

Tradução filha: Uma tradução de uma tradução, geralmente referindo-se a uma tradução da LXX para outra língua.

variante: Uma leitura diferente (exigindo então do crítico textual que considere se ela representa o original ou não).

Vulgata: Tradução livre do AT para o latim por São Jerônimo, completada em 405 d.C. (substituiu a mais antiga e, muitas vezes, melhor *Vetus Latina*).



Lista de erros hermenêuticos freqüentes

Personalização: Assumir que alguma ou todas as partes da Bíblia aplicam-se a você de uma forma que não se aplicam a ninguém mais. ("O que a mula de Balaão diz a mim é que eu falo demais.") Erro também conhecido como *individualização.*

Universalização: Assumir que uma coisa única ou incomum na Bíblia aplica-se a todos igualmente. ("Todos nós temos nossos Getsêmanis.") Erro também conhecido como *generalização.*

Espiritualização: Assumir que eventos e fatores têm sua aplicação concreta em alguma verdade religiosa além do que eles realmente dizem. ("A adorável estrutura do templo de Jerusalém nos encoraja a ter nossa própria vida bem ordenada.")

Moralização: Assumir que princípios para a vida diária podem ser derivados de qualquer passagem. ("Podemos aprender muito sobre criação de filhos observando como o pai do filho pródigo tratou com seu filho teimoso.") ("Os egípcios se afogaram no mar Vermelho porque vacilaram. Você não pode vacilar e ainda esperar ter sucesso nesta vida.")

Exemplarização: Assumir que porque alguém fez alguma coisa na Bíblia, isso seja um exemplo para nós seguirmos. ("Para aprender como contar histórias no sermão, vamos examinar como Jesus contava histórias.") ("Vejamos como Jesus chamou os discípulos e que isso seja um modelo para nosso evangelismo.") ("O que podemos aprender

sobre adversidade a partir de como os israelitas suportaram seu tempo de escravidão no Egito?")

Alegorização: Assumir que os componentes de uma passagem têm significado somente como símbolos de verdades cristãs. ("O 'amado' é Cristo; a 'amada' é a Igreja; as 'filhas de Jerusalém' são as Escrituras.")

Tipologização: Assumir que algumas personagens ou coisas concretas são mencionadas para prenunciar outras personagens ou coisas concretas e mais importantes. ("Josué tinha o mesmo nome de Jesus, como um conquistador ele aponta para 'O Conquistador'.") ("Esdras veio ao seu povo de longe; entrou em Jerusalém montado em um jumento; orou nas ocasiões de crise; ensinou o que para muitos era uma nova lei; purificou a nação etc. Sua vida aponta diretamente para o Salvador.")

Falácia da raiz: Assumir que o/um significado original de uma palavra acompanha seu uso. ("Ser santo significa ser separado.") [cf. amor = sentimento/amante = parceiro sexual/amador = não-profissional]

Confusão de gênero: Assumir que as regras de interpretação para um gênero literário aplicam-se a outro. ("A parábola de Jesus dos trabalhadores na vinha contém sete perspectivas úteis sobre o valor do trabalho duro.") ("O salmo 23 nos ensina como cuidar daqueles que estão sob nossa autoridade.") ("De acordo com Deuteronômio 33, se nós confiamos em Deus nunca teremos falta de nada.") ("Mas Provérbios promete que se honrarmos a Deus seremos bem quistos por todos!")

Transferência de totalidade: Assumir que todos os significados possíveis de uma palavra ou frase a acompanham sempre que ela é usada. ("cabeça [*kephale*], é claro, significa 'fonte' aqui, assim como em uma referência de Xenofonte à fonte de um rio.")

Argumento a partir do silêncio: Assumir que tudo que é relevante para uma questão é mencionado na Bíblia toda vez que a questão é mencionada. ("Note que Paulo não condena o sexo pré-nupcial em nenhum lugar em suas cartas.")

Argumento a partir da autoridade: Assumir que as opiniões de "especialistas" ou de grande parte deles deve ser correta. ("Smith, que

dedicou sua vida ao estudo de Rute, deve estar correto...") ("Já que isso é sustentado por poucos eruditos, não parece defensável.")

Confusão Israel—Igreja: Assumir que aquilo que se aplica ao Israel bíblico também se aplica à igreja. ("Podemos aprender como disciplinar crianças impertinentes a partir dessa lei sobre apedrejar filhos desobedientes.")

Confusão Israel—nações modernas: Assumir que coisas que se aplicam ao Israel bíblico também se aplicam às nações modernas ("De acordo com 2Crônicas 7.14, se orarmos e nos arrependermos Deus sarará o Brasil.")

Confusão Israel bíblico—Israel atual: Assumir que o Estado secular atual chamado de Israel no Oriente Médio é o Israel mencionado na Bíblia. ("Como podemos apoiar os sauditas se eles são inimigos do povo escolhido de Deus?")

Falsa combinação: Juntar duas passagens ou afirmações de forma a produzir uma conclusão híbrida. ("Em Mateus 25 Jesus chama o inferno de trevas exteriores e também de fogo, então o fogo do inferno deve ser algum tipo de fogo divino especial que não emite nenhuma luz. É possível senti-lo mas não vê-lo.")

Confusão de figura de linguagem: Incapacidade de entender as muitas expressões não-literais na linguagem humana, especialmente as metáforas. ("Imagine a massiva escala de criação de gado leiteiro e apicultura cananitas que levou Canaã a ser chamada de terra que mana leite e mel.")

Equívoco: Confundir um termo ou conceito com outro termo ou conceito não entendendo assim seu significado. ("1Tessalonisenses 5 diz para 'abster-se de toda aparência do mal' então não podemos nem pedir informações sobre endereços para uma prostituta.")

Falsa pressuposição: Basear todo ou parte de um argumento ou conclusão sobre pressuposições incorretas. ("A mente hebraica pensava de forma concreta; a mente grega era abstrata. É por isso que o AT tem mais rituais e o NT mais símbolos.")

Segunda parte



Novo Testamento

GORDON D. FEE

Para
Maudine, Mark, Cherith, Craig e Brian que me ensinaram que a exegese não é um fim em si mesmo mas deve ser sempre aplicada.

Temos estudado com seriedade e com alegria. Se dependesse de mim continuaríamos assim, e eu já havia aceito a idéia de ser enterrado aqui, perto do Reno!... E agora chegou o fim. Então, ouçam meu pequeno conselho: exegese, exegese e mais exegese! Apeguem-se à Palavra, às Escrituras que nos foram dadas.

Karl Barth

(Por ocasião de sua despedida formal de seus alunos em Bonn, pouco antes de sua expulsão da Alemanha em 1935. Citado em Eberhard Busch, *Karl Barth: His Life from Letters and Autobiographical Texts;* Philadelphia: Fortress Press, 1976.)

5

Guia da exegese completa

Não se esqueça de ler primeiro a Introdução!

A chave para a boa exegese é a habilidade de fazer as perguntas certas para o texto a fim de captar o significado pretendido pelo autor. Boas perguntas exegéticas caem em duas categorias básicas: questões de *conteúdo* (o que foi dito) e de *contexto* (por que foi dito).

As questões contextuais são de dois tipos: históricas e literárias. O contexto histórico tem a ver tanto com o *aspecto* histórico-sociológico-cultural geral de um documento (e.g., a cidade de Corinto, sua geografia, povo, religiões, economia etc.) quanto com a *ocasião específica* do documento (i.e., por que ele foi escrito). O contexto literário tem a ver com o motivo de alguma coisa ter sido dita em determinado ponto no argumento ou narrativa.

As questões de conteúdo são basicamente de quatro tipos: crítica textual (a determinação das palavras originais do autor), informação lexical (o significado das palavras), informação gramatical (o relacionamento das palavras umas com as outras) e o contexto histórico-cultural (o relacionamento das palavras e idéias com o contexto e a cultura do autor e dos leitores).

Boa exegese, portanto, é a feliz combinação — ou cuidadosa integração — de toda essa informação numa apresentação legível. O propósito dessa apresentação não é a originalidade ou a singularidade, mas uma compreensão tão clara da intenção do autor original quanto uma cuidadosa investigação pode nos dar. O gráfico esquemático nas p. 208-9 lhe darão um panorama do processo. O restante do capítulo o guiará na aplicação de cada passo.

Enquanto avança nos passos deste capítulo, você deve estar atento à bibliografia do capítulo 8. Em alguns casos, será preciso ler amplamente para entender as características distintivas ou a natureza do passo.

A. PASSOS INICIAIS PARA TODOS OS GÊNEROS

Bem no começo do processo exegético, depois que você determinou o gênero literário no qual o texto se encontra (veja a Introdução), precisará ter uma idéia provisória do que está acontecendo, tanto no documento como um todo quanto no parágrafo escolhido (ou perícope). Para fazer isso corretamente, alguns passos iniciais são necessários.

Passo 1. Estude o contexto histórico em geral

Antes de estudar qualquer frase, parágrafo, ou alguma outra subseção de um documento, é necessário que se tenha sempre uma boa idéia geral dele. Quem é o autor? Quem são os destinatários? Qual é o relacionamento entre ambos? Onde os destinatários vivem? Quais são suas circunstâncias no momento? Que situação histórica levou à composição do documento? Qual é o propósito do autor? Qual é o tema geral ou preocupação do autor? O argumento ou a narrativa têm um esboço facilmente discernível?

É melhor você mesmo fazer esse trabalho, se houver tempo; num curso sobre um livro específico do NT isso será feito ao longo do curso. Mas para a exegese de uma "passagem problemática", muitas vezes você quer ir diretamente ao texto. Portanto, é importante consultar um resumo do conteúdo e uma introdução crítica (veja Capítulo 8.1).

Note: Se estiver estudando o texto pelo motivo 1, i.e., trabalhando sistematicamente com o livro todo (veja Introdução, p. 26), *não* existe substituto para você mesmo fazer esse trabalho. Nesse caso, você deveria fazer o seguinte:

1.1. Leia todo o livro de uma só vez

Não há substituto para esse passo. Não se começa a fazer a exegese de um livro no primeiro versículo do capítulo inicial. O primeiro passo é sempre ler todo o livro. Você precisa ter uma noção do todo antes de analisar suas partes. Você adquirirá essa noção ao ler o texto integralmente. [Note-se que é possível ler uma carta do tamanho de Filipenses em voz alta (aliás, um bom exercício) em cerca de treze minutos, assim, deve-se ler documentos mais curtos por inteiro algumas vezes em dias consecutivos antes de começar um projeto de exegese.]

Depois da primeira leitura, leia por alto todo o texto do livro pela segunda vez e faça anotações sobre o seguinte (com referências):

1.1.1. Descubra tudo o que puder sobre os destinatários. Eles são judeus ou gentios? Ou uma combinação de ambos? Que relação eles têm com o autor?

Existem indícios sobre a sua situação socioeconômica?

1.1.2. Descubra tudo o que puder sobre o propósito. O autor *explicitamente* diz algo a respeito? O que está implícito?

1.1.3. Observe ênfases especiais ou questões emergentes. Que palavras ou idéias são freqüentemente repetidas? Que vocábulos incomuns recorrem? O que, se for o caso, essas coisas podem lhe informar sobre a ocasião ou o propósito?

1.1.4. Faça um esboço anotado de todo o livro (para ser revisto no estudo mais adiante).

Depois de sentir-se mais à vontade com o livro como um todo, prossiga para os próximos passos.

1.2 Verifique suas observações por meio da comparação com a literatura secundária

Vá, agora, às fontes mencionadas no Capítulo 8.1 e veja se há informações que você esqueceu. Se existirem muitas diferenças significativas entre as suas observações e as existentes no seu panorama ou introdução ao NT, percorra mais uma vez o livro com esse material em mãos para ver quais são as razões para essas diferenças.

Passo 2. Confirme os limites da passagem

Procure se certificar de que a passagem que você escolheu para a exegese é uma unidade genuína e completa. Mesmo que você faça a exegese de uma só frase, ela deve ter um lugar no seu próprio parágrafo ou perícope. Para fazer isso, compare a paragrafação nas duas principais edições críticas do Novo Testamento grego NA[27] e UBS[4] (você vai notar que eles diferem algumas vezes) com duas ou mais traduções modernas (e.g., ARA e NVI). Se houver diferenças na paragrafação, você deve decidir por si mesmo, provisoriamente, qual é a unidade básica. A decisão final sobre isso será parte do processo exegético como um todo.

Passo 3. Domine completamente o parágrafo ou perícope em estudo

Deve-se observar que para os passos 3 a 7, existem algumas diferenças no método para aqueles que usam grego e aqueles que não usam. As instruções especiais para aqueles que usam a Bíblia em português estão entre colchetes logo depois dos passos destinados aos que usam o grego.

ESCREVENDO UM TRABALHO EXEGÉTICO
Um Gráfico Esquemático

Passo 1:
Estude o contexto histórico em geral.

Passo 2:
Confirme os limites da passagem.

Passo 3:
Domine completamente o parágrafo ou perícope em estudo

Passo 4:
Analise a estrutura das frases e as relações sintáticas. (Veja 6.1)

Passo 5:
Estabeleça o texto. (Veja 6.2)

Passo 6:
Analise a gramática. (Veja 6.1 e 3)

Passo 7:
Analise as palavras significativas. (Veja 6.4)

Passo 8:
Pesquise o pano de fundo histórico-cultural. (Veja 6.5)

Vá para os Passos 9—11, com base no gênero literário de sua passagem.

EVANGELHOS

Passo 9 (Ev):
Determine as características formais da perícope ou dito.

Passo 10 (Ev):
Analise a perícope numa sinopse dos evangelhos. (Veja 6.6)

Passo 11 (Ev):
Analise a perícope em seu contexto narrativo

EPÍSTOLAS

Passo 9 (Ep):
Determine as características formais da epístola.

Passo 10 (Ep):
Examine o contexto histórico em particular.

Passo 11 (Ep):
Determine o contexto literário.

ATOS

Passo 10 (At):
Investigue as questões históricas.

Passo 11 (At):
Determine o contexto literário.

APOCALIPSE

Passo 9 (Ap):
Entenda as características formais do Apocalipse.

Passo 10 (Ap):
Determine o contexto histórico.

Passo 11 (Ap):
Determine o contexto literário.

Complete a exegese com os passos 12—15.

Passo 12:
Considere os contextos bíblico e teológico mais amplos.

Passo 13:
Consulte a literatura secundária.

Passo 14 (opcional):
Faça uma tradução final.

Passo 15:
Escreva a monografia.

Para os que usam *grego*: Seria muito proveitoso ler também as instruções para os que devem aplicar os mesmos procedimentos na Bíblia em português. Se você tem o propósito de se dedicar (ou já está se dedicando) ao ministério de forma profissional, esse material pode ser útil para instruir outros na igreja em como dar os passos básicos no processo exegético.

Para aqueles que usam o *português*: Antes de pular direto para a sua parte dos vários passos, você deve ler toda a parte da exegese em grego. Isso lhe dará uma idéia do que deve ser feito por aqueles que sabem a língua original e que tipo de diferenças metodológicas existem para você. Observe que (1) mesmo que você nunca aprenda grego, será uma grande vantagem aprender o alfabeto grego; fazendo isso, você será capaz de consultar e usar a maioria das melhores ferramentas; (2) mesmo que você não possa entrar em questões que tenham a ver estritamente com a língua grega, ajudará muito ler o máximo possível da bibliografia no capítulo 8, de forma que você possa pelo menos entender o tipo de questões que estão sendo discutidas nos comentários que lê.

3.1. *Faça uma tradução provisória*

A primeira questão essencial é ficar bem familiarizado com o texto. Nada ajudará mais a fazer isso do que ler todo o parágrafo em grego e fazer uma tradução *provisória*. Para ler rapidamente o grego, aprenda a usar o livro de Kubo, ou Rienecker ou Zerwick-Grosvenor (veja 8.3). Leia o texto grego diversas vezes, até estar suficientemente familiarizado com o *conteúdo* da passagem a fim de ser capaz de traduzi-la sem a ajuda de léxicos ou gramáticas. Em seguida, escreva sua tradução, usando esses auxílios se for preciso. Lembre-se que essa não é a tradução final. O propósito desse passo é fazer você se familiarizar com o *conteúdo* do parágrafo.

3.2. *Faça uma lista provisória de dificuldades exegéticas*

Enquanto você escreve sua tradução, faça uma lista separada de itens textuais, gramaticais e lexicais que necessitarão de um estudo especial. Por exemplo, há variações textuais que fazem diferença na forma em que o texto é entendido? Note especialmente qualquer e todas as variações no aparato da UBS[4], já que elas foram selecionadas com base em sua importância para a tradução. Quais questões de gramática se destacam enquanto você tenta traduzir? Quais foram apontadas no auxílio de tradução (Novo Testamento Grego-Analítico, Chave Lingüística, por exemplo)? Há palavras teologicamente carregadas? Há palavras usadas muitas vezes nessa passagem? Há palavras na passagem que não ocorrem freqüentemente nos escritos desse autor?

Como um passo final para sua exegese (Passo 14), antes de pôr tudo por escrito, pode ser necessário voltar a esse passo e fazer uma tradução definitiva, refletindo as conclusões de sua exegese. Mesmo que essa tradução não seja exigida, é um bom exercício aprender a fazê-la.

O próximo passo (3.3) é o passo substituto (em lugar de 3.1 e 3.2) para os que não usam grego; mas os que usam podem descobrir que é um bom exercício também, então, não passe por ele muito rapidamente.

3.3. Leia todo o parágrafo em várias traduções

A melhor forma de se familiarizar com o parágrafo e descobrir o que há nele que é preciso estudar mais é *ler todo o parágrafo em pelo menos sete traduções.* Como no caso da pessoa que está usando o grego, o objetivo aqui é ajudar você a conhecer bem o parágrafo enquanto descobre aqueles lugares onde mais trabalho é necessário em termos dos Passos 5 a 7. Para fazer isso bem, você precisa fazer o seguinte:

3.3.1. Consiga pelo menos sete traduções diferentes (p. ex., ARC, ARA, NVI, ALMEIDA 21, BJ, NTLH e TEB). Você pode fotocopiá-las para poder fazer anotações no próprio texto se quiser.

3.3.2. Marque bem as diferenças entre duas ou mais traduções, usando marcadores coloridos nas suas cópias ou, de preferência, fazendo uma lista das diferenças e traduções de apoio em cada ponto.

3.3.3. Determine qual dessas diferenças é exegeticamente importante. Isto é, determine quais diferenças são simplesmente sinônimos ou questões de gosto e quais fazem uma diferença genuína no significado. Essa é sua forma de chegar ao Passo 3.2 acima, "Faça uma lista provisória das dificuldades exegéticas". O ponto é que sempre que duas ou mais versões têm diferenças realmente importantes entre si, isso é uma clara indicação de que alguma dificuldade exegética está por trás das diferenças. Com muita prática, esse passo fica cada vez mais fácil. Mas você deve se preparar para incluir diferenças entre "ministro" e "servo" em uma passagem como 1 Timóteo 4.6, já que "ministro" provavelmente pressupõe muito mais sobre o "ofício" de Timóteo que os dados atuais do texto permitem.

3.3.4. Tente determinar se as diferenças são questão de crítica textual (Passo 5), gramática (Passo 6), ou lexicografia (Passo 7). Isso também será mais fácil com a prática. [É bom lembrar que a maioria das notas de rodapé nas diferentes traduções trata de crítica textual.]

Passo 4. Analise a estrutura das frases e as relações sintáticas

É crucial que, desde o início na exegese, você tenha uma boa noção do fluxo do argumento (ou narrativa) e que reconheça as estruturas básicas e a sintaxe de cada frase. Para fazer isso bem, não existe nada melhor do que escrever toda a passagem numa forma estruturada. Há três vantagens nisso. Primeira, isso o forçará a tomar decisões gramaticais provisórias, especialmente sobre relações sintáticas. Segunda, o capacitará a visualizar a estrutura da passagem e a reconhecer padrões (e.g., retomadas de assunto, contrastes, paralelos e quiasmos). Terceira, você terá um esboço provisório do argumento.

4.1 Faça um fluxograma das frases (veja 6.1.1)

A melhor maneira de escrever seu texto é na forma de um fluxograma das frases, com anotações marginais traçando o fluxo do argumento. Embora essa tarefa seja um assunto muito individual, as sugestões dadas no capítulo 6 poderão ser úteis.

[Para os que trabalham com o texto em português: Leia cuidadosamente todo o material no capítulo 6.1. Se tiver dificuldades com os conceitos gramaticais e sintáticos, leia com atenção a seção de sintaxe em uma boa gramática da língua portuguesa. Como fica claro nas ilustrações de 6.1, esse exercício pode ser realizado tanto em português quanto em grego.]

4.2 Faça um diagrama das frases (veja 6.2.2)

Às vezes, os aspectos gramaticais de uma frase são tão complexos que é útil fazer um diagrama de suas partes. Muitos preferem fazer um diagrama de todas as frases de uma passagem, em vez de aprender um novo sistema, tal como fazer um fluxograma das frases. A vantagem do diagrama é forçar a identificação gramatical de cada palavra na passagem. A desvantagem é que se faz o diagrama de apenas uma frase por vez; assim, é provável que não se visualize a passagem toda, ou que se reconheça vários padrões estruturais no argumento.

Ao completar esses quatro primeiros passos, duas coisas deverão ter acontecido:

a. Você deverá ter uma boa noção acerca tanto do conteúdo como do contexto mais amplo do parágrafo.
b. Você deverá ter identificado algumas das áreas difíceis que necessitam de um exame mais cuidadoso.

Agora você está pronto para uma análise mais profunda da passagem (veja a lista provisória no passo 3.2). Os próximos quatro passos identificam as questões

básicas de conteúdo que precisam ser resolvidas. Cada um desses passos é elaborado mais detalhadamente no capítulo 6. Se você já aprendeu os procedimentos esboçados naquele capítulo, então precisa simplesmente desenvolvê-los no que diz respeito à sua monografia. Se não, necessita aprender cada um desses procedimentos e ver como eles se aplicam à sua passagem. Uma vez que esses passos tenham sido bem aprendidos, então o capítulo 6 poderá servir como referência ou lista de verificação rápida.

[Para os que trabalham com o texto em português: Com os passos 5—7 (mas não o Passo 8) você chega a um material onde será necessário consultar ajuda externa quase desde o início. Porém, para tornar suas fontes secundárias tão úteis quanto possível, faça o seguinte:

[a. Leia com o máximo cuidado o material no capítulo 6 e o máximo que puder das leituras panorâmicas no capítulo 8. Seu objetivo aqui é entender o que diz a erudição nas três áreas de crítica textual, gramática e lexicografia. Você terá muitas limitações ao fazer seu próprio trabalho nos Passos 5 e 6 (texto e gramática), mas a limitação deve ser a de somente não saber a língua grega. Você pode entender a natureza das decisões gramaticais e textuais assim como os que sabem grego se você ler com cuidado obras das leituras sugeridas. Seu objetivo aqui é ser capaz de entrar no pleno entendimento dos *motivos dados para as escolhas* nos comentários ou em outras fontes secundárias que discutem as questões exegéticas da passagem.

[b. Quanto às decisões concretas sobre essas matérias, você precisará consultar os comentários ou outras fontes eruditas (veja a bibliografia em 8.13). Aqui você precisa ler amplamente o bastante para ter uma boa noção das opções e das diferenças entre os eruditos. Rapidamente você descobrirá que algumas questões são mais difíceis de resolver que outras. Na análise final, é preciso pesar os argumentos de outros, pró e contra, e então tentar chegar a alguma solução por si mesmo na base dos argumentos deles. Daí a necessidade de primeiro seguir a sugestão em (a) acima, para se familiarizar com a disciplina e as questões em jogo.]

Passo 5. Estabeleça o texto (veja 6.2)

A preocupação mais importante do intérprete de qualquer texto antigo é a questão textual. Que palavras o autor usou, e em que ordem? A ciência que procura restabelecer a forma original de documentos manuscritos é a *crítica textual*, que se tornou um campo de estudo bastante técnico e complexo. Com um pequeno esforço concentrado, porém, o estudante exegeta poderá aprender o bastante para (1) familiarizar-se com as discussões textuais (e.g., em artigos e comentários), e (2) sentir-se razoavelmente confiante ao tomar suas decisões textuais.

A fim de fazer seu trabalho de crítica textual você necessitará se familiarizar com os aparatos (informações textuais em notas de rodapé) tanto da NA[27] como da UBS[4]. Uma explicação completa sobre o uso desses aparatos e uma discussão a respeito dos critérios para fazer decisões textuais são dadas em 6.2.

O que é destacado no capítulo 6 precisa ser repetido aqui: nem todas as decisões textuais têm importância exegética. Mas você precisa se familiarizar o suficiente com essa ciência para ser capaz de separar o que tem importância do que não tem, e avaliar por si mesmo as decisões textuais feitas por outros. Em uma dissertação de exegese, somente as decisões textuais que realmente afetam o *sentido* da passagem precisam ser discutidas.

Passo 6. Analise a gramática (veja 6.1 e 3)

A fim de alcançar seus objetivos, você deveria decidir sobre todas as questões gramaticais de sua passagem. Mas, relembrando, discuta em sua monografia somente os itens a respeito dos quais uma decisão exegética for importante, ou fizer diferença quanto ao sentido da passagem. Existem dúvidas sobre a gramática? Poderia alguma frase ou oração ser lida de modo diferente se a gramática fosse construída de outra maneira? Existem ambigüidades genuínas que resultam na impossibilidade de uma interpretação precisa de alguma parte da passagem? Se esse for o caso, quais, pelo menos, são as opções possíveis? A gramática é anômala (não é o que se esperaria) em algum ponto? Se for assim, você é capaz de apresentar alguma explicação para a anomalia?

Passo 7. Analise as palavras significativas (veja 6.4)

Tome cuidado neste ponto. Não permita que o estudo se torne um amontoado de análises de vocábulos. Discuta o sentido de qualquer palavra de acordo com as orientações do capítulo 6. Estude as palavras com base em dois critérios: (1) Explique o que não for óbvio; (2) Concentre o estudo nas frases e palavras mais importantes.

Passo 8. Pesquise o pano de fundo histórico-cultural (veja 6.5)

Estão envolvidas neste passo muitas questões que incluem (1) o significado de pessoas, lugares, eventos etc., mencionados na passagem; (2) o ambiente sociocultural do autor e de seus leitores; (3) os costumes e práticas do autor ou do orador, e de seus leitores ou ouvintes; (4) a cosmovisão do autor e de seus leitores; e (5) a freqüente intertextualidade (ecos de linguagem e contexto do AT) achada nos escritos dos autores do NT.

A questão dos ecos intertextuais é especialmente crucial para entender Apocalipse, mas também se aplica ao restante dos autores do NT. Esses autores, incluindo Lucas (que provavelmente era um gentio), viveram e respiraram a linguagem e idéias do AT, em grande parte na sua expressão grega, a Septuaginta. Além da ajuda específica que é possível conseguir nos livros listados nos capítulos 6 e 8, é preciso aprender a usar o NA[27] e dar muita atenção às referências nas margens.

Como observamos anteriormente, você precisará decidir quais desses assuntos necessitam de elaboração em seu trabalho, com base (1) no que não for óbvio para seus leitores, e (2) naquilo que faz real diferença no sentido da passagem.

B. CONSIDERAÇÕES ESPECIAIS PARA GÊNEROS DIFERENTES

Neste ponto, você está pronto para tratar das questões do contexto histórico (em particular) e do contexto literário. Todavia, os procedimentos para fazer exegese nos vários gêneros diferem consideravelmente. Por isso, os próximos passos são discutidos conforme os gêneros. No Passo 12, todos os gêneros retornam para a mesma trilha. Poderá ser útil, neste ponto, a consulta freqüente ao diagrama esquemático que se encontra nas páginas 208-9.

B (Ep). Fazendo exegese nas epístolas

Passo 9 (Ep). Determine as características formais da epístola

9.1 (Ep). Características diferentes

Embora todos os documentos neotestamentários de Romanos a Judas (21 no total) sejam epístolas, eles são de caráter diferente. Alguns são totalmente *ad hoc*, ocasionados por situações bem específicas (e.g., Filemom, 1Coríntios, Judas e Gálatas), enquanto outros se parecem mais com panfletos em geral. Aqui é importante a sensibilidade ao grau em que alguns são mais parecidos com verdadeiras "cartas" mesmo, e alguns são mais públicos e, portanto, verdadeiras "epístolas". Isso influenciará o seu pensamento no Passo 10, que tem a ver com o contexto histórico em particular.

9.2 (Ep). Aspectos formais

É também importante notar os vários aspectos formais da carta na antigüidade e determinar a que parte da carta sua passagem pertence. Por exemplo, ela faz parte da ação de graças ou de uma oração? Faz parte de uma saudação formal? Ou é parte do próprio corpo da carta? Se pertencer às partes mais formais da

carta, o quanto a forma em si determinou o conteúdo? Não deixe de consultar a bibliografia no capítulo 8 se não estiver bem a par das práticas literárias antigas, incluindo algo tão comum como escrever uma carta.

9.3 (Ep). características retóricas

Em grau maior ou menor, os autores das epístolas do NT fizeram uso de modelos de retórica do mundo greco-romano. No caso de Paulo, em particular, devem-se levar em consideração esses artifícios de retótica e inquirir sobre sua natureza e significado. Assim, é importante reparar nas alterações de modo ou forma de argumentação. O parágrafo em questão apresenta de modo repentino uma grande quantidade de perguntas não respondidas? Ele traz uma mudnça súbita na linha argumentativa? Ele é primordialmente indicativo, imperativo ou interrogativo? O autor parece estar usando uma linguagem franca e aberta, ou talvez faça uso de ironia ou hipérbole? Existe algum elemento de diatribe? Qualquer das partes, ou o todo, apresenta quiasmo? É o seu parágrafo parte do argumento ou de seu recurso? Talvez sua explicação? Para resolver essas questões deve-se ler o itens listados no capítulo 8.

Em alguns casos é possível que a carta toda siga o padrão argumentativo da retórica clássica. Outras vezes, será necessário consultar a bibliografia no capítulo 8. Leia tanto quanto for necessário para conhecer a arte e as formas da retórica antiga. A seguir, pense em como a *forma* impacta o significado real do texto.

Passo 10 (Ep). Examine o contexto histórico em particular

Visto que as epístolas do NT são todas textos *ocasionais* (i.e., foram *ocasionados* por alguma circunstância *especial*, seja da parte do leitor seja da parte do autor), é importante tentar reconstruir a situação a que a subseção maior dessa carta responde. Para fazer isso corretamente, deve-se tentar o seguinte:

10.1 (Ep). Leitura em busca de detalhes

Leia diversas vezes a subseção por inteiro. Enquanto lê, preste atenção aos detalhes do texto. Tente imaginar, da melhor forma possível, como teria sido sentar-se junto com a comunidade cristã primitiva para ouvir a carta ser lida pela primeira vez.

10.2 (Ep). Público-alvo

Faça uma lista de tudo o que puder lhe dar informações sobre *os destinatários e a situação deles*. O que é dito explicitamente? O que está implícito? Os destina-

tários têm um comportamento que precisa ser corrigido? Será que o problema é algum tipo de mal-entendido teológico? Ou é falta de entendimento? Eles precisam de consolação? Exortação? Correção? Se um problema específico é tratado, ele veio de fora ou teve origem na comunidade cristã? Existe alguma pista sobre como o autor soube da situação?

10.3 (Ep). Palavras-chave

Faça uma outra lista contendo *palavras-chave* e *frases repetidas* que apontem para o assunto da seção. Que palavras aparecem com mais freqüência em toda a seção? Verifique sua concordância para ver se há uma incidência incomum desses termos aqui. O vocabulário do autor sugere por si só alguma coisa a respeito da natureza do problema?

10.4 (Ep). Resumo descritivo

Tente, neste ponto, escrever provisoriamente *um parágrafo que apresente todos esses dados numa expressão coerente* do problema ou situação dos leitores.

Esse passo usualmente será uma importante consideração na sua apresentação final da exegese. Não esqueça de voltar a ele depois de ter trabalhado até o Passo 11, pois a sua análise da resposta deve corresponder adequadamente à sua análise da situação histórica.

Passo 11 (Ep). Determine o contexto literário.

Para fazer isso, é necessário que você aprenda a pensar em termos de parágrafos. Mesmo que seu trabalho exegético esteja voltado para apenas um dos parágrafos ou subparágrafos de uma seção de texto maior, você deveria tentar seguir o argumento da seção toda, parágrafo por parágrafo.

No que diz respeito ao seu texto específico, você chegou, agora, à questão exegética essencial: *Qual é o propósito* deste parágrafo ou exortação? *Qual é o propósito* desta frase? Com base no que o autor disse até aqui, por que ele agora diz isto? Por essa razão, é tão importante seguir o argumento cuidadosamente até chegar a sua frase ou parágrafo (embora um estudo detalhado de todo o argumento não precise ser incluído no trabalho escrito). Para os propósitos da exegese, não é suficiente trabalhar todos os detalhes nos Passos 5-8. Também é necessário oferecer uma explicação convincente de como isso tudo se encaixa no fluxo do argumento do autor bíblico.

Para realizar isso bem, você deve tentar fazer duas coisas:

11.1 (Ep). Lógica e conteúdo

De forma concisa, descreva a *lógica* e *conteúdo* de seu parágrafo. Com suas próprias palavras, *descreva* (de forma breve) *o que* o autor disse e *como* seu argumento se desenvolve.

A questão aqui é com o que está sendo dito. A quem está sendo dito isso? Que tópico está sendo tratado? Qual é a questão absolutamente central? O que escreveu inclui *tudo* que é dito no parágrafo? Você deu a devida consideração a cada item?

11.2 (Ep). Conteúdo e argumento

Em outra frase, ou duas, explique *como* esse conteúdo contribui para o argumento.

Qual seria a razão desse conteúdo específico aparecer exatamente neste ponto? Qual é a relação desse parágrafo com o que foi dito imediatamente antes? Como ele prepara para o que vem depois?

É impossível exagerar a necessidade de se disciplinar para esse exercício. Não importa quão bem pesquise os detalhes nos passos anteriores, você nunca fará boa exegese se não desenvolver adequadamente este passo. A falha da maioria dos comentários está exatamente neste ponto. Eles geralmente tratam bem as questões de conteúdo, mas muitas vezes deixam de ajudar o leitor a entender o *propósito* das palavras do autor bíblico em determinado contexto.

Antes de seguir para o Passo 12, você precisa voltar e refletir sobre os procedimentos dos Passos 10 e 11. O seu entendimento da resposta é adequado à situação histórica, do modo como você descreveu? Precisa de revisão? Você é capaz de apresentar agora um argumento sólido que defenda a sua exegese como uma compreensão adequada da situação para a qual o autor escreve, e a reação dele a essa mesma situação? A excelência da sua exegese é mantida ou cai por terra exatamente nesse ponto.

B (Ev). Fazendo exegese nos evangelhos

Antes de entrar nas questões contextuais quanto à exegese dos evangelhos, é imperativo fazer algumas considerações preliminares sobre a *natureza* desse gênero. Isso, por sua vez, demandará a articulação de algumas hipóteses de trabalho previamente estabelecidas sobre o material dos evangelhos e o inter-relacionamento entre os mesmos.

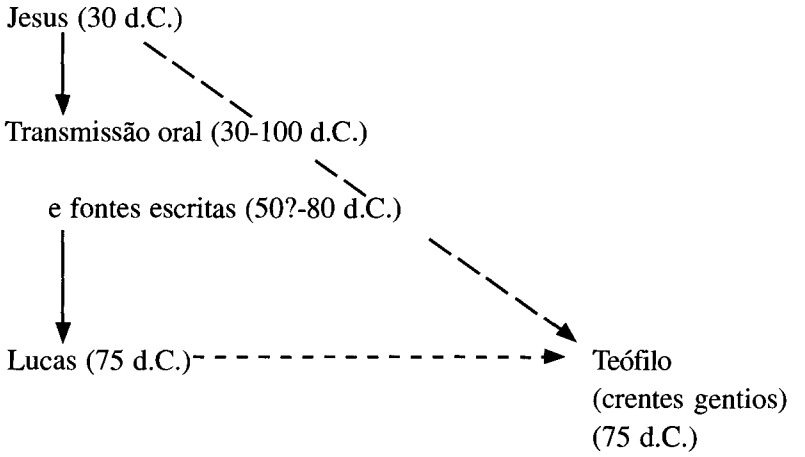
a. A natureza dos evangelhos

As epístolas têm, basicamente, um contexto histórico e literário unidimensional. Ou seja, o autor apresenta o seu argumento (ou exortação) — mesmo quando ele

aproveita material tradicional — que fala diretamente à situação de seus destinatários. Assim:

Paulo (54 d.C.) ⟶ Corinto (54 d.C.)

Os autores dos Evangelhos, por outro lado, têm um contexto histórico bi ou tridimensional, o que, por seu turno, afeta o contexto literário. Ou seja, eles passam adiante, agora na forma permanente da escrita, os ditos e as narrativas sobre Jesus (nível 1) disponíveis a eles do modo em que foram preservados pela tradição da igreja (nível 2). Por exemplo, compare 1Co 11.23. "Pois recebi do Senhor o que também lhes entreguei" (escrito em 54 d.C.) com Lc 22.17-20 (escrito em cerca de 75 d.C.?). A contribuição do autor do Evangelho (nível 3) é a de seleção, arranjo e adaptação (apesar de tal atividade já estar em andamento no período da transmissão oral). Assim:



Portanto, é com *Jesus* que Teófilo se encontra, mas Jesus *mediado* pela memória da igreja primitiva e por Lucas.

O processo exegético é complicado (ou talvez ajudado), ainda pelo fato de que há quatro evangelhos, dos quais os primeiros três têm pelo menos algum tipo de inter-relacionamento literário.

Esses dois fatores, i.e., os evangelhos são bi ou tridimensionais e a existência de quatro deles, requerem algumas hipóteses de trabalho previamente estabelecidas a respeito do material dos evangelhos e dos evangelhos propriamente ditos. As hipóteses a seguir são as convicções deste autor, sobre as quais os vários passos da exegese serão estabelecidos. Deve-se notar que eles representam as convicções comuns à vasta maioria dos estudiosos do NT. Também se

deve observar que é *impossível* não ter hipóteses de trabalho sobre esses assuntos — mesmo que elas nunca tenham sido articuladas formalmente. Se você discordar dessas hipóteses, terá que articular as suas e adaptar os passos a elas.

b. Algumas hipóteses de trabalho

1. É razoável presumir que, durante o período de transmissão oral, as unidades de material individuais (perícopes), compostas de narrativas e ditos, foram transmitidas, em grande parte, de maneira independente umas das outras. Da mesma forma, deve-se presumir que muitos ditos foram preservados como ensino *per se* e, assim, foram transmitidos sem os contextos históricos originais (cf. o uso que Paulo faz do material em forma de ditos em 1Co 7.10 e 9.14). Portanto, é uma hipótese de trabalho razoável presumir que o arranjo atual das perícopes é em grande medida obra dos próprios evangelistas. Isso parece ser confirmado, para usar apenas um exemplo, pelo fato de que os ditos de Jesus que Mateus relaciona em Mt 10.5-42, como instruções para os ministros do Reino, são encontrados em Lucas em contextos consideravelmente diferentes, na seguinte seqüência: Lc 9.2-5; 10.3; 12.11s; 6.40; 12.2-9; 12.51-53; 14.25-27; 17.33; 10.16.

2. Embora nenhum dos evangelhos tenha sido escrito para ser lido juntamente com os outros (com a possível exceção de João, conforme Clemente de Alexandria), é quase certo que os evangelhos sinóticos, pelo menos, não foram escritos independentemente uns dos outros. Apesar de existirem três ou quatro soluções para o problema sinótico hoje em dia disputando aceitação, a perspectiva da vasta maioria dos estudiosos, a mesma presumida neste livro, é que: (a) Marcos foi escrito primeiro; (b) Mateus e Lucas usaram Marcos *de forma independente* ao escreverem seus respectivos evangelhos, e (c) Mateus e Lucas também tiveram acesso a grande quantidade de outro material tradicional, parte do qual tiveram em comum (conhecido como Q, mas provavelmente não como uma fonte única e unificada).

3. Os evangelistas selecionaram, arranjaram e adaptaram o material não somente para *registrar* ou *preservar* a vida e os ensinos de Jesus, mas também para *apresentar* Jesus a seus leitores com suas preocupações distintas e seus pontos de vista distintos.

c. A tarefa da exegese

Dada a natureza dos Evangelhos e essas três hipóteses de trabalho, é preciso pressupor também que a tarefa da exegese seja, primariamente, compreender uma passagem em seu contexto atual no evangelho em que se encontra. Em primeiro lugar,

o evangelista registrou a vida e o ensino de *Jesus*; assim, parte da tarefa é tentar verificar o entendimento do evangelista sobre o que foi falado e o que aconteceu. Em segundo lugar, no entanto, uma vez que ele selecionou/adaptou/arranjou o material *nesta* forma, queremos também tentar verificar seu significado no contexto atual do evangelho. Portanto, a tarefa primária da exegese não é reconstruir uma Vida de Jesus, mas interpretar uma passagem no contexto literário presente em determinado evangelho, levando em consideração, é claro, o que se sabe de outras passagens sobre a "vida de Jesus".

A alternativa a essa perspectiva da tarefa é se concentrar inteiramente em uma perícope ou dito de Jesus, na tentativa de compreender seu significado no contexto original de Jesus. Como você verá a seguir, essa é uma parte importante da tarefa exegética, mas é apenas a metade do caminho se não se voltar aos evangelhos propriamente ditos, já que são o único contexto *estabelecido* que possuímos.

Com essas observações preliminares em vista, podemos agora prosseguir nos passos do processo exegético.

Passo 9 (Ev). Determine as características formais da perícope ou dito

Para esta seção, é necessário consultar a bibliografia no Capítulo 8. O esboço pressupõe certo conhecimento dessas questões.

9.1 (Ev). Identifique o tipo literário geral

Sua perícope ou frase é uma narrativa ou um dito de Jesus? Ou se trata de uma combinação dos dois — uma história de pronunciamento? Cada tipo funciona de maneira diferente.

9.2 (Ev). Identifique a forma literária específica

9.2.1. Se sua perícope for uma *narrativa*, ela é uma história de milagre? Ela apresenta todas as características formais dessas histórias? É uma história *sobre* Jesus? Ou sobre João Batista? Você poderia perguntar acerca de tal narrativa: por que ela foi preservada na tradição? Que coisa importante sobre Jesus ela conta pelo simples fato de sua preservação? E o que é mais importante: como essa narrativa funciona agora na narrativa do evangelista? Serve para reforçar algum ensino? Faz parte de uma série de narrativas que ilustram alguns aspectos da missão ou mensagem de Jesus?

9.2.2. Se sua passagem for um *dito* de Jesus, que tipo de dito ela é? É uma parábola? Um símile? Um dito apocalíptico? Um dito de sabedoria? Um oráculo profético? É parte de material jurídico? Tem elementos poéticos? Quiasmo? Emprega hipérbole? Ironia? Metáfora? Paradoxo? Até que ponto a análise da forma o ajuda na identificação do público-alvo? Qual é o papel que o dito tem na compreensão da passagem? Por exemplo, um provérbio com metáforas, como Mt 24.28 ("Onde houver um cadáver, aí se ajuntarão os abutres", NVI), *não* tem a intenção de ser alegorizado. O provérbio tem *uma* lição somente, e a metáfora do cadáver e dos abutres aponta para a realidade sobre a consumação do Reino. A questão exegética é: *O que* isso diz sobre o fim dos tempos? De seu aspecto súbito? De sua inevitabilidade? De sua visibilidade?

Passo 10 (Ev). Analise a perícope numa sinopse dos evangelhos (veja 6.6)

Devido ao fato que os autores dos evangelhos selecionaram, arranjaram e adaptaram o material da tradição disponível a cada um, é importante para a exegese de qualquer dos Evangelhos ver a perícope em seu Evangelho em seu relacionamento com os outros. Para fazer isso, você precisa aprender a usar uma sinopse dos Evangelhos, como apresentamos no capítulo 6.

Essa análise consiste em três questões. (Note: "Tradição tripla" significa que a perícope é encontrada em Marcos-Mateus-Lucas; "tradição dupla" significa Mateus-Lucas; "tradição única" significa que é encontrada em apenas um dos evangelhos — Mateus ou Lucas.)

10.1 (Ev). Seletividade

Esta questão tem a ver, simplesmente, com o fato de a perícope aparecer em seu evangelho. Ela também se encontra em um ou mais dos outros? Sua inclusão se deve a um dos interesses específicos do evangelista?

10.2 (Ev). Adaptação

A questão aqui diz respeito a separar a adaptação da perícope, feita pelo próprio autor para o seu evangelho, do material tradicional que ele tinha à disposição. Aqui em particular, como em 10.3 (Ev), você precisa consultar o Capítulo 6 (6.6.3 e 6.6). Esses passos são importantes por serem as chaves para o prisma através do qual o evangelista vê Jesus e o seu ensino.

Terá o autor adicionado ou omitido algo? Que mudanças verbais ele terá feito? Elas seriam meramente estilísticas? Ou são de maior relevância? Revelam

os interesses do autor? Suas ênfases peculiares? A adaptação de sua perícope se alinha com uma série de mudanças como essas, tanto no contexto maior da perícope como no evangelho todo? Se esse for o caso, essas mudanças dão dicas sobre a situação histórica do autor ou dos leitores? Isto é, mostram padrões que refletem os interesses especiais do envagelista ao escrever a história de Jesus?

10.3 (Ev). Arranjo

A questão nesse caso se relaciona com o contexto literário atual. Aqui em particular, como com 10.2 (Ev), você precisa consultar o Capítulo 6.

A questão do arranjo é: Por que o dito (perícope) é incluído *aqui*? Ele aparece no mesmo contexto em outro(s) evangelho(s)? Se está em contextos diferentes, esse *tipo* de contexto é semelhante ou diferente (i.e., escatológico, de ensino sobre o discipulado etc.)? O contexto atual, em comparação com o(s) outro(s), diz alguma coisa sobre os interesses específicos do autor do evangelho?

Deve-se ter cuidado neste ponto. É possível que um evangelista tenha incluído uma perícope em determinado ponto, simplesmente, porque ela já estava naquele contexto na própria tradição (veja, p. ex., o quanto de Marcos os outros evangelistas *não* rearranjaram) e, por isso, talvez não haja um "significado" nesse seu arranjo atual. Mas mesmo assim cada evangelista escreveu uma narrativa completa, e pode-se assumir que tudo tem sua função na narrativa que ele está oferecendo a seus leitores.

Nessa questão, é preciso ter cautela a respeito de Marcos e João. Ou seja, eles também podem ter seguido a seqüência já existente em suas fontes e, portanto, podem não ter pretendido sempre um significado especial com seus arranjos de material. Por outro lado, visto que a vasta maioria do material (especialmente os ditos) na tradição dupla não está em seqüência, pode-se presumir que a mesma coisa seja verdade, em geral, para Marcos e João (i.e., que a seqüência é deles mesmos). E de novo, no fim o que conta mais para a exegese é a narrativa atual do autor, do jeito que a temos, e como a perícope se encaixa nela.

10.4 (Ev). *Considere possíveis contextos vivenciais no ministério de Jesus*

Depois de ter trabalhado todos os detalhes de sua perícope na sinopse e ter, assim, pensado sobre a possível importância que ela teria para o evangelista e seus leitores, você pode dar um passo além perguntando pelo contexto histórico do próprio Jesus. Isso vale especialmente no que diz respeito aos ditos (ensino) de Jesus, já que tantos deles foram transmitidos na tradição oral, separados de seu contexto histórico original, e receberam do evangelista seu contexto literário atual. Portanto, tem alguma

importância exegética analisar os ditos quanto a seu possível ambiente no próprio ministério de Jesus.

Essa análise pode ser mais bem realizada se feita em termos de público-alvo. Considerando a natureza do *conteúdo* do dito, terá sido originalmente endereçado aos discípulos? Às multidões? Aos fariseus? O dito de Jesus é mais bem entendido no contexto de conflito? Ou de discipulado?

Muitas vezes não será possível determinar isso e deve-se simplesmente aceitar o contexto atual dos evangelhos. Mas em alguns casos, por exemplo, quando Mateus e Lucas inseriram algo na estrutura de Marcos, ou quando Mateus e Lucas têm material idêntico em dois contextos diferentes, pode-se freqüentemente isolar o material e, com base no conteúdo, oferecer um contexto vivencial original bastante plausível para o dito. Todavia, observe cuidadosamente:

a. Essa é a parte mais especulativa da tarefa exegética, por isso aprenda a errar por causa da cautela.
b. Recuperar o sentido do dito no contexto vivencial de Jesus *não* é o objetivo primário da exegese. Ao contrário, o objetivo é determinar o sentido do texto em seu contexto literário *atual*. Pensar sobre esse passo serve só para ajudar a pensar sobre como o material foi usado na transmissão do material na igreja primitiva

Passo 11 (Ev) Analise a perícope em seu contexto narrativo.

Esse é o objetivo último da exegese de sua perícope. Quando todos os passos anteriores tiverem sido cuidadosamente trabalhados, a coisa mais importante para a exegese é tratar de como a perícope se encaixa nos propósitos narrativos imediatos do evangelista. No fim, a exegese bíblica tem a ver não com fazer exegese do Jesus histórico, por assim dizer, mas com o Jesus histórico como ele é agora mediado pelo testemunho dos próprios evangelistas. A exegese é feita em um *livro* bíblico, não em uma narrativa reconstruída que se encontra por trás do livro.

Para fazer isso bem, você pode ser ajudado por alguma leitura em narratologia; veja a lista no capítulo 8. Um bom exemplo de como a análise narrativa funciona na prática pode ser encontrado no comentário sobre Lucas por Joel B. Green (NICNT), que também tem algumas instruções para esse exercício em sua introdução (p. 11-20).

B (At). *Fazendo exegese em Atos*

A exegese de Atos poderá ser difícil tanto para estudantes como para pastores por causa dos tipos de preocupações trazidas para o livro. Essas preocupações são, basicamente, de dois tipos: histórica (O que realmente estava acontecendo na vida

da igreja primitiva?) e teológica/hermenêutica (O que tudo isso significou e o que significa para nós hoje?). A boa exegese precisa ser uma combinação dos aspectos históricos e teológicos, sem ser predeterminada pela questão hermenêutica.

É de importância crucial, ao se fazer exegese em Atos, que se retorne ao Passo 1 e que se tenha uma boa noção do propósito de Lucas. Essa revisão cuidadosa é uma necessidade antes de prosseguir; ela corresponde, de algum modo, aos Passos 9 (Ep) e 9 (Ev). Os próximos dois passos, então, cobrem as questões históricas e "teológicas" recém-mencionadas.

Passo 10 (At). Investigue as questões históricas

Na verdade, este passo é bem semelhante ao Passo 11.1 (Ep) para as Epístolas. A questão aqui é com o *que* é dito, e, portanto, também inclui algumas perguntas sobre conteúdo dos Passos 5-8. Assim, você deverá escrever de maneira compacta *o que* precisamente Lucas nos diz em determinada narrativa. Quais são os personagens principais? O que eles estão fazendo? Há aqui pessoas, lugares ou outros nomes ou idéias que precisará pesquisar num dicionário bíblico?

Passo 11 (At). Determine o contexto literário

Agora chegamos ao tópico crucial para a exegese em Atos. Qual é o propósito desta narrativa ou discurso? Qual é sua relação com o que acabou de ser narrado? Qual é sua função na narrativa de Lucas como um todo? Por que ele inclui isso aqui (a questão da seletividade)? Existem quaisquer peculiaridades na narrativa ou discurso, em comparação com outros em Atos, que possam sugerir pistas quanto aos interesses específicos de Lucas neste ponto?

Antes de prosseguir para os Passos 12-15, dois cuidados devem ser tomados ao se fazer exegese em Atos:

1. Os discursos, em grande parte, podem ser trabalhados exegeticamente de modo muito semelhante às epístolas. Entretanto, observe-se que na sua forma *atual*, refletem o estilo e vocabulário de Lucas (muito semelhante à situação de Lucas reescrevendo Marcos). Portanto, no estilo dos historiadores helenísticos, seguindo a Tucídides, Lucas relata essencialmente o que foi dito em determinado momento, mas ele mesmo escreveu o discurso na presente forma. Aqui, de maneira especial, a questão contextual — por que um discurso foi incluído aqui? — é muito importante.

2. É preciso muito cuidado para não se cometer o erro do exagero exegético em Atos, seja por deduzir muita coisa a partir do silêncio (como Lucas *não* disse alguma coisa), ou por presumir que se procurava precisão absoluta. É da natureza

dos historiadores helenísticos pintar quadros bastante vívidos de eventos reais e não, necessariamente, oferecer a crônica seca de uma ocorrência policial. Aqui temos história que também é trama.

B (Ap). *Fazendo exegese em Apocalipse*

Não raro Apocalipse é considerado um livro fechado, parcialmente, por causa das dificuldades próprias do estilo no qual se apresenta e, em parte, porque aplicações especulativas têm sido feitas por pessoas que não entendem o gênero apocalíptico. Ao mesmo tempo, é muito importante entender o contexto histórico e as preocupações teológicas que orientam o livro do início ao fim. Sobre esses dois pontos, não há livro melhor que:

BAUCKHAM, Richard. *The Theology of the Book of Revelation* (Cambridge University Press, 1993).

Devido à falta geral de conhecimento da forma literária do Apocalipse, é aconselhável consultar dois ou três bons comentários ao fazer o seu próprio trabalho. Você talvez devesse possuir os três comentários seguintes:

AUNE, David E. *Revelation*, WBC 52, 3 vs. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1997-98.

BEALE, Gregory K. *The Book of Revelation*, NIGTC. Grand Rapids: Eerdmans, 1999.

MOUNCE, Robert H. *The Book of Revelation.* Ed. Rev. NICNT. Grand Rapids: Eerdmans, 1998.

Também é de extrema importância dar adequada atenção ao Passo 8 ao fazer exegese de Apocalipse, pois mesmo considerando que João raramente cita o AT, é rara a frase que não tenha um eco muito claro de passagens do AT. Nesse ponto é crucial que seja usado o texto grego do NA[27] e consultadas as passagens listadas nas margens. Isso não só abrirá todo um mundo de possibilidades exegéticas, mas também ajudará a ver quão profundamente João é "bíblico" em seu pensamento e linguagem. Não há melhor guia nessas matérias que o comentário de Beale.

Passo 9 (Ap). Entenda as características formais do Apocalipse

Antes de fazer a exegese de qualquer visão (ou carta) no Apocalipse, você precisará obter uma boa compreensão das características literárias formais do livro,

que é uma singular e bem feita combinação de três tipos literários distintos. Sobre esse assunto, leia:

MICHAELS, J. R. *Interpreting the Book of Revelation.* Grand Rapids: Baker Book House, 1992. p. 21-27.

Visto que as *imagens* apocalípticas são freqüentemente os itens mais difíceis para a exegese, são necessárias algumas orientações e palavras de cautela aqui.

9.1 (Ap). Determine a fonte ou o pano de fundo da imagem

Aqui você fará bem em consultar Aune ou Beale. Essa imagem está relacionada ao AT? Ela se encontra em outros lugares na literatura apocalíptica? Na mitologia antiga? Na cultura da época? Ela é uma imagem-padrão do apocalipsismo? Ou é uma imagem "fluida" (como o leão-cordeiro de Ap 5; ou as duas mulheres de Ap 12 e 17)?

9.2 (Ap). Determine o uso atual da imagem

O uso que aparece em João é idêntico ou diferente de sua fonte? Ela foi "reciclada" e, assim, transformada numa nova imagem? Existe algum indício interno quanto à intenção de João com o uso da imagem? O próprio João interpreta a imagem? Se for assim, tome isso firmemente como um ponto de partida para a compreensão das outras. A imagem se refere a alguma coisa geral, ou é usada para mencionar alguma coisa ou acontecimento específico?

9.3 (Ap). Considere as visões como unidades completas

Deve-se ter muito cuidado para considerar as visões como unidades e não procurar determinar alegoricamente todos os detalhes. Nesse caso, as visões são como as parábolas. A visão como um todo está tentando dizer algo. Os detalhes são (a) para efeitos dramáticos (Ap 6.12-14); ou (b) para contribuir com a descrição do conjunto de modo que os leitores não confundam os pontos de referência (Ap 9.7-11). Portanto, detalhes do sol se tornando negro como tecido escuro e as estrelas caindo como figos maduros provavelmente não "significam" nada, já que esses detalhes são um eco de Isaías 34.4. Junto com outras partes da visão, todas adaptadas de várias passagens do AT, eles simplesmente tornam a visão do terremoto mais impressionante. No entanto, em 9.7-11, os gafanhotos com coroas de ouro, rostos humanos e cabelo longo de mulher ajudam a preencher o quadro de forma

tal que os leitores originais dificilmente deixariam de perceber o que estava em vista — as hordas bárbaras nas fronteiras do Império Romano, as quais Roma temia muito (mesmo que a visão como um todo seja adaptada de Joel 1 e 2).

Passo 10 (Ap). Determine o contexto histórico

É especialmente importante o reconhecimento também dos elementos epistolares e proféticos em Apocalipse. Assim, ao abordar uma visão (ou carta), deve-se estar sempre atento aos dois pontos focais: a perseguição da igreja, de um lado, e o juízo de Deus contra os perseguidores, de outro. As cartas e as visões que apresentam o sofrimento da igreja pertencem à história do autor e de seus leitores. As visões da ira vindoura de Deus, tipicamente à moda profética, devem ser mantidas na tensão entre história e escatologia (julgamento temporal contra o pano de fundo do julgamento escatológico).

Sobre a questão da situação histórica e o propósito do livro, você deve ler o livro de Beale, p. 28-33.

Passo 11 (Ap). Determine o contexto literário

Para determinar o contexto literário de qualquer visão de Apocalipse, é preciso, em princípio, elaborar você mesmo uma estrutura de referência para o todo. Em sua maior parte, o livro de Apocalipse é facilmente esboçado em suas seções principais (caps. 1—3; 4—5; 6—7; 8—11; 12—14; 15—16; 17—18; 19—22). Uma das principais questões textuais tem a ver com a maneira em que essas seções se relacionam umas com as outras, de modo a formar o todo. Sobre isso, leia o livro de Beale, p. 108-70, e o de Mounce, p. 45-49.

Depois disso, a questão do contexto literário de qualquer carta ou visão, ou mesmo apenas de uma parte, é precisamente como a das epístolas (Passo 11 [Ep]).

C. PASSOS SUBSEQÜENTES COMUNS A TODOS OS GÊNEROS

Passo 12. Considere os contextos bíblico e teológico mais amplos

À medida que você começar a reunir todas as suas descobertas e, especialmente, começar a focalizar na lição, ou "mensagem", de sua passagem, você desejará encaixar tudo isso nos contextos bíblico e teológico mais amplos.

Como a passagem funciona dogmaticamente (i.e., ensinando ou transmitindo uma mensagem) na seção, no livro, divisão, Testamento, Bíblia — nessa

ordem? Como ela, ou seus elementos, se comparam com outras passagens que tratam dos mesmos tipos de questões? A que se assemelha ou do que se distingue? O que depende dela em outro lugar? Que outros elementos nas Escrituras ajudam a torná-la compreensível? Por quê? Como? A passagem afeta o sentido ou o valor de outros textos de forma que ultrapassa as linhas literárias ou históricas? O que se perderia ou como a mensagem da Bíblia seria incompleta se essa passagem não existisse?

Da mesma forma, você deve perguntar: onde a passagem se encaixa teologicamente com respeito a todo o *corpus* de revelação que compreende a teologia (dogmática) cristã? A que doutrina ou doutrinas a passagem se relaciona? Quais são, de fato, os problemas, bênçãos, preocupações, segredos etc. sobre os quais a passagem tem algo a dizer? Como a passagem aborda essas coisas? Com que clareza são tratadas na passagem? A passagem levanta dificuldades aparentes para algumas doutrinas enquanto soluciona outras? Se for assim, tente lidar com essa situação de maneira útil para seus leitores.

O que a passagem contém que contribui para a solução de questões doutrinárias, ou que fortalece soluções oferecidas em outros lugares na Bíblia? Qual é o grau de contribuição da passagem? Como você pode estar certo de que a passagem, entendida de modo adequado, tem o significado teológico que propõe atribuir a ela? A sua abordagem concorda com a de outros estudiosos ou teólogos que se sabe terem tratado da passagem?

Passo 13. Reúna uma bibliografia de fontes secundárias e leia amplamente

13.1. Investigue o que outros disseram sobre a passagem

Embora você tenha consultado comentários, gramáticas e muitos outros tipos de livros e artigos no processo de completar os passos anteriores, agora deve trabalhar numa investigação mais sistemática da literatura secundária que possa se aplicar à sua exegese. Para que a exegese seja um trabalho seu e não simplesmente um compêndio mecânico das perspectivas de outros, é aconselhável que você pense e chegue às suas próprias conclusões o mais cedo possível antes deste passo. Do contrário, não fará exegese da passagem, mas a avaliação das exegeses de outros, e, desse modo, é certo que você não irá além do que eles alcançaram.

Agora, porém, é a hora certa para perguntar o que vários estudiosos pensam da passagem. (Para ampliar a sua bibliografia, veja o Capítulo 8.) Enquanto lê, preste atenção às seguintes perguntas: Que pontos os estudiosos destacaram que você deixou de observar? O que eles disseram melhor do que você? A que deram

maior peso? Você é capaz de apontar coisas que eles disseram que sejam questionáveis ou erradas? Se, na sua opinião, outros comentários estão incorretos, aponte isso usando notas de rodapé para as diferenças menores e o corpo da monografia para as mais significativas.

13.2. Compare e faça ajustes

As conclusões de outros estudiosos o ajudaram a mudar sua análise de algum modo? Eles abordam a passagem ou quaisquer aspectos dela de modo mais incisivo ou que leve a um conjunto de conclusões mais satisfatório? Eles organizam melhor a exegese? Consideram implicações em que você nem mesmo pensou? Suplementam as descobertas que você fez? Se for assim, não hesite em revisar suas conclusões ou procedimentos nos passos precedentes, dando o crédito apropriado em cada caso. Entretanto, não sinta que tenha que cobrir, em sua exegese, tudo que os outros fizeram. Rejeite o que não parece se encaixar e limite o que parece fora de proporção. É você quem decide, não eles.

Note: O estudante não é obrigado a reproduzir compulsoriamente as interpretações de outros, mas você é *obrigado* a avaliar de forma crítica o que lê. Antes de poder dizer "Discordo", é preciso ser capaz de dizer "Entendo". É um princípio estabelecido que, antes de apresentar a crítica, você seja capaz de explicar a posição de um autor nos termos que ele, ou ela, acharia aceitáveis.

a. Mostre onde o autor está *mal-informado.*
b. Mostre onde o autor está *desinformado.*
c. Mostre onde o autor é *incoerente.*
d. Mostre onde a abordagem do autor é *incompleta.*
e. Mostre onde o autor *interpreta mal* o texto, por causa de pressupostos e procedimentos falhos.
f. Mostre onde o autor *faz contribuições valiosas* para a discussão em andamento.

13.3. Aplique suas descobertas nos lugares pertinentes em seu trabalho

Não inclua suas descobertas resultantes da pesquisa na literatura secundária numa seção separada de seu manuscrito. Não veja esse passo como resultando num bloco de material separado no seu trabalho escrito. Suas descobertas deveriam produzir adições ou correções, ou ambas, em muitos pontos ao longo da exegese. Verifique se a mudança ou adição num ponto não contradiz afirmações feitas em outros lugares do trabalho. Considere as implicações de

todas as mudanças. Por exemplo, se ajustar a análise crítico-textual com base na sua avaliação de alguma coisa na literatura secundária, como isso afetará a tradução, as informações lexicais e outras partes da exegese? Tenha em mente coerência e uniformidade ao longo de todo o trabalho escrito. Isso afetará consideravelmente a habilidade do leitor de apreciar as suas conclusões.

13.4. Saiba quando citar

Uma das dificuldades mais comuns com as monografias de estudantes é a forte tendência ao exagero de citações. Em grande medida, o emprego de citações deveria ser limitado às quatro situações a seguir:

13.4.1. Cite quando for necessário ou importante usar as palavras exatas de um autor a fim de evitar deturpações.

13.4.2. Cite quando for necessário para uma apresentação clara e convincente de uma opinião.

Muitas vezes uma citação desse tipo constará do início de uma seção ou parágrafo, servindo como ponto de partida.

13.4.3. Cite quando for útil para causar um impacto psicológico no leitor.
Por exemplo, não raro é vantajoso citar alguma autoridade bem conhecida que defenda a mesma opinião que você está defendendo. Algumas vezes isso pode ser especialmente útil se o que é dito contradiz as expectativas comuns sobre um texto.

13.4.4. Cite quando um autor claramente disser algo melhor do que você poderia dizer, ou quando for dito de maneira clara e memorável.

13.5. Saiba usar as notas

É preciso aprender a dar o crédito devido às fontes secundárias nas notas de rodapé (ou notas de final de capítulo ou de trabalho escrito) e na bibliografia. O princípio geral, é claro, é que *sempre* se documente a *citação* ou *referência* a uma opinião ou fonte. Notas também podem ser usadas — geralmente para tornar o trabalho mais legível ou para demonstrar que ele está bem informado — nas seguintes situações:

13.5.1. Use as notas para alistar material bibliográfico adicional.

Isso ajudará seu leitor a saber que você está ciente de outros que compartilham a mesma idéia ou defendem uma opinião similar. Também ajudará o leitor no estudo independente.

13.5.2. Use as notas para comparar opiniões divergentes.

Algumas vezes, é claro, será de crucial importância para o seu trabalho citar opiniões divergentes no corpo do mesmo. Mas, na maioria das vezes, tais diferenças podem ser explicadas de forma mais conveniente nas notas.

13.5.3. Utilize as notas para sinalizar dificuldades técnicas importantes, mas que estejam além do alcance do trabalho ou que sejam marginais à questão tratada.

13.5.4. Use as notas para desenvolver argumentos periféricos ou implicações.

13.5.5. Use as notas para apresentar listas mais longas e citações de fontes primárias, ou referências, ou para diagramas.

13.5.6. Use as notas para se referir a outra seção na monografia.

Passo 14. Faça uma tradução final. (Opcional)

Depois que sua pesquisa estiver concluída e você estiver pronto para escrever a redação final, coloque a sua tradução final imediatamente após o texto. Use anotações (notas de rodapé) para explicar suas escolhas de palavras que poderiam soar surpreendentes, ou que simplesmente não sejam óbvias para o leitor. Você, porém, não é obrigado a explicar qualquer palavra que também já tenha sido escolhida por diversas versões modernas. Use notas de rodapé para oferecer ao leitor outras traduções possíveis de uma palavra ou frase que considera importante. Faça isso, especialmente, quando achar difícil escolher entre duas ou mais opções.

Passo 15. Escreva a monografia

É verdade que podem existir muitos formatos aceitáveis quanto à escrita de uma monografia. As orientações a seguir representam a lógica básica da monografia — e podem ser seguidas com alguma segurança.

15 (Ep). Para as Epístolas

15.1 (Ep). Problemas

Se o texto for uma "passagem problemática", ou que levante conhecidas diferenças de opinião, o problema, ou as diferenças de opinião, deve ser apresentado em um ou dois parágrafos. Seja breve, mas suficientemente completo para que o leitor tenha uma boa percepção das questões envolvidas.

15.2 (Ep). Contextos

Se a passagem não levanta grandes diferenças de opinião, os parágrafos iniciais devem apresentar sua passagem tanto em seu contexto histórico como literário.

a. Apresente o contexto histórico — mas não gaste muito tempo aqui, mesmo que necessário, em questões gerais de introdução. Descreva a situação histórica o quanto for preciso — mas não faça disso o objeto de todo o seu trabalho!
b. Trace todo o argumento que conduz à sua passagem. De modo *muito breve* (não reinvente a roda!) enuncie o argumento geral. Depois, indique especificamente os passos que conduzem ao parágrafo.

15.3 (Ep). Resumo panorâmico

Ofereça, agora, um resumo panorâmico de sua passagem. Qual é o *tema* deste parágrafo? Qual é a sua lógica e contribuição para o argumento? (Você notará que isso é, basicamente, reescrever o Passo 11 [Ep], acima.)

15.4 (Ep). Argumento

Por fim, desdobre o argumento propriamente dito, com algum detalhe, determinando de forma equilibrada o quê, dos Passos 5-8, precisa se tornar parte do corpo do trabalho, e o que deve ser indicado numa nota de rodapé.

15.5 (Ep). Conclusão

Conclua da melhor maneira possível, juntando os resultados de toda a exegese.

15 (Ev). Para os Evangelhos

A tarefa de redação aqui é freqüentemente determinada pelo tipo de perícope ou dito de Jesus que está sendo tratado.

15.1 (Ev). Abertura

Normalmente, a abertura da exegese será orientada por um problema específico do texto, e, às vezes, incluirá um resumo das opções sugeridas pelos estudiosos.

15.2 (Ev). Contexto

Ao abordar a perícope ou dito de Jesus, deve-se começar pela determinação, se possível, se o contexto literário atual é de responsabilidade do evangelista ou da tradição (i.e., deve-se observar cuidadosamente onde e como ele aparece nos outros evangelhos).

15.3 (Ev). Sitz im Leben Jesu

A seguir, você deve discutir, a partir da literatura, as várias teorias, ou suas ramificações, quanto ao contexto vivencial de Jesus. Isso incluirá:

a. Uma discussão da questão da autenticidade (pró ou contra).
b. Os vários tópicos relacionados ao conteúdo (texto, palavras etc.), incluindo especialmente o contexto histórico-cultural.
c. Uma discussão da provável forma "original" do material, especialmente dos ditos de Jesus.

Mas não invista muito tempo extra nos itens (a) e (b). Por exemplo, na maioria dos trabalhos exegéticos pode-se presumir a autenticidade do texto se se estiver tendendo para isso. Entretanto, será apropriado acrescentar uma nota de rodapé a fim de reconhecer a existência de estudiosos que pensam de forma diferente, e dizer o porquê disso.

15.4 (Ev). Significado

Por último, deve-se discutir o sentido da perícope em sua forma e contexto atual, incluindo uma discussão do seu sentido da maneira empregada pelo evangelista. Afinal, este é o nível canônico e é o "sentido" que deve ser proclamado.

D. A APLICAÇÃO

Em alguns cursos teológicos, você também precisará incluir um sermão, ou um resumo homilético, na sua exegese. Nesse caso, você chega à tarefa que é ao mesmo tempo mais difícil e mais recompensadora — cruzar o "túnel do tempo" entre o século primeiro e o 21, sem, por um lado, abandonar sua exegese, nem, por outro, simplesmente reciclá-la (como se isso fosse pregação). A tarefa é tomar o ponto focal (ou os diversos focos) da passagem, da forma em que você fez a exegese da mesma, e fazer com que aquele ponto focal se torne palavra viva para a comunidade do século 21. Isso requer imaginação vívida e trabalho

mental árduo, tanto quanto a habilidade de ter feito uma boa exegese. Uma vez que pregação é tanto arte quanto acontecimento, e também sólida exegese, não há "regras" para escrever o sermão. Mas aqui vão algumas sugestões.

1. Pregação bíblica a partir do NT é, por definição, a tarefa de produzir um encontro entre as pessoas do século 21 com a Palavra de Deus que foi primeiramente falada ao primeiro século. A tarefa do exegeta é descobrir essa Palavra e seu significado para a igreja do primeiro século; a tarefa do pregador é conhecer bem o povo para o qual aquela Palavra será agora falada de novo. Portanto, bons sermões iniciarão por um desses lados: (1) com o texto bíblico que é, então, trazido para o horizonte do povo (mas isso precisa ser feito com muita habilidade para não entediar as pessoas até que se chegue onde elas estão); ou (2) com as necessidades das pessoas para quem esse texto falará (esse costuma ser o caminho "mais seguro").

2. Antes de escrever o sermão, o pregador deve sentar e se conscientizar de três coisas — por escrito — como orientação para o sermão:

a. O *principal tema* (ou temas) do texto bíblico que você pretende proclamar. [CUIDADO: Não se sinta na obrigação de tocar cada ponto exegético — apenas aqueles que contribuem para *este* sermão].
b. O *propósito* do presente sermão, i.e., como os pontos acima se aplicam.
c. A *reação* que se espera obter com o sermão.

3. A essa altura, um esboço deve ter surgido. Você fará bem se escrever o esboço e o mantiver à mão, junto com as três orientações, à medida em que o escreve.

4. Se o seu curso exigir um resumo, ou sumário, faça tudo o que foi indicado acima, e forneça conteúdo suficiente para que o seu professor possa não somente ver o seu esboço, como também "sentir" a urgência de sua mensagem.

6



A exegese e o texto original

Este capítulo está repleto de auxílios exegéticos que devem ser utilizados em diversos pontos ao longo do processo esboçado no Capítulo 5. O propósito de fazer isso já neste capítulo é duplo: (1) ajudar o estudante exegeta a não se "atolar" nos detalhes do Capítulo 5, para que não se vejam somente as árvores mas também a floresta; e (2) oferecer orientação real na abordagem dos componentes — como ler o aparato textual do texto grego; como beneficiar-se o máximo possível de uma pesquisa no léxico de Bauer etc.

Para muitos, passar por todo esse material será uma experiência comparável à de um crente pentecostal tentando adorar numa igreja litúrgica. No começo, ele dificilmente poderá adorar, porque não sabe quando deve virar a página ou ajoelhar. Mas, uma vez que as respostas motoras forem aprendidas, poderá então concentrar-se na adoração propriamente dita. Assim é com este capítulo. Os detalhes precisam ser aprendidos. A princípio eles parecem se intrometer no processo, ou talvez até pior, parecem ser tudo no processo — ou a parte mais significativa. No entanto, quando forem bem aprendidos, os momentos de "levantar ou ajoelhar" se tornarão mais automáticos.

Em contraste com o Capítulo 5, apresentaremos aqui vários *exemplos* de como proceder nos passos sugeridos. De fato, as várias seções deste capítulo pretendem funcionar como uma espécie de manual. Isso significa que, como qualquer manual, as seções não serão de leitura simples. Cada uma foi escrita com a intenção de que você (1) tenha experiência de "primeira mão" com os diversos métodos e ferramentas e (2) portanto, trabalhe com as próprias ferramentas, não apenas leia a respeito delas.

Os que não têm conhecimento de grego perceberão que podem trabalhar com a maior parte deste material, exceto as Seções 2 e 3. Para a Seção 2, encorajamos você a ler cuidadosamente os itens bibliográficos apresentados no início. Se você aprendeu o alfabeto grego, poderá também acompanhar essa seção por si

mesmo — pelo menos para saber o que está envolvido no processo. A Seção 3 é a parte na qual você não poderá trabalhar sem um conhecimento do grego. No entanto, essa seção foi escrita de tal forma que, se você estiver bem informado da terminologia gramatical e ler pausada e cuidadosamente, terá como tirar proveito de muita coisa e, especialmente, terá um entendimento básico das discussões sobre a gramática nos comentários, à medida que os consultar.

As Seções 1, 4, 5 e 6 podem ser trabalhadas por aqueles que não conhecem grego. Não estou dizendo que isso será fácil, mas se você deseja aprender o processo exegético, deverá ser capaz de passar por esses vários passos. Assim, é melhor que você aprenda a fazê-lo do mesmo modo que os estudantes que trabalham com a língua original. A experiência com estes métodos e material na sala de aula deixa claro que estudantes que não conhecem o grego, mas que se dedicam a aprender a fazer exegese, passam por todos esses passos tão bem quanto os que trabalham com a língua original.

Note: Em contraste com a maneira em que você lê a maioria dos livros nos quais os títulos das seções são saltados para que se vá imediatamente ao material de leitura, nesse capítulo *você terá de ler os títulos de cada seção e subseção com cuidado*. Na maioria dos casos, eles também servem de frase tópica para o(s) parágrafo(s) que os sucedem.

Para as Seções 2 a 4, você deve consultar também um livro especialmente útil, que o guiará ao longo de todas as ferramentas auxiliares e mostrará como utilizá-las.

BARBER, Cyril J. *Introduction to Theological Research*. Chicago: Moody Press, 1982.

1. ANÁLISE ESTRUTURAL (Veja cap. 5.4)

O propósito do Passo 4 no processo exegético é ajudá-lo a visualizar as estruturas do parágrafo e o fluxo do argumento, bem como forçá-lo a tomar algumas decisões gramaticais provisórias (sobre questões de gramática, e como a *sintaxe* está envolvida, veja a Seção 3, abaixo). O que se deseja aqui é a percepção do quadro mais amplo, as relações *sintáticas* das várias palavras e grupos de palavras. Na Seção 3, abaixo, examinaremos as diversas questões gramaticais relativas à morfologia — o significado dos casos, tempos etc. (Passo exegético 6).

Uma vez que este passo é um assunto individual, não existe certo ou errado aqui. Entretanto, os procedimentos esboçados abaixo poderão ser de imenso e duradouro benefício, se você dedicar tempo a aprendê-los bem. Obviamente você poderá — e deverá — adaptá-los ao seu estilo. O que você fizer deve ser, em última análise, prático e útil para você.

1.1 *Faça um esquema do fluxo das frases*

Provavelmente, a forma mais produtiva de análise estrutural é o esquema de frases. Essa é uma forma simplificada de diagramação, cujo objetivo é representar graficamente, abrindo parágrafo e subordinando o relacionamento entre as palavras e as orações numa passagem. Começa-se, no topo da margem esquerda da folha, com o sujeito e o predicado da primeira oração principal. Depois, o parágrafo vai crescendo até a margem direita, alinhando-se elementos de coordenação, um debaixo do outro, e abrindo parágrafo para os elementos subordinados ou modificadores. Um esquema gráfico das frases, portanto, incluirá os seguintes passos (1.1.1 até 1.1.5, abaixo), que serão ilustrados com base em 1Coríntios 2.6-7.

Aqueles que não conhecem o grego devem ser capazes de acompanhar o processo sem muita dificuldade. Para a sua conveniência, incluímos "traduções" em português bastante literais e básicas. Dessa forma, mesmo sem o grego, você poderá seguir os procedimentos (desde que, é claro, você saiba alguma coisa da gramática portuguesa!). Você descobrirá que isso é um exercício bastante proveitoso, mesmo que feito a partir de uma tradução portuguesa, desde que você use uma das traduções mais literais, tais como a ARC ou ARA — embora mesmo aqui algumas das decisões sintáticas já tenham sido tomadas por você. Portanto, será útil consultar um texto interlinear grego-português, no qual um equivalente português aparece embaixo de cada palavra grega do texto. Você pode utilizar:

> Scholz, Vilson; Bratscher, R. G. *Novo Testamento Interlinear Grego-Português.* São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

[*Note:* É melhor fazer seu trabalho inicial em rascunho, de forma a poder arranjar e rearranjar as frases, até *ver* as coordenações, simetrias, subordinações, contrastes etc.]

1.1.1. *Comece com o sujeito, o predicado e o objeto*

Normalmente, é mais proveitoso começar no alto da página do lado esquerdo, com o sujeito (se explícito) e o predicado da primeira oração principal, juntamente com o objeto (ou predicativo). Na maioria das vezes, é melhor rearranjar o grego pela ordem padrão do português: sujeito-verbo-objeto. Assim, em 1Coríntios 2.6 deve-se iniciar a primeira linha como segue:

λαλοῦμεν σοφίαν Nós falamos sabedoria	(Não é obrigatório rearranjar a ordem das palavras, mas você notará, quando chegar ao v. 7, que essas palavras são repetidas, e é melhor apresentá-las como elementos coordenados.)

Há duas exceções a esse procedimento:

a) É preciso ter o cuidado de não destruir as ênfases de um autor, ou os quiasmos elaborados a partir da ordem das palavras. Dessa forma, 1Coríntios 6.1 deveria começar com:

τολμᾷ τις ὑμῶν
Quem de vós se atreve?

e em 1Coríntios 3.17, provavelmente é bom manter a estrutura quiástica de Paulo (sujeito-objeto-verbo/verbo- objeto-sujeito):

(A)	(B)	(C)	(B)	(A)
εἴ τις	τὸν ναὸν τοῦ θεοῦ	φθείρει		
		φθειρεῖ	τοῦτον	ὁ θεός
Se alguém	o templo de Deus	destrói		
		destruirá	a este	Deus

b) O último exemplo também ilustra a segunda exceção, ou seja, quando o autor *inicia* a frase com uma partícula adverbial (especialmente εἰ, ἐάν, ὅτε, ὅταν, ὡς; se, quando, desde), é geralmente melhor começar o gráfico com essa partícula – mesmo que seja gramaticalmente uma unidade subordinada.

1.1.2. *Abra parágrafos para as orações subordinadas.*

Na representação gráfica sugerida, deve-se abrir parágrafo para todos os modificadores adverbiais (i.e., advérbios, frases preposicionais [incluindo a maior parte dos genitivos], frases participiais, e outras locuções adverbiais), frases adjetivadas, e frases nominais; preferivelmente, debaixo das palavras ou grupo de palavras modificadas.

a. *Advérbios* (exemplo: 1Ts 1.2):

εὐχαριστοῦμεν		τῷ θεῷ
	πάντοτε	
Nós damos graças		a Deus
	sempre	

b. *Frases preposicionais* (exemplo: 1Co 2.6):

λαλοῦμεν σοφίαν
ἐν τοῖς τελείοις

Nós falamos sabedoria
entre os maduros

c. *Genitivos* (exemplo: 1Co 2.6):

σοφίαν
οὐ τοῦ αἰῶνος τούτου
οὐδὲ τῶν ἀρχόντων
τοῦ αἰῶνος τούτου

sabedoria
não desta era
nem dos governantes
desta era

Observação: Diferentemente do diagrama de frases, um adjetivo ou pronome possessivo, em muitos casos (como no exemplo acima), acompanhará naturalmente o substantivo que está modificando.

d. *Particípios adverbiais* (exemplo: 1Ts 1.2):

εὐχαριστοῦμεν...
ποιούμενοι μνείαν

Nós damos graças...
quando fazemos menção

e. *Frase adverbial* (exemplo: 1Co 1.27):

ὁ θεὸς ἐξελέξατο τὰ μωρὰ
τοῦ κόσμου
ἵνα (Veja 1.1.4 abaixo sobre conjunções)
καταισχύνῃ τοὺς σοφούς

Deus escolheu as coisas loucas
do mundo
a fim de
envergonhar os sábios

f. *Frases adjetivadas* (exemplo: 1Co 2.6, em que um particípio atributivo funciona como uma frase adjetivada):

τῶν ἀρχόντων	dos governantes
τοῦ αἰῶνος τσύτου	desta era
τῶν καταργουμένων	que estão sendo reduzidos a nada

g. *Frase nominal* (exemplo: 1 Coríntios 3.16, onde a frase com ὅτι funciona como o objeto do verbo):

οὐκ οἴδατε ὅτι	
ἐστὲ ναὸς	
τοῦ θεοῦ	
Vós não sabeis que	
sois o templo	
de Deus?	

Observe bem: Nas narrativas onde há discurso direto, todo o discurso direto funciona de maneira similar – como o objeto do verbo de dizer. Assim é Marcos 4.11.

ἔλεγεν αὐτοῖς·		
	τὸ μυστήριον	δέδοται
	τῆς βασιλείας	ὑμῖν
Ele dizia a eles:		
	O mistério	é dado
	do reino	a vós

h. Os *infinitivos* criam algumas dificuldades.

A regra básica é: Se o infinitivo for complementar, mantenha-o na mesma linha que o seu regente modal; se ele funciona como uma frase verbal ou nominal, subordine-o como com as outras frases. Dessa forma, 1Coríntios 3.1.

κἀγὼ οὐκ ἠδυνήθην	λαλῆσαι	
	ὑμῖν	
E eu não pude	falar	
	a vós	

Mas 1Coríntios 2.2.

ἔκρινα
εἰδέναι οὔ τι
ἐν ὑμῖν

Eu resolvi
saber nem uma coisa
entre vós

1.1.3. *Mostre as coordenações com linhas.*

Deve-se procurar mostrar todas as coordenações (e.g., orações coordenadas, frases, palavras, ou pares de expressões equivalentes e contrastes) com linhas, ligando-as diretamente uma debaixo da outra, mesmo que às vezes esses elementos coordenados apareçam muito mais adiante na frase ou parágrafo. Observe as ilustrações a seguir:

1Coríntios 2.6 e 7 devem iniciar na margem esquerda:

λαλοῦμεν σοφίαν Nós falamos sabedoria
λαλοῦμεν σοφίαν Nós falamos sabedoria

Nas frases do v. 6, com οὐ ... οὐδέ (não ... nem), pode-se apresentar o equilíbrio de duas formas: Pela coordenação de dois genitivos entre si:

σοφίαν
οὐ τοῦ αἰῶνος τούτου
οὐδὲ τῶν ἀρχόντων
τοῦ αἰῶνος τούτου

sabedoria
não desta era
nem dos governantes
desta era

Ou pela coordenação da frase "desta era", que ocorre de novo no final do v. 7.

σοφίαν
οὔ τοῦ αἰῶνος τούτου
οὐδὲ τῶν ἀρχόντων
τοῦ αἰῶνος τούτου

sabedoria
não desta era
nem dos governantes
desta era

Em 1.1.2e acima, você observará que subordinamos ἵνα (a fim de), mas alinhamos ἐξελέξατο τὰ μωρὰ (ele escolheu as coisas loucas) e καταισχύνῃ τοὺς σοφούς (envergonhar os sábios). Dessa forma, os contrastes pretendidos são imediatamente visíveis.

Note: O problema da coordenação e subordinação é mais complexo quando existem diversos elementos modificando a(s) mesma(s) palavra(s), mas não estão, eles mesmos, coordenados entre si. Assim, em 1Coríntios 2.7 há duas frases preposicionais que modificam προώρισεν (ele predeterminou), mas que não estão coordenadas. Aqui, de novo, é uma questão de preferência pessoal. Você poderá coordenar as frases:

ὁ θεὸς προώρισεν Deus predeterminou
πρὸ τῶν αἰώνων antes das eras
εἰς δόξαν ἡμῶν para a nossa glória

Ou posicionar o segundo item um pouco mais à esquerda do que o primeiro (a fim de não sugerir subordinação de um ao outro):

ὁ θεὸς προώρισεν Deus predeterminou
πρὸ τῶν αἰώνων antes das eras
εἰς δόξαν ἡμῶν para a nossa glória

Observe: A coordenação de conjunções entre palavras e frases pode ser feita separadamente, ou entre as linhas ou à esquerda, sempre do modo que não atrapalhe o todo. Assim, 1Coríntios 2.3 pode ficar tanto deste modo:

ἐν ἀσθενείᾳ	em fraqueza
καὶ	e
ἐν φόβῳ	com temor
καὶ	e
ἐν τρόμῳ πολλῷ	com muito tremor

Ou:

	ἐν ἀσθενείᾳ		em fraqueza
καὶ	ἐν φόβῳ	e	com temor
καὶ	ἐν τρόμῳ πολλῷ	e	com muito tremor

1.1.4. *Isole indicadores estruturais.*

Todos os indicadores estruturais (i.e., conjunções, partículas, pronomes relativos e, às vezes, pronomes demonstrativos) devem ser isolados, acima ou à esquerda, e sublinhados para identificação. Isso permitirá o traçado de linhas (por exemplo) da conjunção à palavra ou grupo de palavras que coordena ou subordina.

Observe: Esse é um passo especialmente importante, pois muitas decisões cruciais em termos de sintaxe e gramática devem ser tomadas nessa altura. Por exemplo, este δέ é consecutivo (sinalizando continuação) ou adversativo (implicando antítese)? A que este οὖν (portanto) ou γάρ (pois) se referem? Será inferencial (levando a uma conclusão) ou causal (dando uma razão), e em que base teria sido dito acima? Este ὅτι ou ἵνα introduz uma frase apositiva (epexegese) ou uma frase adverbial?

Assim, em 1Coríntios 2.6:

	δὲ		mas
λαλοῦμεν	σοφίαν	nós falamos	sabedoria

(Em uma nota [veja 1.1.6 abaixo] deve-se observar algo semelhante ao que segue: Este δέ é adversativo, provavelmente em relação a 1.18—2.5, mas especialmente a 2.4-5, onde Paulo nega ter falado em palavras de sabedoria persuasiva.)

Também no v. 6:

λαλοῦμεν	σοφίαν	nós falamos	sabedoria
	|		|
ἐν τοῖς τελείοις		entre os maduros	
	|		|
	δέ		mas
	σοφίαν...		sabedoria...

Também no v. 6, observe que τῶν com καταργουμένων funciona como um pronome relativo. Assim:

τῶν ἀρχόντων	dos governantes
τοῦ αἰῶνος τούτου	desta era
τῶν καταργουμένων	que estão sendo reduzidos a nada

1.1.5. *Faça um esquema de cores para palavras e temas repetidos.*
Depois que o parágrafo foi reescrito do modo visto acima, é possível que se queira voltar e marcar os temas que se repetem com cores diferentes, de modo a traçar os assuntos e idéias cruciais para o fluxo do argumento. Assim, o gráfico finalizado de 1Coríntios 2.6-7 deveria se parecer com o que segue:

δὲ
λαλοῦμεν σοφίαν
ἐν τοῖς τελείοις
δὲ
σοφίαν
οὐ τοῦ αἰῶνος τούτου
οὐδὲ τῶν ἀρχόντων
τοῦ αἰῶνος τούτου
τῶν καταργουμένων
ἀλλὰ
λαλοῦμεν σοφίαν
ἐν μυστηρίῳ θεοῦ
τὴν ἀποκεκρυμμένην
ἣν
ὁ θεὸς προώρισεν
πρὸ τῶν αἰώνων
εἰς δόξαν ἡμῶν
ἣν
οὐδεὶς ἔγνωκεν
τῶν ἀρχόντων
τοῦ αἰῶνος τούτου

Mas
Nós falamos sabedoria
entre os maduros
mas
sabedoria
não desta era
nem dos governantes
desta era
que estão sendo reduzidos a nada

Mas
Nós falamos sabedoria
em mistério de Deus
que esteve oculta
que
Deus predeterminou
antes das eras
para nossa glória
que
nenhum conheceu
dos governantes
desta era

Observe: Existem três temas que devem ser destacados:

1. Paulo e os crentes de Corinto: λαλοῦμεν (falamos), ἐν τοῖς τελείοις (entre os maduros), λαλοῦμεν (nós falamos), εἰς δόξαν ἡμῶν (para nossa glória);

2. Aqueles que, em contraste, são desta era: οὐ τοῦ αἰῶνος τούτου (não desta era), οὐδὲ τῶν ἀρχόντων etc. (nem dos governantes etc.), τῶν καταργουμένων (que estão sendo reduzidos a nada), οὐδεὶς ἔγνωκεν etc. (nenhum dos governantes etc., conheceu);

3. As descrições da sabedoria de Deus: σοφίαν θεοῦ (sabedoria de Deus), ἐν μυστηρίῳ (em mistério), τὴν ἀποκεκρυμμένην (que esteve oculta), ἣν ὁ θεὸς προώρισεν πρὸ τῶν αἰώνων (que Deus predeterminou antes das eras).

1.1.6. *Apresente o argumento por meio de anotação.*

Os exemplos a seguir são apresentados não somente para ilustrar o processo, mas também para mostrar como a diagramação estrutural ajuda no processo exegético como um todo.

Exemplo 1. Na estruturação do fluxo das frases de Lucas 2.14, pode-se notar como as estruturas podem ser arranjadas de forma diferente, e como um arranjo da estrutura pode auxiliar na tomada de decisões textuais, feitas no Passo 5 do processo exegético (cap. 5.5). Você observará que o texto de NA[27] vê, corretamente, esse versículo como poesia semítica (que se distingue, lembre-se, pelo emprego de paralelismo, não necessariamente pela métrica ou rima), e o apresenta assim:

δόξα ἐν ὑψίστοις θεῷ
καὶ ἐπὶ γῆς εἰρήνη
ἐν ἀνθρώποις εὐδοκίας

Existe uma variação textual entre εὐδοκίας (gen. = "de boa-vontade") e εὐδοκία (nom. = "boa-vontade"). Se o texto original fosse εὐδοκία (nominativo), então se teria o que parecem ser três linhas em equilíbrio:

δόξα θεῷ	Glória a Deus
ἐν ὑψίστοις	nas alturas
καὶ	e
εἰρήνη	paz
ἐπὶ γῆς	na terra
εὐδοκία	boa-vontade
ἐν ἀνθρώποις	entre os homens

Mas a análise mais cuidadosa revelará que a poesia se rompe em alguns pontos nesse arranjo. Primeiro, apenas a linha que começa com δόξα tem três componentes. Embora esse fato não seja crucial para a poesia, o segundo é, ou seja, a presença de καί entre as linhas 1 e 2, e sua ausência entre as linhas 2 e 3. Se, porém, o texto original for εὐδοκίας, então tem-se bom paralelismo:

δόξα	Glória
θεῷ	a Deus
ἐν ὑψίστοις	nas alturas
καὶ	e
εἰρήνη	paz
ἐπὶ γῆς	na terra
ἐν ἀνθρώποις	entre os homens
εὐδοκίας	de boa-vontade

Nesse caso, εὐδοκίας não rompe o paralelismo; meramente serve como modificador adjetivado de ἀνθρώποις (homens): ou caracterizados por boa-vontade, ou favorecidos por Deus (veja 3.3.1). Observe também que eu tentei manter os paralelos reais em coordenação (a Deus/entre os homens; nas alturas/na terra).

Exemplo 2. Não raro, decisões exegéticas-chave se impõem a você no processo do diagrama do fluxo das frases. Quando isso acontecer, provavelmente é melhor consultar os auxílios exegéticos imediatamente (veja 3.2), e tentar chegar a uma decisão, mesmo que elas sejam depois abordadas no passo seguinte. Assim, em 1Tessalonicenses 1.2-3 há três decisões desse tipo, que têm a ver com a posição dos modificadores:

1. Onde se deve posicionar πάντοτε (sempre) e περὶ πάντων ὑμῶν (por todos vós)? Com εὐχαριστοῦμεν (damos graças) ou μνείαν ποιούμενοι (fazendo menção)?

2. Onde se deve posicionar ἀδιαλείπτως (incessantemente)? Com μνείαν ποιούμενοι (fazendo menção) ou com μνημονεύοντες (lembrando)? Nada disso afeta muito o sentido, mas afetará a tradução (e.g., compare a NVI e a NTLH quanto à segunda opção). Todavia, a terceira tem alguma relevância exegética.

3. Quem está ἔμπροσθεν τοῦ θεοῦ (diante de Deus)? É Paulo que está orando diante de Deus quando lembra dos tessalonicenses? Ou é Jesus, agora na presença de Deus?

Decisões como essas não são sempre fáceis de tomar, mas em geral devem ser resolvidas com base (a) no uso paulino em outros lugares, ou (b) no melhor sentido no contexto presente, ou (c) no que resulta no melhor equilíbrio de idéias.

Portanto, as duas primeiras questões podem ser resolvidas com base no uso paulino. Em 2Tessalonicenses 1.3; 2.13 e 1Coríntios 1.4, πάντοτε se relaciona, sem nenhuma ambigüidade, com uma forma anterior de εὐχαριστεῖν. Parece não haver necessidade de pensar em qualquer outra razão aqui. Assim também com ἀδιαλείπτως, que em Romanos 1.9 se relaciona com μνείαν ... ποιοῦμαι.

No entanto, a decisão acerca de ἔμπροσθεν τοῦ θεοῦ não é fácil. Em 1Tessalonicenses 3.9 Paulo diz que exulta ἔμπροσθεν τοῦ θεοῦ. Esse uso, mais todo o contexto de 1Tessalonicenses 1.2-6, tende a apontar para Paulo mesmo como aquele que está lembrando seus leitores ἔμπροσθεν τοῦ θεοῦ, apesar da distância do particípio ao qual modifica.

O texto, portanto, será diagramado como segue:

εὐχαριστοῦμεν τῷ θεῷ
πάντοτε
περὶ πάντων ὑμῶν

ποιούμενοι μνείαν
ἀδιαλείπτως
ἐπὶ τῶν προσευχῶν ἡμῶν

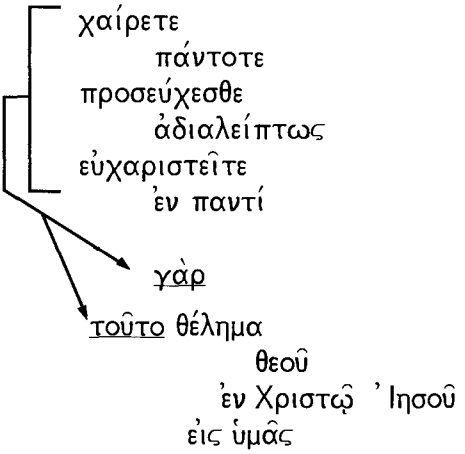
μνημονεύοντες ὑμῶν τοῦ ἔργου
τῆς πίστεως
καὶ τοῦ κόπου
τῆς ἀγάπης
καὶ τῆς ὑπομονῆς
τῆς ἐλπίδος
τοῦ κυρίου ἡμῶν
Ἰησοῦ Χριστοῦ
ἔμπροσθεν τοῦ θεοῦ καὶ πατρὸς ἡμῶν

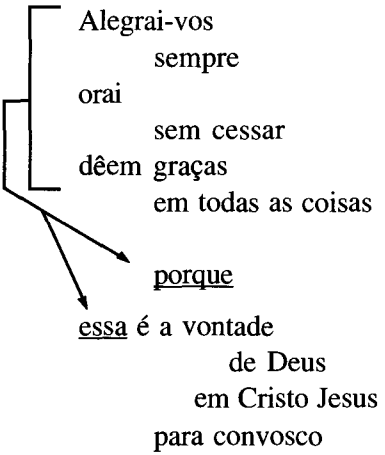
Nós damos graças a Deus
sempre
por todos vós

fazendo menção
continuamente
em nossas orações

lembrando o vosso trabalho
de fé
e labor
de amor
e perseverança
de esperança
em nosso Senhor
Jesus Cristo
diante de nosso Deus e Pai

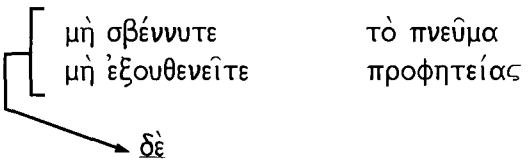
Exemplo 3. O diagrama mostrando 1Tessalonicenses 5.16-18 e 19-22, abaixo, demonstra como a estrutura, propriamente dita, e as decisões tomadas em 1.1.3 e 1.1.4 conduzem a uma exegese apropriada da passagem.



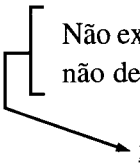


A questão aqui é se τοῦτο (essa) se refere somente ao terceiro membro acima ou, mais provavelmente, aos três membros.

Deveria ficar claro, por esse diagrama, que não temos aqui três imperativos em série, mas um conjunto de três, e todos eles constituem a vontade de Deus para o crente. Essa observação sugere que se espere por um grupo na próxima série também, que pode ser apresentada como:



δοκιμάζετε πάντα
κατέχετε τὸ καλόν
ἀπέχεσθε
ἀπὸ παντὸς εἴδους
πονηροῦ



Não extingais o espírito
não desprezeis profecias

mas

ponde à prova todas as coisas
apegai-vos ao bem
abstende-vos
de toda forma
de mal

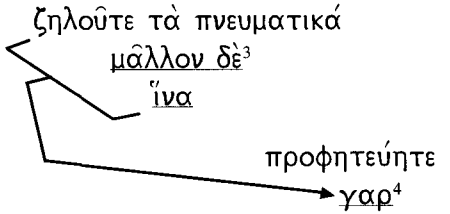
Observe como a adversativa δέ (mas) é crucial para o que segue. Veja, também, que os dois últimos imperativos não se coordenam com δοκιμάζετε (ponde à prova), mas estão coordenados entre si como os dois resultados de δοκιμάζετε.

Finalmente, é possível que se queira refazer tudo isso, colocando todo o texto na forma final e traçando o fluxo do argumento com anotações na margem direita, como no exemplo a seguir.

Exemplo 4. A apresentação abaixo de 1Coríntios 14.1-4 demonstra como todos os passos resultam num diagrama completo da estrutura de um parágrafo (o v. 5 foi omitido por razões de espaço), incluindo as anotações:

(1) διώκετε τὴν ἀγάπην[1]

δὲ[2]



ζηλοῦτε τὰ πνευματικά
μᾶλλον δὲ[3]
ἵνα

προφητεύητε
γαρ[4]

(2) ὁ λαλῶν γλώσσῃ → λαλεῖ[5]
γὰρ
οὐκ ἀνθρώποις
ἀλλὰ θεῷ
οὐδεὶς ἀκούει
δὲ
λαλεῖ μυστήρια
πνεύματι

δὲ[6]

(3) ὁ προφητεύων λαλεῖ
ἀνθρώποις
οἰκοδομὴν
καὶ παράκλησιν
καὶ παραμυθίαν

(4) ὁ λαλῶν γλώσσῃ οἰκοδομεῖ ἑαυτὸν[7]

δὲ

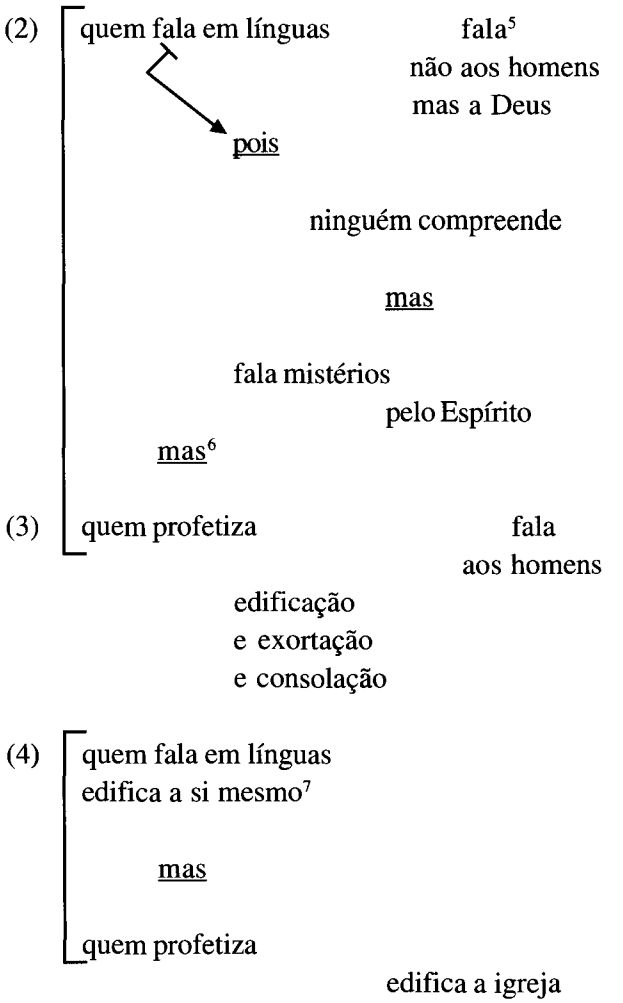
ὁ προφητεύων οἰκοδομεῖ ἐκκλησίαν

(1) Buscai o amor[1]

e[2]

desejai os dons espirituais

mas antes[3]
que
profetizeis
pois[4]



Três temas precisam de destaque em cores: προφητεύειν (profetizar), λαλεῖν γλώσσῃ (falar em línguas), οἰκοδομ– (edificar, edificação).

Notas:

1. Este imperativo vem logo após o cap. 13.

2. O δέ aqui é consecutivo e retoma a ênfase do cap. 12 (veja a repetição de ζηλοῦτε, de 12.31).

3. Agora Paulo chega ao que é urgente, e que não foi sugerido até este ponto. Ele quer dons inteligíveis na comunidade. Por isso, aponta para a profecia em contraste com as línguas, que é a questão em Corinto.

4. O γάρ é explicativo, introduzindo a razão de μᾶλλον δὲ ἵνα ...

5. Paulo começa com o tema favorito dos coríntios, línguas, e explica por que é preciso arrefecê-lo na comunidade. Entretanto, ele claramente afirma as línguas como possibilidade para o indivíduo. O que fala em línguas (a) fala a Deus, e (b) fala mistérios pelo Espírito (cf. 14.28b). Cf. v. 4, onde Paulo diz que aquele que fala em línguas edifica a si mesmo.

6. Na igreja, porém, deve-se aprender a falar para o benefício dos outros. (Os três substantivos, que são os objetos do verbo, funcionam de modo a expressar propósito e dão orientações para a validade de pronunciamentos espirituais; mas o único que é retomado na discussão que segue é οἰκοδομήν.)

7. Mais uma vez, mas agora com οἰκοδομήν como a chave para o contraste. Observe que a edificação de si mesmo não é algo negativo para Paulo — exceto quando acontece na comunidade.

2. ESTABELECENDO O TEXTO (Veja cap. 5.5)

O primeiro tipo de material de nossa "lista provisória de dificuldades exegéticas" (veja 5.3.2) que precisa ser investigado tem a ver com o texto original. Qual das variantes encontradas na tradição manuscrita representa, mais provavelmente, as palavras do autor bíblico? A presente seção tem como objetivo ajudá-lo a aprender o processo pelo qual se toma esse tipo de decisão. Visto que esse campo de estudo costuma ser muito técnico, sua primeira preocupação deveria ser compreender o material suficientemente bem de maneira a você se sentir à vontade com as discussões textuais nas várias fontes secundárias.

Esta parte pretende ser útil para você de duas maneiras: (1) ensinando a ler os aparatos nas duas edições básicas do NT grego: a edição Nestle-Aland, *Novum Testamentum Graece*, 27.ª edição (NA^{27}), ALAND, K. *et al.*, eds. Stuttgart: Deutsche Bibelgeselschaft, 1993; e a edição da United Bible Societies, *The Greek New Testament*, 4.ª edição (UBS^{4}), ALAND, B. *et al.*, eds. Nova York: United Bible Societes, 1993; e (2) ilustrando o processo da tomada de decisões depois de passar por diversos passos. As ilustrações serão tiradas de três conjuntos de variantes em João 3.15 e 13.

2.1. Aprenda bem alguns conceitos básicos da crítica textual do NT

A discussão nesta seção presume que você tenha lido cuidadosamente um dos resumos panorâmicos abaixo:

FEE, Gordon D., "The Textual Criticism of the New Testament", in: GAEBELEIN, Frank E., ed. *The Expositor's Bible Commentary.* Grand Rapids: Zondervan, 1979, p. 419-33.

METZGER, Bruce M. *A Textual Commentary on the Greek New Testament.* 2d ed. Nova York: United Bible Societies, 1994, p. 1*-16*. [JAF 113].

HOLMES, Michael W. "Textual Criticism", in *New Testament Criticism and Interpretation*, ed. David Alan Black e D. S. Dockery. Grand Rapids: Zondervan, 1991. p. 101-34.

Em português:

PAROSCHI, W. *Crítica Textual do Novo Testamento.* 2. ed. Vida Nova, 1999.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. "Crítica Textual" in *Metodologia de Exegese Bíblica.* Paulinas, 2003. p. 45-47, 53-65.

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo.* Hagnos. v. 1, p. 86-125.

BARRERA, J.T. "Crítica textual do Novo Testamento" in *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã.* Vozes, 1996. p. 485-499.

BIRDSAL, J. N. Artigo "Texto e Versões". In *O Novo Dicionário da Bíblia.* Vida Nova, 2006.

DOCKERY, David S. (ed.) art. "As diferenças nos manuscritos da Bíblia" in *Manual Bíblico Vida Nova.* Vida Nova, 2001. p. 138-.

Para um estudo mais abrangente de todas as questões envolvidas nesta disciplina, você deve ler:

METZGER, Bruce M. *The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption, and Restoration.* 3ª ed. aum. Nova York: Oxford University Press, 1992. [JAF 94].

ALAND, Kurt e ALAND, Barbara. *The Text of the New Testament: An Introduction to the Critical Editions and to the Theory and Practice of Modern Textual Criticism.* 2.ª ed; trad. por E. F. Rhodes. Grand Rapids: Eerdmans, 1989.

Não é nossa intenção aqui repassar todo esse material de novo. Alguns aspectos básicos, porém, precisam ser bem aprendidos:

2.1.1. A palavra *variante*, ou *unidade de variação*, refere-se àqueles lugares em que dois ou mais manuscritos (MSS) gregos, ou outra evidência, apresentam diferenças de redação quando comparados.

2.1.2. Todas as *variantes* ou são *acidentais* (equívocos de visão, ouvido ou mente) ou *deliberados* (no sentido de que o copista, consciente ou inconscientemente, tentou "melhorar" o texto que estava copiando).

2.1.3. Toda variante é de um dos quatro tipos abaixo:

1. *Adição*: Um escriba (copista) adicionou uma ou mais palavras ao texto que estava copiando. Na NA[27] o sinal de "adição" é ⸆ (veja p. 52* da Introdução da NA[27]). Isso significa que os MSS alistados no aparato, *depois* desse sinal, têm algumas palavras adicionais que *não* se encontram nos MSS que a NA[27] segue neste ponto.

2. *Omissão*: Um escriba omitiu uma ou mais palavras do texto que estava copiando. Na NA[27] os sinais ° e ⸇ são usados para "omissões" (° para uma palavra; ⸇ para duas ou mais). (Deve-se observar que depende da perspectiva de cada um se uma palavra é "adicionada" ou "omitida". Se o MS A tem uma palavra não encontrada no MS B, então ou A "adicionou" alguma coisa a um texto como B, ou, ao contrário, B "omitiu" algo de um texto como A).

3. *Transposição*: Um escriba alterou a ordem das palavras (ou, às vezes, a ordem das frases) do texto do qual estava copiando. Na NA[27] o sinal para transposições é ⸉⸊ (ou, às vezes, ⸌ , quando existe também "substituição").

4. *Substituição*: Um escriba substituiu uma palavra ou palavras, por outra ou outras no texto que estava copiando. O sinal para isso é ⸢ (para uma palavra) ou ⸌ (para duas ou mais palavras).

2.1.4. As *causas* das variações são muitas.

Variações *acidentais* são basicamente o resultado de equívocos de visão, ouvido ou mente. Variações *deliberadas* podem ser atribuídas a uma diversidade de causas: harmonização, esclarecimento, simplificação, melhoria do estilo do grego, ou teologia. *Observe bem:* A vasta maioria de variantes "deliberadas" foram tentativas de "melhorar" o texto de alguma forma — para torná-lo mais legível e/ou compreensível.

2.1.5. O *objetivo* da crítica textual é determinar, se possível, que leitura em determinado ponto de variação seria provavelmente o texto original, e quais leituras seriam erradas.

Observe bem: Nem todas as variantes textuais no aparato do NA[27] têm significado exegético, no sentido de que o significado do texto é afetado de algum modo. A tarefa do Passo 5 no processo exegético (cap. 5.5) é o estabelecimento do texto original para todas as unidades de variação. No entanto, somente aquelas que representam mudança de sentido deverão ser discutidas na sua monografia exegética; e, ainda assim, é necessário aprender a discriminar as variantes que requerem uma discussão exegética mais profunda e as que podem ser comentadas apenas de passagem. A habilidade de discriminar vem com a experiência. Algumas sugestões surgirão da discussão que segue abaixo.

3 ἀπεκρίθη ⊤ Ἰησοῦς καὶ εἶπεν αὐτῷ· ἀμὴν ἀμὴν λέγω σοι, ἐὰν μή τις γεννηθῇ ἄνωθεν, οὐ δύναται ἰδεῖν τὴν βασιλείαν τοῦ θεοῦ. **4** λέγει πρὸς αὐτὸν ○[ὁ] Νικόδημος· πῶς δύναται ⌜ἄνθρωπος γεννηθῆναι γέρων ὤν⌝; μὴ δύναται εἰς τὴν κοιλίαν τῆς μητρὸς αὐτοῦ δεύτερον εἰσελθεῖν καὶ γεννηθῆναι; **5** ἀπεκρίθη ⊤ Ἰησοῦς· ἀμὴν ἀμὴν λέγω σοι, ἐὰν μή τις ⌜γεννηθῇ ἐξ □ὕδατος καὶ⌝ πνεύματος, οὐ δύναται ⌜εἰσελθεῖν εἰς⌝ τὴν βασιλείαν ⌜τοῦ θεοῦ⌝. **6** τὸ γεγεννημένον ἐκ τῆς σαρκὸς σάρξ ἐστιν, καὶ τὸ γεγεννημένον ἐκ τοῦ πνεύματος πνεῦμά ἐστιν. **7** μὴ θαυμάσῃς ὅτι εἶπόν σοι· δεῖ ὑμᾶς γεννηθῆναι ἄνωθεν. **8** τὸ πνεῦμα ὅπου θέλει πνεῖ καὶ τὴν φωνὴν αὐτοῦ ἀκούεις, ἀλλ' οὐκ οἶδας πόθεν ἔρχεται καὶ ποῦ ὑπάγει· οὕτως ἐστὶν πᾶς ὁ γεγεννημένος ἐκ ⊤ τοῦ πνεύματος. **9** ἀπεκρίθη Νικόδημος καὶ εἶπεν αὐτῷ· πῶς δύναται ταῦτα γενέσθαι; **10** ἀπεκρίθη Ἰησοῦς καὶ εἶπεν αὐτῷ· σὺ εἶ ὁ διδάσκαλος τοῦ Ἰσραὴλ καὶ ταῦτα οὐ γινώσκεις; **11** ἀμὴν ἀμὴν λέγω σοι ὅτι ὃ οἴδαμεν λαλοῦμεν καὶ ὃ ἑωράκαμεν μαρτυροῦμεν, καὶ τὴν μαρτυρίαν ἡμῶν οὐ λαμβάνετε. **12** εἰ τὰ ἐπίγεια εἶπον ὑμῖν καὶ οὐ πιστεύετε, πῶς ἐὰν εἴπω ὑμῖν τὰ ἐπουράνια ⌜πιστεύσετε; **13** καὶ οὐδεὶς ἀναβέβηκεν εἰς τὸν οὐρανὸν εἰ μὴ ὁ ἐκ τοῦ οὐρανοῦ καταβάς, ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου⊤. **14** Καὶ καθὼς Μωϋσῆς ὕψωσεν τὸν ὄφιν ἐν τῇ ἐρήμῳ, οὕτως ὑψωθῆναι δεῖ τὸν υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου, **15** ἵνα πᾶς ὁ πιστεύων ⌜ἐν αὐτῷ⌝ ⊤ ἔχῃ ζωὴν αἰώνιον. **16** οὕτως γὰρ ἠγάπησεν ὁ θεὸς τὸν κόσμον, ὥστε τὸν υἱὸν ⊤ τὸν μονογενῆ ἔδωκεν, ἵνα πᾶς ὁ πιστεύων εἰς αὐτὸν μὴ ἀπόληται ἀλλ' ἔχῃ ζωὴν αἰώνιον. **17** οὐ γὰρ ἀπ-

Jc 1,17! · 1J 4,7! 1P 1,23 · Mt 18,3

Ez 36,25-27 1K 6.11; 12,13 Tt 3,5! 2P 1,11

1,13 R 8,5-9 1K 15,50 G 6,8

8,14; 14,17 Eccl 11,5 Sir 16,21

L 1,34

9,30 R 2,20s

32; 5,19; 8,26.38. 40; 15,15 1J 1,1-3 L 22,67! | Sap 9,16

1K 15,40!

31; 6,62; 20,17 Prv 30,4 Dt 30, 12 Bar 3,29 4Esr 4,8 Sap 18, 15s E 4,9s · 1,51! R 10,6 · 31; 6,62 Nu 21,8s · 8,28; 12,32.34 Is 52,13 · 36

R 5,8

18; 1,14.18 R 8, 32 H 11,17 1J 4,9· 5,24!

¶ **3,3** ⊤o ℵ A N Δ Θ *f*13 33. 579. *l* 2211 *pm* ¦ *txt* 𝔓66.75 B K L Ws Γ Ψ 050. 083 *f*1 565. 700. 892. 1241. 1424. *l* 844 *pm* • **4** ○ 𝔓66.75 B L N Ws Θ Ψ 050. 579. *l* 2211 *pm* ¦ *txt* ℵ A K Γ Δ *f*1.13 565. 700. 892. 1241. 1424. *l* 844 *pm* | ⌜ *2 1 3 4* 𝔓66 *pc* j ¦ *1 3 4 2* ℵ *pc* ¦ ανθ. γεν. ανωθεν γερ. ων H *pc* aur e f • **5** ⊤o B L N *f*13 33. 1424 *al* | ⌜renatus fuerit lat; Orlat | □ [Wendt *cj*] | ⌜ (3) ιδειν ℵ* *pc* aur boms | ⌜ των ουρανων ℵ* 0141 *pc* e • **8** ⊤ (5) του υδατος και ℵ it sys.c • **12** ⌜-ευετε 𝔓75 050. 083. 579. *l* 2211 *pc* aur ff2 l vgmss bopt • **13** ⊤o ων (ος ην e syc) εν τω ουρανω A(*) Θ Ψ 050 *f*1.13 𝔐 latt syc.p.h bopt; Epiphpt ¦ ο ων εκ του ου-νου θ141 *pc* sys ¦ *txt* 𝔓66.75 ℵ B L T Ws 083. 086. 33. 1241 *pc* co; Eus Epiphpt • **15** ⌜επ αυτω 𝔓66 L *pc* ¦ εις (επ A) αυτον 𝔓63vid ℵ A Θ Ψ 086 *f*1.13 33 𝔐 ¦ *txt* 𝔓75 B T Ws 083. (579). *l* 2211pt *pc* aur c l r1 vgst.ww | ⊤ (16) μη απολητα αλλ 𝔓63 A Θ Ψ *f*13 𝔐 lat sys.p.h boms ¦ *txt* 𝔓36.66.75 ℵ B L T Ws 083. 086 *f*1 33. 565. *l* 2211pt *pc* a fc syc co • **16** ⊤αυτου 𝔓63 ℵ2 A L T Θ Ψ 083. 086 *f*1.13 33 𝔐 latt sy; Did ¦ *txt* 𝔓66.75 ℵ* B Ws

2.2. Organize cada uma das variantes textuais com base em sua evidência de apoio

Ainda que, depois de muita prática, se possa aprender a fazer isso simplesmente olhando para os aparatos, é melhor, no começo, anotar esses dados para estudo pessoal. Vamos começar com as variantes em João 3.15 no texto de Nestle-Aland (p. 258). A primeira variante é sinalizada com ᶜ ao redor de ἐν αὐτῷ (nele); a segunda com ᵀ depois de αὐτῷ.

Para a primeira unidade de variação (ἐν αὐτῷ etc.) você encontrará três variantes básicas alistadas no aparato, com a respectiva evidência de apoio. [Observe que mais duas variantes se encontram entre parênteses: segundo UBS^4, 579 lê αὐτῷ somente, enquanto A lê ἐπ' αὐτόν . — na NA^{27}, parênteses neste ponto do aparato significam que a palavra grega, ou as palavras, dentro dos parênteses deveriam substituir (ou, tendo um sinal de "mais", deveriam ser adicionadas) a palavra ou palavras imediatamente precedentes e, assim, formar outra variante. Você também notará que as testemunhas entre parênteses estão repetidas na lista para a variante básica.] Isso significa que os editores consideram A como apoio para a variante εἰς αὐτόν; entretanto, isso é problemático, então, para os propósitos textuais, ἐπ' αὐτόν deveria ser considerado como uma outra variante. Você também deve notar que, no NA^{27}, a leitura do texto, quando aparecer no aparato, será sempre alistada como o item final. Essa informação pode ser apresentada como segue:

(1)	ἐν αὐτῷ (nele)	P^{75} B W^{s} 083 pc aur c l r vg$^{st.ww}$
(2)	ἐπ' αὐτῷ (nele)	P^{66} L *pc*
(3)	αὐτῷ (a ele)	579
(4)	εἰς αὐτόν (para ele)	P^{63vid} ℵ Θ Ψ 086 f$^{1.13}$ 33 𝔐
(5)	ἐπ' αὐτόν (nele)	A

A evidência de apoio pode ser interpretada por meio da leitura das p. 54*-59* e 63*-76* na Introdução do NA^{27}, e pela verificação das informações sobre os manuscritos nas p. 684-718. Assim, por exemplo, a variante 1 é apoiada por P^{75} (um papiro do terceiro século), B (um uncial do quarto século), W^{s} (o texto oriundo de outra fonte para este uncial do quinto século), 083 (um uncial do sexto

ou sétimo século), mais uns poucos manuscritos e quatro manuscritos da Vetus Latina. (Veja p. 96-180 no *Text* de Aland para obter informação valiosa sobre vários manuscritos.) Dessa forma, pode-se analisar brevemente o apoio para cada uma das variantes. Observe que o gótico 𝔐ᵗ, alistado para a variante 2, inclui a vasta maioria dos MSS gregos tardios. (Veja p. 55*)

[Uma palavra sobre o testemunho de P^{63} e a sigla ^{vid} (= aparentemente): Esse fragmento de papiro do sexto século tem uma lacuna (buraco) que torna impossível determinar se a preposição antes de αὐτόν é ΕΙΣ ou ΕΠ'. Editores antigos, incluindo NA^{26}, pensavam que mais provavelmente tratava-se de um επ', que ainda aparece no aparato de UBS^4. Mas estudos mais recentes têm assumido que desde que ele lê também as palavras adicionais μὴ ἀπόληται ἀλλ', ele deve provavelmente apoiar o texto majoritário aqui também.]

A segunda unidade de variação pode ser apresentada da mesma maneira. (O 16 entre parênteses neste caso indica uma possível assimilação ao v. 16).

(1) μὴ ἀπόληται ἀλλ' (não perecerá mas)	P^{63} A Θ Ψ f^{13} 𝔐ᵗ lat $s^{s.p.h}$ bo^{ms}
(2) *omite*	P^{36} P^{66} P^{75} ℵ B L W^{s} 083 086 0113 f^{1} 33 565 *pc* a f^{c} sy^{c} co

Neste caso, existem duas testemunhas adicionais das versões. Por exemplo, a variante 2 é apoiada pelo MS "a" da antiga versão latina (*Vetus Latina*), que é do 4º século, e pelo revisor do MS "f" da *Vetus Latina* (o MS f é do sexto século), por um manuscrito da antiga versão siríaca (a *Curetoniana*) e pelas versões coptas (exceto por um MS da *Bohaírica*).

Para mais informações a respeito de outras testemunhas de apoio textual, pode-se consultar a UBS^4. Porque essa edição foi preparada especialmente para tradutores, ela tem menos unidades de variação em seu aparato; aquelas que aparecem foram escolhidas basicamente por terem sido consideradas importantes para exegese e tradução. Portanto, somente a primeira das duas unidades em João 3.15 aparece na UBS^4. Duas coisas devem ser conhecidas sobre essa evidência adicional:

a) Embora a evidência grega e versional da UBS^4 seja, em geral, altamente confiável, você notará que há dois conflitos com a NA^{27} (e com P^{63vid} nesse exemplo). Em casos como esse, a edição de Nestle-Aland pode ser considerada detentora do aparato mais confiável, já que ele foi profundamente retrabalhado para esta edição.

b) Os editores do texto da UBS indicam que revisaram completamente a evidência patrística e que, portanto, "a informação apresentada é tão confiável quanto qualquer informação nessa área difícil pode ser" (p. 19*). A realidade, porém, fica muito aquém dessa declaração ambiciosa. O uso de edições não críticas de alguns Pais e a ausência geral de avaliação dessa evidência são muito prejudiciais (p. ex., o caso das quatro listas de Cirilo de Alexandria). Sobre toda essa questão, veja G. D. Fee, "The Use of Greek Patristic Citations in New Testament in New Testament Textual Criticism: The State of the Question", in *Studies in the Theory and Method of New Testament Textual Criticism*, com Eldon J. Epp (Studies and Documents 45: Grand Rapids: Eerdmans, 1993), p. 344-59. Assim, a evidência patrística de UBS deve ser usada com grande cautela, especialmente quando se quer usá-la para provar algo.

Para mais informações acerca da evidência de apoio textual deve-se consultar a edição de Tischendorf [JAF 122] ou, se houver muito interesse, a edição de von Soden [JAF 121]. Informações para a leitura desses dois aparatos podem ser encontradas no livro de GREENLEE, *An Introduction to the New Testament Textual Criticism*. Ed. rev. Peabory, Mass.: Hendrickson Publisbhers, 1995 [JAF 89].

Agora você está preparado para avaliar as variantes com base nos critérios externos e internos (veja METZGER, *Textual Commentary*, p. 10*-14*). Antes, porém, de prosseguir, deve-se observar que a primeira variante em João 3.15 *não* teria sido fácil para um estudante resolver sozinho. Ela foi escolhida parcialmente por essa razão: introduzir o estudante aos tipos de questões que precisam ser tratadas e os tipos de decisões que precisam ser tomadas.

2.3. Avalie cada uma das variantes pelos critérios de julgamento da evidência externa

Esses critérios são apresentados no livro *Textual Commentary*, p. 11*-12*, de Metzger. São basicamente quatro:

2.3.1. Determine a data das testemunhas que favorecem cada variante.
A questão aqui tem a ver principalmente com a evidência textual mais antiga — todos os cursivos são do 10º século em diante. Algumas variantes possuem evidência de apoio textual mais antiga do que outras? Alguma das variantes tem a maioria das testemunhas mais antigas? Alguma das variantes *não* tem apoio em MSS primitivos?

2.3.2. Determine a distribuição geográfica das testemunhas textuais (especialmente as mais primitivas) que favorecem cada variante.

A importância deste critério é que, se determinada variante tem apoio antigo e geograficamente amplo, é altamente provável que essa leitura seja muito primitiva e próxima do original, podendo ser até a própria leitura original.

2.3.3. Determine o grau de relacionamento textual entre as testemunhas textuais que apóiam cada variante

Este critério está relacionado a 2.3.2. O que se tenta fazer aqui é determinar se as testemunhas textuais para determinada variante são textualmente relacionadas, ou se vêm de uma variedade de grupos textuais. Se, por exemplo, todas as testemunhas para uma variante procedem do mesmo tipo de texto, é possível — provável — que essa variante represente uma peculiaridade textual daquela família de textos. Para uma lista parcial da evidência por tipo de texto, veja o *Textual Commentary*, p. 14*-16*.

2.3.4. Determine a qualidade das testemunhas textuais que favorecem cada variante

Este critério oferece dificuldades operacionais ao estudante. De fato, alguns estudiosos argumentam que ele é irrelevante ou, no mínimo, subjetivo. Ainda assim, alguns MSS podem ser julgados superiores a outros por meio de critérios objetivos: poucas harmonizações, menos melhorias de estilo etc. Se você deseja ler mais sobre muitas das testemunhas textuais mais importantes e sua relativa qualidade, deve achar útil o manual de Metzger ou de Aland.

Você poderá achar proveitoso, neste ponto, rearranjar a evidência externa na forma de um diagrama, o que lhe dará uma apresentação visual imediata das testemunhas de apoio textual, tanto por data como por tipo de texto. O modo mais fácil de fazer isso é traçar numa folha quatro colunas verticais para os quatro tipos de textos (Egípcio, Ocidental, Cesareense e Bizantino), e seis linhas horizontais para os séculos (2°, 3°, 4°, 5°, 6°-10° e 11°-16°). Em seguida, distribua a evidência externa nos quadros apropriados, uma folha para cada variante.

Quando esses critérios são aplicados à primeira unidade de variação textual em João 3.15, as variantes 1 e 4 emergem como as opções mais viáveis. A variante 1 é levemente favorecida, especialmente por causa da alta qualidade bem estabelecida de P^{75} e B, e porque a evidência mais primitiva para a variante 4 está na tradição "Ocidental", que é notória pela tendência à harmonização (neste caso, com o v.16).

No caso da segunda unidade de variação, a evidência pesa esmagadoramente em favor da leitura mais breve (que não tem μὴ ἀπόληται ἀλλ᾽) como o texto original.

Entretanto, por mais importante que essa evidência seja, ela não é decisiva por si só; é necessário passar para as questões da evidência interna.

2.4. Avalie cada uma das variantes com base no estilo e vocabulário do autor (o critério da probabilidade intrínseca)

Este é o critério mais subjetivo e, portanto, deve ser usado com cautela. Também tem aplicabilidade mais limitada, uma vez que duas ou mais variantes podem muitas vezes se conformar ao estilo de um autor. Mesmo assim, este critério é importante sob vários aspectos.

Primeiro, de um modo negativo, o critério do uso pelo autor pode ser utilizado para eliminar, ou pelo menos sugerir como suspeitas, uma ou mais das variantes, afunilando assim o campo de opções. Segundo, às vezes pode ser o critério decisivo, quando todos os outros critérios parecem conduzir a um beco sem saída. Terceiro, pode apoiar outros critérios, quando não puder ser decisivo por si só.

Vejamos como esse critério é aplicado à primeira unidade de variação em João 3.15. Primeiro, você precisa perguntar: qual variante melhor se encaixa no estilo joanino? Neste caso, e freqüentemente em outros, você deveria também estar atento a qual das opções é melhor ou pior em grego. Existem diversas maneiras de decidir a questão: (1) Várias questões relativas ao uso do autor podem ser encontradas na leitura do *Lexicon* de BAUER (veja seção 6.4) ou ao verificar uma das gramáticas avançadas (veja 3.2.1). (2) O volume 4 da gramática de Moulton e Howard, escrito por Nigel Turner, acerca de estilo (3.2.1), tem informações úteis sobre essas questões. (3) Mais importante do que tudo isso, você poderá descobrir muitas informações por si mesmo, pesquisando cuidadosamente uma concordância (veja a nota bibliográfica que segue 4.3). (4) Para aqueles que usam o computador, a mais recente ferramenta nesse aspecto é o software chamado *Gramcord* (veja a nota bibliográfica em 8.6).

Nesse caso, você descobrirá, ao verificar πιστεύω (crer) em sua concordância, que esse verbo no evangelho de João tem como seu objeto αὐτῷ (a ele) ou εἰς αὐτόν (nele), mas nunca as outras três opções. Você deve observar que ἐπ' αὐτῷ ou ἐπ' αὐτόν também são usados por outros escritores no NT. A consulta ao *Lexicon* de BAUER, ou de uma das gramáticas avançadas, revelará padrões similares, i.e., que πιστεύω pode ter como objeto tanto αὐτῷ (a ele) como uma das formas preposicionadas: εἰς αὐτόν (nele); ἐπ' αὐτῷ (nele), ou ἐπ' αὐτόν (nele), mas ἐν αὐτῷ (nele) é rara.

Com base no estilo joanino, portanto, pode-se eliminar tranqüilamente ἐπ' αὐτῷ e ἐπ' αὐτόν. Ambos parecem ser corrupções de um dos outros dois. Entretanto, que faremos com ἐν αὐτῷ, que normalmente não é usado como objeto

de πιστεύω, mas que tem a melhor evidência externa? A resposta a essa questão deve ser que essa expressão não é de forma alguma o objeto de πιστεύω, mas que está ligada com o que segue, ἔχῃ ζωὴν αἰώνιον (tenha a vida eterna), designando a fonte ou base da vida eterna. A consulta à concordância revela que esse uso é joanino, uma vez que uma expressão semelhante, na mesma ordem de palavras, se acha em 5.39 (cf. 16.33).

Assim, com esse critério reduzimos as opções para ὁ πιστεύων εἰς αὐτον (aquele que crê nele) ou ἐν αὐτῷ ἔχῃ ζωὴν αἰώνιον (nele tenha a vida eterna), sendo ambos joaninos.

Deve-se observar, finalmente, que esse critério não será sempre útil ao se fazer escolhas textuais. Por exemplo, as palavras μὴ ἀπόληται ἀλλ' (não perecerá, mas) são obviamente joaninas, uma vez que ocorrem no v. 16. Mas a sua ausência no v. 15 seria igualmente joanina.

2.5. Avalie cada uma das variantes pelos critérios da probabilidade de transcrição

Esses critérios lidam com os diferentes tipos de erros ou alterações que os copistas mais provavelmente teriam feito em relação ao texto, presumindo que uma das variantes é o original. Eles são convenientemente expostos no livro de Metzger, *Textual Commentary*, nas p. 12*-13*. Você deve observar duas coisas sobre eles: (1) Nem todos os critérios são aplicáveis ao mesmo tempo para determinada unidade de variação. (2) A regra maior é: A leitura que melhor explica a existência das demais deve ser preferida como o texto original.

A partir desses critérios, podemos observar que a variante ἐν αὐτῷ emerge agora, claramente, como o texto original em João 3.15.

Primeiro, é a leitura mais difícil. Ou seja, considerando a alta freqüência do uso de πιστεύειν εἰς αὐτόν (crer nele) em João, é fácil ver como um copista poderia ter deixado de notar que ἐν αὐτῷ (nele) pertence a ἔχῃ ζωὴν αἰώνιον (tenha a vida eterna) e, também reconhecendo que ὁ πιστεύων ἐν αὐτῷ era grego vulgar, teria mudado ἐν αὐτῷ para a forma mais comum. O fato de ἐν αὐτῷ ser um uso vulgar no grego também explica o surgimento de ἐπ' αὐτῷ e ἐπ' αὐτόν. Portanto, essas duas "correções" testemunham do texto original com ἐν αὐτῷ, não com εἰς αὐτόν.

Por outro lado, não existe uma boa explicação para o caso de o copista ter mudado εἰς αὐτόν para qualquer uma das outras formas, uma vez que ὁ πιστεύων εἰς αὐτόν faz sentido e ninguém parece ter feito essa mudança em qualquer outro lugar em João.

Segundo, a variante εἰς αὐτόν pode ser, também, explicada como harmonização do v. 16. Isso seria especialmente verdadeiro naquelas ocasiões em

que as palavras μὴ ἀπόληται ἀλλ' fossem, igualmente, assimiladas no v. 16, de modo que a frase preposicionada pertenceria somente a ὁ πιστεύων e não estaria mais disponível para se associar com ἔχῃ ζωὴν αἰώνιον. Mais uma vez, não parece existir uma boa explicação, à luz do texto bem estabelecido do v.16, para alguém ter mudado εἰς αὐτόν ἔχῃ μὴ ἀπόληται ἀλλ' para ἐν αὐτῷ, especialmente com as dificuldades inerentes que surgem quando este segue imediatamente a πιστεύων.

É possível, porém, explicar como um *autor* teria feito isso. Ele nem mesmo pensou no fato de ἐν αὐτῷ seguir πιστεύων. Uma vez tendo escrito ὁ πιστεύων (aquele que crê), ele foi adiante para enfatizar que no Filho do homem o crente terá a vida eterna. Assim, ele escreveu ἐν αὐτῷ depois de πιστεύων, mas nunca pretendeu que isso fosse acompanhar aquela forma verbal. No entanto, escribas que vieram mais tarde não conseguiram entender o propósito de João e "corrigiram" o texto segundo a sua compreensão do mesmo.

Você deve ter notado como todos os três conjuntos de critérios (evidência externa, probabilidade intrínseca e probabilidade de transcrição) convergiram para nos dar o texto original. Na sua exegese, a adição de μὴ ἀπόληται ἀλλ' pode ser relegada a uma nota de rodapé com mais ou menos o seguinte teor: "Os manuscritos da antiga Versão Latina (*Vetus Latina*), seguidos da maioria das testemunhas gregas mais recentes (Texto Bizantino), adicionam μὴ ἀπόληται ἀλλ' como assimilação ao v.16. Essa adição somente pode ter acontecido no grego depois que ἐν αὐτῷ foi mudado para εἰς αὐτόν." Por outro lado, você obviamente precisaria discutir, em alguma medida, a mudança ἐν αὐτῷ/εἰς αὐτόν, pois o próprio sentido do texto será afetado por isso.

Deve-se observar, finalmente, que depois de muita prática você poderá se sentir com confiança suficiente para fazer as suas escolhas textuais. Isto é, você não deve pensar que o texto da NA^{27} está sempre correto e, portanto, é o texto no qual você precisa fazer sua exegese.

Um exemplo pode ser a unidade de variação em João 3.13. Numa análise superficial, você verá que a evidência externa favorece o texto da NA^{27}. Mas em 2.4 destacamos que se deve levar em conta o ponto de vista de um escriba do segundo século. O que é o mais provável? Que ele tinha um texto parecido com o de NA^{27} e adicionou ὁ ὢν ἐν τῷ οὐρανῷ (aquele que está no céu) por razões cristológicas? (Se for assim, poderíamos perguntar pelo motivo que o teria impelido a fazer isso exatamente neste ponto.) Ou, por outro lado, poderia ter sido o caso de que, tendo essas palavras no texto, o autor tivesse entendido que o v. 13 continha as palavras de Jesus no diálogo com Nicodemos? Se for assim, ele deve ter pensado: "Como aquele que estava falando com Nicodemos pode também ter dito que o Filho do homem era naquele momento ὁ ὢν ἐν τῷ οὐρανῷ (aquele que está no

céu)?". Assim, ele simplesmente omitiu aquelas palavras na sua cópia. Uma minoria da comissão da UBS[4] apoiou essa última opção como a mais provável. Você terá de decidir por si mesmo. Mas você já terá observado aqui como são importantes para a exegese as questões de crítica textual.

3. ANÁLISE GRAMATICAL (Veja cap. 5.6)

O segundo tipo de decisão exegética que precisa ser tomada em relação a determinada passagem é de natureza gramatical (veja Passos 4 e 6 no processo exegético, no Capítulo 5). A gramática tem a ver com todos os elementos básicos para o entendimento dos relacionamentos entre palavras e grupos de palavras numa língua. Ela consiste em morfologia (análise sistemática de classes e estruturas de palavras – flexões de substantivos, conjugações de verbos etc.) e sintaxe (arranjo e inter-relacionamentos de palavras em construções gramaticais maiores). Muitas decisões sintáticas precisam ser tomadas ao montar o esquema de frases (Seção 1, acima). A presente seção tem como propósito auxiliá-lo com questões gramaticais que surgem com base na morfologia.

Como foi sugerido no Capítulo 5, o ideal é que você decida sobre cada uma das questões gramaticais de sua passagem. Entretanto, no trabalho escrito, você discutirá *apenas* as questões relevantes para o sentido da passagem. Assim, uma das dificuldades de apresentar o material nesta parte é, por um lado, destacar a necessidade da análise gramatical sólida; mas, por outro lado, não dar a impressão — como freqüentemente é o caso — de que a exegese consiste basicamente em decisões entre opções gramaticais e nuanças lexicais. De fato, faz diferença para o entendimento do texto se Paulo pretendeu que ζηλοῦτε, em 1 Coríntios 12.31, fosse tido por imperativo (desejai ardentemente) com δέ consecutivo (assim, agora), ou como um indicativo (estais desejando ardentemente) com um δέ adversativo (mas). Também faz diferença na tradução se o particípio ὑποτιθέμενος (transmitindo), em 1 Timóteo 4.16, é condicional (NVI) ou circunstancial (ARA); mas em termos do *propósito* de Paulo as diferenças são tão sutis que nem mesmo nos comentários são mencionadas. Dessa forma, parcialmente é necessário aqui tornar-se sensível ao que tem e ao que não tem significado exegético.

O problema se torna ainda mais complexo por causa dos níveis de especialização quanto à língua grega de quem utiliza este livro. Esta seção foi escrita tendo em mente quem possui um conhecimento básico do grego e, por isso, não tem dificuldades com os elementos fundamentais da gramática, mas que ainda sente certa perplexidade diante da terminologia e das muitas nuanças. Os passos aqui sugeridos, portanto, iniciam no nível elementar e avançam no sentido de auxiliá-lo a utilizar as ferramentas, e, finalmente, ser capaz de discriminar entre o que é ou não importante.

3.1. Disponha as informações gramaticais para as palavras do texto numa página de informação gramatical

Uma página de informação gramatical deve ter cinco colunas: a referência bíblica, a "forma do texto" (a palavra na forma em que ocorre na passagem), a informação lexical, a descrição gramatical (e.g., tempo, voz, modo, pessoa, número), e a explicação do significado e/ou do uso (e.g., genitivo subjetivo, infinitivo de discurso indireto). No nível mais elementar, você poderá achar proveitoso registrar cada palavra do texto (menos o artigo). À medida que seu grego melhorar, você fará muito disso automaticamente, enquanto estiver no Passo exegético 3 (a tradução provisória; cap. 5.3.1). Contudo, você ainda poderá usar a página de informação gramatical por várias razões: (1) para armazenar qualquer informação léxica ou gramatical, descoberta em fontes secundárias; (2) para isolar palavras que necessitem de estudo mais cuidadoso; (3) para servir como referência de verificação quando você escrever sua exegese, garantindo a inclusão de toda informação pertinente; (4) para servir como base para especulação ou debate a respeito de questões de uso de vocábulos.

Na coluna correspondente ao "uso/sentido" você deverá fornecer a seguinte informação:

para substantivos/pronomes: caso (e.g., dativo de tempo, genitivo subjetivo);
também o antecedente do pronome
para verbos finitos: significado do tempo, voz, modo
para infinitivos: tipo/uso (e.g., complementar, discurso indireto)
para particípios: tipo/uso
atributivo: uso (adjetivo, substantivo etc.)
suplementar: o verbo que ele suplementa
circunstancial: temporal, causal, circunstância etc.
para adjetivos: a palavra que ele modifica
para advérbios: a palavra que ele modifica
para conjunções: tipo (coordenada, adversativa, tempo, causa etc.)
para partículas: a nuança que adiciona à frase

3.2. Desenvolva familiaridade com algumas gramáticas e auxílios gramaticais básicos

A fim de aproveitar algo das questões de "uso" em 3.1, bem como tomar algumas das decisões em 3.3. e 3.4, você precisará ter o conhecimento prático das ferramentas.

Auxílios gramaticais podem ser classificados, *grosso modo*, em três categorias: (1) gramáticas avançadas, (2) gramáticas intermediárias, (3) outros auxílios gramaticais. Vamos começar com as gramáticas intermediárias porque essas são as ferramentas que você usa como aluno, e são as que você provavelmente usará por toda sua vida como pastor.

3.2.1. *Gramáticas Intermediárias*

O propósito das gramáticas intermediárias é sistematizar e explicar o que o estudante aprendeu na sua gramática introdutória. O lugar de honra pertence a:

WALLACE, Daniel B. *Greek Grammar beyond the Basics: An Exegetical Syntax of the New Testament.* Grand Rapids: Zondervan, 1996.

Em português:

PINTO, C. O. C. *Fundamentos para Exegese do Novo Testamento: manual de sintaxe grega.* Vida Nova, 2002.

LASOR, W. S. *Gramática sintática do grego do Novo Testamento.* Vida Nova, 1990.

CHAMBERLAIN, W. D. *Gramática exegética do grego neo-testamentário.* CEP, 1989.

LUZ, W. C. *Manual de Língua Grega.* CEP, 1991. 3 vs.

TAYLOR, W. C. *Introdução ao Estudo do Novo testamento Grego.* Juerp, 1999 (veja a Parte II).

Essa é sem dúvida a mais importante gramática agora em uso para a tarefa exegética. O autor dá numerosos exemplos (e deve-se lembrar que ele é também um intérprete) de como várias questões sintáticas afetam o entendimento que se tem do texto. Se você usa o grego de alguma forma, deve adquirir essa gramática. Mas também a versão abreviada pode ser útil para uma referência rápida:

WALLACE, Daniel B. *The Basics of New Testament Syntax: An Intermediate Greek Grammar* Grand Rapids: Zondervan, 2000.

Outras gramáticas nessa categoria incluem:

BROOKS, James A.; WINBERRY, Carlton L. *Syntax of New Testament Greek.* University Press of America, 1979.

FUNK, Robert W. *A Beginning-Intermediate Grammar of Hellenistic Greek.* 2ª ed. 3 vols. Scholars Press, 1973.

ROBERTSON, A. T.; DAVIS, W. H. *A New Short Grammar of the Greek Testament.* 10ª ed. Harper & Brothers, 1933. Reimpresso por Baker Book House, 1977.

Os estudantes tendem a considerar Brooks e Winbery uma ferramenta especialmente útil.

3.2.2. *Gramáticas Avançadas (de Referência)*

Essas são as gramáticas utilizadas pelos acadêmicos. Elas são, às vezes, de pouco proveito para o estudante, porque presumem muito conhecimento, tanto da gramá-

tica em geral como da língua grega em particular. No entanto, o estudante precisa se familiarizar com elas, não somente na esperança de usá-las regularmente algum dia, como também porque serão muito citadas na literatura.

O destaque vai para:

BLASS, Friedrich; DEBRUNNER, Albert. *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Trad. e rev. para o inglês por FUNK, Robert W. University of Chicago Press, 1961. [JAF 203].

Outra gramática avançada é:

MOULTON, James, H.; HOWARD, W.F. *A Grammar of the New Testament Greek*. Edimburgo: T. & T. Clark. Vol. I. *Prolegomena*. Por MOULTON. 3ª ed., 1908; Vol. II. *Accidence and Word-Formation*. Por MOULTON e HOWARD, 1929; Vol. III. *Syntax*. Por TURNER, Nigel; Vol. IV. *Style*. Por TURNER, 1976. [JAF 208].

Uma gramática de referência mais antiga, muitas vezes prolixa e complexa, mas que os estudantes acharão útil por explicar muita coisa, é:

ROBERTSON, A. T. *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research*. 4ª ed. Broadman Press, 1934. [JAF 209].

3.2.3. *Outros Auxílios Gramaticais*

Os livros nesta categoria não pretendem ser gramáticas abrangentes, mas cada um é útil à sua própria maneira.

Para a análise dos verbos gregos, há muita ajuda em:

BURTON, Ernest D. *Syntax of the Moods and Tenses in the New Testament Greek*. 3ª ed. Edingburgh: T. & T. Clark, 1898; reimp. Kregel Publications, 1976.

Dois livros extremamente úteis, classificados na categoria "livros idiomáticos", e que oferecem informações de grande ajuda quanto ao uso de expressões gregas, são:

MOULE, C. F. D. *An Idiom Book of New Testament Greek*. 2ª ed. Cambridge University Press, 1963. [JAF 207].

ZERWICK, Max. *Biblical Greek Illustrated by Examples*. Roma: Biblical Institute Press, 1963. [JAF 212]. [Em espanhol: Zerwick, Maximiliano. *El griego del Nuevo Testamento*. Editorial Verbo Divino, 1997.]

Para a análise de genitivos com base na lingüística, em vez de na gramática clássica, você encontrará muita informação útil em:

BEEKMAN, John; CALLOW, John. *A Arte de Interpretar e Comunicar a Palavra Escrita*. Vida Nova, 1992. p. 234-250.

Para uma análise especialmente proveitosa de preposições e sua relação com a exegese e a teologia no NT, veja:

HARRIS, Murray J. "As Preposições e a Teologia do Novo Testamento Grego", in *Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. BROWN, Colin. Vida Nova, 2. ed., 2000. p. 1748-92.

3.3. Separe as palavras e frases que exijam decisões gramaticais entre duas ou mais opções

Este é um passo para além de 3.1, visto que a maioria das palavras são claras em suas respectivas frases e raramente requerem qualquer tipo de decisão exegética baseada na gramática. Da mesma forma que outros assuntos, esse tipo de discernimento é aprendido com muita prática. Ainda assim, decisões gramaticais freqüentemente precisam ser tomadas. Tais decisões, que farão diferença exegeticamente falando, são de cinco tipos.

3.3.1. *Determine o "caso e o porquê" de susbstantivos e pronomes.*
As decisões desta parte envolvem, mais freqüentemente, genitivos e dativos. Deve-se tentar determinar o uso quando esses dois casos ocorrem. Isso se aplica de modo especial aos genitivos, porque são traduzidos com freqüência em português pelo ambíguo "de". Observe, por exemplo, a diferença considerável em 1 Tessalonicenses 1.3 entre a tradução da ARA, "firmeza da vossa esperança" (seja o que for que isso signifique), e a tradução mais útil da NVI, "perseverança proveniente da esperança" (cf. Rm 12.20. "brasas de fogo" [ARC] com "brasas vivas" [ARA e NVI]; cf. Hb 1.3. "palavra do seu poder" [ARC e ARA] com "sua palavra poderosa" [NVI]). Sobre essas questões, Wallace e Brooks e Winbery são muito úteis.

Muitas vezes, esse tipo de decisão afetará bastante o entendimento do texto; e as opiniões vão diferir. O uso, aparentemente variado, que Paulo faz de "a justiça de Deus"(= a justiça que Deus concede? ou a justiça que Deus tem em relação a si mesmo e suas ações?) é um caso bem conhecido. Outro exemplo é εἰς κρίμα τοῦ διαβόλου em 1 Timóteo 3.6. Isso quer dizer "um julgamento tramado pelo diabo" (aparentemente cf. ARC e ARA) ou "a mesma condenação em que caiu o diabo" (NVI)?

3.3.2. *Determine o tempo (Aktionsart), voz e modo das formas verbais.*
Os exemplos aqui são numerosos. Será que βιάζεται em Mateus 11.12 é médio ("avança com força") ou passivo ("é tomado à força" [NVI e ARA])? Paulo quer "dizer" alguma coisa ao usar dois imperativos presentes (o primeiro, uma proibição) em Efésios 5.18? A expressão ἀποστερεῖτε em 1 Coríntios 7.5 tem a força de "*parai* de abusar um do outro (neste assunto)"?

Aqui, em particular, deve-se ter cautela a fim de não exagerar a exegese do texto. Por exemplo, nos modos subjuntivo, imperativo e infinitivo o tempo comum no grego é o aoristo. Portanto, o autor raramente quer "significar" alguma coisa com esse uso. Da mesma forma, o uso de um presente não implica, necessariamente, alguma coisa (e.g., πιστεύητε [que vós creiais] em Jo 20.31). Mas isso, é claro, é o propósito da exegese — quais são as possibilidades, o que mais provavelmente o autor pretende com o uso (se é que existe) que faz dos verbos? Decidir que não há um sentido especial a ser descoberto em certos usos é, também, parte do processo exegético.

3.3.3. *Decida que força ou sentido têm os sinais conjuntivos (conjunções e partículas).*
Esta é uma área sempre negligenciada pelos estudantes, mas que, freqüentemente, tem considerável importância para a compreensão de um texto. Um dos exemplos mais famosos é o de εἰ καὶ ... μᾶλλον em 1 Coríntios 7.21 (= "se de fato"? ou "mesmo se"?). Em 1 Tessalonicenses 1.5, um outro exemplo, é necessário decidir se ὅτι, no v. 5, é causal ou epexegético (apositivo).

É muito importante que você não passe muito rapidamente sobre o comum δέ (mas, agora, e). Sua freqüência como conectivo consecutivo ou de retomada faz com que, às vezes, se perca de vista sua evidente, e significativa, força adversativa em passagens tais como 1 Timóteo 2.15 ou 1 Tessalonicenses 5.21.

3.3.4. *Decida qual a força ou as nuanças das preposições.*
Principalmente aqui, deve-se evitar a armadilha freqüente de criar uma "teologia de preposições", como se a teologia da expiação pudesse ser forjada pela diferença entre ὑπέρ (em favor de) e περί (a respeito de). Contudo, há ocasiões em que a força de uma oração preposicional faz muita diferença no sentido de uma frase como um todo. Isso é especialmente verdadeiro, por exemplo, no caso de ἐν (em/por) e εἰς (para/de modo que) em 1 Coríntios 12.13, ou διά (através/no caso de) em 1 Timóteo 2.15.

3.3.5. *Determine o relacionamento de particípios circunstanciais (adverbiais) e de infinitivos com a frase.*

De novo, é preciso não exagerar aqui. Às vezes, é claro, o sentido adverbial do particípio fica claro na frase e no contexto (e.g., a ênfase claramente concessiva de ζῶσα ["ainda que esteja viva"] em 1 Timóteo 5.6). No entanto, como observado acima, embora as decisões tomadas aqui façam, muitas vezes, diferença na tradução, elas nem sempre afetam o significado. A razão disso, como Robertson corretamente argumenta (*Grammar*, p. 1124), é que o propósito *básico* desse tipo de particípio é descrever circunstâncias. Se a preocupação do autor fosse causa, condição ou concessão, ele teria modos não ambíguos para expressá-lo. Assim, apesar de ser proveitoso treinar-se para descobrir qual nuança está envolvida, é preciso lembrar também que não se deve fazer muito de tais decisões.

A questão de *como* se deve tomar as decisões necessárias neste passo é estreitamente relacionada com o que foi dito acerca do posicionamento de certos modificadores, em 2.1.6 (exemplo 2). Basicamente, são quatro passos:

a. Esteja alerta às opções (o que temos falado todo o tempo).
b. Consulte as gramáticas.
c. Verifique o uso do autor em outros lugares (aqui você deve consultar bastante sua concordância).
d. Determine que opção faz mais sentido no presente contexto.

3.4. Determine que decisões gramaticais deverão ser discutidas na sua monografia

Este passo exige "uma mente sábia", pois será um dos elementos diferenciadores entre uma monografia exegética superior e uma apenas aceitável. O claro fator determinante é: Discuta somente as questões gramaticais que fazem diferença na compreensão do texto. Alguns itens simplesmente não têm o mesmo peso que outros e poderão, sem problema, aparecer numa nota de rodapé. Mas quando as questões gramaticais forem cruciais para o sentido do texto (como em muitos dos exemplos acima), ou quando fizerem diferença significativa na perspectiva (e.g., as ocorrências de διαβόλου [o diabo] em 1 Timóteo 3.6 e 7 são subjetivas ou objetivas?), ou quando contribuírem para o entendimento do fluxo do argumento como um todo (e.g., δέ e διά em 1 Tm 2.15), então tais discussões devem constar do corpo do trabalho.

4. ANÁLISE LEXICAL (Veja cap. 5.7)

Em qualquer obra literária as palavras são basicamente blocos de montar para a transmissão de significado. Na exegese é particularmente importante lembrar que as *palavras funcionam em um contexto*. Portanto, embora determinada palavra tenha um *campo semântico* (i.e., de sentidos) amplo ou limitado, o objetivo do estudo de vocábulos na exegese é procurar entender, o mais precisamente possível, o que o autor estava tentando comunicar com o uso de uma palavra em um contexto específico. Assim, por exemplo, você não poderá fazer um estudo legítimo de σάρξ (carne); você poderá apenas fazer um estudo de σάρξ em 1 Coríntios 5.5 ou 2 Coríntios 5.16, e assim por diante.

O propósito desta seção é (1) auxiliá-lo a aprender a separar as palavras que necessitam de estudo especial; (2) conduzi-lo nos passos desse estudo; e (3) ajudá-lo a usar de modo mais completo e eficiente as duas ferramentas básicas para o estudo de palavras no NT. Antes de apresentar esses passos, no entanto, é importante fazer duas advertências.

Primeira, evite o perigo de se tornar um "derivador de sentidos". Ou seja, conhecer a etimologia ou raiz de uma palavra, embora seja interessante, quase nunca nos diz algo sobre o seu sentido num contexto específico. Por exemplo, a palavra ἐκκλησία (igreja) de fato é derivada de ἐκ + καλεω ("chamar para fora"). Na época do NT, porém, isso *não* estava no conjunto de sentidos do termo. E de qualquer forma, o uso do NT já havia sido determinado por seu uso anterior na LXX, onde foi coerentemente usada para traduzir o termo "a congregação" de Israel. Portanto, não significa "os chamados para fora" no contexto do NT.

Segunda, evite o perigo da análise exagerada. É possível fazer uso demasiado de palavras específicas num contexto. Os autores bíblicos, como nós mesmos, nem sempre selecionaram cuidadosamente todas as suas palavras por estarem carregadas de significado. Algumas vezes, as palavras são escolhidas simplesmente por estarem à disposição do autor com seu sentido pretendido. Além disso, palavras são escolhidas às vezes por causa de variedade (e.g., intercambialidade de ἀγαπάω [amar] e φιλέω [amar]), para formar jogo de palavras, ou por causa de aliteração ou outras razões de embelezamento estilístico.

Ainda assim, a compreensão adequada de muitas passagens depende da análise cuidadosa de palavras. Esse tipo de análise é constituída de três passos.

4.1. Separe as palavras relevantes em sua passagem que necessitem de estudo especial

A fim de determinar as "palavras relevantes", siga estas orientações:

4.1.1. Tome nota das palavras conhecidas de antemão, ou reconhecíveis pelo contexto, que tenham conteúdo teológico. Não presuma, necessariamente, saber o significado de ἐλπίς (esperança), δικαιοσύνη (justiça), ἀγάπη (amor), χάρις (graça) etc. Por exemplo, qual o sentido de "esperança" em Colossenses 1.27; ou χάρις em 2 Coríntios 1.15; ou δικαιοσύνη em 1 Coríntios 1.30? Nesses casos, especialmente, é importante não conhecer apenas a palavra em geral, mas também o contexto da passagem em particular.

4.1.2. Observe as palavras que claramente fazem diferença no sentido da passagem, mas parecem ambíguas ou discutíveis, tais como: παρθένων (virgens) em 1 Coríntios 7.25-38; σκεῦος (vaso = esposa? corpo? órgão sexual?) em 1 Tessalonicenses 4.4; διάκονος (ministro/servo/ diácono) em Romanos 16.1; ou a locução γυναικὸς ἅπτεσθαι (lit.: tocar numa mulher = ter relações sexuais) em 1 Coríntios 7.1.

4.1.3. Observe as palavras repetidas, ou que emergem como temas numa seção ou parágrafo, tais como οἰκοδομέω (edificar) em 1 Coríntios 14; ou ἄρχοντες (governantes) em 1 Coríntios 2.6-8; ou καυχάσμαι (orgulhar-se) em 1 Coríntios 1.26-31.

4.1.4. Esteja alerta a palavras que possivelmente tenham mais significado no contexto do que parece à primeira vista. Por exemplo, será que ἀτάκτως, em 2 Tessalonicenses 3.6, significa só ser passivamente preguiçoso, ou será que é usado no sentido de "desregradamente"? Será que κοπιάω, em Romanos 16.6 e 12, significa, simplesmente, "trabalhar", ou terá se tornado para Paulo um termo semitécnico para o ministério do evangelho?

4.2. Estabeleça o campo semântico de uma palavra importante em seu contexto atual

Isso envolve basicamente quatro áreas de investigação. Mas, *observe bem* que as palavras variam, tanto em importância como em uso, de forma que as quatro áreas precisarão ser investigadas para cada palavra. Deve-se, porém, estar alerta para as possibilidades em cada caso. Observe também que a ordem em que elas são investigadas pode variar.

4.2.1. Determine a possível utilidade de estabelecer a *história* da palavra

Como a palavra foi usada no passado? Até onde a palavra retrocede na história da língua? Ela muda de sentido ao passar do período clássico para o helenístico? Teria sentidos diferentes nos contextos greco-romano e no judaico?

A advertência de abertura deve ser apresentada aqui. Essa parte da pesquisa pretende dar a você uma "impressão" sobre a palavra e como ela foi usada historicamente na linguagem; isso pode ou não ajudar a entender a palavra em seu contexto no NT.

A maior parte da informação se encontra no *Lexicon* de Bauer-Arndt-Gingrich-Danker (Bauer). Nos exemplos a seguir mostraremos como usar o Bauer da maneira mais proveitosa possível.

Os próximos três passos são "horizontais", ou seja, você tentará aprender o máximo possível do significado de sua palavra na literatura aproximadamente contemporânea, ou em alguns itens da literatura anterior. Você pode imaginar esses "passos" como círculos concêntricos, nos quais você se moverá (em termos do uso no NT) do círculo mais amplo da literatura pagã e de textos não-literários (os papiros), em direção aos textos literários judaicos (Fílon, Josefo), aos textos bíblicos judaicos (LXX, pseudepígrafos), aos outros usos neotestamentários, ao uso pelo mesmo autor, até chegar ao próprio contexto imediato.

4.2.2. Determine o campo semântico encontrado no mundo greco-romano e judaico *contemporâneo* do NT.

Determine a gama de significados encontrada no mundo grego-romano e judaico *contemporâneo* do NT. Que sentido(s) ela possui em que diferentes tipos de textos *literários* greco-romanos? Os textos *não-literários* adicionam quaisquer nuanças não encontradas nos textos literários? A palavra é achada em Fílon ou Josefo, e com que sentido(s)? Ela foi usada pelos tradutores da LXX? Se foi, com que significado(s)?

4.2.3. Determine se, e como, a palavra é usada em outros lugares no NT

Se estiver trabalhando numa palavra de um parágrafo de Paulo, será ele o usuário mais freqüente da mesma no NT? Ela tem nuanças similares ou distintas quando usada por um ou mais dos outros autores do NT?

4.2.4. Determine o(s) uso(s) do autor em outros lugares de seus escritos.

Quais são os campos de sentido no próprio autor? Existe algum de seus usos que seja singular no NT? Ele utiliza, em outros lugares, outras palavras para expressar essa ou outras idéias semelhantes?

4.3. Analise cuidadosamente o contexto a fim de determinar qual sentido, no campo semântico, é o mais adequado na passagem em que você faz a exegese

Existem indícios no contexto que ajudam a estreitar a gama de opções? Por exemplo, o autor usa a palavra em conjunto, ou em contraste, com outras palavras de

modo semelhante a outros contextos? O próprio argumento parece exigir o uso contrário aos outros possíveis?

Uma nota bibliográfica

Para fazer o trabalho exigido pelo Passo 4.2, você precisará de uma boa compreensão de diversas ferramentas. Deve-se observar, porém, que em muitos casos você poderá aprender muito sobre a(s) palavra(s) em estudo pelo uso criativo de duas ferramentas básicas: um léxico e uma concordância.

Para o léxico, você deveria usar o seguinte:

BAUER, Walter. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. 3ª ed.; ed. por F.W. Danker. University of Chicago Press, 2000. [JAF 173]

Essa terceira edição do Bauer é uma considerável melhoria em relação às duas primeiras edições — tanto que se você ainda não comprou um léxico, esse é obrigatório (em vez de comprar uma edição usada, por exemplo). Baseado na sexta edição alemã de Bauer, e mantendo todas as suas melhores características, sob a editoria do professor Danker, "Bauer" se tornou muito mais fácil de usar. Se você possui a segunda (ou a primeira) edição, entretanto, será capaz de acompanhar a presente discussão porque a maior parte da informação pertinente está lá — mesmo que tenha sido completamente rearranjada. De qualquer forma, é só olhar o exemplo na página 278 para ver como é mais fácil agora achar os dados necessários quando se lê um verbete.

Como concordância, use uma das seguintes:

BACHMANN, H., SLABY, H. (eds.) *Computer-Konkordanz zum Novum Testamentum Graece von Nestle-Aland, 26. Auflage, und zum Greek New Testament*, 3rd ed. Berlim: Walter de Gruyter, 1980.

MOULTON, William F., GEDEN, A.S. *A Concordance to the Greek Testament According to the Texts of Westcott and Hort, Tischendorf and the English Revisers*; 5ª rev. ed. por H.K. Moulton. Edinburgh: T. & T. Clark, 1978. [JAF 228].

Infelizmente, ambas são caras. Mas uma ou outra deveria ser usada na exegese, pois são concordâncias verdadeiras (i.e., apresentam o suficiente do texto para cada palavra para ajudar o leitor a vê-la em seu contexto). A *Computer-Konkordanz* deve ser preferida pois (1) é baseada no NA^{26}, (2) fornece o total de ocorrências no NT para cada palavra, e (3) ela repete todo o texto se a

palavra ocorre mais do que uma vez num versículo. Moulton-Geden, por outro lado, tem a vantagem adicional de codificar certos usos especiais de uma palavra no NT.

Se tiver acesso a uma boa biblioteca, você poderá usar a concordância mais atualizada, mas extremamente cara:

ALAND, Kurt, ed. *Vollständige Konkordanz zum griechischen Neuen Testament*. 2 vols. Berlim: Walter de Gruyter, 1975, 1983). [JAF 226].

Essa concordância fornece as ocorrências de uma palavra no NA[26], bem como no aparato crítico e no *Textus Receptus*. Também tem certos usos codificados. O segundo volume apresenta duas listas com estatísticas de palavras: o número de usos de cada palavra em cada livro do NT e uma subdivisão com o número de ocorrências para cada *forma* da palavra no NT.

Nos exemplos a seguir, você terá oportunidade de aprender a usar essas como também outras cinco ferramentas léxicas.

Exemplo 1. Como usar o Bauer (BDAG)

Em 1Coríntios 2.6-8, Paulo fala dos ἄρχοντες (governantes) desta era, que são reduzidos a nada (v. 6), e que crucificaram o Senhor da glória (v.8). A questão é: A quem Paulo se refere? Aos líderes humanos responsáveis pela morte de Cristo, ou aos poderes demoníacos que são vistos como os reais responsáveis pelo evento (ou uma combinação de ambos — poderes demoníacos operando por meio de líderes terrenos)?

Comecemos nossa investigação examinando cuidadosamente o léxico de Bauer (veja a imagem na página 278). Esse exemplo foi escolhido porque também ajuda a perceber que Bauer é uma fonte secundária; i.e., ele é um *intérprete*, tanto quanto uma *fonte*, de informação. Neste caso específico, eu discordo de sua opinião; mas se tornará igualmente claro que nesse estudo não se pode avançar sem ele.

[Para aqueles que não sabem grego, mas aprenderam o alfabeto e conseguem procurar as palavras, existem recursos adicionais que ajudarão a usar o *Lexicon* de Bauer em dois passos fáceis:

[1. Em primeiro lugar, você precisa achar a palavra grega que deve ser examinada. Há duas maneiras de fazê-lo. A melhor é trabalhar a partir de um *Interlinear* grego-português:

SCHOLZ, Vilson; BRATSCHER, R. G. *Novo Testamento Interlinear Grego-Português*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

Ou você poderá preferir a rota mais tortuosa (presumindo o uso da KJV) de utilizar o sistema de códigos em:

ἄρχων, οντος, ὁ (Aeschyl., Hdt.+) actually ptc. of ἄρχω, used as subst.: one who is in a position of leadership, esp. in a civic capacity.

❶ **one who has eminence in a ruling capacity, *ruler, lord, prince*—**ⓐ of earthly figures, οἱ ἄ. τῶν ἐθνῶν **Mt 20:25**; cp. B 9:3 (Is 1:10); οἱ ἄ. *the rulers* **Ac 4:26** (Ps 2:2). W. δικαστής of Moses (in quot. of Ex 2:14): **7:27, 35** and 1 Cl 4:10.

ⓑ of Christ ὁ ἄ. τ. βασιλέων τ. γῆς *the ruler of the kings of the earth* **Rv 1:5**;

ⓒ of transcendent figures. Evil spirits (Kephal. I p. 50, 22; 24; 51, 25 al.), whose hierarchies resembled human polit. institutions. The devil is ἄ. τ. δαιμονίων **Mt 9:34; 12:24; Mk 3:22; Lk 11:15** (s. Βεελζεβούλ.—Porphyr. [in Eus., PE 4, 22, 15] names Sarapis and Hecate as τοὺς ἄρχοντας τ. πονηρῶν δαιμόνων) or ἄ. τοῦ κόσμου τούτου **J 12:31; 14:30; 16:11**; ἄ. καιροῦ τοῦ νῦν τῆς ἀνομίας B 18:2; ὁ ἄ. τοῦ αἰῶνος τούτου (Orig., C. Cels. 8, 13, 13) IEph 17:1; 19:1; IMg 1:2; ITr 4:2; IRo 7:1; IPhld 6:2. (Cp. AscIs 1, 3; 10, 29.) At AcPlCor 2, 11 the ed. of PBodmer X suggests on the basis of a Latin version (s. ZNW 44, 1952–53, 66–76) that the following words be supplied between πολλοῖς and θέλων εἶναι: [ὁ γὰρ ἄρχων ἄδικος ὢν| (καὶ) θεὸς] (lat.: nam quia injustus princeps deus volens esse) *[the prince (of this world) being unjust] and desiring to be [god]* (s. ASchlatter, D. Evglst. Joh. 1930, 271f). Many would also class the ἄρχοντες τοῦ αἰῶνος τούτου **1 Cor 2:6–8** in this category (so from Origen to H-DWendland ad loc., but for possible classification under mng. 2 s. TLing, ET 68, '56/57, 26; WBoyd, ibid. 68, '57/58, 158). ὁ πονηρὸς ἄ. B 4:13; ὁ ἄδικος ἄ. MPol 19:2 (cp. ὁ ἄρχων τ. πλάνης TestSim 2:7, TestJud 19:4). ὁ ἄ. τῆς ἐξουσίας τοῦ ἀέρος **Eph 2:2** (s. ἀήρ, end). W. ἄγγελος as a messenger of God and representative of the spirit world (Porphyr., Ep. ad Aneb. [s. ἀρχάγγελος] c. 10) Dg 7:2; οἱ ἄ. ὁρατοί τε καὶ ἀόρατοι *the visible and invisible rulers* ISm 6:1.

❷ gener. **one who has administrative authority, *leader, official*** (so loanw. in rabb.) **Ro 13:3; Tit 1:9 v.l.** (cp. PsSol 17:36). For **1 Cor 2:6–8** s. 1b above.

ⓐ of Jewish leaders (Schürer, index; PLond III, 1177, 57 p. 183 [113 AD] ἀρχόντων Ἰουδαίων προσευχῆς Θηβαίων; IGR I, 1024, 21; Jos., Ant. 20, 11) of the high priest **Ac 23:5** (Ex 22:27). Of those in charge of a synagogue (IG XIV, 949, 2) **Mt 9:18, 23**; cp. ἄ. τῆς συναγωγῆς **Lk 8:41; Ac 14:2** D. Of members of the Sanhedrin **Lk 18:18; 23:13, 35; 24:20**; ἄ. τ. Ἰουδαίων (cp. Epict. 3, 7, 30 κριτὴς τῶν Ἑλλήνων) **J 3:1**; cp. **7:26, 48; 12:42; Ac 3:17; 4:5, 8** (ἄρχοντες καὶ πρεσβύτεροι as 1 Macc 1:26); **13:27; 14:5.** τὶς τῶν ἀρχόντων τ. Φαρισαίων *a member of the Sanhedrin who was a Pharisee* **Lk 14:1.** Of a judge **12:58.**

ⓑ of gentile officials (Diod. S. 18, 65, 6; s. the indexes to SIG and OGI) **Ac 16:19** (OGI 441, 59 and note); 1 Cl 60:2; MPol 17:2. W. ἡγούμενοι 1 Cl 60:4. W. βασιλεῖς and ἡγούμενοι 1 Cl 32:2.—B. 1324. DDD 153–59 ('Archon'). EDNT. DELG s.v. ἄρχω. M-M. TW.

STRONG, James. *Exhaustive Concordance of the Bible.* Nashville: Abingdon Press, 1980.

Se você usar a Strong poderá pular o próximo passo, visto que a forma "léxica" é exatamente o que é fornecido na seção "Dicionário" dessa obra. Para obter ajuda sobre o uso da Strong, veja BARBER, Cyril J. *Introduction to Theological Research.* Chicago: Moody Press, 1982, p. 72-75.

[2. Se você usar o *Interlinear*, terá de dar o segundo passo, que é encontrar a "forma léxica" da palavra (i.e., a forma absoluta encontrada no léxico). Para fazer isso, você precisará de um dos itens a seguir:

MOULTON, Harold K., ed. *The Analytical Greek Lexikon Revised.* Zondervan Publishing House, 1978.

FRIBERG, Barbara e Timothy. *Analytical Concordance of the Greek New Testament — Lexical Focus.* Baker Book House, 1981.

FRIBERG, Barbara e Timothy. *O Novo Testamento grego analítico.* São Paulo: Vida Nova, 1987.

Essas obras oferecem o mesmo tipo de ajuda. Moulton alista, *em ordem alfabética*, cada palavra na forma em que aparece no NT grego, com a forma léxica correspondente e a sua descrição gramatical. Os Friberg fazem quase a mesma coisa, mas *na ordem canônica*. Esta última, portanto, foi preparada para auxiliá-lo a encontrar as palavras precisamente no lugar em que estiver trabalhando no próprio NT.

[Dessa forma, ao pesquisar ἄρχοντες você descobrirá que é o nominativo plural de ἄρχων, que é a palavra que você consultará no léxico.]

O que se segue é uma tentativa de pegá-lo pela mão e conduzi-lo na análise do verbete no Bauer. Assim, você continuamente consultará o verbete no próprio Bauer, que foi incluído aqui para a sua conveniência.

Antes de estudar o verbete em detalhe, porém, você deve passar algum tempo se familiarizando com as listas de abreviações existentes no BADG nas páginas xxxi-lxxix, já que todos os verbetes são cheios de (necessárias) abreviações para que eles fiquem tão breves quanto possível. A primeira lista (p. xxxi-xxxiii) também lembrará você que esse é um léxico para o NT e "outra literatura cristã primitiva". Mas uma das diferenças importantes entre esta e edições anteriores é que as referências do NT agora são dadas em negrito para facilitar a localização.

Comecemos notando o formato geral da entrada, que será semelhante para todas as palavras que têm pelo menos uma esfera dupla de significados. O primeiro parágrafo sempre dá os dois dados lexicais básicos: (1) o verbete em si (que [*a*]

no caso de substantivos é seguido pela terminação do genitivo singular, ao mesmo tempo informando o gênero e a declinação; [*b*] no caso de adjetivos, é seguido por suas formas feminina e neutra, dando assim a informação da declinação; [*c*] no caso dos verbos, mas nem sempre e não em negrito, é seguido por quaisquer formas de conjugação irregular) e (2) um parênteses que dá a história da palavra (veja Passo 4.2.1, acima) a partir de suas mais antigas ocorrências na literatura grega até o tempo do NT. Algumas vezes, como no caso de ἄρχων, há também mais alguma informação lexical útil.

Os parágrafos seguintes oferecem uma lista completa de possíveis significados para a palavra na literatura cristã primitiva. A forma em que esses significados são apresentados é outra dimensão da natureza facilitadora dessa edição. A gama básica de significados é apresentada em numerais arábicos em negrito inverso (i.e., negrito de pano de fundo), enquanto seus significados básicos são apresentados em negrito. Note que o nível seguinte (subcategoria) de significados é dado com letras latinas circuladas (Em entradas mais complexas, as subcategorias são indicadas por letras do alfabeto grego).

A referência no Bauer começa com ἄρχων, οντος, ὁ. Isso informa que se trata de um substantivo masculino (por causa do ὁ) da terceira declinação. A seguir, entre parênteses, encontramos as abreviaturas Aeschyl., Hdt. + (veja a seção 5 de abreviações [p. xli-li]), que diz a você que a palavra ocorre nesses dois escritores do século V. a.C., enquanto o + significa "e daí em diante na literatura". Isso sugere que o Passo 4.2.1, acima, pode ser saltado nesse caso, já que trata-se de uma palavra comum com uma longa história de uso. Esse parêntese é então seguido pela informação quanto a como a palavra veio a ser formada (neste caso, é o uso substantivo do particípio de ἄρχω), junto com seu significado genérico básico: "alguém em posição de liderança, esp. em uma função urbana".

Em seguida, Danker oferece dois "significados" básicos para ἄρχων no NT, que refletem uma distinção algo hierárquica em uso. Ambos os usos são depois divididos em subcategorias (três e dois), que dão instâncias específicas do uso mais amplo.

A primeira entrada então registra várias ocorrências do sentido histórico básico de *governante, senhor, príncipe*. A primeira subdivisão ("a") dá ocorrências tanto no plural (Mt 20.25; At 4.26; *Barn.* 9.3) quanto no singular (At 7.25,35), onde os autores bíblicos estão ou citando a LXX ou parecem ser influenciados por sua linguagem. A subdivisão "b" tem a única ocorrência em que a palavra se aplica a Cristo ("como governante dos reis da terra"; Ap 1.5).

A subdivisão "c" é a mais longa e a que mais precisa de exame minucioso. Aqui estão listadas as ocorrências em que a palavra se aplica a seres sobrenaturais, especialmente Satanás. É muito importante notar que a única ocorrência

nessa categoria em que ela está no *plural*, e assim *não* se refere a Satanás, é 1Co 2.6-8. Danker segue Bauer em pensar que ela se encaixa aqui mas é adequadamente cauteloso ("muitos também classificariam [nossa passagem] nessa categoria", uma opinião que remonta a Orígenes).

A segunda entrada tem a ver com "alguém com autoridade administrativa" e assim pode ser traduzida por "líder, oficial". Já que as subdivisões que se seguem distinguem oficiais judeus de gentios, as três ocorrências em que isso não pode ser verificado são dadas primeiro (Rm 13.3; em uma variante textual de Tito 1.9 [v.l. = *varia lectio*, que significa "leitura variante"]; e nossa passagem, 1 Coríntios 2.6-8, que é listada de forma a indicar sua própria preferência pelo significado na categoria 1.c [o 1.b que aparece é um erro tipográfico]).

Em seguida, olhe bem no fim da entrada. Aqui há uma série de abreviações B, DDD, EDNT, DELG, M-M e TW (veja p. li-lviii), que informam que a palavra é discutida nessas várias obras de referência.

Mas agora vamos olhar com cuidado a evidência suprida pelo BDAG. Será especialmente importante que você tome nota aqui de duas coisas: as *datas* para a evidência de apoio (veja 4.2.1 e 4.2.2 acima), e o uso *no singular e no plural.* Assim, BDAG começa por notar que a palavra é usada a respeito de "personalidades transcendentais", todas as quais sendo "espíritos malignos... cujas hierarquias lembram instituições polí[ticas] humanas". Esse uso é encontrado em manuscritos maniqueus (veja Kephal[aia] na lista de abreviaturas na p. xlvi, que mesmo não sendo datados, não podem ser anteriores ao quarto século d.C.). No NT o Diabo é chamado de o ἄρχων dos demônios nos evangelhos sinóticos. Os parênteses seguintes informam que você deve comparar a entrada βεελζεβούλ (Belzebu) para informação adicional relacionada a esse uso. Um uso de Porfírio (séc. III a.C.) é também apresentado na íntegra. Em João, o mesmo uso ocorre numa passagem em que o Diabo é denominado o ἄρχων deste mundo. Usos semelhantes aparecem em Barnabé e Inácio, como também espalhados em obras apocalípticas e apócrifas (veja os parênteses seguintes). Aqui lemos que muitos (desde Orígenes ao comentário de Wendland) interpretam nossa passagem como pertencente a essa entrada. Todavia, também descobrimos que outros preferem colocá-la na segunda lista, acima.

A seguir, o BDAG também aponta duas discussões desse uso em 1 Coríntios 2.6-8, encontradas no vol. 68 do *Expository Times*. Se você se der ao trabalho de consultar essas discussões, verificará que T. Ling argumenta a favor de "autoridades humanas", enquanto W. Boyd advoga os dois usos, i.e., governantes humanos controlados por demônios, embora sua ênfase seja claramente no último uso. Embora essa não seja uma bibliografia completa, ela dá um ponto de partida para investigação posterior.

A conclusão da entrada no BDAG dá outros exemplos em *Barnabé*, *Martírio de Policarpo* e Efésios, onde Satanás é designado de forma variada como "príncipe" da autoridade etérea (Ef 2.2) ou o "príncipe maligno" (*Barnabé* 4.13). Finalmente, BDAG apresenta um uso em Inácio, em que ἄρχοντες, no plural, refere-se a autoridades visíveis e invisíveis; nesse contexto, os ἄρχοντες invisíveis devem se referir a seres espirituais, mas não necessariamente malévolos.

Agora, vamos resumir o que aprendemos do BDAG:

1. No singular, ἄρχων é usado no NT, tanto por Paulo como por outros autores, para referir-se a Satanás.
2. Sem contar nossa passagem, o plural ἄρχοντες é usado no NT exclusivamente para referir-se a governantes humanos. Isso inclui Romanos 13.3, a única outra ocorrência do plural em Paulo.
3. Não há evidência citada por BDAG, seja na literatura pré-cristã ou contemporânea, para ἄρχοντες (no plural) com o sentido de "autoridades demoníacas".
4. O primeiro uso de ἄρχοντες no plural referindo-se, claramente, a governantes espirituais, mas não necessariamente malévolos, está na carta de Inácio para a igreja de Esmirna (c. 110 d.C.).
5. A pesquisa acadêmica está dividida quanto ao significado de ἄρχοντες em 1 Coríntios 2.6-8.

O uso de outras ferramentas

Com o Bauer, portanto, ilustramos o uso de todos os passos em 6.4.2. Neste ponto, porém, é possível que se queira verificar ainda a informação disponível em 4.2.2, o uso contemporâneo da palavra fora do NT. O material realmente importante aqui virá de fontes judaicas. O lugar onde se deve começar é sempre a Septuaginta (LXX), porque ela é uma fonte importantíssima para algumas nuanças de palavras gregas que são parte do "vocabulário bíblico" dos autores do NT. O texto da LXX mais conveniente é:

RAHLFS, Alfred (ed.). *Septuaginta*, 2 vols. Stuttgart: Württ. Bibelanstalt, 1959. reimp. Nova York: United Bible Society, s/d. (A Septuaginta [sem os apócrifos] forma parte do *Antigo Testamento Poliglota* publicado por Edições Vida Nova e SBB)

Está agora disponível um léxico muito importante:

LUST, J., Eynikel, E., Hauspie, K. (eds.) *A Greek-English Lexicon of the Septuagint*, 2 vols. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1992, 1996.

E então, será preciso usar a concordância padrão:

HATCH, Edwin, Redpath, H. A. *A Concordance to the Septuagint and Other Greek Versions of the Old Testament (including the Apocryphal Books)*, 2 vols., Grand Rapids: Baker Book House, 1983).

Se você se der ao trabalho de pesquisar essas fontes, descobrirá que em centenas de ocorrências dessa palavra no plural na LXX, ela sempre se refere a governantes terrenos de algum tipo.

Desde que BDAG também lista o uso na *Ascensão de Isaías* e *3 Coríntios* 3.11, você pode ver por si mesmo que nessas obras o singular ἄρχων se refere somente a Satanás.

a. Aqui será bom usar uma concordância para os pseudepígrafos:

DENIS, Albert-Marie. *Concordance Grecque des Pseudépigraphes d'Ancien Testament.* Louvain: Université Catholique de Louvain, 1987.

Em virtude da relevância de Josefo e Fílon, que usaram essa palavra, é importante que você conheça outras duas ferramentas.

b. Existe uma concordância de Josefo:

RENGSTORF, K. H., ed. *A Complete Concordance to Flavius Josephus.* 4 vols. Leiden: E. J. Brill, 1973—. [JAF 455]

Aqui você verá que Josefo usa o termo inúmeras vezes, sempre em referência a governantes humanos.

c. Existe um índice para palavras gregas em Fílon:

BORGEN, Peder, FUGLSETH, Kare, SKARSTEN, Roald (eds.). *The Philo Index: A Complete Greek Word Index to the Writings of Philo of Alexandria.* Grand Rapids: Eerdmans, 2000.

Esta ferramenta é mais difícil de utilizar, pois se trata de um índice somente. Entretanto, se alguém se dedicar a pesquisar os usos de ἄρχοντες em Fílon, perceberá mais uma vez que são limitados a governantes terrenos.

Existem outras três ferramentas que você poderá consultar de vez em quando, porque fornecem informações úteis.

d. Visto que o NT usa o grego comum do século I d.C., também é importante consultar o uso contemporâneo não-literário. A fonte principal para isso é:

MOULTON, J. H., MILLIGAN, G. *The Vocabulary of the Greek Testament Illustrated from the Papyri and Other Non-Literary Sources.* Londres: Hodder & Stoughton, 1914-1930. Reimpresso por Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1974. [JAF 180].

Um novo "Moulton-Milligan" está sendo feito. Para os resultados parciais já publicados desse material, veja:

HORSLY, G. H. R., ed. *New Documents Illustrating Early Christianity: A Review of the Greek Inscriptions and Papyri.* Vols. 1-5 North Ryde, Australia: Ancient History Documentary Research Centre, Macquire University, 1981-1989.

LLEWELYN, S. R. (ed.) *New Documents Illustrating Early Christianity: A Review of the Greek Inscriptions and Papyri.* Vols. 6-8. North Ryde, Australia: Ancient History Documentary Research Centre, Macquire University, 1992-.

Uma verificação no verbete ἄρχων revela, de novo, que apenas governantes terrenos são mencionados nessas fontes.

e. O léxico para o uso do grego clássico (e outros) é:

LIDDELL, H. G., SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon.* 9ª ed., rev. por H. S. Jones e R. McKenzie. Oxford: Clarendon Press, 1940. [JAF 179].

Este léxico aumentará o volume de informações disponíveis no Bauer, especialmente ao oferecer a história dos usos e o campo semântico na antigüidade grega. Como já vimos acima, todos os usos greco-romanos pré-cristãos referem-se a governantes terrenos.

e. Em muitos casos, e esse é um deles, será importante pesquisar o uso do termo na igreja primitiva. Aqui você consultará:

LAMPE, G. W. H. ed. *A Patristic Greek Lexicon.* Oxford: Clarendon Press, 1961-1968. [JAF 178]

No caso de ἄρχοντες é interessante descobrir a raridade do uso da palavra para espíritos malignos na literatura cristã subseqüente. Ela é usada dessa forma nos livros apócrifos de *Atos de João* 1.4 e em *Atos de Tomé* A.10. As outras ocorrências se limitam basicamente a fontes gnósticas e maniqueístas.

Com base na informação lingüística somente, parece que ἄρχοντες em 1 Coríntios 2.6-8 se refere a governantes terrenos, Já que em termos de uso histórico, a ocorrência mais antiga conhecida em que ela se refere a "governantes" espirituais malévolos (poderes demoníacos) é do início do terceiro século d.C., onde Orígenes interpreta nossa passagem dessa maneira. No entanto, sempre é possível pensar que o uso tardio, "espíritos malignos", tenha se originado com Paulo, nesta passagem. Assim, precisamos resolver a questão, finalmente, na seção 4.3, i.e., analisando o contexto de 1 Coríntios 1 a 4, em particular 2.6-16. Aqui, podem-se consultar os comentários (veja cap. 8.13.3, especialmente Fee e Thiselton). O que fica claro no

contexto é que Paulo contrasta a sabedoria humana e divina, a última sendo percebida somente por aqueles que têm o Espírito (2.10-14). O contraste no v. 14 é, claramente, com *seres humanos* que *não* têm o Espírito, os quais vêem a sabedoria divina como loucura. Portanto, aparentemente não há uma boa razão contextual para argumentar que a introdução deste conjunto de contrastes (v. 6-8) se refira a outros que não os governantes humanos que, sendo as "pessoas principais" desta era, representam quem não pode perceber a sabedoria de Deus na cruz.

Quando tiver terminado todos esses passos por si mesmo, então você estará preparado para verificar os seus resultados em um ou mais dos dicionários teológicos do NT. A primazia é de:

> KITTEL, Gerhard, FRIEDRICH, Gerhard, eds. *Theological Dictionary of the New Testament.* 10 vols., incluindo o índice. Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964-1976. [JAF 252]

É difícil saber como guiá-lo no uso dessa "ferramenta monumental" e "valiosa", como Fitzmyer a descreve (JAF). Visto que essa obra é tão completa em suas discussões, você poderá sentir que seu trabalho foi uma tentativa de reinventar a roda. No entanto, é preciso lembrar que essa é uma fonte *secundária*, e deve ser lida com os mesmos olhos clínicos que qualquer outra literatura secundária requer (veja Passo 13.1). Assim, por exemplo, no artigo a respeito de ἄρχων (Vol. I, p. 488-489), Delling considera ἄρχοντες em 1 Coríntios 2.6-8 uma referência a demônios. Mas ele não oferece nenhum argumento para essa conclusão; ele apenas a afirma. Portanto, não deixe de usar o Kittel — e compre a coleção se tiver oportunidade —, mas não permita que ele pense por você.

Outras obras muito importantes são:

> BROWN, Colin e COENEN, Lothar (orgs.). *Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento.* 2a ed. 2 vols. São Paulo: Vida Nova, 2000.
>
> BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard, eds. *Exegetical Dictionary of the New Testament.* 3 vols. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1990-1992. (Existe tradução espanhola: *Diccionario Exegetico del Nuevo Testamento.* 2 vols. Salamanca, Sígueme, 1996/1998.)

Em contraste com o Kittel, que faz o arranjo das palavras gregas em ordem alfabética, Colin Brown e Lothar Coenen agrupam as palavras de acordo com idéias relacionadas. Assim, para encontrar uma palavra, você terá de, freqüentemente, consultar o índice (Vol. II, p. 2703-2733). Os ἄρχοντες de 1 Coríntios 2.6-8 são discutidos em uma entrada intitulada "Começo, Origem, Governo, Governador, Originador" (p. 366s.). Mais uma vez, o autor (H. Bietenhard) os classifica como demônios. Mas essa obra é útil e reúne muito material em cada um de seus artigos.

Por outro lado, à semelhança de Kittel, Balz e Schneider discutem todas as palavras em ordem alfabética. Em contraste com o Kittel, porém, essa obra inclui uma entrada para todas as palavras que aparecem no NT, apresentando informações especialmente pertinentes à exegese. No caso de ἄρχων, porém, Otto Merk continua a tradição de confundir o singular com o plural.

Exemplo 2. Como usar uma Concordância

De modo geral, o exemplo anterior o coloca em contato com a maioria dos passos e das ferramentas necessárias para fazer um estudo de vocábulo. Deixamos de lado a concordância, no exemplo acima, porque o léxico serviu esse propósito nesse caso. É claro que a consulta a uma concordância poderia, também, ter sido proveitosa, permitindo que você visse todas as passagens do NT em seus contextos imediatos. O breve exemplo, a seguir, ilustrará ainda mais a utilidade da concordância para o estudo de palavras.

Em 1Coríntios 1.29 e 1.31, Paulo usa καυχάομαι (orgulhar-se/gloriar-se) duas vezes; a primeira de forma pejorativa (Deus decidiu eliminar o "orgulho" do ser humano em sua presença), a segunda, positiva (a intenção divina é precisamente que as pessoas "se gloriem" nele). Esse contraste não está claramente disponível no Bauer, mas uma verificação na concordância pode ser um exercício frutífero.

Primeiro, você descobrirá que o grupo de palavras καυχάομαι–καύχημα–καύχησις (orgulho, orgulhar-se) é um fenômeno predominantemente paulino no NT (55 das 59 ocorrências).

Segundo, você verá que o maior número de ocorrências do uso paulino aparece em 1 e 2 Coríntios (39 das 55) e que a vasta maioria dessas ocorrências é pejorativa. ("Gloriar-se" nas realizações humanas, ou "gloriar-se" baseando-se em valores meramente humanos [desta era], parece ter sido um problema em Corinto.)

Terceiro, você também descobrirá que quando Paulo utiliza esse grupo de palavras em sentido positivo, ele não raro "se gloria" de coisas que se contrapõem ao "gloriar-se" humano (a cruz, fraqueza, sofrimento).

Finalmente, o paradoxo de "gloriar-se" em seu apostolado também se relaciona à última observação; i.e., que Deus trouxe à existência Paulo e suas igrejas. Portanto, Paulo pode se gloriar no que Deus faz, apesar das suas fraquezas humanas.

Dessa forma, é possível aprender muito por si mesmo antes da, ou durante a, consulta ao Bauer. Ainda mais, pode-se ver de imediato como é importante essa informação para a compreensão de 1 Coríntios 1.26-31. Da mesma forma com que Deus deliberadamente afastou a sabedoria humana ao redimir a humanidade pela contradição da cruz, assim ele também afastou a sabedoria humana ao

selecionar pessoas como os crentes de Corinto para constituir o novo povo de Deus. Tudo isso, Paulo diz, foi decisão da parte de Deus para eliminar o "gloriar-se" em realizações humanas — precisamente o tipo de "gloriar-se" que pertence à sabedoria desta era, na qual os crentes coríntios caíram. A única base para a καύχησις no tempo da nova criação está no próprio Cristo.

Neste ponto será bom retornar ao Bauer e outras fontes para determinar a nuança precisa de "gloriar-se".

5. CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL (Veja cap. 5.8)

A própria natureza das Escrituras exige que o exegeta tenha alguma habilidade em investigar o contexto histórico-cultural dos textos do NT. Afinal de contas, o NT não chegou a nós na forma de máximas atemporais; cada texto foi escrito numa determinada estrutura de tempo/espaço no século I d.C. De fato, os autores do NT não sentiram nenhuma necessidade de explicar o que para eles e seus leitores eram pressuposições culturais comuns. É somente quando costumes provincianos poderiam não ser entendidos em contextos mais amplos que explicações são oferecidas (e.g., Mc 7.3s); mas isso é raro.

A ausência dessa ajuda dentro dos textos em si deve ser esperada, já que a maioria das pessoas que se comunicam umas com as outras o fazem com base em pressuposições compartilhadas que raramente são articuladas. Essas pressuposições têm a ver com história comum (narrativas de família ou de grupo), sociologia (os relacionamentos e estruturas sociais que determinam a vida diária), e cultura (os valores, freqüentemente não articulados, que um grupo compartilha para funcionar). Os leitores de hoje compartilham muito poucas dessas pressuposições, mas ao mesmo tempo nós trazemos para o texto todo um outro conjunto de pressuposições compartilhadas dentro de nossa própria cultura.

Essas questões são tanto mais complexas para a leitura do Novo Testamento porque ele é o produto de dois mundos: judaico e greco-romano. Essa complexidade pode ser vista por simplesmente olhar em suas duas figuras primárias, Jesus e Paulo. Enquanto eles compartilhavam uma história comum — a história de Deus e seu povo no AT — que é assumida em tudo que dizem a fazem, eles nasceram e foram criados em ambientes sócio-históricos bem diferentes, o que é evidenciado em primeiro lugar por suas línguas nativas (aramaico para Jesus, grego para Paulo) e então encontrado em toda uma variedade de outras diferenças, na maioria diferenças sociológicas e culturais.

Quando nos voltamos para as comunidades para as quais os documentos do NT foram escritos, encontramos essa mesma diversidade em sociologia e cultura. A maioria dos documentos do NT foi dirigida a comunidades eclesiais no mundo greco-romano, sendo a maioria de seus membros constituída de gentios.

Pela conversão, essas pessoas agora compartilhavam a história comum do povo de Deus — de fato, da perspectiva de Paulo eles eram uma parte do complemento daquela história, em harmonia com a aliança abraâmica (Gn 12.2-3) como ela tinha sido articulada escatologicamente nos profetas, especialmente Isaías. Mas a sociologia deles (governo, estruturas urbanas, estruturas familiares etc.) e suas pressuposições culturais sobre todos os tipos de valores arraigados (honra/vergonha, moralidade sexual, relação patrão/empregado, amizade etc.) eram de um tipo consideravelmente diferente daquelas compartilhadas pelas comunidades judaicas na Palestina que se seguiu a Jesus (é só ler Tiago e 1 Coríntios lado a lado para sentir as diferenças).

Os problemas que o exegeta de hoje enfrenta neste ponto são vários. Primeiro, nós temos nosso próprio (geralmente não reconhecido) conjunto de pressuposições históricas, sociais e culturais, que nos levam a inadvertidamente ler nossas idéias e costumes lá no primeiro século. Assim, uma das dificuldades encontra-se em aprender a estar alerta para o que precisa ser investigado, e vencer a idéia de que nós sabemos o que os autores do NT estão dizendo. O segundo problema tem a ver com a imensidão da tarefa de pesquisa e a pobreza do material acessível. Mas mesmo o que está disponível fica além do domínio de qualquer um de nós; então, dependemos de outros fazerem parte do trabalho por nós, e eles próprios serão intérpretes dos dados. Terceiro, parte da complexidade dessa questão é que, por um lado, é preciso ler muito sobre as questões históricas, sociológicas e culturais mais amplas que impactaram essas comunidades cristãs primitivas, enquanto, por outro lado, há questões específicas que estão relacionadas ao parágrafo no qual você está fazendo a exegese que necessitam investigação. Isso leva às questões, quarta, de como realizar o processo de investigação e, quinta, de como avaliar a importância do que foi descoberto. Isso é, obviamente, a obra (com intervalos) de uma vida. Felizmente, as últimas duas décadas do século XX viram uma enxurrada de estudos que pretendem guiar as pessoas em meio a esses assuntos. Meu objetivo nesta seção é principalmente informá-lo de parte dessa literatura — e lembrar a você que tais livros continuam a aparecer regularmente, de forma que é preciso estar alerta quanto ao que vai estar disponível depois da data deste manual.

5.1. Saiba das várias fontes que dão acesso ao "mundo" do NT.

5.1.1. Estudos Gerais

Para um panorama das correntes políticas, religiosas e intelectuais do judaísmo e helenismo romano do primeiro século, é preciso ter acesso a um ou mais dos seguintes livros:

FERGUSON, Everett. *Backgrounds of Early Christianity*. Ed. rev. Grand Rapids: Eerdmans, 1993.

JEFFERS, James S. *The Grego-Roman World of the New Testament Era: Exploring the Background of Early Christianity.* Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1999.

EVANS, Craig A., Porter, Stanley (eds.) *Dictionary of New Testament Background.* Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2000.

Em português:

STEGEMANN, E., Stegemann, W. *História Social do Protocristianismo.* Editora Sinodal.

DANIEL-ROPS, Henry - *A Vida Diária nos Tempos de Jesus,* Edições Vida Nova, 1983.

PACKER, J.I. & Tenney, M.C. & White Jr, W. - *Vida Cotidiana nos Tempos Bíblicos*, Editora Vida, 1984.

PACKER, J.I. & Tenney, M.C. & White Jr, W. - *O Mundo do Novo Testamento*, Editora Vida, 1988.)

Para uma introdução à forma em que esse tipo de questão afeta os textos do NT, incluindo todo o NT, veja:

Keener, Craig. *The IVP Bible Background Commentary: New Testament.* Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1993.

5.1.2. Panos de fundo judaicos

Sobre panos de fundo judaicos em particular, os seguintes livros são úteis:

SCHÜRER, Emil. *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ (175 B.C.–A.D. 135): A New English Version Revised and Edited.* Ed. por Géza Vermès *et al.* 3 vols. Edimburgo: T. & T. Clark, 1973, 1979. [JAF 410].

SCOTT, Julius J. *Customs and Controversies: Intertestamental Jewish Backgrounds of the New Testament.* Grand Rapids: Baker Book House, 1995.

JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém nos tempos de Jesus: pesquisas de história econômico-social do período do Novo Testamento.* São Paulo: Paulinas, 1983. [JAF 534].

Este último livro, como muitos outros, precisa ser usado com alguma cautela, já que Jeremias às vezes desrespeita a data das fontes (veja 5.4.2). Outra obra, mais popular, desse tipo é:

DERRET, M. *Jesus's Audience: The Social and Psycological Environment in Wich Herodes Worked.* Nova York: Seabury Press, 1973.

Dentre os diversos livros que procuram auxiliar no contato com "os tempos bíblicos", ou seja, com os costumes da época, qualquer dos títulos seguintes será útil:

MATTHEWS, Victor H. *Manners and Customs in the Bible: An Illustrated Guide to Daily Life in Bible Times.* Hendrickson, 1988.

THOMPSON, J. A. *Handbook of Life in Bible Times.* Inter-Varsity Press, 1986.

MILLER, Madeleine S. e J. Lane. *Harper's Encyclopedia of Bible Life.* 3 ed. Harper & Row, 1978.

Para o contexto dos inter-relacionamentos entre judaísmo e helenismo, que estabelecem o palco para o judaísmo do primeiro século, consulte:

HENGEL, Martin. *Judaism and Hellenism: Studies in Their Encounter in Palestine During the Early Hellenistic Period.* 2 vols. Fortress Press, 1974. [JAF 400]

5.1.3 Panos de fundo greco-romanos

A complexidade do mundo greco-romano (Grécia, Roma e as províncias de todos os tipos) torna impossível a seleção adequada de bibliografia num livro como este. Com um pouco de esforço é possível descobrir em bibliotecas muito material, tanto geral como especializado, em vários estudos clássicos. Uma palavra de cautela: Deve-se ter o cuidado de não fazer generalizações sobre o mundo pagão com base na evidência de uma parte daquele mundo.

Um panorama que enfatiza o aspecto de "pano de fundo" encontra-se em:

KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento* - Vol. 1 - *história, cultura e religião do período helenístico.* Editora Paulus, 2005.

Para uma bibliografia útil nesse tópico, você achará boa informação em:

HARRINGTON, Daniel J. *The New Testament: A Bibliography.* Wilmington, Del.: Michael Glazier, 1985, p. 197-200.

Dois outros livros de natureza mais popular, que tocam em assuntos da vida diária, são:

CARY, Max, HAARHOFF, T. J. *Life and Thought in the Greek and Roman World.* Londres: Methuen & Co., 1940.

MATTINGLY, Harold. *The Man in the Roman Street.* W. W. Norton & Co., 1966.

Deve-se estar atento a outra obra exaustiva (que terá bem mais que trinta volumes quando estiver completa), tratando da ascensão e queda do mundo romano:

TEMPORINI, Hildegard, HAASE, Wolfgang, eds. *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt. Geschichte und Kultur Roms im Spiegel der neueren Forschung.* Berlim: Walter de Gruyter, 1972—.

Apesar de ser publicada na Alemanha, esta obra inclui artigos em diversas línguas. Muitos dos artigos foram escritos por estudiosos de língua inglesa e podem ser úteis em áreas específicas de interesse.

5.2. Esteja atento aos estudos sociológico-culturais especializados

Esse campo de estudo borbulhante exige constante vigilância da parte do exegeta, para ver o que está disponível na literatura. Para introduções muito úteis aos vários aspectos desse campo de estudo, veja um ou mais dos seguintes:

ELLIOTT, J. H. *What Is Social-Scientific Criticism?* Minneapolis: Fortress Press, 1993.

OSIEK, Carolyn. *What Are They Saying about the Social Setting of the New testament?* rev. e expandida. Paulist Press, 1992.

STAMBAUGH, J. E.; Balch, D. L. *The New Testament in Its Social Environment.* Westminster Press, 1986.

Uma esplêndida introdução a como diversos valores sócio-históricos influenciam uma ampla gama de questões relativas a comunidades cristãs primitivas é:

DESILVA, David A. *Honor, Patronage, Kinship and Purity: Unlocking New Testament Culture.* Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2000.

Uma guia igualmente útil sobre a interação entre famílias no mundo greco-romano e famílias cristãs primitivas e igrejas domésticas é:

OSIEK, C., Balch, D. L. *Families in the New Testament World: Households and House Churches.* Westminster John Knox, 1997.

5.3. Esteja atento ao uso que o NT faz do AT (incluindo a intertextuaiidade)

O mais óbvio e primário "pano de fundo" que influencia os autores do NT são suas pressuposições comuns sobre o AT: que ele é a "história" primária que dá

significado ao mundo e a suas vidas; que ele é o desenrolar da história de Deus por meio de um povo a quem ele chamou, libertou da escravidão, prendeu a si mesmo por meio de uma aliança de lei, deu-lhes a terra prometida como herança deles, deu um rei para governá-los como seu regente, e no meio de quem ele escolheu habitar no templo no monte Sião. Simplesmente não é possível ler bem o NT sem ter consciência de quão profundamente esses e outros aspectos de sua história primária afetam tudo. De fato, os autores do NT pensam em Cristo não tanto como instituindo algo novo mas antes como "cumprindo"/levando à consumação a dimensão escatológica das promessas de Deus feitas a seu povo na antiga aliança.

Assim, é importante que, ao se dedicar à exegese do NT, você sempre pare para perguntar como a sua passagem é explícita ou implicitamente influenciada pelo AT. Estudos recentes mostraram que há poucas, se é que há, citações do AT pelos autores do NT que não levam em conta o contexto do AT. Vale a pena ler o verbete escrito por Moisés Silva sobre "Antigo Testamento em Paulo" no *Dictionary of Paul and His Letters* (veja 5.4.2, abaixo) e então continue lendo seletivamente a partir da bibliografia de Moisés Silva.

Igualmente importante para a forma que os autores do NT *citam* o AT é o fenômeno da *intertextualidade* (ecos da história do AT ou de sua linguagem), que ocorre por todo o NT e algumas vezes das formas mais inesperadas. Tomemos, por exemplo, a narrativa da natividade por Lucas nos capítulos 1—2. Ela começa (1.5-17) com ecos claros da história de Ana e Samuel em ISamuel 1—3 (Samuel, por fim, ungiria o escolhido de Deus); depois, no anúncio a Maria (1.26-38), Lucas escolhe ecos da aliança davídica (2Samuel 7.14-15) a respeito do anunciado filho dela. Seu cântico então escolhe ecos do cântico de Ana e de vários salmos.

Ou tomemos os bem conhecidos ditos "Eu sou" de Jesus sobre ele ser "a videira verdadeira" e "verdadeiro pastor". Fazer exegese dessas passagens sem consciência da riqueza dessas imagens para o povo de Deus do AT (e.g., Is 5.1-7; Ez 34.20-31) é fazer delas imagens genéricas — e, portanto, imagens amenas de horticultura ou criação de animais — e não "cumprimentos" explícitos de imagens-chave do AT que Jesus está deliberadamente apresentando aos seus ouvintes. Ou tomemos a referência de Paulo em Romanos 8.34 a Cristo como "assentado à direita de Deus" intercedendo por nós, uma imagem plena de ecos deliberados do messianismo de Salmos 110.1, que veio especialmente à linha de frente do entendimento que os primeiros cristãos tinham do Cristo exaltado como Senhor. Há centenas desses exemplos por todo o NT, mas eles têm um clímax nos mais de 250 ecos no Apocalipse, que são muito intencionais e exegeticamente determinantes passagem por passagem. Como notado no capítulo 5, o lugar onde se deve começar a exegese a esse respeito é nas referências cruzadas na margem do NA[27].

A melhor Introdução ao fenômeno da intertextualidade pode ser encontrada em:

HAYS, R. B. *Echoes of Scripture in the Letters of Paul.* New Haven, Conn.: Yale University Press, 1989.

Uma crítica multifacetada de Hays e uma amostra variada de estudos sobre o uso que Paulo faz do AT está em:

EVANS, C. A., Sanders, J. A. *Paul and the Scriptures of Israel.* JSNTSS 83. Sheffield: JSOT Press, 1993.

Para ver a intertextualidade em ação no textos bíblicos, leia (quanto ao Apocalipse):

BEALE, Gregory K. *The Book of Revelation.* NIGTC. Grand Rapids: Eerdmans, 1999. p. 76-99.

Ou, para os ecos do tema do segundo Êxodo que parecem servir como um padrão para o entendimento que Marcos tem de Jesus:

WATTS, R. E. *Isaiah's New Exodus in Mark.* WUNT 2/88 (Tübingen: J. C. B. Mohr [Paul Siebeck], 1997; reimp. Grand Rapids: Baker Book House, 2000.

5.4. Algumas orientações que se aplicam especificamente a sua passagem

5.4.1. Determine se o ambiente cultural de sua passagem é basicamente judaico ou greco-romano, ou uma combinação de ambos

O objetivo desta orientação é servir como lembrete constante de que o ambiente cultural do primeiro século era muito complexo. Na maior parte, o material dos evangelhos refletirá contextos judaicos. Mas todos os evangelhos, em sua forma presente, têm em vista uma igreja gentílica ou a missão gentílica como público-alvo. Pode-se notar já algumas mudanças culturais acontecendo no material dos próprios evangelhos (e.g., o comentário de Marcos a respeito das leis quanto à alimentação em 7.19; ou a mudança topográfica na parábola dos construtores, um sábio e o outro imprudente, das colinas e dos vales de calcário da Judéia e Galiléia, em Mt 7.24-27, para a topografia de planícies e rios, em Lc 6.47-49). Assim, quando Jesus fala de esmolas, divórcio, juramentos etc., é obrigatório que se conheça a cultura judaica nesses pontos. Mas também seria útil conhecer a cultura greco-romana nessas questões, a fim de se adquirir sensibilidade para as semelhanças ou diferenças.

O mesmo ocorre com as epístolas paulinas. É muito importante ter sensibilidade para a cosmovisão essencialmente judaica de Paulo. Entretanto, uma vez que suas cartas foram escritas para igrejas gentílicas, situadas na cultura greco-romana, é preciso também descobrir formas de compreender essa cultura.

5.4.2. Determine o significado e a importância de pessoas, lugares, eventos, instituições, conceitos e costumes

É isso que se quer dizer quando se fala de "pano de fundo". É preciso saber como e por que as pessoas faziam as coisas. De fato, essa informação é crucial para a compreensão de muitos textos. O segredo para esse passo é ter acesso a uma ampla coleção de literatura secundária. O cuidado especial aqui é que haja verificação regular das referências oferecidas nessa literatura com as fontes primárias. Parte dessa informação pode ser encontrada em algumas das fontes listadas em 5.1, acima.

Sobre muitos pontos específicos em seu texto, é preciso, em primeiro lugar, ter acesso a um dos dicionários bíblicos multivolumes.

O melhor de todos é:

FREEDMAN, David Noel, ed. *The Anchor Bible Dictionary*, 6 vols. Nova Iorque: Doubleday & Co., 1992.

Embora seja indiscutivelmente o melhor e mais atualizado dicionário da Bíblia, ainda é possível achar considerável utilidade em alguns antigos:

BUTTRICK, George A., *et al.*, eds. *The Interpreter's Dictionary of the Bible.* 4 vols. Abingdon Press, 1962. [JAF 240]; com o seu suplemento:

CRIM, Keith, *et al.*, eds. *The Interpreter's Dictionary of the Bible, Supplementary Volume.* Abingdon Press, 1976. [JAF 240]

Ou na edição revisada de:

BROMILEY, Geoffrey W. *et al.*, eds. *The International Standard Bible Encyclopedia.* Ed. rev. Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1979—1988. (ISBE: *Enciclopédia Bíblica Internacional* [título provisório; no prelo]. Shedd Publicações.)

Em português:

DOUGLAS, J. D. *O Novo Dicionário da Bíblia.* 3. ed. revisada. Vida Nova, 2006.

YOUNGBLOOD, Ronald F. (ed. geral) *Dicionário ilustrado da Bíblia.* Vida Nova, 2004.

CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* 6 vols. Editora Hagnos, 2002.

BORN, A. van Den. *Dicionário enciclopédico da Bíblia.* Vozes, 1977.

MCKENZIE, John. *Dicionário Bíblico.* Paulus, 2000.

PFEIFFER, Charles F., VOS, H., REA, John (eds.) *Dicionário Bíblico Wycliffe.* CPAD, 2007.)

É importante também conhecer os três dicionários da InterVarsity (além daquele mencionado em 5.1.1, acima). Esses cobrem uma gama bem mais ampla de tópicos que os dicionários mais tradicionais, mas estão cheios de artigos de primeira linha e boas bibliografias:

GREEN, J. B., Mcknight, S., Marshall, I. H. (eds.) *Dictionary of Jesus and the Gospels.* Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1992.

HAWTHORNE, G. F., Martin, R. P., Reid, D. G. (eds.) *Dictionary of Paul and His Letters.* Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1993.

MARTIN, R. P., Davids, P. H. (eds.) *Dictionary of the Later New Testament and Its Developments.* Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1997.

Esses e muitos outros excelentes recursos da InterVarsity agora estão disponíveis em um único CD-ROM.

5.4.3. Pesquise textos paralelos, ou não-paralelos, de fontes judaicas ou greco-romanas que possam auxiliar na compreensão do ambiente cultural do autor da passagem em estudo

Este passo vai além de 5.2, no sentido de que direciona você para algumas fontes primárias propriamente ditas (freqüentemente mencionando as traduções, é claro). O propósito dessa coleção de textos varia. Algumas vezes, como nas passagens que tratam de divórcio, o propósito é permitir a exposição às várias opções na cultura do primeiro século. Outras vezes, com passagens como 1Timóteo 6.10, o objetivo é reconhecer que o autor cita um provérbio comum. Em cada caso, porém, a finalidade é que você trave conhecimento com o mundo do primeiro século por si mesmo.

À medida que você reúne os textos, tente identificar não somente os paralelos como também os textos inversamente paralelos (idéias e costumes antitéticos) e textos que reflitam um ambiente de idéias comuns. Para chegar a esse material você deverá fazer o seguinte:

5.4.3.1. Tome conhecimento da ampla gama de literatura que aborda os contextos judaicos

Esse material pode ser convenientemente agrupado nas categorias a seguir:

a. *AT e Septuaginta.* Para informação sobre as edições, veja JAF 97-112.

b. *Apócrifos.* Para informação sobre as edições, veja JAF 104-112. Boas traduções em português podem ser encontradas na BJ e na TEB.

c. *Pseudepígrafos.* A tradução inglesa padrão agora é:

CHARLESWORTH, J. H., ed. *The Old Testament Pseudepigrapha.* Nova Iorque: Doubleday & Co., 1982. [JAF 446]

d. *Manuscritos do Mar Morto.* A tradução-padrão é:

MARTÍNEZ, Florentino G. *Textos de Qumran.* Vozes, 1995.

Uma valiosíssima coleção de paralelos de Cunrã (temas e motivos) com o NT encontra-se em:

BRAUN, H. *Qumram und das Neue Testament*, 2 vols. Tübingen: J. C. B. Mohr [Paul Siebeck], 1966, v. 2.

Além disso, uma nova série de comentários, os Comentários Eerdmans sobre os Rolos do Mar Morto (ECDSS), foi instituída em 2000 sob a editoria de Martin G. Abegg e Peter W. Flint. O primeiro volume é:

DAVILA, J. R. *Liturgical Works.* Grand Rapids: Eerdmans, 2000.

e. *Os escritores judeus helenistas, Fílon e Joséfo.* As edições e traduções-padrão são da Loeb Classical Library (Harvard University Press).

f. *Literatura rabínica.* A edição-padrão da *Mishnah* é de Danby (12.32), o *Talmude* de Epstein (12.37) e os *Midrashim* de Freedman e Simon (12.41).

g. *Literatura targúmica.* Bibliografia em:

HARRINGTON, Daniel J. *The New Testament: A Bibliography.* Wilmington, Del.: Michael Glazier, 1985, p. 218-20.

Se você não estiver familiarizado com a data e o significado de qualquer item dessa literatura, você deve consultar as duas introduções abaixo:

NICKELSBURG, George W. E. *Jewish Literature Between the Bible and the Mishnah: An Historical and Literary Introduction.* Fortress Press, 1981.

MUSAPH-ANDRIESSE, R. C. *From Torah to Kabbalah: A Basic Introduction to the Writings of Judaism.* Oxford University Press, 1982.

5.4.3.2. *Tome conhecimento da ampla literatura disponível acerca do mundo greco-romano*

A maior e melhor coleção de autores greco-romanos é a *Loeb Classical Library* (Harvard University Press), que possui tanto os textos gregos como os latinos, juntamente com uma tradução inglesa — em mais de 450 volumes.

Um projeto que tem durado já muitos anos, chamado de *Corpus Hellenisticum Novi Testamenti*, coleciona e publica tanto paralelos quanto textos divergentes ao NT de muitos desses autores. Alguns dos mais importantes deles estão agora disponíveis:

Dio Crisóstomo (d.C. 40-112?)

MUSSIES, G. *Dio Chysostom and the New Testament: Paralels Collected.* Leiden: E. J. Brill, 1971.

Luciano (ca. 120-180 d.C.)

BETZ, H. D. *Lukian von Samosata und das Neue Testament. Religionsgeschichtliche und paränetische Parallelen.* TU76. Berlim: Akademie-Verlag, 1961.

Musônio Rufo (30-100? d.C.)

VAN DER HORST, P. W. "Musonius Rufus and the New Testament: A Contribution to the Corpus Hellenisticum", *Novum Testamentum* 16 (1974). 306-315.

Filostrato (ca. 170-245 d.C.)

PETZKE, G. Die Traditionen über Apollonius von Tyana und das Neue Testament. Studia ad Corpus Hellenisticum Novi Testamenti, 1. Leiden: E. J. Brill, 1970.

Plutarco (ca. 49-120 d.C.)

ALMQUIST, H. *Plutarch und das Neue Testament: Ein Beitrag zum Corpus Hellenisticum Novi Testament.* Acta Seminarii Neotestamentici Upsaliensis, 15. Uppsala: Appelbergs Boktryckeri, 1946.

BETZ, Hans Dieter. *Plutarch's Theological Writings and the Early Christian Literature*. Studia ad Corpus Hellenisticum Novi Testamenti, 3. Leiden: E. J. Brill, 1975.

———. *Plutarch's Ethical Writings and Early Christian Literature*. Studia ad Corpus Hellenisticum Novi Testamenti, 4. Leiden: E. J. Brill, 1978.

———, SMITH, JR., E. W. "Contributions to the Corpus Hellenisticum Novi Testamenti. I: Plutarch, De E apud Delphos". *Novum Testamentum* 13 (1971). 217-235.

Sêneca (ca. 4 a.C.– 65 d.C.)

SEVENSTER, J. N. *Paul and Seneca*. Supplements to *Novum Testamentum*. 4. Leiden: E. J. Brill, 1961.

Muito desse material foi agora convenientemente reunido e colocado em ordem canônica em:

BORING, M. E., Berger, K., Colpes, C. (eds.) *Helenistic Commentary to the New Testament*. Nashville: Abingdon Press, 1995.

5.4.3.3. *Para textos específicos, use fontes-chave secundárias como ponto de partida.*

Aqui também não existem "regras" a seguir. Um dos pontos de partida seria algum dos melhores comentários (a série *Hermeneia*, em inglês; *Études Bibliques*, em francês, ou a série *Meyer* ou *Herder*, em alemão). Não raro, referências pertinentes aparecerão entre parênteses no texto ou nas notas. Um ponto de partida está disponível nos livros de Keener e Boring, Berger, Colpe, listados acima em 5.1.1 e 5.4.3.2, respectivamente.

Para o material rabínico, existem duas fontes excelentes:

STRACK, Hermann L., BILLERBECK, P. *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch*. 6 vols. Munique: Beck, 1922-1961. [JAF 496]

Essa é uma coleção de textos da literatura rabínica que podem refletir no contexto do NT, arranjada na ordem canônica do NT. Embora os textos estejam em alemão, um estudante que leia o inglês poderá aproveitar suas referências para consultar as traduções inglesas (para suas referências abreviadas, veja Vol. 1, p. vii-viii). Deve-se ter cautela aqui (veja 5.4.2), pois essa coleção nem sempre sabe discriminar. É, entretanto, uma ferramenta valiosa.

BONSIRVEN, J. *Textes Rabbiniques des deux premiers siècles chrétiens pour servir à l'intelligence du Nouveau Testament*. Roma: Biblical Institute Press, 1955. [JAF 489].

Essa coleção é organizada conforme a ordem dos tratados no *Talmude*. No entanto, podem-se usar os índices, no final, para localizar passagens específicas. Apesar do título, nem todas as referências datam dos primeiros dois séculos do cristianismo. Ainda assim, é também uma ferramenta valiosa.

5.5. Avalie o significado da informação contextuai para o entendimento de seu texto

Este é, sem dúvida, o passo mais crucial para a exegese; e é, ao mesmo tempo, o mais difícil de "ensinar" ou de regulamentar para sua implementação. O que vem a seguir, portanto, são algumas sugestões e advertências quanto ao tipo de coisas para as quais você deve atentar.

5.5.1. *Tome conhecimento do tipo de informação sobre o contexto com o qual você está trabalhando*

Esta orientação meramente repete o que foi observado em 5.3. Sua passagem de "contexto" oferece um paralelo direto à sua passagem no NT? Ela é um paralelo ao inverso ou uma antítese? Ou será que ela reflete o ambiente cultural mais amplo em relação ao qual sua passagem deve ser entendida?

5.5.2. *Tanto quanto for possível, determine a data da informação contextual*

Você precisa desenvolver uma ampla sensibilidade aqui, pois a "data" do autor de seu texto paralelo pode, ou não, torná-lo irrelevante para a sua passagem do NT. Por exemplo, um escritor do segundo século d.C. pode refletir o mundo cultural ou intelectual de uma época bem mais remota. Ainda assim, é necessário ter cautela para, por exemplo, não embutir idéias gnósticas posteriores no mundo do primeiro século sem que haja evidência apropriada.

O problema de datação é particularmente agudo para o material rabínico. Na pesquisa do NT, muito freqüentemente tem acontecido que se usa material talmúdico de forma indiscriminada, sem a necessária atenção à data. De grande ajuda aqui será:

NEUSNER, Jacob. *The Rabbinic Traditions About the Pharisees Before 70 A.D.* 3 vols. Leiden: E. J. Brill, 1971. [JAF 493]

5.5.3. *Seja extremamente cauteloso com o conceito de "empréstimo"*

Para esta praga em nosso ambiente de pesquisa, Samuel Sandmel cunhou o termo "paralelomania". A pesquisa do NT tem tido a tendência freqüente de transformar "linguagem comum" em "influência", e "influência" em "empréstimo". A questão aqui é simplesmente fazer uma advertência. Não diga: "Paulo tirou essa idéia

de...", a menos que você tenha boa razão para crer nisso e possa sustentar essa convicção. Por outro lado, você poderá muitas vezes afirmar legitimamente que: "Ao dizer isso, Paulo reflete a tradição (ou idéia) que pode ser encontrada em..."

5.5.4. *Tome conhecimento das diversas tradições no seu material contextual, e avalie adequadamente sua importância para a passagem*

Sua passagem bíblica reflete conformidade ou antítese a algumas dessas tradições? Ou ela reflete ambigüidade? Mais uma vez, é necessário cautela aqui. Por exemplo, 1Timóteo 2.14 diz que Eva se tornou pecadora porque foi enganada. É comum argumentar, à luz de elementos da linguagem nos v. 9-10 e 15, que isso se refere a uma tradição rabínica e apocalíptica, a qual diz que Satanás seduziu Eva sexualmente. Mas há uma tradição contemporânea, igualmente forte, que implica que ela foi enganada por ser o sexo mais frágil. Além disso, muitas outras fontes falam do engano dela sem atribuí-lo a nenhuma das duas causas. É preciso cautela à luz de tal diversidade, especialmente quando o autor não oferece dica quanto a seu sistema de crença nessa questão.

5.5.5. *Tome cuidado com a possibilidade de peculiaridades locais para as suas fontes*

Esta advertência é especialmente verdadeira para os autores greco-romanos. Ao fazer alusão a costumes ou conceitos, o autor reflete uma prática comum ou universal? Uma prática local ou provinciana? Uma norma ou exceção ao que é normal? Por exemplo, quando Dio Crisóstomo lamenta o declínio no costume do uso do véu (*Orationes* 33.48s.), ele reflete gosto pessoal, as circunstâncias peculiares de Tarso, ou um costume mais universal?

Finalmente, é preciso notar, como mais uma advertência, que muito da literatura contextual chegou até nós por meio de circunstâncias casuais. Grande parte da informação foi reunida de uma variedade de fontes disponíveis, que refletem apenas uma pequena porcentagem do que foi escrito na Antigüidade. Apesar de ser adequado tirar conclusões a partir do que temos, tais conclusões muitas vezes necessitam ser apresentadas de uma maneira um pouco menos definitiva do que a erudição do NT freqüentemente costuma fazer.

No entanto, apesar dessas advertências, há um rico tesouro de material que normalmente auxilia a tarefa exegética. Portanto, é desejável que você leia regular e amplamente as fontes primárias da Antigüidade. Esse tipo de leitura irá ajudá-lo a ter sensibilidade para o período e capacitá-lo a reunir muita coisa em termos de informação geral, mesmo quando não render paralelos diretos imediatos.

6. ANÁLISE DA PERÍCOPE (Veja cap. 5.10 [Ev])

Como foi dito no Capítulo 5, a análise de qualquer dito ou narrativa em determinado evangelho consiste em três questões básicas: (1) Seletividade — há algum significado no fato de que este dito ou narrativa se encontra no evangelho no qual você faz sua exegese? (2) Arranjo — há algum significado no fato de que o dito ou narrativa é incluído precisamente neste ponto (a questão do contexto literário)? (3) Adaptação — diferenças de linguagem ou ordem de palavras têm algum significado para o sentido de sua perícope no evangelho no qual você faz sua exegese?

A chave para responder essas perguntas se encontra no seu aprendizado do uso regular de uma sinopse dos evangelhos. Os passos nesta seção, portanto, são divididos em duas partes: 6.1 até 6.3 tem a ver com o aprendizado do uso da sinopse propriamente dita; 6.4 até 6.7 tem a ver com a análise da perícope à luz das três perguntas básicas apresentadas acima — análise essa baseada naquilo que se pode descobrir seguindo cuidadosamente o procedimento esquematizado em 6.3.

Observe que, como indicado no capítulo 5, e de novo no fim desta seção, toda essa análise é basicamente um passo preparatório para a questão exegética suprema: a escuta da perícope na narrativa de um dado evangelho.

6.1. Selecione uma sinopse

Na atualidade, existem quatro sinopses que você precisa conhecer. A discussão que segue está baseada mais na primeira. Uma vez que muitos estudantes consideram útil a segunda, referências a ela aparecem entre parênteses.

1. A mais importante sinopse para o estudo sério dos evangelhos é:

ALAND, Kurt, ed. *Synopsis Quattuor Evangeliorum.* 9ª ed. Stuttgart: Deutsche Bibelstiftung, 1976. [JAF 125]

Como o título indica, essa é uma sinopse abrangente de todos os quatro evangelhos. Ela reproduz os textos gregos da NA^{26}/UBS^{3}, com o aparato textual da NA^{26}. Também inclui o texto grego completo de paralelos não-canônicos (i.e., paralelos encontrados na literatura judaica e cristã fora do NT), bem como uma tradução do *evangelho de Tomé.*

2. Para estudantes e pastores, a sinopse acima foi editada uma segunda vez com uma tradução inglesa (RSV) na página oposta à do texto grego:

ALAND, Kurt, ed. *Synopsis of the Four Gospels, Greek-English Edition of the Synopsis Quattuor Evangeliorum.* 3ª ed. United Bible Societies, 1979. [JAF 124]

Muitas características da sinopse completa são mantidas nessa edição, exceto que o aparato é consideravelmente condensado, os paralelos secundários (outros paralelos dentro dos evangelhos mas achados em seqüências diferentes) não são dados (o que é uma redução infeliz) e os paralelos não-canônicos são omitidos.

3. Uma sinopse com uma longa história de aproveitamento (Huck-Lietzmann; veja JAF 126) foi há pouco tempo totalmente revisada por Heinrich Greeven:

HUCK, Albert. *Synopsis of the First Three Gospels*. 13ª ed., rev. por Heinrich Greeven. Tübingen: J. C. B. Mohr [Paul Siebeck], 1981.

Esta sinopse apresenta diversas características interessantes. Primeira, Greeven produzu um texto grego inteiramente novo, com diferenças consideráveis em relação a NA^{26}/UBS^{3} (e agora NA^{27}/UBS^{4}). Segunda, o aparato textual é limitado a dois tipos de variantes: as consideradas originais por outros críticos textuais; e as que, em maior ou menor grau, refletem assimilação entre os evangelhos. Terceira, passagens do evangelho de João agora estão incluídas, mas apenas as paralelas a um ou mais dos sinóticos. Quarta, fonte em itálico é usada para marcar todos os paralelos encontrados numa seqüência diferente no segundo e no terceiro evangelho. O professor Greeven fez também um grande esforço para ter todas as palavras e grupos de palavras paralelas aparecendo em colunas e espaços num paralelismo preciso. Entretanto, para fazer isso, ele permitiu que as linhas entre os evangelhos fizessem um considerável número de ziguezagues, o que, por vezes, dificulta acompanhar a seqüência de um determinado evangelho.

4. Uma recente sinopse que está disponível por enquanto apenas para o evangelho de Mateus é:

SWANSON, Reuben J. *The Horizontal Line Synopsis of the Gospels, Greek Edition*. Pasadena, Calif.: William Carey Library, 1984.

Para certos tipos de pesquisa, esta obra se tornará uma ferramenta muito útil. O professor Swanson imprimiu os paralelos, alinhando-os ao longo da página, um debaixo do outro. Todas as concordâncias de qualquer evangelho com Mateus estão sublinhadas. Também está incluído um aparato de variação textual completo, mostrando a leitura de todos os manuscritos mais importantes — também em paralelos horizontais, um abaixo do outro.

A discussão a seguir está baseada na abrangente *Synopsis Quattuor Evangeliorum* de Aland. Você deveria, pelo menos, aprender a usar essa ferramenta, mesmo que venha a trabalhar com uma das outras.

6.2. Localize sua passagem na sinopse

Depois de você se familiarizar com a sinopse, este passo se tornará muito simples e você vai começar com 6.3. Mas, para início de conversa, você precisa aprender a "ler" a *Synopsis* de Aland. A discussão a seguir usará a coletânea de ditos em Mateus 7.1-5 e Marcos 4.21-25, bem como o parágrafo de Mateus 7.24-27, como exemplos. (Referências entre colchetes são relativas à sinopse em grego e inglês.)

Existem duas maneiras de localizar essas perícopes. Uma delas é procurar no Índice II, p. 576-583 [356-361], tanto o número da perícope (nr. = o alemão para "número") como o número da página. Dessa forma, Mateus 7.1-5, por exemplo, aparece na p. 92 [60] e Marcos 4.21-25 na p. 179 [117]. A segunda, e mais comum, é verificar a referência no alto de cada página. Em cada caso, você encontrará uma referência a cada um dos quatro evangelhos. Você notará que essas referências são, na maioria dos casos, uma mistura de caracteres comuns e em negrito. A fim de entender essas referências, você precisa compreender como a sinopse foi montada.

A sinopse reproduz cada evangelho em sua própria seqüência (ou ordem), do início ao fim (i.e., de Mateus 1.1 a 28.20 etc.) Assim, passagens encontradas nos três evangelhos, todas na mesma seqüência, aparecerão uma vez na sinopse. Mas, passagens paralelas que ocorrem numa seqüência diferente, em um ou mais dos outros evangelhos, aparecerão duas ou três vezes, dependendo do número de seqüências diferentes. A forma mais fácil de visualizar isso é familiarizar-se com o Índice I, p. 551-575 [341-355]. Aqui você notará que, para cada evangelho, as referências em negrito seguem simplesmente a ordem daquele evangelho. Você também observará que as referências em caracteres comuns, entremeando as em negrito, estarão sempre fora da seqüência daquele evangelho, mas serão paralelas a uma referência em negrito em, pelo menos, um outro evangelho. Assim, em qualquer ponto em que dois ou mais dos evangelhos têm a mesma perícope na mesma ordem (e.g., nº 7, 11, 13, 14, 16, 18), as referências estarão todas em negrito e a perícope é achada na sinopse nesta ocorrência. No entanto, sempre que um (ou mais) dos evangelhos tem uma referência à perícope em caracteres comuns, isso significa que outro evangelho (ou dois) tem essa perícope numa seqüência diferente. A sinopse trará, então, aquela perícope duas vezes (ou mais), uma vez para a seqüência de cada evangelho (veja, por exemplo, nº 6 e 19, 33 e 139, ou 68 e 81).

Agora, voltemos às referências como aparecem no alto de cada página. As referências em negrito aqui indicam uma de duas coisas: (a) "onde você está" na seqüência daquele evangelho, e (b) que o material daquele(s) evangelho(s) é encontrado nessa página. As referências em caracteres comuns simplesmente indicam "onde você está" na seqüência daquele evangelho; i.e., trazem a *última* perícope listada na seqüência, mas não têm nada a ver com a página atual.

125. Wer Ohren hat zu hören, der höre

Qui habet aures audiendi, audiat **»He who has Ears to Hear, Let him Hear«**

	Matth. 5,15; 10,26; 7,2; 13,12 25, 29	Mark. 4, 21-25	Luk. 8, 16-18 11, 33; 12, 2; 6, 38; 19, 26	Joh.	
	5, 15 *(nr. 53, p. 77)*				
	[15]Οὐδὲ καίουσιν λύχνον	[21]Καὶ	[16]Οὐδεὶς ⁰δὲ λύχνον ἄψας		
3	καὶ τιθέασιν αὐτὸν ὑπὸ τὸν μόδιον	⌜ἔλεγεν αὐτοῖς· ⊤ μήτι ⌜ἔρχεται ὁ λύχνος⌝	καλύπτει αὐτὸν σκεύει		3
	ἀλλ' ἐπὶ τὴν	⁰ἵνα ὑπὸ τὸν μόδιον ⌜τεθῇ	ἢ ὑποκάτω ⊤ κλίνης τίθησιν, ἀλλ' ἐπὶ		
	λυχνίαν, καὶ λάμπει πᾶσιν τοῖς ἐν τῇ οἰκίᾳ.	ἢ ὑπὸ τὴν κλίνην⊥; ⌜[1]οὐχ ἵνα ⌜[2]ἐπὶ τὴν	⌜λυχνίας ⌜τίθησιν, □ἵνα οἱ εἰσπορευόμενοι		
6		λυχνίαν ⌜[3]τεθῇ;	βλέπωσιν τὸ φῶς.⌝		6
	10, 26 *(nr. 101, p. 145)*				
	[26]Μὴ οὖν φαβηθῆτε αὐτούς· οὐδὲν γάρ	[22]⌜οὐ γάρ	[17]⌜οὐ ⌜γάρ		
	ἐστιν κεκαλυμμένον ὃ οὐκ ἀποκαλυφθήσεται,	ἐστιν ⊤ κρυπτὸν ⌜ἐὰν μὴ ἵνα⌝ φανερωθῇ,	ἐστιν⌝ κρυπτὸν ὃ οὐ φανερὸν γενήσεται,		
9	⌜καὶ κρυπτὸν ὃ οὐ γνωσθήσεται.	οὐδὲ ἐγένετο ἀπόκρυφον, ἀλλ' ἵνα	οὐδὲ ἀπόκρυφον ⌜ὃ οὐ μὴ⌝ ⌜γνωσθῇ καὶ		9
		ἔλθῃ εἰς φανερόν. [23]εἴ τις ἔχει ὦτα ἀκούειν ἀκουέτω.	εἰς φανερὸν ἔλθῃ.		
	7, 2 *(nr. 68, p. 92)*				
12	[2]⌜Ἐν ᾧ γὰρ κρίματι κρίνετε κριθήσεσθε, καὶ	[24]Καὶ ἔλεγεν αὐτοῖς· βλέπετε τί ἀκούετε.	[18]βλέπετε ⁰οὖν πῶς ἀκούετε·		12
	ἐν ᾧ μέτρῳ μετρεῖτε ⌜μετρηθήσεται ὑμῖν.	ἐν ᾧ μέτρῳ μετρεῖτε μετρηθήσεται ὑμῖν			
		□καὶ προστεθήσεται ὑμῖν⊤⌝.			

	13,12 *(nr. 123, p. 176)*			
15	12 "Οστις γὰρ ἔχει, δοθήσεται αὐτῷ καὶ περισσευθήσεται· ὅστις δὲ οὐκ ἔχει, καὶ ὃ ἔχει ἀρθήσεται ἀπ' αὐτοῦ.	25 ⌜ὃς γὰρ ⌜ἔχει, δοθήσεται αὐτῷ· καὶ ὃς οὐκ ἔχει, καὶ ὃ ἔχει ἀρθήσεται ἀπ' αὐτοῦ.	ὃς ἂν γὰρ ἔχῃ, δοθήσεται αὐτῷ ⊤· καὶ ὃς ἂν μὴ ἔχῃ, καὶ ὃ δοκεῖ ἔχειν ἀρθήσεται ἀπ' αὐτοῦ. *(nr. 135 8,19-21 p. 184)*	15
18			11,33 *(nr. 192, p. 275)* 33 Οὐδὲς λύχνον ἅψας εἰς κρύπτην τίθησιν [οὐδὲ ὑπὸ τὸν μόδιον], ἀλλ' ἐπὶ τὴν λυχνίαν, ἵνα οἱ εἰσπορευόμενοι τὸ φῶς βλέπωσιν.	18

Matth. 10: 26 ⌜neque g^1 (vg) ¦ nec k ¦ — a

Matth. 7: 2 ⌜αντιμετρηθησεται Θϕ *al* it

Mark.: 21 ⌜λεγει αυτοις· μητι ο λ. καιεται W | ⊤ † οτι B L 892 aeg ¦ ιδετε ϕ 28 ¦ *txt* ℵ C $\mathfrak{K}$ A D W Θ *pl* | ⌜απτεται D it ¦ καιεται (W ϕ) sa bo^{pt} | ° *et* ⌜τεθηναι ℵ* | [⁝, H] | ⌜1 *p)* αλλ W *pc* ¦ και ουχ D it | ⌜2 υπο B*ℵ *al* | ⌜3 επι- $\mathfrak{K}$ A *al* || 22 ⌜ουδεν W | ⊤ † τι ℵ A C 0133 *pm* lat ¦ *txt* B D W Θ λ ϕ *pm* it | ⌜ει μη ινα Θ λ ϕ *pc* ¦ αλλ ινα D W it ¦ εαν μη C ¦ ο εαν μη $\mathfrak{K}$ A *al* ¦ *txt* B ℵ *pc* || 24 □ D W *pc b e l* | ⊤τοις ακουουσιν $\mathfrak{K}$ A Θ 0107. 0133 λ ϕ *pm* q syp sa bo^{pt} ¦ credentibus f ¦ *txt* $\mathfrak{H}$ *pc* || 25 ⌜οστις Θ | ⌜αν εχη $\mathfrak{K}$ A Θ (0133) λ *pm*

Luk.: 16 °Θ *al* | ⊤της D | ⌜*p)* την λ-ιαν ℵ D *al* ¦ λ-ιαν Θ *pc*; Cyr | ⌜επιτιθ- $\mathfrak{K}$ A W *pm* | □ $\mathfrak{P}^{75}$ B || 17 ⌜ουδεν a c e r^1 | [⌜γὰρ ἔστιν H] | ⌜*p)* αλλα ινα D ¦ ο ου $\mathfrak{K}$ A W λ ϕ *pm* | ⌜*p)* γνωσθησεται $\mathfrak{K}$ A W λ ϕ *pm* || 18 °1229 it; Mcion | ⊤και προστεθησεται αυτω sy^c

---

2sqq cf Jo 5,35; 2 Pt 1,19; Apc 18,23; 21,23; 22,5; cf *18sqq. 33* || *7sqq* cf *21sq. 30sqq*; cf Jo 18,20; Rm 2,16; 1 Cor 4,5 || *10sq* cf Mt 11,15; 13,9 par *(= nr 122)*; 13,43; 25,29 app; Mc 2,16 app; Lc 12,21 app; 13,9 app; 14,35; 21,4 app; Apc 2,7.11.17 etc et Evang. Thomae copt. *Append. I, 8. 21. 24. 63. 65. 96* || *12(Mc/Lc)* cf Mc 4,3; 7,14 || *13sq* cf *23sqq*; cf Rm 2,1sqq; 14,4; 1 Cor 4,5; 5,12; Jc 4,11; 5,9; Jo 8,7 || *15sqq* cf *27sqq. 34*; cf 4 Esr 7,25 || *18sqq* cf *2sqq*

Dessa forma, se você estiver verificando Marcos 4.21-25, poderá abrir a sinopse em qualquer lugar e seguir as referências de Marcos, para frente ou para trás, até encontrar 4.21-25 em negrito na p. 179 [117]. Ali você verá que Marcos 4.21-25 e Lc 8.16-18 estão em negrito e foram, de fato, reproduzidos na página. A passagem de Mateus (13.18-23) não está nesta página, mas, se você voltar uma página, encontrará essa referência em negrito, juntamente com Marcos e Lucas. Isso significa que Marcos e Lucas estão na seqüência para ambas as perícopes, mas Mateus omite neste ponto de seu evangelho o que Marcos inclui em 4.21-25.

A pequena anotação "nr. 125" entre colchetes, no lado esquerdo no alto da página, indica que a perícope numerada 125 no sistema de Aland (veja seu Índice II) está localizada nesta página.

Em cada página você achará quatro colunas, com o texto grego em todas elas, sempre na ordem canônica de Mateus, Marcos, Lucas e João. Como João não têm paralelos para Marcos 4.21-25, a coluna é estreita e vazia. Você observará que nem Marcos nem João têm paralelos para Mateus 7.24-27, assim, as colunas com texto são mais largas aqui, e ambos, Marcos e João, têm colunas estreitas e vazias.

Algumas outras coisas precisam ser percebidas. Você observará que a coluna de Mateus, na pág. 179 [117] tem quatro textos diferentes listados no título (5.15; 10.26; 7.2; 13.12), com uma referência em fonte menor (25.29) listada abaixo (essa última não é reproduzida na sinopse em grego-inglês). Depois, na coluna de texto propriamente dita, cada uma das quatro passagens é reproduzida na seqüência de seu paralelo correspondente em Marcos. Os parênteses que seguem cada referência são para a perícope e os números das páginas em que o texto pode ser encontrado em sua seqüência em Mateus. Assim, se você procurar a página 77 [51], perícope nº 53, encontrará Marcos 4.21 fora de seqüência, num paralelo a Mateus 5.15.

As referências que aparecem em fonte menor, debaixo das referências de Mateus e Lucas, encontradas somente na sinopse grega, têm a finalidade de ampliar os paralelos (chamados paralelos secundários) para um ou mais desses ditos achados em outros lugares em Mateus e Lucas. Você notará que esses paralelos são reproduzidos ao pé das colunas de Lucas e Mateus (continuadas na p. 180). É extremamente importante que você dedique algum tempo para verificar essas referências, pois elas adicionam informações significativas para a exegese (veja, especialmente, 6.4, a seguir).

Finalmente, ainda na página 179 [118], você deve notar a entrada no fim da coluna de Lucas (*nr. 135* 8,19-21 *p. 184* [121]). Isso significa que o próximo item na seqüência do evangelho de Lucas (8.19-21) se encontra na perícope nº 135, na pág. 184 [121].

6.3. Separe as correspondências e as diferenças de redação entre a sua perícope e o(s) paralelo(s) sinótico(s)

Este passo é a chave para os passos analíticos que seguem. Portanto, é especialmente importante que você se esforce para trabalhar regularmente este procedimento. De início, você poderá praticar com páginas copiadas. Mais adiante, muito da informação que você procura nos passos analíticos será descoberta no próprio processo de trabalhar a perícope neste passo.

O procedimento aqui é basicamente muito simples e requer apenas duas canetas ou lápis coloridos. Pode-se usar azul para o material da tradição tripla e vermelho para a tradição dupla (veja o passo 6.4, abaixo). Num nível mais sofisticado, você poderá adicionar mais três cores, uma para cada evangelho, à medida que suas características lingüístico-estilísticas únicas forem descobertas (e.g., o uso que Marcos faz de καὶ εὐθύς [e imediatamente] ou καὶ ἔλεγεν αὐτοῖς [e ele dizia a eles], ou o uso que Mateus faz de δικαιοσύνη [justiça] ou "reino dos *céus*" etc.).

O procedimento consiste em sublinhar, usando uma régua, todas as correspondências verbais da seguinte maneira (para paralelos marcanos):

1. Trace uma linha *contínua* (azul) debaixo de todas as correspondências verbais *idênticas* (= palavras idênticas) entre Marcos e um dos (ou ambos os) paralelos (mesmo que as palavras se encontrem numa ordem diferente, ou tenham sido transpostas para um lugar anterior ou posterior na passagem).
2. Desenhe uma linha *tracejada* debaixo de todas as correspondências verbais que têm as *mesmas palavras* mas *formas distintas* (caso, número, tempo, voz, modo etc.).
3. Trace uma linha *pontilhada* debaixo de qualquer um dos casos anteriores em que Mateus ou Lucas tiverem uma ordem de palavras diferente, ou tenham transposto alguma coisa antes ou depois na perícope.

Com esse procedimento metodológico você terá isolado (a) a quantidade real do texto de Marcos reproduzido por Mateus e/ou Lucas, e (b) a quantidade e tipos de variação do texto de Marcos em qualquer dos outros evangelhos. Os passos que seguem são, essencialmente, uma análise dessas correspondências e variações.

Para a tradição dupla, é claro, segue-se o mesmo procedimento, mas agora trabalhando somente com correspondências e diferenças entre Mateus e Lucas.

Nas páginas seguintes, pode-se ver como será isso para Marcos 4.21-25 e Mateus 7.1-5 e seus paralelos.

125. "Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça"

Mateus 5.15; 10.26; 7.2; 13.12

5.15

15 Οὐδὲ καίουσιν λύχνον
καὶ τιθέασιν αὐτὸν ὑπὸ τὸν μόδιον
ἀλλ' ἐπὶ τὴν
λυχνίαν, καὶ λάμπει πᾶσιν τοῖς ἐν τῇ
οἰκίᾳ.

10.26

26 Μὴ οὖν φοβηθῆτε αὐτούς· οὐδὲν γάρ
ἐστιν κεκαλυμμένον ὃ οὐκ ἀποκαλυφθή
σεται,
καὶ κρυπτὸν ὃ οὐ γνωσθήσεται.

7.2

2 ἐν ᾧ γὰρ κρίματι κρίνετε κριθήσεσθη, καὶ
ἐν ᾧ μέτρῳ μετρεῖτε μετρηθήσεται ὑμῖν.

13.12

12 Ὅστις γὰρ ἔχει, δοθήσεται αὐτῷ καὶ
περισσευθήσεται· ὅστις δὲ οὐκ ἔχει, καὶ
ὃ ἔχει ἀρθήσεται ἀπ' αὐτοῦ.

Marcos 4.21-25

21 Καὶ ἔλεγεν αὐτοῖς· μήτι ἔρχεται
ὁ λύχνος
ἵνα ὑπὸ τὸν μόδιον τεθῇ
ἢ ὑπὸ τὴν κλίνην; οὐχ ἵνα ἐπὶ τὴν
λυχνίαν τεθῇ;

22 οὐ γάρ
ἐστιν κρυπτὸν ἐὰν μὴ ἵνα φανερωθῇ,
οὐδὲ ἐγένετο ἀπόκρυφον, ἀλλ' ἵνα
ἔλθῃ εἰς φανερόν. 23 εἴ τις ἔχει ὦτα
ἀκούειν ἀκουέτω.
24 Καὶ ἔλεγεν αὐτοῖς· βλέπετε τί ἀκούετε.
ἐν ᾧ μέτρῳ μετρεῖτε μετρηθήσεται ὑμῖν
καὶ προστεθήσεται ὑμῖν.

25 ὃς γὰρ ἔχει, δοθήσεται αὐτῷ·
καὶ ὃς οὐκ ἔχει, καὶ
ὃ ἔχει ἀρθήσεται ἀπ' αὐτοῦ.

Lucas 8.16-18

16 Οὐδεὶς δὲ λύχνον ἅψας
καλύπτει αὐτὸν σκεύει
ἢ ὑποκάτω κλίνης τίθησιν, ἀλλ' ἐπὶ
λυχνίας τίθησιν ἵνα οἱ εἰσπορευόμενοι
βλέπωσιν τὸ φῶς

17 οὐ γάρ
ἐστιν κρυπτὸν ὃ οὐ φανερὸν γενήσεται
οὐδὲ ἀπόκρυφον ὃ οὐ μὴ γνωσθῇ καὶ
εἰς φανερὸν ἔλθῃ
18 βλέπετε οὖν πῶς ἀκούετε

ὃς ἂν γὰρ ἔχῃ, δοθήσεται αὐτῷ
καὶ ὃς ἂν μὴ ἔχῃ, καὶ
ὃ δοκεῖ ἔχειν ἀρθήσεται ἀπ' αὐτοῦ.

125. "Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça"

Mateus 5.15; 10.26; 7.2; 13.12

5.15 *(no. 53, p. 51)*
15 nem se acende uma candeia
para colocá-la debaixo do alqueire,
mas no
velador, e alumia a todos os que se encontram na casa.

10.26 *(no. 101, p.94)*
26 Portanto, não os temais: pois nada há encoberto, que não venha a ser revelado; nem oculto, que não venha a ser conhecido.

7.2 *(no. 68, p.60)*
2 Pois com o critério com que julgardes, sereis julgados; e com a medida com que tiverdes medido vos medirão também.

13.12 *(no. 123, p.115)*
12 Pois ao que tem se lhe dará; e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.

Marcos 4.21-25

21 Também
lhes disse: Vem, porventura, a candeia
para ser posta debaixo do alqueire
ou da cama? Não vem, antes, para ser colocada no
velador?
22 Pois
nada está oculto, senão para ser manifesto;
e nada se faz escondido, senão para ser revelado. 23 Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça.
24 Então, lhes disse: Atentai no que
ouvis. Com a medida com que tiverdes medido
vos medirão também, e ainda se vos acrescentará.
25 Pois ao que tem se lhe dará;
e, ao que
não tem, até o que
tem lhe será tirado.

Lucas 8.16-18

16 Ninguém, depois de acender uma candeia,
a cobre com um vaso
ou a põe debaixo de uma cama; pelo contrário,
coloca-a sobre um velador, a fim de que os que entram
vejam a luz.
17 Nada
há oculto, que não haja de manifestar-se,
nem escondido, que não venha a ser conhecido
e revelado.
18 Vede, pois, como ouvis;
porque ao que tiver, se lhe dará;
e ao que
não tiver, até aquilo que
julga ter lhe será tirado.
(no. 135 8.19-21 *p.121)*

68. Do julgamento

Mateus 7.1-5

1 Μὴ κρίνετε, ἵνα μὴ κριθῆτε· 2 ἐν ᾧ γὰρ κρίματι
κρίνετε κριθήσεσθε,

καὶ ἐν ᾧ μέτρῳ μετρεῖτε
μετρηθήσεται ὑμῖν.

3 Τί δὲ βλέπεις τὸ
κάρφος τὸ ἐν τῷ ὀφθαλμῷ τοῦ ἀδελφοῦ σου τὴν δὲ
ἐν τῷ σῷ ὀφθαλμῷ δοκὸν οὐ κατανοεῖς; 4 ἢ πῶς
ἐρεῖς τῷ ἀδελφῳ σου· ἄφες ἐκβάλω
τὸ κάρφος ἐκ τοῦ ὀφθαλμοῦ σου; καὶ ἰδοὺ ἡ δοκὸς
ἐν τῷ ὀφθαλμῷ σοῦ; 5 ὑποκριτά, ἔκβαλε πρῶτον
ἐκ τοῦ ὀφθαλμοῦ σοῦ τὴν δοκόν, καὶ τότε διαβλέψεις
ἐκβαλεῖν τὸ κάρφος ἐκ τοῦ ὀφθαλμοῦ τοῦ
ἀδελφοῦ σου.

Lucas 6.37-42

37 Καὶ
μὴ κρίνετε καὶ οὐ μὴ κριθῆτε·
καὶ μὴ καταδικάζετε, καὶ
οὐ μὴ καταδικασθῆτε. ἀπολύετε, καὶ ἀπολυθήσεσθε·
38 δίδοτε καὶ δοθήσεται ὑμῖν· μέτρον καλὸν
πεπιεσμένον σεσαλευμένον ὑπερεκχυννόμενον δώσουσιν
εἰς τὸν κόλπον ὑμῶν· ᾧ γὰρ μέτρῳ μετρεῖτε
ἀντιμετρηθήσεται ὑμῖν. 39 Εἶπεν δὲ καὶ παραβολὴν
αὐτοῖς· μήτι δύναται τυφλὸς τυφλὸν ὁδηγεῖν; οὐχὶ
ἀμφότεροι εἰς βόθυνον ἐμπεσοῦνται; 40 οὐκ ἔστιν
μαθητὴς ὑπὲρ τὸν διδάσκαλον· κατηρτισμένος δὲ πᾶς
ἔσται ὡς ὁ διδάσκαλος αὐτοῦ. 41 Τί δὲ βλέπεις τὸ
κάρφος τὸ ἐν τῷ ὀφθαλμῷ τοῦ ἀδελφοῦ σου, τὴν δὲ
δοκὸν τὴν ἐν τῷ ἰδίῳ ὀφθαλμῷ οὐ κατανοεῖς; 42 πῶς
δύνασαι λέγειν τῷ ἀδελφῷ σου· ἀδελφέ, ἄφες ἐκβάλω
τὸ κάρφος τὸ ἐν τῷ ὀφθαλμῷ σου, αὐτὸς τὴν ἐν τῷ
ὀφθαλμῷ σου δοκὸν οὐ βλέπων; ὑποκριτά, ἔκβαλε πρῶτον
τὴν δοκὸν ἐκ τοῦ ὀφθαλμοῦ σου, καὶ τότε διαβλέψεις
τὸ κάρφος τὸ ἐν τῷ ὀφθαλμῷ τοῦ
ἀδελφοῦ σου ἐκβαλεῖν.

68. Do julgamento

Mateus 7.1-5

1 Não julgueis, para que não sejais julgados. 2 Pois, com o critério
com que julgardes, sereis julgados;

e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também.

3 Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio? 4 Ou como dirás a teu irmão:
Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando
tens a trave no teu?
5 Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho
e, então, verás claramente para tirar
o argueiro do olho de teu irmão.

Lucas 6.37-42

37 Não julgueis e não sereis julgados;
não condeneis e
não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados;
38 dai, e dar-se-vos-á; boa medida,
recalcada, sacudida, transbordante, generosamente
vos darão; porque com a medida com que tiverdes medido
vos medirão também. 39 Propôs-lhes também uma parábola:
Pode, porventura, um cego guiar a outro cego? Não cairão
ambos
no barranco? 40 O discípulo não está acima do seu mestre;
todo aquele, porém, que for bem instruído será como o seu
mestre. 41 Por que vês tu o argueiro no
olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio? 42 Como poderás dizer a teu irmão: Deixa, irmão,
que eu tire o argueiro do teu olho,
não vendo tu mesmo a trave que está no teu?
Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho
e, então, verás claramente para tirar o argueiro que
está no olho de teu irmão.

6.4. Determine o tipo de tradição(ões) em que sua perícope aparece. (Veja cap. 5.10.1 [Ev])

Esse é outro modo de colocar a questão da seletividade, que é, em última análise determinar se tal seleção é exegeticamente significativa. Mas o primeiro passo aqui é *descrever* o que você encontra no texto, especialmente pelo estabelecimento das tradições nas quais a perícope aparece.

O material nos evangelhos é basicamente de cinco tipos (alguns podem sugerir quatro ou três):

a. A tradição marcana, que aparece de quatro formas: a tradição tripla; Marcos com Lucas (= omissão de Mateus); Marcos com Mateus (= omissão de Lucas); ou Marcos somente.
b. A tradição dupla = Mateus e Lucas têm material em comum não encontrado em Marcos. Isso é comumente conhecido como Q, mas que é menos provavelmente uma fonte única, ou uma tradição única, do que diversos tipos de material disponível a ambos em comum.
c. A tradição de Mateus = material peculiar a Mateus, parte do qual, é claro, poderia ter pertencido a Q, mas que foi omitido por Lucas.
d. A tradição de Lucas = material peculiar a Lucas; e
e. A tradição de João = material peculiar a João.

Deve-se observar, ainda, que ocasionalmente há uma sobreposição entre as tradições de Marcos e as tradições duplas, o que, em parte, explica algumas concordâncias de Mateus e Lucas contra Marcos, bem como algumas das duplicatas em Mateus e Lucas.

Em sentido geral, "determinar a tradição" é simplesmente a percepção de a qual dos cinco tipos sua perícope pertence. No entanto, algumas vezes para Mateus e Lucas isso se torna um pouco mais complicado, precisamente porque é necessário determinar se o "paralelo" com Marcos segue Marcos ou pertence a Q. Por exemplo, na perícope no. 125 (Mc 4.21-25 e paralelos [veja páginas anteriores]) Marcos traz uma coletânea de cinco ditos diferentes (observaremos em 6.5 como isso pode ser determinado), convenientemente organizados aqui pela divisão em versículos. Você notará que somente Lucas segue a ordem de Marcos neste ponto, e que ele reproduz três dos ditos de Jesus, mais o "tomem cuidado em como vocês ouvem", do v. 24. Você também notará pelo que está sublinhado em 6.3 que ele reproduz os v. 22 e 25 muito mais precisamente do que ele faz no v. 21.

Você deve observar que Mateus traz quatro dos cinco ditos, mas todos em lugares diferentes do evangelho. Contudo, devemos reconhecer também que

sua terminologia é pouco parecida com a de Marcos nos dois primeiros casos, mas muito próxima de Marcos no último. Ao analisar os paralelos "secundários" na coluna de Lucas, pode-se agora fazer algumas avaliações acerca dos paralelos de Mateus, como também sobre Lucas 8.16 (o versículo em Lucas que tem menos semelhança com Marcos). Se você sublinhar com vermelho Mateus 10.26, em paralelo com Lucas 12.2 (veja a perícope no. 101, em que 10.26 aparece em sua seqüência conforme Mateus, para os motivos de se fazer isso), você descobrirá que Mateus 10.26 não é um verdadeiro paralelo de Marcos 4.22, mas da versão de Q do mesmo dito. Semelhantemente, a comparação de Mateus 5.15 com Lucas 11.33 sugere a existência de uma versão de Q para esse dito também (veja perícope no. 192, p. 275 [175]), e que Lucas, mesmo quando segue Marcos, tende a preferir essa versão — embora o paralelo marcano tenha a imagem do "colocar uma candeia debaixo da cama".

Dessa forma, pode-se razoavelmente concluir dessa perícope: (1) que Lucas reproduziu Marcos, de maneira geral, mas omitiu dois ditos menores e reescreveu o primeiro sob a influência de outra versão; e (2) que Mateus omitiu todo o trecho, exceto pelo v. 25, que ele inseriu alguns versículos antes no "motivo para falar em parábolas" (como explicação adicional para o fato de os discípulos receberem a revelação dos mistérios do Reino).

A questão do *significado* da seletividade variará de autor para autor dos evangelhos. Para o evangelho de João é preciso levar a sério o comentário resumido do autor, de que tudo está incluído para alcançar o objetivo afirmado em 20.30s. A pergunta, portanto, deve ser sempre: Como esta narrativa se encaixa no propósito de João de demonstrar que Jesus é o Messias e o Filho de Deus?

Para Marcos também se deve presumir que a inclusão de uma perícope ou dito tem significado. Isso se torna especialmente verdadeiro se também puder demonstrar que perícope ou dito se encaixa no arranjo de Marcos (veja 6.5, a seguir). Mas é necessário estar aberto à possibilidade de que algumas coisas foram incluídas simplesmente porque estavam à disposição do autor.

Para Mateus e Lucas, a inclusão de alguma coisa de Marcos pode ou não ser significativa. Ainda assim, o fato de que ambos às vezes decidem não incluir algo e que, em geral, adaptam o que incluem sugere que essa seletividade é significativa. Para a tradição dupla e simples, é claro, a questão é a mesma que para Marcos e João: A inclusão deste dito ou narrativa está relacionada aos conhecidos interesses específicos do evangelista? Na maior parte das vezes a resposta é um claro "sim".

6.5. Analise a seqüência da perícope no evangelho no qual você está fazendo a exegese. (Veja cap. 5.10.2 [Ev])

Esta parte da análise tem relação com o arranjo do material que o escritor do evangelho faz, e, portanto, tem a ver com a questão do contexto literário. A pergunta aqui é: Por que isso é incluído *aqui*, *nesta* seqüência?

6.5.1. *O evangelho de Marcos*

As pistas para o significado do arranjo de Marcos são freqüentemente internas. Ou seja, deve-se simplesmente ler e reler uma grande seção do texto e perguntar repetidamente: Por que Marcos incluiu isso aqui? Em muitos casos, isso ficará evidente à medida que você lê. Por exemplo, a coletânea de narrativas em Marcos 1.21-44 tem um tema claro em toda sua extensão: Os milagres de Jesus que geram grande entusiasmo e popularidade, de modo que ele não podia mais "entrar publicamente numa cidade" (v. 44).

Da mesma forma, a coletânea de histórias de conflito em Marcos 2.1—3.6, com seu tema-pergunta repetido, "Por quê?" (2.7, 16, 18, 24), e conclusão em 3.6 com o acirramento da oposição, apresenta indícios discerníveis.

Algumas vezes, essa ajuda vem do exercício em 6.3 acima (usando o sublinhado). À medida que se observa o que Mateus e Lucas fazem com a narrativa de Marcos, isso não raro destaca o arranjo que Marcos mesmo fez no seu evangelho. Isso é, em especial, verdadeiro quanto a Marcos 4.21-25, visto acima. Há duas coisas que sugerem que esse arranjo é deliberadamente marcano: (1) o fato de que a maioria dos ditos existe de forma independente deste arranjo na tradição dupla; (2) o uso de καὶ ἔλεγεν αὐτοῖς, que Marcos emprega com freqüência para anexar um dito adicional a uma perícope (veja Marcos 4.21 e 24, onde essa frase se destaca em Marcos porque não está sublinhada).

Considerando que esse é um arranjo de material feito por Marcos e que aparece numa seção sobre parábolas e o mistério do Reino, o qual é "dado" aos discípulos mas não aos que estão fora, então a exegese aqui deve perguntar como esses ditos devem ser entendidos neste *contexto*.

6.5.2. *Os evangelhos de Mateus e de Lucas*

A questão da seqüência, ou contexto literário, para estes evangelhos depende da origem da perícope, se vem de Marcos ou se pertence à tradição dupla ou simples. Se a seqüência nesses evangelhos é a mesma que a de Marcos, isso só significa que seguem a ordem dele. A apresentação singular desse material *por eles* pode ser encontrada no passo 6.6, abaixo. No entanto, quando *diferem* da seqüência de Marcos, então se pode argumentar que eles têm um bom motivo para fazê-lo, e a exegese deve incluir a investigação desse motivo (veja a ilustração em 6.6.1b).

Para a tradição dupla ou simples, devem-se fazer perguntas similares às usadas para o evangelho de Marcos, acima. Para a tradição dupla, porém, é quase sempre relevante observar cuidadosamente onde e como o escritor do outro evangelho colocou a mesma perícope. Observe, especialmente, as perícopes em Mateus 7.1-5 || Lucas 6.37-42. Você observará que Lucas traz duas inserções maiores no material que é, de outra forma, verbalmente muito próximo de Mateus. Na seqüência de Mateus, que muito provavelmente pertence a Q, a coleção toda é uma instrução a respeito de não julgar um irmão. Na seqüência de Lucas, porém, existem agora dois blocos de ensino: um sobre "responder na mesma moeda", com itens tanto negativos como positivos; e outro que é mais difícil de discernir, mas parece apontar para a necessidade de se aprender como base para não julgar um irmão ou irmã.

Da mesma forma, com a tradição simples em Mateus ou Lucas, a habilidade de perceber o interesse do evangelista no seu arranjo do material está, normalmente, relacionada à análise do lugar em que ele inseriu esse material na estrutura marcana.

6.5.3. *O evangelho de João*

Aqui a questão do arranjo é semelhante à de Marcos, mas está, neste caso, especialmente relacionada à compreensão geral da estrutura joanina. Se as festas judaicas são as pistas para o entendimento do material em João 2.12 a 12.50, como muitos pensam, então isso se torna um indício para as questões do contexto literário. De qualquer forma, a independência de João em relação à tradição sinótica (em sua maior parte) significa que indícios quanto ao arranjo são basicamente internos. Ainda assim, a disposição de algumas passagens que ele tem em comum com os sinóticos (e.g., a purificação do templo, a unção em Betânia) oferece alguma ajuda no que se refere à perspectiva joanina.

6.6. Determine se a adaptação que o Evangelista fez da perícope é significativa para a interpretação do texto. (Veja 5.10.3 [Ev])

A chave para este passo é retornar a 6.3, acima, e analisar cuidadosamente as diferenças entre os evangelhos. Essa análise deve procurar por quatro coisas: (1) rearranjos de material (6.5); (2) adições ou omissões de material; (3) mudanças estilísticas; (4) diferença reais de vocabulário. Uma combinação desses itens conduzirá, normalmente, a uma avaliação bastante exata dos interesses do autor. Mas, *observe bem:* Você deve aprender a distinguir a sua *descrição* do que um autor fez, que deve ser objetiva, e sua *interpretação* da *razão* que o levou a fazê-la, que pode tornar-se bastante subjetiva. Embora seja verdade que a tarefa da interpretação aqui é, de fato, descobrir, a *intenção* do autor, deve-se ter a cautela necessária para não fazer uma identificação total entre as descobertas alcançadas e a intenção propriamente dita.

6.6.1. *A Tradição Tripla (Marcos-Mateus-Lucas)*

a. *Marcos.* Visto que Marcos trabalhou, quase certamente, com material em forma oral, o qual temos de reconstruir a partir de seu evangelho, existe sempre uma certa dose de especulação acerca de sua adaptação do material. É muito mais fácil perceber a atuação de Marcos no processo de arranjo desse material. Apesar disso, certas marcas lingüísticas e estilísticas de seu evangelho têm sido destacadas como claramente marcanas. Sobre esse assunto, você encontrará muita ajuda em:

PRYKE, E. J. *Redactional Style in the Marcan Gospel.* SNTSMS 33. Cambridge University Press, 1978.

b. *Mateus e Lucas.* Aqui pisamos em terreno bem mais firme por causa do uso que eles fazem de Marcos. Neste caso, ilustraremos o processo todo ao examinar a redação que Lucas faz de Marcos em Lucas 8.16-18 || Marcos 4.21-25.

Primeiro, é preciso destacar que essa análise deve verificar a unidade maior (Lc 8.4-21) e ver como os v. 16-18 se encaixam nela. Entre um exame cuidadoso do Índice I em sua sinopse (p. 558-559 [345-346]) e uma análise cuidadosa das palavras que você sublinhou com azul, as seguintes notas descritivas podem ser feitas (A fim de compreender o que segue, você precisa ter a sinopse à mão):

1. Lucas seguiu por último a Marcos em Lucas 6.12-16 (Marcos 3.13-19). Entrementes ele incluiu um grande bloco de material não-marcano (Lc 6.17—7.50). Quando retornou a Marcos, Lucas (a) omitiu Marcos 3.20s (onde a família de Jesus sai para resgatá-lo, pois muita gente achava que ele estava louco), (b) seguiu as versões de Q para Marcos 3.22-27 e 28-30, e as inseriu em diferentes lugares em seu evangelho. E, finalmente, Lucas (c) inverteu a ordem de Marcos 3.31-35, colocando-o na conclusão dessa seção (Lc 8.4-21) que trata do ensino em parábolas. No final dessa parte, ele também omitiu Marcos 4.26-34.

2. Lucas introduziu a seção (8.1-3) observando que Jesus, mais uma vez, está envolvido no ministério itinerante de pregação, acompanhado dos Doze e de várias mulheres.

3. Em Lucas 8.4, o contexto da parábola do semeador não é o mar com Jesus num barco (assim, em 8.22 Lucas precisa fazer uma adaptação, tendo Jesus "certo dia" entrado num barco), mas "pessoas de várias cidades" vindo a ele.

4. Na parábola propriamente dita (Lc 8.5-8) há diversas adaptações interessantes: (a) a adição de "sua semente" (v. 5); (b) a adição de "foi pisada" (v. 5); (c) a mudança de "não tinham raiz" para "não havia umidade", no v. 6, com a omissão de "não havia muita terra" e o calor do sol; (d) a omissão de "não deu fruto" (v. 7); (e) no v. 8 a omissão de "germinou e cresceu" e a limitação da safra para apenas cem por um. O resultado final é uma versão condensada da parábola de Marcos, com muitos detalhes omitidos.

5. Na seção que aborda o motivo de falar em parábolas (Lc 8.9s || Mc 4.10-12), Lucas omitiu a referência ao estarem sozinhos, mudou a pergunta dos discípulos para referir-se a *esta* parábola em particular, mudou "o mistério" do Reino para "os mistérios", mudou "os que estão fora" para "os outros", e abreviou consideravelmente a citação de Isaías.

6. Na interpretação da parábola (Lc 8.11-15) a ênfase muda do semeador para a semente, que é "a palavra de Deus", e seus efeitos nas pessoas. Assim, os primeiros têm a palavra tirada pelo Diabo, para que não "creiam e sejam salvos". O segundo grupo "crê" (em lugar de "permanece") por um tempo e desiste quando vem a "tentação" (em vez de "tribulação ou perseguição por causa da palavra"). O terceiro grupo ouve, mas o seu fruto "não amadurece", enquanto o quarto são os que ouvem a palavra, "a retêm, com bom e generoso coração, e dão fruto com perseverança".

7. Na seção que estudamos (Lc 8.16-18), Lucas (a) omite as duas ocorrências de καὶ ἔλεγεν αὐτοῖς (e ele dizia a eles), ligando assim o v. 16 diretamente à interpretação da parábola da semente semeada; (b) usa a versão de Q do primeiro dito, cujo interesse está no fato de que os que entram verão a luz; (c) acresenta no v. 17 "que não venha a ser conhecido"; (d) omite totalmente Marcos 4.24b, de modo que o v. 25 em Marcos é ligado diretamente, como uma explicação, a "considerem atentamente como vocês estão ouvindo".

8. Finalmente, Marcos 3.31-35 foi rearranjado para servir de conclusão para esta seção (Lc 8.19-21), e consideravelmente adaptado para que a ênfase ficasse no pronunciamento final: "Minha mãe e meus irmãos são aqueles que *ouvem a palavra de Deus e a praticam*".

Se você seguiu essas observações *em sua sinopse*, os resultados devem ser claros: A seção como um todo, que começa com o ministério itinerante de pregação de Jesus e a "evangelização" sobre o Reino de Deus, ocupa-se com ele como um mestre da palavra de Deus e com o modo pelo qual as pessoas ouvem a palavra. Não está muito claro precisamente como os v. 16-18 se encaixam nesse esquema, mas é certamente razoável que a preocupação de Lucas aqui é com o futuro ministério dos discípulos. São eles que receberam a explicação da parábola e que deveriam "dar fruto com perseverança", tomando o que estava "escondido", fazendo-o conhecido, de modo que o povo pudesse "ver a luz".

Observe, mais uma vez, que a tarefa da exegese neste ponto é, primeiramente, *descrever* o que o autor fez, e, depois, oferecer uma *interpretação* da intenção.

6.6.2. *A Tradição Dupla (Mateus-Lucas)*

Aqui, as preocupações descritivas são três:

1. Visto que nenhum desses materiais está na mesma seqüência nos dois evangelhos, comece pela descrição da seção mais ampla, na qual cada evangelista encaixou o dito de Jesus.

2. Determine, com uma análise das correspondências lingüísticas, se os dois autores tiveram acesso a uma fonte comum (extremamente provável no caso de Mateus 7.1-5 || Lucas 6.37-42) ou se refletem duas tradições diferentes da mesma perícope (e.g., Mateus 25.14-30 || Lucas 19.11-27, a parábola dos talentos).

3. Por meio de uma análise dos hábitos lingüísticos e estilísticos de Mateus e Lucas, tente determinar qual evangelista tem a expressão mais primitiva do dito, e como cada uma se adaptou aos seus interesses.

Assim, depois de uma cuidadosa análise da parábola do construtor prudente e do insensato, pode-se demonstrar que muito da linguagem incomum na versão de Lucas é peculiar a ele no NT. Além disso, as diferenças entre cavar profundamente e colocar um fundamento na rocha (Lucas) e construir sobre a rocha (Mateus), entre uma inundação que sobe (Lucas) e chuvas causando uma enchente (Mateus), e entre construir em terra sem fundamento (Lucas) e construir na "areia" (Mateus), refletem as diferenças entre a Palestina nativa do próprio Jesus, com suas montanhas e vales de calcário, e a experiência mais comum de Lucas (ou de seus leitores) de inundações provocadas por rios que sobem.

Nesse caso, porém, a parábola, que parece muito provavelmente já estar na conclusão de uma coletânea anterior de ditos de Jesus (bem parecida com a versão de Lucas), funciona de maneira semelhante para ambos os evangelistas. Para uma perspectiva consideravelmente distinta, baseada em arranjo e adaptação, tente fazer isso com a parábola da ovelha perdida / desgarrada (Mt 18.10-14 || Lucas 15.3-7).

6.7. Repense a localização da perícope no contexto literário atual do evangelho em estudo

Este passo final é, de fato, a repetição de parte do processo descritivo esboçado acima. Ele precisa ser repetido como uma palavra final, pois existe sempre o grande perigo de que se analise um dito ou perícope em muitos detalhes, perdendo-se, entretanto, sua função no contexto literário mais amplo do autor. Afinal, os evangelistas não *pretendiam* que lêssemos seus evangelhos lado a lado, mas como documentos que têm, cada um deles, integridade literária própria. Desse modo, apesar de, por razões de interpretação, você precisar aprender a trabalhar com os passos apresentados nesta seção, você deve lembrar também que os evangelhos vieram até nós numa ordem canônica e devem ser compreendidos, em última análise, como unidades que se seguem.

7

Breve Guia da exegese homilética

Felizmente, a preparação exegética requerida para um sermão não envolve a produção de um ou dois trabalhos exegéticos por semana. Infelizmente, porém, a maioria dos pastores com preparação teológica, que aprenderam a escrever monografias exegéticas para um curso, não tiveram igual treinamento para aplicar essas habilidades à tarefa mais comum da preparação de sermões. Este capítulo procura preencher esse vazio, provendo um formato prático para a exegese de uma passagem do NT, a fim de se poder pregar a partir dela com confiança e competência.

A exegese homilética não é de um tipo diferente da exigida para a monografia exegética, mas é diferente no que se refere à demanda de tempo e objetivo. Este capítulo, portanto, é uma versão reciclada do guia completo usado para trabalhos exegéticos escritos, fornecido nos Capítulos 5 e 6. (Se, por algum motivo, algumas dessas habilidades nunca foram aprendidas – ou ficaram "enferrujadas" – você poderá reservar algum tempo, durante uma ou duas semanas, para recapitular um pouco esses dois capítulos.)

Embora o processo da exegese em si não possa ser alterado, a maneira pela qual ele é feito pode ser ajustada consideravelmente. No caso da preparação para o sermão, a exegese não pode e, felizmente, não necessita ser tão exaustiva como uma monografia semestral. O fato de não precisar ser exaustiva não significa que não possa ser adequada. O alvo deste guia breve é ajudar o pastor a extrair da passagem os aspectos essenciais que dizem respeito à interpretação e exposição (explicação e aplicação) razoáveis. O produto final, o sermão, pode e deve ser baseado em pesquisa acadêmica reverente e sadia. O sermão, como ato de obediência e adoração, não deveria encobrir erudição deficiente numa roupagem de eloqüência. Que o sermão seja empolgante, mas seja também totalmente fiel à revelação divina.

Este capítulo está dividido em duas partes: (1) um guia para conduzir o processo exegético propriamente dito; (2) algumas breves sugestões a respeito da passagem do texto para o sermão, i.e., a preparação do sermão em si. Este guia é voltado para o pastor que tem dez horas semanais ou mais para a preparação de sermões (aproximadamente cinco horas para a exegese e cinco, ou mais, para o sermão). Cada seção da parte exegética do guia contém uma sugestão do tempo aproximado que se deve dedicar às questões levantadas naquela seção. Embora as cinco horas tenham sido sugeridas de forma um tanto arbitrária, isso parece ser o mínimo que um pastor deveria reservar para a pesquisa na preparação de um sermão. Dependendo da passagem, do tempo disponível em determinada semana, e da natureza de sua familiaridade com o texto e os recursos exegéticos, você descobrirá que pode fazer ajustes consideráveis na questão do tempo necessário. O período gasto para escrever um sermão, além da exegese, é um assunto tão individual que nenhum prazo será mencionado. O importante aqui é que bons sermões, exegeticamente sadios, podem ser feitos em dez horas, e este guia espera poder ajudá-lo a fazer isso.

À medida que você se tornar mais familiarizado com os passos e o método, poderá chegar ao ponto de dispensar a consulta a este guia. Esse é o alvo deste manual: servir de introdução ao assunto, não ser uma companhia obrigatória.

A. A TAREFA EXEGÉTICA

A pregação bíblica do NT é por definição a tarefa de propiciar um encontro entre as pessoas do século XXI e a Palavra de Deus — primeiramente proclamada no século I d.C. A tarefa da exegese é descobrir a Palavra e o seu significado para a Igreja do primeiro século; a tarefa da pregação é conhecer bem *tanto* a exegese do texto *quanto* as pessoas a quem a Palavra deve ser proclamada de novo como Palavra viva para o contexto delas.

A questão agora é: onde começar? O ponto de partida óbvio, é claro, é a escolha do texto. Mas o que guia essa escolha? Há duas possibilidades: ou (1) você está trabalhando com o texto bíblico e reconhece a necessidade de atualizar determinada passagem para a sua congregação; ou (2) você verifica a existência de certa necessidade entre as pessoas da comunidade e vai para a Bíblia a fim de encontrar uma palavra que atenda a ela. O esboço, a seguir, presume a primeira situação, ou seja, que o texto bíblico determina por si mesmo a direção do sermão.

Note Bem: O grande perigo de pregar um livro bíblico todo, ou de deixar o texto determinar o sermão, é que ele, por si mesmo, pode se tornar um exercício de exegese. Tal "sermão" se transforma numa exposição sem alvo, numa informação sem enfoque. Isso pode até ser apropriado para uma classe de escola dominical de adultos, em que alguém simplesmente vai seguindo os versículos de uma passagem,

expondo e aplicando o texto da forma em que se pensa ser adequado, mas *não* é pregação. A pregação precisa *basear-se* em exegese sólida, mas não é uma demonstração de exegese. Ao contrário, é exegese aplicada, e precisa ter um objetivo se deve funcionar de forma apropriada.

Ao longo de todo o processo exegético, portanto, você deverá trabalhar constantemente na direção de duas finalidades: (1) aprender o máximo que puder sobre o texto, seu argumento central e como todos os detalhes cooperam com ele (reconhecendo, o tempo todo, que nem tudo que você aprender terá que, necessariamente, ser incluído no sermão); (2) pensar na aplicação do texto, o que especialmente, neste caso, inclui o uso equilibrado de tudo que você aprendeu no processo exegético. Você precisa vencer a tentação de incluir no sermão tudo o que você aprendeu na exegese. Da mesma forma, você precisa vencer a tentação de exibir a exegese e, assim, se apresentar como o guru local.

Os passos abaixo serão ilustrados regularmente a partir de dois textos, um das epístolas (1 Pe 2.18-25) e um dos evangelhos (Mc 9.49-50). O primeiro foi escolhido por causa das questões hermenêuticas envolvidas (Como as palavras dirigidas aos escravos do primeiro século falam a nós hoje?); o segundo, porque esses ditos de Jesus são particularmente difíceis. Espera-se que textos como esses não sejam negligenciados ou "tangenciados".

1. Antes de começar *(Aproximadamente uma hora e vinte minutos)*

É imperativo que, desde o início, você tenha uma boa noção preliminar do contexto e do conteúdo de sua passagem. A fim de fazer isso da melhor forma possível, trabalhe o seguinte:

1.1. Leia o contexto maior

Não fique ansioso por chegar ao sentido de seu texto a ponto de deixar de reservar o tempo necessário para obter uma boa noção geral de onde ele se encaixa no livro bíblico no qual você está pregando. Lembre-se sempre de que seu texto é somente uma pequena parte de um todo, e que o autor bíblico nunca pretendeu que fosse estudado ou compreendido separado do restante do que ele disse.

Você deve, portanto, manter a prática regular de ler sua passagem no contexto maior. Depois, deve lê-la de novo — talvez numa tradução diferente. Se estiver trabalhando com uma das epístolas menores, preste muita atenção ao argumento do autor e a como a sua passagem se encaixa nele. Se for uma epístola mais longa, leia e releia a seção na qual seu texto se encontra (e.g., 1 Pe 1.1 a 3.12 ou 22). Se estiver num dos evangelhos, selecione uma seção maior e lógica como

contexto (e.g., Mc 8.27 a 10.16 — permita que os comentários o guiem aqui, se precisar). Leia e releia o texto, de modo que você tenha condições de rastrear facilmente o que vem antes e o que vem depois de sua passagem.

Observe: Se você estiver se preparando para pregar todo um livro bíblico, precisará reservar tempo extra no início e trabalhar todo o Passo 1 no Capítulo 5. O conhecimento de *todo* o livro deve preceder o trabalho em qualquer de suas partes.

1.2. Leia a passagem várias vezes

Agora, faça a mesma coisa com a sua passagem específica. Aqui, entretanto, você estará lendo e relendo para ter uma noção de seu *conteúdo* básico. Leia toda a passagem em voz alta. Tente adquirir uma compreensão do texto como uma unidade que transmite a Palavra de Deus a você e sua congregação. Familiarize-se suficientemente com a passagem, de modo que possa lembrar de seus aspectos essenciais à medida que avança pelos próximos cinco passos. Talvez você possa ler a passagem em traduções diferentes — aquelas que são conhecidas e usadas por sua congregação — e fazer uma lista das diferenças significativas (veja Passo 3.3, no cap. 5). Isso seria especialmente útil em situações em que algumas pessoas em sua congregação ainda reverenciam as versões mais antigas e tradicionais. Saber antecipadamente em que pontos essas versões diferem de sua tradução poderá auxiliá-lo a prever as inquietações de algumas pessoas.

Esteja atento à possibilidade de ter de fazer alguns ajustes quanto aos limites de sua passagem, uma vez que as divisões em capítulos e versículos, como as temos, são secundárias em relação à composição do original e não são sempre confiáveis. Verifique isso, começando a leitura alguns versículos antes do início da passagem e indo alguns versículos além do fim. Adapte os limites se necessário (encolha ou expanda a passagem a fim de coincidir com os limites mais naturais, se você entender que a passagem sugere isso). Ficará claro, após a aplicação desse teste, por exemplo, que 1 Pedro 2.18-25 é a unidade em que se deve trabalhar. No caso de Mc 9.49-50, também ficará evidente que essa unidade é, de certa forma, auto-suficiente, sendo unida pela palavra "sal". Contudo, o γάρ (pois) no v. 49, também, a liga diretamente ao que a precede. Assim, neste caso, é bom incluir os vers. 42-48 no trabalho exegético — mesmo que você limite o sermão aos v. 49-50. Quando estiver satisfeito com a delimitação apropriada da passagem, e com o fato de ter uma compreensão preliminar de seu conteúdo e do fluxo das palavras e argumentos, prossiga para o passo 1.3, a seguir.

1.3. Faça a sua própria tradução

Tente fazer isso, mesmo que seu grego esteja dormente ou fraco. Para essa tarefa, use um dos auxílios listados em 8.3. Você pode verificar a sua tradução consultando, sempre que necessário, uma ou duas das melhores versões modernas.

Fazer a sua própria tradução tem diversos benefícios. Um deles é que auxiliará você no que se refere a observar coisas sobre a passagem que você não iria notar na leitura, mesmo no original. Muito do que você começará a notar antecipará os passos 2.1 a 2.6, abaixo. Por exemplo, você deve começar a ficar alerta a quaisquer questões textuais que afetarão o sentido do texto, ao vocabulário especial da passagem, suas características gramaticais, e a qualquer questão histórico-cultural. Todas essas coisas acabam chamando a sua atenção naturalmente, à medida que você traduz as palavras da passagem. Além do mais, você é o especialista em sua comunidade. Você conhece o vocabulário de seus membros e seu nível educacional, o alcance de sua compreensão bíblica e teológica etc. De fato, você é a pessoa especialmente capacitada para produzir uma tradução significativa — que você poderá usar, em parte ou totalmente — como base para o seu sermão, a fim de garantir que sua congregação entenda bem a verdadeira força da Palavra de Deus do modo em que a passagem a apresenta.

[Leitores da Bíblia em português podem substituir esta tarefa pelo Passo 3.3 do cap. 5.]

1.4. Faça uma lista de alternativas à tradução

Ao longo do processo de fazer a sua tradução, você precisará ter uma lista de alternativas à tradução, sejam elas de natureza textual, gramatical ou lingüística/estilística. Essa lista não precisa ser longa; apenas itens relevantes devem ser incluídos. A lista poderá, então, se tornar um ponto de referência para os itens no passo 2, abaixo. Por exemplo, a lista para Marcos 9.42-50 deveria incluir as questões textuais nos v. 42, 44, 46 e 49; as palavras σκανδαλίζω (ofender, pecar, tropeçar, desfazer), γέεννα (inferno), ἅλας (sal), ζωή = βασιλεία τοῦ θεοῦ (vida = reino de Deus), nos v. 43, 45, 47; e a questão gramatical relacionada com γάρ, no v. 49. Se você usou a Bíblia na Linguagem de Hoje como uma de suas traduções (passo 1.3, acima), você deve também observar em sua lista como essa tradução interpretou o primeiro e o terceiro ditos sobre o sal.

Quantas dessas alternativas deveriam ser mencionadas no sermão será um assunto de juízo pessoal. Qualquer que seja o caso, erre para menos aqui, para que o sermão não fique abarrotado de informações. Algumas sugestões a respeito de itens textuais são apresentadas em 2.1, abaixo. No que diz respeito a outras informações, é uma questão de relevância para a compreensão da passagem. Algumas vezes,

você poderá simplesmente fazer sua opção da maneira oferecida numa das traduções e dizer: "Como a Almeida Atualizada traz o texto..." Se for um assunto crucial, relacionado com o sentido do texto, ou especialmente relacionado à aplicação que você quer fazer, então seria apropriado apresentar um breve sumário das razões pelas quais você acha que a evidência aponta para a sua escolha (ou por que você acha que a evidência não é decisiva).

1.5. Analise a estrutura

Uma outra maneira de examinar o texto de modo preliminar também pode ser de imenso valor. É importante que você não apenas esteja alerta aos detalhes que precisarão ser investigados, mas tenha também uma boa noção das estruturas de sua passagem e do fluxo do argumento. A melhor maneira de fazer isso é transcrever o texto grego num esquema do fluxo das frases, como foi descrito no capítulo 6.1.1. A grande vantagem desse exercício é auxiliar a visualização das estruturas do parágrafo, bem como forçar você a decidir quanto a diversas questões sintáticas. Na realidade, quase sempre isso irá ajudá-lo a perceber itens que lhe escaparam, mesmo quando você fazia a tradução.

Assim, o fluxo de orações em 1 Pedro 2.18-25 irá ajudá-lo a perceber não apenas que nos v. 18-20 a lição principal da exortação é deixar o caso com Deus, quando se sofre injustamente, mas também que o exemplo de Cristo, que vem nos v. 21-25 reforçando a exortação, tem duas partes: (1) o fato de que "Cristo sofreu *no lugar de vocês*" (v. 21) e, ao mesmo tempo (2) "deixando-lhes *exemplo*, para que sigam os seus passos"(v. 21). As quatro orações relativas que seguem (que, de outra forma, poderiam não ser percebidas) tratam destes dois temas: As duas primeiras (v. 22-23) desenvolvem o tema do *exemplo* dele; as outras duas (v. 24a-b, 24c) expandem a questão do seu sofrimento por eles — ambas nos termos de Isaías 53. É claro que tudo isso poderia ser observado, simplesmente, na tradução; mas o diagrama das sentenças, em especial quando marcado com cores, faz com que tudo isso fique imediatamente visível.

1.6. Comece uma lista para uso homilético

Da mesma maneira que você compilou uma lista de alternativas mencionada em 1.4, acima (e talvez incluindo aquela lista), mantenha por perto uma folha de papel na qual você registrará as observações da exegese na passagem que você considera mencionáveis no sermão. A lista deve incluir as descobertas dos passos 1-5 neste capítulo, e prover uma referência fácil à medida que você escreve o sermão.

O que incluir? Inclua exatamente o que faria você se sentir enganado se não soubesse. Não é necessário que sejam genuinamente observações que transformam a vida; não devem ser, porém, insignificantes nem misteriosas. Se alguma coisa realmente ajuda a apreciar e entender o texto de um modo não evidente de outra maneira, então coloque isso na sua lista.

Faça, no início, uma lista mais abrangente. Inclua tudo o que considerar digno de menção, pois sua congregação poderia ser beneficiada com esse conhecimento. Mais tarde, quando estiver escrevendo ou esboçando seu sermão, você poderá ter de excluir alguns, senão a maioria, dos itens da sua lista, por limitação de tempo. Isso é ainda mais importante se o seu sermão não tem o formato mais rígido do sermão expositivo. Além disso, da perspectiva do quadro geral você verá, sem dúvida, que certos itens originalmente incluídos na lista dos "mencionáveis" não são tão cruciais como você pensou no início. Ou, pelo contrário, você poderá achar que tem tanta coisa importante com que se ocupar que terá de marcar dois sermões na passagem, para expô-la adequadamente.

Lembre-se: Sua lista das coisas "mencionáveis" não é um esboço de sermão (como uma pilha de tábuas não é uma casa). Essa lista é, simplesmente, um registro provisório de observações derivadas da exegese que sua congregação merece ouvir e das quais poderá, de fato, se beneficiar.

2. Questões de conteúdo *(Aproximadamente uma hora)*

Os passos desta seção estão relacionados aos vários tipos de detalhes que formam o conteúdo de sua passagem, é o *quê* do texto. Essas questões são basicamente de quatro tipos para qualquer passagem do NT: textuais, gramaticais, lingüísticas e histórico-culturais.

2.1. Verifique assuntos textuais significativos

Consulte o aparato crítico textual no NA[27]. Procure, especificamente, as variantes textuais que poderiam afetar o sentido do texto para a sua congregação na tradução portuguesa. Essas são as principais variantes textuais. Não há razão para se preocupar com as variantes menores — elas não fariam muita diferença nas traduções em português. Aqui, seria especialmente proveitoso ter lido sua passagem em várias traduções portuguesas, como foi sugerido em 1.2, acima. Toda vez que a variante textual for responsável pelas diferenças, verifique se isso foi incluído em sua lista de alternativas (1.4, acima). Você precisará avaliar as variantes principais por si mesmo, para verificar qual teria sido a original e por quê (veja cap. 6.2). Isso é particularmente importante para o fato de existirem diferenças nas traduções que as pessoas usam.

A questão sobre o quanto disso, se alguma coisa, deve ser incluído no sermão é complicada. Essa é uma área que, às vezes, pode inquietar os crentes (pois para muitos tem relação com a área da *fidedignidade* das Escrituras). A regra é esta: Raramente (quase nunca!) faça crítica textual, propriamente dita, do púlpito; ou seja, raramente, se fizer, explique à congregação como você chegou a uma determinada decisão. Você deveria incluir sua argumentação somente nas seguintes situações: (1) Quando houver decisões textuais muito sérias, e estas se reflitam nas traduções que você sabe que seu público estará usando (e.g., a ARA, ARC e NVI em 1 Co 11.29). (2) Quando a sua opção difere da Bíblia encontrada nos bancos da igreja (especialmente nas que ainda usam uma tradução antiga, mas seja cauteloso ao criticar a versão bíblica dos outros!). (3) Quando uma nota textual ajudar as pessoas a ver como o texto foi compreendido, ou mal-compreendido, na igreja primitiva. Por exemplo, pode-se notar como o texto Ocidental tentou abrandar em Marcos 9.49 aquilo que é, de outra forma, um dito de Jesus muito difícil. Mas, ao mesmo tempo, ao conformá-lo a Levítico 2.13, ofereceu considerável compreensão sobre o possível contexto do dito original em si (o aspecto que é apresentado na tradução da *Good News Bible*). Isso pode ser parte de sua explicação do texto quando estiver expondo seu sentido para a congregação.

O intercâmbio entre ὑμῶν (vosso) e ἡμῶν (nosso) em 1 Pedro 2.21 pode ou não ser mencionado, dependendo de sua ênfase ou não no que se refere a Cristo ter sofrido por esses servos/escravos cristãos. Nesse caso, pode-se dizer algo como: "A fim de reforçar a lição de que esses escravos deveriam seguir o exemplo de Cristo, Pedro também relembra-lhes o *efeito* do sofrimento de Cristo, ou seja, que isso foi *por eles*. Em algumas traduções você encontrará o v. 21 traduzido 'Cristo sofreu por *nós*' — e enquanto isso é verdadeiro, e é apresentado no v. 24, perde-se o argumento de Pedro no v. 21. Aqui, a evidência mais antiga e confiável, oferecida pela maioria das novas traduções, deve ser preferida como refletindo o texto original...".

2.2. Observe aspectos gramaticais incomuns, ambíguos ou importantes

Seu interesse primário é destacar características gramaticais que possam ter algum efeito na interpretação da passagem. Aqui, em particular, você aprenderá mais do que terá ocasião de relatar. Por exemplo, à medida que você trabalhar com a expressão ambígua διὰ συνείδησιν θεοῦ (porque ele tem consciência de Deus [NIV]; por causa da consciência para com Deus [NASB]) em 1 Pe 2.19, você precisará decidir quanto ao sentido do genitivo (cf. os comentários de Peter

Davids, Ramsey Michaels e Paul Achtemeier), mas você necessitará apresentar bem pouca informação do tipo gramatical à sua congregação.

Às vezes, é claro, uma explicação gramatical pode ser especialmente útil. O γάρ (pois) em 1Pedro 2.25, por exemplo, pode ser definido como claramente explicativo, de forma que a "cura" do v. 24 deve ser uma metáfora para a salvação nesse caso, não uma referência à cura física. De igual modo, a diferença entre um genitivo objetivo e subjetivo poderia ser explicada, às vezes, para que a força de *sua* exegese seja vista mais claramente (veja cap. 6.3.3.1). Como tratar o γάρ em Mc 9.49 pode variar. Seria, provavelmente, apropriado apontar (talvez na introdução do sermão) que, ao usar essa palavra, Marcos certamente *pretendeu* ligar esses ditos com o que os precede, mas que *o que* essa conexão é não está totalmente claro. Mais tarde, depois de ter dado a sua interpretação do texto, você poderá comentar de novo a respeito de como esses ditos podem ser entendidos como relacionados aos que os precedem.

2.3. Faça uma lista de expressões-chave

A esta altura, você deve retornar à sua lista em 1.4, acima, e refletir mais uma vez, desta vez em termos das palavras-chave que poderão exigir explicação em algum ponto do sermão. Você poderá revisar aquela lista com essa perspectiva em mente. Por exemplo, sua lista preliminar para 1 Pedro 2.18-25 deveria, provavelmente, incluir o seguinte (a partir da ARA): servos, suportando, sofrendo, grato, chamados, exemplo, madeiro, chagas, curados, Pastor, Bispo. Mais uma vez, você pode querer apresentar as nuanças especiais de todas essas palavras para o sentido da passagem, mas não deve pensar que seja obrigado a explicar tudo no sermão. Seria de alguma importância, é provável, dizer que embora οἰκέτης signifique "servo da casa", tais servos eram, quase que invariavelmente, escravos. Também seria de algum interesse para os ouvintes saber que o μώλωψ (ferimentos) que Cristo sofreu para a salvação desses escravos é uma palavra que se refere aos hematomas que apareciam na pessoa açoitada — o que muitos deles deveriam ter experimentado (cf. v. 20).

2.4. Faça um breve estudo lexical de qualquer termo importante

Às vezes, uma ou mais palavras possuem tantos significados para o sermão que você desejará investigá-las além dos limites da passagem, a fim de entendê-las melhor. "Sal" em Marcos 9.49-50 é um exemplo óbvio; entretanto, uma vez que seu sentido tem a ver em última instância com as questões histórico-culturais,

vamos deixá-la para o passo 2.5, abaixo. Em 1 Pedro 2.19-20, o uso que Pedro faz de χάρις seria uma palavra dessas. Ela é, sem dúvida, usada num sentido muito diferente daquele que Paulo – e a maioria dos cristãos – normalmente lhe dão. Mas, o termo significa "aprovado" (RSV), "creditado" (NRSV), "louvável" (NVI), ou "ele abençoará" (NTLH)?

Para esse estudo de vocábulos, utilize as técnicas descritas no capítulo 6.4, mas empregue o seu tempo com sabedoria. Ao verificar a palavra no Bauer e em sua concordância grega, você será capaz de discernir rapidamente seus sentidos possíveis. Você deve notar, de modo especial, o uso em Pedro e como esse uso difere bastante do de Paulo. Aqui você ajudará seus ouvintes ao partilhar com eles a informação pertinente de forma condensada. O uso que Paulo faz de χάρις, afinal de contas, não é o único uso bíblico, e as pessoas precisam saber disso.

2.5. *Investigue itens histórico-culturais importantes*

A maior parte das pessoas numa igreja geralmente é ajudada quando se explicam algumas das questões histórico-culturais de fato importantes para o sentido do texto. Para os tipos de temas que necessitam de investigação aqui, e algumas sugestões bibliográficas, veja capítulo 6.5.

Nas duas passagens usadas como exemplo, existem pelo menos dois itens em cada uma que merecem alguma atenção de sua parte. Em Marcos 9.42-50 seria, provavelmente, proveitoso para você fazer um breve estudo do termo γέεννα (Geenna = inferno) e a força dessa metáfora para esses ditos de Jesus. O termo "sal", é claro, também é crucial. Neste caso, sua investigação sobre o uso do sal na antigüidade judaica será, provavelmente, a chave para a sua interpretação dos três ditos. Três diferentes usos aparecem metaforicamente nos três ditos: sal nos sacrifícios, sal como tempero e conservante, e sal como vínculo da aliança.

Em 1Pedro 2.18-25, você deve usar um pouco do seu tempo lendo sobre os escravos — e o tratamento que recebiam — no mundo greco-romano. Relembrando, você precisa ter uma boa percepção do tempo que usará para falar sobre isso. Contudo, se o sermão é para fazer uma ponte adequada entre o século I e o XXI, sua congregação merece saber algo da natureza da escravidão no século I d.C. — e da radicalidade das palavras dessa exortação para o público original. Também é de importância crucial para sua exegese identificar cuidadosamente o uso de Isaías 53 nos v. 22-25. Quanto a esse ponto, você poderá consultar um dos melhores estudos das técnicas cristãs de *Midrash*, à medida que aparecem no NT (veja Bailey e Vander Broek. p. 42-49 [cap. 8.9.2]).

Uma palavra de cautela. Uma vez que esse tipo de informação pode ser fascinante, pode-se, às vezes, ceder à tentação de lhe dar tempo demasiado no

sermão. Não deixe isso atrapalhar sua pregação e se tornar algo que absorva tempo demais. Faça com que essas coisas, assim como outros assuntos, sejam servos úteis da proclamação da Palavra; não permita que dominem o seu sermão.

3. Questões Contextuais *(Aproximadamente uma hora)*

Trabalhar com as questões de conteúdo é apenas metade da tarefa exegética. Agora você precisa dar atenção cuidadosa às questões do contexto histórico e literário. O contexto histórico diz respeito ao ambiente histórico em geral, bem como à ocasião específica do documento. O contexto literário relaciona-se a como sua passagem se encaixa especificamente em seu lugar no argumento ou narrativa.

Uma vez que os evangelhos (cap. 5, Passo 11B) requerem que se verifique essas questões de um modo diferente dos outros gêneros literários, esta seção, assim como o Capítulo 5, será dividida em duas partes: uma para as epístolas (inclusive Atos e Apocalipse) e uma para os evangelhos.

3 (Ep). Epístolas (Atos, Apocalipse)

Para a exegese de uma passagem das epístolas, você deve se familiarizar com a discussão no capítulo 5.9-11 (Ep). Para Atos, veja 5.10-11 (At), e para Apocalipse, veja 5.9-11 (Ap).

3.1 (Ep). Examine o contexto histórico

Esta investigação é composta de três partes. Primeiro, você necessita aprender alguma coisa acerca da situação geral dos destinatários. Se sua passagem está em uma das cartas paulinas, invista algum tempo para se familiarizar com a cidade e seu povo. Para fazer isso, você pode consultar um bom dicionário bíblico (veja cap. 6.5.2.1), ou a introdução de um bom comentário (veja cap. 8.13.3). Se tiver tempo, interesse e recursos disponíveis (uma boa biblioteca por perto), você poderá pesquisar algum desses temas mais profundamente por meio da bibliografia fornecida no artigo do dicionário.

Além disso, você também precisa tomar conhecimento da natureza e composição da(s) igreja(s) para quem a epístola foi escrita. Os seus membros são cristãos judeus, gentios, ou uma mistura dos dois? Há alguma indicação sobre o seu *status* sócio-econômico? Aqui, também consulte as introduções aos comentários. Mas também esteja alerta ao ler o texto bíblico por si mesmo. Por exemplo, depois de ler 1 Pedro 1–3 umas duas vezes (1.1, acima), você deve ter observado que os destinatários são crentes gentios (1.18; 2.10; cf. 4.3), e que pelo menos alguns deles são escravos e mulheres (2.18 a 3.7).

Finalmente, e o mais importante, você precisa reconstruir para si mesmo, com o auxílio de seus recursos, se necessário, a situação histórica específica que ocasionou esta seção na Epístola. Esse é um dos passos absolutamente cruciais no processo exegético, pois a sua carta, afinal de contas, é uma resposta a alguma coisa. É uma ajuda imensurável ao entendimento trabalhar com o maior cuidado possível na compreensão da situação que sua Epístola aborda. Você pode chegar a isso por conta própria — se tiver tempo disponível — ao ouvir cuidadosamente a Epístola enquanto a lê. Mas, lembrando mais uma vez, se necessário consulte os melhores comentários; e uma vez que esse trabalho se encontra nos limites da especulação, você fará bem se comparar duas ou três fontes sobre esse assunto. Assim, para 1 Pedro, apesar de alguns detalhes serem diferentes entre os estudiosos, pode-se facilmente reconhecer que a hostilidade da parte dos pagãos é a causa básica da existência da carta. E nossa passagem é parte da exortação sobre como reagir de forma cristã a demonstrações específicas de hostilidade.

É quase sempre apropriado incluir esse material no sermão. Isso, acima de qualquer outra coisa, dará credibilidade à sua interpretação — quando o texto é visto como resposta a determinada situação.

3.2 (Ep). Examine o conteúdo literário

Você chegou, agora, à questão exegética absolutamente essencial para o seu texto específico. *Qual é o propósito* desta passagem? Como ela se encaixa no esquema geral da carta? E, mais importante: Como ela se encaixa exatamente neste ponto do argumento ou exortação do autor? Para fazer isso de forma adequada, você precisa reservar algum tempo para escrever na sua lista de itens para o sermão (veja cap. 8.1.6) as duas breves afirmações sugeridas no capítulo 5.11 (Ev), i.e.: (1) a lógica e o conteúdo de sua passagem; (2) uma explicação de como *esse* conteúdo contribui para o argumento. Este é o lugar em que ocorre grande parte da interpretação do texto. Adquira o hábito de sempre forçar-se a fazer isso — mesmo que os comentários nem sempre façam (esse é também o ponto em que muitos comentários falham). Nunca fique satisfeito com sua exegese até ter certa medida de confiança de que é capaz de responder à questão *por quê?*, bem como à pergunta *o quê?*. Haverá, é claro, ocasião em que isso será menos evidente (e.g., 2 Co 6.14 a 7.1), e você terá de ser honestamente hesitante. Mesmo nesses casos, a questão precisa ser abordada. Para que o sermão tenha integridade como proclamação da *intenção* das Escrituras, ele deve focalizar essa questão, e todas as suas partes deveriam ser sujeitas a esse enfoque.

Dessa forma, um sermão em 1 Pedro 2.18-25 deveria focalizar o ponto principal da exortação: quando enfrentar hostilidade e crueldade, deixe o caso

com Deus. Como isso é apresentado, e como os argumentos de Pedro são mostrados, será tão variado quanto variado é o número de pregadores. Você pode, é claro, desejar pregar apenas os v. 21-25, sobre Cristo como exemplo e salvador. Mas mesmo assim, você terá de colocar o sermão no contexto literário dos v. 18-25.

3 (Ev). Evangelhos

Para a exegese de uma passagem dos evangelhos, você deve familiarizar-se com a discussão no capítulo 5.9-11 (Ev) e no capítulo 6.6.

3.1 (Ev). Identifique a forma

Não gaste muito tempo aqui. O importante a observar é que nos evangelhos há gêneros dentro de um gênero. Por exemplo, parábolas *funcionam* de um certo jeito e também provérbios ou hipérboles (Mc 9.43-48) ou narrativas. Para a literatura sobre a identificação de formas, veja o capítulo 8.9 (Ev). Como já dissemos, isso é algo com o que não se trabalha muito no sermão, a não ser talvez para lembrar as pessoas, por exemplo, de que um dito é proverbial e que provérbios funcionam de certa maneira (e.g., Mc 9.50a).

3.2 (Ev). Use uma sinopse

A fim de obter uma noção do contexto histórico-literário da passagem dos evangelhos, é de grande benefício aprender a estudar sua passagem a partir de uma sinopse grega (ou de uma sinopse em grego-inglês [6.6], se seu grego estiver enferrujado). Se não estiver familiarizado com o estudo a partir de uma sinopse, você fará um favor a si mesmo para a toda vida se reservar tempo para aprender, cuidadosamente, os procedimentos esboçados no capítulo 6.6, em especial 6.6.3. No fundo, o que você está tentando descobrir aqui é como o evangelista organizou o evangelho na área imediata do texto. Freqüentemente, isso pode ser muito facilitado ao verificar-se como o outro evangelista trata o mesmo material (se de forma dependente ou independente).

Assim, por exemplo, não deveria ser motivo de surpresa que nem Mateus nem Lucas seguem totalmente Marcos de 9.37 a 9.50 (existem alguns pontos bem difíceis aqui, como você poderá perceber por si mesmo ao ler o texto). Que nem Mateus nem Lucas usam os três ditos sobre o sal não deveria surprender a ninguém. Por outro lado, você receberá alguma ajuda em sua interpretação de Marcos 9.50a ao reconhecer que outra versão do mesmo dito

de Jesus (ou de um semelhante) existia na tradição dupla. Pelo menos alguma informação desse tipo, sem longos ou áridos tratados sobre o problema sinótico e sua solução, pode muito bem ser uma parte do sermão. Isso poderá ser tanto informação útil como um reforço para sua argumentação sobre a dificuldade inerente de entendimento.

3.3 (Ev). Investigue possíveis situações vivenciais onde apropriado

Se for de alguma utilidade para o sermão, pode-se investir algum tempo pensando a respeito do possível contexto vivencial da passagem no ministério de Jesus (veja o cap. 6.11 [Ev] e 8.11 [Ev]). Isso vale bem mais para muitas parábolas. Na presente passagem, porém, há muito pouco a ganhar neste ponto, pois seria bastante especulativo na melhor das hipóteses, uma vez que a questão contextual real aqui é a literária. É sempre apropriado considerar se sua passagem contribui para o entendimento do contexto vivencial do evangelista; ou, o inverso disso, se o contexto vivencial (admitindo sua natureza hipotética) acrescenta algo ao seu entendimento da passagem. Se, como muitos acreditam, o evangelho de Marcos apareceu em Roma durante um período de sofrimento para a igreja, e o discipulado, para ele, implica seguir o Messias Servo Sofredor (cf. Mc 8.27-38 etc.), então pelo menos o primeiro desses ditos sobre o sal se encaixa nesse tema (seguindo a segunda predição acerca do sofrimento) como chamado ao discipulado provado pelo fogo.

3.4 (Ev). Descreva o arranjo ou adaptação atual

Este passo flui fundamentalmente de 3.2 (Ev), acima. Os procedimentos podem ser encontrados no capítulo 6.6.5-6. Aqui, você aprenderá muito mais para sua própria compreensão do texto do que achará necessário incluir no sermão. O que você estará procurando são os itens que lhe darão uma compreensão das ênfases do autor, e sua intenção ao incluir a passagem precisamente aqui. Assim, aqui você estará examinando as questões de contexto literário.

Assim como foi relativamente fácil determinar o contexto literário de 1 Pedro 2.18-25, é difícil fazer o mesmo com Marcos 9.49-50. É sempre apropriado ser cauteloso nessas questões. Todavia, se você sentir que pode fazer bom sentido do texto em seu contexto, não hesite em dizê-lo, desde que fique claro para todos que você tem algumas reservas. Nesse ponto, você procurará o auxílio dos melhores comentários.

4. Literatura secundária
(Aproximadamente cinqüenta minutos)

Você acabou de concluir, agora, o trabalho básico no texto propriamente dito. Com a ajuda de vários recursos exegéticos, você deve sentir que tem uma boa compreensão do texto, tanto em seus aspectos particulares, como em seu lugar no livro bíblico. Agora é hora de consultar alguma literatura secundária.

4.1. Consulte os comentários

Não evite os comentários; somente tenha o cuidado de não lê-los como primeira fonte de pesquisa. Se você o fizer, sempre pregará sobre o texto a partir da obra de outra pessoa. Mesmo que o autor seja excelente comentarista, você nunca terá a confiança de que o texto é propriamente seu por tê-lo dominado. Mas agora é o momento de verificar alguns comentários. Você deveria ter em sua biblioteca pelo menos dois ou três dos melhores comentários para cada livro do NT (veja cap. 8.13.3). Existem três razões para que se leiam os comentários neste ponto: (1) Para ver as opções dos estudiosos quanto às dificuldades que você teve em diversos lugares da exegese. Às vezes, é claro, você consultará os comentários quando encontrar a dificuldade enquanto faz a exegese do texto. (2) Para saber de pelo menos duas outras interpretações do texto com as quais você poderá comparar a sua e fazer ajustes, se uma outra for mais convincente. (3) Para ser alertado quanto a questões ou opções que você não percebeu em sua exegese, as quais podem ser cruciais para o seu sermão. Assim, por exemplo, ler os comentários de Achtemeier, Michaels e Davis sobre 1 Pe 2.18-25 deve não só aumentar a confiança em seu próprio trabalho mas também ajudar em seu entendimento do texto.

4.2. Leia outra literatura

Este é o passo condicionado pelos fatores tempo, recursos e geografia. Haverá momentos, quando estiver estudando Marcos 9.49-50, em que você vai querer investir algum tempo lendo o que outros escreveram sobre esses ditos de Jesus. Se uma oportunidade como essa surgir, você precisará consultar os auxílios bibliográficos em 8.13.1-2.

5. Contexto Bíblico-teológico
(Aproximadamente trinta minutos)

Antes de passar para as questões de aplicação, você necessita refletir sobre como sua passagem se relaciona com outros textos da Bíblia e com a teologia cristã.

5.1 Analise a relação da passagem com o restante da Bíblia

A que esta passagem é semelhante ou diferente? Será ela uma entre muitas de tipo similar, ou é bastante singular? Que vazios ela preenche? Algo depende dela em outro lugar? Outros textos das Escrituras ajudam a torná-la compreensível? De que maneira? Qual é o seu lugar na estrutura maior da revelação bíblica? Que valor ela tem para o estudante da Bíblia? Em que sentidos ela é importante para a sua comunidade?

Assim, por exemplo, para 1 Pedro 2.18-25 você deve analisar brevemente passagens semelhantes em Paulo (Ef 6.5-9; Cl 3.22—4.1; 1 Tm 6.1s; Tt 2.9s). Poderá ser instrutivo notar que as passagens de Efésios e Colossenses presumem senhores cristãos, enquanto que outras (inclusive 1 Pedro) têm escravos cristãos e senhores pagãos.

5.2. Analise a relação da passagem com a teologia

A que doutrinas teológicas a passagem adiciona alguma luz? Quais são suas preocupações teológicas? A passagem suscita questões ou dificuldades a respeito de algum tópico ou posição teológica que necessitem de explicação? Qual é a magnitude das questões teológicas que a sua passagem traz à tona? Onde a passagem parece se encaixar no sistema completo de verdade contido na teologia cristã? Como a passagem se harmoniza com a totalidade do sistema teológico? Suas questões teológicas são mais ou menos explícitas (ou implícitas)? Como você pode usar a passagem a fim de ajudar sua congregação a ser teologicamente mais coerente ou, pelo menos, mais teologicamente alerta?

6. Aplicação (Aproximadamente quarenta minutos)

Ao longo de todo o trabalho exegético, você dever ter pensado sobre como a passagem — e suas várias partes — poderia se aplicar à sua vida e à de sua congregação. Mas, agora, é a hora em que você se concentrará diretamente na aplicação.

6.1. Faça uma lista dos temas que dizem respeito à vida

Faça uma lista de possíveis temas que dizem respeito à vida, e que são explicitamente mencionados, apontados de forma implícita, ou podem ser logicamente inferidos da passagem. Pode ser que haja apenas um ou dois desses temas, ou, quem sabe, diversos. De início, seja inclusivo. Depois, você pode eliminar aqueles que, após reflexão, julgar serem menos significativos ou até irrelevantes.

6.2. Esclareça a possível natureza e área da aplicação

Organize sua lista provisória (mental ou escrita) de acordo com a natureza da passagem – ou partes dela – se são informativas ou diretivas, e, em seguida, se lidam com a área da fé ou da ação. Apesar de serem artificiais e arbitrárias até certo ponto, essas distinções, não raro, são úteis. Elas poderão conduzir a aplicações mais precisas e específicas do ensino das Escrituras para a sua congregação. Também o ajudarão a evitar aplicações vagas e gerais, que às vezes nem mesmo são aplicações.

6.3. Identifique o público-alvo e as categorias de aplicação

As questões relacionadas à vida em sua passagem são primariamente instruções para indivíduos ou para entidades coletivas, ou não há diferenciação aqui? Se forem para indivíduos, quais? Cristãos ou não-cristãos? Ministros ou leigos? Pais ou filhos? Fortes ou fracos? Orgulhosos ou humildes? Se forem instruções, primariamente, para entidades coletivas, quais? Igreja? Nação? Ministros? Leigos? Uma profissão? Uma estrutura social?

As questões relacionadas à vida se ligam, ou são limitadas, a certas categorias, tais como relacionamentos interpessoais, piedade, finanças, espiritualidade, comportamento social, vida familiar?

B. PASSANDO DA EXEGESE PARA O SERMÃO

O que você fez até aqui *não* é o sermão propriamente dito. Você se ocupou da descoberta do sentido do texto em termos da intenção original. De certa forma, essa é a parte mais fácil, comparada com essa segunda: a preparação do sermão. Aqui, seu maior aliado é uma boa cabeça e uma imaginação fértil! Em todo caso, nada pode substituir a reflexão. Como as idéias exegéticas e questões de aplicação convergem na direção de um sermão que tenha um enfoque claro e alvo específico? Não pode haver regras aqui, pois o bom sermão é tão individual quanto você. Ele precisa ser *seu*, baseado na *sua* exegese, pregado à *sua* comunidade. O que segue são, simplesmente, algumas sugestões e advertências.

7. Reserve tempo para reflexão sobre o texto e para oração

A pregação não é, simplesmente, uma questão de intelecto e estudo; também envolve coração e oração. Depois que sua mente estiver embebida com o texto, seu significado, e algumas explicações possíveis, reserve tempo para refletir

sobre ele em oração. Como o texto se aplica à sua vida? Que necessidades pessoais você percebe abordadas ou alcançadas por essa passagem? Separe tempo para reagir à Palavra de Deus. É muito difícil comunicar com urgência a outros o que não falou a nós primeiro.

Depois, invista tempo para refletir no texto mais uma vez, agora tendo em mente as várias necessidades das pessoas de sua congregação. O que você fará, com a ajuda do Espírito Santo nesse sermão, para ser capaz de auxiliar, encorajar ou exortá-las a partir dessa passagem? De fato, quanto mais tempo você investir em oração *a respeito* delas sobre essa passagem, tanto mais é provável que você prepare um sermão que comunicará *a* elas.

Lembre-se: A preparação do sermão sem o encontro pessoal com a Palavra e sem oração provavelmente terá falta de inspiração. Sermões pregados por quem não se sentou em silêncio, perplexo, diante da majestade de Deus e de sua Palavra, alcançarão muito pouco resultado.

8. Inicie com um senso de propósito

A partir de sua lista de trabalho no sermão, e outras anotações feitas durante o trabalho exegético, concentre-se em três coisas (que estarão sujeitas a mudanças, é claro, à medida que o sermão for desenvolvido):

8.1. Pontos principais

O *ponto (ou pontos) principal(is)* do texto bíblico que você necessita proclamar. Seu sermão precisa de um *ponto focal* ou você não saberá aonde quer chegar, além de dificultar a seqüência do seu argumento. Tente decidir sobre o que a congregação precisa saber, ou ouvir, da passagem, em contraste com o que você precisou saber a fim de preparar o sermão. Seus dois melhores critérios aqui são a passagem propriamente dita e sua resposta a ela. Aquilo que sua passagem trata como significativo é, provavelmente, o que o sermão deveria tratar como significativo. O que você sente ser mais útil e importante para você pessoalmente é, com toda a probabilidade, o que sua congregação achará mais útil e importante.

8.2. Propósito

O *propósito* do sermão. Aqui você decidirá *como* os pontos acima serão mais bem aplicados. O sermão é basicamente informativo, a respeito da fé cristã? Ou é exortativo, tratando do comportamento cristão?

8.3. Resposta

A *resposta* que você espera que seu sermão produza. Este é o outro lado de 8.2, acima. Você espera provocar uma mudança de pensamento? Ou uma mudança de comportamento? Ou ambos? Você está tentando encorajar? Motivar? Chamar ao arrependimento? Levar as pessoas a um encontro com o Deus vivo? Se a tarefa do pregador é dupla, ou seja, confortar o aflito e afligir quem está confortável, em que sentido este texto o direciona? Ou será um pouco de ambos?

Observe: Esses dois últimos itens tem a ver com o *objetivo* do sermão. Um sermão sem objetivo raramente atinge o alvo. Decidir acerca do *enfoque* e do *objetivo* do sermão será de grande ajuda para que você decida como proceder com o esboço e o conteúdo.

9. Decida Sobre a introdução e comentário

O corpo, ou conteúdo, do sermão será determinado em grande medida pela maneira com que você planeja começar e terminar. O final deveria ser direcionado pelo objetivo (8.2-3, acima). Os bons sermões normalmente iniciam em um de três lugares: (1) com o texto bíblico — mas seja especialmente cuidadoso para não entediar seus ouvintes antes de chegar à aplicação; (2) com as necessidades das pessoas de algum modo; (3) de alguma maneira imaginativa que prende a atenção, mas que, em última análise, une pessoas e texto.

10. Elabore um esboço

Deve ter surgido, a esta altura, um esboço para o sermão como um todo. Lembre-se: não há regras para isso; mas é necessário cautela em diversas áreas. Primeiro, não é preciso seguir o esboço do texto bíblico em si. Isso seria bom para um contexto de ensino, mas um sermão é outra coisa. Permita que o esboço toque em vários pontos do texto, mas deixe que a lógica de sua apresentação seja totalmente sua, de modo que vá conduzindo às conclusões que você estabeleceu no passo 9, acima.

Segundo, não se sinta obrigado a incluir em seu sermão tudo que estiver no texto. Seja seletivo. Faça com que tudo o que você seleciona sirva ao objetivo do sermão.

Terceiro, decida com antecedência onde a exegese propriamente dita vai se encaixar no sermão. Ela poderá servir de introdução, da qual todo o sermão será aplicação, tomando diversos pontos da exegese. Poderá, também, vir mais tarde, à medida que você se move do século XXI de volta para o primeiro, e, depois, retorna ao século XXI. Ou, ainda, poderá ser mencionada ponto a ponto, enquanto você expõe o sermão. Lembre-se, porém, que o sermão *não* é simplesmente uma

repetição da exegese. Para ser bíblico, você deve deixar que suas palavras sejam revestidas com a autoridade da Palavra, como ela se encontra no contexto do primeiro século. Mas, para ser relevante, você precisa fazer com que essa Palavra se torne viva no seu contexto do século XXI.

11. Elabore o sermão

Repetindo, essa parte é bastante individual. Seja criterioso a respeito da quantidade de informação que você incluirá, a partir de sua lista de itens para o sermão. Lembre-se de que uma história bem contada (relevante para o texto!) será lembrada por mais tempo do que a melhor das prosas. Tenha o cuidado de não se estender demasiadamente no texto sem interrompê-lo com o que uma boa e útil ilustração pode conseguir, tanto no sentido de iluminar sua lição como, também, no sentido de quebrar a tensão na mente daqueles que tentam acompanhar sua lógica. Para ajuda nessa área, consulte os melhores livros de homilética.

8

Auxílios e recursos exegéticos

O propósito deste capítulo é chamar a atenção para os vários recursos para a exegese. Esses recursos estão organizados e selecionados de modo a se coordenarem com o esboço oferecido no Capítulo 5. Além das sugestões específicas dadas aqui, o estudante deveria também obter, se possível, os seguintes auxílios bibliográficos:[1]

ANDERSON, N. E. *Tools for Bibliographical and Backgrounds Research on the New Testament* (South Hamilton, Mass.: Gordon Conwell Theological Seminary, 1987).

FITZMYER, Joseph A. *An Introductory Bibliography for the Study of Scripture*. Subsidia Biblica, 3. Roma: Biblical Institute Press, 1981. Abreviado, ao longo deste livro, como JAF.

HARRINGTON, Daniel J. *The New Testament: A bibliography*. Wilmington, Del.: Michael Glazier, 1985.

Moo, Douglas J., ed. *An Annotated Bibliography on the Bible and the Church*. Compilado para a Associação de Ex-alunos do Trinity Evangelical Divinity School, Deerfield, Ill., 1986.

Embora cada um desses livros esteja, agora, um tanto ultrapassado (o que será sempre verdadeiro em relação a bibliografias publicadas), especialmente na

[1]Veja, em português, as bibliografias dos vários capítulos das seguintes obras:
SILVA, Cássio M. Dias da. *Metodologia de Exegese Bíblica*. Paulinas, 2003.
Wegner, U. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 4. ed. Sinodal/Paulus, 2005. E a *Bibliografia Bíblica Latina-Americana*, em www.metodista.br./biblica/; acesso em 14/01/2008.

seleção de comentários, o estudante ou pastor se beneficiará grandemente se tiver pelo menos um desses três.

Apesar de o livro de Moo ser um pouco limitado em algumas áreas da exegese do NT, ele foi incluído aqui em razão de sua grande utilidade para aqueles que estão no ministério pastoral; também por ser brevemente anotado. O livro de Harrington, mesmo que, infelizmente, não seja anotado é uma fonte valiosa para os estudos do NT de forma mais ampla, incluindo material especialmente pertinente à exegese. A *Introductory Bibliography* de Fitzmyer é, no momento, o melhor em sua categoria para o trabalho exegético. Essa introdução cobre toda a Bíblia, possui mais anotações e inclui títulos nas principais línguas usadas na academia. As indicações, abaixo, focalizarão especialmente os títulos em inglês.

Uma outra bibliografia, de um tipo um pouco diferente, também deveria ser consultada, em especial por quem tem interesse na pesquisa do NT e campos afins:

KEPPLE, Robert J. *Reference Works for Theological Research: An Annotated Selective Bibliographical Guide*. 2ª ed. Lahan, Md.: University Press of America, 1981.

O estudante/pastor deve estar atento à publicação periódica dessas bibliografias, que suplementarão essas quatro; e, é claro, ao material bibliográfico agora disponível online. Pode-se encontrar uma enorme quantidade de material sobre quase qualquer tópico do NT no *site* http:// www.google.com/.

Você deve estar atento também a um guia especialmente útil dos passos esboçados neste *Manual*, que também toma o estudante pela mão e o conduz no uso das ferramentas, com fotos e exemplos:

BARBER, Cyril J. *Introduction to Theological Research*. Chicago: Moody Press, 1982.

Você deve também observar aqui os dois livros mencionados no Prefácio da terceira edição (NT), e os três mencionados no Prefácio da segunda edição (NT), pois eles têm seções úteis que suplementam muitos dos passos exegéticos alistados no Capítulo 5. Essas cinco obras serão mencionadas neste capítulo pelo sobrenome dos autores:

CONZELMANN-LINDEMANN = CONZELMANN, Hans; LINDEMANN, Andreas. *Interpreting the New Testament: An Introduction to the Principles and Methods of N.T. Exegesis*. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1988.

Black-Dockery = BLACK, David Alan; DOCKERY, David S., eds. *New Testament Criticism and Interpretation.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1991.

Kearley et al. = KEARLEY, F. Furman; MYERS, Edward P.; HADLEY, Timothy D., eds. *Biblical Interpretation, Principles and Practice: Studies in Honor of Jack Pearl Lewis.* Grand Rapids: Baker Book House, 1986.

Green = Green, J. B. (ed.). *Hearing the New Testament: Strategies for Interpretation.* Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1995.

Porter = Porter, S. E. (ed.) *Handbook to Exegesis of the New Testament.* Leiden: E. J. Brill, 1997.

Em português:

Schnelle, U. *Introdução à Exegese do Novo Testamento.* Loyola, 2004.

Silva, Cássio M. Dias da. *Metodologia de Exegese Bíblica.* Paulinas, 2003.

Wegner, U. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia.* 4. ed. Sinodal/Paulus, 2005.

Egger, W. *Metodologia do Novo Testamento: introdução aos métodos lingüísticos e histórico-críticos.* Loyola, 1994.

Barrera, J.T. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã.* Vozes, 1996.

Um número crescente de ferramentas de pesquisa para computador está agora disponível. As mais acessíveis e úteis dessas (para usuários de PC) para os propósitos da exegese são:

GRAMCORD, do Gramcord Institute em Vancouver, Washington (www.GRAMCORD.org/; e-mail: scholars@GRAMCORD.org). Esse software está disponível nos formatos PC e Apple Macintosh. Além de suprir os textos-base grego e hebraico, mais várias traduções, o Gramcord é projetado para ser uma concordância (para busca de palavras) e uma concordância gramatical (para quase qualquer combinação de formas gramaticais e relacionamentos verbais).

LOGOS ("The Scholar's Library" [a biblioteca do erudito], da Logos Research Systems (www.christiansoftware.com). Esse é um sistema muito abrangente que pretende com o tempo ter uma biblioteca eletrônica completa. Atualmente mais de trinta traduções estão disponíveis, bem como os textos grego e hebraico. Ele também está disponível nas versões PC e Macintosh.

BIBLE WORKS 4.0, da Hermeneutika (www.bibleworks.com/; e-mail: sales@bibleworks.com). Esse também é um sistema muito abrangente para ajuda na exegese em grego e hebraico e nas traduções em inglês. Também disponível nas versões PC e Macintosh.

Passo 1. Contexto Histórico em Geral

Para um bom resumo, tanto do ambiente histórico-sociológico do NT em geral, como do contexto histórico/perspectiva teológica de cada livro do NT, em particular, veja as partes 2 e 3 de Conzelmann-Lindemann (p. 105-282). Para ajuda adicional ao responder as questões desse passo, são necessários dois tipos de livros: Primeiro, uma das boas introduções, que tratam de uma variedade de questões críticas (veja JAF 274-284). Uma boa perspectiva multiconfessional desse material pode ser obtida nos três volumes a seguir:

Brown, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento.* Paulinas, 2004.

Carson, Donald A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento.* Vida Nova, 1997.

Kümmel, Werner G. *Introdução ao Novo Testamento.* Paulinas, 1982. [JAF 278].

Segundo, você precisa de um bom livro de visão panorâmica orientado ao conteúdo. Aqui as opções são diversas. As melhores combinam a necessidade de elementos de visão panorâmica (discussões interpretativas) com discussões excelentes e atuais de questões de introdução:

Johnson, Luke T. *The Writings of the New Testament, An Interpretation.* Minneapolis: Fortress Press, 1999.

Passo 2. Limites da Passagem

Para uma discussão proveitosa desse ponto, que também se sobrepõe ao Passo 11, veja:

Kelcy, Raymond C., "Identifying the Pericope and Its Context", *in* Kearley et al., p. 73-81.

Passo 3. Resumo de Parágrafo/Tradução Provisória

A chave para usar o texto grego na exegese é lê-lo regularmente. Existem alguns livros que, usados com o NT grego, irão ajudá-lo a ler o texto no original, bem como guiá-lo ao fazer uma tradução provisória:

Friberg, B., Friberg, T. *O Novo testamento grego analítico.* São Paulo: Vida Nova, 1987.

Rienecker, Fritz; Rogers, Cleon. *Chave lingüística do Novo testamento grego.* São Paulo: Vida Nova, 1985.

Zerwick, Max, GROSVENOR, Mary. *A Grammatical Analysis of the Greek New Testament:* Vol. I, *Gospel-Acts*; Vol. II, *Epistles-Apocalypse.* Roma: Biblical Institute Press, 1974, 1979. [JAF 211].

KUBO, Sakae. *A Reader's Greek-English Lexicon of the New Testament.* Berrien Springs, Mich.: Andrews University Press, 1971.

O livro de Kubo fornece o sentido fundamental das palavras à medida que aparecem no texto do NT. Baseia-se na freqüência das palavras: as que ocorrem mais de 50 vezes no NT são tidas por conhecidas (mas estão listadas no Apêndice I). As que ocorrem de 6 a 50 vezes são listadas no começo de cada livro bíblico, formando o "vocabulário especial" do autor. Depois, são listadas por capítulo e versículo todas as palavras que aparecem cinco vezes ou menos em qualquer livro do NT. Uma das características muito úteis do livro de Kubo é que a informação da freqüência das palavras (quantas ocorrências num livro/quantas no NT) é dada para cada uma.

Todavia, tanto Rienecker como Zerwick-Grosvenor são mais úteis para a leitura rápida e a tradução provisória. Rienecker tende a fornecer mais auxílio lexical, enquanto Zerwick-Grosvenor, numerado de acordo com a Gramática de Zerwick (veja cap. 6.3.2.3), inclui maior quantidade de análise gramatical. Este último é também útil porque, mesmo dando mais ajuda lexical, também faz questionamentos exegéticos que vão além dos propósitos de uma ferramenta como essa.

Para um resumo da ciência da tradução e a razão para a escolha das traduções sugeridas no capítulo 5.3.3.1, veja o capítulo 2 ("The Basic Tool – A Good Translation" [A ferramenta básica: uma boa tradução]) em:

FEE, Gordon D; STUART, Douglas. *How to Read the Bible for All Its Worth,* 2d ed. (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1993).

PASSO 4. Esquema do Fluxo ou Diagrama das Frases

Veja 6.2.1 e 2 para os poucos recursos bibliográficos sugeridos ao se fazer um esquema do fluxo ou diagrama das frases. Uma discussão introdutória às questões relacionadas à análise de frases e diagramação também pode ser achada em:

KEARLEY, F. Furman, "Diagramming and Sentence Analysis", *in* Kearley et al., p. 82-90.

Em português:

LASOR, W. S. "Sintaxe" in *Gramática Sintática do Grego do N.T.* São Paulo: Vida Nova, 1990. p. 12-32.

PINTO, C. O. C. "Diagramação sintática" in *Fundamentos para Exegese do Novo Testamento: manual de sintaxe grega.* São Paulo: Vida Nova, 2002.

Aqueles que desejarem fazer seu trabalho a partir de uma "tradução" bem literal em português devem usar:

Luz, Waldir Carvalho. *Novo Testamento Interlinear.* São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

Passo 5. Crítica Textual

Além da discussão completa em 5.2, veja JAF, capítulos 4-6; Conzelmann-Lindemann, págs 17-26 (para outra útil abordagem em "primeira mão"); capítulo 7 em Green (por Bart Ehrman p. 127-45); o capítulo 16 em Kearley et al. (por Franck Pack, p. 214-225). Note também os seguintes itens:

Epp, E. J., Fee, G. *Studies in the Theory and Method of New Testament Textual Criticism.* Studies and Documents 45. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., 1993.

Holmes, M. W. "Textual Criticism", in *New Testament Criticism and Interpretation*, ed. D. A,. Black a D. S. Dockery. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1991. P. 101-134.

Aland, Kurt; ALAND, Barbara. *Text of the New Testament: An Introduction to the Critical Editions and to the Theory and Practice of Modern Textual Criticism.* 2ª ed.; traduzido por E. F. Rhodes. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1989.

Fee, Gordon D. "The Textual Criticism of the New Testament", *in* GAEBELEIN, Frank E., ed. *The Expositor's Bible Commentary.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1979. P. 419-433.

Greenlee, J. Harold. *Introduction to the New Testament Textual Criticism.* Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964. P. 107-113. [JAF 89]

Metzger, Bruce M. *The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption, and Restoration.* 3. ed. Nova Iorque: Oxford University Press, 1992. [JAF 94]

_____. *A Textual Commentary on the Greek New Testament.* 2. ed., Nova Iorque: United Bible Societies, 1994. P. 1*-16*.

Em português:

Paroschi, Wilson. *Crítica Textual do Novo Testamento.* Vida Nova, 1999.

Silva, Cássio M. Dias da. "Entrando em contato com o texto original" in *Metodologia de Exegese Bíblica.* Paulinas, 2003.

Wegner, U. "Crítica Textual" in *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia.* 4. ed. Sinodal/Paulus, 2005. p. 39-83.

Egger, W. "Reconstituição do texto Original" in *Metodologia do Novo Testamento: introdução aos métodos lingüísticos e histórico-críticos.* Loyola, 1994. p. 43-52.

Barrera, J.T. "Crítica Textual do Novo Testamento" in *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã.* Vozes, 1996. p. 485-499.

O *A Textual Commentary on the Greek New Testament* de Bruce Metzger está traduzido em *O Novo testamento Interpretado versículo por versículo* [6 vs.] de R. N. Champlin.

Passo 6. Gramática

Além da ampla discussão sobre as várias ferramentas no capítulo 6.3, veja JAF, págs 59-62. O Capítulo 18 em Kearly et al. (por C. D. Osburn, p. 234-243) oferece algumas ilustrações úteis da gramática e da interpretação na prática.

Para aqueles que usam computador, existe uma concordância gramatical especialmente valiosa, com a qual é possível procurar quase qualquer combinação imaginável de possibilidades gramaticais no NT. Isso é muito útil ao se tentar determinar o uso de um autor em outra parte, de modo que os outros exemplos da questão gramatical na qual você está trabalhando podem ser vistos ao mesmo tempo. Veja:

Miller, Paul A. (diretor). *Gramcord.* 2000. The Gramcord Institute, 2218 NE Brookview Dr., Vancouver, WA 98686; (www.GRAMCORD.org/ e-mail: scholars@GRAMCORD.org)

Para os itens abaixo, veja a discussão no capítulo 6.3:

Beekman, John, CALLOW, John. *A arte de interpretar e comunicar a palavra escrita.* São Paulo: Vida Nova, 1974. p. 199-214.

Blass, Friedrich, DEBRUNNER, Albert. *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature.* Trad. e rev. por Robert W. Funk. University of Chicago Press, 1961. [JAF 203]

Brooks, James A., WINBERY, Carlton L. *Syntax of New Testament Greek.* University Press of America, 1979.

Burton, Ernest D. *Syntax of the Moods and Tenses in New Testament Greek.* 3ª ed. Edinburgh: T. & T. Clark, 1898. Reimpressão, Grand Rapids: Kregel Publications, 1976.

Chamberlain, William D. *Gramática Exegética do grego neo-testamentário.* São Paulo: CEP, 1989.

Funk, Robert W. *A Beginning-Intermediate Grammar of Hellenistic Greek.* 2ª ed. 3 vols. Scholars Press, 1973.

Harris, Murray J. "As preposições e a teologia no Novo Testamento Grego" in Colin Brown (ed.) *O novo dicionário internacional de Teologia do novo Testamento.* 2ª ed. 2 vols. São Paulo: Vida Nova 2000. p. 1748ss.

MOULE, C. F. D. *An Idiom Book of New Testament Greek.* 2ª ed. Cambridge University Press, 1963. [JAF 207]

MOULTON, James H., HOWARD, W. F. *A Grammar of New Testament Greek.* Edinburgh: T. & T. Clark. Vol. I, *Prolegomena*, por Moulton, 3 ed., 1908; Vol. II, *Accidence and Word-Formation*, por Moulton e Howard, 1929; Vol. III, *Syntax*, por Nigel Turner, 1963; Vol. IV, *Style*, por Turner, 1976. [JAF 208]

ROBERTSON, A. T. *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research.* 4ª ed. Broadman Press, 1934. [DMS 7.7; JAF 209]

_____; DAVIS, W.H. *A New Short Grammar of the Greek Testament.* 10ª ed. Harper & Brothers, 1933. Reimpressão por Baker Book House, 1977.

WALLACE, Daniel B. *Greek Grammar beyond the Basics: An Exegetical Syntax of the New Testament.* Grand Rapids: Zondervan, 1996.

WALLACE, Daniel B. *The Basics of New Testament Syntax: An Intermediate Greek Grammar.* Grand Rapids: Zondervan, 2000.

ZERWICK, Max. *Biblical Greek Illustrated by Examples.* Roma: Biblical Institute Press, 1963. [DMS 7.5; JAF 212] [Em espanhol: Zerwick, Maximiliano. *El griego del Nuevo Testamento.* Editorial Verbo Divino, 1997.]

Passo 7. Auxílios Lexicais

Sobre este material, veja JAF, p. 51-54. Para mais ajuda sobre como usar estes materiais, veja:

BARBER, Cyril. *Introduction to Theological Research,* p. 81-101; e o cap. 17 em Kearley et al. (por Leon Crouch, pp. 226-33). Os títulos listados abaixo são discutidos no capítulo 6.4:

BALZ, Horst e SCHNEIDER, Gerhard (eds.), *Exegetical Dictionary of the New Testament,* 3 vols. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1990-1992. [Em espanhol: *Diccionario Exegetico del Nuevo Testamento.* 2 vols. Salamanca, Sígueme, 1996/1998.)

ALAND, Kurt, ed. *Vollständige Konkordanz zum griechischen Neuen Testament*; 2 vols. Berlim: Walter de Gruyter, 1975,1983. [JAF 226].

BACHMANN, H., SLABY, H., eds. *Computer-Konkordanz zum Novum Testamentum Graece von Nestle-Aland, 26. Auflage, und zum Greek New Testament, 3rd ed.* Berlim: Walter de Gruyter, 1980.

BAUER, Walter. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature.* 3ª ed., por F. W. Danker. University of Chicago Press, 2000. [JAF 173]

BORGEN, Peder, Fuglseth, Kare, e Skarsten, Roald (eds.), *The Philo Index: A Complete Greek Word Index to the Writings of Philo of Alexandria.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2000.

FRIBERG, Barbara e Friberg, Timothy. *Analytical Concordance of the Greek New Testament – Lexical Focus.* Grand Rapids: Baker Book House, 1981.

HATCH, Edwin e Repath, Henry A. *A Concordance to the Septuagint and the Other Greek Versions of the Old Testament (including the Apocryphal Books),* 3 vols. Oxford: Clarendon Press, 1897; reimp. in 2 vols., Grand Rapids: Baker Book House, 1983.

LLEWELYN, S. R. (ed.), *New Documents Illustrating Early Christianity: A Review of the Greek Inscriptions and Papyri,* vols 6-8 (North Ryde, Australia: Ancient History Documentary Research Centre, Macquarie University, 1992-).

BROWN, Colin; COENEN, Lotthar (orgs.) *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento.* 2ª ed. 2 vols. São Paulo: Vida Nova 2000.

DENIS, Albert-Marie. *Concordance Grecque des Pseudépigraphes d'Ancien* Testament. Louvain: Université Catholique de Louvain, 1987.

DOUGLAS, J. D.., ed. *The New Greek–English Interlinear New Testament.* Wheaton, Ill.: Tyndale House Publishers, 1990.

FRIBERG, Barbara e Timothy. *O Novo Testamento grego analítico.* São Paulo: Vida Nova, 1987.

HORSELY, G. H. R., ed. *New Documents Illustrating Early Christianity: A Review of the Greek Inscriptions and Papyri.* 5 vols. North Ryde, Austrália: Ancient History Documentary Research Centre, Macquire University, 1981-1989.

KITTEL, Gerhard, FRIEDRICH, Gerhard, eds. *Theological Dictionary of the New Testament.* 10 vols., incluindo o vol. de Índice. Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964-1976. [JAF 252]

LAMPE, G. W. H., ed. *A Patristic Greek Lexicon.* Oxford: Clarendon Press, 1961-1968. [JAF 178]

LIDDELL, Henry G., SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon.* 9ª ed., rev. por H. S. Jones e R. McKenzie. Oxford: Clarendon Press, 1940. [JAF 179].

LUST, J., Eynikel, E. e Hauspie, K. (eds.) *A Greek-English Lexicon of the Septuagint,* 2 vols. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1992, 1996.

MOULTON, Harold K. (ed.) *The Analytical Greek Lexicon Revised.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1978.

MOULTON, James H., MILLIGAN, G. *The Vocabulary of the Greek Testament Illustrated from the Papyri and Other Non-Literary Sources.* Londres: Hodder & Stoughton, 1914-1930. Reimpressão por Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1974. [JAF 180]

MOULTON, William F., GEDEN, A.S. *A Concordance to the Greek Testament According to the Texts of Westcott and Hort, Tischendorf and the English Revisers.* 5ª ed. rev. por H.K. Moulton. Edinburgh: T. & T. Clark, 1978. [JAF 228]

RENGSTORF, R. K., ed. *A Complete Concordance to Flavius Josephus.* 4 vols. Leiden: E.J. Brill, 1973—. [JAF 455]

STRONG, James. *Exhaustive Concordance of the Bible.* Nashville: Abingdon Press, 1980.

Duas ferramentas de pesquisa informatizada fornecem agora "concordâncias" absolutamente exaustivas para todos os usos das palavras gregas, tanto o literário como o não-literário. Veja:

Thesaurus Linguae Graecae [TLG] (Banco de dados, prof. Theodore F. Brunner, Diretor; University of California; Irvine, CA 92717. Tel. (714)856-6404.

Duke Data Bank of Documentary Papyri [DDBDP], Prof. William H. Willis, Diretor; Duke University; Box 4762 Duke Station; Durham, NC 27706. Tel. (919) 684-5076

Passo 8. Contexto Histórico-Cultural

Para esse material,veja JAF, p. 113-132; veja também as discussões muito úteis em Conzelmann-Lindemann, p. 105-157 (especialmente p. 106-113, para observações úteis a respeito de "fontes"); e Black-Dockery, p. 349-376 (por David E. Garland).

Bibliografias muito boas da maior parte desse material aparecem nas seguintes obras:

ANDERSON, Norman E. *Tools for Bibliographical and Backgrounds Research on the New Testament* South Hamilton, Mass.: Gordon-Conwell Theological Seminary, 1987.

CHARLESWORTH, James H. et al., *The New Testament Apocrypha and Pseudepigrapha: A Guide to Publications, with Excursus on*

Apocalypses, ATLA Bibliographical Series, 17. Metuchen, N. J.: Scarecrow Press, 1987.

Veja ainda a discussão em 6.5

Passo 9 (Ep). Forma Epistolar

9.1. Para discussões frutíferas nesses assuntos, veja:

Deissmann, Adolf. *Light from the Ancient East; The New Testament Illustrated by Recently Discovered Texts of the Graeco-Roman World.* 4ª ed. [1ª ed. 1910]. Harper & Brothers, 1922. Reimpressão por Grand Rapids:Baker Book House, 1965. Esp. p. 227-251. [JAF 548]

Os melhores panoramas sobre as Epístolas do NT no contexto da escrita antiga de cartas estão na série da Westminter Press, na Library of Early Christianity (LEC), ed. Por Wayne A. Meeks:

Aune, David E. *The New Testament in Its Literary Environment;* Library of Early Christianity, vol. 8. Philadelphia: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1987. P. 58-225.

Stowers, Stanley K. *Letter Writing in Greco-Roman Antiquity*; Library of Early Christianity, vol. 5. Philadelphia: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1986.

Para outro estudo breve mas útil, veja:

Doty, William G. *Letters in Primitive Christianity*. Guides to Biblical Scholarship. Fortress Press, 1973.

Para uma discussão muito útil sobre o uso de secretários para a escrita de cartas na antigüidade, veja:

Bahr, Gordon J. "Paul and Letter Writing in the First Century", *Catholic Biblical Quarterly* 28 (1966): p. 465-477.

Em português:

Elson, Helen. "O Novo testamento e a escrita grego-romana" in *Guia Literário da Bíblia.* Unesp, 1997.

O livro essencial para os vários tipos de "formas" encontradas na tradição epistolar paulina é:

BAILEY, James L.; BROEK, Lyle D. Vander. *Literary Forms in the New Testament: A Handbook.* Louisville, Ky.: Westminster/John Knox Press, 1992. p. 21-87.

Em português:

BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento.* Loyola, 1998.

Depois do capítulo inicial apresentar as várias "partes" de uma carta paulina (5.9.2 [Ep]), os capítulos seguintes tratam, respectivamente, de formas de argumentação (retórica), da diatribe, *midrash*, quiasmo, linguagem e formas apocalípticas, da parênese/topoi, de listas de vícios e virtudes, do código doméstico, de fragmentos litúrgicos: bênçãos e doxologias, da poesia e hinos, e dos credos.

Para uma coletânea desse tipo de material do mundo greco-romano, veja:

MALHERBE, Abraham J. *Moral Exhortation, A Greco-Roman Sourcebook.* Library of Early Christianity, vol. 4. Philadelphia: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1986.

9.2. Análise Retórica

Para resumos introdutórios de questões de retórica e estilo, veja Black-Dockery, págs 227-254 (por A. Besançon Spencer) e p. 518-523 (por Craig Blomberg). Os dois estudos mais significativos sobre a possibilidade de uso, pelos autores do NT, de argumentação retórica são (embora ambos os autores provavelmente exagerem em suas conclusões):

KENNEDY, George A., *New Testament Interpretation Through Rhetorical Criticism.* Chapel Hill, N. C.: University of North Carolina Press, 1984.

MACK, Burton L. *Rhetoric and the New Testament.* Guides o Biblical Scholarship. Minneapolis: Fortress Press, 1990.

Talvez a introdução breve mais proveitosa à análise retórica nas cartas paulinas seja:

MURPHY-O'Connor, Jerome. *Paul the Letter-Writer: His World, His Options, His Skills* Collegeville, Minn.: Liturgical Press, 1995.

Críticas ao uso das categorias da retórica clássica nas cartas paulinas aparecem em:

KERN, Philip H. *Rhetoric and Galatians: Assessing an Approach to Paul's Epistle,* SNTSMS 101 Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

Weima, Jeffrey A. D. "What Does Aristotle Have to Do with Paul? An Evaluation of Rhetorical Criticism," *Calvin Theological Journal* 32 (1997): 458-68.

Passo 10 (Ep). Contexto Histórico em Particular

Visto que este passo tem a ver com a ocasião da carta, não será fornecida nenhuma bibliografia em particular. Auxílio pode ser encontrado nas introduções dos comentários e, às vezes, em estudos especializados. Esses estudos serão descobertos no processo de preparação da sua bibliografia para a epístola específica.

Passo 11 (Ep). Contexto Literário

O próprio texto bíblico oferece o contexto literário. Portanto, nenhuma bibliografia é necessária.

Passo 9 (Ev). Formas dos Evangelhos

Para uma introdução valiosa às diversas questões envolvidas na exegese dos evangelhos, veja:

McKnight, Scot. *Interpreting the Synoptic Gospels.* Guides to New Testament Exegesis. Grand Rapids: Baker Book House,1988.

A análise das "formas" do material encontrado nos evangelhos era uma parte da investigação conhecida por crítica da forma. Historicamente, essa disciplina surgiu como tentativa de estudar o material dos evangelhos na forma encontrada na tradição oral, antes do primeiro evangelho escrito. A análise da forma era parte da tentativa de descobrir o contexto de vida original do dito de Jesus ou da narrativa, e avaliar sua autenticidade. No entanto, a classificação e análise de formas existe como algo separado da preocupação inicial nessa área.

Para um breve panorama da crítica das formas, veja Conzelmann-Lindemann, págs, 59-82; Black-Dockery, p. 175-196 (por D. L. Bock). Para uma breve introdução e avaliação da crítica da forma, veja:

Barclay, William. *Introduction to the First Three Gospels.* Edição rev. de *The First Three Gospels.* Westminster Press, 1975. p. 24-81.

ou,

Nickle, Keith F. *The Synoptic Gospels: An Introduction.* John Knox Press, 1980. p. 29-51.

Em português:

THOMAS, R., Gundry, S. "Crítica da Forma" in *Harmonia dos Evangelhos.* Vida, 2004. p. 241-248.

CARSON, D. A., Moo, D. J., Morris, L. "Os Evangelhos Sinóticos" in *Introdução ao Novo testamento.* Vida Nova, 1997.

MIRANDA, O. A. *Estudos Introdutórios nos Evangelhos Sinóticos.* CEP, 1989.

BITTENCOURT, B. P. *A Forma dos Evangelhos e a problemática dos sinóticos.* Imprensa Metodista, 1969.

BROWN, R. J. "O problema sinótico" in *Introdução ao Novo testamento.* Paulinas, 2004.

O sumário de Nickle traz uma apresentação especialmente útil das formas. Nessa questão propriamente dita, veja também:

BAILEY, James L.; BROEK, Lyle D. Vander. *Literary Forms in the New Testament: A Handbook.* Louisville, Ky.: Westminster/John Knox Press, 1992. p. 91-166.

Uma introdução mais abrangente à crítica das formas, mas não tão proveitosa quanto a de Nickle ou Barclay, pode ser encontrada em:

MCKNIGHT, Edgar F. *What is Form Criticism?* Guides to Biblical Scholarship. Philadelphia: Fortress Press, 1969.

Uma análise mais abrangente das formas, bem como uma apresentação completa do material dos evangelhos, pode ser encontrada na obra clássica sobre a crítica da forma:

BULTMANN, Rudolf. *The History of the Synoptic Tradition.* Oxford: Basil Blackwell, 1963.

Bultmann era excessivamente cético em relação à autenticidade, mas a sua análise das formas e do desenvolvimento da tradição pode ser muito útil. A introdução de Barclay, mencionada acima, é uma avaliação crítica cuidadosa desse livro. Uma abordagem mais equilibrada do assunto é:

TAYLOR, Vincent. *The Formation of the Gospel Tradition.* 2ª ed. Londres: Macmillan & Co., 1935.

Uma breve análise da forma do ensino de Jesus, que aborda a questão da forma de uma maneira um pouco diferente mas renovada, é:

STEIN, Robert H. *The Method and Message of Jesus' Teachings.* Westminster Press, 1978. P. 7-33.

Passo 10 (Ev). Análise de Perícope

Um panorama das preocupações dessa análise aparece em Conzelman-Lindemann, p. 82-87. Os itens seguintes são discutidos em 6.6.

ALAND, Kurt, ed. *Synopsis Quattuor Evangeliorum.* 9ª ed. Stuttgart: Deutsche Bibelstiftung, 1976. [DMS 3.8; JAF 125].

————, ed. *Synopsis of the Four Gospels, Greek-English Edition of the Synopsis Quattuor Evangeliorum.* 3ª ed. Nova Iorque: United Bible Societies, 1979. [JAF 124]

HUCK, Albert. *Synopsis of the First Three Gospels*: 13ª ed., rev. por Heinrich Greeven. Tübingen: J. C. B. Mohr [Paul Siebeck], 1981.

SWANSON, Reuben J. *The Horizontal Line Synopsis of the Gospels, Greek Edition.* Pasadena, Calif.: William Carey Library, 1984.

Passo 11 (Ev). O Contexto Narrativo

Boas introduções ao estudo da narrativa bíblica são:

GREEN, Joel B., *The Gospel of Luke,* NICNT. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1995, pp. 11-20.

LONGMAN III, Tremper. *Literary Approaches to Biblical Interpretation* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1987), esp. cap. 4 (pp. 75-118).

POWELL, Mark A. *What Is Narrative Criticism?* Minneapolis: Fortress Press, 1990.

Passo 10 (At). Questões Históricas

Para um resumo da questão de Lucas-Atos e a historiografia antiga, veja:

AUNE, David E. *The New Testament in Its Literary Environment.* Library of Early Christianity, vol. 8. Philadelphia. Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1987. P. 77-157.

Para as questões históricas básicas neste passo (quem, o que, onde, quando), deve-se consultar um bom dicionário bíblico. Veja 6.5.1 (cf. DMS, cap. 10; JAF, cap. XI).

Para a questão mais ampla e mais complexa sobre a história em Atos, veja:

HENGEL, Martin. *Acts and the History of Earliest Christianity.* Philadelphia: Fortress Press, 1980.

MARSHALL, I. Howard. *Luke: Historian and Theologian.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1971.

Passo 11 (At). Contexto Literário

Veja a bibliografia em 5.11 (Ev). Dois comentários que fazem exegese levando em conta essas questões são:

Joel, B. Green, *The Acts of the Apostles,* NICNT.

Marshall, I. Howard. *Atos dos Apóstolos: introdução e comentário.* Vida Nova, 1982.

Passo 9 (Ap). Forma Apocalíptica

Na questão da forma do Apocalipse, com valiosa bibliograffia adicional, veja especialmente:

Aune, David E. *The New Testament in Its Literary Environment.* Library of Early Christianity, vol. 8. Philadelphia. Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1987. P. 226-252.

Richard Bauckham, *The Theology of the Book of Revelation* (Cambridge: Cambridge University Press, 1993).

Passo 12. Teologia Bíblica

Embora a teologia do NT seja primariamente uma tarefa descritiva, as pressuposições e os compromissos teológicos prévios do autor afetam sua maneira de interpretar as coisas. Portanto, parece ser útil apresentar aqui as principais teologias do NT sob categorias confessionais, com a advertência de que não se leia somente a partir do próprio ponto de vista. Existe muita coisa que pode ser aprendida de todas as teologias listadas aqui (cf. Harrington, *The New Testament: A Bibliography*, p. 143-191; JAF 345-354).

Da perspectiva mais radical, neste caso, existencial, veja:

Bultmann, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento.* São Paulo: Teológica, 2004 [JAF 345]

Conzelmann, Hans. *An Outline of the Theology of the New Testament.* Nova Iorque: Harper & Row, 1969. [JAF 346]

A teologia do NT de Bultmann é algo como um clássico e é especialmente repleta de idéias sobre Paulo. Para uma posição teológica mais moderada, veja:

Goppelt, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento.* 3ª ed. São Paulo: Teológica, 2002.

Kümmel, Werner G. *Síntese teológica do Novo Testamento.* São Paulo: Teológica/Paulus, 2004. [JAF 349]

Stauffer, Ethelbert. *New Testament Theology.* Londres: SCM Press, 1955. [JAF 354]

Do ponto de vista conservador, veja:

GUTHRIE, Donald. *Teologia do Novo Testamento.* Editora Cultura Cristã (no prelo).

LADD, George E. *Teologia do Novo Testamento.* São Paulo: Hagnos, 2002.

Da melhor tradição católica romana:

SCHELKLE, Karl Hermann. *Teologia do Novo Testamento:* Sua história Literária e Teológica. 5 vols. São. Paulo: Loyola, 1977. [JAF 352].

Visto que Paulo e João recebem, por bons motivos, tanta atenção, você deve estar atento às melhores teologias sobre eles. Para Paulo, veja:

DUNN, J. G. D. *A Teologia do Apóstolo Paulo.* Paulus, 2003.

Para uma abordagem mais tradicional, veja:

RIDDERBOS, Herman. *A teologia do apóstolo Paulo.* São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

Para João, o estudo clássico é:

DODD, Charles H. *A interpretação do quarto evangelho.* São Paulo: Teológica, 2003.

Para um breve compêndio do pensamento joanino, veja:

BEASLEY-MURRAY, G. R. *Gospel of Life: Theology in the Fourth Gospel,* Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1991.

Para um panorama da pesquisa erudita na teologia de João, veja:

KYSAR, Robert. *The Fourth Evangelist and His Gospel: An Examination of Contemporary Scholarship.* Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1975. Especialmente a terceira parte, p. 174-263.

Passo 13. Literatura Secundária

Grande número de artigos e livros valiosos é publicado a cada ano na área do NT. É especialmente importante que você saiba onde esses artigos e livros podem ser achados, e como encontrar o que você procura em meio a essa vasta quantidade de material. Uma vez que isso já foi muito bem feito por Fitzmyer, p. 1-21, aqui eu simplesmente chamo sua atenção para os itens mais significativos, apresentando pouquíssimas observações.

13.1. Auxílios Bibliográficos

A primeira tarefa, que alivia muito o peso quando se sabe precisamente onde procurar, é a formação de bibliografia. No campo do NT, estamos muito bem servidos. Veja, especialmente, o capítulo 1 (C) de JAF. As bibliografias mais importantes, que lidam diretamente com a exegese do NT, são sobre Cristo e os Evangelhos, compiladas por Metzger (JAF 16); sobre Paulo, por Metzger (JAF 17); sobre Atos, por Mattills (JAF 14); sobre João, por Malatesta, e sobre "*Festschriften*", por Metzger (JAF 15). Para a bibliografia mais atualizada, existem duas ferramentas absolutamente indispensáveis:

Elenchus bibliographicus biblicus [JAF 6].
New Testament Abstracts [JAF 18].

Você simplesmente não pode esperar fazer trabalho sério e atualizado em qualquer coisa no NT sem acesso a essas duas ferramentas tão valiosas.

13.2. Periódicos

Para a vasta quantidade de literatura em periódicos que têm artigos acadêmicos sobre tópicos do NT, veja o capítulo 2 de JAF. Os periódicos mais importantes para o estudo do NT são:

Bíblica [JAF 33].
Catholic Biblical Quarterly [JAF 37].
Expository Times [Não está catalogado em JAF, mas freqüentemente traz artigos de boa qualidade].
Interpretation [JAF 40].
Journal of Biblical Literature [JAF 41].
Journal for the Study of the New Testament [JAF 42].
New Testament Studies [JAF 44].
Novum Testamentum [JAF 45].
Review and Expositor
Revue Biblique [JAF 47].
Zeitschrift für die neutestamentliche Wiessenschaft [JAF 55].

13.3. Comentários

Para a lista das séries de comentários, veja JAF, p. 87-90. Para a lista dos melhores comentários do NT sobre cada livro do NT (até 1985), veja Harrington, *The New Testament: A Bibliography*. É preciso lembrar, é claro, que bons comentários aparecem com regularidade. A lista abaixo é resultado da minha avaliação

sobre os três ou quatro melhores comentários (em inglês) para cada livro do NT, no momento em que escrevo a terceira edição deste Manual. Para além dessa data, veja os informes de novos lançamentos em *New Testament Abstracts*.
Abreviaturas das séries:

AB	Anchor Bible (Doubleday)
EBC	Expositor's Bible Commentary (Zondervan)
BECNT	Baker Exegetical Commentary (Baker)
BNTC	Black's New Testament Commentaries (Hendrickson)
EBC	Expositor's Bible Commentary (Zondervan)
ECC	Eerdmans' Critical Commentary (Eerdmans)
Herm	Hermeneia (Fortress)
HNTC	Harper's New Testament Commentaries (Harper & Row)
ICC	International Critical Commentary (T. & T. Clark)
NCBC	New Century Bible Commentary (Eerdmans)
NIBC	New International Biblical Commentary (Hendrickson)
NICNT	New International Commentary (Eerdmans)
NIGTC	New International Greek Testament (Eerdmans)
Pillar	Pillar Commentaries (Eerdmans)
SNTSMS	Society for New Testament Studies Monograph Series
SP	Sacra Pagina (Liturgical)
TNTC	Tyndale New Testament Commentary (Eerdmans)
WBC	Word Biblical Commentary (Word)

Mateus:

W. D. Davies, D. C. Allison (ICC)
D. Hagner (WBC)
D. A. Carson (EBC)
R. V. G. Tasker, *Mateus: introdução e comentário* (Vida Nova)
R. N. Champlin, *O NT Interpretado v. por v.* (Hagnos) v. 1.
F. Rienecker, *Ev. de Mateus* (Esperança)
W. Hendriksen, *Mateus* (Cultura Cristã)
J. A. Broadus, *Comentário de Mateus* (Casa Publicadora Batista)

Marcos:

R. Guelich (WBC)
C. E. B. Cranfield
W. L. Lane (NICNT)
M. Hooker (BNTC)

D. M. Mulholland, *Marcos: introdução e comentário* (Vida Nova)
R. N. Champlin, *O NT Interpretado v. por v.* (Hagnos) v. 1.
H. D. Lopes, *Marcos* (Hagnos)
A. Pohl, *Ev. de Marcos* (Esperança)
W. Hendriksen, *Marcos* (Cultura Cristã)
Hurtado, Larry, *Marcos* (Editora Vida)
Schniewind, J. *O evangelho segundo Marcos* (Dist. Lit. União Cristã)

Lucas:

I. H. Marshall (NIGTC)
J. A. Fitzmyer (AB)
J. Nolland (WBC)
J. B. Green (NICNT)
L. Morris *Lucas: introdução e comentário* (Vida Nova)
R. N. Champlin, *O NT Interpretado v. por v.* (Hagnos) v. 2.
W. Hendriksen, *Lucas* (Cultura Cristã)
Ash, Anthony Lee, *O Evangelho Segundo Lucas* (Editora Vida Cristã)
F. Rienecker, *Ev. de Lucas* (Esperança)

João:

G.R. Beasley-Murray (WBC)
R. A. Brown (AB)
R. Schnackenburg
D. A. Carson (Pillar)
D. A. Carson, *O Comentário de João.* (Shedd Publicações)
F. F. Bruce, *João: introdução e comentário* (Vida Nova)
C. H. Dodd, *A interpretação do Quarto Evangelho* (Teológica)
R. N. Champlin, *O NT Interpretado v. por v.* (Hagnos) v. 2.
W. de Boor, *Ev. de João* (Esperança)
W. Hendriksen, *João* (Cultura Cristã)
Taylor, W. C. *Evangelho de João*, 3 v. (Casa Publicadora Batista)
J. Mateos-J. Barreto, *O Ev. de São João* (Paulus)

Atos:

E. Haenchen
L. T. Johnson (SP)
D. J. Williams (NIBC)
I. H. Marshall, *Atos: introdução e comentário* (Vida Nova)
R. N. Champlin, *O NT Interpretado v. por v.* (Hagnos) v. 3.
J. R. W. Stott, *A Mensagem de Atos.* (ABU)

S. Kistemaker, *Atos* (Cultura Cristã)
Williams, David J., *Atos, Novo Comentário Bíblico Contemporâneo* (Vida)
W. de Boor, *Atos dos Apóstolos* (Esperança)

Romanos:
J. D. G. Dunn (WBC)
C. E. B. Cranfield (ICC)
L. Morris (Pillar)
D. A. Moo (NICNT)
F. F. Bruce, *Romanos: introdução e comentário* (Vida Nova)
C. E. B. Cranfield (Vida Nova)
J. R. W. Stott, *A Mensagem de Romanos.* (ABU)
A. Pohl, *Carta aos Romanos* (Esperança)
J. Murray, *Romanos* (Fiel)
W. Hendriksen, *Romanos* (Cultura Cristã)
Lloyd-Jones, *Romanos* (PES)
F. J. Leenhardt, *Ep. Aos Romanos: comentário Exegético* (ASTE)
R. N. Champlin, *O NT Interpretado v. por v.* (Hagnos) v. 3.
K. Barth, *Romanos* (Fonte Editorial)

1Coríntios:
G. D. Fee (NICNT)
A. Thiselton (NIGTC)
R. B. Hays (Interpretation)
L. Morris, *1Coríntios: introdução e comentário* (Vida Nova)
R. N. Champlin, *O NT Interpretado v. por v.* (Hagnos) v. 4.
D. Prior, *A Mensagem de 1Coríntios.* (ABU)
S. Kistemaker, *1Coríntios* (Cultura Cristã)
W. de Boor, *Cartas aos Coríntios* (Esperança)

2Coríntios:
V. P. Furnish (AB)
R. P. Martin (WBC)
P. Barnett (NICNT)
J. Lambrecht (SP)
C. Kruse, *2Coríntios: introdução e comentário* (Vida Nova)
R. N. Champlin, *O NT Interpretado v. por v.* (Hagnos) v. 4.
S. Kistemaker, *2Coríntios* (Cultura Cristã)
W. de Boor, *Cartas aos Coríntios* (Esperança)

Gálatas:

H. D. Betz (Herm)
R. A. Longenecker (WBC)
J. D. G. Dunn (BNTC)
J. L. Martyn (AB)
D. Guthrie, *Gálatas: introdução e comentário* (Vida Nova)
M. C. Tenney, *Gálatas* (Vida Nova)
R. N. Champlin, *O NT Interpretado v. por v.* (Hagnos) v. 4.
J. R. W. Stott, *A Mensagem de Gálatas.* (ABU)
A. Pohl, *Carta aos Gálatas* (Esperança)
W. Hendriksen, *Gálatas* (Cultura Cristã)

Efésios:

A. T. Lincoln (WBC)
M. Barth (AB)
P. T. O'Brien (Pillar)
E. Best (ICC)
F. Foulkes, *Efésios: introdução e comentário* (Vida Nova)
W. Hendriksen, *Efésios* (Cultura Cristã)
R. N. Champlin, *O NT Interpretado v. por v.* (Hagnos) v. 4.
J. R. W. Stott, *A Mensagem de Efésios.*
Lloyd-Jones, *Efésios* (PES)
E. Hahn / W. de Boor, *Efésios, Filip e Colos* (Esperança)

Filipenses:

G. F. Hawthorne (WBC)
P. T. O'Brien (NIGTC)
M. Silva (WEC)
M. Bockmuel (BNTC)
G. D. Fee (NICNT)
R. Martin, *Filipenses: introdução e comentário* (Vida Nova)
R. P. Shedd, *Alegrai-vos no Senhor* (Vida Nova)
R. N. Champlin, *O NT Interpretado v. por v.* (Hagnos) v. 5.
G. Barth, *Carta aos Filipenses* (Sinodal)
M. Weingartner, *Filipenses*
E. Hahn / W. de Boor, *Efésios, Filip e Colos* (Esperança)

Colossenses/Filemom:

P. T. O'Brien (WBC)

F. F. Bruce (NICNT)
E. Lohse (Herm)
N. T. Wright (TNTC)
R. Martin, *Colossenses/Filemom: introdução e comentário* (Vida Nova)
R. N. Champlin, *O NT Interpretado v. por v.* (Hagnos) v. 5.
W. Hendriksen, *Colossenses* (Cultura Cristã)
E. Hahn / W. de Boor, *Efésios, Filip e Colos* (Esperança)

1 e 2 Tessalonicenses:
C. A. Wanamaker (NIGTC)
E. Best (HNTC)
I. H. Marshall (NCBC)
A. Malherbe (NCBC)
I. H. Marshall, *1 e 2Tessalonicenses: introdução e comentário* (Vida Nova)
R. N. Champlin, *O NT Interpretado v. por v.* (Hagnos) v. 5.
W. Hendriksen, *1 e 2 Tessalonicenses* (Cultura Cristã)
H. Bürki / W. de Boor, *Tessal, Timóteo,Tito, Filem* (Esperança)

1 e 2 Timóteo, Tito:
G. W. Knight (NIGTC)
W.B. Mounce (WBC)
J. D. Quinn, W. C. Wacker (ECC/AB)
I. H. Marshall (ICC)
J. N. D. Kelly, *1 e 2Timóteo e Tito: introdução e comentário* (Vida Nova)
J. R. W. Stott, *A Mensagem de 1Timóteo e Tito.*
R. N. Champlin, *O NT Interpretado v. por v.* (Hagnos) v. 5.
C. Spain, *Epístolas de Paulo a Timóteo e Tito* (Editora Vida Cristã)
W. Hendriksen, *1 e 2 Timóteo* (Cultura Cristã)

Hebreus:
W. L. Lane (WBC)
H. Attrige (Herm)
F. F. Bruce (NICNT)
D. Hagner (NIBC)
D. Guthrie, *Hebreus: introdução e comentário* (Vida Nova)
R. N. Champlin, *O NT Interpretado v. por v.* (Hagnos) v. 5.
S. Kistemaker, *Hebreus* (Cultura Cristã)
F. Laubach, *Carta aos Hebreus* (Esperança)
N. R. Lightfoot, *Hebreus* (Editora Vida Cristã)

Tiago:

P. H. Davids (NIGTC)
D. A. Moo (Pillar)
L. T. Johnson (AB)
R. P. Martin (WBC)
D. Moo, *Tiago: introdução e comentário* (Vida Nova)
R. N. Champlin, *O NT Interpretado v. por v.* (Hagnos) v. 6.
H. D. Lopes, *Tiago* (Hagnos)

1 Pedro:

P. H. Davids (NICNT)
J. R. Michels (WBC)
P. Achtemeier (Herm)
L. Goppelt
E. R. Mueller, *1Pedro: introdução e comentário* (Vida Nova)
R. P. Shedd, *Nos passos de Jesus* (Vida Nova)
R. N. Champlin, *O NT Interpretado v. por v.* (Hagnos) v. 6.
G. Barth, *1Pedro* (Sinodal)

2 Pedro/Judas:

R. J. Bauckham (WBC)
J. N. D. Kelly (HNTC)
E. M. B. Green (Tyn)
R. Webb (NICNT)
M. Green, *2Pedro e Judas: introdução e comentário* (Vida Nova)
R. N. Champlin, *O NT Interpretado v. por v.* (Hagnos) v. 6.

1, 2 e 3 João:

R. H. Mounce (NICNT)
G. B. Caird (HNTC)
R. A. Brown (AB)
I. H. Marshall (NICNT)
S. S. Smalley (WBC)
C. Kruse (Pillar)
J. Stott, *1, 2 e 3João: introdução e comentário* (Vida Nova)
R. N. Champlin, *O NT Interpretado v. por v.* (Hagnos) v. 6.

Apocalipse:

C. Kruse (Pillar)

G. Beale (NIGTC)
D. E. Aune (WBC)
G. E. Ladd, *Apocalipse: introdução e comentário* (Vida Nova)
R. N. Champlin, *O NT Interpretado v. por v.* (Hagnos) v. 6.
H. D. Lopes, *Apocalipse* (Hagnos)
A. Pohl, *Apocalipse de João* (Esperança)
M. Wilcock, *A Mensagem de Apocalipse.*(ABU)
S. Kistemaker, *Apocalipse* (Cultura Cristã)
S. M. Horton, *Apocalipse* (CPAD)

Passo 14. Tradução

Uma boa tradução não apenas verte as palavras do original aos melhores equivalentes em português; também reflete o estilo, o espírito, e até mesmo o impacto do original sempre que possível. Você é o melhor juiz do que constitui uma tradução fiel. Sua familiaridade com a passagem no original e com o público-alvo para quem você escreve ou prega lhe permite escolher as palavras a fim de maximizar a precisão da tradução. Lembre-se de que precisão não requer literalismo inflexível. As palavras de línguas diferentes não correspondem umas às outras na base de uma para uma. Sua tradução deve produzir em você *a mesma impressão* produzida quando você lê o texto no original. A tradução que atende a esse critério pode ser considerada fiel ao original.

Dois livros sobre tradução da Bíblia são muito úteis. Ambos devem ser lidos em sua totalidade, em vez de consultados apenas para informação específica.

Beekman, John, CALLOW, John. *A arte de interpretar e comunicar a palavra escrita -- técnicas de tradução da Bíblia.* São Paulo: Vida Nova, 1992.

Esse livro contém discussões sérias e profundas a respeito dos problemas que a tradução das Escrituras, de uma língua para outra, apresenta. Há nele conselhos sobre como lidar com metáforas, símiles, palavras com múltiplos sentidos, linguagem coloquial etc.

Kubo, Sakae, SPECHT, Walter. *So Many Versions?* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1975. Edição rev. e amp., 1990.

Esse livro resenha detidamente as principais traduções inglesas da Bíblia no século XX, oferecendo numerosos exemplos para cada uma, além de comentar em todos os casos as técnicas utilizadas e pressuposições envolvidas.

Para artigos de todos os tipos sobre a teoria e prática da tradução, você deve estar atento a:

The Bible Translator. Londres, 1950—. [JAF 35].

Passo 15. APLICAÇÃO

Livros sobre hermenêutica como aplicação são mais difíceis de sugerir, parcialmente porque os interesses aqui vão depender da posição confessional pessoal. Talvez o melhor estudo abrangente da tarefa hermenêutica como um todo seja:

Mickelsen, A. Berkeley. *Interpreting the Bible: A Book of Basic Principles for Understanding the Scriptures*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1963.

Você também deve ter conhecimento de seis livros que tratam da interpretação do NT, incluindo discussões sobre as várias metodologias apresentadas neste livro, bem como seções acerca de pontos metodológicos mais amplos.

Harrington, Daniel J., S.J. *Interpreting the New Testament: A Practical Guide*. New Testament Message 1. Wilmington, Del.: Michael Glazier, 1979.

Marshall, I. Howard, ed. *New Testament Interpretation: Essays on Principles and Methods*. Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1977. [JAF 515]

David, A. Black and David S. Dockery (eds.), *New Testament Criticism and Interpretation* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1991).

Joel, B. Green (ed.), *Hearing the New Testament: Strategies for Interpretation* (Grand Rapids: Wm. Eerdmans Publishing Co., 1995).

Furman, F. Kearley, Edward P. Myers, and Timothy D. Hadley (eds.), *Biblical Interpretation, Priciples and Pratice: Studies in Honor of Jack Pearl Lewis* (Grand Rapids: Baker Book House, 1986).

Stanley, E. Porter (ed.), *Handbook to Exegesis of the New Testament* (Leiden: E. J. Brill, 1997).

Outro livro útil que trata da história da interpretação bíblica é:

Grant, Robert M. *A Short History of the Interpretation of the Bible*. 2ª Ed. rev. Philadelphia: Fortress Press, 1984.

Em português:

ZUCK, Roy B. "A interpretação bíblica -- ontem e hoje" in *A interpretação bíblica.* Vida Nova, 1994.

VIRKLER, H. A. "História da Interpretação Bíblica" in *Hermenêutica Avançada.* Vida, 1999.

LOPES, Augusto N. *A Bíblia e seus intérpretes: uma breve história da interpretação.* Editora Cristã, 2004.

Um livro importante e que traz a discussão toda para a atualidade é:

THISSELTON, Anthony C. *The Two Horizons: New Testament Hermeneutics and Philosophical Description with Special Reference to Heidegger, Bultmann, Gadamer, and Wittgenstein.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1980.

Outro livro que trabalha com as questões hermenêuticas levantadas pelos vários gêneros da Bíblia é:

FEE, Gordon D., STUART, Douglas. *Entendes o que Lês?* São Paulo: Vida Nova, 1989

Por fim, provavelmente a melhor introdução à metodologia da pregação expositiva, com orientação passo a passo para a preparação de sermões, é:

COX, James W. *A Guide to Biblical Preaching.* Nashville: Abingdon Press, 1976.

O livro mais valioso sobre a pregação a partir dos vários gêneros de literatura bíblica, e que também é repleto de discussões úteis acerca da pregação em si, é:

GREIDANUS, Sidney. *O Pregador Contemporâneo e o Texto Antigo.* Cultura Cristã, 2007.

Apêndice



A tarefa da exegese teológica e a análise *reader response* (resposta do leitor)

Quatro pressuposições teológicas básicas estavam por trás deste manual quando ele foi escrito mais de duas décadas atrás: (1) que junto com o Antigo Testamento, o Novo Testamento é escritura sagrada, Palavra de Deus dada a seu povo para que viva em comunhão dentro da comunidade da fé; (2) que Deus falou sua palavra por meio de autores e textos humanos; (3) que os textos bíblicos em si refletem um nível detectável de intencionalidade divina e humana; e (4) que a tarefa da exegese é entender a intenção divino-humana instalada no texto, não como uma tentativa de controlar o texto mas de forma que a Palavra possa levar seus leitores ao verdadeiro objetivo do texto: obediência. Embora muito tenha mudado no panorama filosófico e metodológico nas últimas duas décadas, mudanças refletidas na segunda e terceira edições deste manual, essas pressuposições teológicas básicas que fundamentaram este livro ainda estão valendo. Uma virada recente na erudição, porém, exige especial atenção porque questiona profundamente todo o empreendimento que este manual procura encorajar.

Quando comecei meus estudos quatro décadas atrás, o existencialismo era a filosofia reinante dos eruditos neotestamentários mais influentes, e a "crítica (análise) da forma" e a "crítica (análise) da redação" — com seus efeitos atomizantes sobre os textos bíblicos — eram as metodologias reinantes. Quando o existencialismo pouco a pouco deu lugar ao pós-modernismo, uma nova série de estratégias textuais, igualmente atomizantes, eu diria, se firmaram.

Um dos métodos mais recentes é a *crítica resposta do leitor*. A *crítica resposta do leitor* não procura entender o mundo *por trás* do texto (pesquisa histórica, como este manual defende). Nem procura fazer o levantamento do mundo literário *do* texto (i.e., dando detalhada atenção à "arquitetura literária" de um texto, como este manual encoraja). Antes, a *crítica resposta do leitor* está preocupada com o mundo *em frente* do texto. Isto é, para os praticantes desse método o "autor", "contexto histórico" e a idéia de "intencionalidade" são meras ilusões. A única interação digna de estudo e reflexão é aquela que ocorre entre texto e leitor; e, no fim, o leitor (e o leitor somente) é responsável pela produção de "significado". Assim, o lugar de honra uma vez reservado para o autor, as circunstâncias históricas ao redor do texto, e a intencionalidade estabelecida no texto foi agora cedido ao leitor.

Essa perspectiva somente aponta para um aspecto óbvio: que a interpretação envolve o intérprete. Mas o que ela também implica, filosoficamente se não sempre na prática, é que a leitura do texto por qualquer pessoa é tão válida quanto a de qualquer outro, e de novo em forte oposição à estratégia defendida neste manual, *que não há como arbitrar entre leituras concorrentes.* A *crítica resposta do leitor*, portanto, mesmo encaixando bem em uma visão de mundo que remonta a Schleiermacher e Kant, está em tensão absoluta com a revelação bíblica — que foi o verdadeiro Deus que escolheu se revelar para a criação e para a Israel e a igreja, e entesourar essa revelação nos textos carinhosamente tratados como a Bíblia cristã. Tal convicção teológica necessariamente envolve o intérprete na pesquisa histórica e literária. Os leitores devem procurar entender como Deus se revelou ao povo então e agora, para que possam captar como Deus fala a Palavra que é de uma vez por todas.

Como, então, deve o intérprete proceder, especialmente aquele que é guiado por um compromisso teológico com a revelação? Uma resposta é simplesmente ignorar aqueles métodos cujas convicções filosóficas estão em direta oposição com aqueles que têm guiado os intérpretes durante séculos. E muitos têm feito e escolherão fazer isso, e não sem uma boa quantidade de razão. Algumas coisas, porém, podem ser aprendidas das várias estratégias atualmente empregadas, mesmo daquelas cuja prática questiona o que tem sido esboçado neste manual. Assim como o uso judicioso da análise (crítica) da fonte, da forma, da redação e da tradição aumentaram nosso entendimento dos textos bíblicos, assim também um uso prudente e crítico da vasta gama de abordagens críticas aos textos proverá novas percepções na anatomia e vida dos documentos do Novo Testamento. Destaco dois exemplos.

1. Alguns praticantes da análise retórica são inflexíveis em suas tentativas de classificar as partes das cartas de Paulo. Tudo deve se encaixar no esquema de Aristóteles (ou de Quintiliano). De fato, o ato de interpretação quase termina na classificação. Mesmo suspeitando desse procedimento, a análise retórica nos lembra que textos em sua forma presente são totalidades e devem ser vistos holisticamente, e que as epístolas do Novo Testamento são documentos que, em geral, estão tentando persuadir ou dissuadir (mesmo quando também têm outras agendas). Portanto, parte do processo exegético é estar consciente dos tipos de retórica que são empregados no processo de tentar persuadir.

2. O mesmo pode ser dito da apropriação da narratologia para ler muitas partes do Novo Testamento. Aqueles que estão nos ensinando, quando todo o restante do nosso trabalho é feito, para ler os evangelhos, Atos e Apocalipse como totalidades, e especialmente a ler Lucas-Atos como uma história, estão ajudando na tarefa exegética imensamente. Eu fui tanto influenciado por esses ventos de mudança que meu mais recente livro para leigos (*How to read the Bible Book by Book* [Como ler a Bíblia livro por livro], com Douglas Stuart [Grand Rapids: Zondervan, Publishing House, 2002]) foi escrito precisamente para ajudar o leitor não só a ver cada livro bíblico como um todo mas também a ver como cada um se encaixa na metanarrativa do todo da Escritura.

Mas no fim do dia, uma dependência exclusiva da *crítica resposta do leitor* exige um grande pagamento do intérprete. Dizer que os textos bíblicos funcionam como qualquer outro tipo de literatura é uma coisa, mas começar com a pressuposição que os textos bíblicos *somente* operam como qualquer outro texto deixa de lado algo central para a tarefa da exegese teológica. Se aqueles de nós que fazem teologia na base das pressuposições teológicas deste manual estão fechados em um sistema de crença, isso também acontece com o crítico que pratica a *crítica resposta do leitor*; trata-se simplesmente de um conjunto diferente de pressuposições — que começa com um eu questionando e não com um Deus falando.

Ao mesmo tempo, e mesmo se se admitir que o método em si é inadequado para a revelação, a metodologia sofre filosoficamente de séria autocontradição, produzida pelo fato de que os praticantes da *crítica resposta do leitor* escrevem livros e artigos. Primeiro, é bastante claro que seus próprios "textos" tanto pressupõem um autor como têm uma inegável intencionalidade em si. Em questão está a contradição inerente a tal empreendimento: que eles escrevem livros tentando persuadir a outros quanto ao acerto de seu empreendimento, que em essência não permite que outros autores possam ter semelhante intencionalidade.

Ou seja, a crítica resposta do leitor praticada como pura teoria não permite a nenhum texto ter "significado" no sentido assumido neste manual; todavia, os autores desses livros e artigos têm tal visão de "significado" como a própria razão para seu empreendimento literário. Além disso, por que deveria tal crítico escrever artigos ou livros dando a resposta de *um* leitor (deles mesmos) ao texto quando os sustentáculos filosóficos do empreendimento dizem que cada leitor é uma lei para si mesmo? Assim, finalmente, a regra de ouro poderia bem servir como um bom ponto de partida para todos os autores: "Faça a outros (e a seus textos) como você gostaria que outros fizessem a você (e seus textos)."

Minha preocupação última, no entanto, é que se o "significado" está somente com o leitor, não no texto ou com o (irreconhecível) autor do texto, então a partir dessa perspectiva a possibilidade de a comunidade cristã ouvir a Palavra de Deus por meio de seus textos sagrados é totalmente negada. Mas o que esse novo criticismo deve fazer para o exegeta (que crê em autores e tenta levar as Escrituras a sério) é acentuar a realidade que não há tal coisa como exegese "objetiva". O exegeta é um leitor, e como tal trazemos tudo do que nós somos para a leitura do texto, aplicando pressuposições conhecidas e desconhecidas de todos os tipos — teológicas, sociológicas e culturais. Mas antes que deixar essa realidade ser causa de desespero e, portanto, desistir da tarefa completamente, ela deve nos levar em duas direções: (1) nos fazer trabalhar muito mais para identificar aquelas pressuposições e assim estar abertos para mudar de opinião sobre textos regularmente e (2) levar-nos muito mais a assumir uma postura de humildade diante do texto, antes que de opressiva e autoritária apropriação (domínio?) do texto.

No fim, nossas pressuposições devem tanto nos encorajar — Deus falou e continua a falar por meio dessas palavras para atrair as pessoas a si mesmo e edificar seu povo em meio a todos os ventos de mudança — e nos humilhar, por lembrar-nos de que quando todo o nosso trabalho como exegetas estiver feito, Deus ainda tem a última palavra e devemos nos curvar diante dele em humilde obediência.

Para mais leitura sobre a *crítica resposta do leitor*, pode-se consultar o simpático mas ponderadamente crítico panorama de Kevin J. Vanhoozer em Green, *Hearing*, p. 301-28. Um mais profundo e até mais simpático panorama pode ser achado em:

ADAM, A. K. M. *What Is Postmodern Biblical Criticism?* Guides to Biblical Scholarship (Minneapolis: Fortress Press, 1995).

Duas excelentes introduções à nova crítica literária também incluem seções sobre a *crítica resposta do leitor*:

LONGMANN III, Tremper. *Literary Approaches to Biblical Criticism.* Foundations of Contemporary Interpretation 3 (Grand Rapids: Zondervan, Publishing House,, 1987).

POWELL, M. A. *What Is Narrative Criticism?* Guides to Biblical Scholarship (Minneapolis: Fortress Press, 1990).

Uma crítica mais abrangente que se move na direção apontada aqui é:

WILKINSON, Loren. "Hermeneutics and the Postmodern Reaction agains 'Truth', " in *The Act of Bible Reading*, ed. Elmer Dyck (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1996), p. 114-47.

Índice de textos bíblicos



Gênesis
1, p. 97
12.2-3, 288
12, 194
20, 194
26, 194
49.10, 77, 78

Levítico
2.13, p. 79, 80, 326,
19.18, 81
26.46, 194

Números
18.19, p. 79
23.8-9, 63

Deuteronômio
4.31, p. 81
10.18-19, 81
27.17, 67
33, 200

Josué
7.1, p. 61
7.26, 61

Juízes
19.1-30, p.73, 74
19.25, 73, 74

1Samuel
1—3, p. 292, 293
8.16, 62
12.3-5, 85
20.32, 58, 60

2Samuel
1.19-27, p. 141
7.14-15, 292

2Reis
21.3, p. 86
23.4, **15-19**, 67
23.5,11, 86

1Crônicas
2.6, p. 61
2.7, 61

2Crônicas
7.14, p. 201
13, 98

Esdras
4.14, p. 79,80

Jó
1.8, p. 85
2.3, 85
31.1-40, 86

42.7-8, 85

Salmos
14, p. 194
14.2-3, 76
23, 66, 92, 200
53, 194
110.1, 292
117, 66

Provérbios
17.17, p. 81
22.6, 65, 66

Isaías
5.1-7, p. 292
6.10, 196
7.1-9, 68
21.1-10, 96
34.4, 227
53, 224
64.6, 76

Jeremias
31.31-34, p.80, 81

Lamentações
1, p. 68
1.1-3, 68
2, 68
3, 68
3.1-9, 68
4, 68
4.1-3, 69
5, 68
5.22, 70

Ezequiel
21.32, p. 77
34.20-31, 292

Oséias
1, p.75
1.2, 74, 75
5.8-10, 67
6.1-3, 83

Joel
1—2, p. 228

Amós
5.1-17, p. 72, 73

Jonas
1.2, p. 64
1.12-15, 70
2.3-10, 70, 71
3.4, 95
4, 65

Sofonias
1.5, p. 86

Mateus
1—28, p. 303
3.18-23, 306
5.15, 306, 313
7.1-5, 303, 307, 315, 318
7.2, 306
7.24-27, 293, 303, 306
9.14, 196
10.5.42, 220
10.26, 306, 313
11.12, 271
13.12, 306
18.10-14, 318
20.25, 280
24.28, 222
25, 201
25.14-30, 318
25.29, 306

26.28, 80

Marcos
1.21-44, p.314
2.1—3.6, 314
3.13-19, 316
3.20-21, 316
3.22-27, 316
3.28-30, 316
3.31-35, 316, 317
4.10-12, 317
4.11, 242
4.21-25 303, 306, 307, 308, 312, 314, 316
4.24-25, 317
4.25, 306
4.26-34, 316
5.15, 306
7.1-5, 307
7.3-4, 287
7.19, 293
7.24-27, 306
8.27-38, 332
8.27—10.16, 322
9.49-50, 321,322, 323, 326, 327, 328, 331, 332, 333
14.26, 71

Lucas
1—2, p. 292
1.5-17, 292
1.26-38, 292
2.14, 248
6.12-16, 316
6.17—7.50, 316
6.37-42, 315, 318
6.40, 220
6.47-49, 293
8.1-3, 316
8.4, 316
8.4-21, 316
8.5-8, 315
8.9-10, 317
8.11-15, 317
8.16, 313
8.16-18, 306, 308, 309, 316, 317
8.18-21, 306, 317
8.19-21, 306, 317
8.22, 316
9.2-5, 220
10.3, 220
10.16, 220
11.33, 313
12.2, 313
12.2-9, 220
12.11-12, 220
12.51-53, 220
14.25-27, 220
15.3-7, 318
17.33, 220
19.11-27, 318
22.17-20, 219
22.20, 80

João
2.12—12.50, p.315
3.13, 255, 265
3.15, 259, 260, 261, 262, 263, 264
20.30-31, 313
20.31, 271

Atos
4.26, p. 280
7.25, 280
7.35, 280
10.43, 80, 81
16.25, 71
20.25-35, 85

Romanos
3.10-12, p. 76
11.27, 80, 81
12.20, 270
13.13, 281, 282
16.1, 274
16.6, 274
16.12, 274

1Coríntios
1—4, p.284
1.4, 249
1.18—2.5, 245
1.26-31, 274, 286
1.27, 241
1.29, 286
1.30, 274
1.31, 286
2.2, 243
2.3, 244
2.4-5, 245
2.6-7, 239, 243, 244, 246
2.6-8, 245, 274, 277, 281,282, 285
2.6-16, 284
2.10-14, 285
3.1, 242
3.16, 242
3.17, 240
5.5, 273
5.9-11, 25
6.1, 240
7.1, 274
7.5, 271
7.10, 220
7.14, 26
7.21, 271
7.25-38, 274
9.14, 220
11.23, 219
11.25, 80
11.29, 326
12, 254
12.13, 271
12.31, 254
13, 254
14, 274
14.1-4, 252
14.28, 255
15.29, 26

2Coríntios
1.15, p. 274
3.3, 80, 81
3.6, 80, 81
5.5, 273
6.14—7.1, 330

Gálatas
3.26-29, p. 83

Efésios
2.2, p. 282
2.11-22, 83
5.18, 271
5.19, 71
6.5-9, 334

Colossenses
3.16, p. 71
3.22—4.1, 334

1Tessalonicenses
1.2, p. 240, 241
1.2-3, 249
1.2-6, 249
1.3, 270
1.5, 271
3.9, 249
4.4, 274
4.9, 80

5.16-18, 250
5.19-22, 250
5.21, 271

2Tessalonincenses
1.3, p. 249
2.13, 249
3.6, 274

1Timóteo
2.9-10, p. 300
2.14, 300
2.15, 271
3.6, 270
3.6-7, 272
4.6, 211
5.6, 272
6.1-2, 334
6.10, 29

Tito
1.9, p. 281
2.9-10, 334

Hebreus
1.3, p. 270
8.8-12, 80
10.16, 80, 81
10.17, 80, 81

1Pedro
1—3, p. 329
1.18, 329
2.10, 329
4.3, 329
1.1—3.12, 321
2.18-25, 322, 324, 330
2.18—3.7, 329
3.22, 326

1João
2.1, p. 25
2.27, 80

Apocalipse
1—22, p.228
1.5, 280
5, 227, 329
6.12-14, 227
9.7-11, 227
12, 227
13.3, 227
17, 227